VERDADES E FICÇOENS.

COLLECÇÃO DE ROMANCES.

VERDADES

E

FICÇOENS;

COLLECÇÃO DE ROMANCES

POR

ARNALDO GAMA.

VOLUME I.

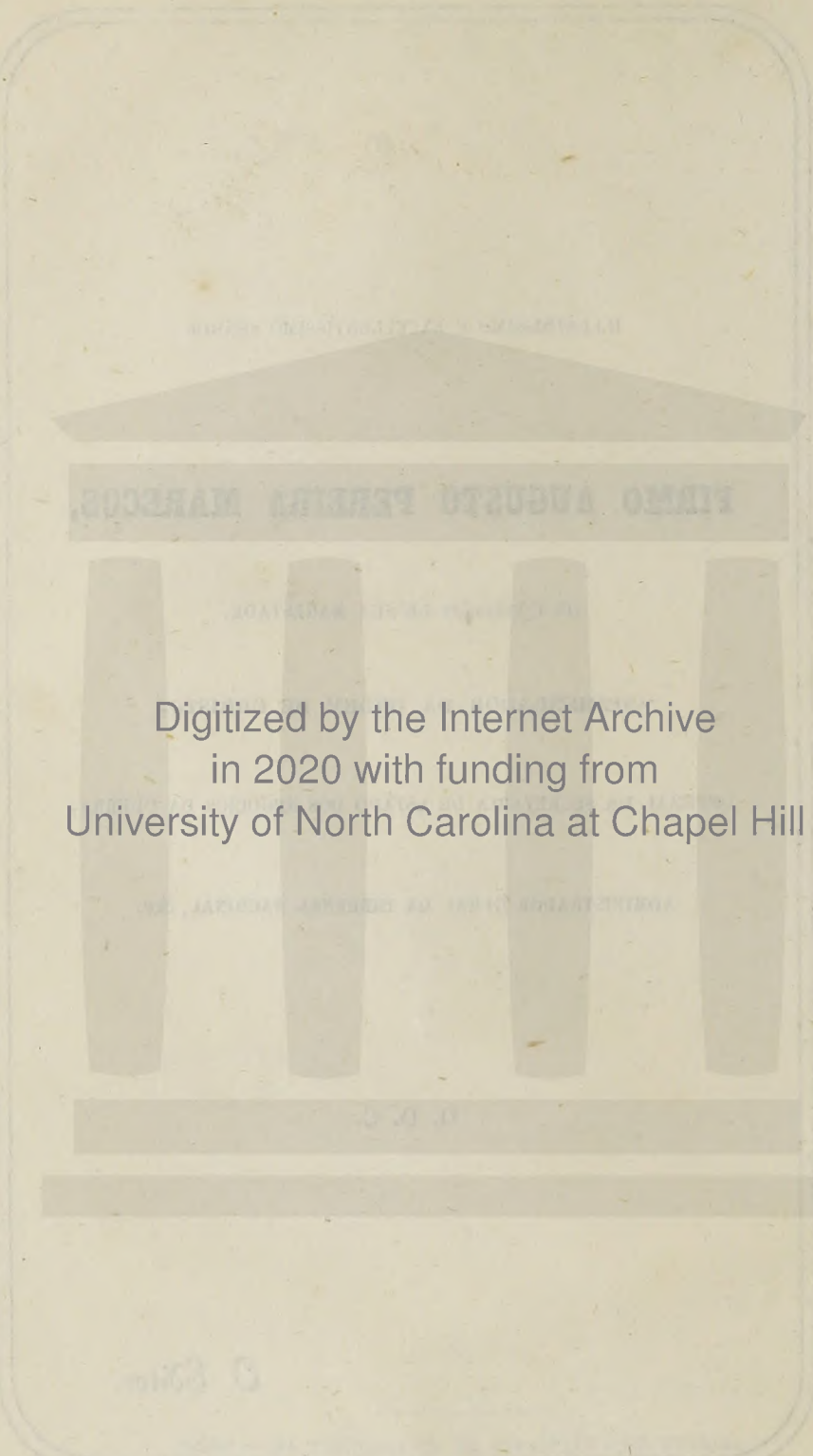
PORTO,
EM CASA DE J. A. PINTO DA SILVA — EDITOR,
Rua das Hortas, n.º 144.

1859.

AO

ILLUSTRISSIMO E EXCELLENTISSIMO SENHOR

FIRMO AUGUSTO PEREIRA MARECOS,

DO CONSELHO DE SUA MAGESTADE,

COMMENDADOR DA ORDEM DE CHRISTO,

OFFICIAL DA SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGOCIOS DA GUERRA,

ADMINISTRADOR GERAL DA IMPRENSA NACIONAL, &c.

O. D. C.

O Editor.

UM DEFEITO

DE ORGANISAÇÃO.

I.

(1852).

UM DEFEITO DE ORGANISAÇÃO.

I.

— E v. ex.ª está convencida d'isso, minha senhora? — disse eu sorrindo.

— E porque não? — respondeu-me ella — O amor na bôca dos homens não passa de simples palavra, de que não sabem, nem trataram jámais de saber o valor e a significação. Só as mulheres o sabem sentir verdadeiramente. Não só por indole somos mais azadas para elle, mas até a educação que nos dão, e o circulo muito mais limitado da vida que a sociedade nos assigna, tudo, n'uma palavra, contribue para fazer este sentimento exclusivamente nosso. O amor é sempre para a mulher a verdadeira e a unica baliza da felicidade; para o homem é quasi sempre uma distracção como outra qualquer, e, se por ventura se deixa dominar por elle, um tyranno que lhe prohibe a variedade ruidosa de todos os prazeres de que póde gozar. Assim, senhor Gama, não tem que estranhar se lhe digo, que só as mulheres é que sabem amar, e que raras vezes os homens sentem ao vivo o que é o amor — que dar este nome a qualquer enthusiasmo momentáneo seria desacatar este sentimento sublime.

Ella disse-me com tal intimativa estas palavras, que me causou abalo.

Mas quem é esta *ella?*

Esta *ella*, leitor, chama-se Emilia.

Imaginae uma linda mulher de vinte e dois annos de idade; os cabellos de um formoso castanho escuro, abertos ao meio sobre uma fronte espaçosa e nobre; os olhos da côr do cabello, formosamente rasgados n'um rosto branco como a neve e rosado ao de leve; o mais lindo nariz que saibaes erguer-lhe no rosto, e uma piquenina bôca carmezim. A tez era fina e delicada, o corpo franzino e esbelto, e as mãos e os pés de uma piquenez arrebatadora. Accrescentae agora a este excitante para a imaginação de qualquer enthusiasta do bello — uma intelligencia mais que mediana, e cultivada pela leitura de romances, e uma alma toda poesia; dae-lhe uma educação desvelada, e fazei-a viajar pela França e pela Italia, e ahi tendes o verdadeiro typo da *ella* de que vos fallo; quero dizer, Emilia.

Trajava com gosto e simplicidade.

Emilia pertence a uma das casas mais nobres do Minho. Seu pae, que vivêra muito tempo em paizes estrangeiros, servindo a nação como diplomata, fez parte muito tempo tambem da sociedade mais escolhida de Lisboa, onde residia habitualmente, apesar de possuidor de um dos mais opulentos morgados da provincia. Pouco tempo antes da morte da mãe de Emilia, Luiz de Mendonça, seu pae, tinha recolhido á provincia com toda a familia, a vêr se os ares mais puros do campo davam lenitivo aos soffrimentos da esposa. Depois da morte d'esta, Luiz de Mendonça sahiu a viajar com a filha pela França e pela Italia, com o fim de esquecer aquelle grande desgosto, e recuperar a saude bastante alterada por elle. Anno e

meio depois tornou a entrar na sua casa da provincia, desenganado de poder apagar a saudade, ou pelo menos attenuar os effeitos da grave dôr que sentira com a morte d'aquella que tinha sido o amor de toda a sua vida.

Além de Emilia, Luiz de Mendonça tinha mais dois filhos — tão dissimilhantes em figura como em indole.

Estevão, o morgado, tinha uma estatura agigantada, e possuia forças descommunaes. O rosto d'este homem, se não era verdadeiramente repugnante, tambem nada tinha de agradavel. Os cabellos eram ruivos e grossos, a testa curta e achatada, e os olhos sombrios e ferozmente estupidos. Tinha um caracter rude, irascivel, e incapaz de comprehender qualquer sentimento. O unico que o dominava imperiosamente, e que fazia obrar aquella machina espantosa de tecidos e musculos rijos como varoens de ferro, era uma amizade louca, uma dedicação poderosa e instinctiva por Emilia. Uma palavra d'ella fazia-o curvar-se como uma creança, e qualquer coisa, que a ella dissesse respeito, tinha o poder de o fazer contente como cão que festeja, ou feroz e terrivel como tigre assanhado.

Depois d'este retrato não me estranharão de certo, se eu disser que era dotado de uma estupidez rara, monumental. A nesga de intelligencia, que Deus puzera n'aquella espantosa mole, de certo com o fim de não crear uma besta irracional com a figura que assignou aos homens, não se podia tomar com 99 ¾ de desconto. Fôra educado em Fontenai-aux-roses, mas da educação do collegio, e das viagens que fez por toda a Europa e parte da Asia, d'onde tinha voltado havia apenas anno e meio, não tirára outras vantagens mais que o montar perfeitamente a cavallo, jogar primorosamente todas as armas, e atirar com pistola como poucos são capazes de

fazer. No meio de todas as bellezas do Minho — d'esse jardim immenso e formosissimo — Estevão não sabia ser outra coisa mais que o melhor caçador da provincia.

Alberto era em tudo e por tudo o contrario do irmão. Era de estatura mediana, de corpo franzino, bem tirado e elegante. Tinha uma intelligencia vasta e pensadora, uma imaginação brilhante, e como erudito podia apresentar-se affoitamente diante dos mais respeitaveis. Não tinha as forças desproporcionaes do irmão, mas possuia um sangue frio inalteravel no meio dos maiores perigos; que dava á coragem rara, de que Deus o dotára, uma decisiva superioridade sobre a de Estevão, que o perdia com toda a facilidade, e remettia com os perigos, cégo sempre por uma ferocidade bestial.

Estes eminentes dotes d'espirito eram, porém, desmerecidos por um defeito natural, que nunca podéra vencer. Este defeito era uma timidez excessiva, uma timidez tão desarrazoada, que o acanhava como criança diante de qualquer desconhecido ou de qualquer apódo zombeteiro. Então Alberto transformava-se completamente; até as suas bellas feiçoens pareciam demudar-se. Córava, encolhia-se, e não era capaz de soltar uma só palavra; o que fazia com que muita gente o tivesse em conta de idiota e de estupido. Com aquelles porém que lhe tivessem ganhado a confiança do espirito, com esses Alberto apparecia plenamente tal qual era, e d'elles conseguia sempre affeição pelas suas maneiras delicadas e affaveis, e consideração pelo seu saber e pelo seu caracter nobre e generoso.

Havia porém uma pessoa, diante da qual Alberto repellia orgulhosamente de si todas as influencias e todos os achaques d'aquella excessiva timidez. Era diante de Adelaide, sua prima e sua amante desde a infancia, mu-

lher que elle amava com todo o amor de que era capaz uma tão grande alma, e com toda a idealidade do sentimento com que os poetas adornam os seus heroes.

Diante d'ella, Alberto era verdadeiramente grande; operava-se n'elle um maravilhoso milagre de amor. Parecia até que lhe crescia a estatura, tão orgulhosa e nobremente a fazia então levantar o espirito. Diante de Adelaide, Alberto era audacioso e até temerario; não haviam apódos a que não retrucasse com chanças triumphadoras, nem emprezas por mais arriscadas que fossem, que lhe parecessem impossiveis. Quanto â distancia do seu amor Alberto parecia piqueno e acanhado aos que o não conheciam, tanto á sombra d'elle se avultava grande e magestoso.

Tal é pois Emilia e seus irmãos. Agora que vós a conheceis, leitor, re-tomo a conversação que interrompi, e continúo a dar-te parte do que dissemos um ao outro.

Ella disse-me, portanto, aquellas ultimas palavras com tal accento e intimativa, que me surprehendeu.

Como! Pois é lá possivel acreditar-se n'aquelle meio scepticismo — meio porque fulminava unicamente metade da humanidade, a parte barbada d'ella — diante d'aquelle puro ceu, d'aquella vegetação formosissima e diante do colorido meigo e delicioso que tinge ao pôr do sol as campinas ajardinadas da nossa provincia do Minho?

Imaginae, leitor, a localidade onde eu conversava com ella.

O palacio, habitado pela familia de Emilia, levanta-se sobre a margem direita do Ave, no vasto terrapleno que corôa o alto d'elle, e que se estende quasi ininterrompido até d'alli muitas leguas. A uma das janellas estavamos nós conversando. Defronte tinhamos as veigas formosissimas de S. Miguel das Aves, e mais ao longe as collinas

pittorescas de S. Thomé de Negrellos; ao sopé ouviamos o murmurio rumorejante do Ave, saltando de açude em açude — tudo illuminado por uma luz de oiro nas cabeças dos montes, e de violeta nas abas d'elles e sobre as campinas; e nós a sentirmos nas faces o roçar delicioso de uma aragem perfumada, que vinha refrescar ao pôr do sol os ardores estuosos de um dos dias mais ardentes do estio.

Ora eis-aqui o lugar onde Emilia me estava querendo persuadir das theorias aterradoras d'aquelle seu meio scepticismo. Eram então moda as discussoens sobre o amor; em qualquer parte, onde houvessem homens e mulheres reunidas, podia apostar-se a vida que era elle o objecto de uma polemica desconsoladora, mas calorosa, e que acabava sempre por um solemne desmentido das partes. Eu andava já de todo derramado por muitas d'estas polemicas, em que figurára pezar meu; e de tal fórma demonstrava esta pobreza de paciencia, que já era apontado selvagem, pelo modo por que as apagava ao nascerem. Mal ouvia tocar os primeiros rebates d'aquellas inconversaveis disputas, sentia logo taes arripios de inercia nos nervos, que logo e á queima-roupa disparava em bocejos sobre ellas todo o tedio que em mim produziam.

Apesar, porém, d'isto, e apesar mesmo de estar convencido de quanto é perigoso discursar sobre amor com mulheres, e sobretudo com mulheres bonitas, tal foi a expressiva que ella deu áquellas palavras, que me abalaram a curiosidade, e resolvi-me a animar de mim mesmo a conversação sobre o assumpto.

— V. Ex.ª faz-nos injustiça, senhora D. Emilia — repliquei eu pois. — Nos homens não ha na verdade, pelo menos na maior parte, aquella suavidade de sentimento que é só propria da organisação mais branda de uma se-

nhora; mas dizer que os homens são incapazes de sentirem o verdadeiro amor, isso é uma injustiça completa. Se o coração, minha senhora, é, como dizem, o orgão favorito do amor, os homens tambem tem coração; e seria mentir ao que todos os dias acontece diante de nós, o negar-lhes partilha, e não de piquena porção, em todos os sentimentos suaves e delicados da alma. E appellando então para os factos, senhora D. Emilia, por ventura não será verdadeiro amor tudo isso que ahi temos visto fazer, e que a historia do coração nos apresenta como verdadeiras heroicidades d'elle? Por um beijo, um carinho, uma palavra suave da mulher que adora, não troca muitas vezes o homem a felicidade de toda a vida, não sacrifica a ella os sentimentos mais enthusiastas e mais sublimes? Diante do amor, a gloria, a ambição e o poderio é nada para o homem; pela mulher que ama não ha perigos, não ha sacrificios para elle. O amor torna-o um anjo ou uma féra, um heroe ou um assassino. A mulher que adora é o verbo omnipotente que encerra toda a existencia d'elle. Não temos na verdade caricias nem beijos suaves como tem a mulher, as nossas lagrimas não correm com a mesma doçura; mas temos a grandeza dos sacrificios, a virilidade sublime das acçoens com que provamos victoriosamente que sentimos o amor no mesmo grau, e com mais fogo do que ellas o podem sentir.

Emilia sorriu-se ironicamente.

— Percebo — replicou ella; — eis-ahi como os homens entendem o amor! Descalçar uma rua com os pés de um cavallo, ou dar uma estocada ou um tiro n'um amigo, eis-ahi o que os homens chamam argumentos incontestaveis do seu amor. Mas por ventura poderá isso gosar com jus de tal nome? Haverá alguma similhança en-

tre esta pura e suave ligação da alma, e a vozeria de uma batalha, ou o ruido de um leilão publico? Oh! não, senhor Gama; compare o amor que descreveu com o amor da mulher, e veja que differença! Como ama o homem? Arrebatado por um abalo passageiro, pela vaidade e não poucas vezes pelo capricho, pavoneia-se vaidoso com apregoar audazmente o nome da mulher que diz amar, e isto porque, segundo elle, deve mostrar-se orgulhoso d'aquelle amor que o domina. Mas desça ao fundo d'este amor, senhor Gama, e veja o que significa. Tudo aquillo é vaidade, é pura vaidade, porque não é o amor quem o lisongeia, é o prazer que sente em que os seus amigos saibam que tem muitas conquistas, que domou uma belleza inaccessivel, ou venceu outra que o desattendia ao principio. A honra — ou melhor um desaire para a vaidade — arrebata-o a pontos de ser assassino; o ruido, a exaltação acompanham sempre n'elle um sentimento, que se alimenta do mysterio, que é brando e delicado de mais para se communicar com outro que tanto differenceie d'elle. E depois, quando aquelle enthusiasmo se gasta, quando aquelle fogo se apaga na imaginação, e o tempo traz o tedio do habito, o que resta d'aquelle amor tão ruidoso? Uma recordação apenas, diante da qual o homem ousa dizer — amei! Oh! não; uma mulher não ama assim, este não é o verdadeiro amor. A mulher não faz alardo do amor, a mulher esconde-o no coração, e para não dar a conhecer aos outros aquelle sentimento tão dôce e tão delicado, finge até em publico não olhar o homem que ama, para que os outros não surprehendam aquillo que só pertence a elle? E o amor não cança a mulher por mais duradoiro que seja. Bem longe de chegar um dia a desejar que termine a ligação que a une ao homem que amou uma vez, a mulher deseja que esse

laço seja eterno, que dure toda a vida; é este o seu sonho constante da felicidade, a sua ventura...

A estas palavras, por sobre a parede do campo visinho saltou para a estrada um homem, que se separou de um grupo de jornaleiros de ambos os sexos, que trabalhavam n'elle. Mal na estrada, levantou em lingua minhota a seguinte cantiga, que entoou em voz tão aspera e atroadora, que obrigou Emilia a interromper-se:

> Ũa belha, muito belha,
> Mais belha que minha abó
> Fallarom-lhe casamento
> Ella diche — bitaró!

— Ó Manel — disse um dos jornaleiros ao que saltou ao caminho — a-dei sempre lá bais?

— Antom que queres, home? — respondeu elle — Isto de mulheres som o diacho; metendo-se-lhes caurquer carambola nos cascos, não têem na cabeça retantiva de juizo. Hom-de lebar a sua abante pro força.

Assim dizendo, pôz-se a caminho pela estrada abaixo.

Um ligeiro rubor tingiu maviosamente as faces de Emilia. A cantiga do laponio dissera com franqueza e em poucas palavras o que ella pretendia dizer por amphibologias e redundancias. Aquella era uma verdadeira perrice do acaso; tal cantiga em tal occasião era por certo a mais pungente e escarnecedora ironia, com que elle podia responder áquella enthusiastica dissertação sobre o unico verdadeiro amor — o amor da mulher.

A pezar meu os labios encresparam-se-me com um sorriso malicioso; por fortuna, porém, eu estava de pé junto da cadeira de Emilia, e ella tinha voltado o rosto para os trabalhadores, quando o outro saltava para a es-

trada. Uma lufada de fumo que arranquei do charuto, que estava fumando, refez-me o sério n'um momento, e fiquei aguardando pelo que ella quizesse continuar a dizer.

Mas a coragem da pobre menina tinha baqueado desmaiada; o fervor da demonstração arrefeceu-lhe nos labios de carmim, e o pejo embaraçava-lhe a lingua. Estou convencido de que n'aquellas suas divagaçoens romantico-poeticas, não se lembrára sequer do sentido verdadeiro onde as suas palavras tiravam. A cantiga do jornaleiro desvendou-a, e demonstrou-lhe quanto o seu orgulho de mulher devia padecer no meu conceito. Tive dó d'ella, quiz dizer alguma coisa, e para dizer alguma coisa, disse o seguinte:

—V. Ex.ª quasi me tem convencido de que os homens não são capazes de amar; porém, senhora D. Emilia, como explica tantos suicidios, tantos casos desastrosos de homens por isso que v. ex.ª diz que não é amor? (Aqui estive vae não vae a historiar os casos de Hero e Leandro, Pryamo e Thisbe, Pedro e Ignez, e outros de egual valor—antigos e modernos—que sei de cór). Um homem morre-lhe a mulher que ama,—endoidece, suicida-se ou morre de amor por ella; um homem acha entre si e a mulher que adora um impossivel que lhe embaraça o ligar-se a ella,—e procura na bôca de uma pistola o remedio contra aquelle temeroso destino! Como chama v. ex.ª o sentimento que os impelle a tal desespêro, que os faz acabar com a vida na mais formosa quadra d'ella?

—Ruido e sempre ruido—replicou ella, animando-se novamente—um desejo violentamente contrariado, uma surpreza do capricho, um orgulho ferozmente offendido, eis-ahi o que significa esse acto sanguinario e

louco, que nada mais prova que a ferocidade d'aquelle que o praticou.

Emilia interrompeu-se, mas depois de um minuto de abstracção intima, continuou:

— E veja como obra a mulher em eguaes circumstancias. Bem longe d'esse barulho da exaltação, cala-se, chora a sós comsigo, definha-se, e morre por fim com o nome d'elle nos labios, e agradecendo a Deus o tornal-a a unir a elle por meio da eternidade.

Esta agora fez-me dar um salto. Ora isto dito a mim, que sei como ellas mordem, e desculpem-me a phrase vulgar, era como uma verdadeira zombaria de comedia. Não a pude deixar passar sem resposta, e repliquei com azedume:

— Perdão, minha senhora; desculpe-me v. ex.ª, mas olhe que está a illudir-se. A pintura da mulher a definhar-se, é na verdade muito sentimental e poetica; mas quantas tem v. ex.ª para citar n'essas circumstancias tão pittorescamente sentimentaes? Ora appelle para a sua memoria, e verá o que ella lhe lembra. Ha-de recordar-se de muitas viuvas re-casadas, e muitas amantes a atravessarem por sobre as sepulturas d'aquelles a quem juraram amor, para chegarem até o altar, onde as aguarda o noivo, que é ás vezes o vigesimo-sexto namoro que as consolou da perda do infeliz. Concordemos n'uma coisa, senhora D. Emilia, e creio que não erraremos no accordão que proponho a v. ex.ª, que lavremos sobre o amor, e vem a ser, minha senhora — o amor pertence tanto a um como a outro sexo; e em ambos tem na mocidade seus caprichos, defeitos e volubilidades, e na maturidade o frio glacial que começa a nevar na alma, quando começa a nevar na cabeça.

— Nunca, isso nunca — replicou ella, com exaltação

— isso seria descrêr do amor, e descrêr do amor seria assellar a minha infelicidade no mundo. Posto elle de parte, que resta na sociedade á mulher? O homem tem a ambição do poder, a gloria das armas e a das lides da intelligencia; nós só temos o amor. Descrêr d'elle, seria confessar-me sem destino no meio da humanidade.

Ella disse-me estas palavras com exaltação e com uma expressão indefinivel de pavor.

E na verdade — ponham de parte o amor, tirem-n'o do meio da sociedade, e digam depois o que resta á mulher.

Para o coração e para a cabeça, nada, pela palavra nada; — para o corpo tudo. A mulher fica reduzida a machina applicada a servir as commodidades mais somenos da vida do homem — machina que lhe encabeça as piúgas, talha as camisas, governa-lhe a casa, dá-lhe filhos, e incumbe-se de os aturar.

E ambos nós ficamos depois d'isto mergulhados na mais profunda abstracção. De repente sente-se na escada um arruido infernal, a porta abre-se de repellão, e Estevão, seguido de uma duzia de podengos e caens de coelho, entrou para dentro da sala. Os caens, como soldadesca desenfreada depois de levar de assalto uma fortaleza inimiga, espalharam-se pela sala, cheirando por toda a parte, e entremettendo-se com as minhas pernas e as de Alberto, que estava a distancia, lendo junto de outra janella da sala. O pobre moço nem ousou mexer-se para repellir a aggressão; eu não fui tão paciente, appliquei-lhes alguns pontapés bem puxados, que os fizeram ir ganindo entreter-se com as pernas do amo.

Estevão trazia na cabeça um boné de velludo azul desbotado. Não tinha lenço ao pescoço, e os collarinhos da camisa que trazia abotoada, vinham, um levantado

ao alto, e outro derribado pelo suór. Vestia jaqueta e collete de brim, tudo desabotoado; calças da mesma fazenda; e nos pés trazia umas enormes botas de montar, de sola para luctar com os seculos, e todas enlameadas até quasi á barriga da perna.

Entrou resmungando pragas em todas as linguas; e sem tirar o boné nem comprimentar-nos, encostou de arremesso a espingarda de dois canos a um dos cantos da casa. Depois dirigiu-se ao sofá, arremessou-se sobre elle sem ceremonia, e com a ponta do pé puxou para si um piqueno escabello de tapete, que estava ali junto, e logo pés, botas e lama tudo foi para cima d'elle.

Apesar da affeição louca que Estevão tinha por Emilia, esta apenas acolheu os modos grosseiros da vinda do irmão com um leve sorriso de ironia despresadora. Pela minha parte, para corresponder á consideração que merecia áquelle féro animal, accendi, sem me voltar, outro charuto, e fiquei como se tivera entrado um cão.

Passados alguns minutos, Emilia rompeu de novo o silencio.

— Este pensamento — disse-me ella em voz sumida e como medrosa do que ia dizer — já por muitas vezes me tem assaltado. N'esses momentos em que comparo o mundo com o que sinto aqui — continuou apontando para o coração — conheço-me bem estranha e bem deslocada n'elle. Parece-me que sou de outra natureza, de outra essencia que a do mundo; sinto em mim o amor, e n'elle... parece-me não o haver. Sou então bem infeliz; estou só aqui, sem destino e sem esperanças de ligação que me torne a vida aprazivel. Oh! as suas palavras fizeram-me mal; recordaram-me esses momentos em que sou verdadeiramente desgraçada!...

E Emilia escondeu as faces nas mãos.

— *Corne et tonerre!* Se não fosse aquelle maldito cão do Cerveira tinha agora na sacóla o melhor lebrão d'estas terras — bravejou n'este momento Estevão, assentando tal patada sobre o escabello, que o fez voar em pedaços.

Ao mesmo tempo senti não sei que sibilar-me por junto da orelha direita. Encolhi rapidamente o pescoço, e voltei-me para reconhecer o projectil que me tinha ameaçado a cabeça. Vi então o que tinha sido.

Uma cesta de costura estava sobre uma cadeira junto do sofá; Estevão lançando-se sobre elle, metteu maquinalmente a mão dentro d'ella, e de lá trouxera um novêlo de linhas. No frenesim da raiva de ter perdido o *melhor lebrão d'aquellas terras*, pôz-se a desenovelar a toda a pressa. Precisamente ao chegar á extremidade da linha, é que o accommetteu aquelle furioso accesso de raiva. Gritou, esmigalhou, e sem attender para onde, atirou o cadoxo para a frente. Eis o que estava no chão a pouca distancia de mim.

Olhei pois, vi o cadoxo, e vi que era papel impresso. A curiosidade moveu-me, tomei-o, abri-o... Era um farrapo de papel impresso, de versalhada insulsa e estupida de não sei que Silva Ferraz ou Faustino Novaes, da época; que os de hoje, o primeiro ainda a vaidade tola e rabiada o não tinha desmentado de fórma que o affoutasse a assoalhar a ignorancia nas columnas do jornalismo pilão; e o segundo ainda nem mesmo principiava a andar pelos cafés, debruçado sobre as mesas, a incommodar os ouvidos com decimas immundas e de remate nauseabundo — brilhante tirocinio d'onde este lobishomem da poesia se subia á consoladora convicção de homem de prol em litteratura.

A' estrepitosa patada do irmão, Emilia ergueu-se, e

encarou-o com severidade. No rosto, onde brilhavam ainda os derradeiros alvores d'aquella dôr intima e tão pungente que a torturava, resplandeceu agora uma reprehensão tão soberana e magestosa, que me surprehendeu. Estevão encolheu-se todo como creança ameaçada pelos olhares severos do pae, ergueu-se de manso, e desappareceu surrateiro pela porta, seguido de toda a cainçalha que de roldão se arremessou após elle.

— Senhor Gama, quer que vamos dar um passeio pelo jardim?

— Com muito gosto, minha senhora.

— Alberto, queres ter a bondade de acompanharnos?

Alberto poisou o livro.

— Ás tuas ordens, mana — disse elle, dirigindo-se á porta que abriu para nós passarmos.

Descemos ao jardim.

Era em verdade um verdadeiro primor de arte e de floricultura. Todas as ondulaçoens do terreno, todas as aguas, todas as arvores tinham sido aproveitadas com gosto e com arte. Era em verdade a natureza formosissimamente alindada, era um jardim de Delille. Canteiros bem distribuidos das mais bellas flôres, cascatas, lagos, kiosques, vasos, estatuas, e ruas formosamente areadas e assombradas — tudo ahi estava na melhor distribuição que era possivel.

Encaminhamo-nos por uma rua larga e espaçosa, entre duas paredes de ramos de cedro, sobre as quaes erguiam as cabeças as larangeiras, os magnolios e as verbenas. Caminhavamos silenciosos; Emilia toda embebida ainda na triste meditação do que me havia dito, eu, com vergonha o digo, dando mentalmente graças a Deus de me vêr livre d'aquella tormentosa discussão sobre o

amor. Alberto caminhava um pouco mais atraz, regosijando-se com a vista d'esta e d'aquella flôr, que por entre os cedros atravessava para a rua.

No fim d'ella havia um kiosque com varanda para a estrada. Ao chegar a elle, vi lançado em desleixo sobre um canapé, e a cabeça voltada para o caminho um homem, que por isso não pude conhecer logo.

Vestia um fraque de casimira de côr, boné e calças da mesma fazenda. O collete, que tambem era da mesma fazenda, abotoado logo por debaixo da gravata de setim preto com um e logo sobre a cinta com dois botoens de cornelina, deixava vêr o alvo e formoso peito de uma camisa de magnifica bretanha. Tinha calçadas botas de cordovão branco, justas ao pé, e n'ellas esporas de prata.

Ao approximar-nos d'elle, o moço, acordando da profunda abstracção em que parecia embriagado, voltou a cabeça para nós.

— Fernando! — exclamei eu, correndo para elle.

II.

Ha não sei que em tudo que nos recorda a infancia, que, ao encontral-o, saudamol-o com certo contentamento intimo, com um prazer tão radiante do espirito, que parece que a alma irradía n'esse gozo toda a saudade, que sente por esse tempo de felicidade innocente, que passou para nunca mais voltar. Uma palavra, um facto, um objecto, que nos traga á memoria aquella época feliz, excita em nós interesse extraordinario, alegria, para assim dizer, infantil e tão pura como o tempo que celebra: — mas o prazer que nos causa a vista de pessoa, que partilhou comnosco os folguêdos e os projectos d'aquella idade, tem alguma cousa de tão celestial, que não é possivel pintal-o.

Senti-o, ao encontrar tão inesperadamente Fernando. Apesar das nossas relaçoens, depois d'esse tempo, terem sido ligeiras, elle comtudo tinha sido meu companheiro de collegio, e dois annos haviam já, que pela ultima vez o tinha visto na occasião, em que com intento de viajar por alguns annos, estava no Porto á espera do paquete para embarcar para Inglaterra.

Fernando de Noronha era uma das mais formosas figuras de homem, que tenho visto. Na época, em que o pinto, tinha feito alguma mudança, mas, se possivel,

para melhor. Fernando era de estatura regular, e o corpo esbelto e bem talhado: sobre a fronte, alta e espaçosa, separava-se lançado para traz o longo cabello casnho-escuro naturalmente annelado: no rosto, cortado pelo mais perfeito typo de belleza, abriam-se-lhe os olhos vivos e intelligentes, orlados de uma franja de compridas pestanas assetinadas: sobre a bôca rosada e breve desenhava-se-lhe o comprido e formoso bigode de um preto tão brilhante e voluptuoso como os cabellos de uma dama. As mãos e os pés eram de uma piquenez feminil.

Era senhor de um morgado colossal, e demais descendente de uma familia que nos antigos tempos da nossa gloria não tinha pouco contribuido para ella.

Tal era n'este tempo Fernando: — mal me conheceu, correu para mim.

— Como! — exclamou elle, abraçando-me com os mais vivos signaes de alegria — Como é possivel isto? Como vieste aqui parar? Decididamente, meu caro Arnaldo, encontrar-te n'este logar era a coisa que n'este momento menos me podia vir á imaginação.

— O mesmo digo eu, Fernando — respondi-lhe — achar-te aqui é uma verdadeira surpreza, muito mais que n'este momento suppunha-te lá pela America, por onde me disseram que tencionavas viajar.

— Oh! em quanto a mim é outro o caso. Nasci aqui, e aqui tenho os meus parentes mais proximos; vês-me em casa do irmão de minha mãe. De me vêres em Portugal tambem te não deves pasmar. Tenho o destino do judeu errante, não posso parar no mesmo logar muito tempo. Um mez na cidade a mais ruidosa torna-m'a tão insipida como a mais miseravel aldêa. Assim eu estava fóra ha dous annos, os meus negocios chamaram-me a

Portugal, condescendi com as *saudades patrias*, e voltei. Eis-ahi decifrada a apparição, que te parece tão extraordinaria.

— Pois a minha aqui — repliquei eu — é tambem da mesma fórma a mais natural possivel. Meus paes possuem uma quinta além do Ave, em S. Miguel; vim lá passar alguns dias do verão.

— E' com o maior prazer que o sei — respondeu-me elle; — apesar de habitar em casa de meu tio, a minha casa é tambem do outro lado do Ave, pegado a S. Miguel: mesmo d'aqui lá é tão proximo, que é menos que um passeio. Assim podemos unir-nos, e afugentarmos a insipidez, que já deves ter sentido n'esta solidão do campo, e contra a qual, com franqueza, já estou furiosamente irritado. Mas, diz-me — continuou, medindo-me d'alto a baixo — tens estado doente? Acho-te mais magro e mais macilento que a ultima vez que te vi.

— Tenho soffrido bastante, graças, dizem as más linguas, aos meus desvarios; eu cá pela minha parte deito tudo ás costas da minha péssima constituição, que não póde com ellas. Todos temos razão, mas o que é certo é que não chóro esta minha tenuissima contextura. Ao contrario, n'este século é difficil ser original; mas eu, se vou n'este andar, venho a ser um verdadeiro milagre de pelle e osso, uma oitava maravilha do mundo.

— Diabo! não me atrevo a negar-t'o — respondeu Fernando com ares de profunda convicção: — mas diz-me, não te queres sentar?

Assim dizendo, Fernando dirigiu-se para o sofá, onde o encontramos deitado, e onde Emilia já estava sentada. Elle tomou assento ao lado d'ella, eu sentei-me n'um banco fronteiro, e Alberto n'uma cadeira que estava junto.

*

Emilia olhou por um momento Fernando com tal expressão de amor, que bem pouco condizia com a impressão dolorosa, em que ha pouco a tinha visto mergulhada; logo, tocando-lhe no braço com a extremidade do leque, disse-lhe em voz rescendente de uma certa inflexão de suavidade maviosa:

— Por onde entraste, Fernando? Não te sentimos chegar.

— Entrei surrateiramente, minha querida Emilia — respondeu elle, sorrindo-se. — Como dirigi o passeio para o lado de Ruivaens, ao passar pela porta do monte, encontrei um criado; entrei, mandei o cavallo para a cavalhariça, e vim lançar-me aqui, a vêr se á força d'este insipidissimo estado contemplativo podia abafar a insipidez, que me causou o passeio por logares já por mim mais que conhecidos.

— Tambem nunca estás contente!

— Contente! mas como queres tu que esteja contente? — exclamou Fernando exaltando-se — que contentamento posso ter n'uma terra, onde o unico divertimento, que ha, é andar por entre campos, saltar paredes, subir montes, vêr arvores, e ouvir os berros do rio a cahir do alto das levadas? Isto será muito bonito, mas é lá para os poetas, principalmente para os bucolicos, rusticos, *villoens*, ou como lhes quizerem chamar; finalmente para aquelles incansaveis cantores da botanica, que são capazes de se extasiarem diante de um cravo de defunto, ou de uma pouca de arruda. Para estes sim, mas para mim que não sou poeta! Pois mulheres! Não ha uma só bonita! N'outro tempo... Nem uma só! — interrompeu-se elle, ao vêr na fronte lisa de Emilia desenhar-se rapidamente uma ruga; — e demais com um vestuario capaz de afugentar o proprio diabo, uns giboens de intolera-

vel gosto, umas capuchas infernaes, uns collêtes, cujas cintas lhes vem comer á bôca, e as camizas a sahiremlhes por entre ellas e as saias, uns tamancos... Tamancos! cousa com que sempre embirrei! Ora adeus, Emilia, como queres que esteja contente em tal terra? Ó Italia! Italia!

— Reclamo contra o teu gosto, Fernando — disse eu — accusa-o antes, do que...

— Embora — interrompeu-me elle; — já disse que não sou poeta. Gósto da realidade nos prazeres, e não de andar a esquadrinhal-a por logares, onde, se existe, é mister seculos de trabalho para encontral-a.

— Mas tu quando estavas na Italia, escrevias o mesmo d'ella — disse Emilia, sorrindo.

— Já mudei de opinião — replicou elle — Mas sem ceremonia — accrescentou, encostando-se commodamente sobre um dos braços do sofá, — sem formalidades; se no campo as usassemos, era então abominavel.

— Pelo que vejo, meu caro Fernando — continuei eu, atando de novo o fio da conversa — hoje gostas de uma terra e ámanhã de outra. Mas isso é uma extraordinaria volubilidade! A poucos passos deixarás de ter onde viver, se, levado por esse gosto tão facilmente embotavel, correres todos os logares do mundo, enfastiando-te sempre d'elles todos.

— Qual volubilidade, nem meia volubilidade! — replicou elle — isto não é ser voluvel, é ser inimigo da monotonia. Sou assim em tudo.

No rosto de Emilia tinha-se pouco e pouco espalhado certa expressão triste e melancolica.

— Em tudo! — repetiu ella — então quem te ha-de acreditar na amizade, e no...

Emilia interrompeu-se. Vi logo para onde queria fa-

zer saltar a conversa, e, pelo modo com que tratava Fernando, comecei a conhecer a causa da descrença d'ella pelo amor dos homens. Já me admirava de não estarmos a fallar no amor.

Emilia interrompeu-se, pois, e como envergonhada do tom, em que ia a exprimir o pensamento que cortára, e que bem demonstrava o que lhe ia na alma, um ligeiro rubor cubriu-lhe momentaneamente as faces.

Fernando comprehendeu-a bem; tomando-lhe pois o final da phrase interrompida, continuou assim:

— No amor, não é assim, Emilia? Enganas-te; — é verdade, que apergôam por ahi a minha, dizem, extraordinaria volubilidade; é verdade que tenho praticado alguns actos, pelos quaes os outros teem, talvez, direito a chamarem-me voluvel; mas enganam-se. Não amo mais que uma mulher, mais que *uma* — repetiu com bem conhecida intenção — ás outras não faço mais, que pagar um tributo momentaneo, devido a uma face bonita. Se isto é ser voluvel, então accusem Deus, que se elle não creasse tanto rosto formoso, se não creasse senão uma mulher bonita, eu não seria assim. Mas isto não é amor, que este, repito, não o tenho senão para uma...

N'este momento ia passando um criado da lavoura; Fernando apesar do tom enthusiastico com que estava fazendo a sua *profissão de fé* sentimental, interrompeu-se para lhe dizer muito prosaicamente:

— Ignacio, vai-nos buscar fogo para os charutos. Fumas? — continuou, voltando-se para mim e estendendo-me uma charuteira de palha de Italia cheia de charutos havanos, — estes entraram por contrabando; assevero-te, que são legitimos.

O criado com o chapéu na mão, os pés enlameados, juntos como um soldado na fórma, sem se mover do si-

tio, ficou como um asno a olhar para nós de bôca aberta.

— Então que fazes, lôrpa? — exclamou Fernando irritado — porque não vaes buscar lume?

O laponio dobrou um pouco a cabeça sobre o hombro esquerdo, levou depois a mão direita a ella, e poz-se a coçal-a, dizendo-nos em voz acanhada:

— E' porque infinamente eu tenho...

— Tens o que, bruto? — bradou Fernando.

— Ũa caixa de lumes na aurzebeira, — respondeu elle.

— Então não podias já ter dito isso?

— E' porque eu [1] trigava-me...

— Accende — interrompeu imperiosamente Fernando.

O pobre diabo tirou do bolso do collête uma caixa de phosphoros, acendeu lume, mas, como estivesse quasi pegado comnosco, o enxofre invadiu-nos horrivelmente os narizes.

— Jumento! — gritou Fernando, engasgado, erguendo-se de um salto e na maior irritação — não vês que nos estás a abafar com o enxofre?

— Oh! Fernando!... — disse Emilia em tom de doce reprehensão, puxando-lhe mansamente pelo braço e fazendo-o sentar junto de si.

— Mas, minha querida Emilia, — respondeu elle em tom de desculpa — é que este estupido é intoleravel.

O laponio, ainda atterrado pelo tom ameaçador de Fernando, estendeu-lhe como a mêdo a mão esquerda com o palito a arder, entretanto que com a direita continuava a bulir na cabeça.

[1] Acanhava-me, tinha pejo.

— Ahi vae pelo susto; safa-te — disse Fernando, atirando-lhe com doze vintens.

Elle desappareceu n'um momento. Nós accendemos os charutos, e Fernando retomou a sua anterior posição de commodidade.

No rosto de Emilia continuou a lêr-se a expressão da mais viva felicidade: com os lindos olhos fitos em Fernando parecia esperar o final da phrase, que tão prosaicamente havia interrompido. Este comprehendeu-a, e com o tom e maneiras de homem, que deseja fazer reputar espontaneo e voluntario o acto que pratíca por mera conveniencia social, continuou assim:

— Mas voltemos ao que iamos fallando — disse elle, não sendo poderoso, apesar de desejar o contrario, a destruir inteiramente nas maneiras descuidadas e frias, comquanto estudadas, os mais evidentes signaes do seu caracter leviano — voltemos á minha volubilidade, Emilia. E' uma perfeita calumnia, que outra cousa se não póde chamar a tal accusação, feita a quem nunca amou mais que uma mulher, a quem nunca mudou de amores. E eu estou n'este caso; nunca amei, nem amo mais que uma só — só uma, que no meio dos meus desvarios surge ante mim como a imagem vaporosa de um anjo. E essa, Emilia, oh! essa amo-a com todo o fogo de um primeiro amor. E se esta qualidade é de louvar nos outros, em mim, que tenho viajado tanto, que tenho vivido entre as mais bellas mulheres do mundo, é de certo até de admirar. Tu conheces as francezas, Emilia, pois as espanholas em nada lhe são inferiores. Mas se visses uma georgiana! — continuou com progressiva exaltação — São as mais formosas mulheres do mundo! Oh! nada mais seductor que o delicado carmim que lhes tinge as faces, que os negros e compridos cabellos, que as sobrancelhas

arqueadas e escuras como a noite, que essas brevissimas bôcas do mais suave encarnado, que esses collos bem tirados e graciosos, que esses corpos delicados e flexiveis, que.... finalmente, quem resistirá a esses todos da mais perfeita belleza, cheios de animação, de graça, de elegancia.... oh! é de morrer de amores por ellas, é de amal-as com loucura...

Este enthusiasmo pelas mulheres da Georgia ia progressivamente fazendo crescer no rosto de Emilia os mais vivos signaes de afflicção e de anciedade. A mulher, que ama com extremo, é avara até dos elogios, ainda os mais frios, que o amante prodigalisa a outra mulher, que não seja ella: mas quando sente, como agora sentia Emilia, que esses elogios provém de um sincero enthusiasmo do coração, soffre em dobro, porque conhece, que o amor do homem, que ama, não lhe pertence exclusivamente.

Fernando, arrebatado pelo enthusiasmo, tinha-se erguido um pouco sobre o braço; um olhar porém, que lançou sobre o rosto de Emilia, fez-lhe conhecer, quanto ia transviado do verdadeiro caminho. Cortando pois pela sua acalorada apologia, deixou-se cahir de novo na anterior posição de commodidade, e, arrancando da bôca immensa nuvem de fumo, continuou sem transição alguma:

— Ora, minha querida Emilia, quem do meio de taes mulheres sáe com o coração livre, sem sentir a menor impressão de amor, só porque tem já o coração assenhoreado por outro, deve acaso chamar-se voluvel? Pois olha, que são taes quaes t'as pintei... e ahi vem quem me não deixará mentir — continuou, apontando negligentemente para uma rua feita de roseiras, que tambem convergia para o caramanchão.

Olhei na direcção indicada.

Para cá, já um pouco, do principio da rua caminhava em direcção a nós Henrique de Mello, meu intimo amigo, tambem meu companheiro de collegio, e o homem mais rasgado e leal que conheço. Atraz d'elle, quasi a beijar-lhe os calcanhares, caminhava com a maior gravidade um gigantesco e formoso cão preto da Terra nova.

Leitor, não me recordo agora como se chamava certo philosopho grego, que estando um dia junto do mar, e vendo cahir um caracol de cima de um penedo, e arrebentar sobre as lages, exclamou: «Eis o que é o mundo!» Ora se a este homem, que era de certo um grande homem, — pois que não podia ser de outra fórma sendo philosopho e *grego*, — suggeriu a queda de um caracol, sentença tão *grave* ácerca da humanidade, porque me pejarei de confessar, que o cão do meu amigo, que valia de certo muitos milhares de caracoes, egualmente me suggeriu uma não menos aproveitavel observação sobre ella?

Aquelle cão, que pertencia á mais formosa e mais valente raça d'esses animaes, vinha ahi socegado e grave, sem se embaraçar com pessoa alguma. E comtudo todos o olhavam com respeito, todos lhe abriam caminho, e lhe confessavam o valor. Um gozo praticaria o contrario, e o contrario tambem succederia em quanto á consideração. Viria de cabeça levantada, barafustando, ladrando. E todos passariam por elle, sem o notarem, e se ousasse approximar-se altaneiro despedil-o-iam com um pontapé, a chorar de pernas para o ar a sua parvoa presumpção. Este respeito á modestia, e desprêso pela vaidade tola; esta passibilidade no valente, e insolencia ruidosa no pigmeu, nascem da propria organisação dos dous. Aquelle, conhecedor do que vale, deixa aos outros o cuidado de o fazerem sobresahir; este conhecendo que, pela sua mesquinhez, ninguem o vê, atrôa os ares com

latidos, e agarra-se ás pernas dos passantes, para lhes fazer conhecida a existencia da sua miseria.

E a humanidade é tambem assim! — disse eu, á imitação d'aquelle philosopho grego, ao fazer mentalmente aquella comparação.

Henrique é alto, as feiçoens são abertas e intelligentes, e a face, naturalmente crestada, é talhada no mais formoso perfil. Os olhos pretos luzem-lhe com certa austeridade severa, que muito condiz com o seu caracter; os cabellos são pretos e o bigode tambem da côr do ébano mais escuro. O seu traje era elegante e simples, pouco mais ou menos egual ao de Fernando.

Com a mão esquerda mettida no bolso das calças, e na direita um piqueno boné, com que abanava o rosto, Henrique approximou-se de nós com toda a familiaridade, que tinha com a familia de Emilia e comigo, unica pessoa que ahi estava estranha a ella. Comprimentou com graça Emilia, acenou amigavelmente a Fernando, apertou-me affectuosamente a mão, e abraçou Alberto, em cujo rosto, mal o viu assomar no alto da rua, desenhou-se a mais viva satisfação.

— Appellava agora mesmo para ti, Henrique — disse Fernando.

— De que, e sobre que? — replicou elle sorrindo.

— De todos — replicou Fernando; — appello para ti de todos elles, Henrique, e sobre a minha volubilidade. Emilia accusa-me de voluvel; Arnaldo reforça a accusação, e eu nego, mostrando, que, se fôra voluvel teria deixado o coração aos pedaços pelas mulheres da Georgia, a quem, como ás mais formosas do mundo, nenhum ha que se não renda, cheio de admiração diante de cada rosto formosissimo, que nos sáe ao encontro. Tu estiveste lá, diz-lhe se sim ou não está da minha parte a razão.

Um meio sorriso roçou nos labios de Henrique.

— Decididamente, Fernando — respondeu elle — é indubitavel, que as mulheres da Georgia são reputadas as mais formosas do mundo. Quem viajar n'esse paiz, e d'elle sahir com o coração livre, póde, sem receio de desmentido, dizer-se insensivel; quem por elle viajar e escudado por outro amor, resistir á seducção da belleza das suas lindas naturaes, póde depois bem affoitamente dizer — amo. Tambem penso assim, estamos concordes: permitte-me porém que faça uma pequena excepção para aquelles que, succumbindo a cada passo diante da belleza d'aquellas mulheres, e a cada passo fazendo juras de amor em longas e terriveis jaculatorias, sáem depois de lá sem uma lagrima, sem uma saudade, livres. D'estes póde bem dizer-se que são extremamente voluveis. Assim, meu caro, — continuou com um sorriso maligno — como o caso nada tem comtigo, posto elle de excepção, dou a sentença a teu favor.

— Emilia, não o acredites — acudiu Fernando, contrariado e com certo enfado, mostrando ao mesmo tempo o maior empenho em despersuadir Emilia — Henrique, ha malignidade no que dizes. Foste meu companheiro de viagem na Georgia, e sabes...

— Oh! de certo — interrompeu Henrique, sorrindo e inclinando-se profundamente.

Apesar da amizade com que Henrique tratava Fernando, notei certa frieza, certo estudo n'elle, que pouco se coadunava com a franqueza do seu caracter. Fernando tambem tinha não sei que para com Henrique, que o assemelhava em tudo ao homem, que depois de haver praticado um mau acto, falla diante de quem está senhor do seu segredo, e que mesmo foi victima d'elle. Apesar da

sua apparente familiaridade, deixava vêr certo constrangimento, que não podia vencer de todo.

A cortezia escarnecedora de Henrique ainda mais contrariou Fernando. Atirou com despeito ao regaço de Emilia o leque, que, ha pouco, lhe tomára das mãos, assobiou um pouco, depois, encostando os cotovêllos sobre os joelhos, curvou-se para ella, e tomando-lhe uma das mãos, começou a brincar com um annel que tinha no dedo.

Henrique conversava comigo de costas voltadas para elle, Alberto entretinha-se com o cão de Henrique, eu, apesar de attender ao que este me dizia, espreitava surrateiramente os dous primos.

Vi tudo. Fernando, a brincar com a mão de Emilia, curvou-se mais sobre ella, mais ainda, depois levou-a á bôca, e beijou-a. Ergueu então para ella o rosto brilhante de um riso de amor; — por um movimento tão rapido como instinctivo, Emilia levou direita ao coração a mão de Fernando. No rosto luzia-lhe a mais viva felicidade, o mais profundo amor. O rosto de Fernando retratava um egual sentimento. Era realmente bello com essa expressão de amor tão poetico, e sentido, que lhe irradeava das feiçoens. Ao vêl-os assim era impossivel duvidar do amor.

Entretanto que eu via tudo isto, Henrique fallava, como disse, para mim.

— Recebeste hoje um bilhete meu? — perguntou-me elle.

— Não. Sahi ás onze horas, e fui a Santa Christina visitar o Sampaio: jantei com elle, e na volta tomei por Sanfins, d'onde mandei o cavallo para casa, e vim até aqui. Bem vês que o não podia receber.

— Pouco importa. O objecto era avisar-te, que áma-

nhã, á meia noite, é o desencantamento do oiro, que, dizem, terem os moiros deixado em S. Miguel o Anjo. O capitão do Fojo, um dos alarves, que vai com tenção de se tornar millionario, mandou-m'o dizer. Como disseste que, sendo tempo, te avisasse para ires tambem, mandei-t'o hoje dizer para te preparares se quizesses ir.

— Como? pois ámanhã é o desencantamento?

— Decididamente.

— Com toda a certeza, acompanho-te. O peor é que tenho que fazer ás onze horas — compromisso custoso, mas irrevogavel — e não posso estar de volta senão depois da uma.

— Nem por isso estamos desarranjados. Bem vês que a coisa é para a meia noite. Se queres convencionemos assim; ás cinco da tarde vaes ter ao alto da Boavista, a casa do doutor Cambada, um dos da festa. Ahi, quem chega primeiro, espera; depois vamos com elle ter á Corredoira, atravessamos a levada, e vimos para aqui. Queres assim?

— Concordo — respondi-lhe eu.

— Sempre te aviso que leves a espingarda, e em vez de chumbo, quartos: o negocio póde dar em pancadaria.

— Fico avisado.

— Bem. Deixa dizêl-o a Fernando.

E com estas palavras Henrique voltou-se para os dois amantes, que ainda estavam engolfados na sua feliz contemplação. Elle bem os viu, mas não deu um só signal de curiosidade ou de admiração; roçou-lhe apenas nos labios quasi imperceptivel sorriso de escarneo.

— Fernando, ámanhã é o desencantamento, de que te fallei: queres ir vêl-o tambem?

Como se acordasse de um sonho, Fernando levantou o rosto com todos os signaes, de quem nada tinha ouvido.

— Que dizes?

Henrique repetiu o que dissera.

— Ora! — respondeu elle, com os olhos fitos em Emilia — andar por montes e valles á meia noite para vêr meia duzia de parvos a fazer asneiras! Não vou.

— Como te aprouver — replicou Henrique, com a maior indifferença — como o outro dia mostrastes tanto empenho em ir...

— Mudei de tenção — tornou Fernando, sorrindo.

— Mais uma prova contra ti na tua questão de ha pouco, — replicou Henrique tambem com um sorriso e lançando um rapido olhar sobre Emilia. — Embora: e tu Alberto, vaes comnosco?

Alberto fitou em Henrique os seus meigos olhos azues, e depois replicou:

— E tu vaes?

— De certo — respondeu Henrique.

— Então vou — retrocou elle.

Ao ouvir as ultimas palavras de Alberto, Henrique, impressionado por um sentimento d'intima gratidão, apertou com a mais viva amizade o amigo contra o peito.

— Mas agora me lembro; vou comtigo — disse então Fernando, depois de pensar um pouco — aproveito esta occasião, para, quando voltarmos, ir por minha casa, a vêr algumas cousas que necessito. Vou, pois, excepto se Emilia...

Os olhos de Fernando bem mostravam, que a licença que lhe pedia, não era n'esse momento calculada; era a submissão de um amor bem sentido. Ainda tinha prêsa entre as suas uma das mãos d'ella; Emilia, olhando-o com o maior amor, respondeu:

—Vae, deves ir; deves conhecer os costumes do nosso Minho.

N'este momento uma linda rapariga assomou á bôca da rua das roseiras em direcção a nós. Trazia na cabeça, atado em fórma de carapuça em redor do seu escuro e longo cabello, um lenço branco, que, segundo o costume da terra, lhe cubria só a metade posterior da cabeça, d'onde uma só das pontas, aberta em toda a largura, descia, tapando a nuca, sobre o pescoço. Vestia camisa de panninho, cujo vastissimo collarinho, armado de uns não menos vastos folhos de linho, cahia sobre um collête *maiato*, isto é, que ao contrario dos outros fechava sobre uma cinta franzina e delicada, em cima d'uma saia de chita azul semeada de immensidade de flôres amarellas.

Fernando foi o primeiro que a viu.

— Ai! que linda rapariga! — exclamou elle, largando rapidamente a mão de Emilia — O' Arnaldo, ó Henrique, ora olhem, vejam como é bonita.

Quando nos voltamos, já ella vinha a entrar no caramanchão, onde estavamos. Dirigiu-se a Emilia.

— Senhora D. Emilia — disse ella, em voz agradavel — a menina manda-le muitas begitas, e esta carta. Beja se tem resposta.

Entretanto que Emilia lia a carta, Fernando continuou em altas exclamaçoens, em enthusiasticas jaculatorias em louvor da rapariga, que vermelha como uma romã, de rosto para o lado, e a ponta do lenço mettida com a mão esquerda entre os beiços, buscava abafar o riso.

— Emilia, quem é esta menina? Na verdade, não ha outra assim n'esta terra. Não é verdade, Henrique? Como se chama? diga. Rosinha? provavelmente Rosinha. O' Rosinha, porque não falla?

Com estes e outros ditos apouquentava Fernando a rapariga, entretanto que Emilia lia a carta. Esta com o

rosto um pouco inflammado por certa cólera dolorosa, lançava de quando em quando um olhar rapido sobre elle.

— Diz a tua ama que vou — disse ella por fim á rapariga.

A rapariga partiu no meio das mais enthusiasticas exclamaçoens de Fernando, entre as quaes restrugia com toda a materialidade a seguinte:

— Que boa piquena!

Emilia tentou fazêl-o de novo voltar para si.

— Queres vêr de quem é a carta? — disse ella, estendendo-lh'a com uma das lindas mãos.

Fernando pegou n'ella maquinalmente, ao avesso, lançou-lhe rapidamente os olhos, logo tornando-os a fitar na rapariga, que ia desapparecendo, atirou-a para o regaço de Emilia, exclamando:

— E' a mais bella mulher, que tenho visto! — Não achas, Henrique?

— A proposito, Fernando — replicou este — a modo que já enfadam tantos elogios. Adeus, Emilia; são horas de eu e o Arnaldo irmos embora. Até ámanhã.

— Eu tambem vou para casa — respondeu ella.

Pozemo-nos pois a caminho, todos calados. Vi no rosto de Emilia os mais pronunciados signaes de tristeza; de quando em quando lançava os lindos olhos, onde bailavam as lagrimas, sobre Fernando, que com as mãos mettidas nos bolsos das calças, caminhava distrahido e sem dar por ella, rosnando ainda não sei que de « formosa. » Por fim, tocou-lhe levemente no braço com a extremidade do leque.

— Vens hoje comigo a casa de D. Quiteria? — disse ella.

— Qual vou nem meio vou — respondeu elle com

enfado, e abanando com despeito os hombros — Não estou para aturar velhas. Que linda rapariga!

Emilia calou-se; o rosto pintou-lhe tudo o que lhe ia no coração. Alguns momentos depois Fernando, como quem queria sanar a impressão, que as palavras, que soltára, haviam causado n'ella, disse-lhe em voz suave:

— Minha querida Emilia, não queres que leiamos esta noite algum capitulo do Raphael?

Nos olhos de Emilia assomaram rapidamente as lagrimas; depois fitando-os em Fernando com a mais viva expressão de gratidão — a gratidão da mulher, que ama, quando o amante lhe compensa uma dureza com um carinho — soltou n'um soluço abafado um quasi imperceptivel

— Sim.

D'ahi a pouco chegamos á porta: — eu e Henrique despedimo-nos de Emilia. Fernando teimou em acompanhar-nos até á descida do monte, onde nos separamos. Eu e Henrique caminhamos ainda um espaço juntos, mas chegando ao sitio, onde se dividiam os caminhos, que levavam a nossas casas, despedimo-nos um do outro, e caminhamos cada um em direcção á sua.

D'esta visita tinha eu conhecido tres coisas — que Emilia estava loucamente apaixonada por Fernando — que este tinha por ella uma certa affeição filha do habito, em sustentar a qual se empenhava a formosura de Emilia contra a extraordinaria volubilidade d'elle. A terceira era que entre elle e Henrique havia alguma coisa, a que eu, por mais que teimei, não pude assignar causa.

III.

Leitor, se por ventura tens paciencia para me seguir n'este capitulo, vou pôr-te em pleno Minho, vaes ouvir retinir nos ouvidos a pura linguagem minhota.

Ha muito que me tortura este desejo. Tenho visto escrever por ahi tanta coisa, e tantos desacertos tenho ouvido dizer a respeito dos costumes minhotos, e sobretudo da linguagem e da pronúncia d'elles, isto áquelles mesmos cujas costumeiras são ainda mais exoticas e a linguagem muito mais estragada, que se me infernou na alma o desejo, Deus sabe ha que tempos e com que frenezim, de apresentar para ahi um retalho que demonstre á primeira vista a ignorancia, com que a este respeito se tem muita gente posto a imaginar.

Como todas as nossas provincias — aldeias, villas e cidades, inclusivè Lisboa e Porto — o Minho tem uma phraseologia propria e uma pronúncia especial. E' preciso, porém, que se diga que não é ali unicamente onde o portuguez se arruina e altera. Lisboa ou Porto ainda o estragam e destroem mais. O minhoto estraga-o com archaismos e com uma pronúncia arbitraria; mas as duas cidades principaes do paiz estrangam-n'o com má pronúncia e barbarismos. Não chanceemos portanto uns

dos outros; se uns são côxos, os outros são manetas e com egual deformidade.

Como disse, o Minho tem uma phraseologia e uma pronúncia particular. Não é só nos *bb* e *vv* que erra a pronúncia; erra-a nos *rr* e nos *ll* ainda mais escandalosamente, e sobre tudo erra-a no modo arbitrario com que cada um pronuncía as palavras, ainda mesmo aquellas que são exclusivas da provincia. Já se vê, pois, que os que sabem só a historia do *Avade da vurra vranca*, sabem muito pouco.

Para provar o que digo, vou pois fazer fallar os minhotos com a pronúncia e phraseologia que se póde chamar o typo geral da provincia. Não sei se isto agradará aos eruditos; nos praguentos e zoilos sei eu que hei-de armar celeuma tremenda. A estes, porém, deixo eu ladrar para ahi quanta tontice se lhes desaferre da lingua alvar e montaraz, sem mesmo me incommodar com os latidos. A'quelles digo que n'isto não abro caminho novo, e que não faço mais do que seguir Walter Scott, o melhor romancista que até hoje tem apparecido, que fez fallar os seus personagens escocezes com o patuá de que usam. Lá se avenham portanto com a reputação do grande homem, que o pobre de mim, cá na minha humildade, não faço mais que seguil-o, e seguil-o como o pardal póde seguir a aguia, e Stacio mandava a Thebaida seguir a Eneida:

> . . . . . nec tu divinam Æneida tenta,
> Sed longe sequere, et vestigia semper adora.

O negocio que eu dissera a Hénrique de Mello de tratar no dia seguinte, era nada menos que ir assistir de compadre ao baptismo de uma rapariga, filha de um lavrador de S. Thomé de Negrellos.

Ao deitar-me no dia anterior dei portanto ordem ao criado de me ter prompto o cavallo para as dez horas e meia da manhã seguinte, isto com a firme intenção de me levantar pelas sete ou oito, e até o almoço — ás dez horas — ir respirar o ar puro dos campos, que a noite ameaçava, para o dia seguinte, dia sem sol e toldado de nuvens, como de facto appareceu.

Mas a maldita insomnia não me deixou pregar olho até á madrugada, de modo que eram para mais de dez e meia, e eu ainda estava a dormir profundamente. Sabendo o que eu tinha a fazer, o criado tomou a resolução de acordar-me.

A'quella hora pois senti baterem, mas baterem estrepitosamente, á janella do meu quarto, que ficava ao rez do chão. Acordei de sobresalto, deitei-me abaixo da cama, e, enfiando um chambre, corri estremunhado á janella para descompôr o criado.

Levantei de repellão a vidraça, mas em logar do criado, vi o Manoel Voga.

Manoel Voga, meu caro leitor, é um d'estes typos originaes, anomalias da intelligencia, que a natureza se compraz em fazer nascer no meio dos homens, para lhes tirar as basofias da racionalidade. Tento desenhal-o em dois traços. E' alto, magro e ossudo; testa chata e curta; olhos chinezes, cara comprida e cheia de contornos osseos, nariz grande, bôca grande e beiços grossos. Isto pelo physico; pelo moral, é dotado de uma velhacaria alvar e da força de cem jumentos, falla uma linguagem a mais exquisita de todo o Minho, e é dotado de uma irresistivel tendencia pelo outro sexo. Tinha na cabeça um chapeu braguez desabado, em que pozera por galanteria uma fita quasi da largura de uma mão travessa, e adornára com uma lustrosa penna de rabo de gallo; camiza de es-

tôpa grossa desabotoada, e deixando vêr um peito ossudo e denegrido pelos ardores do sol, collête muito curto, calças de tomentos brancos e tamancos nos pés.

Eis-aqui pois a primeira figura que vi no dia não sei quantos do mez de setembro de 1849.

—*Vade retro!*—exclamei eu ao dar com o abantesma de frente, logo ao começar do dia.

— Varbatana! Não boga nada — replicou elle.

(Esquecia-me dizer que o appellido Voga, que usava o homem, provinha-lhe do seu estribilho favorito—*não voga nada*—, que de resto o verdadeiro nome d'elle era Manoel Indio).

— E o criado?

— Lá 'stá de catrambias na barra [1]. Honte caijo morria de uma topada á porta do quinteiro; a lũa 'stava bem crara, mas aquillo é um 'stavareda [2], binha muito fistor p'la porta dentro, tropeçou n'um fueiro que 'stava no chom, e esmurrou as ventans e os queixos na padieira da porta, e esfarrapou as caurças. Ficou com a cabeça vastante relaxada da cahida, assim pediu-me que lhe biesse 'stifazer a ovrigação.

— E que horas são?

— Aicho que onze; o sol já bai aurto ha munto.

Mal ouvi dizer que eram onze horas, soltei uma praga desesperadora, e corri a vestir-me a toda a pressa. A's onze horas é que devia de ser o baptisado, e seria mostrar pouca consideração pelos meus compadres, se por ventura os fizesse esperar e aos parentes.

[1] Grande taboleiro, sobrado, ou como lhe quizerem chamar, a modo de sotão, cheio de palha, e por cima dos curraes do gado, por cuja porta se entra para elle, e onde dormem os criados e os filhos varoens dos lavradores do Minho, em quanto são solteiros.

[2] Estroina, cabeça no ar.

Assim vesti-me a correr, e sem mesmo me lembrar de almoçar, sahi pela porta fóra, lancei-me sobre o cavallo, e corri a toda a brida para S. Thomé de Negrellos.

Meia hora depois cheguei a casa do meu compadre. Apesar de ainda faltarem alguns minutos para as onze, já o bom do homem estava á porta do eirado [1] com a cabeça estirada para fóra a vêr se me descobria. Ao vêr-me irradiou-lhe do rosto a mais viva satisfação.

— Beije mão de bo-senhoria; que passasse vem a noite — disse-me elle, tirando o chapeu braguez de que já tinha armada a cabeça.

— Mil vezes obrigado, compadre. Então tardei? — disse eu apeando-me.

— Não, senhor... Ó cachopa — interrompeu-se de repente o meu compadre, chamando para dentro, e já com o meu cavallo de rédea — bem pegar no caballo do fidaurgo, e mette-o lá na córte. Não, senhor — continuou, voltando-se de novo para mim — é que infinamente eu bim-me prantar á porta ha um tudonadica, p'ra vêr como ia o clibio do dia, que a modo que teremos por hi moufa [2]....

— Parece-me que não — respondi eu — o dia está encoberto, mas tanto melhor por causa do calor. Como está a comadre?

— Mercês, beije-me mão de bo-senhoria. Mui bem desbalitada p'la fraqueza. Mas a-dei, senhor, que se lh'ha-de fazer? coisas do mundo. O surgião mandoule tomar uns caurdos de gallinha fortes, e eu, como quem não quer a coisa, fui mandando metter no panêllo ũas

[1] Páteo ou largo que ha entre as portas de algumas casas e a casa. N'outras o eirado é para o lado das trazeiras.

[2] Cacimba, orvalho, isso que por ahi chamam *chuva de molha todos,* ou *tolos,* como diz o vulgo.

catro calcorés que me deu honte aqui o Manel do Rio... Mas infinamente vo-senhoria não entra?

— Eu espero aqui, compadre. Não quero incommodos, e mesmo para os não demorar mais.

— Pois antão não ha-de bober ũa pinga?

— Se me dispensa, faz-me muito favor. Não costumo beber vinho de manhã.

— Antão com sua licença — disse o meu compadre, entrando para dentro da casa, com cara desconsolada por eu não acceitar a pinga, ceremonia que nunca lavrador minhoto deixou de offerecer e de acceitar.

Apesar de ter curiosidade de conhecer a comadre, que me gabavam de bonita, não entrei, e não entrei por bem differente motivo que o que dei ao honrado homem. A razão foi ter visto pela porta, que estava aberta, o eirado todo coberto de matto, lançado de pouco, e recear pela salubridade das minhas pernas, mais talvez do que era decente á minha dignidade de compadre. E' este uso muito vulgar no Minho. Os lavradores cobrem o eirado, os curraes e muitas vezes até as estradas á porta de casa, de tojo com que estrumam os campos, isto com o fim de o amaciarem e reduzirem com o pizo continuado a verdadeiro estrume. O eirado torna-se então *estriqueira.*

Alguns minutos depois começou a sahir o prestito.

Na frente vinham os dois avós da criança, um de casaca parda, e outro de côr esverdinhada, ambas tão differentes no feitio, como veneraveis pela antiguidade e exquisitas pela fórma e pela apparencia. Tinham sido o vestuario do casamento dos dois velhos, que contentes as tinham tirado agora da arca para virem assistir ao baptisado do neto.

Atraz d'elles seguia-se a madrinha, que, a grande pesar meu, vi ser matrona de mais de sessenta annos,

e, segundo me disseram, casada em segundas nupcias. Apesar da idade, era mulher frescalhona e de fórmas roliças e anafadas. Trazia na cabeça lenço de cambraia lavrado com grandes ramagens nas pontas. Sobre os hombros levava uma capa de fórma particular avivada de velludo; por baixo o gibão de panno azul avivado de liga preta. O collête, puro minhoto e não *maiato*, que isso é lá para as raparigas, era de ganga azul e tão curto, que deixava a descoberto meio palmo da camiza, enfunado por uma rosca de carne gorda, que se baloiçava entre a borda d'elle e as das saias. N'isto é que se differença o collête minhoto do collête maiato, mais elegante e mais decente, apertado sobre o cós da saia, não deixando nada da camiza a descoberto. Sobre o peito, do lado esquerdo, uma figa de azeviche preto, capaz de esconjurar todas as feiticeiras d'este mundo. Levava saia de panno vermelho com tarja de velludilho preto, meias d'algodão, e sóccos novos ([1]), avivados de verde, com grande tarja encarnada, golpeada de velludilho preto.

Junto d'ella ia o marido, tio da criança — de chapeu *fino* na cabeça, que de velho encalvecia a olhos vistos, grandes collarinhos de pontas bordadas, collête de sarjão, e *rabucha* de panno azul com botoens amarellos; calças brancas e botas d'aquellas que os lavradores minhotos mandam fazer para lhes durarem toda a vida, e ainda passarem em herança ao filho predilecto. Apesar de estar o sol encoberto, levava na mão, aberto segundo o ceremonial, um guarda-chuva de panninho vermelho, com que, a modo de umbella, cobria a madrinha e a

([1]) Os sóccos são os tamancos mais apurados. São usados quasi exclusivamente pelas mulheres. Ha alguns tão bem feitos, franzinos e elegantes que não desagradam. O tamanco é calçado bestial e insupportavel aos olhos e aos ouvidos.

creança, e podia cobrir á vontade todos os que compunham o prestito. Este logar pertencia-me como padrinho, mas cedi-lh'o de bom grado e com boas maneiras, pelo que se reputou o homem mais honrado do mundo.

Seguiam-se meia duzia de garotos aos saltos, e mais atraz eu e o meu compadre, que— Deus lhe perdôe, que eu tambem lhe perdoei — massou-me todo o caminho, contando-me proezas do afilhado que contava dois dias de idade, e por fim com uma demonstração economica e hygienica da utilidade dos *montrastos*, dos quaes, entre muitas coisas, dizia elle que — teem ũa britude que á porporção n'um quarto que fôr reteúdo ou com bicho morto á beira, metendo-se um tudonadica de mantrastos nas ventans de uma pessoa não tem fédico nem-um.

Chegamos por fim á egreja e fez-se o baptisado. A madrinha pôz então a creança nos braços do pae, que me pediu que lhe lançasse a benção, o que fiz com toda a gravidade e compuncção, dizendo ao mesmo tempo o — « Deus te faça uma santa, e te crie para boa sorte » — segundo o ceremonial do rito. A madrinha foi então direita á pia da agua-benta, encheu d'ella a mão, e foi derramal-a gôtta a gôtta sobre a sepultura do primeiro marido, por alma de quem rezou devotamente. O segundo olhava-a babado de gosto, creio que por esperar que ella lhe pagasse da mesma fórma, depois da morte, os maus tragos que n'esta lhe fazia soffrer, e de que a cara arremangada, que tinha, era o mais certo e incontestavel fiador.

Sahimos então da egreja, e á porta encontrei não sei quantos homens de rabuchas e *cassacos*, que esperavam o meu compadre para lhe darem o parabem do filho, e fazerem jus por elle a um prato á mesa da *bôda*.

Depois de bons dez minutos de comprimentos, puzemos-nos a caminho para casa, onde chegamos por fim.

Tive então a honra, raras vezes concedida, de ser apresentado á comadre, que estava ainda de cama. Era em verdade uma linda rapariga! Mal empregada n'um pateta como devéras era o meu compadre. Tinha dezoito annos, feiçoens angelicas, e voz tão dôce como o arpejo de um pianno tocado por virgem apaixonada. Já se sabe que, como compadre, contemplei-a com o mais grave estoicismo, fazendo apenas algumas observaçoens sobre a pouca luz que tinha o quarto, e a inconveniencia de ser o pavimento terra nua, e admirando ao mesmo tempo o pão trigo e a garrafa de vinho velho que tinha á cabeceira, que eram demonstração de luxo, á qual o lavrador do Minho não recorre senão em occasião solemne ou molestia grave.

Mandei então approximar os presentes.

No Minho é uso presentear o pae do afilhado no dia do baptisado. Com tres mil e seiscentos reis faz o padrinho a despeza, por mais liberal que seja. O presente reduz-se a um cantaro de vinho, uma baeta vermelha, um cruzado novo em prata, e a um pão de trigo. O presente da madrinha consiste em seis camisas de panno crú, tão piquenas e acanhadas que parecem de boneca, e uma coifa de chita, de ramos côr de rosa, com seu rofêgo no alto da cabeça, assim a modo de meia lua engelhada.

Mandei então approximar os presentes, e Manoel Voga entrou novamente em scena.

— Que o lebe seiscentos diabos! — prorompeu elle poisando no chão o cantaro que tinha sobre o hombro — benho todo cheio de nadoas de binho, e ainda por riba

perco o cerco [1] do Martle e a museca de Riba-d'Ave, que bae funcção rija: bae tudo n'um cortado.

— Que estás tu ahi a rosnar, Manoel? — disse eu enfadado.

— Pois isto é 'sim — respondeu elle — Benho todo enlapitado [2] de binho, e mais começou a moufar [3] quando binha, que me pôz as caurças ũa desgracia; e lá o seu criado ficou de barriga p'ra o ar na barra. — Calocio [4]! — bradou elle enraivecido a uns poucos de rapazes que estavam á entrada da porta. E logo assentando um pontapé n'um d'elles, que estava com a cara curvada sobre o vinho, accrescentou — Arreda, choupêlo [5]; á conta d'isso qués bober o binho?

Depois, voltando-se para mim, continuou:

— Mal o senhor sahiu foi lá a Jabel preguntar p'lo senhor Arnaurdo. Trupou, trupou que a lebou seiscentos diabos; depois abriu a porta, de fórma que o Gigante ia-lhe saurtando. Se eu não acudo, o cão lambia-a; inda lhe rompeu um sócco, mas não importa que elles eram tão charros [6] que não valiam dez reis...

— E então? — disse eu verdadeiramente enfastiado.

— E antão, senhor, aquella jimenta trigava-se de m'o dizer, mas pro fim sempre me diche que binha pedir-lhe uma esmola...

Não dei tempo a Manoel Voga para terminar as par-

[1] Creio que não ha aldeia alguma do Minho onde S. Sebastião não seja festejado com missa cantada e procissão, uma vez cada anno. É isto que se chama o *cerco do Martle*, que é a procissão do Corpus para o lavrador do Minho. Este costume tão geral é resultado da promessa feita por um dos nossos reis, em consequencia da peste que assolou o reino. Se bem me recordo foi D. João III.

[2] Enodoado, manchado.

[3] Chover miudo, orvalhar.

[4] Silencio!

[5] Garoto, galopim.

[6] Ridiculos, em mau uso.

voices que estava ensartando. Voltei-lhe as costas, disse adeus ao meu compadre e a todos os convivas, e, montando a cavallo, parti a meio galope para casa.

A's cinco horas da tarde d'esse mesmo dia, sahia eu para fóra da porta da quinta do Outeiro, em S. Miguel das Aves, de espingarda de caça sobraçada, saccóla, correão e polvorinho, e, assim arreado de caça, me puz a caminho para o alto da Boavista, casa do doutor Cambada.

João José Dias, João Marcellino, ou o Doutor Cambada, que por todos estes tres nomes é elle conhecido na aldeia, é homem de meia estatura, entre gordo e magro, reforçado em largura, um pouco barrigudo, e cara do melhor bom homem que conheço. As obras não desdizem com a apparencia do rosto; é homem serviçal, de bons sentimentos, e caritativo a ponto de pobre como é, nunca da porta se lhe arredar mendigo com quem não reparta a mesquinha pitança ordinaria.

Este é que é o verdadeiro typo do homem; mas para quem o não conheça a fundo, avulta-se elle de fórma bem pouco lisongeira. O rosto, expressivo de bonhomia, é tambem cortado de fórma tão irregular, que lhe dá uma apparencia altamente risivel, o que junto a uma grande calva prolongada com a testa piquenita, e os olhos fundos e microscopicos a luzirem de parvoice alvar, faz rir d'elle, como de qualquer parvo de comedia. Ao caricato da fórma, accresce mais o comico de certas qualidades moraes. João Marcellino é covarde diante de uma sombra, foge do grito de um môcho, mas em porto seguro não ha ahi mais Roldão ou Oliveiros; é estupidamente credulo, mas presume d'aquella estupida credulidade, que tem por finura e saber. Além d'isto, é dotado de uma imaginação prodigiosa, que desajudada de bom

senso e inspirada pelas abusoens da aldeia e da propria cabeça do dono, faz coisas que Deus nos acuda. Assim qualquer pio de môcho, que de noite dê azos ao mêdo proverbial de João Marcellino, é por elle decorado com visoens tão phantasmagoricas, com tão phantasticos incidentes, que um homem desprende em gargalhadas, pedindo ao destino que lhe faça sempre encontrar em hora de enfado, um Hoffmann d'este calibre.

João Marcellino é alfaiate de officio, e se por idoso não chibanteia já arrebiques nem pimponices, nem por isso deslústra a classe com um vestuario labrego. Em dia de festa, Marcellino veste jaqueta de golla militar, collête de rebuço e golla até á barba, camiza de panninho desabotoada no pescôço, calça de panno azul com orelha sobre o pé, meias de algodão, botas ou sapatos. Cobre a calva respeitavel com um boné de saragoça de cairel azul desmaiado, vizeira de bezerro crú, e fundo de prato, mas de dimensoens taes, que lhe faz sombra a todo o rosto.

Tal é João José Dias, a quem por filho de um tal Marcellino chamam João Marcellino, e por presumido de sabio appellidam doutor, ao que mofinos accrescentaram *cambada*, por ser este termo em certo tempo o bordão favorito, a que se arrimava em toda a conversação.

— O' doutor Cambada! — gritei eu cá da porta mal a ella cheguei.

— Eh lá! entre — respondeu elle lá da furna da cosinha.

Entrei.

João Marcellino estava a cear, rodeado da familia, a saber, a mulher, a filha, o filho e um neto de quatro annos de idade.

— Olá; antão ind'agora? — disse elle, voltando-se

todo sorrios para mim — 'Stou a cear, em quanto não chega o Anriquinho do Paço, que tamen diche que binha por qui p'ra irmos todos p'ra S. Miguel o Anjo. Bá ũa pinga.

— Obrigado, não bebo. A que horas disse elle que vinha?

— A's cinco. E' cedo p'ra a ceia ([1]), mas antão um home não ha-de ao despois ir desvalitado p'lo jejum.

— Tem razão. Apre com o calor! Está de fazer cahir um homem.

A familia assentiu em côro comigo.

— Callocio! — gritou João Marcellino, zangado da ousadia da familia. Depois voltando-se para mim, continuou:

— Isso antão! Está um calor que desvalita a gente, poem-n'a como cisco. Mas que quer? — accrescentou com ar grave — assim bai o clibio do anno, e assim ha-de ir até ao fim, que a affluencia do plaineta não premette outra coisa.

E depois de esvaziar a bôca de uma enorme garfada de couve gallega e borôa com que a tinha entupida, voltou-se, e disse-me, cerrando um pouco os olhos, e dando ao corpo um certo baloiço importante:

— Senhor, de todos os plainetas que tenho bisto no Lunairo ([2]), aquelle com que zango mais é o plaineta Martle. Inda cando bem junto com Benes, bá; mas cando bem só!... que o leve seiscentos diabos! Or'este é o caso.

([1]) O lavrador do Minho come tres vezes ao dia. Almoça de madrugada uma tigela de caldo, e borôa; merenda ao meio dia uma pouca de borôa e vinho, e ceia ao cahir da noite uma enorme tigela de caldo, vinho e pão. Os mais abastados juntam a isto algum *prezigo*, que consiste em sardinha ou bacalhau, e rarissimas vezes carne e arroz.

([2]) Lunario perpetuo, especie de evangelho astronomico dos aldeãos.

E logo nova garfada.

— Mas dos planetas quaes são os que lhe agradam mais? — disse eu, forcejando por abafar a gargalhada.

— Os plainetas, que som vons, sorn Morcuro, Benes, Soturno, Lũa e outros: mas Martle!... que o leve seiscentos diabos!

Não pude conter a gargalhada, que se disparou atroadora. O doutor lançou-me os olhos de banda, meio sério, meio espantado da minha heresia.

— Ora você sempre está um doutor das duzias, homem — disse eu depois de me rir á vontade — Eu creio tanto no Lunario, como nas historias de lobis-homens e bruxêdos que contam cá pela aldeia. São tolices.

— Tolices! Pois sim, sim; pregunte-o ao seu amigo Fernando — rosnou o doutor a meia voz.

— A Fernando! Pois que tem Fernando com isso?

— Que tem? — replicou elle.

E depois de me fitar um momento, accrescentou em voz baixa, e fazendo com a mão na bôca parede contra a familia.

— Preguntel-o a elle e mains á Maricas barqueira.

Eu fitei João Marcellino, abalado não sei porque.

— Sabe que mais, João — disse eu por fim — não o entendo; mas sempre lhe digo que se ahi ha coisa que deshonre Fernando, tudo isso é mentira.

— Mentira!... — respondeu elle com ares de resentido — mas callocio! — continuou, batendo com a mão na bôca.

Depois olhou com olhos prescrutadores a familia, a vêr se o fitavam, e dando com o filho, com os olhos arregalados n'elle, fazendo ao mesmo tempo desapparecer uma sardinha que tinha sobre uma fatia de borôa,

sem mesmo tocar no pão, gritou com o olhar accendido:

—Perziga [1] rapaz, que eu não te dou mais.

O rapaz baixou os olhos, e Marcellino, crendo-se seguro da curiosidade da familia, decifrou-me assim o enigma:

—Cando o senhor Fernandinho beu de Francia ou não sei d'onde, a Maricas qu'era té hi ũa rapariga munto cabida, que não tinha nada que dizer, appar'ceu namorada [2], e dizem que foi d'elle, e por bruxaria, que elle le fez. E, senhor, só assim, que ella era muito honrada e sobèrba, que não habia nada que dizer. Pois olhe que elle é um fistôr fromidable; não tem torna, qu'é um stavareda [3] do diabo.

As palavras do doutor fizeram-me profundo abalo. Esta aventura amorosa de Fernando causou-me uma sensação desagradavel, pouco ordinaria em coisas tão de rapaz, e tão vulgares em todos os que o foram. Eu era-o então, e bastante.

Do recolhimento abstracto em que me lançou aquella narração, acordou-me então a voz de Josefa, mulher do Marcellino, que dizia:

—Ora ahi 'stá: quem mal usa, mal cuida. Bai-te d'ahi; p'ra que 'stás a pôr a bôcca em quem não sabes... Semilhante home!...

E a mulher accrescentou com a cabeça um aceno reprovador, a filha soltou uma interjeição de desprêso, e o filho, erguendo a cabeça de cima da borôa e da sardinha, acudiu á colligação com um *ih!* significativo de risota.

(1) Come a sardinha e o pão misturado.
(2) Grávida. Mulher namorada é o epitheto mais affrontoso com que se póde apostrophar uma mulher do Minho.
(3) Louco, extravagante, cabeça perdida.

— Callocio! — gritou o Marcellino, revolvendo os olhos sobre a familia revoltada.

Depois virou-se gravemente para mim.

— Senhor — disse elle — esta minha mulher é tola da cabeça, porém é munto fina; mas a mim não me embaça, conheço-a nos ares. Ella quer dizer que eu sou munto suspedor em boa fé, mas eu cá me entendo, que sou munto fino. Ora bem cá, mulher do diabo — continuou elle, voltando-se para a mulher — não te alembras d'aquelle dia em que a Maricas ficou a chorar, e com a cara bromelha de ũa banda, quando sahiu de casa d'ella a senhora D. Emilia, que querem dizer que foi de uma bofetada que ella le deu por bia do senhor Fernandinho? Não te alembras que me dicheste que o biste sahir de casa d'ella, e occurtar-se por traz dos amieiros do rio? E demais — accrescentou, endireitando a cabeça com ares de discursador que arremessa o seu ultimo e irresistivel argumento — de quem querias que fosse o filho? De mim?

— Lebe o démo se o dubido, qu'és muito capaz d'isso — replicou a mulher com ironia.

Marcellino arremessou á mulher um olhar de gravidade offendida, depois voltou-se para mim, e fitou-me orgulhoso de vêr a sua faculdade reproductora publicamente abonada. Então com a modestia de author, a quem elogiaram a obra — modestia virginal, modestia de rosa pudibunda, em fim, modestia de todas as modestias — pôz os olhos radiantes no chão, ou antes na tigella do caldo, e, abanando levemente a cabeça, introduziu por entre os beiços encrespados por um sorriso surrateiro de satisfação, a mais monstruosa garfada de couves, que póde celebrar triumphos d'aquella ordem.

As ultimas palavras de Marcellino tinham-me reve-

lado algumas obscuridades das scenas que no dia antecedente tiveram logar em casa de Luiz de Mendonça. Ali estava a explicação dos ciumes de Emilia, ali a da pressa com que Fernando corria a recompensar uma dureza com uma caricia — e estaria finalmente tambem ali a explicação do constrangimento que havia no trato entre Fernando e Henrique de Mello?

Estas consideraçoens passaram-me de repente pela cabeça. Como não queria ouvir alguma inconveniencia sobre pessoas que estimava, tratei de desviar d'aquelle ponto a conversa, o que fiz da maneira seguinte:

— Então quando manda o seu piqueno para o negocio? — disse eu ao Marcellino, que já sobre aquillo me havia fallado algumas vezes.

O Marcellino poisou sobre a mesa uma infusa de vinho, com a qual empinada estivera alguns minutos observando o espaço, e respondeu com voz lastimosa:

— Eu, senhor, não sei que diga. O negocio não dá nada; bai um home carregado como um jimento, co'as fazendas p'rá Santa Anna [1], e bem de lá sem ter correspondencia de contas! Balha-me Deus! mas infinamente é preciso que bá; assim hei-de bêr se o posso mandar p'ra o anno.

— Mande-o o mais depressa que possa; ainda que para isso faça algum sacrificio, mande-o ganhar a vida. Ou Porto ou Brazil, e sobretudo o Brazil, meu amigo; que se elle fôr esperto e sobretudo audacioso e de consciencia larga, d'aqui a pouco está outra vez de volta. E então vêl'o-ha; vem-lhe por ahi um brazileiro, rico a mais não poder ser, e por consequencia pouco depois terá vm.ce a honra de ser pae de um conde, de um ba-

[1] Feira junto do rio Ave, a legua e meia de Santo Thyrso.

rão, de um fidalgo, ou de um commendador. O caso é ir e arranjar dinheiro, que depois tudo vai ás mil maravilhas. Hoje em dia ninguem pergunta se o fidalgo é filho de um qualquer calças de coiro; o que perguntam, quando o ouvem arremessar basofias em lingua moira e maneiras de bonifrate de praça, é se é rico, se tem dinheiro. Mande-o, mande-o, e desde já o saúdo pae de um futuro barão, e póde tambem ir desde já dispondo os ouvidos para lhe aturar as fanfarronadas fidalgas.

João Marcellino torceu o corpo sobre as costas da cadeira, arregalou os olhos, e assentou sobre a mesa uma punhada tremenda.

— Ora eis-ahi 'stá — exclamou por fim — iss'é que me zanga. Anda um pae a crear um maroto d'um filho, a gastar com elle em escóla, bobida, comida, e bestimenta; impoem-n'o custosamente p'r'o Brazil ou p'r'o Porto, e bae, senhor, bem o bergalhote á terra, poem-le logo um cobilhete ([1]), e o triste do pae come n'uma barreira ([2])! E 'inda bem cando isto é 'sim, que muntas bezes, nem dos paes querem saber, e fingem que os não conhecem, como se por sêrem ricos, já não fossem filhos! Quer o senhor saber? — continuou cada vez mais exaltado — O filho do Antonio moleiro, que beu ha dois annos de Montebedeu, rico como um porco, com licença, foi-le dado o nome de besconde. O pae foi a Lisboa ter co'elle p'ra ber se le dava ũa esmola; bae, senhor, o probe do home chega a Lisboa, e bae ter a casa d'aquelle moinante, que se fosse meu filho daba-le um 'stoiro, e que le ha-de dizer? Manda-le tres cartos d'oiro ([3]), e

([1]) Tigela branca.
([2]) Tigela de barro vermelho.
([3]) Tres mil e seiscentos reis.

diz-le que não torne lá mains, que biesse p'rá terra, senão que o mandaba prender, que o andaba a enbergonhar. E que tal está o bergalhote!

Sorri-me d'aquella innocente indignação, e respondi-lhe:

— O seu não ha-de ser assim, que é bom rapaz. O que elle é, coitado! é fraco de corpo, e parece de pouca saude.

— Isso é berdade! — replicou elle, lançando um olhar doloroso sobre o filho, e estalando a lingua na bôca, n'elle signal evidentissimo de quando lhe custava a fallar — Pois senhor, d'antes não era assim, mas depois que foi assombrado por aquelle maurdito corredor... (1).

— Ahi entra vm.ce com tolices. Qual corredor, nem meio corredor, homem! Aquillo é fraqueza de constituição. Quem acredita em corredores a não ser algum parvo?

— Não? — disse então de lá a filha com ares de ironia offendida — Pois olhe o Zé barbeiro tinha sette filhos machos, e como o mais belho não era padrinho dos outros, foi correr fado. E, coitadinho, se o bisse! mettia dó. Andaba tão marello com'um defuncto, té que morreu, que o probe rapaz não podia co'a penna. Sahia á meia noite da barra, e deixava a roupa n'um carbalho ou n'um telhado, e despois ia-se espojar na cama, com licença, d'aurgum cebado ou jimento, e ia n'aquella fogura correr o fado. E tinha de passar por sette caminhos de carro, sette pontes de rio, e sette portellos de cão, té qu'em fim...

— Calla-te, rapariga, que os da cidade não crêem n'essas coisas — disse então gravemente o doutor — Pois,

(1) Especie de lobishomem.

senhor, eu d'antes tamem era assim, mas despois que fui commettido por um corredor...

—Pois vm.[ce] tambem foi accommettido!... —exclamei eu, soltando uma gargalhada.

—Isso antão foi um passo fromidable—disse o doutor, endireitando-se e já com a imaginação esquentada—eu le conto. Eu 'staba a gardar a lenha que ahi tenho, porque não sei quem m'a binha roubar, e como 'stivesse só, e a hora fosse tarde, puz-me a pensar na morte do meu compadre do Rio, que, Deus le falle n'aurma, morreu bem mal, sem le ir o Senhor (e o Marcellino desbarretou-se), que pensaba eu que não 'staria mal por isso, que era um santo home, mal peccado, e minh'aurma fosse a d'elle. 'Staba eu assim a pensar, cando, aonde, senhor, sinto uma galopada pelo monte arriba, e bai olho, e bejo no monte um cão negro grande, e mal o bejo lá, e já elle zape em riba de mim. Eu ergo-me, e arremeço-le, zas, zas, e bae elle desanda pelo Carral abaixo, e desappar'ceu com todos os diabos. E que tal estebe a festa?

—Ora adeus; isso era algum cão com fome que o mêdo lhe fez tomar por cousa má.

—Medo! Eu não tenho medo de nada—disse o doutor, endireitando-se com soberania—e mains eu que me tenho bisto n'ellas boas.

Assim dizendo, o doutor, fiel ás regras da civilidade minhota, limpou o garfo com que acabava de comer ao panno que servia de toalha, poisou-o, e voltando-se para mim, disse-me depois de um momento de intimo recolhimento:

—N'este caso o senhor não acredita tambem nos tesoiros encantados dos moiros?

— A fallar-lhe com franqueza creio n'elles tanto como nos corredores.

— Antão p'ra que bem comnosco? — disse o doutor, empertigando-se triumphantemente.

— Vou para vêr uma coisa, uma asneira que nunca vi; vou por curiosidade.

O doutor encolheu os hombros, e disse-me com ares de compaixão:

— Ora, senhor, s'outro o dichesse, bá; mas um home que anda em Coimbra!... Pois olhe, é tão certo como nós estarmos aqui, que eu já assisti a uma chamada d'essas, que não é só ir p'lo libro cabar no monte, como bamos agora, mas foi bir ali o diabo em corpo e aurma.

— O livro? Mas de que livro falla vm.ce?

— O libro dos tesoiros que é munto meu, que me custou o meu dinheiro, pois o mandei copiar d'outro d'um padre de Lamego, o qual não dou por vinte moêdas. Pois olhe que o Zé d'Aurdea já me daba bem vom dinheiro por elle. Caçára eu cá o libro de S. Cypriano da espada preta, que traz o modo do desencantamento, e outro gallo me cantára. Assim este não bale, senão p'ra se saber os logares, mas da bez que lhe diche não foi.

— Então como foi isso? conte lá.

— Essa antão, meu amiguinho, foi seria — respondeu elle — foi de cabo de esquadra, o padre não cae n'outra; pois olhe que era destemido e não muito christão. Eu le conto. Habia no logar de Biraens, freguezia de Roriz, um penedo, tocando como um zabumba, em cujo habia um deposito que se jurgaba de moiros. Aonde houverom uns indibiduos que quizerom fazer ũa chamada por Luçufé, p'ra que lhe entregasse o tesoiro. Mas p'ra isso era necessario muitas coisas que só com munto custo podiam arranjar-se. Mas por fim sempre as arranja-

ram, e foram sete tochas das que allumearam nas Endoenças, e nobe prégos de caixão de anjinho macho, mas faurtaba o home p'ra ir na manhã de S. João, antes de nascer o sol, cortar a bara de abeleira p'ra fustigar o demonio no acto da chamada, pois que, senhor, ninguem q'ria ir porqu'era preciso jejũar oito dias a pão e auga, fazendo no fim de cada comida oração ao demonio. Mas profim sempre s'achou um tal que por um cantro de binho e ũa moêda, o fez. Mas o senhor está-se a rir? — disse elle interrompendo-se.

— Ó homem, ainda vm.ce mais dirá! Não vê que estou sério que nem uma imagem?

Marcellino abanou desconfiado a cabeça, e disse-me:

— Pois olhe que é como le digo, senão progunte ao bendeiro de Lobasim, que foi um dos da chamada. Mas logo, meu amiguinho — continuou reanimando-se — logo no acto de cortar a bara o caso 'stebe de ser mais serio despois. 'Stando, assim como diche, o home em riba da abeleira, l'appar'ceu um meurro preto em tanta festa com elle, que foi ũa festa de riso, pois que o meurro binha poisar-le n'ũa orelha, e elle ia trape (aqui o doutor sacudiu com a mão a orelha direita) logo p'r'a outra, e elle trape, trape (aqui sacudiu-as ambas) engadilhando-se-le na cabeça e na cara com grande cantada, e jurgou-se ser coisa do diabo, pois elle que saurtou abaixo, desappar'ceu o meurro, e deu um redemoinho n'um saurgueiro, onde o pôz em canhotos. Ora diga que se não está a rir? — accrescentou com enfado o doutor, ouvindo a gargalhada estrepitosa que não pude abafar.

— Pois a fallar a verdade, se vm.ce quer que me não ria, ouvindo-lhe tamanha tolice...

— Stá bô, stá. Antão é 'scusado contar mains.

— Não, homem, diga; gosto de saber tudo.

— Ora adeus — replicou elle com ares de ironia offendida.

— Diga para diante; ande, conte.

Marcellino continuou então a narração, mas com frieza e sem enthusiasmo, o qual o retomou brevemente, mal relatou os primeiros episodios.

— Aurcançada e prompta a bara e tudo mais — disse elle pois — fomos p'ra o dito sitio, junto do rio Bizella, aonde os dois homes ficaram co padre co'as tochas accêsas na mão, e nós outros escondidos traz de ũa parede, mas ouvimos tudo. Logo fizerom um S. Solimão todo em vorta de tiras de pergaminho, pregadas na terra co'os pregos do caixão, aonde habia um caminho p'ra entrar o demonio, e no cabo um fogareiro e n'elle a arder carbão de saurgueiro, onde o padre mettia a barinha da abeleira p'ra refugentar o diabo, e n'elle staba tamem mettido um cutello d'aço, bortado lá p'ra fóra, p'r'o demonio. Bae, senhor, 'stando o padre mettido no S. Solimão, e os homes das tochas co'elle, o padre puxando pelo seu libro, e co'a bara da abeleira na mão, começou a chamar p'lo diabo. Antão alevantou-se tamanho terremoto a distancia de ũa legua a bir p'ra o sitio, e ao mesmo tempo entrou p'la quelha, que tinha o S. Solimão, até o meio, que não chegaba ao padre, pois que 'staba distante, que o S. Solimão era comprido e aurto, um abejão, onde o padre ficou atormentado e p'ra fugir. E de certo fugira, meu amiguinho, que o negocio era triste, mas os homes que erom destemidos inda mais do que elle, deitarom-le a mão, e dicherom que lêsse p'ra ali, senão ficaba no sitio. E o horror...

— Qual horror?

— O horror, o pantasma, o abejão...

— Ah! já sei.

— E o horror continuaba sempre — proseguiu João Marcellino — pois em canto o padre não esconjurou o demonio, continuou sempre; e fez-se negro como um abejoiro, e d'antes estaba estrellado. Antão o padre tornou a repetir segunda bez, e pro fim entrou berrando que morria ali se o não largabam. Os homes, bendo que o padre estaba sem juizo de calidade nenhũa, desampararom-n'o, e elle, p'ra sahir do sitio, esconjurou o demonio, e, logo que o esconjurou, desappar'ceu a sombra e o terremoto, e no acto de desappar'cer o somblante, um penedo despediu com grande estrondo p'r'o rio.

João Marcellino chegava aqui, quando nova gargalhada me estoirou pelos labios fóra, e feriu de repellão o bom do homem. Aquella foi de certo a gargalhada mais inconveniente que tenho dado em toda a minha vida. João Marcellino, com a imaginação inflammada pelo fogo da narração e demais pelo terror que lhe infundiam as proprias crenças que tinha, havia chegado áquelle estado de intima convicção, em que a duvida alheia é peor que uma bofetada, estoirando em cheio nas faces. O doutor Cambada mediu-me portanto carregado e sinistro, e não sei até onde o levaria a minha desgraçada gargalhada, quando um assobio soou no alto do monte, que interrompeu felizmente o accidente.

N'aquelle assobio reconheci logo o signal que Henrique usava na caça; tirei do correão o apito, e correspondi-lhe com outro. Alguns minutos depois Henrique entrou em casa do doutor.

— Já pensava que não vinhas — disse eu, para dizer alguma coisa.

— São exactamente cinco horas — disse elle consultando o relogio — mas nada de demoras. Sei que os nossos amigos vem esperar-nos ao açude da Corredoira; é

dever nosso não lhes fazer perder a paciencia. Andem d'ahi; não podemos demorar-nos.

— Pro mim não hão-de esperar — disse o Marcellino, pondo-se de pé.

Dirigiu-se então ao quarto, onde elle e toda a familia dormia, e que ficava a distancia do cortelho, que servia de cosinha. No meio, porém, do caminho parou, e pôz-se a pensar um pouco como quem coordenava recommendaçoens que tinha a fazer. Por fim fallou.

— Zefa — disse elle á mulher — tu ámanhã bais á feira?

— E logo de manhãsinha — respondeu ella — que tenho muito que negociar.

— Ora bem — replicou elle tomando um aspecto authorisado, e esfregando as mãos uma na outra — Mulher, bê lá o que fazes; leva os aurfinetes aos tendeiros, mas não te apresses a bendêl-os, senom tempo perdido, que nom tiras lucro. Nom bás muinto depressa p'lo caminho, que 'stá um sol de esmechar, e pódes aurcançar aurgumas maleitas, e sobre tudo te recomendo que não passes por lá fomes. Sabes que eu zango d'isso; leba dinheiro...

— P'ra que? p'ra que? — interrompeu a mulher com ares de revolucionada — pensas que sou como tu? Se todos assim fossem comiloens, estabamos abiados. Não preciso lebar dinheiro, que benho merendar a casa.

João Marcellino deu dois passos para traz, com aspecto de espanto por vêr a sua authoridade offendida.

— O' diabo de mulher — exclamou elle emfim, batendo com o pé no chão — pois não ha-des lebar dinheiro, sequer p'ra ũa pinga! Ora bem cá, besta; se te dá ũa dôr, e não lebas dinheiro p'ra te corresponderes,

qu' ha-des fazer? Tenho dito; não quero toledos em minha casa, leba dinheiro.

A mulher carregou as sobrancelhas.

— Deixe-a lá — disse então Henrique para atalhar a reacção que se preparava medonha — ande, arranje-se para partirmos. Se ella não quer levar dinheiro, tanto melhor; mais lhe fica. Se lhe fôr preciso algum, sempre por lá ha-de achar algum conhecido.

— Mas p'ra que, senhor? — replicou o doutor — se ella o póde lebar de casa. E ademais que faça o que eu mando.

E logo voltando-se para a mulher, accrescentou em tom sentencioso e de authoridade.

— Eba diche a Adão no paraizo — tu és carne dos meus ossos... ou não sei que. D'antes — continuou voltando-se para nós — eu lia por hi munto; agora caijo que não sei lêr, mas tenho 'inda bertiges d'estas historias. Assim, senhor...

— Ande, ande d'ahi, que se faz tarde.

Marcellino lançou sobre a mulher um olhar fulminante, e logo mergulhou-se no escuro do cortelho. Vimol-o em breve apparecer armado do enorme boné de cabo de policia — vimol-o profundar de novo nas trevas da pocilga em busca de um pau que levasse na mão — assomou novamente á porta, e novamente se arremessou para dentro em busca do livro dos tesoiros. Desembaraçado por fim de todos os descuidos e de todas as necessidades, pôz-se a caminho comnosco.

E aqui, leitor amigo, dou eu um salto por cima da scena de desencantamento que nada teve de notavel, pois que tudo se reduziu a cavar montes, e ponho-te a caminhar comnosco de volta do sitio, tão enfastiado e maldizendo este capitulo, como a toleima que nos tinha feito

passar sem graça uma má noite, e agora nos fazia soffrer ás onze horas da manhã todos os rigores de um sol de *esmechar*, como dizia o Marcellino, e o disse tambem algures o nosso doce e ameno Sannazarro, Francisco Rodrigues Lobo.

Eramos cinco.

Eu (primeira pessoa de todas as conjugaçoens, e por isso com direito grammatical ao primeiro logar d'esta lista).

Fernando de Noronha,

Henrique de Mello,

Alfredo de Mendonça,

Estevão de Mendonça — e

Eugenio, alferes de um dos regimentos do Porto, agora de licença em casa de Luiz de Mendonça, de quem era sobrinho. Eugenio era um rapaz elegante, extravagante e de cabeça leve a mais não poder ser. Um d'estes homens, a quem nada é capaz de fazer triste, que acham prazer em tudo, tiram partido de tudo, e por instincto arrastam tudo para a galhofa. Era valente, espirituoso, e nas suas façanhas de cabeça airada dispunha-as sempre com tal comico, que fazia rir ainda os mais apostados a com elle se zangar.

Eram pois onze horas da manhã, quando descemos o monte em direcção á Corredoira, com tenção de tomarmos o caminho de Taínde, onde concordamos jantar em casa de Fernando.

IV.

E aqui começa verdadeiramente a minha historia, leitor; a historia que te ha-de interessar, o romance, a novella, ou o que é.

Descemos pois o monte, e em breve chegamos ao açude da Corredoira, acompanhados sempre pelas momices estrepitosas de Eugenio, que apesar da calma, que queimava verdadeiramente, não cessava de mostrar, como militar que era, que nada o incommodava.

Passamos o açude em fileira, que de outra sorte se não póde passar pelo cimo d'essas muralhas, com que os aldeoens, para represar as aguas nos sitios das azenhas, tornam os rios innavegaveis. Fernando ia na nossa frente, logo apoz Henrique, e Alberto — Estevão, Eugenio, e eu, em ultimo lugar d'esta vez.

Do açude descemos em breve para uma especie de quelha, que sahe para um largo, que pela direita dá para um pinheiral, por entre o qual vai o travesso, que conduz á estrada de Guimarães, e pela esquerda para a encosta que pelo monte fronteiro conduz a casa de Fernando.

Como disse, eu ia atráz de todos, por conseguinte fui o ultimo que desci do açude e entrei na quelha.

Quando entrei, vi os meus companheiros parados,

mudos, como se alguma coisa temerosa lhes impedisse a passagem.

Olhei, e, na extremidade da quelha, vi, sentada sobre um piqueno combro que dava para o largo, uma mulher com uma criança, ao muito de tres annos, nos braços.

Era formosa — os cabellos pretos recortavam-se luzidios sobre uma fronte graciosamente nobre, meia escondida por um lenço, que á moda da terra tinha atado como barrete sobre a parte posterior da cabeça, os olhos pretos eram cheios de um sentimento vivissimo, a pelle era alva e delicada e a bôca de uma piquenez admiravel, cortada em dois lindos beiços de carmim. As mãos eram piquenissimas, e os pés calçados n'uns sapatos grossos mas muito bem feitos, nada desdiziam d'elles. Vestia ao uso da terra.

Vi, pois, a linda rapariga, e fiquei admirado da estranha timidez dos meus companheiros; voltei-me para o dizer — e calei-me estupefacto.

Fernando, que estava na frente, parecia fascinado pela linda menina. Com as faces descoradas d'essa pallidez, que indica a alma aterrada, tinha fitos n'ella os olhos, onde brilhava o receio.

Henrique, com o braço encostado sobre a bôca da espingarda, que tinha poisada no chão, erguia-se no meio d'esta scena com a sua costumada impassibilidade severa: — as feiçoens, porém, estavam mais que usualmente pallidas.

Em Alberto retratava-se uma vivissima expressão de dôr. Estevão olhava para tudo com ar estupidamente insolente.

Eugenio estava tambem pallido, e deixava vêr certa impressão dolorosa, atravez da qual se reflectia o instin-

cto violento, que o estava impellindo a quanto antes sahir de uma scena, que bem pouco se coadunava com elle.

Olhei pois para todos — admirado, mas ao mesmo passo com certa inquietação. Antevia instinctivamente alguma scena desagradavel.

Com effeito, poucos momentos passados, a linda menina desceu para a bôca da quelha; e quebrando o silencio, dirigiu-se a Fernando em voz sonora, mas vibrante de certa expressão dolorosissima.

— Senhor Fernando — disse ella — sabia que passaria aqui com os seus amigos — nossos companheiros de infancia, — por isso é que o vim esperar, para pela ultima vez lhe pedir a esmola (e accentuou esta palavra com certa inflexão orgulhosa) de me dar os meios de sustentar seu filho.

Ella parou por um pouco; uma lagrima assomou-lhe rapidamente nos olhos — lagrima tão furtiva, tão rapidamente abafada, que mal teve tempo de apparecer e fugir.

Logo continuou: —

— A minha resolução está tomada; não posso morrer de fome, nem deixar morrer meu filho. Sou nova, não irei mendigar o pão pelas portas para o alimentar; e Deus fez-me muito orgulhosa para recorrer a quem de nada me seja devedor. Não lhe venho pedir o cumprimento da sua promessa; bem sei que o nobre fidalgo mentia á pobre engeitada, quando, para a enganar, lh'a repetia entre palavras de mentida esperança. Já então não acreditava n'ella, mas eu... venho só pedir pão para meu filho, e que elle não fique exposto a amaldiçoar um dia a mãe que lhe deu o ser. Tenho direito a isto, e é o que tenho exigido até hoje. Pela ultima vez, senhor Fernando, quer tomar conta de seu filho?

Fernando estava completamente commovido. Estevão tinha-se porém collocado ao lado d'elle, e com uma expressão de ferocidade brutal a reluzir-lhe nos olhos, retorcia vagarosamente o immenso bigode ruivo, olhando fitamente o primo. Parecia aguardar a resposta d'este, do homem a cuja mão sua irmã tinha direito, para arrebentar ou deixar passar a tormenta. Fernando fitou os olhos n'elle, e o rosto mudou-lhe completamente.

— Meu filho! — disse então, soltando uma gargalhada cheia de escarneo.

— Filho! — eccoou Estevão, de todo desassombrado, — filho!!...

E logo fez ouvir tambem uma risada cheia de escarneo pungentissimo.

A linda menina lançou sobre Estevão um olhar do mais soberano desprezo. Depois, voltando-se para Fernando, com o rosto incendiado de toda a cólera que sentia a sua alma tão generosa e agora tão vilmente offendida, exclamou com nobre indignação:

— Ousas duvidal-o? Fernando de Noronha, desvendaste-me de todo. Pensava ter amado um homem, cuja alma nobre e elevada tinha só o defeito de não ser sufficientemente forte para resistir aos preconceitos sociaes. Hoje conheço-te melhor; fazes-me envergonhar de mim mesmo, fazes com que eu propria ache bem merecido o desprezo, com que tenho sido tratada por ceder ás tuas palavras, com que eu propria me despreze — eu que até agora tenho olhado orgulhosa para todos, porque o meu amor foi santo e desinteressado, porque não tinha visto em ti o morgado de Taínde, mas o homem para quem me via arrastada por uma attracção fatal e irresistivel de amor. Homem vil, homem covarde, que assim affrontas uma desgraçada, que não tem pae que a defenda, não

era assim que te rias, quando vil e covardemente me enganavas, quando te não pejavas de levar a seducção á alma da pobre e desgraçada orphã, que tua mãe chamava filha, e tu devias respeitar como irmã. E agora ousas negar que o meu filho seja teu! ousas chamar-me prostituta!!... tu que me impelliste para a deshonra, tu que me enganaste!

De repente parou; no rosto passou-lhe o mais vivo reflexo de um arrependimento doloroso, os lindos olhos cubriram-se-lhe de lagrimas, cahio de joelhos, e estendendo os braços para Fernando, exclamou mostrando-lhe o filho:

— Perdão, perdão... para o teu filho!

Fernando commoveu-se, pareceu-me até que fez um movimento para correr para ella: mas Estevão lá estava, com a mesma ferocidade nas faces, olhando-o com o mesmo olhar de raiva concentrada.

Como da primeira vez Fernando mudou rapidamente; então com uma brutalidade que lhe era pouco usual, caminhou direito para a frente, e exclamou:

— Que me importa com essa criança? Não é meu filho.

Vi estremecer Henrique; nas faces passou-lhe um lampejo rapido, mas bem pronunciado, da alma agitada pela mais profunda cólera.

Maria levantou-se; — quando Fernando ia a passar por ella, poz-lhe a mão no peito, e elle recuou uns poucos de passos atraz.

— Vil! vil! vil! — bradou ella em voz abafada — é... é teu filho. Homem sem alma, deshonra da tua familia, arrastaste-me ao crime, e agora tratas-me assim! Pois bem; ahi te fica teu filho, abandonado por mim, que não posso mais tempo guardal-o, e eu... eu vou fa-

zer certo o que me chamas, vou vender o corpo para poder viver, e quando um dia a minha alma apparecer denegrida pelo crime diante do throno de Deus, apontarei para ti, e bradarei: — Eis a causa dos meus crimes. E lá hão-de fazer justiça, e lá, homem traiçoeiro, tu serás condemnado. Oh! se teu pae vivesse, e tua mãe que tanto me amava, gritar-te-iam como eu agora: — maldito tu sejas, que sem honra e traiçoeiramente injurias a victima da tua alma deshonrada. Maldito tu sejas; e que na hora extrema sintas o remorso torturar-te; que não possas morrer sem o meu perdão, que nem mesmo então te hei-de perdoar.

Assim dizendo, pegou no filho nos braços, beijou-o freneticamente, depois largou-o no chão, e tomando pelo pinheiral, desappareceu em direcção á estrada de Guimarães.

Fernando tinha inteiramente succumbido, e olhava o filho com os olhos cheios de lagrimas. Um — «obrigado» — meio escarnecedor e soltado a meia voz por Estevão fêl-o completamente mudar. Passou ávante, por junto do filho, sem mesmo pôr os olhos n'elle.

A face de Henrique, de pallida que estava, cubriu-se rapidamente de um livido esverdeado. Dos labios sahiu-lhe um rugido abafado, e com os punhos cerrados e os labios entreabertos dirigiu-se a Fernando com a expressão da maior ferocidade.

Estevão, que estava junto d'elle, pareceu aterrar-se um pouco, mas logo firmou-se sobre as robustas pernas, e com os braços estendidos para Henrique, mostrou-se decidido a defender Fernando.

Ao passar pelo filho de Maria, Henrique parou; no rosto de Fernando luzia, não o mêdo, mas a mais viva expressão de dôr. O rosto de Henrique mudou-se rapi-

damente para a sua impassibilidade ordinaria; tomou a criança nos braços, e a passo largo passou por entre nós, dizendo:

— Pobre criança! nem por isso ficarás sem pai.

Surprehendidos por este acto de tanta nobreza e sentimento, todos nós ficamos mudos, e como contemplando-o — elle, sempre a passo cheio, tomou pela encosta acima, e logo desappareceu no caminho, que levava para sua casa.

Olhei em derredor de mim; Alberto tinha tambem desapparecido.

Puzemo-nos então, os quatro, a caminho.

Eu ia profundamente commovido, e todos guardavamos o mais profundo silencio. Mal chegamos ao alto da encosta, pretextei uma dôr de cabeca, e em vez de seguir o caminho da casa de Fernando, segui aquelle por onde desapparecera Henrique, e que tambem conduzia a minha casa.

Ao chegar a uma clareira no alto do monte, ouvi gritos informes e atroadores, que me pareceram de cançoens extravagantes. Olhei, e vi a atravessar o valle Fernando, Eugenio, e Estevão, que eram os que os saltavam.

Fernando cantava depois da scena que acabava de acontecer! — quando poucos minutos havia, vira correr á prostituição a mulher que tão vilmente abandonára!

Ha certa gente para quem nada existe no mundo além da sua individualidade.

O caracter de Fernando estava inteiramente perdido para mim.

Era homem sem honra, que negava vilmente a palavra, que déra a uma mulher.

Era homem sem alma, que escarnecia da dôr que elle proprio havia causado.

Era homem covarde, que abafára com mêdo das forças brutaes de Estevão esses restos de sentimento que ainda parecia alimentar.

O leitor verá, como eu que *não sou nada* voluvel, mudei depois tambem de opinião.

Antes de fechar este capitulo resta-me dizer duas palavras sobre o incidente, que deve ter impressionado quem o lêr, como na primeira occasião me impressionou a mim — que Maria, sendo uma rapariga da aldeia, fallasse tão cultamente.

Espere o leitor um pouco, que se tiver a paciencia de continuar a lêr este diario, achará n'elle a explicação, mais natural possivel, de uma cousa que tão phenomenal lhe parece agora.

V.

A scena que descrevi no capitulo passado, tinha-me vivamente impressionado.

Pretendia achar uma explicação, não da causa que a tinha produzido, que essa via eu claramente no proceder pouco cavalheiroso de Fernando; mas sim das differentes oscillaçoens do espirito de Henrique, e d'essa cólera violenta que o havia agitado, e que elle tanto se esforçára por occultar — elle, cuja alma tão nobre e tão franca jámais eu vira recear-se de fazer patente o que sentia, por mais desagradavel que fosse a ideia á pessoa que lh'a houvesse suscitado.

Havia ahi alguma cousa mysteriosa, occulta, e que eu não podia attingir. Demais custava-me a desprender-me do conceito que tinha feito em outro tempo de Fernando; custava-me fazêl-o passar no meu espirito do logar elevado, onde o collocára antes, ao tão baixo e rasteiro, para onde o seu proceder de ha pouco o havia impellido.

Resolvi-me pois a fazer todas as indagaçoens possiveis, que me podessem alumiar por entre as escuras trevas d'este mysterio, que me torturava, e me sobresaltava, pois envolvia em si pessoas que realmente estimava.

A primeira ideia foi correr a casa de Henrique; elle, que era tão meu amigo, e que tinha uma tão nobre franqueza de caracter, tudo me explicaria. Cheguei até a pe-

gar no chapéu para lá ir n'essa mesma tarde, mas considerando, que depois do facto, que tivera lugar, e em que o seu espirito padecêra tão violentamente, carecia de estar só para o socegar; considerando, que era bem pouco cavalheiro ir avivar-lhe a scena para elle tão dolorosa, quando ainda tão poucas horas havia que tivera logar, resolvi-me a guardar para o dia seguinte a minha visita, e gastar essa tarde em colher pelos aldeoens alguns esclarecimentos, se os pudessem dar, que me elucidassem, ainda que pouco fosse, sobre os factos que acabava de vêr.

Nada colhi; apenas me disseram, que Maria era uma engeitada, que tinha sido creada pela antiga barqueira do Ave, e que o *senhor Fernando*, depois que viera *de França*, a tinha *namorado* (1).

Com estes esclarecimentos bem vê o leitor, que não fiquei mais socegado do que estava. Isso, ou pouco menos, já eu sabia.

No dia seguinte almocei mais cedo, accendi um charuto, tomei um grande pau de carvalho, e puz-me a caminho para casa de Henrique, prevenindo que não viria jantar a casa. Um pau é um companheiro necessario e indispensavel, para quem caminha a pé pelas aldeias; serve para arredar os cães, passar os *portêllos*, saltar os ribeiros e mesmo dá certa auctoridade a um homem, certo ar de respeitabilidade, que tão instinctivamente reconhecem os aldeoens do Minho, que, se vêem alguem caminhar sem pau, torcem-lhe com deprêso a cara, e julgam-no logo homem de pouco mais ou menos, e por muito favor um *estavareda* (2).

(1) Seduzido. Os aldeoens do Minho chamam mulher *namorada* a que tem filhos em quanto solteira.
(2) Extravagante, doido.

Armado pois d'este necessarissimo accessorio da minha individualidade campestre, puz-me a caminho para casa de Henrique. Como apenas dista um quarto de legua da minha, e eu ando soffrivelmente, e demais ia picado pela curiosidade, cheguei lá um quarto de hora depois de sahir de casa.

Permitta-me o leitor que, antes de entrar, lhe esboce mais distinctamente este homem de caracter tão recto e severo, de uma alma tão nobre e tão elevada, de principios tão justos, e tão restrictamente guardados — d'este rapaz finalmente, que pela sua sisudez e palavras cheias de auctoridade era por todos attendido como um velho, que tivesse occupado no mundo uma das primeiras posiçoens sociaes, e a quem a experiencia tivesse dado um saber, que os gestos e a figura veneranda tornavam respeitavel.

Duas palavras, pois, sobre a sua familia, e sobre a educação, que lhe deram, e que tanto influiu no seu caracter.

Francisco de Mello, seu pai, era um d'estes homens, a quem a natureza deu uma têmpera de ferro, uma coragem excessiva, e uma energia indomavel, de mistura com a sensibilidade de uma mulher, com uma excessiva bondade, e delicadeza seductora de maneiras não estudadas, não alcançadas á força de calculo, mas onde á primeira vista se conhece a natureza.

Quando Portugal se armou contra o exercito, com que Napoleão o mandára invadir por Massena, Francisco de Mello, apesar de seu pai não consentir que elle, filho unico e morgado, fosse expôr-se ás balas francezas, fugiu para o exercito, e alistou-se. O pai, avaliando mais tarde a nobre conducta do mancebo, fel-o reconhecer cadete, e até muito em breve lhe alcançou a patente de al-

feres. Quando a guerra acabou, Mello já era major de um regimento de cavallaria, e senhor do seu morgado. O pai morrêra, havia um anno. Casou então com uma irmã do pai de Fernando, que amava desde a infancia.

Liberal de convicção e por instincto, Francisco de Mello tinha-se empenhado em todas as luctas, que a favor da liberdade se travaram em Portugal; tinha emigrado, tinha sido um dos defensores da Ilha Terceira, e fizera por ultimo toda a campanha do Porto. Prevendo as desairosas contendas, que apoz a victoria se seguiriam, pediu logo depois da morte de D. Pedro a sua reforma, e recolheu-se á sua casa do Minho, a tratar da educação de seu filho.

Francisco de Mello trouxe comsigo o seu camarada; o homem, que, desde que elle entrára para o exercito, o acompanhou sempre, e fôra-lhe em todas as occasioens amigo fiel e dedicado.

Manoel é filho de um caseiro do avô de Henrique. Tinha pouco mais ou menos a idade do pae d'este, e assentára praça na mesma occasião que elle.

E' o typo verdadeiro do soldado velho, rude e franco, e de um rigorismo mathematico no cumprimento das suas obrigaçoens. A sua coragem, ajudada de uma força prodigiosa, bem abonada pela figura gigantesca, tinha sido sempre estimada como modelo no regimento de cavallaria a que pertencêra, e ainda muitas vezes por todo o exercito. Para elle parecia não existir o mêdo; dotado de uma admiravel impassibilidade de espirito, metteria sem pestanejar ou mesmo sem fazer a menor consideração, o cavallo, se assim os seus superiores lh'o ordenassem, direito a trinta peças de metralha, da mesma fórma e com a mesma placidez de espirito, com que esvazearia uma garrafa de vinho do Porto, ou mesmo de

vinho verde do Minho. Entretanto que fôra soldado, nunca faltára ao cuidadoso tratamento das suas armas e cavallo; de prestar ao seu commandante, de que era camarada, todos os cuidados de amigo; e de fazer todo o serviço do regimento, que lhe pertencia, ainda que d'elle o isemptasse a sua qualidade de camarada. Depois que Francisco de Mello se recolheu reformado, o veterano não mudou um só ponto os seus antigos costumes. Levantava-se rigorosamente á hora em que o faziam levantar no regimento, ia presidir ao tratamento dos cavallos, dos quaes tinha reservado para seu cuidado particular aquelle, em que o amo montava em quanto militar, e como Mello o tinha nomeado seu mordomo, empregava depois toda a sua intellectualidade em trazer debaixo da mais rigorosa disciplina a casa de seu amo. A casa de Francisco de Mello era um verdadeiro quartel de tropa; tal era a rigorosa disciplina em que Manoel a trazia, que até o proprio coronel, — posto, em que o veterano, apesar de saber que seu amo estava reformado em brigadeiro, continuava por um certo habito a conserval-o teimosamente — o proprio dono da casa e seu filho andavam a ella sujeitos.

Sob a influencia d'estes dois caracteres tão nobres e tão generosamente severos, bem se póde calcular qual devia ser a tendencia que o genio de Henrique, naturalmente austero e rigorista, devia tomar.

Mello, que recebêra do pae uma educação completa, encarregou-se de ensinar a seu filho tudo quanto constitue um perfeito cavalheiro, e de incitar n'elle a maior generosidade e nobreza d'alma. Presidia-lhe aos estudos, ensinando-lhe com o exemplo as maneiras mais affaveis e delicadas, e como o seu caracter era naturalmente dotado de um sentimento delicadissimo, de uma

extraordinaria poesia de coração, esforçava-se tambem para n'elle fazer enraizar esse instincto de dedicação pura e sublime, que conhecia haver no coração de seu filho para a mulher, que um dia houvesse de amar. Ao mesmo passo apresentava-lhe o exemplo das suas acçoens sempre severas e cavalheirescas, em tudo que tocava com a honra.

Manoel incumbira-se da outra parte da educação de Henrique.

Ensinava-lhe a despresar o perigo, a olhar com placidez todas as difficuldades da vida, a julgar possiveis até os mesmos impossiveis, quando a honra lhe ordenasse vencêl-os, a montar a cavallo, a atirar á pistola, e como entendia que seu amo faria do filho um soldado, ensinou-lhe de antemão o exercicio, tanto de cavallaria como de infanteria, que optimamente sabia. O seu caracter rude e severo, o seu modo de fallar sempre decidido, mas franco e leal, influenciaram tambem muito em Henrique.

Já se vê pois, que educado por estes dous homens, o caracter de Henrique, ainda que naturalmente não tirasse ao mesmo ponto, sempre viria a ser o que é, de um extraordinario cavalheirismo, de uma generosidade sem limites, severo, mas ao mesmo tempo delicado, radioso, finalmente, da mais poetica e mais sublime inspiração de sentimento.

A familia de Henrique, depois da morte do pae, compunha-se de seis pessoas, um cão, e tres cavallos. A saber : —

Elle e Manoel, que depois da morte do seu coronel, unica occasião em que lhe viram cahir as lagrimas, e depois adoecer a ponto de ter sido sacramentado, havia voltado para Henrique todo o amor que tinha áquelle : um

cosinheiro taciturno e de tão poucas palavras, que passava dias que não abria a bôca senão para comer, beber e bocejar, e dous criados de cavalhariça, caracteres tão oppostos ao do cosinheiro, que passavam dias que não fechavam a bôca, pois que até dormiam com ella aberta.

Dois cavallos espanhoes e um hanoveriano; e Ziska, formoso cão da Terra-Nova, preto como o azeviche, membrudo como um toiro, e intelligente como um Salomão: — eis a familia de Henrique.

Quando cheguei a casa d'elle eram onze horas da manhã; bati ao portão, e pouco tempo depois senti passos em direcção á porta.

Esta abriu-se, e Manoel, de boné militar na cabeça, posto com todo o catitismo, vestido com uma jaqueta, que apesar do calor, era de panno e abotoada de alto a baixo, de calças brancas e botins cuidadosamente lustrados, appareceu diante de mim.

Manoel sabia que seu amo era meu intimo amigo, e, como estava inteiramente convencido da verdade dos adagios, e sabia de cór e argumentado aquelle que diz: «Os amigos dos nossos amigos, nossos amigos são», tratava-me tambem com particular amizade.

Mal me viu, no rosto retratou-se-lhe sincera alegria.

— Oh! — disse elle, levando a mão ao boné, e fazendo-me uma continencia metade civil e metade militar — até que emfim appareceu. Pensava que tinha morrido, ou que lhe tinhamos feito mal. Ha mais de oito dias que por cá não veio.

Estendi a mão ao veterano.

— A culpa não é minha, meu caro Manoel — respondi eu — bem sabe que nunca esqueço os amigos; mas tenho tido muito que fazer. Ainda hontem eu e Henrique andamos por montes e valles em busca não sei de

que; ora bem vê que isto sempre gasta tempo, e como o meu caro veterano não me quer honrar a casa, é a razão porque não nos vêmos mais vezes. Mas como está o senhor Henrique?

Uma ligeira impressão de tristeza passou pelo rosto do soldado.

— A esse respeito não sei que lhe diga, senhor — respondeu elle. — Hontem, quando veio de fóra, trazia nos braços um menino; entrou, e disse-me que o tratasse como se fôra seu filho; jantou com elle ao lado, tratando-o com o maior desvelo, depois entregou-m'o, e sahiu a passear.

— A' noite quando entrou vinha muito pállido, fechou-se no quarto, e ás dez horas chamou-me, e tomou o menino, dizendo que se ia deitar. Até á meia noite houve profundo silencio, mas á uma hora acordei pelo violento arredar de uma cadeira no quarto d'elle, pois que no meu, como está por debaixo, sente-se o menor barulho. Senti-o passear muito além das quatro horas, e se não fui saber o que era, é que elle tem expressamente prohibido que o vão perturbar de noite. Diz que gosta então de escrever. Apesar de dizer o contrario, parece-me que passou bem mal a noite. Pobre filho! que terá elle?

— Não tenha receio, Manoel — respondi-lhe eu — não ha-de ser nada, qualquer ligeiro incommodo. Mas elle acolá está, vou saber o que foi.

Henrique andava passeando debaixo de uma ramada, que guarnece as paredes do vasto jardim, que lhe circunda a casa. Exactamente na metade do muro, em que ella se firma sobre piquenos pilares de pedra lavrada, ha um mirante, que dá sobre um formoso largo, todo assombrado de altos e frondosos castanheiros. So-

bre um dos assentos do mirante estava um livro aberto, e n'um degrau, que para elle se sobe, estava sentado o filho de Maria, brincando com não sei que diche, e entoando com o encantador descuido das crianças uma toadilha de expressão tão innocente como elle. Muitas vezes Henrique, ao passar, parava, e contemplava-o um pouco; então um sorriso — permitta-se-me a expressão — de uma alegria triste roçava-lhe quasi que imperceptivel pelos labios, e elle continuava a passear, todo absorto em intima meditação.

Separei-me do veterano, e dirigi-me a elle.

Henrique, mal me avistou, adiantou-se para mim, e estendeu a mão. Fitou-me então a vista com esse olhar profundo e indagador, que tanto o distingue; parecia querer reconhecer o motivo d'aquella visita. Bem longe de mascarar a minha intenção, respondi a este olhar com outro que d'elle foi bem comprehendido: não traduzia curiosidade indifferente, mas o desejo de amigo, a anciedade de uma verdadeira affeição diante de um mysterio assustador, em que ostensivamente se acham envolvidos aquelles, que d'ella são objecto.

Henrique comprehendeu-me bem.

— A scena de hontem impressionou-te, não é assim, Arnaldo? — disse elle conservando a minha mão entre as suas.

— Seria fazer-me injustiça, se o duvidasses, Henrique — repliquei eu. — Ha um não sei que n'esse todo enigmatico, em que por acaso me achei envolvido, que me faz quasi instinctivamente recear, que ameace a felicidade de pessoas, que me são caras. O meu instincto nunca me enganou, meu caro Henrique; assim, vendome por um lado movido pelo receio, e por outro impossibilitado de, por mais que fizesse, penetrar n'este mys-

terio, resolvi-me a vir pedir-te a explicação d'elle, — se por ventura em alguma cousa te posso ser util, e se elle não é d'esses segredos que até a um amigo não podem confiar-se.

Henrique abanou tristemente a cabeça.

— Tinha-o previsto — disse-me elle. — O meu arrebatamento de hontem contra Fernando devia causar-te profunda impressão, e tu que me conheces, havias de suspeitar alguma cousa bem forte, para eu obrar tão pouco generosamente com um homem, a quem desde a infancia estou ligado. Acredita que não me custou dicidir-me a confiar-te este segredo; estou prompto a dizer-te tudo. Mas como é uma historia de familia, uma historia que envolve a minha vida, e parte da de algumas pessoas de quem és tambem amigo, será longa, e por isso peço-te que fiques a jantar comigo, e, quando quizeres, iremos até ao meu quarto, onde te contarei tudo.

— Acceito com prazer, amigo — respondi eu — e se quizeres iremos já. Mas antes deixa-me dar um beijo no teu pequerrucho.

E com isto dirigi-me ao piqueno, que me olhava com a mais encantadora desconfiança infantil; tomei-o nos braços, e beijei-o. Henrique sorria-se com todo o amor de um pae, que vê acariciar seu filho; passei-lhe então a criança, e eu e elle, com ella nos braços, dirigimos-nos a piquena porta, que dá para uma escada quadrada e de poucos degraus, por onde se sobe para a casa.

Apenas sahiamos á porta, encontramos Manoel.

O veterano cravou em Henrique o olhar prescrutador de um pae, quando quer descubrir a dôr do filho atravez do véo com que elle a pretende occultar.

— Manoel — disse-lhe Henrique — toma conta de Alfredo. Vamos — continuou elle, estendendo-lhe a mão

—já te disse que não estou doente, e tu sabes que nunca minto.

Manoel abanou tristemente a cabeça, e tomando pela mão o piqueno, encaminhou-se vagarosamente, mas com toda a gravidade militar, por uma rua, que ia direita a um formoso laranjal.

Eu e Henrique entramos para dentro de casa, e d'ahi a pouco no gabinete d'este.

Um sophá com algumas cadeiras de mahogono envernisado cuidadosamente, uma piquena banca, uma grande estante com livros, e uma volteriana, eram todos os moveis que ahi haviam. Alguns quadros e porcellanas, uma panoplia com armas, algumas estatuas, eram todos os adereços que o ornavam. Uma porta, que correspondia com aquella, por onde haviamos entrado, dava communicação para o quarto de dormir. Por uma metade, que estava aberta, via-se o cortinado de caça branca, que lhe cubria o leito.

Henrique parecia absorto na reminiscencia dos factos que ia relatar-me. Chegou-se á banca, tomou um charuto de cima de uma piquena bandeja de prata, e accendeu-o. Eu fiz o mesmo. Passeou um pouco no quarto, parou umas poucas de vezes diante da volteriana, na qual eu me havia lançado, depois dirigiu-se ao sophá, sentou-se n'elle, e por fim rompeu d'esta maneira o silencio:

—Não fazes idéa, meu caro Arnaldo, quanto me faz soffrer a recordação dos factos que te vou relatar... E' escusado; estou decidido—interrompeu-se elle, ao vêr o movimento que fiz para lhe fazer sustar o cumprimento da sua promessa—resolvi-me fazer-te participante da minha vida, hei-de fazêl-o; demais careço até de desabafar.

Puxou então com mais força pelo charuto, e logo continuou:

— Antes de entrar nos factos principaes, n'aquelles que te hão-de elucidar sobre o que desejas saber, é mister que te refira outros, que parecendo á primeira vista não ter com elles mais que relação, para assim dizer, genealogica, teem comtudo intima ligação pela influencia que depois tiveram n'elles. Escuta-me pois.

— Como sabes, as minhas ligaçoens com Fernando, com Emilia e seus irmãos, e com Eugenio e sua irmã, são do mais chegado parentesco. Somos primos direitos uns dos outros. Nossos pais, exceptuando o de Eugenio, foram desde crianças educados juntos. O capitão do Fojo só entrou para a nossa familia depois do casamento de José de Noronha, pai de Fernando, com sua irmã, senhora que em cousa alguma se parecia com elle. O capitão tinha tido educação grosseira, que o desviou sempre da companhia dos homens, com quem depois o acaso o ligou; a irmã, ao contrario, teve uma educação apurada em casa de umas parentas no Porto, onde desde piquena foi creada.

— Com o correr dos annos, d'estes tres companheiros um seguiu a diplomacia, os outros dois as armas. O diplomata foi Luiz de Mendonça; os militares foram José de Noronha e meu pai. Já vês, meu amigo, que a carreira que o primeiro seguiu, desviou-o muito cêdo dos seus companheiros da infancia, e se não matou n'elle a ligação do coração, com que aos outros dois era prêso desde, para assim dizer, que nascêra, estorvou comtudo que se ligasse com elles pelos mesmos laços, com que os dois depois se ligaram.

— A amizade que ligava meu pai ao pai de Fernando, era uma affeição modelo. Todos os divertimentos,

todos os prazeres, e todas as penas eram por elles partilhados juntos. Caçavam juntos, pescavam juntos, juntos corriam a cavallo, e passeavam. Ambos se evadiram das casas paternas para se alistarem no exercito peninsular, e ambos se alistaram no mesmo regimento, onde em breve foram, pela intimidade com que viviam, chamados os *dois amigos.*

— E em verdade estes dois homens tinham um pelo outro uma verdadeira affeição — affeição que apesar das differentes vicissitudes da vida, apesar das differentes opinioens politicas que tiveram, durou inalteravel, até que a morte os dividiu. Nunca se viu José de Noronha dizer-se offendido, ou sequer levemente zangado contra Francisco de Mello.

— Um facto, que ainda mais estreitou esta amizade, dividiu, porém, estes dois amigos temporariamente, impossibilitando um d'elles de continuar a seguir a carreira, que haviam encetado juntos.

— Na acção de Talavera os estilhaços de uma bomba fracturaram o braço esquerdo de José de Noronha, e um d'elles, ferindo-o gravemente no peito, fêl-o cahir por morto no campo. Era isto exactamente no momento em que o inimigo avançava á bayonneta sobre o troço de cavallaria a que os dois amigos pertenciam, e que, por não sei que manobra, havia posto pé em terra. Ao vêr cahir o seu amigo, meu pai, apesar do perigo eminente a que se expunha, arremessou-se para a frente, tomou-o nos braços, e montando rapidamente a cavallo, trouxe-o ao hospital de sangue.

— D'este ferimento resultou a José de Noronha a perda do braço e o sahir do serviço, mas a amizade para com meu pai dobrou, se era possivel dobrar. Tal foi a impressão que depois a morte d'este causou n'elle, que

desde esse momento nunca mais teve saude; tornou-se misantropo, até que por fim, anno e meio depois, com elle se foi reunir no tumulo, no mesmo tumulo, porque no mesmo tumulo foi elle, segundo as suas disposiçoens, sepultado com o amigo. Era um já tão necessario ao outro, que nada admira este acontecimento. Depois da morte das mulheres que tinham amado, ficaram ainda um para outro, restava-lhes ainda, um no outro, o poderem mutuamente desabafar; mas morto algum d'elles o que sobrevivesse ficava, para assim dizer, só no mundo, sem ter com quem se abrir, porque apesar de terem filhos, que extremosamente os amavam, nós nunca poderiamos preencher, para o que restasse, a falta do outro, porque não tinhamos partilhado as emoçoens dos seus primeiros prazeres, não pertenciamos á mesma época, e por isso nunca os poderiamos comprehender cabalmente.

— Luiz de Mendonça e meu pai, que eram liberaes, emigraram, e tiveram os bens sequestrados. José de Noronha, que pertencia ao partido contrario, valeu-se de toda a sua influencia, e fez levantar o sequestro. Foi além d'isso em sua casa que se recolheram os filhos dos seus dois amigos da infancia; eu já orphão de mãe, e Emilia e seus irmãos quasi que da mesma fórma, porque sua mãe seguiu sempre o marido em todas as peregrinaçoens.

— A este acontecimento, pois, é devido o termos sido educados todos juntos; foi elle que fez vir de Lisboa os filhos de Luiz de Mendonça, e tornou-os meus companheiros de infancia. Entro pois, meu amigo, na minha infancia, que não menos influencia teve depois nos tempos posteriores da minha vida.

— Eramos pois seis companheiros, eu e Fernando,

Emilia e seus dois irmãos, e Adelaide, filha do capitão, que desde criança tinha sido educada pela mãe de Emilia. Em breve se juntou mais um setimo; foi Eugenio, que o pai fizera recolher de casa de um seu parente de Guimarães, onde, por nenhum tempo poder dispensar da lavoira, havia consentido que o filho estivesse quasi desde o berço.

— Mas além d'estas sete crianças, todas parentas, todas nobres, todas ricas, havia outra, que não era nobre nem rica, que era uma engeitada, uma pobre, n'uma palavra a filha adoptiva da barqueira do Ave.

— Era Maria.

— Maria era, como te acabo de dizer, uma engeitada recolhida e creada pela barqueira do Ave. Esta nobre mulher, esta mãe adoptiva, que em logar da desnaturada que a engeitára, Deus lhe havia deparado, amava-a extremosamente. Queria-lhe tanto, que nunca se pôde decidir a de todo a abandonar á mãe de Fernando, que sentia por ella o mais terno amor de mãe. Assim Maria era nossa companheira dos folguedos do dia, vestida com os seus trajos de aldeã, mas sempre de meias e sapatos, que nunca a mãe de Fernando consentiu, que os seus pés *tão piqueninos e mimosos*, como ella dizia, pizassem descalços ou guarnecidos do feio calçado do Minho o mato dos nossos montes ou as penedias do rio. A' noite, porém, Maria deixava-nos entre beijos e abraços, e ia dormir á cabana da barqueira, ao som continuo das quebradas do rio, entre os braços e as caricias da sua mãe adoptiva, que se pagava então da ausencia de todo o dia.

— No seguinte voltava com uma cestinha de flôres, conduzida sempre pela barqueira, que se despedia d'ella com o mais terno beijo, e entregava-a aos nossos cuidados e aos disvelos da familia de Fernando.

Henrique interrompeu-se um pouco, e depois de estar absorvido n'um momento de intima abstracção, continuou:

— Não fazes ideia, amigo, da santa impressão de respeito instinctivo, de que me sinto cheio, quando fallo n'aquella nobre mulher. Era bem criança, e já então não sei que me dizia, não sei o que me ensinava a admirar n'ella esse amor tão nobre e tão desinteressado que a unia á pobre engeitada, e essa bondade de caracter, com que ella se prestava a todos os nossos brinquedos do rio, a todos os nossos caprichos infantís dentro da sua cabana. Recordo-me ainda bem das caricias, que ella me fazia, bem distinctas das que prestava a todos os outros meus companheiros; e, cousa extraordinaria! parece-me que ainda agora lhe ouço o som da voz, quando um dia respondeu á mãe de Fernando, que, notando esta amizade que ella tinha por mim, lhe disse, levada por esse terno egoismo de mãe que, se prescinde de maior distincção para os filhos, quer pelo menos para elles uma egual a que se dá aos dos outros —

— « Anna, parece-me que não és tão amiga de meu filho, e dos outros meus sobrinhos, como és de Henrique ».

— Ella apertando-me contra o coração, e chegando ao mesmo passo Maria para si, respondeu-lhe com os olhos cheios de lagrimas —

— « E' que elle já não tem mãe.

— Coração mais nobre e de sentimento mais delicado nunca o eu conheci. Quando sube da sua morte, senti-a, como senti a de minha mãe; e ainda muito mais, amigo, — não me pejo de o dizer — porque eu apenas tinha conhecido minha mãe, e d'esta tinha sentido os afagos e as caricias.

Uma lagrima assomou então nos olhos de Henrique.

Depois de curto silencio continuou, como querendo abafar a viva saudade, que lhe rebentava tao distincta pelos olhos.

— Conheces-nos a todos; hoje somos o desenvolvimento do que então eramos; bem pódes pois imaginar os nossos typos de infancia. Fernando sempre leviano e caprichoso; Alberto timido, mas inabalavel em todas as suas resoluçoens; Estevão brutal, e já dando a conhecer as forças e gigantesca estatura, que tem; Eegenio um verdadeiro demonio de travessuras. Emilia e Adelaide duas lindas meninas, seguindo-nos sempre com esse espirito imitativo, que tem as crianças do outro sexo, quando se acham juntas com rapazes; Adelaide porém mais contemplativa e mais sentimental. Maria um verdadeiro anjo de candura e de meiguice. Eu, meu Arnaldo, não sei o que era, era um mixto de tudo isto; umas vezes excessivamente irascivel e teimoso, outras brando e condescendente; umas vezes unindo-me a Eugenio e aos outros, para amedrontarmos, e divertirmos-nos á custa do nosso timido Alberto; outras colligando-me com Adelaide, para o defender, mesmo á viva força, das diabruras, verdadeiras diabruras de que o pobre rapaz era victima.

— Todos, todos nós o amesquinhavamos, quando era criança. Umas vezes mettiamos-lhe mêdòs, outras davamos-lhes novas que o faziam chorar, outras quebravamos-lhe os bonecos e resgavamos-lhe os livros; todos á excepção de Adelaide, que o protegia sempre, que lhe chamava o seu amigo, e que já começava a sentir por elle esse amor, que um dia os fará bem felizes, e que hoje tem tal influencia sobre elle, que diante de Adelaide, transforma-o n'um outro homem. De timido, torna-se placidamente seguro; de calado, torna-se homem que

falla a tempo e com sisudez. Os seus immensos conhecimentos e a admiravel poesia da sua alma resplandecem diante d'ella, como animados pela presença da pessoa para quem só existem: até a sua extraordinaria coragem, de que, quer junto, quer longe d'ella, tem dado provas irrecusaveis, parece vir-lhe então em auxilio para lhe dar o caracter de homem de energia e de força de vontade indomavel.

— Houve, porém, uma época, desde a qual me fiz o defensor continuo de Alberto. Vou-t'a contar, porque d'ella e da causa d'ella pódes tirar razoens, para explicar o subsequente futuro da minha vida.

— Costumavamos ir todas as tardes merendar á cabana da barqueira, e depois ir com ella barquear para o rio. Um dia sahimos todos a correr da casa de Anna, e com ella na nossa frente chegamos ao piqueno areal onde está a barca, saltamos, e fizemos-nos ao largo. D'ahi começamos a brincar dentro d'ella.

— Eram, ao principio, os brinquedos sempre os mais pacificos possiveis; merendas, jogos dos abraços, e outros d'este jaez, que nos eram propostos pelas meninas; mas, d'ahi a pouco, nós os rapazes enfastiavamos-nos, e começavam então as diabruras incitadas por algum de nós.

— Assim aconteceu agora. Ao tempo que iamos passando por debaixo do salgueiral, que borda a margem esquerda do rio, Eugenio pegou por uma ponta do avental, que Emilia tinha offerecido para servir de toalha para a nossa merenda, e deu com tudo no rio. Estevão levantou a mão para lhe bater, mas Eugenio, que aproveitava todas as occasioens de fazer diabruras, fingindo que fugia, saltou para um dos ramos de salgueiro, que todo se dobrou com elle.

— Poz-se então a berrar que cahia; Anna não podia

largar os remos, aliás a corrente levar-nos-ía ao açude; Maria, que estava mais proxima, ergueu-se, e cheia de terror, estendeu-lhe, como para o salvar, a sua piquenina mão. Eugenio tomou-a pelo pulso, e depois levantou-a no ar, dizendo-lhe que a *ia levar a avó.* No momento em que Anna largou instinctivamente um remo para tirar a *sua menina* das mãos d'aquelle travêsso rapaz, o barco desandou, e rapidamente sahiu de debaixo do logar, onde elle estava. Eugenio não pôde sustentar por muito tempo Maria, assim largou-a com um grito de terror, e a pobre menina cahiu na agua.

— Todos nós sabiamos nadar perfeitamente, tão affeitos como estavamos a ir brincar todos os dias para as margens do rio. Por um impulso, tão rapido como instinctivo, Alfredo atirou-se atraz de Maria, e quando Anna, esquecendo-se do perigo em que nos deixava, se ia a deitar ao rio para salvar sua filha, viu as duas loiras cabeças dos nossos companheiros surgirem ao lume d'agua, a rirem-se um para o outro. Anna aproximou o barco junto d'elles, e tirou-os da agua; depois desprendeu Eugenio da arvore, onde estava agarrado cheio de mêdo do que tinha feito.

— Este facto, meu amigo, ligou-me a Alberto por toda a vida. Não sei que era, que me levava em todos os nossos brinquedos para junto de Maria, não sei que foi tambem que me ligou todo, vida e coração, á criança, que eu n'aquelle momento considerava como o salvador d'ella.

— N'este mesmo anno meu pai recolheu-se reformado; tambem n'este anno D. Adelaide, mãe de Emilia, chegou ao Minho, onde só um anno aguardou a vinda do marido, que chegou em novembro de 1837. Em janeiro do anno seguinte Luiz de Mendonça, sua mulher,

filha e sobrinha, filha do capitão do Fojo, partiram para Lisboa; eu e todos os outros meus companheiros viemos para um collegio do Porto.

— Dois annos depois fomos para Fontenai-aux-roses. Tres annos mais tarde — em 1843 — chegava a Paris, com ordem de nos acompanhar n'uma viagem por toda a Europa, o companheiro das campanhas de meu pai, o seu camarada Manoel. Partimos; o mais velho de nós tinha então dezoito annos.

— Haviam já dois annos, que viviamos em continuas viagens; tinhamos corrido todo o meio-dia da Europa, e avançavamos para o norte. Estavamos em Berlin, quando uma carta de meu pai annunciou a Manoel a morte da mãe de Estevão e de Alberto. Apesar do veterano ter ordem de nos não dar a saber a noticia, um acontecimento imprevisto fez-nos descubrir tudo. Na metade do verso da folha da carta de meu pai, vinham algumas palavras de Emilia para Estevão, e outras de Adelaide para Alberto. O veterano não resguardou bem a carta dos olhos do nosso amigo; este conheceu a letra da sua amante, e até distinguiu o seu nome. Por mais que o veterano fez, não foi possivel socegal-o; exigiu a carta, e até chegou a arrancal-a das mãos do soldado.

— Tudo foi descuberto.

— Estevão recebeu a noticia bramando de raiva e de dôr; Alberto cahiu desmaiado, e durante oito dias receiamos-lhe a cada momento pela vida. Salvou-se em fim; mas o estado, em que ficou, inhabilitava-o por muito tempo para continuar a viagem. Manoel entendeu mesmo, que só os ares da patria e os cuidados da familia o fariam restabelecer. Resolveu-se pois a partir com elle para Portugal, pois que de mais a mais nós já *eramos homens*, e não careciamos de pedagogo.

— Eis-nos pois sós, e já sem um companheiro. Pódes imaginar que entregues a nós mesmos e desapresados, de mais, da presença de Alberto, que pelo seu caracter timido nos embaraçava muitas extravagancias, praticamos toda a qualidade de tolice. Soltos no meio do grande mundo, e demais impellidos pela inexperiencia, corremos ao grado dos nossos caprichos e dò estimulo dos nossos dezoito e vinte annos por todas as loucuras da vida.

— Parámos finalmente em S. Petersburgo, já de volta da Georgia, d'onde tivemos de sahir com grande risco de vida.

— Parámos, pois, aqui, e aqui nos começamos a dividir. Eugenio, que tinha uma decidida vocação pelas armas, vendo que nos não podia mover a acompanhal-o á guerra de Argel, deixou-nos, e partiu só. D'ahi a pouco Fernando desappareceu, deixando-nos uma carta, em que nos annunciava que estava a bórdo de um navio americano, que partia n'aquelle mesmo instante, levando para New-York uma bailarina, por quem estava apaixonado.

— Fiquei pois só e Estevão. Mez e meio depois propôz-me elle uma viagem á Siberia e d'ahi ao Thibet. Achei extravagante a idéa, recusei-me, e elle partiu só.

— Achei-me então pela primeira vez só no mundo. Entretanto que estava com os meus companheiros de infancia, parecia-me sentir em redor de mim o mundo cheio de gente, isto ainda nas maiores solidoens e despovoados, que juntos atravessamos dias e dias de jornada. Mas quando Estevão partiu, S. Petersburgo pareceu-me um deserto; tudo me aborrecia, e a mais profunda melancolia apoderou-se de mim. Embarquei immediatamente para França com tençoens de voltar a Portugal.

— Porém mal cheguei a Paris, esqueci a minha resolução; fiquei, e a minha vida ahi foi a de um verdadeiro devasso, a de um libertino. Gastei o corpo, e cancei o espirito. Conheci então bem a sociedade, e, como me persuadi que não podia gosar n'ella tudo o que a minha imaginação sonhava, quiz gosar ao menos da parte material, que ella me não recusava. Repito, fui um cynico devasso e torpe; e vi-me applaudido, vi-me estimado como homem do grande mundo! Eu era filho unico, e meu pai nunca se recusou a pagar ao meu banqueiro as sommas, ainda as mais extraordinarias, que a cada passo exigia d'elle. Cançado porém d'esta vida dissoluta, um dia, sem mesmo me despedir dos meus chamados amigos, sahi de Paris, e parti para Florença.

— Havia já dois mezes que ahi estava, vivendo uma vida placida e socegada, esperando restabelecer por meio d'ella a minha saude violentamente abalada, para depois voltar a Portugal, quando recebi uma carta de José de Noronha, que me dizia que partisse immediatamente, pois que meu pai estava muito doente, e queria abraçar-me.

— « Teu pai está em muito perigo, meu Henrique — dizia-me José de Noronha — a tua presença póde salval-o. Em nome de tua mãe, que é morta, meu filho, corre, vem salvar o meu amigo. »

— Busquei logo embarcação para partir para França, mas infelizmente só oito dias depois é que pude partir n'um paquete inglez para o Havre. D'ahi tive de partir immediatamente para Paris.

— Fui ficar essa noite ao *hotel*, onde habitára durante o tempo que ali vivi; no dia seguinte, quando me levantei para marchar para Calais, o criado trouxe-me uma carta. Era de Manoel; abri...

— Meu pai tinha morrido!

— A carta do velho camarada de meu pai — continuou Henrique depois de uma breve pausa — vinha cheia de consolaçoens envoltas em lagrimas. Mau grado todos os seus esforços, o veterano não pudéra disfarçar a dôr violenta, que o esteve quasi a arrastar para junto do seu antigo e tão amado chefe.

— Tudo o que senti, meu amigo, tudo o que ao saber esta noticia fatal me fez soffrer o coração, tu bem o pódes avaliar, se lançares um olhar retrospectivo sobre a minha vida passada, e attenderes ao meu caracter. A minha dôr foi immensa, mas de homem; não chorei, não succumbi a ella, mas olhei com uma placidez dolorosa a perda que me annunciavam, e com um sorriso amargo e cheio da mais pungente angustia, a minha vida futura.

— O meu viver devasso tinha-me gasto o corpo; e a alma, já despida de todas as formosas illusoens, a que a minha idade ainda tinha direito, havia de tal fórma perdido toda a esperança, que eu já não olhava o porvir senão como uma serie de dias insipidos, monotonos, sem nenhuma d'essas dôces sensaçoens, que fazem a felicidade do homem. Já estava tão affeito a esta idéa, Arnaldo; de tal fórma me tinha identificado com ella, que já não reagia, não me irritava, e quando os outros me diziam ser felizes, acreditava na sua felicidade, sem comtudo poder sonhar outra egual para mim. Até sentia prazer com esse futuro, que me imaginava; sentia-o, porque via-me n'elle ao lado de meu pai, vivendo um para o outro como dois amigos os mais ternamente ligados; sendo o nosso mundo, a nossa sociedade, a amizade extrema, que nos ligava; felizes no socego d'esta vida placida e toda alumiada pelo reflexo do seu caracter verdadeira-

mente angelico, fazendo o bem como um dever do coração, e encarando ambos o mundo sem rancor, sem inveja, mas fatigados, mas quebrados de forças — elle pela idade, e eu pelo uso do sentimento e do corpo.

— Oh! tal vida era para mim um sonho de verdadeira felicidade. A morte de meu pai desfez-m'o da mesma fórma, que todos os outros se haviam desfeito. Achava-me de todo só; que amantes nunca encontrára uma; amigos tinha-os visto separar de mim, levados pelo capricho e pelos interesses sociaes; irmãos não os tinha, e pai e mãe havia-os tambem perdido!

— A lembrança de voltar a Portugal foi logo posta de parte. Como entrar na minha terra natal sem o coração me arrebentar de dôr a cada passo que encontrasse uma lembrança de meu pai, que me recordaria tambem que elle já não existia?

— Parti, pois, para Florença. Durante mez e meio não vivi, vegetei. Passava dias inteiros mettido no meu quarto, sem lêr, sem escrever, e até muitas vezes sem pensar, com os olhos fitos no azul do espaço ou no tecto da casa. O criado chamava-me para comer, e eu obedecia maquinalmente. Todos os outros actos da vida praticava-os da mesma sorte indifferente, como puras necessidades da materia. Almoçava, pois, jantava e tomava o meu chá regularmente, deitava-me sempre ás mesmas horas, sem que em todos estes actos entrasse a razão a indicar-m'os necessarios; fazia tudo automaticamente.

— D'este verdadeiro torpôr da alma e da intelligencia veio tirar-me uma outra nova, se não tão dolorosa para mim, ao menos tambem muito triste.

— Um dia o meu criado veio dizer-me que dois estrangeiros, um homem e uma senhora, procuravam por mim. Disse-lhe que os fizesse entrar, e mal disse isto,

cahi de novo no meu torpôr habitual, antes n'esse vegetar insipido e indifferente, que já ha tanto tempo soffria. Não senti pois entrar pessoa alguma, mas uns braços que me circularam, um beijo que senti sobre a fronte, um suspiro e algumas lagrimas fizeram-me voltar a mim.

— Qual não foi o meu espanto, quando vi de um lado da minha cadeira Emilia e do outro seu pai!

— « Emilia! — exclamei eu, e ao mesmo tempo senti reviver as idéas, senti bater-me o coração com mais força, senti, n'uma palavra, como se uma nuvem espêssa e obscura se levantasse de redor de mim.

— « Emilia! Meu tio! — exclamei eu, apertando-os ao coração.

— E, olhando-os então melhor, vi que estavam vestidos de preto. A saudade dolorosa e pungente de meu pai assaltou-me por um momento o coração; lembrou-me que o lucto que vestiam era em razão da morte d'elle.

— « Sim, somos nós — disse Emilia, cujas lagrimas corriam em fio. — Meu pobre Henrique! foi grande, foi, a tua perda; mas soffrer assim!... Oh! nós tambem perdemos muito... muito!

— E Emilia soluçava dolorosamente.

— Outros soluços fizeram-me voltar para o outro lado. Era Luiz de Mendonça, que sentado n'uma cadeira e com a face entre as mãos, procurava, mas debalde, occultar a sua vivissima dôr.

— Por um momento senti-me feliz; esta dôr que estes queridos amigos da minha infancia mostravam por meu pai, este sentimento que acompanhava o meu, desvendou-me de todo. Eu ainda podia ser venturoso.

— « Oh! não nos recordemos mais d'isso — disse-lhes eu — vamos, que eu ao menos sinta n'este momento

toda a consolação, toda a felicidade que senti quando os vi. Como está tua mãe, Emilia?

— «Minha mãe! — respondeu ella — minha mãe! Tu deves sabêl-o... morreu!

— «Morreu!

— E eu, como se fosse a primeira vez que tivesse esta nova, cahi sobre a minha cadeira com um grito de angustia. E então, Arnaldo, chorei, chorei como uma criança; senti o quanto fazia bem o chorar, a quem ha tanto tempo soffria como eu.

— Oh! é bem egoista a dôr! Annos se tinham passado, desde que a mãe de Emilia morrêra, até fôra por essa causa que Alberto nos deixára; tudo porém esqueci n'esse momento na dolorosa e pungente lembrança da morte de meu pai.

— Estive assim submergido n'esta dôr violentissima, até que em fim o *homem* appareceu. Dominei-me, e fiz recolher a um quarto Luiz de Mendonça, a quem uma dôr em nada desegual á minha, junta ao cansaço da jornada, tornava o descanço necessarissimo.

— Emilia explicou-me tudo então.

— Luiz de Mendonça não podéra ser superior á morte da esposa; tentaram, mas debalde distrahil-o, que ia pouco e pouco definhando n'essa lembrança torturante. A morte da mãe de Fernando, que era sua irmã e a de meu pai, de quem era tão amigo, fizeram crescer n'elle este sentimento. Os medicos mandaram-n'o, pois, viajar. Estevão não dava novas de si; Alfredo, cuja alma impressionavel só obedecia ao amor de Adelaide, a unica que lhe pudéra dar lenitivo á dôr de perder sua mãe, estava no Minho, e os medicos aconselhavam que o não tirassem de junto da amante, e muito menos que o trouxessem para junto do pai, pois que a dôr que este sen-

tia, decididamente o faria soffrer uma reacção tal que o mataria. Assim Luiz de Mendonça, precisando de viajar, não teve um só filho que o acompanhasse, e partiu acompanhado sómente da filha.

— Todos estes pormenores que Emilia me deu, e o abalo que eu tinha sentido com a apparição d'ella e de seu pai, tornaram-me a chamar á vida, e com ella trouxeram-me as dôces recordaçoens da minha infancia. Lembraram-me todos os companheiros da minha primeira idade, os nossos folguedos, as nossas partidas do rio, os sitios onde costumavamos brincar, e finalmente quanto era formosa e bella a minha terra natal. Em todo esse quadro destacava-se, porém, como uma apparição angelica, como um ser verdadeiramente celestial, uma mulher, que idealisei sobre o typo formoso e innocente de uma das minhas companheiras da infancia.

— Era Maria! Oh! phantasiei-a como um typo de formosura, como uma alma candida e innocente, como a realisação, finalmente, dos meus mais felizes sonhos de outro tempo.

— E acreditei que ainda podia ser feliz; maldisse até a loucura com que tão de leve havia descrido da minha felicidade futura.

— E mesmo se Maria, dizia eu comigo, não fôr tal qual a sonho, não tenho ainda para me fazer a vida agradavel esses sitios formosos e inspiradores, que me recordam a infancia? Não tenho ainda os dois mais ternos amigos de meu pai, José de Noronha e Manoel! Quem me déra em Portugal!

— No dia seguinte fui consolar Luiz de Mendonça. A minha placidez, e direi até a minha alegria apparente, animaram-o um pouco. Fallei-lhe, disse-lhe que o homem não devia succumbir á dôr; fiz-lhe vêr que ella em

tal grau era resistencia á vontade de Deus; e fallei-lhe nos meus sonhos de felicidade, sem comtudo lhe dizer uma só palavra de Maria.

— Tudo isto reanimou-o; mas quando lhe disse que o acompanharia na sua viagem, e que depois voltariamos juntos a Portugal, recusou-o, e disse-me:

« — Não. O vêr-te, e ouvir-te fizeram-me bem; basta-me agora Emilia. Mas tu, meu Henrique, se prezas em alguma coisa os que tanto te amam, parte para a nossa patria, vai consolar José de Noronha, que pouco e pouco se vai definhando com a lembrança da morte da esposa e do amigo. Já foi atacado de uma paralysia, que lhe impossibilita o andar; admiro mesmo como escapou, mas se não corres a dar-lhe vida, receio tornar em breve a cahir na minha antiga dôr, recebendo brevemente a noticia da morte do meu ultimo amigo. Não tenhas cuidado em mim, prometto-te que hei-de sarar.

— Accedi infelizmente a este alvitre; digo infelizmente, porque se acompanhasse Luiz de Mendonça e Emilia, de certo não teria depois soffrido tanto.

— O espirito delicado e cheio de sentimento, que Emilia possue; a nobreza e a generosidade da sua alma, e sobre tudo a continuação de estarmos juntos, de nos tornarmos mutuamente necessarios para a vida, fariam com que nos esquecessemos, ella de Fernando sua primeira inclinação da infancia, eu de Maria e dos meus formosos castellos no ar, e nos amassemos finalmente um ao outro.

— Infelizmente, repito, porque da minha dedicação nenhum resultado tirou José de Noronha.

— Emilia e seu pai partiram para Roma, e eu tomei o caminho de Portugal.

Acabando de dizer estas palavras, Henrique levantou-se, deu abstracto alguns passos no quarto, depois tomando outro charuto, accendeu-o, e voltando-se para mim, continuou d'esta fórma:

— Tenho muitas vezes pensado, meu amigo, como é que depois da vida dissoluta, que tanto tempo vivi, depois de tão experiente da sociedade, e tendo n'ella soffrido tantos dissabores, pude tornar a cahir em todas as illusoens, em todos os sonhos doirados da imaginação que mais de uma vez tanto me haviam feito soffrer. Oh! uma imaginação viva, uma imaginação superior á vulgar é um mal, é um flagello terrivel, que persegue de contínuo aquelle que tem a desgraça de a possuir. Quem tem uma imaginação mediocre, esse, desenganado uma vez, póde seguro e affoito olhar o futuro, sem receio de lhe tornarem a sobrevir os males, de que em outra occasião foi victima. O desengano apagou-lhe de todo essa luz froixa e tibia, que lhe bruxuleava na cabeça; elle encara finalmente a vida, tal qual ella é, materialisa-a, e é feliz, porque não exige da sociedade mais do que ella lhe póde dar no seu estado presente. No outro o desengano não faz mais que entorpecer a imaginação, que por fim, passado tempo, volta com mais fogo, com mais vigor a todos os sonhos passados, e refaz com mais violencia todos os formosos castellos no ar de outr'ora—isto por um impulso necessario do mesmo fogo que possue, que não finda, não se extingue, mas antes dura, e carece de arder sempre com a mesma necessaria precisão de qualquer das leis da natureza. D'aqui essa alternativa contínua de esperança e desespêro; d'aqui todas as penas e pungentes desgostos, que soffre quem possue uma imaginação exaltada. Vais vêr, meu amigo, no que te vou dizer, como tudo isto é verdade. Tenho a prova em mim mesmo.

Henrique lançou-se outra vez sobre o sofá, e continuou: —

— Com a cabeça afogueada, e, não sei se possa dizer, com o coração remoçado e cheio da mais doce e formosa esperança de um futuro brilhante de amor e de felicidade, vi, como te disse, partir Luiz de Mendonça e Emilia para Roma, e alguns dias depois tomei tambem o caminho de Portugal.

— Em breve cheguei ao Porto, e d'ahi n'uma formosa manhã de Maio parti para Famalicão, onde carecia ir antes de vir para minha casa. Com tal pressa caminhei, com tal pressa dei ordem aos negocios, que tinha n'aquella villa, que era apenas uma hora da tarde, quando cheguei ao alto de Sanfins, d'onde pude pela primeira vez espraiar a vista sobre o meu formoso rio e amena campina natal. Passei sem parar por casa de Luiz de Mendonça, onde reinava um completo silencio, até que emfim cheguei á clareira do monte, por onde desce o caminho que conduz á barca.

— Não fazes ideia do que então senti. O mais religioso respeito, e ao mesmo tempo a mais doce e pura alegria apoderaram-se de mim. Saudei, com os olhos humidos de lagrimas e o coração arrebentando de prazer, os sitios deliciosos, onde passára os meus primeiros annos e os unicos da minha felicidade no mundo.

— Apeei-me, e com o cavallo pela rédea e o chapéu na mão, que não m'o consentia na cabeça a agitação violenta das arterias, dirigi-me pelo tortuoso caminho do monte em direcção á barca. Um alto penedo, que se levantava á minha direita, fez-me por fim parar. Era detraz d'elle que nos dias calmosos do estio, quando o sol mais apertava, eu e os meus companheiros de infancia nos acoitavamos, entretanto que Anna, a nossa boa bar-

queira, advertida por um assobio particular que lhe davamos com um apito, sahia da sua cabana, desprendia a barca, e atravessava o rio para nos passar para o outro lado. Isto acontecia sempre, quando, depois de almoçarmos com a familia de Luiz de Mendonça, vinhamos jantar ou em minha casa, ou em casa de Fernando.

— Parei pois, e por um desejo verdadeiramente infantil deixei o cavallo, e fui sentar-me no mesmo sitio, onde costumava sentar-me n'esses tempos felizes.

— Olhei então.

— Oh! sim, eram esses os mesmos sitios formosos, onde eu costumava brincar com meus primos e com Maria. Reconheci tudo, — as arvores uma por uma, as pedras e quebradas do rio, até senti não sei que arripio de terror ao olhar o sitio, onde a travêssa indole de Eugenio fizera cahir ao rio a nossa linda barqueirinha; pareceu-me até antolhar-se-me por um momento Alfredo e ella a sahirem ao lume d'agua, e Anna a estender-lhes os braços com todo o amor de uma mãe carinhosa. Oh! sentia um prazer ineffavel, delicioso; as lagrimas corriam-me em fio pelas faces abaixo. Uma unica alteração é que, como nuvem pardacenta em ceu de formoso anil, me causava de quando em quando certos assomos de uma tristeza pungente.

— Tudo era ali o mesmo, tudo. Ali estava a piquena cabana da barqueira; a calçada mal composta e lamacenta, que conduz ao alto do caminho; as vinhas, já reverdecentes, que trepam de sucalco em sucalco pela encosta cultivada da collina: a piquena bahia branquejante da mais fina e mais alva areia, ainda lá entrava pelas aguas dentro com um piqueno cotovello cheio de verdura, onde se erguia um formosissimo freixo, prêso ao qual se baloiçava a barca sobre a clara e prateada agua

do rio. Tudo, tudo reconhecia; mas a par da piquena cabana da barqueira, denegrida pelos annos e coberta de um tecto palhiço, levantava-se agora um casarão enorme, todo caiado de novo, e cujo tecto tinha a côr vermelha desmaiada da telha.

— Aquelle casarão enorme, aquelle *intruso* habitante da minha formosa bahia dava-me tristeza. Recordava-me, que entre a minha infancia e o presente já bastantes annos haviam corrido, e a reflexão, vindo em ajuda da memoria, fazia-me vêr com intimo pesar que não tinham corrido debalde para mim. Como eu estava mudado, e como a esses sitios voltava differente de quando sahira d'elles!

— Estas consideraçoens eram comtudo momentaneas; a minha alegria era tamanha, que mal lhes consentia a rapidez do relampago para brilharem e morrerem. Quiz então fazer completa a minha ventura; tirei de um apito, que trazia na algibeira, e dei o nosso antigo signal. Eu fitava os olhos na porta da barqueira com o olhar mais ancioso e profundo.

— Mas em lugar da minha boa Anna, cujos cabellos começavam a branquejar, e o rosto pallido e bondoso deixava conhecer ter já passado para ella o viço da mocidade, appareceram os cabellos pretos e assetinados e o rosto formoso e innocente de uma linda rapariga, de um verdadeiro typo de anjo. Trazia na mão não sei que peça de costura, em que estava trabalhando.

— Deu alguns passos para fóra da porta; depois, para desviar os raios do sol que lhe impediam olhar-me, pôz sobre os olhos a mão de uma piquenez infantil, e assim me fitou por um pouco.

« — Henrique! — bradou ella, e, arrojando de si a

costura, desappareceu rapidamente pela porta do casarão dentro.

« — Maria! — senti eu sahir-me pelos labios este grito, partido do mais intimo da alma.

Depois sem o pensar, sem a nada attender, mas por um impulso todo instinctivo do coração, arrojei-me para a margem do rio, e cheio de amor, de alegria e da mais doce saudade estendi os braços para a linda menina, que de novo assomava, correndo, á porta do casarão.

— Rapida como o pensamento, deu ella um salto para dentro da barca, abriu a corrente que a prende ao freixo, tomou os remos, e a barca, ligeira como uma sétta, atravessou o rio, e veio abicar ao sitio, onde eu estava.

— De um salto achei-me dentro d'ella.

« — Maria! — Henrique! — exclamamos nós, atirando-nos aos braços um do outro.

— Não podiamos fallar. Maria chorava cheia da mais viva alegria; o peito arfava-lhe com difficuldade, e soluços meio abafados voavam da sua piquenina bôca. Eu tambem nada podia dizer; nada mais fazia que beijar-lhe as faces, os olhos, os cabellos com essa alegria doida, frenetica de duas pessoas, que extremosamente se amam, e que, depois de longos annos de separação, se encontram sem o esperarem. De quando em quando arredava-a de mim, olhava-a com avidez, depois tornava a beijal-a, tornava a abraçal-a sem poder proferir uma unica palavra.

« — Mas como me reconheceste tu, minha querida Maria? — pude eu finalmente dizer. — Depois de tantos annos de separação.... depois de uma tal mudança de idade, é mister quereres-me muito, para me reconheceres tão depressa.

« — E tu não me reconheceste tambem? — disse-me

ella n'uma voz tão doce e suave como a musica dos anjos.

— E de novo cahimos no violento transporte de alegria, de que por um pouco haviamos sahido.

« — E Anna... e tua mãe? — disse-lhe eu por fim.

— O rosto da linda menina anuviou-se rapidamente dos mais visiveis signaes de dôr.

« — Morreu! — disse-me ella — ha um anno que morreu!

— Desembaracei-me então dos braços de Maria, e senti fraquearem-me as pernas, de fórma que fui obrigado a sentar-me. As lagrimas corriam-me pelas faces abaixo, e o coração estorcia-se-me no mais pungente soffrimento. Maria, de pé junto de mim, com um braço de redor do meu pescoço, chorava tambem, beijando-me de quando em quando, cheia de amor, como para me agradecer a minha pena. Nunca pensei que a morte da minha boa Anna me fizesse sentir tanto; repito-te, meu amigo, sentia-a mais do que se fôra mãe.

« — Morreu! — exclamei eu em fim.

« — Sim, morreu! — repetiu Maria entre suspiros — estou só no mundo.

— Estas palavras fizeram-me incendiar a imaginação; ultrajavam esse formoso e meigo sonho de amor, que havia formado no meu delirio.

« — Só — exclamei eu — só! Oh! não digas isso. Não te resta José de Noronha, que te amava como pai? — Não te res... — ia para dizer — não te resto eu, que te amo, — mas um não sei que de pudor, um não sei que de respeito por esse anjo, orphão de pai e de mãe, fez-me mudar e dizer — Não te restamos nós, teus irmãos, teus companheiros de infancia?

« — Oh! sim, restam — respondeu-me ella, chorando — mas falta-me minha mãe.

— Ai! essas palavras eram a expressão mais eloquente da dôr. Para lh'a abrandar, vi ser-me necessario abafar a minha: fiz um esforço sobre mim, e consegui fazer reapparecer a minha primeira alegria.

« — Vamos, Maria — disse-lhe eu, beijando-a — nada de tristezas. Vamos para o outro lado, e depois, minha linda irmã, iremos ambos vêr José de Noronha, que, pobre homem! dizem estar bem doente.

« — E como elle folgará de te vêr! — respondeu ella. — Todos os dias falla em ti, no filho do seu amigo. Porém, meu Henrique, é necessario preparal-o para a tua chegada; no estado em que está, qualquer abalo o póde matar.

« — Pois sim, Maria, pois sim: tu o irás preparar, irás adiante. Agora vamos para o outro lado.

— Assim dizendo, metti o cavallo dentro da barca, tomei os remos, e com os olhos fitos em Maria, que me sorria cheia de amor, fil-o atravessar para junto do freixo.

— D'ahi a pouco saltamos em terra; ella correu a fechar a porta da sua cabana, e logo eu com o meu cavallo de rédea, e ella a meu lado tomamos pela calçada acima em direcção á casa de José de Noronha..

— Chegamos em fim.

— Os criados, advertidos de quanto importava á saude do amo o não saber elle de subito a minha chegada, nenhum ruido fizeram, nenhum signal deram, que indicasse que na casa se passava alguma coisa de extraordinario. Fui, pois, recebido com a mais viva alegria pintada nos rostos, mas sem nenhuns d'esses signaes ruidosos que exprimem a violencia d'ella.

— Maria encaminhou-se então ao quarto de José de Noronha; eu segui após ella. Chegados a uma saleta, que servia de ante-sala do quarto de dormir do amigo de meu pai, fez-me signal de parar, e, abrindo a porta, entrou para dentro do quarto, deixando-a meia aberta para eu poder conhecer qual era a occasião mais propria de me apresentar. Sentei-me n'uma cadeira, que estava a um dos lados da porta, e escutei.

— Ao principio pude apenas distinguir o beijo e palavras cheias da mais delicada ternura de pai, com que elle recebia a minha linda Maria. Depois seguiram-se as suas queixas, exprimidas em palavras que bem demonstravam que não eram só as dôres physicas, que atormentavam aquelle excellente homem. Todas as suas expressoens respiravam a mais solemne melancolia; eram o reflexo vivissimo do mais profundo lucto da alma. Para esse homem a vida, quer no presente, quer no futuro, não tinha mais que um aspecto melancolico, funebre como o de uma egreja em noite de funeral.

« — Vamos, meu pai — dizia Maria — ao menos diante de mim quero que esteja alegre; de outra sorte acreditarei, que já me não estima, que a minha presença o incommoda, pois que nem mesmo quando estou aqui afugenta de si essas ideias de tristeza em que está sempre mergulhado.

— Ouvi então um beijo, que parecia querer desmentir o sentido d'estas palavras, e logo a voz de José de Noronha que dizia:

« — Que te não estimo, Maria?! — minha pobre filha — só tu me restas no mundo! Sem ti, que seria de mim? Mas como queres que possa ter alegria? Se ao menos estivesse são, divertir-me-ia a passear comtigo, a ir comtigo contemplar as nossas bellas campinas, ou as

margens formosas do nosso rio. Mas assim... aqui prêso a esta cadeira! Ai! Maria, Maria, que não sabes o quanto soffre quem perdeu tudo o que no mundo possuia, e paralytico, sem poder arrastar-se do sitio, onde os outros o poisam, se vê como acorrentado continuamente á lembrança que o tortura e o punge! Se ao menos vivesses aqui, Maria!.... Mas tens sempre recusado ceder aos meus rogos, porque suppoens que te offereço uma esmola, quando, se attendêras bem, filha, verias que no estado em que estou, sou eu que n'este offerecimento t'a peço.

—Maria não respondeu; José de Noronha, depois de estar um pouco calado, continuou:

«—Bem o sabes, filha; se diante de ti não estou tão alegre, como devêra, é porque o não posso, e não porque o não deseje; tu és tudo que me resta no mundo!

«—Não diga isso, meu pai—replicou Maria—oh! não diga isso. Não vive ainda Fernando? e Henrique...?

—José de Noronha soltou um suspiro, que me commoveu. A melancolia tão profunda e tão funeraria d'este amigo querido de meu pai, d'este meu quasi pai, tinha-me vivamente tocado. A sua voz, e as suas palavras avivaram-me tristes recordaçoens; o suspiro que elle soltou ao ouvir as ultimas palavras de Maria magoou-me mais que tudo. Figurou-se-me o ultimo suspiro de meu pai, quando no derradeiro momento lançou os olhos em derredor de si a vêr se achava o filho, que tanto amava, e não o encontrou, que o desgraçado era bem longe d'ahi!

A voz de Henrique tinha-se pouco e pouco abaixado; duas lagrimas resvalaram-lhe então pelas faces abaixo. Esta dôr tão nobre e tão viva commoveu-me excessivamente; senti tambem humedecerem-se-me os olhos. Levantei-me então, e fui sentar-me ao lado d'elle.

« — Henrique — disse-lhe eu, apertando-lhe a mão — é mister terminar com esta conversa. Nunca julguei que o passado tivesse tão tristes recordaçoens para ti. Perdão, meu amigo; foi sem querer que de novo te fiz sangrar esta chaga. Peço-te agora que terminemos esta conversação.

Por um soberano esforço da sua admiravel força de vontade Henrique dominou rapidamente a dôr. Desappareceram-lhe dos olhos as lagrimas; o rosto passou de subito do mais vivo reflexo da angustia á expressão melancolica, mas serena, do rosto do homem, cuja alma forte e energica fita sem tremer a desgraça — encara-a armado de uma impassibilidade superior. Impôz-me silencio com a mão, e logo, sem attender ao que lhe disse, continuou d'esta fórma:

— Ao ouvir aquellas palavras de Maria, José de Noronha soltou, como te disse, um suspiro.

« — Fernando! Fernando! — disse elle — Fernando ama-me, pois que é meu filho; mas Fernando é o que já te disse, Maria, — um bom coração, mas uma má cabeça. Fernando vive só para o eu amar, mas não para ser amado por elle. Henrique! ai! esse sim — continuou elle depois de um curto silencio — o filho do meu Francisco! Esse sim, esse ha-de amar-me, que me amava muito seu pai. Mas onde estará elle agora? A morte do pai causou-lhe grande dôr! — Pobre rapaz, avaliou bem o que perdia! Homens como aquelle, Maria, não se encontram muitos no mundo. Olha, sabes, filha; muitas vezes, quando penso em Henrique, e me lembro, que o poderei talvez tornar a abraçar, tenho mêdo, tenho muito mêdo. Desejára vêl-o... abraçal-o antes de morrer, para poder dizer no ceu a Francisco, que abençoei por elle seu filho, ao despedir-me do mundo: mas quando penso

que se póde realisar este desejo, que hei-de tornar a abraçal-o, tenho mêdo, Maria, tenho mêdo, porque me parece, que não resistirei. Tu não sabes como eu amava Francisco: era o meu amigo, o meu irmão, o meu companheiro de infancia. A minha vida estava confundida com aquella; não admirei que com a morte d'elle se me paralysassem assim os sentidos; o que me pasmou, foi como tambem não morri, porque não suppunha que podia... Quem é que suspira aqui?

— A minha dôr tinha-me trahido. Debalde tentei de todo abafal-a; toda a minha força de vontade, toda a energia da minha alma não foi bastante para a conter dentro do coração. Estendi-me todo pela cadeira acima n'uma contorsão violenta, apertei contra o peito os punhos cerrados, mas o mais que pude, foi contêl-a n'esse gemido abafado, que mau grado meu me fugira do intimo da alma.

— Maria elevou então a voz.

« — Sempre essas lembranças, meu pai, sempre essas lembranças! — disse ella, tentando deslumbrar a impressão, que no pobre paralytico fizera o meu maldito suspiro — Veja se se lembra de outra coisa; hoje farei conduzir a sua cadeira para o bosque das larangeiras, e lêr-lhe-hei...

— Mas um outro gemido, que não pude conter; mais forte, mais agudo que o primeiro, tornou todos os seus esforços inuteis.

« — Henrique! Henrique! — gritou José de Noronha, erguendo-se por um impulso sobrenatural e estendendo os braços para a porta.

— Então, deslumbrado, fóra de mim, com a cabeça perdida, deixei-me descahir para dentro da porta. José de Noronha, primo co-irmão de meu pai, tinha, além do

mesmo typo de familia, a mais perfeita similhança com elle. Ao vêl-o pois, afigurou-se-me surgir ante mim a imagem de meu pai, e louco, inteiramente desmentado, arrojei-me aos seus joelhos, e abracei-me com elles.

— Eu não desmaiei, mas nem por isso, amigo, te poderei dizer o que ahi se passou durante alguns minutos. O que sei é que no momento, em que me voltou a razão, encontrei-me estreitamente abraçado por Alberto, e vi Adelaide e Maria sustentando o pobre velho, que, com a cabeça pendida, e a fronte de uma pallidez de finado, parecia ter realisado o seu presentimento de ha pouco.

— O que soffri não te posso contar; deixa que salte por sobre este periodo da minha historia, visto que não posso, nem mesmo me atrevo a referir-te todas as torturas, que senti durante elle.

— José de Noronha soffreu e muito dos resultados d'este violento abalo; mas os meus cuidados, e os dos meus companheiros, e sobre tudo as consolaçoens rudes, mas varonilmente francas de Manoel fizeram-no em breve restabelecer-se.

— Fiquei então a viver com elle, e a minha vida, amigo, tornou-se uma verdadeira felicidade — tal qual a podia sentir um homem, cuja alma estava no estado da minha. Era feliz com a extremosa amizade de José de Noronha, que para mim tinha voltado toda a que tivera a meu pai; revia-me na felicidade pura e tão candida do amor perfeitamente ideal, que unia Alberto e Adelaide, e amava uma mulher digna de toda a nobreza do meu amor, uma mulher que era typo de formosura, de sentimento, de candidez e de pureza. Para qualquer d'estes rostos, que olhasse, não via senão um rosto amigo, um rosto que encarava o meu com o mais expressivo desejo da minha ventura. Era verdadeiramente feliz — feliz

como o póde ser o homem que uma vez se mergulhou na vida da sociedade, da qual ninguem póde sahir, sem que no espirito traga estampados os mais indeleveis signaes do viver, por que passou. Assimilhava-me então ao que soffreu uma enfermidade mortal, que, d'ella salvo, julga-se são, apesar dos estragos que no corpo lhe deixou, e que de contínuo lhe recordam o seu primitivo vigor. Assim eu cria na minha felicidade, cria na mulher que amava, estremecendo comtudo diante do que me ensinavam as minhas recordaçoens do passado.

— Maria não sabia, porém, d'este amor. Por uma malfadada homenagem, prestada a esse não sei se lhe chame receio, que quasi se torna instincto no homem, que de uma vida toda experiente, como a que tive, chegou uma vez a tirar por conclusão a descrença e o desprêso de tudo, e que depois por um acaso feliz, por uma necessidade da imaginação, e, se o queres, do coração, volve a crêr na possibilidade da felicidade no mundo — por uma homenagem malfadada paga a este receio em cousa nenhuma lh'o tinha manifestado. Maria era uma mulher, uma mulher verdadeiramente excepcional entre as outras; mas eu conhecia de sobejo as mulheres, e ella era uma... Quiz pois fortalecer n'ella primeiro todos esses nobres e puros instinctos de que era dotada; quiz para assim dizer, educal-a. Maldita loucura a minha! Amava-a loucamente, como um anjo; via-me arrastado para ella por uma força verdadeiramente instinctiva, mas cego por aquell'outro instincto, que em mim a experiencia tinha feito surgir, empreguei toda a minha energia de vontade para lhe occultar o meu amor, e á força de dissimular, fiz brotar n'ella para comigo a amizade terna de uma irmã, o amor respeitoso de um filho.

Louco, que, cedendo a um capricho pueril e ridiculo, matei para sempre a minha felicidade!

— Ambos nós eramos assiduos ao lado de José de Noronha. Ora conversavamos, ora liamos. Nas conversaçoens eu usava sempre a rigidez glacial e severa do homem, em quem a experiencia matou para sempre as crenças formosas da idade da imaginação; nas leituras escolhia sempre os livros mais proprios a educar a alma, e os contos e os romances mais pueris que contribuissem para n'ella conservar essa pureza e inexperiencia, que ornava a alma de Maria. Esforçando-me a conservar-lhe a alma no estado infantil, em que a encontrei, fazia da mulher, que queria para amante, uma irmã, uma filha; erguia entre o coração d'ella e o meu uma barreira, que devia para o d'ella ser depois incestuoso o passal-a.

— Assim passaram seis mezes, durante os quaes este amor tornou-se necessidade para a minha existencia. Reconheci então o meu erro; quiz reparal-o, mas já era tarde; ante mim encontrava sempre a amizade extremosa da irmã, o amor respeitoso da filha, que eu proprio, tão forte em vontade, não me atrevia a ultrapassar.

— Foi por esta occasião, que Luiz de Mendonça e Emilia chegaram. Touxeram-nos novas de Fernando. Ficara em Italia, d'onde em breve voltaria a Portugal para casar com Emilia, que, segundo elle me escrevia, *amava loucamente por esse mixto de formosura e nobreza d'alma, que durante o tempo que com ella viajou, aprendera a conhecer. Assim satisfazia tambem aos desejos da sua familia.*

— Fernando havia encontrado Luiz de Mendonça em Ravenna; acompanhou-o durante toda a sua viagem, e, o que provavelmente teria acontecido comigo, teve com

elle tambem lugar. Amou Emilia, e esta amou-o a elle. A predilecção, que já na infancia tinham um pelo outro, tornou indissoluvel este amor.

— Alguns dias depois da chegada de Emilia, Estevão appareceu tambem e sem ser esperado. Sempre brutal, sempre amando extremosamente a irmã, e com as forças e corporatura no gigantesco desenvolvimento que hoje possue.

— Assim os meus amigos da infancia iam-se pouco e pouco reunindo nos mesmos lugares, onde a tinhamos passado. Os dois unicos, que ainda faltavam, eram Eugenio e Fernando. Este estava, como te disse, a chegar por momentos, e aquelle acabava de ser despachado alferes para um regimento do Porto.

— A' vista de tudo isto, amigo — continuou Henrique — pódes bem avaliar a minha felicidade. Um acontecimento funesto veio porém subitamente enlutal-a, e enlutar-nos a nós.

— Um dia eu e Alberto tinhamos acompanhado Estevão á caça, seu divertimento favorito. Quando entrei em casa, achei tudo na maior consternação.

— José de Noronha tinha sido atacado de novo, e o medico, que já o tinha visitado, declarára formalmente desesperar de salval-o.

— Corri ao seu quarto.

— Nas feiçoens do amigo de meu pai retratavam-se já todos os signaes da morte. De redor d'elle estavam Luiz de Mendonça, impassivel, com os olhos fitos no rosto do amigo, mas quasi tão pallido como elle. Emilia amparava-lhe com um braço o corpo, que tinha recostado em travesseiros ao longo da cabeceira do leito; Maria, de joelhos junto d'elle, chorava com os labios collados n'uma das mãos, que começava a arrefecer-lhe. Junto da

porta, com os braços encruzados, e com toda a impassibilidade de um homem affeito a vêr a morte, Manoel contemplava com aspecto carregado e triste o ultimo bruxulear da vida do amigo querido, do seu querido *coronel*.

— No rosto de José de Noronha, mal me avistou, assomou um sorriso da mais viva alegria. Tentou erguer-se sobre o leito; depois chamou junto de si Luiz de Mendonça, e pediu-lhe que me deixassem a sós com elle.

— Sahiram todos, e eu fiquei com o moribundo.

— Então chamou-me junto de si, e em voz já froixa, mas ainda firme e bem intelligivel, disse-me assim:

« — Henrique, foi Deus que te trouxe aqui, meu filho: eu não devia morrer sem te vêr. Escuta-me.

— Parou um pouco, e logo continuou:

« — Henrique, estimei-te sempre como filho; tu o és do homem, que mais amei n'este mundo, e tanto bastava, ainda mesmo que para comigo te não houvesses portado como se o fosses verdadeiramente. Não devia pois morrer sem te abençoar, mas, além d'essa, tenho outra obrigação a cumprir, e para isso era mister estares ao pé de mim. Filho, sinto approximar-se a morte; em breve vou unir-me ao meu Francisco, a teu pai: jura-me pelo amor que lhe tinhas, jura-me por elle, que has-de cumprir fielmente a promessa, que me vaes fazer.

— Era solemnissima a scena, Arnaldo; quem me fallava era um moribundo, e nos olhos d'esse moribundo reluzia a mais viva anciedade, o mais vivo interesse como que n'essa promessa lhe estava posta toda a esperança da ventura da eternidade, em que ia para sempre mergulhar-se. Eu estava tocado de horror e de respeito; com o corpo todo pendido sobre o vacuo immenso e mys-

terioso da campa, José de Noronha aferrava-se ainda com um braço á vida, olhando-a com toda a anciedade de quem tem longos seculos a viver.

— Tocado pois de terror e de respeito, cahi de joelhos ao lado do leito, em que elle jazia.

« — Juro-o por meu pai — exclamei eu.

— Assomou-lhe então nos labios um sorriso da maior alegria.

« — Henrique — disse elle então — tenho um filho, e é quando a campa se abre para um pai, que mais lhe dá cuidado e mais o avexa o futuro dos filhos. Fernando é bom, a sua alma é generosa, e dotada de sentimentos nobres; mas a cabeça é má, e elle será infeliz. Um intimo presentimento m'o adverte, e os presentimentos dos moribundos não falham. Entretanto que tive vida, velei por elle; mas agora que vou descer á sepultura, a quem, senão a ti, hei-de incumbir o velar pela sorte de meu filho? Henrique, tu és a imagem de teu pai; tens a mesma nobreza de caracter, tens a mesma coragem, e a mesma energia d'acção; jura-me por elle, que has-de velar pela sorte de meu filho, que has-de ser eternamente o amigo de Fernando.

« — Oh! eu o juro, meu pai — bradei profundamente tocado da anciedade tão extremosa d'esse pai desgraçado.

« — E que Deus te abençôe, meu filho; eu direi no ceu a teu pai, que o filho, que lhe fica no mundo, é digno do nome, que lhe deixou. Agora diz aos outros, que podem entrar.

— As lagrimas corriam-me pelas faces abaixo, quasi que não podia fallar. Approximei-me da porta, abri-a, e fiz signal para que entrassem.

— José de Noronha chamou então junto de si Luiz

de Mendonça e Manoel, e tomando-lhes as mãos disse-lhes assim:

« — Luiz, sou mais feliz do que tu, que vou reunir-me primeiro aos que temos juntos de Deus; não chores sobre mim, chora sobre a tua infelicidade. Vela por nossos filhos.

— Depois voltando-se para o veterano, continuou:

« — Manoel, és uma alma nobre e leal; deixo-te Maria, vela por ella como se fôra minha filha.

— Um estalido rouco e abafado fez vêr, que o veterano afogava na garganta um suspiro; levou então aos labios a mão, que José de Noronha tinha apertada na sua, e seguiu para fóra do quarto após Mendonça, que com a mais viva tortura pintada nas faces sahira da presença do amigo.

— Então este tomou a mão de Emilia.

« — Minha filha — disse-lhe elle — o meu mais querido desejo, em quanto vivi, foi vêr-te unida a Fernando. Deixo-t'o pois, sêde felizes.

— Depois voltando-se para Maria, que, debulhada em lagrimas, lhe apertava uma das mãos contra os labios, o moribundo tentou sorrir-se com um sorriso de amor.

« — E tu, Maria, e tu, minha filha? — disse por fim — tu, que me trataste com o amor terno e carinhoso de um filho, com que palavras poderei pagar-te todos os cuidados de que te sou devedor? Se tivera outro filho, Maria, podéra pagar-te toda a felicidade, que me fizeste gosar, dizendo-lhe que te fizesse feliz, mas assim....

« — Estou eu aqui, meu pai — exclamei, arrojando-me para junto d'elle — não sou eu teu filho? não serei digno de pagar a tua divida?

— Depois cahindo de joelhos, tomei a mão de Maria,

que perdida, sem saber o que fazia, m'a abandonou sem reagir, e exclamei:

«— Diante de Deus e pela alma de meu pai, juro que tornarei Maria feliz.

— Nos olhos já baços do moribundo brilhou um lampejo de celeste alegria, tenteou com a mão em busca das nossas, que estavam unidas, cingiu-as já sem forças, e em voz já quasi sumida, mas ainda firme, exclamou:

«— Sède felizes, meus filhos; que as bençãos de um moribundo cáiam sobre vós—sobre ti, Henrique, sobre ti, Maria.

— Estas palavras ainda foram pronunciadas em voz bem intelligivel; depois balbuciou mais algumas, logo sons já inarticulados, e por fim sentimos de todo desfallecer-lhe a mão, com que cingia as nossas, e soltando um suspiro doce e suave, de todo rendeu o espirito.

— A nossa dôr foi immensa; se porém não fiz por elle tantos extremos, como de certo eram de esperar, é que outro cuidado me diminuia um pouco no espirito a lembrança da morte d'este meu segundo pai.

— Foi, porém, tal a impressão que fez em Maria, que por muito tempo se receiou pela sua vida.

— Tive então por ella todos os carinhos de um amante, de um noivo; comecei logo a cumprir a promessa que fizera a José de Noronha. Mas da parte de Maria nada se alterou em relação ao modo com que d'antes me tratava; antes esse amor de irmã, esse respeito de filha, que d'antes me tinha, augmentou com todos estes meus cuidados de agora.

— Oito dias depois da morte de José de Noronha, pediu-me que a levasse para a sua cabana. Fiz conduzil-a para lá; de dia velava-a eu, de noite ficava com ella uma mulher, que para lá mandei, e eu, amigo, a ninguem o

disse ainda — eu proprio vigiava tambem parte da noite, de fóra, á porta de sua cabana, receoso que a mulher adormecesse, e se descuidasse da vigia, que lhe tinha recommendado.

— Alguns dias depois Maria restabeleceu-se de todo. A nossa vida ia recomeçar a sua carreira passada, quando Fernando, ainda ignorante da morte do pai, chegou a Taínde.

— Tu que o conheces, que sabes como n'elle o sentimento é ardente, e como são fortes as primeiras impressoens, pódes bem avaliar o excesso da sua dôr. Por quinze dias recusou vêr pessoa alguma, á excepção de mim e de Emilia; não queria comer, chorava, e de quando em quando rompia em gritos agudissimos.

— Mas ao decimo sexto dia, por uma d'essas pasmosas revoluçoens, filhas da sua extraordinaria volubilidade de caracter, appareceu inteiramente mudado. Mandou logo de manhã sellar um cavallo, sahiu a passear, e quando voltou, recusou os càldos de gallinha e mais comidas leves, que o medico lhe recommendava em razão da excitação em que estava, e tomou comidas succulentas, e com um appetite verdadeiramente invejavel. De tarde foi para casa de Emilia, assobiou, cantou, e riu-se á vontade, e á noite dormiu com um somno digno de algum dos sete dormentes. No dia seguinte, e nos que após este vieram, não lhe notaram differença alguma n'esta mudança — isto é, Fernando continuou a divertir-se quanto podia, e a seguir com toda a assiduidade de um verdadeiro amor as pisadas de Emilia.

— Tudo contribuia ao mesmo passo para o fazer bemquisto na aldeia. O seu caracter franco, tractavel e egual para todos, fazia-o estimar dos homens: a sua figura es-

belta, formosa, e sobre tudo a sua indole folgasã e atrevida faziam-no desejar das mulheres.

— Ao principio apenas montava a cavallo, e amava Emilia; depois começou a caçar, a pescar, a jogar a barra, a metter-se nos folguêdos da aldeia, e em relação a amores, sorriu-se por fim para uma, logo para outra, e para outra, e por fim para todas sem excepção, e todas tambem se sorriam para elle, que o seu atrevimento galhofeiro, a belleza das suas feiçoens, e o elegante desalinho dos seus vestidos e cabellos davam-lhe, como te disse, um aspecto verdadeiramente conquistador. Todas as mulheres, n'uma palavra, eram amadas por elle ou mais ou menos, segundo via esta ou aquella mais ou menos vezes, segundo estava de mais ou menos bom humor a favor d'esta ou d'aquella. E Emilia, que o amava loucamente, soffria, a não poder mais, com isto. Estevão distribuia alguns murros pelas rivaes da irmã; Fernando arrependia-se, ou voltava com mais fervor á conquista, segundo os ventos que lhe sopravam na cabeça.

—Eu ria-me d'isto. Um dia, porém, pareceu-me que elle brincava de mais com Maria, que esta olhava com mais attenção para elle, e até uma vez me pareceu fallar-lhe em segredo. Uma mudança singular, que pouco tempo depois fez no seu modo de viver comigo, ainda augmentou mais esta desconfiança.

— A titulo de fazer calar as más linguas, pediu-me que não voltasse mais á sua cabana. Era a primeira vez que ideia tão extravagante lhe vinha á cabeça. Não tinha eu promettido a José de Noronha, que faria a felicidade d'ella? Não era já notorio e com admiração sabido em toda a aldeia, que o *fidalgo* de Lordello casava com a engeitada da barqueira do Ave? Alguma coisa havia ahi pois, que motivava tão extraordinario pedido, e apesar da

minha persuasão a respeito da nobreza d'alma de Fernando, e de eu lhe ter, logo que chegou, dado parte dos meus projectos em relação a Maria, tudo tendia a reforçar as desconfianças, que para com elle se me iam levantando no espirito.

— Espreitei pois, e em breve as minhas desconfianças se tornaram realidades.

— Maria procurava Fernando em todos os sitios onde se podiam encontrar; Maria começou a zelal-o tão ostensivamente, que já na aldeia se começava a murmurar d'ella.

— Assim mesmo — louco que eu era! — não queria ainda acreditar o que via, e o que ouvia; desculpava tudo, e tentava disfarçar esses factos debaixo das mais rasoaveis explicaçoens.

— Mas em fim desvendei-me de todo.

— Um dia Manoel entrou no meu quarto. As nobres feiçoens do veterano estavam severamente carregadas, e um pouco denegridas pela raiva bem evidentemente concentrada.

— Logo conheci, que me vinha annunciar alguma coisa bem infame.

« — Que tens, Manoel? — disse-lhe eu, um pouco sobresaltado por não sei que receio instinctivo.

— O olhar do veterano carregou-se ainda mais.

« — Fernando é um infame, e Maria...

— Interrompi o velho soldado com um gesto tão instinctivamente imperioso, que elle calou-se. Abafava de raiva e de cólera, e se não fosse o respeito quasi filial, que lhe consagrava, ter-me-ia arrojado sobre elle.

« — Com que direito — disse-lhe por fim em voz rouca de cólera — ousas tu accusar de infames a Fernando e a Maria?...

— O veterano cruzou os braços, — um reflexo de indignação, tão rapida como o relampago, passou-lhe por sobre as feiçoens varonis e leaes.

«— Ha meia hora Fernando sahiu da cabana de Maria; ao sahir, ella deu-lhe um beijo, e disse-lhe em voz bem expressiva — «Pódes agora duvidar que te amo?» — Eu estava escondido por detraz da mouta de salgueiros — vi, e ouvi.

«— Manoel!... Manoel! — gritei eu, caminhando para o veterano com os punhos cerrados, e abafando de raiva.

— Manoel não respondeu: — por um pouco a sua figura tão nobre e tão leal tomou a expressão da mais viva dôr e piedade; logo, revestindo-se da sua primeira severidade, ergueu o braço para o ceu, e disse em voz firme e solemne:

«— Juro-o pela minha honra; juro-o pela alma de Francisco de Mello. Vi e ouvi.

— A estas palavras, como se um raio me houvera fulminado, cahi sobre uma cadeira, e cobri a face com as mãos. Nunca um tal juramento sahira da bôca de Manoel; e era tão solemne e tão magestoso para mim, que já nem mesmo sentia sequer o instincto de duvidar das palavras do veterano.

— Assim permaneci algum tempo. Quando olhei para elle, achei-o com o mesmo aspecto sereno, com a mesma solemne magestade a reluzir-lhe no rosto.

— Levantei-me, e apontei-lhe para a porta.

«— Sáe — disse-lhe eu então.

— Apesar de me querer revestir de toda a auctoridade, a voz trahia-me o estado de abatimento do espirito, e a impressão de respeito que o veterano exercia sobre mim.

— O velho amigo de meu pai não deu palavra; rodeou os olhos pelo quarto, e sahiu, fechando atraz de si a porta. Em breve os seus passos, soando no fim do corredor, fizeram-me vêr que se retirava para longe.

— Tomei então a minha espingarda de caça, carreguei os dous canos com quartos, e abri a porta, levando a raiva e a desesperação no coração.

— A' porta — de pé, e com os braços cruzados — encontrei o veterano, em cujas feiçoens se pintava a maior anciedade.

— Ao principio a cólera, que me cegava, fez-me dar para traz um passo de despeito, — pareceu-me vêr em Manoel um estorvo ás minhas intençoens; mas logo a expressão do rosto do velho soldado fez-me inteiramente mudar. O amigo vigiava o amigo, receoso dos excessos da dôr violenta em que o vira mergulhado.

— Atirei-me então aos braços d'elle, senti rolar-me nas faces uma lagrima, que lhe cahira dos olhos, logo desprendendo-me rapidamente d'elle, arremessei-me para a porta, e tomei a direcção da cabana de Maria.

Henrique passou a mão pela testa, como para abafar as ideias dolorosas, que lhe referviam na mente. Logo continuou:

— Fui-me collocar atraz d'essa espessa parede de salgueiros, por detraz da qual tantas vezes, em outros tempos, me escondêra para fazer uma surpreza a Maria, e d'onde agora Manoel acabava de observar as provas dos seus amores com Fernando. Encostei a espingarda junto de mim, e com a cabeça a arder, poisada sobre o frescor das folhas, puz-me a escutar e a olhar por entre ellas para a porta de Maria.

— O sol ia escondendo-se por detraz das elevadas collinas da margem fronteira, por sobre as quaes ainda se

via ao longe, no horisonte, um pedaço da immensa facha de fogo doirado, que após de si deixára na orla do espaço. Sobre as cristas dos montes desenhava-se uma formosa auréola de côr violeta, e a sombra, que se projectava sobre o rio, tinha uma linda côr azul-ferrete—mas já froixa, mas já insensivelmente dissolvendo-se. Uma aragem perfumada pelas flôres das collinas vinha adejar-me junto das faces, e refrescar-me com um celeste frescor a fronte que ardia em febre.

—Com os olhos fitos na porta de Maria, espreitava eu, na maior anciedade, uma qualquer prova, que de todo me fizesse acreditar no que Manoel me dissera; na traição, na infamia da mulher, que eu divinisára—eu, homem já cançado, já experiente do mundo—nos sonhos doirados da minha imaginação de poeta. Mas passou meia hora, passou uma, e nada.... nada me dava occasião sequer para uma suspeita.

—A mimosa auréola, que circulava os montes havia já desapparecido, a aragem refrescava cada vez mais com a approximação da noite, quando uma risada d'alegria, logo o som de um beijo, sahido de dentro da cabana de Maria, me fez estremecer, e fitar ainda mais ancioso os olhos na porta.

—Em breve d'ella para fóra, com os braços entrelaçados e os rostos afogueados d'amor, e animados do mais doce sorriso de felicidade, vi sahir Fernando e Maria. Eram realmente formosos assim no gôzo da mais completa ventura—elles já tão bellos, já tão formosos, que nada podiam deixar a desejar ao saber omnipotente do Creador.

—Ao vêl-os, senti os joelhos curvarem-se-me, senti as fontes baterem-me com um sonido espantoso, e diante de mim passou uma nuvem de sangue, que parecia arder.

Elles encaminharam-se em direcção á barca, saltaram para dentro d'ella, desamarraram-na, e pozeram-se a remar para o outro lado. Fernando saltou então em terra, após de ter beijado Maria, e depois pôz-se lentamente a subir a encosta em direcção a sua casa, olhando de quando em quando para traz, e sorrindo d'amor á barqueira.

— Eu não olhava, sorvia, para assim dizer, com a avidez vingativa de um demonio, esta scena tão rescendente de amor e de felicidade.

— Maria já vinha no meio do rio, Fernando tornou a voltar-se e a dizer-lhe adeus com a mão. Ella largou os remos, e estendeu os braços para elle, que deitou a correr então pelo monte abaixo em direcção ao rio. Maria fez n'um momento approximar a barca contra a margem. Fernando lançou-se dentro d'ella, e de novo se apertaram nos braços, e beijaram com ardentissimo amor.

— Da minha bôca sahiu um rugido de tigre, levei a espingarda á cara, e apontei sobre elles. Só via sangue diante de mim — nem a mim proprio reconhecia. Mas quando ia a disparar, quando já com o dedo sobre o gatilho sentia bater o coração com toda a alegria da vingança, pareceu-me surgir ante os olhos a imagem de José de Noronha, pallido, e já com todos os signaes da morte, como o tinha visto n'esse momento solemne, em que me havia feito jurar que seria eternamente o amigo e o protector de Fernando.

— Soltei então um grito de terror, arrojei a espingarda, e espavorido, aterrado, lancei-me rapido como o pensamento pelo caminho que conduzia a minha casa. Ao meu grito pareceu-me terem correspondido outros dois, o que ainda me pôz mais pavor, e me fez correr com mais pressa.

— Apesar de toda a energia da minha alma, amigo,

não pude resistir a esta ultima desillusão. Cahi doente, e durante cinco ou seis dias estive em tal delirio de febre, em tal excitação, que temeram pela minha vida.

— Para não dar que fallar sobre o motivo da minha molestia, Manoel fez correr que eu tinha no dia antecedente partido para o Porto por uma causa tão urgente, que nem mesmo me déra tempo de me despedir dos meus parentes e amigos.

— Quinze dias depois estava completamente restabelecido. A razão tinha voltado. Montei então a cavallo, e fiz certa a nova, que Manoel fizera correr; parti secretamente para o Porto, e d'ahi embarquei para Lisboa, d'onde fui no paquete para Cadix.

— Dois mezes depois voltei — não armado de um cynismo revoltante e vingativo, como do meu caracter se podia e devia esperar; mas indifferente, mas simplesmente sarcastico, sem acreditar nem deixar de acreditar no amor, porque nem mesmo me dava ao trabalho de n'elle pensar.

— Manoel contou-me tudo o que na minha ausencia se tinha passado. Os amores de Fernando e de Maria tornaram-se tão publicos, tão conhecidos, que começaram a dar escandalo; houveram diversas vezes desgostos em casa de Mendonça, muito mais que querendo este apressar o casamento, Fernando respondêra affoitamente — « que por entretanto não estava resolvido a casar. » Como a familia insistisse, respondeu com mais altivez e despejo — « que não recebia ordens de pessoa alguma; que havia de casar com Emilia, se muito bem o quizesse. » D'aqui doença grave em Emilia, e desordem com Estevão, que apesar de mal perceber a questão, queria matar Maria, porque via a irmã doente, e tinha ouvido dizer que era por causa d'ella. Emilia aplacou o gigante, e fez-lhe

prometter socego. Finalmente, depois de todas estas peripecias tragicas e comicas, Fernando começava a mostrar-se enfastiado d'ella; não ia já tão frequentes vezes á cabana, e mesmo para lá ir era necessario que ella muitas vezes o fosse chamar. D'aqui choros em Maria, e emmagrecer a olhos vistos.

— Apesar da indifferença, que eu tinha por todas as coisas, senti não sei que ligeira commoção, principalmente com a ultima parte d'esta narrativa. Eram porém os ultimos reflexos do incendio; bruxulearam pela ultima vez, e apagaram-se de todo. Comecei então a viver com todos os meus parentes como até ali; ninguem me estranhou coisa alguma nova no modo de tratar, além de certa frieza e indifferença sarcastica, que eu mostrava por tudo. Apesar de todos conhecerem a causa, ninguem todavia ousava tocar-me na chaga, fallando n'ella diante de mim.

— Fernando, o proprio Fernando, que ao principio se approximára de mim com toda a desconfiança de uma consciencia culpada, perdeu-a de todo, logo que viu que eu nada mudára para com elle; que até me fizera, para assim dizer, um conselheiro, um pedagogo. Mal sabia elle, que razão eu tinha para assim obrar; que debaixo d'aquella apparente serenidade occultava um resentimento, que nunca será capaz de apagar. O seu caracter estava inteiramente perdido para mim, e o facto, que hontem presenciamos, amigo, é mais que prova sobeja de que me não enganei no conceito que d'elle formei então.

Eu abaixei tristemente a cabeça, e Henrique, como agitado não sei por que sentimento doloroso, levantou-se, deu alguns passos no quarto, e por fim continuou d'esta fórma:

— Dividi então o meu systema de vida o mais rasoa-

velmente possivel em relação ao espirito e á materia. Lia e escrevia; caçava e pescava; e as noites passava-as em casa de Luiz de Mendonça, d'onde pela volta da meia noite me recolhia á minha a tomar o descanço da noite.

— Placida e mui placidamente corria pois a minha existencia, mas não da mesma fórma a de todos os outros actores d'este drama singular. Os ciumes atormentavam Emilia, Estevão rugia de raiva por vêr despresada a irmã, Maria chorava vendo-se pouco a pouco abandonada, Fernando corria de um em outro amor, já atrozmente incommodado pela semsaboria, pela enxabidão que o ia ganhando por se vêr tanto tempo na mesma terra. Em casa de Emilia é que eram as scenas mais violentas, que porém se apasiguavam diante mim, já porque me não queriam recordar casos passados, já porque um dia soltei na cara de Emilia, que chorava por causa de Fernando, um sorriso tão sarcastico e tão mau, que ella avisou-se para nunca mais tornar a apparecer assim diante de mim.

— Uma noite, amigo — continuou Henrique, depois de um curto silencio — eu voltava, segundo o meu costume, de casa de Emilia. N'essa noite, porém, recolhia-me mais cedo, porque um violentissimo vento do nascente tinha pouco a pouco cuberto o ceu de nuvens tão espêssas e escuras, que ameaçavam grande tempestade. Caminhava apressado, porque os relampagos começavam a fuzilar, e já algumas gottas de chuva ardentissima me cahiam de quando em quando nas faces. Seguia em direcção á *pindella* (1) de Amieiro Gallego, que é o cami-

(1) Assim chamam no Minho aos pontilhoens que os moleiros lançam sobre os rios, para da margem opposta terem passagem mais proxima para as azenhas. Consistem em uma escada, cujas extremidades se apoiam

nho mais proximo para minha casa. Em uma das voltas da encosta pareceu-me sentir uns gemidos; parei, e puz-me a escutar. A trovoada começava a approximar-se, rugindo temerosamente.

— Nada, porém, ouvi mais; suppuz terem sido os pios de alguma ave amedrontada pela tempestade que se approximava, e continuei a caminhar. Ao chegar, porém, mais proximo do rio, pareceu-me ouvir mais distinctos os gemidos. Escutei; vinham do meu lado direito. Tomei aquella direcção, e em breve descobri ao funerario claro-escuro, que por entre as nuvens denegridas reflectia da lua, um vulto alvejante que me pareceu de mulher. Estava sentada sobre umas pedras, que ficam sobranceiras ao rio, com a cabeça encostada a uma das mãos, e os suspiros pareciam de quem chorava. Senti cerrar-se-me o coração: Ziska, o meu valente cão da Terra-Nova, caminhava inquieto diante de mim. Receoso d'alguma tentativa desesperada, não deixei approximar o cão para não dar o menor signal de mim.

— Mas os meus passos, e algumas voltas inquietas do animal deram signal de nós á mulher. Ergueu-se rapidamente, olhou para traz, e soltando um grito agudissimo, fez o signal da cruz, e arremessou-se ao rio.

— Outro grito tão agudo, tão doloroso como o d'ella, subiu-me do coração aos labios. Ao fuzilar de um relampago tinha reconhecido Maria. Passado o primeiro abalo do assombro, que me tinha feito estacar, atirei-me de um salto para a lagea, d'onde ella se arrojára.

« — Aqui, Ziska — bradei eu — e vestido como estava arrojei-me após d'ella ao rio.

nas duas margens, sobre a qual lançam — e muitas vezes não lançam — algumas taboas para tornar mais egual o piso, isto quasi sempre sobre uma profundidade de quinze a vinte pés de altura.

— Quasi que ao mesmo tempo cahiu tambem sobre a agua o meu valente e fiel amigo.

—Conheces, Arnaldo, como corre a agua do nosso Ave. E' no meio do rio tão rapida, principalmente indo em cheia, como ia então, que é quasi impossivel sahir d'ella. Só por junto das margens é que deslisa mais socegada, e que mais se deixa cortar. Nadei n'esta direcção; Ziska precedia-me com todo o valor e dedicação, que teem estes fieis animaes; demais Ziska via-me na agua, e tanto bastava para deixar-se antes morrer afogado, do que salvar-se sem mim.

— Nadei, procurei por muito tempo pela agua mansa abaixo a pobre Maria, a quem de certo havia de ter levado n'essa direcção, mas nada via. O ceu estava cada vez mais negro, o trovão bramia com um estampido horroroso, a chuva cahia em diluvio, e os relampagos reflectiam contínuos sobre a torrente a sua luz sulfurea, misturada ás vezes com um raio pallido da lua, que de quando em quando, desassombrada das nuvens pelo rapido galope que por sobre ella levavam, lançava por entre uma aberta um raio fugitivo sobre esta scena horrorosa.

— Ziska soltou então um grito, e arremessou-se para o seio da torrente. Um relampago fulgiu, e eu vi o corpo de Maria, fluctuando rapidamente sobre a agua, correndo com egual rapidez ao que ella levava. Ziska havia-a tambem reconhecido.

— Outro grito, sahido tambem do mais intimo da minha alma, respondeu logo ao do meu fiel animal.

« — Animo, Ziska, animo! — gritei eu, e arrojei-me tambem ao seio da corrente.

— Senti-me logo arrebatado; mas ajudava ainda a rapidez da agua com toda a força dos meus braços.

— N'um momento alcancei Maria, que Ziska já havia aferrado, e que tentava, mas debalde, trazer para fóra da torrente. Juntei os meus esforços aos do valente animal; mas debalde, que o que apenas conseguimos foi contrabalançar a furia da torrente, foi não sermos arrastados com tanta pressa.

— Eu luctava, luctava com todas as forças da desesperação. Mas debalde; depois de meia hora de lucta, senti-me começar a cançar, senti-me arrastado com mais pressa, senti Maria pezar-me como uma massa de chumbo. E lá ao longe um immenso cachão de agua lançava para o espaço um fumo esbranquiçado, bramia com o furor do mar em tormenta. Era a agua a resaltar por sobre o açude das azenhas do Pego — a agua que ao approximar-se d'ahi tomava maior rapidez, arrastava-me com mais força para esse pavoroso redemoinho, onde iriamos despedaçar-nos de encontro aos rochedos e pedras, contra as quaes ella batendo rugia.

— Ziska bradava enfurecido, e mordia de raiva as aguas; logo deixando Maria, veio aferrar-se a mim, puxando-me para a margem, como a convidar-me a salvar-nos, e a abandonar o pêso, que nos impedia fazêl-o. Ainda tive forças para o agarrar, e lançal-o para junto d'ella; o animal tornou a aferral-a.

— Então comecei a sentir, que desfallecia de todo. A vista começava a embaciar-se-me, os relampagos fulgiam-me nos olhos com uma luz funeraria, os trovoens faziam em mim o effeito medonho de um pavoroso e contínuo, mas indefinivel estampido.

— Sem saber já o que fazia, por um ultimo esforço do instincto gritei então com toda a força que ainda possuia:

« — Soccorro! Soccorro!

— Atravez do bramido do trovão pareceu-me distinguir uma voz, que respondia á minha.

« — Henrique! Henrique! — pareceu-me ouvir gritar.

— Como se tivera recebido um choque electrico, como o cadaver se move a uma descarga da pilha galvanica, assim o meu corpo estremeceu, senti reanimarem-se-me as forças, senti esclarecer-se a razão.

— Não era esperança illusoria, era realidade. Após aquellas palavras, logo junto á margem ouvi outras em voz que de todo me reanimou.

« — Henrique! Henrique! animo! Eu estou aqui, sou Alberto.

— Era de facto a voz do homem, que tanto amava desde a infancia, a quem me via ligado não só por um certo sentir de reconhecimento verdadeiramente infantil, mas até por uma sympathia bem mais forte, bem mais poderosa que tudo isso, que mesmo as recordaçoens dos nossos primeiros annos.

— O meu primeiro impulso foi chamal-o em meu soccorro; a razão, porém, fazendo-me vêr o perigo a que ia expôl-o, fez com que immediatamente lhe gritasse que se não arriscasse, que fosse chamar gente.

— A figura de Alberto já se desenhava por entre o claro-escuro sobre a margem do rio. Com a cabeça estendida, e agarrado com as mãos a um dos penedos, que mais entravam dentro da agua, parecia procurar o logar onde eu ainda nadava. A minha voz fez-lhe em breve reconhecêl-o.

— A agua ia levando-me vagarosamente, porque eu, reanimado pela presença de Alberto, tinha alcançado forças novas, e luctava com vantagem contra a rapidez da corrente. A alguns passos do logar onde boiava,

dobrava-se todo sobre o rio um bem enramado salgueiro, cujos braços robustos se espalhavam em todas as direcçoens, tocando alguns d'elles na agua. Alberto deitou a correr para elle, subiu-lhe rapidamente acima, e estendendo-se então ao longo de um dos ramos, que cahiam sobre o rio, alongou o braço para vêr se d'esta sorte chegaria com elle até mim. De facto o alvitre era o melhor possivel; só o sangue frio admiravel d'este moço corajoso podia em tal momento imaginal-o. Uma vez agarrado á mão de Alberto, nada mais simples do que os meus esforços juntos aos de Ziska vencerem a corrente na direcção para onde nos tirava este bem seguro ponto de apoio.

— Alberto conheceu rapidamente tudo isto; ligou-se todo com as pernas ao ramo, sujeitou-o a si com o braço esquerdo, e depois, para mais facilmente chegar até mim, começou pouco a pouco a fazêl-o dobrar. Mas o ramo era fraco de mais para soffrer o pêso do corpo de Alberto e todo o impulso, que este lhe dera para o fazer vergar; estalou — eu soltei um grito de terror.

— O ramo começou a dobrar, a dobrar lentamente, quebrando fibra por fibra. A cabeça de Alberto já quasi tocava na agua. O terror tinha-me emmudecido; os cabellos, que a agua me tinha achatado sobre a cabeça, eriçaram-se sobre ella, tal era a impressão de terror que me agitava.

— Então por um esforço só proprio d'este moço valente; d'este homem, que tão poucos sabem avaliar, Alberto ergueu-se rapidamente sobre os pés. O ramo estalou de todo, mas Alberto já estava seguro a outro ramo, que lhe ficava superior.

— Como havia feito no primeiro, assim Alberto agora se enroscou n'este. Fêl-o dobrar sobre o rio por um

impulso violentissimo, quasi a tocar na agua; o ramo era novo, não quebrou, e a mão de Alberto chegava á orla da corrente. Já era tempo; eu já sem forças, luctando apenas por instincto, ia n'esse momento a passar por ali. Alberto estendeu a mão para mim; estava ainda longe — estendeu-a mais — mais; fiz um esforço sobrenatural, e as nossas mãos tocaram-se.

— Alberto tirou-me então com tal força para si, que eu e Maria ficamos logo fóra da corrente; Ziska deu um salto, e achou-se logo ao meu lado. Alberto lançou-se então á agua, e ajudado por Ziska conseguiu em breve pôr-nos em terra.

— O seu pasmo foi extraordinario ao reconhecer Maria... Amigo — continuou Henrique interrompendo-se, e depois de uma breve pausa — escusado é circumstanciar-te tudo o que fizemos. Dir-te-hei só que duas horas depois ella estava em minha casa, ainda desmaiada, ainda dando poucos signaes de vida.

— Foi então que sube o acaso a que devia o achar-se Alberto áquella hora avançada junto do rio, e por conseguinte o ter-me salvado. Segundo o seu costume, fôra n'essa noite para casa de Adelaide, nossa prima, e, como já te disse, sua amante extremosa. A tempestade tinha-o surprendido na volta; quando chegou ao alto de Amieiro Gallego trovejava no seu maior auge. Para gosar ao bramido dos trovoens o horroroso que a luz sulfurea dos relampagos e o funebre manto do espaço reflectiam sobre a corrente, havia-se approximado do rio. Foi então que ouviu o grito, pedindo soccorro.

— Passarei por todas as circumstancias, que acompanharam esta scena. Alberto, por um sentimento de delicadeza, retirou-se antes de Maria voltar a si, para, dizia elle, lhe poupar a vergonha de vêr-se assim diante d'elle.

— Maria recuperou em breve os sentidos, e eu sube tudo. Estava gravida, e gravida de Fernando, e o motivo de se querer afogar era o desprêso, que desde então elle lhe mostrava. Essa noite estivera ella diante das janellas de Mendonça, espreitando cheia de ciumes o que iria na morada que habitava Emilia, e vira—vira Fernando jurando a Emilia que nunca a tinha deixado de amar, e que os seus amores com Maria não passavam de um mero divertimento. Este desengano ainda lhe augmentára a resolução, que havia tomado de terminar com a vida.

— Apesar de eu ter pretendido occultar o facto horroroso, que te acabo de contar, não sei como foi, mas respirou, e começou-se a rosnar d'elle na aldeia. Fernando, levado da compaixão, ou antes da sua extraordinaria volubilidade, voltou-se então com mais fervor para Maria; ella porém, que era dotada de um caracter tão nobre e tão altivo, nunca mais, apesar de excessivamente o amar, sorriu para o homem, a quem ouvira dizer uma vez que jámais a tinha amado, — que os seus amores com ella haviam sido simples brinco, mero desenfado.

— Apesar de tudo isto, Emilia e toda a familia de Mendonça continuavam inquietos. Fernando recusava-se pelo entretanto a casar, a pretexto de ainda estar muito novo. Alguns mezes depois Maria deu Alfredo á luz. As desordens avivaram-se então, porque Fernando ou levado pelo amor de pai, ou pela sua caprichosa volubilidade, teimava em querer que Maria o tratasse como d'antes.

— Dois annos depois — dois annos todos cheios de aventuras e de inconstancias de Fernando, de lagrimas e sustos d'Emilia, de pragas de Estevão, e de indifferença minha, Fernando montou um dia a cavallo, dizendo que ia passear. Mas pelas cinco da tarde, em lugar d'elle, chegou um rapaz com uma carta, em que annunciava,

que não podendo supportar por mais tempo a monotonia, em que vivêra até ali, ia partir para França.

— E' d'esta viagem que chegou ha quinze dias. — O resto sabes-l'o tu.

Henrique calou-se então, e ambos nós ficamos silenciosos, e pouco e pouco fomos cahindo n'essa profunda e melancolica abstracção de espirito, em que parece que a alma abandona o corpo; em que a vida se paralysa e susta, e o unico signal que d'ella resta é a respiração — pausada, vagarosa, como os ultimos movimentos da pendula, que, terminada a força motriz, ainda assim continúa a balançar-se por effeito do impulso que recebeu, ao principio com toda a força dos primeiros movimentos, e depois mais branda, logo mais branda e mais branda, até que em fim pára, e se aquieta de todo.

Nunca em noite serena de estio, quando a lua fulge com toda a sua luz tão doce e tão melancolica no meio de um ceu de azul vaporoso, vos fostes sentar no alto de uma collina, a gosar do fresco da noite e a contemplar o formoso quadro da natureza, que se estende em roda de vós?

Se alguma vez o tendes feito, se vos aprazeis na contemplação d'essas realisaçoens gigantescas do bello, d'esses quadros tão *immensamente* formosos, que só podiam ser concebidos pela imaginação omnipotente de Deus, haveis de ter muitas vezes sentido um estado egual ao que vos acabo de descrever. Depois de olhar em torno de vós, depois de admirar, a alma, como cançada da contemplação d'essa bella *immensidade*, começar-vos-ha a cahir em torpor, em deliquio, e em breve tão abstracto ficareis, que vos esquecereis de vós mesmo, que até, estando a olhar, não vereis coisa alguma.

E então, se tendes um facto que vos penalise, se ten-

des uma saudade a pagar a um passado, que jámais vereis renovar, é então, n'esse momento, que elle vos surgirá diante da alma abstracta, fugida — que voltará a pensar, a viver, mas só para esse sentimento melancolico, mas só para esse pungir tão meigo e tão socegado, que já nada tem dos excessos da dôr, mas tudo do delicado sentir da resignação.

Assim tambem o espirito cáe diante da melancolica narração de um facto doloroso, que o tomou como de salto e quasi desprevenido; assim eu e Henrique pouco e pouco nos perdemos, elle nas recordaçoens dos factos em que a vida tão agitada se lhe baloiçou, até de todo vêr sossobrar as ultimas illusoens de felicidade, eu na impressão que no meu espirito fizeram as dolorosas peripecias d'esta piquenina scena do grande quadro da vida social.

Ambos continuavamos assim, quando a porta do quarto se abriu, e a figura nobre e expressiva de Manoel appareceu no limiar.

— O jantar está na mesa — disse elle, fitando sobre nós o seu olhar profundo e prescrutador.

Levantei-me de um salto, sacudi o corpo, e, como se acabasse de dormir, olhei fito para Henrique. Este, ouvindo a voz do veterano, saltou do sofá, fitou em mim os olhos pretos e ardentes, e, expellindo os ultimos restos das impressoens, porque passára, metteu o braço no meu, exclamando:

— Diabo! a historia foi triste. Deves estar com vontade de comer; vamós jantar.

E assobiando uma polka, que ao mesmo tempo pretendia fazer-me saltar com elle, dirigimos-nos assim para a sala de jantar.

— Carecemos de nos desenfadar — disse-me elle, já

quando entre as nuvens de fumo, que expelliamos dos nossos charutos, saboreavamos com todo o prazer de amadores as ultimas gottas de café, que ainda se viam nas chicaras — vamos a casa do meu visinho regedor. E' um typo excellente. Rico, estupido, e altamente amigo de tudo o que cheira a emprezas mysteriosas. São seis horas; aposto que o iremos encontrar com o seu amigo *védor* (1) a vêr se descortinam em um campo, que tem junto de casa, sêcco como palha, algum canto, onde possam abrir um poço para achar agua.

E assim dizendo, Henrique levantou-se, deu um beijo em Alfredo, que n'esse momento entrava com Manoel, e sahiu pela porta fóra. Eu segui após elle.

Em breve chegamos a casa do visinho de Henrique.

Era um homem magro, rosto comprido, e revestido de certa auctoridade scientifica, que lhe ficava a matar. Se não fossem certos cabellos brancos, que lhe *bicoloravam* o eriçado cabello preto, que trazia cortado muito curto, têl-o-ia tomado por um oppositor da Universidade, e como tal o teria respeitosamente cortejado. Eu, filho d'aquelle sabio e respeitavel congresso!... Demais a mais era um regedor — a primeira auctoridade da terra.

A suspeita de Henrique realisou-se. Fômol-o encontrar com o védor no tal maldito campo, cujo melhoramento tantas voltas lhe fazia dar ao miolo.

Vestia um casaco de antigo capitão de ordenanças (o digno regedor foi-o no tempo em que assim se chama-

(1) Dão no Minho este nome a certos charlataens, que se attribuem a qualidade de saberem marcar ao certo os logares em que, para se encontrar agua, se devem abrir os poços ou minas, e demais a de assignarem sem errar o numero de palmos a que ella corre debaixo da terra. São sempre lavradores ignorantes e sem estudos, que, ajudando-se de uma impostura caricata e muito divertida e de meia duzia de acertos, que o acaso lhes proporcionou, abusam da credulidade do povo, para lhe extorquirem dinheiro.

vam certas auctoridades, que hoje....) de panno azul, quasi a tocar nos calcanhares, golla levantada, e a apertar com fulgurantes botoens amarellos no peito e nos canhoens, que, seja dito de passagem, talvez porque o digno homem tivesse augmentado em corporatura, ameaçavam fazer uma retirada precipitada até os cotovêllos, isto com grave damno da camisa de fina estôpa, cuja côr — natural julgo eu — tirava um pouco ao pardo.

Trazia na cabeça um chapeu de esteira — e passeava vagarosamente e cheio de gravidade, com as mãos atraz das costas e n'ellas um *Lunario Perpetuo*, entre cujas folhas trazia os dedos mettidos, de certo para marcar a passagem importante que estivera lendo. Ao lado direito, e a alguns passos atraz, vinha em respeitosa distancia o védor.

Era este um homem alto e magro, de rosto cadaverico e ossudo, nariz comprido e largo nas ventas, e cabellos já tirantes a brancos. Trazia na cabeça um chapeu forrado de oleado já sem verniz, vestia um casaco e calças de ganga azul, remendado em partes, immensas botas de solas grossissimas e um chapeu de sol vermelho, que trazia sobraçado á direita. Caminhava pausadamente, e movendo a mão direita em compasso auctorisado.

Vinham ambos silenciosos e meditabundos, mas apenas nos avistaram, tiraram gravemente os chapeus, e avançaram para nós com a maior respeitabilidade.

Passaram-se os primeiros cumprimentos. Henrique, que me queria deixar examinar á vontade o védor, tomou á sua conta entreter o digno regedor. Aferrei o charlatão.

Volvi-o e revolvi-o á minha vontade; esmiucei-o bem á farta no cadinho da investigação, e conheci que o ho-

mem, como muitos outros que conheço, era tôlo, mas tôlo curioso e divertido. Estava intimamente convencido que era um erudito, que bem sem favor lhe podiam dar collocação entre os grandes sabios antigos e modernos, mas por fim era — era um parvo, um pobre diabo.

— Mas, senhor Nogueira Lima — dizia-lhe eu — o senhor que tão entendido é, e que, como me fez a honra de dizer, tanto tem corrido pelo nosso Portugal, para melhor estudar a sua curiosa sciencia, e favorecer com ella essas pessoas, que levadas pela fama do seu nome, o tem mandado chamar de tantas leguas distantes, não me fará favor de dizer, como é que pela simples observação dos terrenos, com olhar muito para a terra, logo ha de marcar com tanta certeza e tão infallivelmente, como todos confessam, o logar onde ha de nascer a agua?

— Oh! oh! — respondeu o pobre homem, erguendo um pouco o chapeu, e limpando com um lenço tabaqueiro d'algodão vermelho uma respeitavel calva — tudo os annos enchinam, é ũa baurda como caurquer outra, que se encasqueta na cabeça d'um home. Por um tudo-nadica de caurquer coisa, quem tal baurda tem, logo conhece a auga — por exemplo, logar onde houber trobisco, auga certa; logar onde...

— Mas que tem o trovisco com a agua? — interrompi eu ó védor, não querendo desaproveitar uma tão bella occasião de o ouvir dizer alguma asneira. — Que relação póde ter essa planta com a existencia da agua em qualquer logar? qual a razão porque só ella, e não outra, tem tão singular propriedade?

— Huuum! — rosnou o védor atrapalhado, e logo tirando dos bofes uma monstruosa baforada de quem ardia em calor, disse limpando de novo a testa — Que caurma, que faz! — e logo em tom grave e scientificamente

inspirado, abanando grave e pausadamente a cabeça — mau tempo! mau tempo!

— De certo — repliquei, compungido de tanta sciencia — de certo; principalmente porque as aguas devem seccar...

Mas elle sem attender, ou fingindo não attender, ao que lhe dizia, continuou:

— Eu não sei que empática tem comigo o calor; não durmo mais que tres horas marcadas p'lo reloijo. No frio durmo; aicho que é p'lo tempo ser mais chôco.

— De certo — repliquei eu — é por isso mesmo. Estas contínuas alternativas de frio e calor, não são lá muito salutares. E não lhe parece, senhor Nogueira Lima? é de admirar como isto acontece! — como está frio, e logo sendo a terra a mesma, o ceu o mesmo, o ar o mesmo, torna-se fria a atmosphera, e, sem mais que, nem para que, chove onde ha pouco havia seccura, faz frio onde ha pouco ia um calor insupportavel.

O védor tomou um ar importante, e levantando a mão para o alto, disse-me em tom doutoralmente inspirado:

— O calor está nos astros, e d'ahi desce em linha retla ao central, e a-dei faz o calor guerra com o frio, e segundo o clibio das estaçoens assim bae o anno.

Eu, apesar de não perceber palavra d'esta moxinifada de sandices, não quiz perder o ensejo de fazer desconxavar o homem, e continuei, aproveitando-me do pouco que tinha entendido.

— Mas, senhor Nogueira Lima, se o calor se recolhesse assim ao centro da terra, onde me disse estar a agua, seccaria tudo, e adeus aguas.

O védor levantou um pouco o chapeu, e coçou na cabeça para vêr se despertava alguma ideia luminosa. Por fim achou.

— A auga bae alcatruzada por baixo da terra — disse elle com a mesma auctoridade — quando o calor desce ao central, ella foge rapidamente p'ra o outro hamisferio, e assim nunca ha seccura.

— Huuum! — rosnei tambem eu por minha vez, perfeitamente embasbacado d'esta nossa singular relação com os antipodas.

E não achava que lhe responder!

Mas n'isto o regedor, que tinha ouvido esta ultima parte da conversa, metteu-se logo na questão, e eil-os travados de razoens.

Berravam como dous toiros; sobre que, não o pude saber. O *Lunario Perpetuo* foi aberto pelo regedor com ar de decisão triumphante. Elle o abriu com o mais sublime pedantismo, espalmou-o sobre a mão esquerda, e com a direita assentou sobre o livro aberto a mais tremenda e magistral palmada.

Fervet opus etc. a questão estava quasi a desandar em sôco, quando a pouca distancia e em direcção a nós assomou Fernando de Noronha.

Vinha vestido de jornada. As feiçoens com quanto pallidas e cheias de melancolia, reluziam com a mais nobre e soberana gravidade. Conhecia-se que vinha cumprir uma missão que lhe custava, mas que cumpria voluntariamente, porque a honra o obrigava.

Esta subita apparição produziu, tanto em mim como em Henrique, uma impressão pouco agradavel. Este, apesar de toda a sua força de vontade, não pôde deixar de o receber com certo ar de austeridade e frieza.

Fernando cumprimentou os dous lavradores, apertou-me affectuosamente a mão, e depois pediu a Henrique que o escutasse alguns momentos á parte.

Por algum tempo fallaram um com o outro. Eu, ape-

sar de estar conversando com o regedor, não os perdia um momento de vista. O rosto de Henrique de austero e frio, que estava, tornou-se triste e compadecido; Fernando parecia fallar cheio de dôr. D'ahi a pouco Fernando tomou a mão de Henrique, levou-a aos labios, e logo apertou-a contra o coração. Depois voltou-se para nós, e fez-nos um signal de despedida; pelas faces corria-lhe n'esse momento uma lagrima.

Tornou então a apertar a mão de Henrique.

— Não te esquecerás do que te peço?—disse-lhe elle em voz um pouco abafada.

— Nunca — balbuciou Henrique, pallido como a morte.

Fernando apertou-lhe de novo a mão, e tornando a acenar-me um «adeus» partiu pelo mesmo caminho por onde viera. Henrique, pallido e immovel como uma estatua, não tirou d'elle os olhos, entretanto que a porta da quinta esteve aberta.

Então dirigiu-se a nós:

— Vamos-nos embora — disse elle, ainda ligeiramente commovido.

Despedimos-nos e puzemos-nos a caminho. Ao sahir a porta do regedor, Henrique parou um pouco, e disse-me:

— Tinha-me enganado a respeito de Fernando: é uma alma generosa e nobre.

E então contou-me, que partira n'esse momento para o Porto, para ir para Italia, e que lhe viera pedir perdão dos males, que lhe tinha feito, e ao mesmo tempo recommendar-lhe Maria e seu filho.

D'ahi a oito dias deixei tambem S. Miguel das Aves, e vim para o Porto.

VI.

Tempos depois voltei a S. Miguel das Aves — tinha quasi passado um anno depois da scena, que no capitulo passado referi.

A primeira pessoa, que me veio visitar, foi Henrique.

— E Alfredo? — perguntei-lhe eu.

— Optimo — respondeu elle.

— E de Maria?

— Apesar de todas as indagaçoens, que tenho feito, não me tem sido possivel saber novas d'ella.

Depois pedi-lhe noticias de todas as familias da terra.

— E de Fernando pódes dizer-me alguma coisa? — disse-lhe eu tambem.

— E bem triste — respondeu elle — Chegou, ha um mez, da Italia — tisico, e sem esperança alguma de melhorar.

Esta noticia fez-me a maior impressão. De tarde fui a casa de Luiz de Mendonça, para vêr Fernando.

Ao abrir o portão da quinta, dei logo de frente com Estevão, que na vasta e larga varanda, que do lado do sul enfeita a frontaria da casa, se entretinha a lavar uma espingarda. A seu lado estavam uns poucos de caens, e

elle, vestido desleixadamente, estava todo absorto no seu trabalho. Com quanto este fosse muito seu favorito, parecia n'esse momento dar-lhe algum motivo de enfado, pois que de quando em quando interrompia não sei que musica, que assobiava, com certos grunhidos expressivos de mais para não serem reconhecidos pragas de descontente.

Eu tive sempre uma muito decidida repugnancia, um desprêso o mais bem pronunciado possivel por todos os *gigantes* de força e de estupidez. Estevão era d'estes taes; assim, se o sentimento que por elle tinha, se não podia chamar desprêso, era comtudo uma completa indifferença.

Estevão, ouvindo abrir o portão, levantou os olhos, reconheceu-me, mas, sem se incommodar, continuou na sua obra, dizendo-me em tom de indifferença:

— Olá! então chegaste?

— E' verdade — respondi no mesmo tom — e venho vêr Fernando, que me disseram estar doente.

Estevão, continuando a examinar os fechos da espingarda, dirigiu-se a uma porta de vidraça, que dava para dentro da casa, dizendo ao mesmo tempo:

— Senta-te n'um d'esses bancos, ou entra, se queres.

E logo, abrindo a porta, gritou para dentro:

— José, vae dizer ao primo Fernando que está aqui o senhor Gama, que o quer vêr.

E voltando ao logar, onde estava, continuou a bolir na espingarda, a trautear e a grunhir, — de costas para mim, e sem se importar mais comigo.

Cruzei os braços, e puz-me cheio de compaixão a considerar aquella figura, a quem Deus por engano tinha dado a fórma humana. Estevão estava então erguendo e baixando o cão da espingarda; pela laxidão com que ca-

hia, vi que a mola estava quebrada. Elle grunhia cada vez com mais raiva.

Bateu então uma tremenda patada no pavimento.

— Foi aquelle bruto! foi aquelle bruto! — gritou elle, correndo pela escada que da varanda descia para o páteo.

Um cão correu atraz d'elle, e embaraçou-se-lhe nas pernas: Estevão, aproveitando a occasião de desafogar a raiva, assentou sobre o costado do animal uma tão forte pancada com o cano da espingarda, que o fez volver de pernas ao ar, e logo sumiu-se pelo páteo fóra, gritando em voz de estentor pelo criado.

Então ouvi atravez da porta de vidraças a voz de Fernando, que dizia:

— Então porque o não fizeram entrar?

— Preferiu ficar lá fóra — replicou outra voz mais doce, que me pareceu a de Emilia — Como é a hora do teu passeio, vamos vêr se elle nos quer acompanhar, e assim não desarranjarás nem um momento a vida regrada, que os medicos te aconselham.

A porta de vidros abriu-se então. Fernando assomou no limiar encostado ao braço de Emilia.

Confesso que, apesar de toda a minha presença de espirito, o aspecto de Fernando aterrou-me.

Já não era esse moço esbelto e elegante, que parecia respirar vida e seducção; era um cadaver ambulante, um espectro aterrador do homem, que eu tinha conhecido. Os cabellos em desalinho achatavam-se-lhe ainda meio annelados sobre a cabeça, os olhos encovados, as faces emmagrecidas, e todo elle de uma magreza espantosa. Elle, que tão direito e tão robusto era, corcovava agora um pouco, e andava com difficuldade.

Ao vêr-me, um sorriso de tristeza assomou-lhe nos

labios. As minhas feiçoens tinham-me de certo trahido.

—Estou bem differente do que fui, não é assim, Arnaldo?—disse-me elle com um sorriso melancolico—Tudo me annuncia o meu estado; até os meus amigos se aterram com a minha vista.

N'um momento fiz desapparecer todos os signaes da commoção, que tão puerilmente tinha deixado transluzir nas faces, e fingindo-me perfeitamente surprendido, respondi:

—Na verdade, meu caro Fernando, que esta é a mais singular recepção, que em toda a minha vida me tem sido feita! Venho visitar um amigo, que está doente, e elle antes mesmo que eu lhe podésse perguntar como está, tapa-me a bôca, intimando-me, que nas minhas feiçoens descobriu os mais certos signaes do seu mau estado! Irra! descobrires-me assim que tenho cara agourenta!... Desde quando déste em scismatico?

Fernando apertou-me affectuosamente a mão, mas sorrindo-se com um sorriso tão melancolico e triste, que nenhuma duvida me deixou, de que o meu pobre amigo conhecia que se finava sem remedio.

Não quiz porém perder o ensejo de o distrahir por um pouco. Assim entrei estouvadamente em conversa, contei tres ou quatro extravagancias mais salientes, que me lembraram, ridicularisei este e aquelle, e consegui finalmente por uma extraordinaria volubilidade de expressão que empreguei, fascinar-lhe de tal maneira o pensamento, que Fernando, esquecendo-se finalmente da molestia, que o minava, juntou-se com todo o fogo de outro tempo á minha estouvada jovialidade.

Emilia resplandecia tambem de alegria por o vêr d'esta maneira. Eu então vendo que elle pretendia sen-

tar-se, e esquecia assim o seu passeio da tarde, que ouvira ser-lhe recommendado pelos medicos, exclamei, como se nada soubesse:

— Como! pois desaproveitarás esta tarde tão formosa, sem que a vamos gosar um pouco ao ar livre, e respirar a aragem embalsamada, que refresca tão docemente a calma do dia? Vamos, ergue-te; — sabes que abomino as reclusoens, quero respirar livre; assim a caminho, senão fujo.

Fernando ergueu-se; Emilia ia a descer comnosco a escada, que da varanda desce ao páteo da entrada, mas elle disse-lhe:

— Tenho hoje um guarda seguro, minha Emilia; confia-me a elle por algumas horas. Vae vêr as tuas amigas, que te esperam, que eu e o Arnaldo aguardamos por ti lá em baixo no largo. Anda, vae.

Assim dizendo, Fernando deu-lhe um beijo na testa, e tomando-me o braço, fez um movimento para andarmos. Emilia hesitou um pouco, mas logo, como se de subito alguma ideia lhe passasse na imaginação, olhou-me, como recommendando-m'o, e entrou para dentro da casa.

Eu e Fernando puzemo-nos a caminho — de vagar, e parando a cada passo, porque elle cançava de instante a instante.

Fernando tinha cahido para a sua habitual tristeza. Todos os esforços, que fiz para o tornar a animar, foram baldados.

— Agradeço-te os teus bons desejos, amigo — disse-me elle por fim — mas, olha, nada mais consegues com a realisação d'elles, que arredar-me por um momento da memoria que dentro de alguns dias — quem sabe? — talvez horas, deixarei de existir. A morte já

entrou comigo, Arnaldo; e na parte mais essencial da vida — aqui — disse elle, apontando para o peito — assim bem o vês, morro infallivelmente.

As palavras do pobre moço tinham um tal accento de convicção, que eu, sem comtudo trahir ostensivamente alguma impressão, senti um calafrio de terror subir-me pelo corpo acima.

— Eis-te de novo com a tua maldita ideia! — respondi-lhe eu, fingindo-me meio zangado — Que diabo! d'antes não eras assim. Agora estás peor que uma velha; falta-te só um bem crescido rozario, e a mania de empregares todas as tuas horas a ganhar com padres nossos a salvação, e és um typo completo. Então, porque um homem tem qualquer incommodo de peito, segue-se immediatamente estar tisico? Fazes-me lembrar certo amigo meu, que possue uma verdadeira corporatura d'Hercules, uma organisação de arrostar seculos, o qual, porque um dia lhe sobreveio uma piquena tosse, declarou logo, com grande compuncção dos ouvintes, que estava tisico; e, dando-lhe d'ahi a pouco uma leve dôr n'um pé, classificou logo aquelle soffrimento em nada menos que rheumatismo ou gotta. Deixa-te de asneiras, e lembra-te sempre d'aquelle dito de não sei que figuracho historico, que dizia, — que a nossa imaginação faz elevar o soffrimento a cem vezes mais de intensidade, do que realmente é.

Fernando sorriu-se, e abanou tristemente a cabeça.

— Supponho, amigo — replicou elle — que tenho jús a exigir dos outros, que acreditem que olho com o maior sangue frio a morte. Assim, meu caro, bem vês — continuou, rindo-se — que as tuas palavras são eloquencia deitada ao vento. Agradeço-t'as, mas são inuteis para comigo.

*

E a fronte pallida e cadaverica de Fernando ennuveou-se um pouco, primeiro com a mais viva expressão de sarcasmo, logo de tristeza, e pouco depois da mais bem pronunciada raiva.

— Tenho vinte e oito annos — continuou elle — mas tenho vivido tanto como se tivera sessenta. Tenho gosado a vida em toda a plenitude dos prazeres; tenho corrido por toda a escala do sentimento, feliz sempre, sempre com a fortuna ás minhas ordens: posso pois morrer, sem olhar com saudades para a vida; sem ter a chorar prazeres, que nunca gosasse. Estou farto, e mais que farto.

Fernando interrompeu-se, e logo continuou:

— Mas apesar de tudo isto, Arnaldo, acreditarás, que déra de bom grado a minha salvação eterna por viver mais dois annos no goso da robustez e brilhantismo que tive. Assentemos-nos aqui — accrescentou elle, indicando-me uma pedra que jazia lançada quasi no fim da vasta esplanada, que do lado de Sanfins e Adelaens corre por sobre as collinas, que ficam a cavalleiro do Ave — estou cançado, quero aproveitar a occasião de desabafar comtigo. Ha muito que desejo dizer a minha historia a alguem; mas aqui todos aquelles que m'a podiam comprehender, sabem-na demasiado, para eu poder achar interesse em lh'a repetir. Escuta-a pois tu, e saberás ao mesmo tempo a razão porque ainda desejava viver mais dois annos como os passados.

Eu olhava Fernando estupefacto, sem saber a que attribuir a violenta agitação, em que o via. Elle, depois de curto silencio, disse-me assim:

— Parti, como sabes, de Portugal o anno passado: o motivo sabe-l'o tu. As minhas primeiras intençoens foram ir para a Italia, mas, tendo achado em Paris coisa

que me prendesse, ahi me demorei dois mezes — dois mezes passados na maior plenitude de vida social, a que um homem póde aspirar. Cançado por fim de vida tão ruidosa, parti para Roma, e d'ahi em breve para Milão.

— Os primeiros dias passei-os fechado no meu quarto, no hotel onde habitava. Mas tu bem sabes, Arnaldo, a solidão nunca foi o meu forte. Sahi, pois, para o mundo, e fiz-me receber nas principaes casas da cidade.

— O palacio do principe de Salerno era onde se reunia a mais escolhida sociedade de Milão. Nos seus saloens brilhava tudo o que havia de mais elegante, de mais formoso, e de mais nobre na cidade.

— A minha entrada em casa do principe foi a mais lisongeira possivel para homem, como eu então era; foi ruidosa quanto o podia ser. O conde de Saint-Preux, um dos mais terriveis leoens de Paris, em toda a parte respeitado e bem recebido pela sua nobreza, pela sua riqueza e pela sua coragem, apresentou-me nos saloens do principe, como um fidalgo portuguez, rico, bravo e excessivamente extravagante. Um duello que, ha pouco, tivera com um valente official austriaco; a desordenada paixão, que por mim havia tido a filha do primeiro magistrado da cidade, paixão que a fizera fugir para minha casa, onde eu, a despeito do pai, a conservára dois dias — coisa que muito barulho fizera no grande mundo — junto á apresentação do conde e ao meu ar estouvado, ganharam-me a reputação de homem terrivel e perigoso, e por conseguinte fizeram-me objecto da curiosidade das damas.

— A minha vida nos saloens do principe de Salerno foi a mesma que até ahi tinha sido — vida de intrigas amorosas, e por conseguinte monotona para mim, tão

affeito a ellas. Um facto porém de maior vulto veio em pouco vivificar este meu insipido trilho de vida.

— Eu fazia a côrte á joven condessa Merli, uma das mais innocentes e formosas mulheres que frequentavam o palacio de Salerno. A pouca idade e a inexperiencia d'esta menina não poderem resistir ao abalo que soffreu, quando quebrei as nossas relaçoens de amor. Estava violentamente apaixonada por mim — eu era, dizia ella, e acredito-o, o seu primeiro amor. Mas isto tudo não póde estorvar que um mez depois eu não estivesse enfastiado d'ella. Disse-lh'o, e pedi-lhe que me esquecesse; ella, depois de tentar por todos os modos tornar a sujeitar-me, como eu lhe dissesse que tinha uma noiva em Portugal, deu-lhe o diabo para se querer envenenar.

— Este facto fez um ruido infernal; todos esperavam que eu me retirasse de Milão, ou pelo menos não apparecesse mais em casa do principe. Mas ao contrario, fui lá na mesma noite do envenenamento. Não se fallava em outra coisa; com o maior descaro do mundo metti-me na conversa, e fiz vêr, que nenhuma culpa tivera no facto, que não podia estorvar que as mulheres se apaixonassem por mim, e accrescentei que muito lhes agradeceria se não cahissem em tal, e que, apesar de ter resolvido partir para a Allemanha, sustava por um pouco a minha viagem, para mostrar quanto a minha consciencia estava segura, e não receiava que pessoa alguma me accusasse de influencia em tal facto.

— Demais, accrescentei, quando mesmo tivesse essa influencia, não tenho por costume fugir ás consequencias dos factos, que pratíco; assim estou ás ordens dos amigos da familia da condessa.

— Eu tinha fama de valente, e por isso ninguem respondeu.

— Comtudo se a minha declaração não teve resposta da parte dos homens, não foi o mesmo da parte das damas.

« — Enganaes-vos, senhor de Noronha — vós tendes toda a responsabilidade do facto. Se não tivesseis feito acreditar á condessa, que a amaveis, nunca se apaixonaria por vós, ou pelo menos com tal excesso. Permitti-me, que vos diga, que a sociedade é inconsequente em conceder-vos taes meios de seducção. Vós — os homens — tendes, dizeis, em muito a honra de cavalheiros, presaes-vos de tal, mas enganaes ao mesmo tempo com a mais perfeita villania uma creatura mais fraca, e que se não póde despicar de vós. Senhor de Noronha, asseguro-vos que a condessa ha-de ser vingada, e que applaudiremos com prazer aquella que um dia vos souber dominar e despresar.

— Eu estava sentado n'um sofá, todo recostado a um dos braços d'elle. Estas palavras partiram do meu lado direito; voltei-me negligentemente, e com um meio sorriso de escarneo, para vêr quem m'as dirigia.

— Era Gabriella.

— Gabriella, condessa de Fiasqui, era uma joven viuva corsa, de uma belleza provocadora. A energia do seu caracter dominador, junto a uma intelligéncia superior, e a uma formosura, se não muito regular, ao menos muito viva e conquistadora, faziam-na reputar a mais seductora mulher de Milão. Quando olhei para ella, os seus vivos olhos pretos ainda luziam illuminados de cólera, e os seus labios carmezins contrahiam-se com um sorriso de sarcasmo vingativo.

— Respondi-lhe com a maior placidez possivel, e sorrindo :

« — Asseguro-vos, condessa, que a vossa prophecia

enche-me de terror, e para conjurar a tempestade, offereço-vos dançar comvosco a primeira valsa.

« — Acceito — respondeu ella, e os olhos brilharam-lhe com uma alegria sinistra.

— Quando a musica deu signal para a valsa, fui-a buscar ao sofá, onde estava sentada.

« — Vinde, minha formosa sybilla, — disse-lhe eu, deixando apparecer um meio sorriso de escarneo.

« — Cautela comigo, senhor cavalheiro: — respondeu ella, com uma egual inflexão de labios.

— E entramos no turbilhão da dança.

— Os olhos de Gabriella pareciam faiscar de enthusiasmo, as faces rosaram-se-lhe do mais vivo carmim, as palpitaçoens do coração, que sentia poisado sobre o meu, amiudavam-se-lhe cada vez mais — e ella, ligeira e flexivel como uma sylphide, voava nos meus braços n'aquelle immenso e delirante turbilhão, como um ser aéreo e vaporoso, quasi nem tocando o pavimento da sala.

— A valsa terminou, e Gabriella tomou o braço de um joven cavalheiro francez, sobre quem muitas vezes tinha durante a valsa lançado os olhos cheios de amor.

— E apartou-se de mim — e eu segui-os com os olhos; a ella com um sentimento de admiração, e de inexplicavel attracção, a elle, que nunca conhecêra, e que nenhum mal me havia feito, com um sentimento de odio e de raiva mal comprimida.

— Quando a sós comigo consultei o estado do meu coração, vi que a amava — e amava-a como ainda não amára, dominado por uma influencia sobrenatural, pela qual me via comprimido, esmagado, e contra a qual nem mesmo me atrevia a pensar na lucta.

— Não dormi toda a noite. Mal o dia começava a

raiar, mandei sellar um cavallo, e sahi para fóra de Milão a tomar o ar fresco do campo. O sol levantava-se formoso no limpido e bello ceu da Italia. Parei em um vasto descampado, debaixo d'uma arvore, carrancudo e sombrio, e pensando sem saber em que pensava.

—Rapidamente senti por detraz de mim approximar-se um rumor extraordinario. Voltei-me, e olhei.

—Era uma cavalgada. Na frente d'ella vinham duas damas — após alguns cavalleiros e criados.

—Ao approximarem-se mais, reconheci as pessoas que a compunham. Uma das damas era Gabriella, um dos homens era o cavalheiro de Servieux, o joven francez, a quem dera o braço no dia antecedente em casa do principe de Salerno.

— Gabriella vestia um comprido vestido de côr verde, que na rapidez da carreira fluctuava fantasticamente ao grado da aragem da manhã; na cabeça trazia um piquenino boné de velludo tambem verde, no qual esvoaçava uma pluma branca, e na mão um chicotinho de punho de oiro. Um pouco estendida sobre o pescoço de um cavallo de pura raça ingleza, os olhos brilhantes de fogo e de ardor, e as faces ligeiramente animadas, era verdadeiramente formosa. Ao passar por mim, exclamou:

« — Então! não vindes?

— Nada respondi; o meu cavallo era um andaluz possante e ligeiro. Puz-lhe as esporas com toda a força, e parti como o relampago após Gabriella, que entretanto se havia adiantado alguns passos.

— O meu cavallo corria como o vento; mas o de Gabriella, verdadeiro *runner* inglez, incitado pelo piqueno chicote e demais pelo brio, não se queria deixar alcançar. Gabriella fitava-me de quando em quando os olhos

que pareciam reluzir; depois estendia-se mais sobre o pescoço do nobre animal, e eu via ondular ligeiramente a varinha, que levava na mão.

— As minhas esporas roçaram de novo a barriga do meu valente andaluz; elle deu um salto no meio da carreira, e eu achei-me ao lado de Gabriella. Um piqueno rugido sahiu-lhe dos labios de carmim, nos olhos passou momentaneamente um brilho de raiva, depois, sorrindo-se com a maior amabilidade, acenou-me com a mão como a dar-me os parabens.

— Nós corriamos — corriamos... N'isto o cavallo de Gabriella falseou um passo, e esbarrou-se. Eu ia ao lado d'ella — pegado com ella. Por um movimento rapido e instinctivo, curvei-me n'esse momento para ella, e antes de o cavallo cahir, colhi-a de cima, e salvei-a assim de uma morte inevitavel.

— Gabriella sorriu-se desdenhosamente ao perigo, cingiu-me com os braços, e continuamos a correr, após o cavallo, que, tendo-se rapidamente levantado e vendo-se mais leve, voava ante nós como o vento.

— Quando se pôde alcançar o cavallo, todos pararam. Antes de soltar Gabriella dos braços, apertei-a contra o coração, dizendo-lhe cheio de amor:

« — Adoro-vos, Gabriella.

« — E eu odeio-vos — replicou ella com um sorriso angelico, e que parecia desmentir o que dizia — Lembrae-vos da condessa de Merli.

— Assim dizendo, deslisou-se rapidamente de entre os meus braços, e tornando a cavalgar, voltamos de novo a Milão, correndo outra vez á rédea solta.

— Passaram-se quinze dias, durante os quaes Gabriella trouxe-me n'uma contínua tortura. Umas vezes séria e taciturna tratava-me de maneira que me fazia

desconfiar, que lhe era completamente indifferente; outras meiga e cheia do mais delicado e doce sentimento, ou animada do enthusiastico fogo do amor, fazia-me desvairar nos mais lisongeiros sonhos de uma felicidade infallivel. Eu era completamente dominado por ella: os seus caprichos, a sua minima vontade eram a norma, para fóra da qual não desviava as minhas acçoens um só ponto. Pelo receio de um só encrespar das suas sobrancelhas; por uma só esperança de me consentir tocar-lhe a mão com os labios, era valente ou covarde, intelligente ou estupido, teimoso ou condescendente.

— Quinze dias se passaram, pois, d'este modo. A sós comigo mordia-me de raiva, maldizia a minha fraqueza, ao vêr-me assim dominado. Jurava então quebrar uma tal fascinação, e bem seguro n'esta determinação, que reputava infallivel, ria de escarneo de mim mesmo, e no dia seguinte caminhava ao encontro de Gabriella, bem decidido, bem determinado a cobril-a de sarcasmos, a escarnecer da sua pretenção de querer dominar um homem como eu.

— Porém, ao passo que mais se encurtava o caminho, que intermediava entre mim e ella, cada vez mais sentia fraquejar-me a resolução. Debalde tentava robustecêl-a, debalde me animava zombando de uma tal pusillanimidade; a condessa de Fiasqui apparecia, e eu era de novo o escravo, que obedecia a um só movimento seu — agora timido, receoso, buscando lêr-lhe nos olhos se por acerto tinha podido aventar a minha passada resolução.

— Um dia, pois, tomei um alvitre desesperado; dirigi-me a casa de Saint-Preux, a vêr se nas suas palavras podia encontrar incentivo mais poderoso contra uma tal fraqueza.

— Encontrei o conde lançado sobre um sofá, fumando na mais deliciosa beatitude de espirito n'um formoso e riquissimo *chibouk.* Ao sentir-me entrar, Saint-Preux voltou mollemente a cabeça, e estendeu-me a mão.

« — Salvae-me — bradei eu, e contei-lhe toda a minha historia.

— Saint-Preux soltou uma gargalhada de escarneo.

« — Diabo! — respondeu-me elle — o caso está sério. Olhae, meu caro Fernando, suppunha-vos mais depravado de coração, do que realmente estaes. Quando vos vi pela primeira vez, disse comigo — eis um homem como eu; e fiz-me vosso amigo, porque vos julgava já tão sêcco de sentimento, já tão materialista, como sou, e d'esta fórma suppunha, que jámais me incommodarieis com as vossas queixas de amor. Mas não vos agonieis — interrompeu-se elle, vendo o movimento de despeito, que fiz ao ouvir-lhe as ultimas palavras — não vos agonieis, que não vos expulso. O mal está feito; tenho agora de aturar-vos, de aconselhar-vos, porque sou vosso amigo. Dizei-me — nunca tivestes o que chamam um primeiro amor — por outra, nunca tivestes uma mulher, a quem amasseis mais do que Gabriella — quero dizer, com mais placidez, com mais delicadeza de sentimento, e não com esse ruido, com esse fogo com que a amaes a ella?

— Ia a responder, mas elle interrompeu-me:

« — Esperae; esquecia-me uma circumstancia essencialissima no amor de que vos fallo. Esse amor, para ser tal, é mister que não findasse senão por uma circumstancia bem extraordinaria, por exemplo, a morte, a.... n'uma palavra, uma circumstancia contra a qual não podesseis luctar, e que vos matou o amor, mas deixando-vos sempre uns certos assomos de dôr bem pungente, de

saudade bem facil de dominar, mas que nunca vos larga. Dizei-me agora — já tivestes tal amor?

« — Nunca — respondi eu.

« — *Peste!* — replicou elle, dando um salto sobre o sofá — Peor, mil vezes peor! Assim, nada vos posso aconselhar. Se estivesseis no caso contrario, dir-vos-ia: — meu amigo, deixae correr o negocio; um dia enfastiar-vos-eis d'essa teima, em que estaes, esquecereis Gabriella, e ella amar-vos-á, e tereis então occasião de vos vingar d'ella. Mas assim!... Olhae, meu caro Fernando, todo o homem sente uma vez, e mais não; tem uma primeira paixão — e essa, se é na primeira idade, assemelha-se ao fogo do volcão, quando está em calma; n'uma idade mais crescida então é o volcão no maior auge da sua erupção. Todos teem necessariamente de passar por aqui; vós estaes n'este ultimo caso — perigoso, difficil, que nada attende, nada olha. Assim, meu amigo, os unicos tres caminhos, que tendes agora a seguir são — continuar a arrastar-vos aos pés de Gabriella, o que é um tormento; suicidar-vos, o que é uma asneira e uma covardia; ou embarcardes comigo para Constantinopla, para onde, como vêdes, estou a partir.

— E Saint-Preux apontou para alguns bahus, e para alguns trajes, armas, cachimbos e mais trastes, tudo verdadeiramente mahometano, que tinha espalhado pelo quarto. Logo, estirando-se mais á vontade sobre o sofá, arrojou pela bôca fóra uma violenta baforada de fumo.

« — Mas — exclamei desesperado — é tudo o que me podeis dizer?

« — Tudo — replicou elle com a maior placidez, e sem se mover da commodidade em que estava — Olhae, meu caro, fallo-vos por experiencia; eu tambem fui como vós. Tive um primeiro amor, mas felizmente na pri-

meira idade, e felizmente tambem a mulher que amava era digna do meu amor. Amavamos-nos extremosamente; era um verdadeiro amor de infancia, um amor nascido comnosco no berço, e alimentado pela vida commum que desde essa idade vivemos. Uma circumstancia, que nada vos interessa saber, matou a mulher que eu amava. Chorei, raivei, jurei vingal-a, mas finalmente a tempestade apaziguou-se. Depois fui sceptico, fui cynico, fui tudo quanto ha n'este mundo. Hoje sou verdadeiramente indifferentista: desafio a mulher mais engenhosa... desafio Gabriella, a que me faça raiva d'amor. Esse tempo já passou, paguei o meu tributo a essa condemnação, porque tem de passar toda a humanidade; já tive um primeiro amor.

— Saint-Preux calou-se; eu olhava estupefacto para este homem singular. Então elle, voltando vagarosamente a cabeça para mim, continuou:

« — Mas é verdade que sois meu amigo. Quereis que vos escolha entre os tres alvitres que vos dei?

« — Escolhei — respondi maquinalmente.

« — Parti comigo; e acreditae-me, para nós homens, que não carecemos de trabalhar, a vida consiste só na maior quantidade de prazeres materiaes. Parto depois de ámanhã; vinde, pois, que protesto curar-vos.

— E Saint-Preux tornou a calar-se, fechou os olhos, e tirou voluptuosamente do seu formoso cachimbo uma outra baforada de fumo.

— Levantei-me. Fitei n'elle por um pouco os olhos, mas não o via; nada via do que me rodeava, tal era a abstracção em que tinha cahido. Dentro de mim passava-se uma lucta violenta entre o coração e a cabeça; por fim venceu esta.

« — Adeus, conde — disse eu, tomando o chapeu — vou fazer os meus preparativos para a nossa viagem.

« — *Aleikaam-salam* [1] — rosnou elle, sem abrir os olhos, e começando já a *mahometanisar-se*.

— Desci rapidamente as escadas, e lancei-me dentro da minha sege, gritando ao cocheiro:

« — Para casa da condessa de Fiasqui.

— As palavras de Saint-Preux tinham-me dado as forças de que precisava.

— Chegando ao palacio da condessa, fiz-me annunciar, e fui introduzido n'uma piquena sala, onde já muitas vezes estivera com ella.

— Esperei mais de meia hora; a *senhora* não tinha attençoens para o escravo, queria fazer-lhe sentir todo o seu dominio. Apesar de um pouco indignado com esta sem-ceremonia, revesti-me de toda a paciencia precisa, e aguardei, entretendo-me a examinar alguns paineis que haviam na sala.

— Finalmente a porta abriu-se, e Gabriella entrou. Sem mesmo olhar para mim, dirigiu-se para um sofá, e depois acenou-me soberanamente com a mão para que me sentasse.

— Estava formosissima, mas as palavras de Saint-Preux tinham-me dado uma tal força, que nada mais senti á vista d'ella, que augmentar-se a impassibilidade fria e reservada, de que me havia armado ao entrar em sua casa.

— Assim dirigi-me com todo o sangue frio para a cadeira, que me designava, mas em lugar de me sentar, fiquei de pé, e com a mão poisada no encosto, rompi d'esta maneira o silencio:

[1] A paz seja comvosco

« — Permitti-me que fique de pé, senhora condessa; a pressa com que estou só alguns momentos me deixa consagrar-vos. Parto depois de ámanhã, assim venho receber as vossas ordens.

— O meu modo frio, e a minha impassibilidade de feiçoens, que tanto contrastavam com a violenta agitação, em que sempre me tinha visto, tinham-na ao principio impressionado um pouco. As minhas ultimas palavras desvaneceram, porém, essa impressão; suppôz que era uma armadilha, que lhe fazia o meu amor, despresado sempre.

« — Partis! — disse ella com um sorriso ironico — E para onde partis, se não é indiscrição perguntal-o?

— Fingindo não attender ao modo escarnecedor com que me fallava, respondi-lhe, guardando sempre a mesma impassibilidade:

« — Para Constantinopla, senhora.

« — Devéras! — replicou ella, dando aos modos e palavras uma mais pronunciada expressão de zombaria.

« — Com toda a certeza, senhora condessa — repliquei sem a minima alteração do meu primitivo socego. — Acompanho o conde de Saint-Preux, de quem, se ainda a não recebestes, vos annuncío em breve a despedida.

— A minha inalteravel placidez convenceu Gabriella. O escravo rompêra finalmente a cadeia. Então, mudando immediatamente a expressão de zombaria, que lhe cubria o rosto, para a mais viva expressão de um pasmo doloroso, levantou-se, e correndo para mim apertou as mãos uma contra a outra, e exclamou em voz cheia da mais viva desesperação:

« — Partis! partis e deixaes-me!

« — E' o que necessariamente tinha de acontecer,

senhora condessa — repliquei, sempre impassivel, e cortejando — Suppozestes que o escravo continuaria como até aqui a arrastar sem esperança as cadeias; mas enganastes-vos, nunca o fui vosso. Fingi-o ser, porque desejava ser amado por vós; mas a vossa aspereza enfastiou-me, cançou-me, e larguei então das mãos as algêmas, que jámais havia tomado nos pulsos. Enfastiado como estou de Milão, e sem ter coisa que me prenda n'esta cidade, vou para Constantinopla; vou nos variados e ardentes costumes do Oriente vivificar a vida monotona, que tenho vivido aqui.

— E então senti, que tambem um sorriso de escárneo me perpassava nos labios. O rosto de Gabriella contrahiu-se com a maior violencia da dôr. Com os lindos olhos arrasados de lagrimas e fitos em mim, com as mãos cada vez mais violentamente apertadas uma contra a outra, exclamou em voz supplicante:

« — Oh! não, não partis! Não me abandonareis!

— Senti desabar toda a minha coragem, e o rosto trahiu-me de certo. Não podia soltar uma só palavra, nem mover-me do logar onde estava.

« — Não, não partirás! — exclamou então ella, lançando-se-me nos braços, e apertando-me contra o coração — não, não partirás, que eu amo-te, adoro-te.... quero ser tua, tua....

— E senti então a cabeça cahir-lhe desanimada sobre o meu hombro direito.

— Com a minha perdida e palpitante de amor, conduzi Gabriella ao sofá; estava desmaiada. Circulei-a com os meus braços, e cobri-a de beijos. Quando voltou a si, exclamei:

« — Tu amas-me, Gabriella?

« — Amo, amo! — bradou ella, e apertando-me com força sobre o coração, cobriu-me as faces de beijos ardentissimos.

— Depois, tirando o rosto de junto do meu, disse-me com um sorriso cheio de amor, onde comtudo transluzia um doce e meigo receio:

— E agora ainda queres partir?

— Nada respondi; corri a uma piquena escrevaninha de ebano, marchetada de oiro, que estava junto de uma janella, e escrevi:

« Meu caro conde.

« Resolvi não partir. Desejo-vos boa viagem.

« Vosso amigo

« *Fernando.* »

— Depois dirigi-me a Gabriella, e entreguei-lhe o bilhete; era a resposta á pergunta, que me fizera. Ella leu-o, depois correu á escrevaninha, e lacrou-o; tocou então a campainha.

« — A casa de Mr. de Saint-Preux — disse ella, enregando ao criado o bilhete que eu lhe dera.

— O criado fechou de novo a porta, e ella voou para junto de mim no sofá.

— Foi um verdadeiro delirio. Gabriella, arrebatada pelo seu caracter de fogo, pela energia do seu sentimento, elevára-se a um transporte enthusiastico e ardente de amor. N'esse momento eu sacrificaria tudo por ella, vida, felicidade..., sacrificaria até a propria honra.

— Eu já pensava triumphar; então ella fugiu-me

rapidamente dos braços, e, tocando-me ligeira como o pensamento co'os labios na fronte, recolheu-se de um salto para uma sala fronteira, fechando a porta sobre si.

— Levantei-me instinctivamente, e corri para ella; mas a reflexão voltou. Era amado por ella, e tanto bastava. Sahi, pois, ainda todo palpitante do abalo passado.

— Quando cheguei a casa, o criado entregou-me uma carta. Era de Saint-Preux, e continha só estas palavras:

« Lamento-vos, meu pobre Fernando, e asseguro-vos
« ao mesmo tempo um mau futuro. Oxalá que me en-
« gane.

« Vosso amigo etc. »

— Tal era a minha convicção a respeito do amor de Gabriella, que soltei uma gargalhada de escarneo ao lêr este bilhete; mas, confesso-te, amigo, um não sei que pungia-me tão intimamente, que a gargalhada quasi partiu dos labios e não do coração. Era uma advertencia indefinivel do instincto, que me punha um receio vago, um medo sem fundamento; que me fazia sentir essa vaga e indescrivivel sensação do jogador, que, com os olhos ferozes de alegria por ter o jogo a seu favor, vê, todo absorvido, sahir as cartas uma a uma d'entre as mãos do banqueiro, pungido ao mesmo tempo por um certo annuncio interior, que o adverte de que ainda no baralho existe uma carta, que lhe ha-de arrancar o ganho, que reputa quasi certo.

— Esse receio, essa intima e indefinivel advertencia fugiu porém immediatamente, e desappareceu ante a lembrança de Gabriella, ante os sonhos formosos que em breve me povoaram a imaginação.

— O dia seguinte, o seguinte, e ainda mais dez ou quinze seguidos, nenhum motivo me deram de arrependimento. Um chegou, porém, em que tornei de novo a voltar ao meu antigo tormento.

— Um dia entrando em casa de Gabriella sem ser annunciado, porque os criados reputando-me noivo da ama, e demais vendo-me tratado como pessoa de casa, já quasi nem advertiam na minha entrada, fui achal-a sentada no mesmo sofá, onde tantas provas me tinha dado de amor — mas absorta, mas tão perdida em intima contemplação, que tive tempo de chegar junto d'ella, sem d'isso dar a menor conta. O rosto exprimia-lhe uma dôr pungentissima.

— Sentei-me ao lado d'ella, circulei-a com os braços, e dando-lhe ao mesmo tempo um beijo na fronte, disse-lhe:

« — Que é o que te faz soffrer, minha Gabriella?

— Ao sentir o meu beijo, estremeceu, como se acordasse de um pesadêlo medonho, empurrou-me de si com força, e um rapido brilho de cólera illuminou-lhe por um momento os formosos olhos pretos. Mas logo como se me tivera reconhecido, replicou:

« — Nada — E deu-me ao mesmo tempo um beijo, e lançou-me um braço em derredor do pescoço.

— E logo depois de uma curta pausa, continuou:

« — Nada, disse eu? Mas para que te hei-de mentir? Soffro e soffro muito.

« Soffres?! — repliquei — E nada me tens dito! E não pódes dizer a causa do teu soffrimento ao teu amigo querido?!

« — E para que? — respondeu ella — Era fazer-te soffrer sem razão, tu não lhe pódes valer.

« — Não posso! — quem sabe? O amor vence impossiveis, Gabriella, e sabes como te amo.

« — Oh! não é por mim que sôffro — tornou ella — mas.... sim.... é o mesmo que fôra por mim. Já que o desejas, vou contar-te tudo, e então verás, meu querido Fernando, que ao mal, de que soffro, nenhum remedio pódes dar.

— Gabriella parou um pouco, e logo continuou:

« — Tenho uma irmã gemea comigo, a quem amo como a mim mesma, para fazer feliz a qual ainda que fôra um só momento, dera a felicidade de toda a minha vida.

— E Gabriella, ao dizer estas palavras, tinha uma tal inflexão de voz, que cada uma d'ellas me entrava no coração — lugubre e pungente, como cada badalada do sino, que annuncia que está descendo ás entranhas da terra uma pessoa que se amou, e que morreu nos nossos braços.

« — Esta irmã — continuou ella — ama um homem com um amor ardentissimo, com todas as potencias da alma. A vida d'elle é a vida d'ella — só acha prazer n'aquillo em que elle o sente — chora se elle chora; ri, se elle ri. A esse homem sacrificaria tudo; dera por um só beijo d'elle, mas um beijo em que se sentisse o amor, o seu nome, a sua honra; em troca d'elle acceitava até a eterna condemnação da alma. E, pobre irmã! esse homem, apesar d'esse amor, apesar de todos os sacrificios, que por elle tem querido fazer, não a ama, nem sequer lhe dá a esperança de que a amará uma só hora, um só momento, n'um futuro ainda que fosse longinquo. Impassivel e frio attende-a como outra qualquer mulher; se a encontra nos saloens não tem para ella um só olhar que lhe diga que a distingue entre as outras. Oh! e a desgraçada, Fernando — exclamou ella, levando a mão

ao coração — soffre, soffre tormentos peores que os dos condemnados. E' preciso ter soffrido assim, para comprehender taes soffrimentos. Debalde tem querido apagar no coração esse amor; nem todos os prazeres, que lhe proporcionam as suas immensas riquezas, nem o prazer da vingança, nem o amor com que vê os outros torturados por causa d'ella — nada, nada póde matar-lhe esse fatal amor, essa attracção amaldiçoada e invencivel, que a impelle para o homem, que a domina, ante quem ella, tão orgulhosa e altiva como é, arrastaria a face humilde e servil como uma escrava.

— Gabriella parou um pouco, e logo exclamou de subito:

« — E esse homem, Fernando, esse homem ama outra... Ella soube-o ha pouco tempo. Avalia, se pódes, o seu tormento.

— E cobriu então as faces com as mãos.

— Senti os cabellos eriçarem-se-me na cabeça, senti as faces desfigurarem-se-me, e os membros interiçarem-se-me n'uma violenta crispação nervosa. Ante mim passou a imagem do cavalheiro de Servieux, e antolhou-se-me ser Gabriella essa mulher, que o amava. A minha imaginação desilludida viu na historia, que ella contava, a sua propria historia, viu então esclarecidos muitos factos por ella praticados, e que eu, desprevenido como estava, deixava passar apenas com uma leve observação de desgosto interior. Ergui-me direito e medonho como um espectro.

« — Eu matarei esse homem, Gabriella — disse em voz pausada, cava e quasi abafada pela tortura, em que o coração se me estorcia.

— Gabriella desviou as mãos de cima das faces, os olhos illuminaram-se-lhe de subito com um brilho infer-

nal, e o rosto, de formoso e bello que era, tornou-se-lhe medonho — tal era a expressão de ferocidade, que n'elle assomou de repente.

« — Matal-o! — exclamou — matal-o! Desgraçado! matal-a-ieis a ella.

— A raiva abafava-me inteiramente. As minhas suspeitas tomavam cada vez maior força.

« — Gabriella — repliquei — matarei esse homem.

— E depois com voz mais sumida e mais cavada pela raiva accrescentei:

« — Esse homem é o cavalheiro de Servieux; essa mulher sois vós, Gabriella. Desgraçado d'elle!

— E assim dizendo, dirigi-me á porta para sahir.

— Gabriella correu para mim — feroz e terrivel como uma fera irritada. Interpondo-se então entre mim e a porta, exclamou:

« — Sim, sou eu — sim, é o cavalheiro de Servieux, o homem que amo; sabei-o, já que assim o quereis. Mas escutae-me, Fernando de Noronha, attendei ao que vos vou dizer. Um só passo que derdes em damno de M. de Servieux será um anathema de condemnação que attrahireis sobre vós. Nunca mais me vereis; mas conheceisme bastante para acreditar o que vos juro — que me haveis de *sentir*. Agora decidi — quereis em mim uma irmã carinhosa e dedicada, ou uma inimiga implacavel, que usará sem piedade dos meios, que lhe dá a influencia, que exerce sobre vós? Quereis em mim uma amiga extremosa, uma amiga do coração, que lamentará o não poder fazer-vos feliz, ou uma mulher que vos abominará, que vos perseguirá com o seu odio, que ao capricho, que n'ella fizeste nascer, de vingar a condessa de Merli, ajuntará agora a vingança do seu amante? Escolhei, e

vêde como vos decidis — accrescentou ella, abanando a cabeça com escárneo ameaçador.

— E com o braço estendido para mim, os olhos flammejantes e as faces formosas de ferocidade selvagem, Gabriella parecia aguardar sem receio a minha ultima resolução.

VII.

As faces de Fernando, que, desde que entrára n'este episodio da sua historia, tinham-se ligeiramente contrahido, de pallidas que estavam, tornaram-se agora lividas, e em voz, que denotava a violenta agitação com que estava luctando, continuou depois de uma breve interrupção:

— Arnaldo, era mister conhecer aquella mulher, para desculpar a minha fraqueza. Nada pódes imaginar de mais superior a ella n'esse momento. A expressão d'aquella cólera em nada denotava impotencia; ameaçava e ameaçava com a ferocidade cruel do assassino, quando já tem a victima dominada debaixo dos joelhos. Era realmente medonha — n'esse momento ninguem ousára luctar com ella; ninguem a ousára encarar, que aquelle olhar fulminava com a superioridade de um genio, e com a ferocidade de um demonio...

— Oh! não foi porém a sua ameaçada vingança que me dominou, que me abateu — rugiu Fernando cada vez mais agitado — não, não foi. Foi esse amaldiçoado amor, foi essa maldita influencia, que exercia sobre mim, e que ainda hoje mesmo — hoje, que a odeio, que a abomino — me faria rojar ante os pés d'ella, mordendo-me de

raiva, mas impotente, mas escravo. Oh! não a tornar a vêr! Ser por ella odiado — por ella, de quem ao menos podia possuir o amor de uma irmã!...

— Cahi sem forças sobre uma cadeira, cobrindo as faces com as mãos. Ella então sentou-se ao meu lado, lançou-me um braço em torno do corpo, disse-me em voz tão meiga, e cheia de uma uncção tão doce e melancolica, que me fez correr as lagrimas:

« — Fernando, para que has-de ser mau para comigo? Confesso-te que ao principio tive contra ti uma má intenção, mas depois, vendo que me amavas, forcejei tambem por te pagar esse amor; mas não pude, não pude fazer calar no peito a minha primeira paixão. E fingi, fingi para comtigo, porque não queria fazer-te infeliz. Meu pobre Fernando! amas-me muito, não é assim? Mas que posso fazer por ti? — Olha, tambem amo como tu, como tu tambem sou infeliz; assim, meu irmão querido, meu irmão adorado, contaremos um ao outro as nossas penas, consolar-nos-hemos mutuamente, meu Fernando, e diminuiremos em parte os nossos soffrimentos. Porque não has-de tu ser meu irmão? porque não has-de assim viver comigo uma vida triste sim e melancolica, mas cheia de consolação, cheia de um amor mais puro e mais elevado, do que esse que tu pretendes?

« — Mas isso é o inferno! — exclamei na maior desesperação — vêr-te, ouvir-te todos os dias, a todas as horas, e saber que não sou amado por ti! Sentir tão perto de mim a felicidade, e saber que outro homem m'a rouba! E demais vêr-te soffrer!...

« — Louco! — interrompeu-me ella sempre com voz angelica — Um inferno!... oh! esta vida assim é pura e celestial; é a felicidade no soffrimento. Resignarmos-nos, soffrermos pacientemente, sem ruido, sem excita-

ção, — e ter um seio amigo, onde occultarmos as nossas lagrimas, para que os outros as não vejam.... Uma tal vida é inferno, Fernando! E' que tu nunca assim viveste, meu irmão querido; é que a ventura tem-te sempre sorrido, e jámais tens precisado de chorar. E demais — quem sabe? póde ser que este amor se apague no meu seio, que Deus se amerceie de mim; e então, meu Fernando, quem hei-de amar, senão o homem, que valente e energico, rico e poderoso, esqueceu todos os meios, que a sociedade e o seu caracter lhe prestavam, e resignou-se a soffrer a sua dôr, sem fazer o menor uso d'elles?

— Eu nada dizia; mas a voz de Gabriella tinha uma tão angelica inflexão de melancolia, que as lagrimas corriam-me agora docemente pelas faces abaixo.

— Ella então, tomando-me as mãos entre as suas, exclamou:

« — Meu pobre Fernando! que Deus tenha piedade de nós. Diz-me, negar-me-has a consolação de me poder chamar tua irmã?

« — Serei tudo o que quizeres — balbuciei — mas que ao menos possa vêr-te, possa ouvir a tua voz, que me digas que te não sou indifferente.

« — Indifferente! — exclamou ella.

— E depois apertando-me contra o peito, accrescentou:

« — Não, tu não me és indifferente — amo-te com todo o amor de uma irmã. Fernando, tu tens em mim uma verdadeira amiga.

Fernando interrompeu-se, um ligeiro anciar, que lhe embargou a voz um momento, e o avermelhado pallido, que por um pouco lhe cobriu o rosto, fez-me recear algum ataque de sangue. Mas os meus receios desappareceram em breve; Fernando continuou, após uma curta

pausa, a contar-me placidamente e d'esta fórma a sua historia:

— D'esta scena, meu amigo, poderás talvez inferir, que a minha vida correu d'aqui por diante em lucta contínua entre o meu amor ardentissimo e o papel que Gabriella me obrigava a acceitar: talvez supponhas que d'ahi por diante o nosso viver foi um viver melancolico, mas doce; triste, mas resignado; pungente de uma dôr vivissima, mas alliviado por muitas e bem sentidas consolaçoens. Enganas-te porém; a nossa vida jámais foi embalada n'esse sentir melancolico, mas socegado da resignação. Gabriella não podia sentir assim: era uma alma de fogo, um caracter ardente e energico, que se por um pouco se podia encerrar dentro dos estreitos limites de um sentimento placido, não podia por muito tempo conservar tal posição, e saltava por fim com mais fogo, com mais vida para o embate de sentimentos ardentissimos e sempre combatentes, em que só podia viver.

— A minha vida foi então um contínuo tormento. Arnaldo, nunca viste em dia de temerosa borrasca baloiçar-se sobre as ondas irritadas a pobre alga marinha, que o redemoinhar das aguas arrancou do fundo do mar? Ora sobe no dorso da vaga immensa, ora desapparece na curva que ella faz, e afunda para logo apparecer rolando entre o embate de duas ondas encontradas: — já impellida por ellas corre para a praia, ligeira como o pensamento, parecendo aproveitar uma occasião favoravel de se libertar da tormenta; já, apanhada na ressaca, cavalga de um salto no dorso de uma vaga, baloiça-se um pouco indecisa, e logo é por ella de novo arremessada em rapido redemoinho para o seio dos cachoens que refervem: — e ella sem tino, sem fazer opposição se-

gue todos os impulsos, todos os movimentos, que lhe dá a fantasia da tormenta.

— A minha vida era tambem assim, amigo. O caracter ardente e dominador de Gabriella dava á sua paixão a força da tempestade; o desprêso de Servieux irritava ainda mais o seu genio. A vida d'aquella mulher era um contínuo e alternado quadro de amor, de ciumes, e de projectos de seducção ou vingança — e eu, no meio d'estes irritados sentimentos, era o ludibrio resignado dos seus encontrados caprichos. Sentia uma especie de sensação instinctiva, um não sei que de repugnancia, que me persuadia tornar-me superior a essa mulher e interiormente me separava d'ella; mas uma influencia mais forte coagia-me a seguil-a sempre. Era uma verdadeira fascinação, a que obedecia maquinalmente, quasi tão materialmente como o magnetisado obedece á voz do magnetisador.

— Era na verdade uma contínua tormenta, no meio da qual me volvia, e baloiçava, como empurrado por cada um dos seus extravagantes caprichos. Umas vezes não me queria vêr; outras, tendo a cabeça escondida no meu seio, onde sentia correr lagrimas que escaldavam, erguia-se rapidamente, empurrava-me de si, bradando que me odiava. Umas vezes era para mim uma irmã amante e dedicada, outras uma mulher soberba e intratavel; umas vezes lançava-se-me nos braços, jurava que me amava, que eu era o unico homem que sempre amára, e logo arredava-se de mim fria e impassivel e com a mais pronunciada indifferença. E eu soffria tudo isto inalteravel e fingindo nada sentir; mas tendo na alma um inferno, mas mordendo-me de desesperação e amaldiçoando a vida a sós comigo e durante longas insomnias.

— Um dia estavamos em casa do principe de Salerno. Nota, meu amigo, que foi n'essa mesma casa, que pela primeira vez conheci Gabriella. Ella parecia sentir então por mim o mais poetico amor; eu estava junto d'ella e dos labios sahiam-lhe palavras cheias do mais ardente affecto — balsamo, verdadeiro e bem preciso balsamo para a chaga que tinha no coração.

— N'isto o criado annunciou Mr. de Servieux, e poucos minutos depois entrou elle, dando o braço a uma linda menina de dezesete annos, seguido por uma senhora e um homem que logo o criado annunciou tambem.

— Gabriella, mal ouviu este nome, voltou-se immediatamente. Quando tornou a virar o rosto para mim estava completamente mudado.

« — Sahi d'aqui, que me enfadaes — disse-me ella em tom irritado.

— Obedeci maquinalmente; mas lançando sobre Servieux um olhar cheio de odio e de desejos de vingança, impotente e ridicula porém, porque tal era a vontade de Gabriella.

— Desviei-me pois: por um pouco Mr. de Servieux conservou-se defronte da linda menina, com quem tinha entrado. Os modos e os rostos de ambos indicavam o mais sentido e o mais delicado amor; fallavam como dois amantes extremosos, que confiavam illimitadamente um no outro, que se amavam sem mesmo pensar na possibilidade de uma traição — que se amavam com amor innocente e candido como o dos anjos, e só proprio de almas cheias de poesia e em que ainda a sociedade não podéra matar as crenças generosas, nem destruir as esperanças de uma doce e celestial felicidade futura. Poucos momentos passados, Servieux, sorrindo-se com o mais

expressivo amor, apartou-se d'ella, e sahiu para o meio do salão. — Ella chegou-se para um circulo de damas, que estavam ahi junto.

— Pelos modos com que um e outro se olhavam, conheci logo ser esta menina, quem roubára a Gabriella o amor, que tanto anhelava; conheci tambem que era bem mais digna do que a condessa de Fiasqui de ser amada pelo homem, que sobre esta exercia uma influencia, para assim dizer, magnetica.

— Puz-me então a examinal-a com toda a curiosidade, que pódes imaginar. O rosto retratava a alma mais angelica e ingenua. Era em verdade formosa; não d'essa belleza energica e provocadora de Gabriella, não d'essa formosura estouvada e voluvel de uma mulher affeita ao grande mundo, mas sim d'essa belleza candida e meiga, com que a fantasia nos representa a aérea imagem dos anjos. Os compridos cabellos negros desciam-lhe abertos ao meio sobre a fronte de uma alvura ligeiramente tocada da côr da rosa — côr, que desenhando-se-lhe mais animada nas faces, dava ao rosto virginal a mais formosa expressão de candura. Sobre os olhos, tambem negros e franjados de longas pestanas avelludadas, cortavam-se-lhe semi-arqueadas as sobrancelhas, tambem escuras e luzentes como o ebano. Por muito tempo estive fitando este rosto angelical, e nem uma só vez as vi contrahir na mais ligeira ruga, que indicasse uma ideia menos pura, que desdissesse com a bondade celestial, que lhe irradiava das feiçoens. Na piquenina e rosada bôca esvoaçava tambem de contínuo um sorriso de uma expressão verdadeiramente angelica.

— Mr. de Servieux demorou-se por um pouco entre os diversos grupos de homens, que conversavam no meio da casa; depois dirigiu-se a differentes damas. Apesar

do disfarce, que bem vi que recommendou á amante, esta não podia vencer de todo o coração, e a furto lançava de quando em quando sobre elle um olhar, que lhe trahia o estado da alma. Invejei este amor venturoso — eu, a quem este sentimento sublime fazia tão desgraçado.

— Servieux continuou a fallar com esta e aquella senhora. Ao passar por Gabriella, esta dirigiu-lhe a palavra. Servieux parou, e eu, apesar de estar longe, não perdi um só dos meneios d'ella. Gabriella fallava-lhe na maior animação; os olhos brilhavam cheios de felicidade, e nos labios pairava-lhe um sorriso verdadeiramente angelico. As maneiras de Servieux nada indicavam de amor; respondia-lhe com a mesma delicadeza fria e impassivel, com que tratava todas as damas, á excepção d'aquella que adorava.

— Alguns minutos passados, Servieux cortejou, e ia a retirar-se: Gabriella ergueu-se, e, ligeira como uma sylphide, saltou para o lado d'elle, e tomou-lhe o braço. Começaram então a passear na sala. O rosto de Gabriella animava-se cada vez mais; as palavras sahiam-lhe em turbilhão pelos labios fóra. N'um momento o rosto do cavalheiro illuminou-se da mais expressiva surpreza, atravez da qual não pôde occultar uma certa expressão de enfado e de desprêso. Respondeu, e o rosto de Gabriella passou rapidamente do amor para o odio, do odio para a raiva, e logo ella tornou a fallar de novo, com o rosto a reluzir-lhe de um amor supplicante. O rosto do cavalheiro contrahiu-se severo e duro. Ao perpassar por mim ouvi-lhe estas palavras:

« — Permitti-me, que vos diga, senhora condessa, que a vossa insistencia é a mais inconveniente possivel. Lastimo o obrigardes-me a ser grosseiro para comvosco;

mas já vol-o disse, senhora, não sei repartir o meu amor, nem atraiçoar o anjo que me ama.

— E com estas palavras Servieux conduziu Gabriella ao sofá, e dirigiu-se com os mais conhecidos signaes de enfado para o lado onde estava a sua amante. Apesar de tudo o que lhe ouvi dizer — fatal fascinação a minha! — olhei Servieux com mais odio, porque... fizera soffrer Gabriella.

— A condessa de Fiasqui levantou-se então, e, pallida como a morte, retirou-se para junto de uma janella, que estava aberta, e sentou-se a um canto, onde a luz brilhava com uma claridade tibia. Não pude vencer-me mais tempo, e dirigi-me para o lado d'ella. As lagrimas corriam-lhe pelas faces abaixo, os dentes cerravam-se-lhe uns contra os outros, e com os olhos fitos em Servieux, que fallava com a amante, bem indicavam sobre quem essa raiva cahia.

— Alguns momentos estivemos sem fallar um para o outro; então disse-me assim com voz tremula de cólera:

« — Olhae, escarnece de mim!

— Olhei; na verdade Servieux fallava com a amante, com ar de grande enfado, e deitando sobre Gabriella os olhos, como indicando quem lh'o havia causado. A linda menina, com uma das mãos d'elle ligeiramente chegada á sua, escutava-o attentamente, e olhando de quando em quando Gabriella, de fórma que bem indicava o que o amante lhe dizia.

« — Oh! se eu fôra homem! — balbuciou Gabriella a meia voz.

— Comprehendi o que queria dizer, fiz uma cortezia, e retirei-me. Servieux tinha levado a amante para o meio de um grupo de damas, que estavam do outro lado da

sala. Dei uma volta, e dirigi-me para aquelle logar; quando ia a passar, fallava animado e jovial, como defendendo-se de não sei que accusação.

— Ao passar toquei-lhe com tal força com o braço, que quasi o fiz desquilibrar e cahir. Elle voltou-se para mim cheio de cólera, que pretendia conter, pois que pensava que a um descuido e a nada mais, fôra devido um tal acontecimento. Porém quando viu, que em logar da satisfação, que todo o homem delicado lhe daria, eu olhava para elle com um sorriso de escárneo disse-me em voz ligeiramente commovida:

« — Parece-me, senhor, que nem mesmo sentistes, que me empurrastes.

« — Sois muito susceptivel, meu caro cavalheiro — respondi com o mesmo sorriso nos labios — mas acreditae que só agora é que o faço.

— Servieux mordeu os beiços de raiva; as damas, que conheciam o meu caracter, começaram a inquietarse. Servieux, porém, fez-me um leve aceno de cabeça, a que correspondi com a mesma altivez, e continuou a conversar com o maior sangue frio. Eu fui ávante, esperando, como devia, que em breve me viesse buscar.

— Assim aconteceu na verdade. Poucos minutos passados, o cavalheiro achou occasião de vir para o meio da casa; os meus olhos encontraram os seus, fez-me então signal de entrar para uma sala fronteira, fui logo, e em breve o vi entrar por outra porta desviada, que dava da sala para a escadaria do palacio.

« — Desejo saber, senhor — disse elle, dirigindo-se a mim — em que sentido devo tomar as palavras, que ha pouco tive a honra de ouvir-vos.

« — Devo informar-vos, senhor cavalheiro — respondi com altivez — que não tenho costume de dar res-

posta a perguntas tão futeis, como a que acabaes de fazer-me.

« — N'esse caso — replicou — tomo-as como uma provocação?

« — Como vos aprouver, senhor — respondi eu.

« — Sei o que devo fazer — disse elle, cortejando.

« — A's vossas ordens — respondi da mesma maneira.

— Servieux dirigiu-se ao grupo das damas, onde estava a sua amante, e poucos minutos depois conversava com a mesma animação e jovialidade de ha pouco; eu dirigi-me para junto de Gabriella, que abstracta, e os olhos, onde brilhavam ainda as lagrimas, fitos no espaço, nem sequer deu conta da minha chegada.

— D'ahi a pouco levantou-se. Offereci-lhe o braço, ella repelliu-me, e ordenou-me que ficasse. Poucos momentos passados ouvi rodar a sege que a levava.

— Sahi então e lançando-me dentro do meu caleche, mandei dirigil-o para casa. Algumas vezes, durante o caminho, pareceu-me sentir rodar atraz de mim uma sege; quando ia a saltar fóra da minha á porta do hotel, em que vivia, vi que as minhas suspeitas não eram infundadas. Como, porém, as vidraças da carruagem estivessem corridas, e ninguem sahisse de dentro, subi ao meu quarto, sem nada attender a esta circumstancia.

— Poucos minutos depois o criado entrou, e disse-me que era procurado por dois cavalheiros.

« — Fazei-os entrar — disse eu; e o criado introduziu os recem-chegados.

— Reconheci-os á primeira vista. Era o joven marquez de Bialto, filho mais velho do principe de Salerno, e Mr. de Louvéry, official a bordo de uma corveta fran-

ceza, que estava em Napoles, d'onde viera com licença a negocios. Ainda havia pouco, que com elles estivera em casa do principe. Conheci logo qual era o fim d'esta visita a taes horas da noite. O relogio já marcava duas. Os meus desejos de vingança iam realisar-se.

« — Sei muito bem ao que vindes, senhores — disse eu sorrindo e estendendo-lhes a mão — e para evitarmos demoras, dir-vos-hei que estando justamente offendido de Mr. de Servieux, nenhuma satisfação estou resolvido a dar-lhe pelo facto acontecido, antes o estou a pedir-lh'a do modo pouco delicado, com que me tratou.

— « Apre, meu caro Fernando! — respondeu Bialto, que era um verdadeiro estouvado — estaes verdadeiramente endemoninhado. Aposto que anda ahi intriga feminil? Attendei, porém...

— « Perdoai, senhor marquez — interrompeu Louvéry — mas bem sabeis que Mr. de Servieux não espera outra resposta. Assim — continuou, voltando-se para mim — como o meu amigo tem de partir necessariamente ámanhã ás onze da manhã para Paris, o unico obsequio, que deseja de vós, é que este negocio se conclúa antes d'essa hora.

« — Com muito prazer, Mr. de Louvéry — respondi — de madrugada, se o quizerdes.

« — Agradeço-vos por elle, senhor — respondeu o francez — n'esse caso indicae-nos os vossos padrinhos para...

« — Não levantemos difficuldades, senhores — repliquei eu — O marquez de Bialto é meu amigo, e conheço muito bem a lealdade e a honra de um militar francez, para ousar confiar em vós. Assim, senhores, Mr. de Servieux que escolha as armas, e até ás cinco horas da manhã, se vos apraz.

« — Elle deixa-vos a escolha das armas — disse Louvéry — a elle todas são familiares.

« — Estou no mesmo caso, assim não sei a qual deva dar preferencia — respondi eu, sorrindo.

« — Então o sabre.

« — O sabre.

— Mr. de Louvéry cortejou, e sahiu. Bialto apertou-me a mão, e sahiu após elle, ainda rosnando não sei que de « mulheres. »

— A's quatro horas e meia da seguinte madrugada, dirigi-me para o logar convencionado, a tres quartos de legua distante de Milão : — ás cinco chegou Mr. de Servieux, acompanhado de Bialto e de Louvéry. Meia hora depois Servieux tinha deixado de existir, e eu corria á rédea solta para Milão. A minha espada tinha-o atravessado pelo meio do corpo, tinha-lhe ido direita ao coração. O pobre moço cahira, sem poder soltar uma palavra; apenas dos labios lhe sahiu um murmurio indistincto e confuso, que parecia significar um nome.

— Tu que me conheces, meu caro Arnaldo, acreditarás sem difficuldade, que chorava do intimo do coração o não ter succumbido na lucta. De que é que a vida me servia? que me importava uma existencia de torturas, sem uma affeição, sem um amor, que sobre a perda d'ella derramasse uma lagrima? A de Servieux estava em outro caso; amava, e era amado. A vida para elle não se cifrava tão sómente no insipido vegetar de uma existencia solitaria e egoista. Ligado a um anjo pelos laços do mais puro e santo amor, a existencia andava-lhe agora unida a outra, cujo caracter celestial a fazia pasmosa excepção no meio da sociedade de hoje. Matal-o, era fazer descer esse anjo da extrema felicidade do ceu para o miseravel e angustioso torturar da afflicção. Tal-

vez que a essa hora sonhos doirados a representassem aos olhos da propria imaginação no gozo de uma felicidade eterna e angelica, ligada ao seu amante adorado! Talvez que o coração, presago da futura desgraça, lhe fizesse antecipar a nova fatal, que em breve ia tornal-a a mais infeliz de todos os viventes!

— E eu era a causa de tudo isto, Arnaldo! era a causa do soffrimento d'esse anjo, era o assasino de um homem nobre e leal! Era eu finalmente, que sacrificava ao capricho de uma mulher orgulhosa, a um odio estupido e sem causa a felicidade de dois entes, similhantes aos quaes faz Deus poucas vezes baixar sobre a terra!

— Acossado por estas ideias, e, ainda mais, por não sei que presentimento pungente e doloroso, fazia voar o meu cavallo em direcção a Milão. Quando cheguei a minha casa, o criado entregou-me um bilhete; abri, era de Gabriella.

« Sei tudo — dizia ella — mas lembrae-vos do que « uma vez vos disse; se tocardes um só dos cabellos de « Mr. de Servieux, contae com a vingança de Gabriella « de Fiasqui. Espero que acceiteis o meu *conselho*, que « recusareis o duello. »

— O bilhete era datado das tres horas da manhã, mas não sei porque fatalidade me chegára tão tarde ás mãos. Aterrado, movido não sei de que mêdo das consequencias do facto que praticára, desci rapidamente as escadas, lançei-me de novo sobre o cavallo, e corri a toda a brida para o palacio de Gabriella, para lhe referir todo o caso e mostrar-lhe que estava innocente no que dizia respeito ao bilhete que d'ella recebêra.

— Mal cheguei, um criado disse-me que a senhora condessa sahira de madrugada. Logo aventei para onde. Esporeei de novo o cavallo, e em breve cheguei ao sitio,

onde o duello tivera logar. Ninguem encontrei já, mas a meia legua distante deparei com o marquez de Bialto, que me deu as seguintes informaçoens.

«— Um quarto de hora depois que vos retirastes, meu caro Fernando, chegou a condessa de Fiasqui, a cavallo e acompanhada só de um criado. Os cavallos bem davam a conhecer que não viera de vagar. Lançando rapidamente os olhos sobre nós, e vendo-nos no acto de conduzir o cadaver do pobre Servieux, Gabriella saltou a terra, e approximou-se de nós. Estava pallida, livida mais que o cadaver. Contemplou-o um pouco, e logo cortou-lhe com um punhal, que tirou do cinto, uma pequena madeixa de cabellos, que guardou no seio; deu-lhe então um beijo sobre a fronte, montou de novo a cavallo, e partiu. Quando chegamos á aldeia proxima para onde levamos Servieux, disseram-nos na estalagem, que havia ahi chegado uma dama, que apenas se demorára o tempo de escrever duas cartas, e logo ella e o criado tornaram a montar a cavallo, e partiram.

«— Mas para onde? para onde? — exclamei desesperado.

«— Elle voltou para Milão, ella tomou o caminho de Pavia.

— Nada respondi ao marquez; dei de esporas ao cavallo, e parti á rédea solta n'aquella direcção. Bialto ficou estupefacto d'esta minha estranha despedida; ouvi-o gritar não sei que atraz de mim, mas a nada attendi, nada me importou o que elle dizia.

— Não sei que fatalidade me arrastava apoz d'essa mulher! não sei que fascinação me fazia seguir quem devera desejar bem distante de mim!

— Por todo o caminho fui tendo noticias de Gabriella; a tres leguas distante de Pavia deixei de as ter. Continuei

apezar d'isso a seguir aquella estrada; uma legua mais andada, o meu valente andaluz fraqueou, e cahiu. Examinei-o, estava morto. Dirigi-me então a uma das postas mais proximas: ninguem ahi vira passar Gabriella. Estava visto que não tomára aquelle caminho. Decidi então voltar a Milão para saber dos criados da condessa se ella voltaria, ou qual a direcção que lhes mandára tomar.

— Parti de novo para Milão pela pósta, e dirigi-me logo a casa da condessa. Estava tudo fechado. Bati; um novo porteiro abriu a porta.

— « A senhora condessa de Fiasqui?—perguntei eu.

— « Já cá não mora.

— « Mas hontem ainda aqui vivia! — repliquei desesperado.

— « Hoje ás cinco horas partiram os seus criados.

— « Mas para onde?

— « Não vol-o sei dizer.

— E o porteiro fechou a porta, e eu fui para minha casa rugindo de desesperação.

— Quando entrei eram perto das dez horas da noite. O meu criado entregou-me uma carta: — lê-a, eil-a aqui.

E Fernando tirou-a do bolso, e entregou-m'a; li-a — dizia assim:

« Nunca mais me tornareis a vêr, mas a minha pro-
« messa será cumprida. Parto com a morte no coração:
« se é consolação para vós, sabei-o; sou a mais infeliz de
« todas as mulheres. Resta-me só a consolação, enten-
« deis-me, de me ter vingado de vós. Matastes o ho-
« mem, a cuja vida a minha estava ligada; mas antes
« d'isso quero-vos dar o *prazer* de saber tudo o que
« por vós senti. Desprézei-vos sempre, porque desprezo
« todos os caracteres fracos, que só teem o poder da se-

« ducção n'uma figura mais ou menos elegante, n'uma
« coragem que não parte da força e energia da alma,
« mas que é filha sómente do capricho e da sociedade.
« Odiei-vos depois, porque abusastes, contra uma crea-
« tura fragil e innocente, d'essa superioridade pânica,
« que estultos e parvos vos haviam concedido. Compa-
« rar a minha alma com a vossa seria abater-me; mas
« concedo-vol-o por um pouco, para verdes se tive razão.
« Vinguei a condessa de Merli, fiz de vós joguete dos
« meus caprichos, e hoje, attendei bem, para vingar o
« meu amante, bastava uma só palavra, bastava dizer-
« vos — abomino-vos. Se valesseis a pena, se na vossa
« alma houvesse sequer um assomo de energia digna de
« luctar com a minha, ficaria em Milão mais tempo, para
« vos atormentar ainda mais. Mas sois tão miseravel!...

« Parto pois, e nunca mais me vereis. Fernando de
« Noronha, se me sobreviverdes, acreditae que morre-
« rei amaldiçoando-vos; se antes de mim baixardes á ter-
« ra, irei um dia bradar-vos sobre a campa maldiçoens
« cheias de odio, cheias de desprêzo.

« Adeus, pois, e para sempre. Dentro em poucas ho-
« ras sabereis como se vinga de um miseravel a

« *Condessa de Fiasqui.* »

— Lê alto — tinha-me dito Fernando, vendo, que para o não irritar, lia em voz baixa a carta.

Quando acabei a leitura, o rosto de Fernando estava livido de todo, e os olhos tinham-se-lhe injectado de sangue. Eu tremia pelos resultados d'esta violenta agitação; assim disse-lhe que, visto já o sol se ter escondido, seria melhor recolhermo-nos a casa, e que ficasse para o outro dia o final da sua narração. Apesar de ella me in-

teressar muito, não era da bôca d'elle que estava disposto a ouvir a conclusão.

— Escuta o resto — respondeu-me elle com modo rispido — apezar do que essa carta diz, a minha alma tem mais do que a sobeja energia para arrostar com recordaçoens ainda mais negras do que essa.

Calei-me, receando contrarial-o. Depois de um curto silencio continuou assim:

— Fascinado como sabes que estava, pódes bem avaliar o effeito, que essa carta fez sobre mim. Torci-me, mordi-me de desesperação; os insultos não eram o que me feria, era a ideia de que nunca mais a tornaria a vêr, era a ideia de ser odiado por ella! Essa mulher abóminavel tinha aventado ao certo; só essa palavra bastava para a vingar de um acto de que fui instrumento, mas que todo partira d'ella, mas cujos effeitos todos tinham de cahir sobre mim!

— Sentado a uma mesa, com os cotovêllos encostados a ella e a fronte a arder poisada nos punhos cerrados, li e reli com a mais frenetica desesperação essa carta. O relogio batia dez horas; eu, com os olhos fitos no bilhete de Gabriella, lia pela centesima vez o que ella escrevêra — ideias sinistras já começavam a esvoaçar-me na imaginação desvairada, já lançava sobre as minhas pistolas de quando em quando o olhar feroz de um suicida. N'isto a porta do meu quarto abriu-se, e meu primo Estevão de Mendonça appareceu no limiar.

— Arremessei a carta, e corri para elle com os braços abertos.

« — Salva-me, salva-me, Estevão — gritei eu delirante — foi Deus que te trouxe aqui.

— Mas quando me ia a lançar nos braços d'elle, repelliu-me com um empurrão.

« — Deus ou o diabo — exclamou na sua voz de stentor — o que é certo é que te encontrei.

— E dizendo isto, Estevão fechou a porta por dentro.

— Recuei espantado; a figura de Estevão exprimia um instincto feroz, um desejo de vingança de fera. Ante os olhos passou-me de subito a imagem de Gabriella.

« — Ha um mez que te procuro por toda a Italia — continuou elle — foi a não sei que diabo que devo o prazer de te vir dizer — Fernando de Noronha, meu primo, meu *querido* primo, és um infame, és um vil, és um covarde.

— Recuei ainda mais, espantado e sem saber a que attribuir uma tal linguagem. Na minha cabeça, já exaltada pelo estado febril da desesperação passada, surgiam agora visoens fantasticas e cheias de um maravilhoso horrendo. Em tudo via a imagem de Gabriella — vingativa, feroz, como a sabia imaginar. Estevão era para mim um ser sobrenatural, que á voz d'ella surgia do inferno, incarnando-se na imagem de meu primo.

— Elle continuou:

« — Seduziste minha irmã, fizeste-te amar por ella e agora com a mais vil covardia, és a causa da sua morte! Infame assassino de mulheres, alma vil e sem honra, venho vingar a morte de Emilia.

« — A morte de Emilia! — bradei eu espantado.

« — Pensaste que da fraca mulher — continuou Estevão — não havia perigo a recear, não havia uma vingança a temer. Mas não contaste com o irmão, que a ama, não contaste que Deus guiaria esse irmão para a vingar — e vingar todas as outras victimas da tua indole depravada — accrescentou elle, atirando para cima da mesa um papel dobrado. — Enganaste-te; esse irmão existe, esse irmão encontrou-te, e esse irmão é que te diz

agora — Fernando de Noronha, meu primo, meu *querido* primo, venho matar-te.

— Levado por não sei que violento pungir do instincto, corri á mesa, e tomei o papel. Abri-o, era a letra de Gabriella. Lê-a.

E Fernando passou-me um segundo bilhete, que dizia assim:

« Ha quatro dias que andaes buscando Fernando de
« Noronha. A causa do vosso odio é justa, e Deus ajuda
« sempre a justiça. Vingae vossa irmã, e com ella vin-
« gareis milhares de victimas de um caracter depravado
« e infame. O homem, que buscaes, é um assassino igno-
« bil, é um seductor cynico e depravado, em cuja alma
« não existe um só sentimento de honra, de nobreza, ou
« de consideração pelo nome que tem. Por toda a parte
« por onde tem passado, deixou após de si um rasto de
« sangue e de lagrimas; um grito unanime o tem segui-
« do, amaldiçoando n'elle um nome, que deveis defen-
« der, porque pertence á vossa familia.

« Deus é justo, e elle vos guiará. O homem que bus-
« caes mora no hotel de *la Chiesa.* »

— Arnaldo — continuou Fernando — essa mulher estava informada de tudo que dizia respeito á minha familia, e abusava com um cynismo infernal da estupidez de Estevão!

— Ao acabar de lêr aquella carta, fiquei como fulminado; cahiu-me das mãos, e ao mesmo tempo senti de todo desvendar-se-me a razão. Envergonhei-me, tive nojo de mim mesmo. Amava uma mulher infame, uma mulher, cuja alma vil e traiçoeira lançava mão da calumnia para me perder com a minha familia, e assim vingar-se de mim.

« — Estevão — disse eu já mais socegado — tudo

isto é uma calumnia; tu és victima de uma mulher infame.

« — Uma calumnia! — bradou elle — já me não illudes. Emilia está doentissima; está a morrer por tua causa. A'manhã um de nós deve deixar de viver.

« — Não me baterei comtigo, Estevão — disse-lhe eu frio e impassivel como uma estatua.

— Estevão soltou um grito de raiva, e bateu furioso com o pé na casa.

« — Não te baterás comigo! — gritou elle, abafado de raiva — não te baterás comigo! covarde! Então assassino-te.

« — Faz o que quizeres — repliquei, cruzando os braços — mas não me bato comtigo. A cólera cega-te; logo que te volte a razão, attender-me-has.

— Estevão não podia fallar de cólera; olhou em redor de si com a ferocidade de uma fera.

« — Não te baterás comigo! — gritou elle de novo — E's um infame! és um covarde!

— E dizendo assim, escarrou-me no rosto.

— Então perdi de todo a cabeça; a violenta agitação em que ainda tinha o espirito, não me deixou guardar o sangue frio tão necessario n'esse momento. Lancei-me sobre Estevão com um grito de raiva.

— As forças gigantescas de meu primo subjugaram-me n'um momento. Arremessou-me com força contra o pavimento, e de novo me cuspiu com desprêso. Então ergui-me com a ferocidade de um tigre.

« — Oh! eu me vingarei — gritei n'um rugido, e, correndo a uma panoplia, tirei duas espadas, que arrojei aos pés d'elle — Escolhe — disse-lhe eu em voz abafada.

« — Ah! já! — replicou com um sorriso de es-

cárneo feroz — Mas não será hoje — accrescentou — não quero que digam que me pareço comtigo, que sou um assassino. A'manhã tenho tempo para te matar.

— Eu tinha conseguido socegar um pouco, assim repliquei:

« — Seja — e, apontando para a porta, accrescentei — entretanto sáe.

— Estevão soltou uma gargalhada estridente.

« — Isso era o que tu querias, para fugires como um covarde. Mas não saio d'aqui.

— E assim dizendo, tomou uma cadeira, que encostou á porta; sentou-se, e, cruzando os braços, pôz-se a olhar para mim com um olhar de escárneo.

— Olhei aquelle todo tão feroz e estupido com um olhar de compaixão e desprêso; depois dirigi-me para junto da mesa, sentei-me, e encostando a cabeça nos braços, pretendi conciliar o somno.

— Louco que eu era! A imagem de Gabriella tornou a apparecer diante dos meus olhos. Mas apesar de formosa, apesar de se me antolhar n'esses momentos, em que me dizia amar, nada mais senti por ella que desprêso, que nojo de mim mesmo, por ter sido dominado por uma tal mulher. Depois examinando o seu caracter mais a fundo, recordando os males que me causára, senti succeder no meu animo á admiração o desprêso, ao amor o odio — odio violento, desejo raivoso de uma vingança, que comprára n'esse momento á custa da minha propria honra.

— Absorto em taes reflexoens, ia passando a noite, sem que o somno me fechasse os olhos: d'este intimo revolver de espirito, d'esta abstracção da realidade acordei com um ruido prolongado, estridente e compassado, que me fez sobresaltar.

— Olhei; era Estevão que resonava, dormindo profundamente!

— Estevão dormia descuidado na presença do homem que insultára mortalmente! — fechado a sós e a horas mortas da noite com o inimigo, que no dia seguinte podia achar a morte na ponta da sua espada!

— Esta extraordinaria confiança surprendeu-me. O gigante, nem mesmo dormindo, receava do pigmeu: o homem leal e nobre não receava confiar-se nem mesmo d'aquelle, a quem ainda ha pouco denominára infame e covarde. Tal era a muita estupidez ou a muita nobreza d'alma de Estevão.

— No dia seguinte batemos-nos. Cahi com o peito varado pelo florete de Estevão. Conduziram-me a casa: a ferida era grave, porém os medicos receavam, mais do que d'ella, da violenta agitação do meu espirito e da febre que me havia tomado.

— Por cinco dias estive n'um delirio contínuo, depois cahi n'um somno profundissimo. Quando acordei.... imagina quem vi ao meu lado, Arnaldo. De um lado Luiz de Mendonça, do outro Emilia — Emilia, que me espreitava, que me observava com toda a solicitude de um verdadeiro amor. Ao principio suppuz um sonho toda a minha vida passada, suppuz acordar no meu quarto, em casa de meu tio em Sanfins; mas a razão voltou-me em breve. Quiz fallar; Emilia pôz-me porém a mão na bôca, e disse-me que estivesse socegado. Tudo me parecia um sonho — obedeci.

— Dizer-te todos os cuidados de Emilia, todos os serviços, que me prestou meu tio, é escusado: pódes bem imaginal-os. Pobre Emilia! — continuou Fernando, com um suspiro — desconheci por tempo de mais a minha verdadeira felicidade, fui insensivel ao teu amor, e as-

sim cavei o abysmo, onde me despenhei, e matei a tua ventura na terra, meu pobre anjo! Oh! sim, se me tivesse ligado a ti, a minha vida não fôra uma contínua cadeia de loucuras, um baloiçar contínuo no mundo, onde perdi a saude do corpo e a saude da alma! Minha pobre Emilia! causei a tua infelicidade, e agora, anjo, ao vêr as tuas esperanças, sinto ainda mais vivos pungirem-me os remorsos. Ellas são todas vãs; a morte approxima-se de mim a passos largos. Já te não posso offerecer mais que um sorriso melancolico de saudade, uma lagrima a pedir-te perdão e a promessa de que ante o throno de Deus pedirei pela tua felicidade, ainda que seja a troco da minha condemnação.

As lagrimas deslisavam-se mansamente pelas faces de Fernando; eu senti-me tambem commovido.

Então elle continuou assim, depois de alguns minutos de dolorosa, mas doce interrupção:

— Sube então tudo, Arnaldo. Emilia havia cahido doente: minára-a em verdade o vêr despresado por mim o delicado e puro amor, que sentia. Estevão aventou-o, e, deixando-se arrastar pela extremosa amizade que lhe tem — unico sentimento, mas fortissimo, que até hoje teve entrada n'aquella alma grosseira — determinou vingal-a, e, partindo sem nada dizer para o Porto, embarcou para a Italia, onde me foi encontrar. Um caseiro, porém, para com quem tinha deixado escapar alguns indicios dos seus designios, disse-o a meu tio. Emilia e elle partiram logo, para vêr se impediam o que do genio de Estevão deviam recear. Quando chegaram, já foi tarde; já o vieram achar á cabeceira do meu leito, sem mostrar o menor signal de se arrepender do que havia feito. Estevão, vendo-me entregue aos cuidados da sua familia, abandonou-me, e veio logo para Portugal.

— Eis pois, amigo, o estado em que me achei, quando tornei a mim do meu delirio. Dois mezes depois voltei com meu tio e com Emilia para Portugal, sã da ferida, que recebêra — mas tisico, não só das ruinas que ella me deixára no peito, mas tambem da violenta febre que me havia minado.

— Durante toda a minha molestia os carinhos e as esperanças de Emilia fizeram-me esquecer Gabriella. Só de quando em quando a imagem d'ella passava fugitiva no meu espirito, mas com tintas tão negras e odiosas, com taes desejos de vingança da minha parte, que logo desviava d'ali a imaginação. Mas depois que cheguei — fatal organisação a minha! — sinto-a perseguir-me com mais força, não movendo-me o amor, mas erguendo em mim um odio tão violento, mas fazendo-me nascer um desejo tão insuperavel de vingança, que só esta ideia me ha-de matar mais depressa. Oh! ella bem o disse — até a sua lembrança me faz mal! E vêr-me caminhar para a sepultura a passos de gigante, sem me poder vingar d'ella! recordar-me que virá um dia sobre a minha campa — que ha-de vir, que ella nunca faltou ao que uma vez prometteu — insultar a minha memoria, cuspir sobre as cinzas do homem que escarneceu! Só isto era capaz de me matar, quando já não trouxesse a morte dentro em mim. Oh! trocára de bom grado a minha felicidade eterna; acceitára os tormentos pavorosos do inferno a troco de dois annos, por só dois annos de vida, em que me erguesse junto d'ella vingativo e soberano, em que a arrastasse ante mim humilde e vencida — ella tão forte e tão energica, ella que me fez volver como um brinco ao grado dos seus temerosos caprichos!

Fernando parou. As faces tornaram-se-lhe de um livido esverdeado, e os olhos rodearam-se-lhe de um cir-

culo de azul-violeta. Os membros sacudiam-se-lhe na mais violenta agitação. Ergueu-se rapidamente: — levou as mãos ao peito, e as feiçoens contrahiram-se-lhe nervosamente. Ao mesmo tempo os beiços cobriram-se-lhe de sangue, que começou a correr pelos cantos da bôca.

Acudi a segural-o.

— Não é nada — disse-me elle em voz surda — ajuda-me a ir para a casa proxima. Sei o modo de fazer sustar estes ataques.

Conduzi, pois, Fernando a casa de um lavrador visinho. Elle pediu então que lhe trouxessem uma pouca de agua n'um copo; — o lavrador, que não possuia tal objecto, trouxe-lh'a em uma tigela, que, para honrar o *fidaurgo* de *Tainde*, era uma *maurga*.

Fernando tirou então da algibeira um frasquinho, e deitou na agua algumas gottas do liquido, que continha. Depois bebeu, e o sangue cessou de correr; mas elle cahiu n'uma especie de deliquio, que durou alguns minutos.

Levantou-se então, e disse-me que eram horas de recolher a casa. Despedi-me, pois, do lavrador, agradecendo-lhe os seus bons officios, e com Fernando encostado ao meu braço esquerdo, dirigi-me atravez do *quinteiro* para a porta que dava sobre a estrada.

A casa do nosso amigo lavrador ficava mesmo ao correr da estrada, que leva de Adelaens a Santa Maria de Oliveira — vinte ou trinta passos para dentro da bôca do caminho, que se abre sobre a extensa esplanada, que d'ahi corre até Sant'Anna. Ao chegar á porta vi, encostada á parede fronteira, uma mulher pobremente vestida, mas com um traje desusado na aldeia.

Os ultimos raios do sol tinham acabado de desappa-

recer de sobre os cumes mais elevados dos montes de S. Thomé e do Bostello. A lua elevava-se ao longe sobre os montes do nascente, como um balão subindo ao ar entre o clarão brilhante, mas longinquo, de immensa fogueira, que lhe ficasse inferior. Uma luz doce e voluptuosa illuminava o espaço, e uma aragem suave e fagueira perfumava a atmosphera.

Fernando parecia reanimado; ao chegar á porta, assim como eu, viu a mulher, que estava encostada ao muro fronteiro; assim como eu, estremeceu tambem, e parou, porém com mais força e com uma impressão mais violenta.

Aquella mulher era Maria.

Era Maria — não a formosa e angelica menina, que eu conhecêra, havia um anno; não a elegante e mimosa filha do Ave, que tantas vezes contemplára como um d'esses typos celestiaes, que parecem não poderem existir senão na imaginação dos poetas: — mas sim a imagem estragada e envilecida do anjo, que conhecêra; mas o typo hediondo e torpe d'essas desgraçadas mulheres, que por ahi encontramos de noite pelas ruas, arrastando a vida na devassidão e na miseria.

As faces, que conhecêra tão alvas e rosadas, estavam agora lividas e cobertas de manchas de um vermelho denegrido; o piquenino nariz inchára-lhe, e tomára a mesma côr. Os labios estavam rôxos, e os formosos olhos pretos que pareciam ainda querer brilhar como d'antes, estavam cercados de uma côr violeta. Estava extraordinariamente magra, e uma das mãos, que se lhe via, tinha uma côr macilenta, e retratava por baixo da pelle bem pronunciados os ossos.

Tinha na cabeça um lenço branco muito sujo; um capote desbotado e prêso com a mão direita sobre o lado

esquerdo cobria-lhe todo o corpo, deixando vêr por debaixo um vestido de chita todo roto, e os pés nús e mettidos n'umas chinellas velhas.

Ao vêr Maria, como disse, estremeci; Fernando recuou espantado, e a fronte cobriu-se-lhe de um suor frio. Ella soltou tambem um grito, e cobriu as faces com as mãos.

— Maria! Maria! — balbuciou Fernando, e cahiu desmaiado nos meus braços.

Ella approximou-se então de nós; as lagrimas corriam-lhe pelas faces abaixo. Eu olhava para ella cheio de compaixão e de espanto.

Seria um castigo, que a Providencia infligia a Fernando, fazendo-lhe apparecer mesmo no momento em que acabava de luctar com as recordaçoens do passado, essa mulher que tão sem dó arremessára á miseria?

Eu olhava, pois, Maria com toda essa curiosidade instinctiva, que a imaginação, quando ferida por um caso extraordinario, faz erguer no homem para observar o objecto que o produz; parecia querer descobrir atravez os torpes andrajos que trajava, se acaso haveria n'ella alguma coisa de sobrenatural. Ella, com os braços cahidos e as lagrimas a deslisarem-lhe pelas faces abaixo, contemplava Fernando sem parecer mesmo attentar em mim.

N'este momento Fernando estremeceu.

— Oh! foge, Maria, foge — exclamei eu — foge; se te torna a vêr, morre de certo.

Olhou então para mim.

— Oh! amei-o muito — disse ella, juntando as mãos — e ainda o amo! E meu filho? onde está meu filho?

— Henrique trata-o como se fôra seu — respondi.

— Henrique, meu bom Henrique! — exclamou en-

então, voltando-se para o lado, onde se avistava a casa do meu amigo — que as bençãos do ceu cáiam sobre ti!

Parou então um pouco.

— Se podésse vêr meu filho! — continuou ella. — Mas não, não o devo vêr. A minha presença faria a desgraça das pessoas que me amaram.

Fernando tornou a estremecer; eu tirei da algibeira uma bolsa, estendi-lh'a, e olhei-a de modo, que bem entendeu os meus receios.

Maria tomou-a maquinalmente, e, approximando-se então de Fernando, esteve um pouco a olhar para elle.

— Eu te perdôo — exclamou ella por fim, e, dando-lhe um beijo sobre uma das mãos, tomou o capote, que lhe havia cahido, e pôz-se a caminhar pela estrada fóra, arrojando de si a bolsa, que eu lhe havia dado.

Chamei então o lavrador, e, ajudado por elle, levei Fernando para dentro de casa. N'este momento Henrique entrou.

— Que é isto? — perguntou elle assustado.

— Não é nada — respondi — foi um desmaio que deu em Fernando.

Os cantos da bôca d'este começavam a encher-se novamente de sangue.

Poucos minutos passados, Fernando deu um estremeção mais violento; erguendo-se então de um salto sobre a cama, estendeu as mãos para a frente, exclamando:

— Oh! tirem-m'a d'ahi, tirem-me d'ahi essa mulher.

E logo, levando a mão ao peito, soltou um grito agudissimo, e arrojou pela bôca fóra uma immensa baforada de sangue.

— Quem é a mulher de que falla? — perguntou Henrique em voz alta, depois de prestarmos ao doente os primeiros soccorros.

— Silencio! — disse-lhe eu em voz baixa — era Maria.

Henrique empallideceu; nas altivas e energicas feiçoens do nobre moço perpassou uma dôr vivissima. N'um momento porém o rosto recuperou-lhe a primeira expressão.

— E onde está ella? — perguntou-me em voz baixa.

— Não sei — repliquei; e contei-lhe tudo o que se tinha passado.

D'ahi a um quarto de hora Fernando pôz-se em estado de tornar para casa. Mal ahi chegou, renovaram-se-lhe os ataques de sangue.

Oito dias depois eu e Henrique acompanhavamos-lhe o cadaver á sepultura dos seus maiores.

Dotado de uma intelligencia superior, de uma coragem a toda a prova, de uma alma cheia de sentimento, e de um caracter generoso e nobre, Fernando passou apesar d'isto sobre a terra como um tufão destruidor, que myrra e arruina tudo que encontra diante de si. Fez mais mal do que bem; fez a infelicidade de pessoas, por quem arriscaria a vida, sem mesmo pensar um minuto; deixou após si uma recordação funesta no animo dos que o não comprehenderam, e morreu finalmente na mais formosa quadra da vida, tudo isto causado pela sua extrema volubilidade — unico defeito da sua organisação.

Emilia adoeceu de maneira, que chegou a recear-se-lhe pela vida. Estevão, a quem n'um momento de delirio amaldiçoára por ser o causador da morte de Fernando, e accusára de o ser tambem da sua, perdeu de tal fórma a cabeça, que quiz attentar contra a vida. Um caseiro, porém, de Luiz de Mendonça, o unico que podia em forças luctar com o gigante, tomou á sua conta o

guardal-o, de fórma que não pôde levar a effeito o que intentava.

Eu, vendo-me entre tantos desastres, em que sem o querer estava tambem envolvido, montei um dia a cavallo, e fugi para o Porto com a firme resolução de não tornar tão cêdo a S. Miguel das Aves.

VIII.

N'um dia de abril seguinte, ia eu pela rua de Santo Antonio abaixo n'esse estado de corpo e de espirito, em que um homem não póde fazer coisa alguma, nem mesmo tem vontade de o fazer.

Encontrei um amigo que vinha para cima.

— Que fazes? — disse-me elle.

— Nada — respondi — não estou hoje capaz de fazer coisa alguma. Vou por essa rua abaixo sem destino algum — quasi maquinalmente, incapaz de sentir, de pensar, de tudo, n'uma palavra. Se me sento, aborreço-me; se ando, aborreço-me tambem; se fallo, zango-me; se estou calado, zango-me tambem. Que diabo! se achasse quem me fizesse hybernar...

O meu amigo deu uma gargalhada.

— E' porque não tens um parente que chegue de fóra, e que se lhe metta em cabeça fazer de ti *cicerone* de estabelecimentos pios. Queres tu vir comigo?

— Como, homem! Pois não vês?...

— Qual vejo, nem meio vejo? Anda d'ahi — vou-te apresentar ao meu parente, respeitavel ancião, e á sua cara metade, que, dizem, foi bem bonita em outros tem-

pos. Depois ajudas-me a atural-os n'uma visita ao hospital de Santo Antonio. Verás; desenfadas-te logo, e além d'isso fazes-me um verdadeiro favor.

— Mas....

— Nada de « mas ». Vamos.

E mettendo o braço no meu, conduziu-me á Aguia d'Oiro, onde o seu parente alojava.

Era um homem alto, e de figura respeitavel. As feiçoens, que exprimiam uma extraordinaria bondade d'alma, retratavam tambem uma certa melancolia, uma dôr já tão resignada, que attrahia a sympathia dos que o olhavam.

A esposa de Antonio de Atahide — que assim se chamava o parente do meu amigo — era digna d'elle. Devia ter sido formosa: a edade, porém, já lhe tirára essa auréola de que a mocidade cerca o rosto de uma mulher nova. Os olhos pretos, vivos ainda, mostravam que devia ter possuido um sentimento ardentissimo. Apesar porém d'esse brilho, que ainda possuiam, não podiam disfarçar a mesma melancolia doce e resignada que se lia nas feiçoens do marido. Quem os olhasse, logo conheceria que n'essas duas almas havia uma dôr bem profunda, bem pungente, que os annos não tinham podido abafar, mas de quem a resignação tinha mitigado os effeitos.

Finda a apresentação e os primeiros cumprimentos, offereci o braço a D. Eugenia de Atahide, e pozemos-nos a caminho da Cordoaria, em direcção ao hospital real.

Mal chegamos, o meu amigo apresentou ao porteiro a licença de que ia munido, e logo fomos admittidos para dentro das portas.

Pouparei ao leitor a descripção interna do hospital. Todas estas casas de beneficencia se parecem: — d'entre

mais ou menos magnificencia, d'entre mais ou menos luxo lá surge em todas ellas o aspecto horripilante da doença e da miseria.

Depois de visitarmos diversas enfermarias, cosinhas, e outros repartimentos, cada um com seu fim designado, entramos n'uma enfermaria designada para as desgraçadas, a quem a devassidão e a vida asquerosa das ruas fizeram victimas de molestias arruinadoras.

Mal entramos, vimos agrupados juntos de uma cama, que no meio da sala estava, uma grande quantidade de homens. Perguntamos o que era. Disseram-nos que eram os estudantes de cirurgia, que estavam examinando uma infeliz, victima de uma molestia phenomenal entre as d'aquella especie. Como vimos alguns outros visitantes observando juntos com elles a doente, approximamo-nos tambem, levados por essa singular curiosidade, que muitas vezes nos arrasta para um objecto, que nos repugna.

Olhei. Que imagine o leitor o meu espanto, a minha dôr, quando reconheci Maria!

Estava desmaiada e toda estendida pelas costas do leito acimà, encostada a travesseiros, que lhe haviam posto por detraz das costas. A violenta contracção das faces annunciava um espasmo nervoso. Admirado de um tal phenomeno n'uma molestia como aquella, perguntei, e, mais levado de compaixão do que mesmo de curiosidade, pedi a explicação d'elle a um estudante, que conhecia, e junto de quem estava, mesmo pegado ao leito da doente. Elle deu-m'a, mas em tão inintelligivel algaravia, em linguagem, a meu vêr, tão cabalistica e medonha, que resignei-me com a minha ignorancia, receando que, se insistisse em perguntar, desafiasse uma mais estirada e inintelligivel massada ao condescendente filho de Hippocrates. O que é certo é que não entendi

coisa alguma, e por isso, leitor, nada tambem te posso explicar.

Maria permaneceu assim por alguns minutos mais; depois deu um estremeção violento, e abriu os olhos. Rodeando-os então em volta da multidão, que a cercava, fitou-os finalmente em mim.

Examinou-me por alguns momentos; depois, reconhecendo-me, tomou-me com força a mão que eu tinha apoiada no leito, soltou um grito agudissimo, e exclamou delirante:

— O meu filho? o meu filho?

Os espectadores, que assistiam a esta scena de angustia, e que não sabiam as minhas relaçoens com Maria, viram sómente n'aquelle grito um resultado do violento ataque que estava soffrendo. Eu só é que sube avaliar o quanto dizia, quanta dôr esse grito encerrava.

Commovido violentamente e cheio de dôr, olhava a desgraçada Maria, sem acertar com a resposta que lhe havia de dar.

— O meu filho — oh! dêem-me o meu filho — bradou de novo a infeliz em voz tão supplicante e tão dolorosa, que d'esta vez a maior commoção se pintou em todos os semblantes.

Uma resposta, em voz que me fez estremecer, sahiu do meio dos espectadores.

— Eil-o aqui.

E ao mesmo tempo Henrique de Mello, abrindo caminho por entre os estudantes e mais espectadores, pôz nos braços de Maria o filho por quem clamava.

O rosto de Henrique estava pallido como o de um morto. A seu lado Manoel, o velho amigo de seu pai, olhava tambem esta scena cheio de afflicção e de dôr. Colloquei-me logo ao lado de Henrique.

Maria apertou contra o seio, e cobriu de beijos freneticos e delirantes o piqueno Alfredo, que, desfeito em lagrimas, abraçava e beijava tambem a mãe. Por todos os rostos corriam as lagrimas. D. Eugenia, levada pela natural compaixão e maior sentimento que em geral possue a alma da mulher, havia-se chegado mais para a infeliz mãe, e, com o rosto cheio de lagrimas, sustentava-lhe com um braço o corpo, que tinha um pouco levantado de sobre os travesseiros na força do delirio do seu amor de mãe.

O rosto de Maria ia tornando-se de uma pallidez mortal. Desviando então um pouco de si o filho, estendeu para Henrique o braço descarnado.

— Que Deus te recompense — disse ella em voz, que exprimia mais que palavras todo o reconhecimento d'aquella alma delicada.

Henrique tomou-lhe a mão — por um momento teve baixado sobre ella o rosto; quando o levantou, tinha-o impassivel, mas de uma pallidez tal, que se podia pensar que ia morrer.

N'este momento do peito de Maria rolou por sobre o leito uma piquena reliquia, que, no esforço que fizera, tinha-se desprendido da fita a que estava atada.

D. Eugenia tomou-a — depois examinou-a por um pouco, e, soltando um ligeiro grito, bradou a Maria em voz supplicante:

— Esta medalha?... — disse ella.

— Essa medalha — respondeu Maria — é a unica coisa que de minha mãe conheci. Que me enterrem com ella, Henrique — accrescentou, voltando-se para o meu amigo.

Henrique estendeu a mão para a tomar das de D. Eugenia. Esta, ligeira como o pensamento, rompeu a capa

de tafetá em que a reliquia estava envolvida, e, mal olhou a medalha que dentro estava, arrojou-a de si, e soltando um grito agudissimo, lançou-se nos braços de Maria, exclamando:

— Minha filha! minha filha!

No rosto de Antonio de Atahide desenhou-se o maior espanto e a maior dôr. Tomou a medalha que lhe rolára aos pés, e apenas a olhou, os braços descahiram desfallecidos, a medalha cahiu-lhe das mãos, e fitando os olhos em Maria, começaram a correr d'elles lagrimas bem dolorosas e tristes. Eu tomei a medalha, e olhei: — de um lado estava o retrato de um moço, em que se distinguiam as feiçoens de Atahide, do outro o de uma menina, que visivelmente mostrava ser D. Eugenia.

Ao primeiro grito de « filha » que sahiu dos labios de D. Eugenia, o rosto de Maria cobriu-se da mais severa expressão. Estendeu o braço para a mãe, como querendo desviar de si essa mulher, que só agora é que lhe dava tal nome. Mas depois puxou-a para si, e apertou-a a chorar contra o peito.

Dos olhos de Antonio de Atahide corriam as lagrimas em fio — mas não se movia d'onde estava: parecia que a mão de Deus passára sobre elle, e o reduzira a estatua.

— Minha filha! minha filha! — dizia D. Eugenia, cobrindo de beijos as faces de Maria — Perdão! perdão, minha filha querida! Ah! foi um crime o abandonar-te. Mas foi para salvar a honra, foi para me subtrahir á ferocidade de um pai rigoroso. Depois que me pude unir a teu pai, meu anjo adorado, fizemos todos os esforços para te encontrar — mas tudo foi baldado! Deus queria castigar o meu crime; venho agora achar-te aqui! Ai! perdão, perdão, minha filha!

E a desgraçada estorcia-se de joelhos junto do leito de Maria na maior tortura e na maior angustia.

Era uma scena verdadeiramente dolorosa. Ao vêr cahir a esposa de joelhos diante da filha, Antonio de Atahide ajoelhou tambem do outro lado da cama, e, com a mão de Maria apertada contra os labios, despeitorava a mais viva afflicção em lagrimas e soluços. Por todos os rostos corriam as lagrimas, em todos se pintava a afflicção; — um homem porém estava ahi, no do qual, em logar de sentimento doloroso, lia-se a expressão de uma satisfação diabolica.

Era Henrique.

O rosto reluzia-lhe com expressão de alegria feroz. Com os braços encruzados, vingativo e terrivel, e os olhos a brilharem de uma ferocidade verdadeiramente selvagem, contemplava os dois desgraçados pais, como revendo-se contente nas suas lagrimas e na sua desgraça. Ao vêl-o assim dil-o-hieis o genio da punição mandado por Deus a castigar os paes desnaturados que haviam abandonado a filha.

Maria puxou para o peito os desgraçados pais, que de novo se lhe arrojaram nos braços.

— Minha mãe! — disse ella com a mais celestial alegria — meu pai!

Depois continuou:

— Eu sempre os amei, porque nunca me pude convencer de que, sem motivo poderoso, tivesse sido abandonada por aquelles que me deram o ser, e a quem nunca fizera mal.

Depois ergueu-se como impellida por uma força sobrenatural; e levantando as mãos para os ceus, exclamou com a mais tocante solemnidade:

— Sempre os amei — mas n'este momento supremo,

em que vou comparecer perante Deus, se o meu perdão lhes é necessario, eu lhes perdôo, meus pais.

Então voltando-se para Henrique ia a continuar; mas apenas pôde pronunciar-lhe o nome. Uma violenta commoção nervosa abalou-lhe fortemente todo o corpo; depois cahiu prostrada n'um deliquio mortal. A pallidez da morte espalhou-se-lhe cada vez mais pronunciada; a vida ia pouco e pouco desapparecendo.

— Meu filho... Fernando... — disse ella em voz que assimilhava o murmurio da aragem por entre as folhas do arbusto — tão aerea, quasi tão vaporosamente imperceptivel, que já parecia mais da alma a esvoaçar para Deus, do que do corpo ainda prêso á vida.

E depois morreu como um anjo.

D. Eugenia, delirante e fóra de si, arrojou-se sobre o cadaver da filha, cobrindo-o de beijos. Atahide não se moveu d'onde estava — com a mão da filha apertada contra os labios e os olhos fitos n'ella, immovel, quasi não dando signaes de vida.

Henrique impassivel e só dando a conhecer a dôr, que o pungia, pela pallidez e serenidade lugubre que lhe cobria o rosto; teve por um pouco os olhos fitos no rosto da desgraçada. Depois approximou-se d'ella, deu-lhe um beijo sobre a fronte, e chegou-lhe Alfredo, que a cobriu de beijos e de lagrimas. Depois, tomando-o pela mão, arrastou-o maquinalmente para fóra da sala, apesar dos gritos e esforços que o piqueno fazia.

Aos gritos desesperados de Alfredo, D. Eugenia ergueu o rosto desvairado:

— Ao menos o filho da minha Maria! — exclamou ella, correndo como doida para Henrique, que já ia no meio da enfermaria.

Henrique voltou-se rapidamente. Sujeitando Alfredo

com o braço esquerdo contra o peito, estendeu o direito para a desgraçada mãe, e exclamou com o rosto incendiado de odio vehementissimo e de ferocidade solemnemente medonha:

— Nunca! Mãe desnaturada, algoz de tua filha, a tua punição começa. Abandonastel-a, arrojaste de ti por um mero preconceito aquella a quem a tua torpeza deu vida; calcaste ignobil todos os instinctos do coração, sacrificaste-l'os a um pensar egoista... Revê-te na tua obra. Mulher deshumana, a tua vida será d'ora ávante um viver de tortura; a cada instante o remorso te perguntará por ella. Deus não ouviu o perdão que te deu; nem te restará a ultima consolação de lhe pagares no filho os cuidados que lhe negaste a ella. Maldita de Deus, quando elle te favorecer com a morte, que aos teus ouvidos ressôe esta terrivel verdade — a esta hora o meu neto amaldiçôa-me! — A cada hora, a cada instante ensinarei ao filho de Maria a amaldiçoar quem abandonou sua mãe.

Assim dizendo, Henrique com a cabeça desvairada e com o rosto sublime de uma expressão de ferocidade selvagem, arrojou-se pela porta fóra, estreitando nos braços o filho de Maria.

Ao ouvir as ultimas palavras de Henrique, D. Eugenia, que parára diante d'elle, influenciada pela expressão feroz d'aquelle rosto, cahiu como fulminada. Antonio de Atahide escutava-o tambem espavorido e immovel de terror.

Trataram, pois, de soccorrêl-os. Levaram-nos para uma sala proxima, e um quarto de hora depois conduziram-nos semi-mortos para casa do meu amigo, parente d'elles com quem tinham vindo. A enfermaria foi logo desoccupada pelos curiosos, que esta scena extraordina-

ria tinha attrahido. Eu e o veterano ficamos para fazer a reclamação do cadaver.

Á noite, eu e Manoel acompanhamos o cadaver da desgraçada ao seu ultimo jazigo no Prado do Repouso. Quando o coveiro acabava de lançar na sepultura o derradeiro torrão, voltei-me para o veterano. Uma lagrima corria pelo rosto tostado do velho soldado; tirou então d'algibeira um lenço, e limpou os olhos, dizendo:

— E' um anjo de menos na terra.

Quando voltei á hospedaria, onde Henrique alojava, encontrei-o, dando na maior agitação nervosa ordens aos seus criados, para arranjarem immediatamente as malas.

Voltando-se para mim, disse-me com uma expressão verdadeiramente febricitante:

— Parto immediatamente — E como talvez no meu rosto assomassem alguns signaes de receio por elle, continuou apontando para Alfredo. — Nada receies por mim; tenho para quem viver.

D'ahi a duas horas já estava a caminho, levando comsigo o filho de Maria.

Sterne classificou os viajantes: — muito bem em verdade se podiam tambem classificar os leitores. Mas são tres horas da noite, quero findar com este DEFEITO DE ORGANISAÇÃO, e as palpebras começam a inchar-me, os olhos fecham-se-me, e a penna parece que me foge da mão, tambem desejosa de dormir. Não estou, pois, para o fazer; é portanto a uma só d'essas especies de leitores, a quem dirijo este epilogo.

Leitor amavel, leitor benigno, leitor digno da sorte

dos antigos patriarcas, leitor finalmente, que nas longas noites de inverno, sentado ao canto da lareira, de capote e sapatos de ourello, costumavas lêr á familia um capitulo da *Donzella Theodora* e do *João de Calais*, e te extasiavas diante das façanhas do Galafre da ponte de Mantible, e ias depois sonhar que encontravas finalmente o balsamo de Ferrabraz, é a ti, sim, é a ti, digno representante de melhores tempos, digo, dos tempos da *Joven Lilia*, do minuete e das cabelleiras, que dirijo estas ultimas palavras.

O que por ahi chamam *civilisação* arrancou-te das mãos a tua querida e innocente leitura. E em troco que te deu? Os novelleiros romanticos invadiram o campo, e, sem receio do simonte e do *pingo* nauseabundo, afogaram-te até á pontinha do nariz em romances de scenas tenebrosas e horripilantes, de caracteres endemoninhados e barbaros, de mortes, de venenos, de espadas, e a final de contas deixam-te de bôca aberta e cheio de uma pungente curiosidade a respeito da sorte d'aquelles que no romance escaparam por milagre ao furor hydrophobico da penna assassina!

Não quero ser um d'esses moinantes. Depois de te ter talvez feito passar noites aziagas em sonhos tenebrosos, não te quero fazer soffrer nem um momento o aguilhão atormentador da justa curiosidade.

Attende, pois, que te vou pôr em dia com a sorte d'aquelles que não matei.

Estou no meu quarto. Defronte de mim, bifurcado no assento de uma cadeira e com os braços cruzados sobre as costas d'ella, está um amigo meu.

Este amigo é um sceptico.

Sabes o que é um sceptico?

E' o animal mais enfadonho e mais contradictorio,

que tem apparecido no circulo em que se volvem as differentes manias dos seculos. Em todos os tempos tem havido d'estes zangoens impertinentes, mas nunca tão descarados, nem em tamanho gráu como hoje. Desde o rei até ao sapateiro tudo hoje é sceptico.

Um sceptico é, pois, um massador inaturavel, que ralha de tudo, grita contra tudo, desconfia de tudo, descrê — diz elle — de achar a felicidade no meio da corrupção da sociedade; diz que todos os homens são essencialmente máus, fazendo porém uma excepção a seu favor, e a favor d'aquelles que lhe cahem no agrado, e vivendo muitas vezes uma vida regalada e de verdadeiro sybarita.

O meu amigo é um d'estes. Escuta-nos.

Elle — Mas, diz-me, o teu romance é verdade ou é ficção?

Eu — Uma e outra coisa, meu caro. Os factos uns verdadeiros e alargados pela imaginação; outros purissimos filhos d'ella: os personagens retratos ao vivo de pessoas, que comem, bebem, e andam como nós-outros.

Elle — Entendo. A vida deturpada ou aformoseada a teu sabor. E' o mesmo; interesso-me pelos teus heroes: — que foi feito de D. Eugenia e do marido?

Eu — Que sei eu d'isso? Suppoem que morreram de dôr, ou que lá na sua casa da provincia estão obesos e no gôso de perfeita saude.

Elle — Opto pela segunda supposição. O mundo é sempre assim; o sentimento é uma impressão momentanea. O mal é de quem morre. E Gabriella?

Eu — Não sei.

Elle — Tanto melhor; dou-lhe o destino que merece. A sociedade curva-se diante d'ella; é uma mulher superior, muito mais que o parvo do Fernando lhe aca-

bou com a unica influencia a que estava sujeita. E Henrique?

Eu — Vive em sua casa, cuidando na educação de Alfredo, pungido sempre pela recordação de Maria.

Elle — E Emilia?

Eu (titubeando) — A fallar-te a verdade... Mas sempre t'o digo: o pai para distrahil-a levou-a outra vez para Lisboa. Nos primeiros tempos da sua estada na capital continuou a chorar Fernando; depois os bailes e as festas fizeram-na mudar de pensar, e tornou-se uma namoradeira... mas perdão, meu caro *janota*, quero dizer uma *coquette*. Agora está em Sanfins.

Elle — Não me admira; assim devia acontecer. Na terra o amor é só uma palavra; é louco quem n'elle acredita. E o que é feito de Alfredo?

Eu — Esse, meu amigo, é um desmentido solemne á tua louca mania. Casou com Adelaide sua prima e sua amante desde a infancia; é verdadeiramente feliz. Amando-a extremosamente e vendo esse amor correspondido egualmente por ella, a sorte de Alfredo é verdadeiramente de invejar. A realisação do seu amor tornou-o outro homem; a timidez mudou-se-lhe em prudencia e affabilidade, o que junto a todos os outros dotes de que a natureza o ornou, fal-o um homem completo. A morte de Estevão, seu irmão mais velho, que, andando um dia á caça no Gerez e correndo a impedir a passagem de um porco, escorregou á beira de um precipicio, e rolou, esmigalhando-se nas quebradas d'elle, até ao fundo, fêl-o successor da casa de Luiz de Mendonça, que morreu tambem em Lisboa pouco tempo depois do primogenito. Assim ficou senhor de riquezas colossaes, que administra com mão bemfazeja. As bençãos de todos os pobres das visinhanças tornam ainda mais saborosa a

sua felicidade. Se o visses, perderias a louca mania, que tens, de negares a possibilidade da felicidade e do amor.

Elle — Pobre homem! compadeço-me de ti! Se tivesses dois reis de senso commum terias tirado mais proveito dos annos que tens vivido no mundo. Faço-te uma prophecia, antes annuncio-te com toda a segurança um facto que breve acontecerá. Henrique, apesar do seu violento amor por Maria, ha-de em breve esquecêl-a. Em quanto a Alfredo e a Adelaide, são pela tua descripção dois lamentaveis parvos; hão de portanto viver assim mais tempo, mas por fim sempre hão de cahir.

Ia a replicar-lhe, mas n'este momento o criado entrou, trazendo-me o correio.

— Noticias de Henrique, — exclamei ao reconhecer a letra d'elle no sobrescripto de uma das cartas. E abri.

A carta dizia assim:

« Meu amigo.

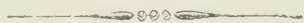
« Conheço a fundo a tua amizade, por isso estou certo « que te alegrarás com a noticia que vou dar-te.

« Dentro em quinze dias caso com Emilia. Para ou- « tra vez conversaremos mais.

« Teu do coração etc. »

Confesso que a novidade nada me *alegrou* n'aquelle momento; fiquei com verdadeira cara de desapontado.

O sceptico que logo conheceu na minha cara alguma coisa a seu favor, furta-me das mãos a carta, e lê. Depois toma o chapéu e o *catchouc*, e sáe, cantarolando com gravidade verdadeiramente comica:

Ai amor! ai amor! ai amor!
Ai amor! ai! do meu coração!

O CHEFE

DOS ABENCERRAGENS.

II.

1851.

INTRODUCÇÃO.

Corria o anno de 1568.

Setenta e sete annos havia que os ultimos restos do vasto imperio dos kalifas de Cordova se tinham despedaçado contra as armas e contra os ardís dos reis unidos do Aragão e da Castella.

As armas dos dois reinos, auxiliadas pela politica astuciosa de Fernando e pela varonil energia de Isabel, haviam em fim conseguido arvorar nas torres do Albaycim e da Alhambra a bandeira do crucificado. Setenta e sete annos tinham pois decorrido, desde que os ultimos restos da raça dos companheiros de Tarik haviam curvado o collo ao jugo irresistivel da raça christã.

Apesar porém de vencidos, ainda assim não abandonaram sem custo a independencia e a liberdadc. Durante todo esse quasi-seculo, a historia não conta um só dia em que não sacudissem com rancor as cadeias; em que as reacçoens do arabe não ensanguentassem as praças de Granada e de Cordova com o sangue dos christãos. Não

haviam de todo perdido a esperança: — afigurava-se-lhes descobrir ao longe, no futuro, uma época em que tornariam a ser nação, em que a bandeira do propheta tornaria a baloiçar vencedora sobre os palacios maravilhosos dos seus illustres kalifas. Aguardavam a occasião sómente.

O reinado dos conquistadores passou com todas as recordaçoens da victoria; Carlos V fascinou depois o espirito cavalheiresco do arabe com a gloria ruidosa, com que illustrou as bandeiras de Espanha. A Carlos succedeu Filippe II. O *demonio do meio-dia* fez sentir a Granada o espirito sanguinario e feroz, que authenticava a sua existencia nos mais remotos logares do seu vastissimo imperio. O granadino viu quasi com indifferença extorquirem-lhe os bens e talaram-lhe as veigas formosas; mas quando a indole feroz do rei inquisidor o quiz obrigar a mudar de costumes, de religião e até de linguagem, Granada ergueu-se como um só homem. Ao brado, que as Alpujarras soltaram, um abencerragem subiu ao throno, e muitos milhares de soldados ergueram-se sobre os pincaros da Serra Nevada, ameaçando a Espanha.

Os generaes de Filippe reputaram ao principio simples motim o que era guerra de independencia e de religião. As batalhas das Albuñuelas, de Guecija, das Guajaras, de Paterna, de Felix, e de Verja — e os cercos de Cantoria, de Vera e das Covas, em que o arabe disputou palmo a palmo a victoria ao christão, em breve os desenganaram. D. João de Austria, o celebre vencedor de

Lepanto, foi então commandar o exercito espanhol; contou-se com a gloria d'aquelle nome para terminar a guerra. A esperança não foi baldada; — a traição de Aben-Abo e a terrivel carnificina de Galera descarregou o ultimo golpe na revolução granadina. Victima do seu amor pela liberdade e do orgulho ambicioso dos seus chefes, Granada cahiu de novo no poder temeroso do sanguinario filho de Carlos V. Não tentarei pintar as crueldades então praticadas no arabe; tudo se imagina, dizendo — quem as ordenou foi Filippe II.

Tal é em resumo a historia da revolução de Granada no anno de 1568. Foi por occasião da tomada de Galera que teve occasião o facto que vou relatar; o qual se acha memorado na *Historia de las guerras civiles de Granada* de Guinés Perez de Hita, contemporaneo d'esta guerra.

O CHEFE DOS ABENCERRAGENS.

(HIST. DE GRANADA, SEC. XVI).

I.

O IRMÃO E O AMANTE.

> A toda a parte posso já ir segura de tudo, senão só do meu cuidado, que não vou a nenhum cabo que elle não vá após mim.
>
> BERN. RIBEIRO.

Galera, a perola das Alpujarras, havia sido assolada. Depois de um cerco de mais de um mez, depois de uma resistencia tenaz e valerosa, o granadino, mais valente que soldado, fôra obrigado a ceder diante das armas do vencedor de Lepanto. A guerra protrahia-se, porém, cada vez com forças novas: era pois mister oppôr á tenacidade do arabe o horror de um exemplo. Galera foi incendiada, os templos e as casas arrazadas, e lançado um bando com penas gravissimas contra todo aquelle que emprehendesse restaurar o mais forte baluarte da revolução granadina contra o poder de Filippe II.

Na noite, que se seguiu ao assolamento, o alto do Viso, um dos braços que a Serra Nevada estende pelas fraldas de Galera e de Huescar, apresentava uma scena de aspecto lugubre, mas formosamente poetico. Vinte ou trinta guerreiros granadinos, immoveis e com os olhos fitos em Galera, contemplavam de braços cruzados e mergulhados em silencio profundo e triste a chamma immensa e pavorosa, que envolvia a filha mais formosa das rebeldes Alpujarras.

A scena era em verdade grandiosa. O sol havia mergulhado ao longe nas aguas do Mediterraneo; apenas uma facha de um afogueado triste e denegrido se elevava, como os ultimos reflexos de um grande incendio que se apaga, por cima das rochas escabrosas que cingem a costa. A lua, como presagiando o espectaculo lastimoso que ia presenciar, subia pallida e melancolica vagarosamente ao espaço, dardejando os raios saudosos por entre algumas nuvens prateadas, que tentavam vendar-lhe a face. Ao longe, sobre a direita, afogueava o horisonte o reflexo gigantesco do incendio de Galera; — nuvens immensas de cinza incendiada subiam ao espaço, e d'ahi levadas pelo vento, voavam por cima das Alpujarras, annunciando a crueldade do espanhol e a generosa resistencia do arabe. Nos sitios por onde passavam, a lua perdia o brilho, tudo ficava côr de sangue, até que voava além essa immensa mole de fogo, e ao longe — muito ao longe — apagava-se pouco e pouco nos ares. Da esquerda, para o lado de Baza, erguia-se por sobre a cerrada mata de carvalhos, que bordava as fraldas da montanha, um clarão mais froixo, mais desigual e não de aspecto tão medonho como o que se levantava das chammas que consumiam Galera. Era o reflexo das fogueiras do acampamento espanhol. Depois de arrazar Galera,

D. João d'Austria avançára para as planicies de Baza. Era uma scena horrorosamente poetica, capaz de impressionar qualquer imaginação, quanto mais a d'aquelles que viam consumir ali patria, familia e liberdade.

D'esta scena de horror erguiam-se pois como espectadores sobre o alto do Viso vinte ou trinta soldados granadinos. Ao vêl-os assim, com os cavallos a destro, de braços cruzados ou recostados aos arcabuzes, immoveis e silenciosos, ora alumiados da pallida luz da lua que, sobre o alto da montanha, os destacava no horisonte; ora do sanguineo clarão do incendio que, batendo-lhes de chapa nos bacinetes e coiraças, reflectia um luzir funebre e temeroso, crer-se-iam os autores d'esse facto sanguinario e de horror, a saborear uma a uma todas as torturas em que se estorcia a malfadada Galera.

Na frente d'elles adiantavam-se, alguns passos, dois moços de mais nobre apparencia. O que maior dianteira tomava, era de estatura esbelta e graciosa, e tinha uma d'essas physionomias que indicam um sentimento delicado e meigo, mas forte e energico quando excitado por sensaçoens encontradas. N'uma tez de brancura excessiva desenhavam-se formosamente rasgados dois olhos castanhos capazes de se toldarem com a mais maviosa voluptuosidade, ou de fulgirem com a mais viva energia. Os cabellos, que lhe fugiam por debaixo do chaile do turbante, e o bigode, que lhe cobria o labio superior de uma bôca piquena e rosada, eram castanhos; as mãos e os pés de uma piquenez de mulher, e o corpo talhado com a mais extraordinaria e graciosa flexibilidade. N'esse corpo porém tão formoso e flexivel, n'esse todo tão franzino e quasi feminil occultava-se uma vontade indomavel e forças descommunaes. Esse homem era o celebre Maleh de Purchena, o mais bravo dos capitaens granadi-

nos, o sitiador de Cantoria e o vencedor das luctas e das forças que o rei Aben-Humea havia mandado fazer em Purchena.

Tinha na cabeça um casco de fino aço com um piqueno espigão; em volta d'elle enrolava-se um formoso chaile de sêda azul, cujas pontas seguras por um broche de um só diamante, pendiam-lhe graciosamente ao lado. Vestia um arnez de puro aço, por sobre o qual trajava um jaleco coberto de ramagens e ricas bordaduras; no cinto, que lhe apertava o corpo, trazia mettido um rico punhal e duas pistolas de formosissimo lavôr; ao lado o alfange. A calça larga e esbelta, que lhe vinha prender no borzeguim vermelho, onde brilhavam duas esporas de oiro, eram de finissimo panno azul celeste. Dos hombros pendia-lhe um amplo albornoz branco.

O outro moço, que junto d'elle estava, elevava-se pouco mais em altura. O rosto e o corpo eram egualmente bellos — a mesma formosura e delicadeza de feiçoens, a mesma graça e flexibilidade de fórmas. A tez era porém mais crestada, os olhos e as sobrancelhas negras, o cabello e o bigode da mesma côr. O rosto exprimia tudo o que o sentimento tem de mais energico e de mais sublime; as sensaçoens para esse homem deviam ser fogo, de outra fórma não as conceberia — volcão continuo e temeroso onde jámais as paixoens se calaram ou deixaram de referver com ardor. Com a cabeça um pouco pendida sobre o peito e os braços encruzados, fitava Galera com um olhar melancolico, mas profundo; com um olhar que promettia não lagrimas, mas vingança. Trajava da mesma sorte que Maleh; porém a côr do vestido era verde.

Este moço era Huzmin-Ibn-Tuzani, chefe da familia dos abencerragens, e descendente de Mahommed, como

indicava a côr do vestido. Em Granada só o proprio rei, como representante mais proximo d'aquella nobre familia, é que se lhe antepunha em fidalguia.

Todos os outros granadinos, soldados de Maleh e de Huzmin, trajavam cada um as côres da sua tribu, e se não com egual riqueza á do chefe, ao menos com vestidos similhantes. As armas, além da espada e do punhal, eram o arcabuz e a lança.

Immoveis e silenciosos contemplavam elles pois o incendio que reflectia da abrazeada Galera: parecia que toda a alma se lhes despeitorava n'esse olhar; que toda a existencia se lhes fundia na contemplação do estrago d'essa terra querida. Quando a amante, que adoramos, nos tomba cadaver ao lado; quando a razão nos desillude das primeiras esperanças da dôr, e vêmos que a morte é n'ella realidade—a unica consolação, que resta ao que sobrevive, é recordar nas feiçoens da que morreu todas essas venturas perdidas, todos esses sonhos que passaram para nunca mais voltarem. A alma, já que não póde gozar-lhe agora as caricias, já que não póde ouvir-lhe as palavras, quer ao menos fartar-se com o que resta d'essa que amou — sacia-se até na contemplação da mortalidade.

Longo durava o silencio, e parecia ninguem atrever-se a rompêl-o, quando Maleh, estremecendo, como homem que volta a si junto do perigo ante o qual adormeceu insciente, passou a mão pela fronte, e fallou-lhes assim:

— Chegamos tarde — disse elle, apontando para a cidade incendiada — chegamos tarde. Galera, a formosa rainha das Alpujarras, já nada mais é que vasto incendio. O espanhol passou por cima d'ella como o soberbo Eblis, arrastando após de si a ira de allah. Vêde lá em

baixo; esse incendio, que afogueia o horisonte, só nos annuncia que aquella terra existiu. A nossa chegada foi tardía; debalde as filhas de Galera espiaram pelo caminho de Purchena a vinda dos guerreiros de Granada; debalde bradaram pelo auxilio das nossas armas — chegamos, mas chegamos tarde.

Maleh interrompeu-se; de novo fitou no vasto clarão do incendio um olhar melancolico e ancioso; parecia querer procurar atravez d'elle o desmentido de um presentimento horroroso. Voltando-se então para os soldados que o acompanhavam, continuou como sequencia do que acabava de dizer:

— E que será feito d'ellas? Acaso as virgens do propheta poderam com a candidez da innocencia abrandar a indole feroz dos soldados de Filippe? O tufão, que desce do alto da montanha, e esvoaça furioso por sobre o prado, onde florescia a rosa, arranca e myrrha a flôr, que não lhe resiste ao sôpro, com a mesma violencia e furor com que no alto da serra encontrou o carvalho secular, que se lhe oppôz á passagem. Pobres donzellas! — houris formosas, descidas do ceu a abrilhantar este paraizo de Granada, que sorte seria a vossa? O espanhol tem o instincto do tigre; a esta hora... Ó minha irmã! minha pobre irmã! — exclamou entre soluços o moço, escondendo a face entre as mãos.

Por algum tempo a alma nobre e sentimental de Maleh luctou, mas debalde, com a dôr que a havia assoberbado. Os soluços, que se lhe ouviam, sentiam-se-lhe fugir do intimo da alma, e as contorsoens nervosas que lhe sacudiam os membros, demonstravam o quanto essa dôr era cruel. Rapidamente ergueu o rosto nobre e varonil, e com voz firme e segura perguntou aos que o rodeavam:

— Zarhea já chegou?

— Eis-me aqui — respondeu, avançando da frente dos demais soldados, um velho de figura apessoada e guerreira — ha mais de meia hora que cheguei de Galera, e mais de meia hora ha já que aguardo, mas debalde, momento de dizer a Maleh as novas que lhe trago.

— Falla — disse o moço granadino com voz firme e senhoril — Que encontraste em Galera? Acaso o espanhol faz guerra tambem ás donzellas de Granada? Acaso o sangue da inoffensiva mulher se misturou com o dos guerreiros de Galera na ira sanguinaria do filho de Carlos V? Falla; que novas de Zahara?

O velho soldado não respondeu logo; ouvindo as ultimas palavras de Maleh, fitou n'elle um olhar profundo e ancioso, que bem demonstrava querer calcular as forças da alma do moço, antes de lhe dar as novas fataes que trazia.

— Escuta-me — disse elle por fim. — Filho de El-Aas, não é de homem chorar uma affronta, entretanto que lhe reste uma espada ou um punhal com que a póde vingar. Escuta-me, pois; não comporei as novas que trago, porque sei que Maleh é um homem.

— Falla, falla e de presto — soou junto do capitão de Purchena uma voz comprimida e vibrante — Que te importa se é com lagrimas que celebraremos nossas desgraças, ou se é ás espadas, que ás cintas nos pendem, que pediremos d'ellas vingança? Falla, Zarhea; diz-nos o que sabes de Galera, dá-nos novas da irmã de Maleh.

Era Huzmin. Com os braços cruzados e quasi immovel vira elle approximar Zarhea e fallar a Maleh; mas quando as ultimas palavras do veterano lhe fizeram suspeitar que eram funestas as novas que trazia, não pôde senhorear-se de fórma que o seu genio fogoso não rom-

pesse por essas delongas, que o torturavam. O veterano mediu o moço guerreiro com um olhar cheio de affeição e de dôr; e logo continuou assim:

— Penetrei por entre as chammas de Galera. Da mais formosa das nossas cidades nada mais resta que um vasto incendio — cadaver mutilado e asqueroso de belleza que feneceu. Por toda a parte cadaveres aos montes; por toda a parte as donzellas inermes e formosas e as crianças puras e innocentes, a par dos guerreiros que sobre as muralhas ensinaram ao sanguinario espanhol a conhecer o valor granadino. Que fazer ahi pois? quem me daria as novas que procurava? Ali só haviam recordaçoens do passado, que em nada podiam satisfazer os desejos que lá me levavam. Sem saber o que havia de fazer, sahi do meio do incendio; o meu cavallo tomou a direcção de Huescar. Poucos passos teria andado, quando de entre umas ruinas ainda quentes, senti um rastejar surdo e um respirar abafado. Approximei-me — um velho ergueu-se então; os seus vestidos deram-m'o logo a conhecer, era o alfaquih de Galera. Ergueu-se com ar determinado e soberano, porém mal me reconheceu, os olhos brilharam-lhe com viva satisfação.

« — Que allah seja louvado! — disse elle — quando ao ouvido me soaram os passos do teu cavallo, pensei ser um nazareno: quando me descobriste já esperava a morte. Que allah seja louvado! — és um guerreiro de Granada.

« — Santo alfaquih — respondi eu — perdoae-me se involuntariamente vos causei tal receio. Sou um soldado de Maleh, que me aventurei entre as ruinas de Galera, para d'ellas lhe levar novas. Mas de quem as procurar n'esse campo de morte e destruição? Graças, porém, ao propheta; encontrei-vos, e vós não m'as recusareis.

« — De Maleh!? — repetiu elle, medindo-me com olhar carregado — segue-me.

— Descavalguei, e aprestei-me a seguir o velho. Encaminhamo-nos em direcção a Huescar; mas logo, deixando a estrada, embrenhamos-nos n'uma floresta espêssa, da qual em breve sahimos para as quebradas da serra. Tomamos então á direita, e começamos a descer uma ladeira agra e escabrosa, que reconheci ser a descida de Velez: — o velho guiava-me á caverna de El-Derri.

— Dir-vos-hei o que ahi vi; — vi um grupo immenso de donzellas e crianças, que á funebre luz de immensa fogueira choravam seus pais e amantes mortos na destruição da patria. Entre ellas havia um só homem — era o alfaquih de Galera.

« — E é tudo o que resta da incendiada cidade?! — exclamei, ao vêr o quadro melancolico que diante dos olhos se me apresentava.

« — Tudo — replicou elle com aspecto grave e solemne. — Da perola dos Alpujarras nada mais resta que este corpo cançado e velho, e essas lagrimas e suspiros que ouvides. Oh! — continuou com um sorriso ironico e abanando lentamente a cabeça — Maleh é um guerreiro valente; as suas bandeiras tremularam sobre os cabeços da Serra Nevada, e o espanhol abandonou Galera; eil-o que cheio de mêdo abriga-se espavorido nas planicies de Baza!

— Conheci onde batia o remoque. Filho de El-Aas, por ti e por nós todos tomei a defeza do feito. Bem o vi, era um sarcasmo pungente, era uma nodoa de covardia lançada sobre os guerreiros de Purchena: senti na face todo o sangue que reflectia da affronta..

« — Santo alfaquih — repliquei por tanto — engánas-

te; se tarde chegamos em soccorro de Galera não foi porque nos faltassem desejos de com o espanhol provarmos as forças pela salvação d'ella. A culpa não foi nossa; Aben-Abo retinha-nos fronteiros ás tropas do duque de Sesa, e quando marchamos de certo já era tarde; — tinhamos quasi um secreto presentimento d'isso, e assim não nos poupamos a fadigas. Foi no valle do Almanzora que, para assim dizer, tivemos as primeiras novas de tão desastrado caso. As serenas aguas do rio reluziam com uma côr sanguinea, como o reflexo de um grande incendio. — « Galera está em perigo » — bradou-nos Maleh. Sabes a distancia — era hontem á noite, e hoje, ainda o sol não havia mergulhado no mar, e já sobre as alturas do Viso cinco mil soldados de Purchena e dez mil abencerragens contemplavam, rugindo de indignação, o incendio de Galera. Esta é a verdade, velho; assim bem vês, Maleh não é culpado. Mas, diz-me, como é que te salvaste com este rancho formoso, a quem serves de guarda? Como é que se houve o espanhol, depois que a morte dos mais bravos soldados da peninsula lhe abriu as portas da nossa cidade?

— O velho abanou tristemente a cabeça.

« — Como é que procede o lobo — respondeu elle — quando, fugido o pastor, se arremessa seguro sobre o rebanho indefezo? Como é que se ha o tigre quando colhe prostrada por terra a victima, sobre que se arrojou traiçoeiro? Foi horrorosa a matança. O espanhol não respeitou idade nem sexo; tambem ninguem pedia quartel. Pais houveram que por suas mãos apunhalaram as filhas, amantes as amadas, só para que na hora extrema o cuidado pela sorte d'esses entes queridos lhes não fizesse avançar um só ponto de covardia. E se Maleh — accrescentou elle de novo — tivesse chegado dois dias

mais cêdo, Galera não succumbiria! Mas só chegou hoje — veio contemplar o incendio da desgraçada cidade de cima das alturas do Viso!

— A ironica teima do velho impacientou-me.

« — Mas já te expliquei a causa, velho — repliquei eu — quem á vista d'ella ousará accusar Maleh?

« — Accusar Maleh! — respondeu elle, abanando ironicamente a cabeça — Maleh é o servidor de Mahommed — quem ousará accusal-o?

— A minha impaciencia redobrou de ponto, mas desejoso das novas que me mandaste buscar, fingi não ouvir, e continuei:

« — Mas, santo alfaquih, a minha missão ainda não está cumprida. Maleh tinha uma irmã muito querida dentro dos muros de Galera. A vontade do rei estorvou-nos de mais cedo marchar em seu soccorro; e agora onde está ella? Só tu o pódes saber — dá-me pois novas da irmã de Maleh.

« — Da irmã de Maleh! — disse-me o velho como admirado; depois, apontando para o rancho das donzellas que estavam a alguma distancia, disse-me em voz firme e pausada — E' tudo o que resta de Galera; procura-a.

— Conhecendo o caracter pertinaz do velho, não lhe fiz mais pergunta alguma. Dirigi-me ao rancho das donzellas; mas debalde examinei uma a uma essas faces, apesar do medo, formosas; debalde em altas vozes chamei pelo nome de Zahara, ninguem me respondeu; Zahara não estava ali!

— Então de novo me dirigi ao velho; de novo lhe implorei que me dissesse alguma coisa da sorte de tua irmã; a todos os meus rogos não me dava senão esta resposta:

« — Maleh é o servidor de Mahommed; quem ousará accusal-o? Queres saber de sua irmã? — eis-ahi o que resta de Galera, procura-a.

— Nada mais lhe pude arrancar; foi inabalavel a todas as minhas supplicas. Sahi pois diante d'elle, amaldiçoando-o; busquei o meu cavallo, e voltei á rédea solta para trazer-te estas novas — de Galera nada mais resta que um vasto incendio; de tua irmã nada sei!

O velho calou-se. Durante toda a narração do veterano, Maleh havia escutado com a maior anciedade as palavras que lhe sahiam dos labios; mas quando colheu das ultimas a incerteza aterradora que quasi prenunciava a morte de Zahara, o mancebo tornou-se da côr da morte, e, escondendo o rosto entre as mãos, exclamou em voz cortada pela dôr:

— O' minha irmã! minha pobre irmã!

Estas palavras foram pronunciadas com tão doloroso accento; era tal a expressão da tortura da alma em que vinham envoltas, que todo o grupo dos soldados soltou um como gemido sentido e prolongado — ecco silencioso e triste das mágoas do chefe.

Immovel e de braços encruzados ouvira Huzmin a relação de Zarhea; a não ser a pallidez medonha que se lhe misturava com o moreno do rosto e a contracção nervosa dos dedos, todos o diriam indifferente a essas novas de tão medonha desesperança. Mal o veterano terminou de fallar, o moço, como se fôra movido por uma impressão magnetica, voltou-se rapidamente para o lado, d'onde fulguravam os arraiaes espanhoes. Por um pouco os contemplou com um olhar sinistro mas placido; depois os labios encresparam-se-lhe com um ligeiro sorriso, e assim os continuou a olhar. A voz de Maleh chamou-o a si. Ao ouvir a voz do chefe de Purchena, Huzmin estre-

meceu, e, voltando-se rapidamente, mediu-o com um olhar fito e carregado. Avançando então para elle, o moço abencerragem tentou, mas debalde, fallar; apenas alguns rugidos informes lhe sahiram do peito. Estendeu então o braço para o reflexo do arraial espanhol, e balbuciou em fim em voz surda e entrecortada:

— E' lá... é lá...

Maleh comprehendeu-o bem.

— E' lá, sim, é lá — exclamou elle tambem; — dizes bem, Huzmin, é lá que devemos ir perguntar ao espanhol pela vida de Zahara; é lá que devemos ir tomar contas ao filho de Carlos V do sangue de Galera. Zahara, Zahara — continuou elle desvairado por uma subita ideia — onde estás que me não ouves? Filha de El-Aas, onde te escondeste, que não respondes á voz do irmão que d'antes tanto amavas? Galera cahiu, e tu eras então lá, filha de Purchena. O animo sanguinario do covarde espanhol não respeitou a formosura da tua face, nem a candidez do teu coração! Oh! tu morreste, Zahara; um triste presentimento m'o annuncia, morreste e na hora extrema do passamento chamaste, mas em vão, por Maleh; bradaste por teu irmão que te salvasse, mas elle não veio, elle não te ouviu! Maldito sejas tu, Aben-Abo, que me impediste o caminho que lhe trazia a salvação! Maldito sejas tu, rei de Granada, que na hora extrema de Galera attendeste mais a um capricho do teu poder traiçoeiro, que ás vidas de milhares de crentes, sobre quem pendiam as espadas dos nazarenos! E tu morreste, Zahara; e teu irmão não te acudiu! Meu pai, meu pai — exclamou erguendo em delirio os braços para o ceu — olha, vê como cumpri a jura que te fiz! Quando ao cerrares os olhos á vida, me disseste — deixo-te Zahara, protege-a — jurei pela santa casa de Mekka, jurei-te pelo

nosso propheta, que seria para ella um outro pai, mais que um irmão. E vê como cumpri! Ahi jaz assassinada, e eu para salval-a nem mesmo arranquei a espada! Mas bem o sabes — continuou com voz dolorosa — a culpa não foi minha; se não fôra o assassino covarde de Aben-Humea, teria voado a salval-a. Ó minha Zahara! minha pobre Zahara!

O pobre moço escondeu a face entre as mãos; ouviam-se-lhe os soluços convulsivos. Mas logo continuou com voz angustiada:

— E nunca mais tornar a ver-te! nunca mais tornar a ouvir as palavras dôces e maviosas que te sahiam dos labios, como o canto das houris em volta do paraizo! nunca mais te tornar a sentir as caricias! Os nossos jardins de Purchena não mais tornarão a vêr o anjo formoso que os assimilhava ao ceu! Tu sentavas-te ali, Zahara, debaixo das larangeiras, formando um dôce concerto com a tua voz angelica e os sons do teu alaüde: a viração passava, e comsigo levava para além os teu canticos suaves. Ora eram os feitos de Maleh, ora os louvores da sua amante; e de mistura com esses fugiam-te tambem as expressoens do mais puro e do mais casto amor. Como me divinisavas a vida! O covarde e traiçoeiro espanhol calcou-te, flôr mimosa das nossas veigas! — que ficou de ti mais que os restos despedaçados da belleza que possuiste?! Assassinaram-te — e talvez que na hora extrema, anjo de innocencia, talvez que fosses victima da torpeza d'esses soldados brutaes... Ludibriaram-te!... Huzmin — continuou elle na maior exaltação, tomando com uma das mãos o braço do moço abencerragem e com a outra apontando para o incendio de Galera — eis o teu leito nupcial; eis as festas do teu noivado. São festas de rei, neto dos abencerragens; festas só dignas

dos kalifas de Cordova. Quando Abd-el-Rhaman casou com a filha do sultão de Al-Kaira, quarenta cidades rebeldes foram, por ordem do sogro, incendiadas para lhe celebrar o noivado. Um grande incendio é o brandão mais digno de alumiar as nupcias de um grande homem. E que menos têem as tuas? Não vale mais a formosa Galera, que quarenta cidades do Egypto? Não vale mais o puro sangue granadino que todo o sangue mestiço dos covardes fellahs? Eis pois as tuas festas, são festas de rei. Mas onde está a tua noiva, valente abencerragem? onde jaz a linda filha de El-Aas, que o amor confiou aos teus cuidados? — Morta! morta!... Huzmin — continuou elle com progressiva exaltação — fomos ambos covardes, que não ousamos calcar aos pés as ordens de um usurpador sanguinario para virmos salvar a irmã e a esposa; — fomos ambos traidores, que attentamos mais ás palavras de um homem deshonrado, do que aos juramentos que pela nossa honra haviamos feito. Ó minha Zahara! — continuou — e quem me dirá onde jazes agora? quem salvará o cadaver da irmã de Maleh dos caens e das aves carniceiras? Mas quem sabe? — talvez que a esta hora, escondida e cheia de mêdo, me chames em teu auxilio. Mas a irmã de Maleh ter mêdo!... Huzmin, parto para Galera; se morrer, toma os soldados de Purchena, e com elles e os teus abencerragens vinga Maleh e a tua esposa.

Assim dizendo, o moço granadino dirigiu-se para o meio do grupo que o rodeava. Huzmin suspendeu-o pelo braço.

— Não partirás — disse-lhe elle com voz abafada, mas firme — não partirás. O capitão de Purchena não deve abandonar os soldados valentes que tantas vezes tem levado ao combate. E muito menos agora — accrescentou em voz mais baixa.

— E quem irá em busca de minha irmã? — replicou Maleh impacientado.

— Eu — respondeu Huzmin — sou eu que vou procurar tua irmã. Sabes como a amo, Maleh; tanto basta para te satisfazer. Se ámanhã depois dos primeiros arreboes do dia, eu não apparecer aqui, sobre as alturas do Viso, é acolá — continuou, apontando para os arraiaes espanhoes — que deves ir buscar noticias de tua irmã e de Huzmin.

Assim fallando, o chefe dos abencerragens dirigiu-se ao cavallo, que um soldado lhe tinha de rédea: lançou-se na sella de um golpe, e tomando um galope apressado, desceu a encosta em direcção á incendiada Galera.

II.

REVELAÇÃO.

> Nunca seja de vós considerado
> O gosto na figura, em que se acceita,
> Mas n'aquella, que leva já gosado,
> E julgareis quam pouco vos deleita.
>
> QUEVEDO — *Aff. Afr.* VI, 72.

No caminho de Huescar para Galera, ao longo das abas da serra, corre em distancia de mais de um quarto de legua uma extensa floresta de carvalhos e sobreiros, que, pelo magestoso da antiguidade que ostenta, parece ter presenciado as mais antigas revoluçoens que teem abalado a Espanha.

Quem por entre ella se atreve a penetrar em direcção ao norte, sahe a uma vasta e extensa ladeira, que conduz quasi que ás ultimas fraldas da serra. Ahi, por entre enormes penedos, naturalmente lançados, os olhos acostumados do montanhez descortinam uma fenda vasta e profunda, pelo sombrio corredor da qual os olhos, que da parte de fóra se estendem e fitam curiosos, não podem, ainda que queiram, encontrar limite.

E' a caverna de El-Derri. Formada pela natureza de-

baixo das penedías da serra Nevada e bem lá no centro d'ella, tem a sua entrada extensa e medonha, mas espaçosa bastante para não assombrar com a difficuldade do passo. Esta entrada remata n'um amplo e magnifico salão, em cuja abobada de granito, escabrosa e negra, mil stallactites multiformes brilham de espaço a espaço a qualquer raio de luz, quaes estrellas luzentes em ceu denegrido e escuro como crepe funerario.

Fôra a esta caverna que se recolhêra com as donzellas de Galera o velho alfaquih das Alpujarras. Desde que os christãos começaram a levar a melhoria sobre os sarracenos da Espanha, haviam estes tido sempre em grande segredo a existencia d'esta caverna, bem como a de outros muitos subterraneos, que os godos do tempo da conquista haviam cavado, para se pôrem a cuberto da furia supersticiosa do arabe então vencedor. Era pois por esta circumstancia bem seguro o asylo, a que se tinha acolhido o velho alfaquih de Galera.

Dentro do salão, junto á parede fronteira á entrada da caverna ardia agora uma immensa fogueira, cujo resplendor se reflectia luzente nos mil brilhantes da abobada — indo depois alumiar o alvejante e formoso grupo das donzellas que, abraçadas umas nas outras, celebravam com lagrimas e soluços o presentimento de um futuro medonho.

Junto á fogueira, sentado n'uma pedra, que naturalmente crescia da terra, estava um moço ao parecer de vinte e cinco a vinte e seis annos. O traje era do mesmo talhe, que o que no capitulo passado descrevemos vestido pelos dois chefes granadinos, e tambem como o d'elles de uma só côr para indicar a familia a que pertencia. O d'elle era todo côr de purpura — de uma purpura carregada e brilhante — a côr favorita dos Zegris. Ao cinto

tinha um rico punhal de oiro e ao lado um alfanje, cujo punho era bordado de um precioso esmalte.

O rosto era formoso — a côr alvissima um pouco porém tirante a pallida; os olhos negros e vivos formosamente rasgados; longo bigode preto e uma bôca piquena e graciosa. N'esse todo, porém, havia um não sei que de desagradavel; n'essa bôca tão graciosa pairava sempre um sorriso de ironia escarnecedora, n'esses olhos tão vivos e tão formosamente rasgados havia de contínuo um brilho que parecia quasi significar a maldade. Era em verdade singular a combinação d'essa face tão formosa com a repugnancia, ou, para assim dizer, o receio que punha, mal se via pela primeira vez.

Em pé defronte d'elle e com os olhos n'elle fitos estava um velho. As roupas compridas e fluctuantes, os cabellos e barbas longas e alvissimas, e os olhos cheios da sevéra gravidade da idade avançada contrastavam singularmente com o todo do moço zegri, que sentado negligentemente e como abstracto atiçava maquinalmente o lume com um ramo que do chão havia tomado — sempre com o fatal sorriso nos labios e sem mesmo parecer dar attenção á companhia em que estava.

O moço, como continuação de uma sentença interrompida, quebrou finalmente d'esta maneira o silencio:

— Feliz e grande foi a vossa empreza, santo alfaquih — disse elle, sem levantar os olhos da fogueira — Pelo propheta! salvar as donzellas de Galera; arrancar assim a melhor parte da cidade aos braços impuros dos nazarenos, é por certo feito de louvar. Mas que haveis agora de fazer d'ellas? — continuou, levantando rapidamente os olhos para o velho e fitando n'elle um olhar, atravez de toda a estudada gravidade do qual se não podia inteiramente occultar uma certa ironia de escárneo.

O velho alfaquih fitou n'elle um olhar profundo e prescrutador.

—Se dentro em tres dias o propheta nos não trouxer auxilio — respondeu com voz grave e firme — ou se antes o castelhano descubrir o refugio das virgens de Galera, já prestes tenho o remedio. Debaixo de nossos pés — continuou apontando para o pavimento — existem os meios seguros de uma morte prompta e sem dôres. Receando os resultados do cerco e prevendo o quanto esta caverna nos poderia servir, havia eu pedido ao alcaide de Castilleja, que mandasse prover de polvora a mina que nossos avós no tempo da conquista cavaram aqui. Tudo está preparado; e a um só aceno meu, Aben-Gazil — continuou fitando os olhos no moço — a um só aceno meu as abobadas d'esta caverna e nós com ellas iremos esvoaçar no espaço.

Aben-Gazil encolheu ligeiramente os hombros, e olhou com a maior indifferença primeiro o velho e logo o pavimento. Depois continuou com todo o desleixo primeiro a bolir com o ramo nos tiçoens da fogueira.

— Bravo intento! — disse por fim — Mas permitti que vos falle sem rodeios, santo velho. Arremessardes assim aos braços da morte esse rancho gentil de mimosas flôres, que ainda ha pouco desabrocharam na vida — e isto só para as salvardes do amor dos nazarenos.... Oh! pela santa kaaba do propheta! isso é mais proprio do espirito virtuoso e sevéro do alfaquih de Galera, do que de homem experimentado e conhecedor do mundo. Acreditae-me, santo velho; a mulher que nasceu para amar... dizem-no ellas — interrompeu-se elle tornando mais expressivo o seu sorriso fatal — a tudo no mundo prefere o amor; preferem — ellas tão fracas! — exercer sobre nós homens, poderosos pela intelligencia e pela força,

imperio irresistivel por esse sentimento potente que manejam com tanta arte. Tu julgas que preferem a morte aos braços do nazareno — mas que importa arabe ou christão? — Enganas-te; tanto um como o outro podem ser dominados; vê se hão de preferir o teu extravagante alvitre. Não me acreditas? pergunta-o a ellas mesmas; — se te disserem que não, mentem. Espera até que as vejas desaffrontadas da impressão de horror, que sobre ellas operam as chammas de Galera e as abobadas denegridas d'esta caverna; e então verás, apresenta-lhes patria, religião, familia e de tudo zombarão, como zombam do imbecil que não foi superior á magia de uma voz dôce mas traiçoeira, de um olhar voluptuoso mas refalsado; — zombarão, velho, porque a borboleta prefere queimar na chamma as azas a deixar de volitar estonteada em redor d'ella.

A figura severa do ancião tinha-se carregado ainda mais.

— Tenho vivido longe do mundo — respondeu elle — mas não posso acreditar-te. As tuas palavras revelam mais uma intenção má, do que uma verdade. Deus não creou a mulher sobre a terra para fazer descer com ella a desgraça e a maldade — não, que Deus não é traidor nem é mau. Moço, alguma coisa te faz fallar assim; mas se fosse verdade o que dizes — continuou com voz firme — ainda com mais resolução aqui me afundaria com ellas, embora fosse um peccado tão grave que por elle me houvesse de despenhar na terrivel passagem do Al-Sirat [1].

O moço zegri sorriu-se, e com a placidez primeira continuou a mexer na fogueira e a fallar para o velho.

[1] Ponte que conduz ao paraizo; tem de largura a espessura do fio de uma espada e por baixo tem o abysmo ou inferno mahometano.

— Um erro mais, alfaquih — disse elle — vejo que não comprehendes a vida. Deixa-as viver; a mulher é necessaria. A não ser ella, quem, nas horas de enfado, voltearia ante nós o adufe na zambra graciosa de nossos avós? quem povoaria os nossos harens? quem nos variaria a vida? Deixa-as viver. Pela santa casa de Mekka, alfaquih — continuou sorrindo-se com a mais pronunciada ironia — que se Aben-Humea, que tão bem conhecia o mundo, e tanto d'elle sabia tirar partido, ainda vivesse, louvar-te-ia o têl-as salvado, mas não, por minha fé, essa tua resolução caprichosa.

— Aben-Humea!... — exclamou em voz dura o alfaquih. — Escarneces, moço?! — Se esse nome é, como dizem, o de um traidor, não abones com elle o teu vergonhoso pensar, não tentes o propheta com uma lembrança sacrilega: se o não é, se, como instinctivamente creio, pertence a um homem nobre mas atraiçoado, a um homem lealmente poderoso mas covardemente invejado, não abaixes tanto o nome da victima, não cuspas sobre as cinzas do morto com tão desfaçado escárneo.

Com a mesma impassibilidade, com que até aqui o tinha escutado, ouviu tambem agora Aben-Gazil as ultimas palavras do velho; apenas os labios se lhe encresparam com um mais expressivo sorriso de escárneo. A face severa do velho brilhava de indignação.

— Ris-te, moço — continuou elle — a minha crença causa-te riso? Não zombes: criei-me entre os abencerragens; orphão, ahi encontrei pae, mãe e abrigo, e depois no pae de Aben-Humea um amigo e um irmão. E que queres tu? Quando á sahida da mesquita de Galera ouvi dizer — «Aben-Abo é rei de Granada; Aben-Humea foi morto, porque traiçoeira e covardemente quiz fazer assassinar os turcos do soccorro» — disse logo — «Men-

tem; um abencerragem não pratíca um acto infame; aqui houve traição; uma corôa brilha de um brilho muito seductor.» Chefe dos zegris — continuou, approximando-se mais do moço — ainda hoje o creio, ainda hoje bradaria como então — «Aben-Humea é um abencerragem, não póde ser traidor; por traição é que o mataram, por traição é que lhe arrancaram a corôa.

Aben-Gazil olhou fito o velho alfaquih; o rosto brilhava-lhe de uma tal expressão de sincera acquiescencia que o velho ficou espantado.

— Adivinhaste, velho — disse elle então — foi a traição que roubou a corôa a Aben-Humea; foi um enredo traiçoeiro que lhe causou a morte. Mas não acredites que incenso o teu idolo; se Aben-Humea não é réo do crime de que o accusaram, muitos e muitos tinha que lhe mereciam a morte. Aben-Humea — continuou com exaltação — era um covarde, um infame e um dissoluto. Sem valor para atacar os homens de frente, acoitava-se debaixo do manto real para nos deshonrar nossas esposas, nossas irmãs e nossas amantes. Velho, quem pratíca taes actos não merece elogios. Mas acredital-o-has? — continuou, voltando rapidamente á sua primeira expressão de escárneo — acreditarás que, se elle vivesse, o proprio traidor, o proprio que lhe buscou a morte, se approximaria d'elle, e lhe diria — «Aben-Humea, affrontaste-me mortalmente; feriste-me na honra e na propria felicidade; mas queres um amigo fiel? — aqui o tens, sou eu. Em troca da minha amizade não te peço o teu poder, não quero as tuas riquezas; acoberta-me só com a impunidade do manto real, deixa-me ser dissoluto como tu. Velho, adivinhaste; a traição causou a morte a Aben-Humea, mas, acredita-me, o traidor arrepende-se do feito.

— Graças ao propheta! — exclamou então o velho —

*

os meus presentimentos não me enganaram; um abencerragem não podia commetter um feito de tanta infamia. Mas como pódes fallar tão de certo? — continuou fitando o moço — como pódes abonar com tal certeza o arrependimento, ainda que vil, do assassino do rei? Acaso o conheceste? Quem foi que ousou manchar as mãos no sangue do possuidor do throno dos kalifas da Espanha?

— Eu — respondeu serenamente o moço.

Ao ouvir a segura confissão do mancebo, o velho alfaquih recuou como empurrado por uma força irresistivel: o rosto exprimia-lhe o maior horror e espanto.

A face de Aben-Gazil havia-se tambem rapidamente alterado. Uma subita lembrança de tempos passados recordou-lhe toda a amargura da sua vida de então. Quando voltou a face para o velho, os olhos brilhavam-lhe com um fulgor carregado e sinistro, e as feiçoens contrahiam-se-lhe em rugas profundas e pronunciadas. Ergueu-se rapidamente, lançou a mão ao braço do ancião, e, approximando-o mais de si, exclamou:

— Velho, queres que te diga tudo? queres que te diga as virtudes do homem que elogiaste? — escuta-me. Vives longe do mundo, não tens direito a julgar os outros só por meros boatos ou pelos dictames da tua imaginação prevenida. Quando Granada ergueu sobre as Alpujarras o grito da independencia, procurou um rei. Quem seria o escolhido para poisar sobre a cabeça a corôa dos kalifas de Cordova? quem seria digno de occupar o throno, onde se havia sentado o famoso Abd-el-Rhaman? A raça dos ommiades havia-se extinguido em Boabdil; duas tribus restavam ahi só que por seu poder e por suas riquezas aventavam á corôa. Eram os zegris e os abencerragens. Ambas valentes e generosas, ambas

com eguaes serviços á patria, a corôa parecia a cada uma d'ellas só propria do seu chefe: demais eram desde ha muito inimigas — tu, bem o sabes, velho. Aben-Xohar preparou a revolução; Aben-Humea promoveu-a — a corôa passou aos abencerragens: cheios de cólera e de raiva os zegris esperavam só um brado do seu chefe para romperem a guerra. Foi então que Aben-Humea mandou reunir em Cadiar os revoltados para as solemnidades da sua coroação. Os zegris estavam acampados no valle do Almanzora. Na vespera da coroação, Aben-Humea mandou-me chamar; fui, e encontrei-o com seu tio Aben-Xohar. — «Chefe dos zegris — disse-me elle — conheço a rivalidade das nossas familias; a minha eleição não póde agradar á tua. Mas este não é tempo para discordias; Granada quer ser livre, e as nossas ser-lheiam fataes. Eis-ali a corôa — continuou, apontando para as insignias da realeza — antes da minha ambição está a patria; se a minha eleição te não agrada, escolhe outro, que serei o primeiro a obedecer-lhe.

— Reconheço os abencerragens — interrompeu o alfaquih — vê se taes homens podem ser infames.

Aben-Gazil sorriu-se ironicamente, e logo sem responder á interrupção do velho, continuou assim:

— Tanta nobreza impressionou-me — «Abencerragem — respondi eu — taes palavras são verdadeiramente de rei; mas não me vencerás em generosidade. Sobe ao throno, que pelo propheta te juro, que a espada de Aben-Gazil não sahirá da bainha senão pela liberdade da patria e pelo throno de Aben-Humea.

— Velho, cumpri e bem a minha promessa — continuou Aben-Gazil, depois de um curto silencio. — No dia seguinte as campinas de Candiar viram Aben-Humea subir ao throno para ser jurado monarca de Granada.

Colloquei-me sobre o tablado em pé junto d'elle, e, volteando a bandeira do propheta, por tres vezes o saudei por meu rei. Espantados e silenciosos ouviram os zegris a voz do seu chefe; mas quando da minha bôca sahiu para elles um novo brado de saudação ao abencerragem, ergueram tambem a voz, e proclamaram-no soberano. Prestei-lhe meu preito e vassallagem — prestei-lh'o lealmente, velho; em todos os feitos de empreza difficultosa, em todas as batalhas pelejadas pela patria, o sangue dos zegris correu sempre o primeiro e conforme com o juramento que haviam prestado — pela patria e pelo throno de Aben-Humea. Que o diga Guecija, Paterna e Pulpi, e outros tantos logares, onde disputamos ao espanhol a nossa independencia: — que o diga ainda de fresco a batalha de Bentomin, de que ainda trago verdes as feridas. E sabes por que homem combatiamos, alfaquih? — Era por aquelle a quem inteiras as Alpujarras appellidavam dissoluto e traidor: — cada palacio, cada cabana levantava ao ceu um brado pela deshonra de uma esposa, de uma filha e até mesmo de uma mãe. Todos voltavam a face para os zegris, como a unica taboa de salvação; todos se espantavam que uma raça de homens generosos auxiliasse um covarde e um dissoluto. Mas os zegris não se moviam; tinham jurado defender Aben-Humea, e mais podia com elles a honra, do que os brados justificados do povo.

O moço zegri calou-se um pouco como fechado em profunda meditação; logo, fitando os olhos no velho, continuou:

— Alfaquih, que merecia a Aben-Humea o homem que tão lealmente lhe sacrificou a ambição e as rivalidades de familia?

O velho encarou-o fito; — depois em voz firme, e

em que transluzia quasi uma reprehensão, respondeu:

— Aben-Humea fez-te o segundo do seu reino; encheu-te de honras a ti e á tua familia, quasi reinavas tanto como elle: — obrou como abencerragem.

Nos labios de Aben-Gazil perpassou um sorriso de desprêso, mas triste.

— Taes serviços não se pagam, velho; reconhecem-se. Attende mais — continuou elle. — Eu amava uma donzella, formosa como esses typos sublimes que para si cria a mente fogosa de um poeta; era Zaida a mais gentil das donzellas de Andarax. Desde crianças nos amavamos; tinhamos vivido juntos, primeiro como irmãos, depois como extremosos amantes. Quando os zegris me chamaram á sua frente, pouco me importaram os seus brados — que valia a gloria em comparação de Zaida? Ella amava-me com extremo... dizia ella que me amava — interrompeu-se elle com um sorriso amargo — e eu acreditava-a então, porque ainda possuia inteiras, ainda tinha puras todas as illusoens de um coração desprevenido. Amava-me, e o seu amor bastava-me sobre a terra. Que me importava a patria e a gloria? — Resisti pois; mas quando a voz da liberdade soou mais alto, quando o nome dos guerreiros de Granada começou a esvoaçar na fama de seus feitos, Zaida mandou-me partir; — queria tambem que o seu amante tivesse um nome glorioso; queria tambem que o chefe dos zegris podésse ser nomeado com orgulho pela mulher que dizia amal-o. Obedeci: a revolução estendeu-se pelas Alpujarras, e eu, como te disse, fui pelejar pela patria e por Aben-Humea. Um anno decorreu, alfaquih — continuou o moço, depois de uma piquena pausa — um anno que os acasos da guerra me trouxeram sempre alongado da terra, onde vivia Zaida — um anno de tormentos, que

só diminuiam com a certeza de que o meu nome lhe seria levado pela gloria dos meus feitos. Quando voltei, Zaida pertencia a outro! — Mais um sacrificio por Aben-Humea, velho; mais um sacrificio pelo abencerragem. Não te direi o que então soffri, nem o que meditei fazer; Zaida fez-me guardar sem sangue o punhal na bainha. A batalha de Verja livrou-me talvez de um crime; o homem, a quem Zaida pertencia, cahiu junto a mim, morto por um arcabuz espanhol — sem uma lagrima, pensava eu, porque Zaida o não amava! — Como então andava errado! — interrompeu-se o moço com uma gargalhada de escárneo.

— Foi então que tiveram logar as festas de Purchena; Zaida já outra vez livre, já outra vez minha, veio tambem abrilhantal-as. A sua formosura deslumbrou a todos; todos invejaram ao chefe dos zegris o amor de tão formosa dama. Eu nada receava: — e que tinha a temer no meio d'aquelles por cuja liberdade havia combatido? que havia de recear junto do rei de Granada, por cujo throno ainda me sangravam as feridas? As festas correram brilhantes. Um dia Zaida veio cantar diante de Aben-Humea: depois que findou o seu canto, olhei cheio de orgulho o moço rei. O seu rosto exprimia profunda meditação; com os olhos fitos em terra parecia inteiramente abstracto. Rapidamente voltou a si, e tirando-me a um logar, onde só haviam as guardas de sua pessoa, fallou-me assim:

« — Aben-Gazil, nobre e lealmente me tens até aqui servido; mas os teus serviços em nada egualam a grandeza do que me pódes fazer agora. Amo Zaida; sem ella a vida ser-me-ha insupportavel. Cede-m'a; riquezas e poderio estão á tua disposição — pede-me tudo, mas cede-me Zaida.

— Um tal proceder para comigo era infame e covarde: levei instinctivamente a mão ao cabo do punhal.

« — Aben-Humea — respondi-lhe eu — lembra-te que o homem que tão lealmente te cedeu a corôa, jámais venderá a sua affeição por um preço tão vil. Chefe dos abencerragens, outr'ora mostraste-me o bem da patria para suffocar as nossas discordias; fallo-te agora tambem em nome d'ella, não as provoques, não queiras com tão vil ingratidão pagar os serviços do homem generoso que tantas vezes tem exposto a vida por ti.

« — E ousas fallar-me assim! — replicou elle — Não sabes que me baixei a rogar-te o que te posso exigir como rei? — Guardas, aqui; prendei-me este insensato, e que ámanhã a praça da Purchena veja o castigo do vassallo rebelde que ousou desobedecer ao seu rei.

— Arranquei rapidamente a adaga, e de um salto puz-me ao lado d'elle; mas outros se tinham mettido de per meio. Então com a espada empunhada abri caminho por entre os guardas, e, meditando a vingança, corri a salvar-me entre os soldados da minha tribu, que, felizmente para a independencia de Granada, tinham n'esse dia acampado a duas leguas de Purchena. Eis como me pagou Aben-Humea: — que farias em meu lugar, alfaquih?

O velho não deu palavra; com os olhos espantados e a face enrugada pelo mais vivo terror, encarou o olhar fito do moço zegri, sem atinar com a resposta.

— E que fizeste? — disse elle por fim.

— Apunhalei-o — respondeu Aben-Gazil — ; e depois com o rosto animado de uma alegria diabolica, continuou assim:

— A minha primeira tenção foi fazer-lhe descobertamente a guerra, mas assim arruinava Granada. A patria — continuou elle com toda a indifferença do mais

expressivo cynismo — era em verdade bem pouca coisa a par da minha vingança, mas era a patria de Zaida. Dei pois ordens aos zegris de continuarem a pelejar por Granada, e eu lancei-me nas montanhas a imaginar a minha vingança. Assim decorreram dois mezes; de todas que a imaginação me indicava, nenhuma me satisfazia. Eram em verdade bem mesquinhas; todas concluiam na morte do abencerragem, mas de todas sobresahia elle para os homens — como um rei assassinado. Um dia que, assentado n'um dos serros da Serra Nevada, com a imaginação toda entretida nos meus projectos de vingança, contemplava no fim da tarde o sol a esconder-se ao longe entre as ondas, um homem apresentou-se diante de mim. Era Mochacar, o secretario do rei.

« — Aben-Gazil — disse-me elle — tu procuras vingar-te de Aben-Humea, venho offerecer-te os meios.

— Receei alguma traição.

« — E que provas me dás — respondi-lhe eu — de que as tuas palavras são sinceras? de que não é uma traição urdida contra o chefe dos zegris pelo mêdo do rei de Granada?

« — Minha filha foi deshonrada por elle — respondeu o velho com voz trémula e correndo-lhe pela face duas lagrimas.

— Apertei-o então contra o peito, e jurei-lhe que na minha vingança a sua correria de envolta. Então descobriu-me que Aben-Humea pretendia surprender Motril, e que, para que o filho de Carlos V não desconfiasse da empreza, havia mandado sahir para Valdeclin seu primo Aben-Abo com os turcos do soccorro, os quaes áquella hora estavam em Cadiar, alojados por ordem d'elle.

« — O logar é propicio, chefe dos-zegris — continuou o velho — foi em Cadiar que saudaste o rei Aben-Humea,

é lá que lhe urdiremos a morte. Ámanhã de manhã sáe de Purchena um correio para que Aben-Abo se passe a Mecina, onde deve aguardar as ordens do rei. Cumpre que esse correio seja interceptado, que essa ordem nos venha ás mãos. Sabes que era da minha letra que partiam todas as ordens de Aben-Humea; em logar da que interceptarmos, escreverei outra. Os turcos estão em Cadiar; proveremos ambos de modo que a nossa vingança tenha resultado feliz.

— No dia seguinte, um soldado fiel, que me havia acompanhado ás montanhas, foi emboscar-se na estrada de Cadiar: poucas horas depois a carta de Aben-Humea estava em nossas mãos, e sem perigo de sermos descobertos, que o arcabuz do soldado tinha assegurado o segredo do correio.

— A carta de Aben-Humea dava a Aben-Abo as mesmas ordens que Mochacar me havia indicado. Rasgamo-l'a, e em logar d'ella o secretario escreveu outra, em que Aben-Humea mandava a seu primo que ordenasse em segredo a morte ao esquadrão turco, que assim cumpria a seu serviço. N'ella tambem eu ia indicado como mensageiro, e, para me assegurar de toda a desconfiança, ahi tambem se fingia ordenar Aben-Humea que por toda a maneira possivel Aben-Abo me désse a morte.

— Com cem cavalleiros escolhidos parti pois para Cadiar. Mal cheguei, fui d'elles acompanhado entregar a Aben-Abo a carta que levava. O moço abencerragem, suppondo da minha chegada a minha reconciliação com seu primo, festejou alegre a minha vinda, e, tomando a carta, abriu-a para saber logo as ordens do rei. Com os olhos fitos n'elle eu prescrutava todos os seus meneios; não queria perder uma só impressão. A' medida que ia lendo, o rosto de Aben-Abo empallidecia mortalmente;

acabando de lêr deixou cahir os braços como espantado, e fitou-me de modo que bem deixava vêr o horror que tal ordem lhe causava. Julguei propicio o momento.

«— Aben-Abo — disse-lhe então — sei d'onde procede o teu espanto: bem o vês, venho bem acompanhado. Abencerragem, cumpre terminar com a desconfiança em que a crueldade do tyranno nos traz a todos; as ordens, que essa carta te dá, são a melhor prova da certeza que pódes ter n'elle. Acredita-me; o chefe dos zegris não almeja para si o throno; não é o brilho da corôa que lhe fez jurar a morte de Aben-Humea. Se a felicidade da patria, se o bom resultado da nossa empreza de independencia vale para ti alguma coisa, une-te a nós, e os zegris serão os primeiros a saudar em ti o digno possuidor do sceptro dos kalifas.

— Aben-Abo pareceu horrorisar-se da empreza; mas o bem da patria... — continuou Aben-Gazil, sorrindo-se — a independencia de Granada... tudo o demoveu a acceitar a corôa. Kara-Kacha e Huzem, capitaens do esquadrão turco, foram chamados á tenda do generalissimo. Depois de lhes lêrmos a supposta carta de Aben-Humea, abrimos-lhes francamente a empreza que tentavamos. A soberba ottomana offendeu-se mortalmente: os dois turcos uniram-se sem reluctancia a nós. Juramos todos a morte de Aben-Humea — eu só pedi o primeiro golpe.

— Acobertados pelo silencio da noite, chegamos nós a Andarax, onde elle então estava. Debalde nos quizeram resistir os guardas, debalde as portas do palacio estavam resguardadas com vigas e varoens de ferro; passamos por cima de tudo até á camara de Aben-Humea. Bem conheceu elle a nossa intenção — bastou vêr-me; mas o que o espantava eram os turcos e Aben-Abo. Tentou explicar-se, mas o meu punhal fêl-o calar — Alfa-

quih — interrompeu-se com exaltação Aben-Gazil — tu, que tens vivido longe das paixoens, não pódes comprehender o que então senti; mas se a imaginação te póde fazer ideiar a felicidade do éden, mais do que isso gosa o injuriado quando sente debaixo do joelho quem o affrontou, e o punhal penetrar-lhe fibra a fibra no coração. Cahiu pois aos meus pés — vi-o revolver no proprio sangue, vi-o blasphemar de Deus: — entre as maldiçoens que lançava, lembra-me bem, disse-me estas palavras:

« — Zegri, morrerás pela mesma causa por que morro, e antes d'isso nunca possuirás Zaida.

O mancebo calou-se, como embebido em profunda abstracção; logo, como fallando comsigo, exclamou:

— Seria o conhecimento do mundo ou a previsão do futuro que assim fez fallar Aben-Humea? A maldição já se cumpriu em parte! — balbuciou em voz sumida. Voltando-se então para o velho, continuou assim:

— Alfaquih, queres ouvir o resto da minha historia? Queres ouvir porque o assassino de Aben-Humea se arrepende hoje de ter morto o seu inimigo? — Escuta. Apenas elle expirou, pedi a minha noiva: Zaida appareceu tremendo de mêdo. Arrojei-me para ella, queria cingil-a ao coração; mas ao vêl-a, Huzem soltou um grito, e ligeiro como o pensamento interpoz-se entre mim e ella.

— « Pára — me disse — Zaida não te pertence; ella ama-me.

— Eu tinha ainda na mão o punhal ensanguentado pelo sangue de Aben-Humea; ia a mistural-o com o do argelino, quando Aben-Abo se metteu entre nós.

— « Parae — nos bradou elle — não queiraes ensanguentar a primeira hora do meu reinado com o sangue de dois dos mais valentes capitaens de Granada. Conten-

deis por uma mulher; ella que decida entre vós — aquelle que escolher, seja ella sua.

— Conformei-me com o ajuste, e sorri-me de piedade quando ouvi dizer a Huzem que tambem era d'elle contente: apenas me sorri para Zaida quando aos pés lhe arrojei o punhal ensanguentado. Então ella olhou-nos a ambos — primeiro a mim, depois o argelino — depois outra vez a mim e logo a elle; o meu vestido de purpura — continuou com ironia o moço — era em verdade bem pobre a par das ricas joias do turbante e da marlota do turco. Voltando-se então para Aben-Abo, disse em voz, que denotava a maior isempção:

— « Nenhum d'elles amo; nenhum quero.

— O maior pasmo pintou-se na face do turco; empallideceu, e baloiçando sobre si, cahiu, espumando de raiva. Eu nada fiz — a incerteza, com que Zaida me havia olhado já quasi me havia morto o coração. Depois que fallou, apenas me sorri de desprêso de mim. Levantei o punhal que aos pés lhe havia lançado, e socegado o metti na bainha. As palavras de Zaida tinham-me desvendado; vi então o que valia o amor de uma mulher.

— Alfaquih — continuou Aben-Gazil — eis a morte de Aben-Humea, eis a razão porque te disse que, se elle vivesse, o homem que mortalmente havia offendido, da injuria se esqueceria a troco de partilhar com elle a sua vida dissoluta. Aben-Humea conhecia o mundo. O sentimento tal qual o imaginamos, não existe; — essa palavra serve só para exprimir um fogacho da nossa imaginação ou o laço traiçoeiro com que a sociedade arma ás almas desprevenidas. E quando um homem o chega a conhecer; quando todas as crenças, todas as illusoens baqueiam perante a realidade, vale por acaso a pena o vingar injurias taes? Ah! velho, velho — accrescentou o

moço com a mesma expressão de ironia e de escárneo, com que o descrevi ao principio — mal sabes quanto me peza a morte de Aben-Humea!

O moço zegri calou-se. Com os braços encruzados e a cabeça pendida sobre o peito, o velho parecia sepultado em profunda meditação; as ultimas palavras do moço não lhe haviam chegado. Levantou por fim o rosto severo e grave, e exclamou em voz cheia de prophetica auctoridade:

— « Adorae o Senhor que vos deu por cama a terra e o ceu por tecto. Não deis egual ao Altissimo: foi elle quem dispôz os dias e as noites. A sombra da tarde e da manhã o adoram; a sua sciencia comprehende todos os seres. Quem ha ahi que aos olhos se lhe possa furtar ou contrabalançar o seu poder? » — O propheta o disse: Granada está perdida, o crime esvoaçou sobre ella! Jámais das santas mesquitas tornarão a voar ao eterno os hymnos sagrados na voz maviosa das nossas virgens! — Jámais nas torres do Albaycim e da Alhambra tornará a fluctuar a santa bandeira do propheta! Granada perdeu-se; Eblis soprou sobre ella a traição e a discordia. Que o Senhor se amerceie de nós!

Mal tinha o velho pronunciado estas palavras, que, sahido da bôca da caverna, invadiu o amplo salão um grito, que no extenso corredor da entrada se havia soltado. Aben-Gazil ergueu-se rapido como o pensamento; com a mesma rapidez o velho tomou da fogueira uma acha incendiada.

— Estamos descobertos! — disse em voz sumida — é tempo de usar da provisão do alcaide de Castilleja. Adeus, mancebo, vê se ainda te pódes salvar; nós vamos pedir ao eterno pela felicidade de Granada.

Assim dizendo, o velho alfaquih encaminhou-se para

um dos cantos da caverna. Aben-Gazil correu para elle: — susteve-o, fazendo-lhe signal de silencio, e escutou um pouco. Um novo brado, resaltando de ecco em ecco, annunciou a proximidade de quem o soltava. As virgens de Galera apertaram-se umas contra as outras com um gemido triste e doloroso, como o murmurio da onda que n'um mar socegado morre a estender-se preguiçosa pelos extensos areaes da costa.

— Approximam-se — disse assustado o velho — deixa-nos salvar.

— Ainda não — replicou Aben-Gazil — vou procurar o que esse brado indica; e se dentro em meia hora não voltar aqui, poem fogo á mina, que junto com os vossos cadaveres irá tambem o meu esvoaçar no espaço.

Assim dizendo, o moço zegri desembainhou o alfange, e, tomando da fogueira uma acha de pinheiro accêsa, desappareceu pela bôca do extenso corredor da caverna. O som dos passos deixou em breve de soar — apenas o reflexo da luz, que o alumiava, reflectia nas quebradas da abobada: foi pouco a pouco afroixando, até que em fim, luzindo por um momento nas quebradas mais salientes, apagou-se de todo. Poucos momentos passados, ouviu-se soar um novo brado; a este respondeu um outro. A luz tornou então a apparecer, e pouco tempo depois, Aben-Gazil, acompanhado de um homem embuçado n'um amplo albornoz branco, entrou para dentro do salão da caverna.

O moço zegri arremessou para a fogueira o ramo que lhe servira de tocha, e, sentando-se de novo sobre a pedra onde ha pouco estivera, mergulhou-se pouco e pouco em profunda meditação.

III.

O RECEM-CHEGADO.

> Vêr o tempo como foge,
> Corre o dia atraz o dia,
> Queres que homem não se anoje,
> Que me não conheci hoje
> N'uma fonte, em que bebia?
>
> SÁ de MIRANDA.

Embuçado no seu amplo albornoz branco e a face meia escondida n'elle, o recem-chegado avançou sem dar uma palavra para o meio do salão da caverna. Volveu a vista em redor de si, como para certificar-se do logar em que estava: depois, parando-a no rancho das donzellas, pareceu indagar se n'ellas reconhecia alguem. Após alguns momentos de exame, o desconhecido deixou cahir o albornoz.

— Huzmin! meu filho, meu filho! — exclamou o velho alfaquih, arrojando-se aos braços do chefe dos abencerragens.

— Meu pae! meu amigo! — respondeu este em voz abafada.

Conservaram-se algum tempo abraçados; só se ouviam os suspiros convulsos do velho e o ligeiro respirar

do mancebo. O alfaquih levantou em fim o rosto por onde deslisavam em fio as lagrimas, olhou fito o moço, e depois com um dôce sorriso da mais terna affeição disse-lhe assim:

— E torno a vêr-te, filho! torno a apertar-te contra o peito no momento em que julgava que para sempre me ia separar de ti! És o mesmo, sim, és Huzmin, o filho querido do valente alcaide de Cordova. Ai! parece que a tua face me transporta a esses tempos, em que junto com teu pae te ensinava as santas preces ou desenvolvia os instinctos generosos do teu angelico espirito! Como me lembras o meu pobre amigo! — accrescentou com voz triste o velho, fitando com amor o mancebo.

— Sou Huzmin, sim, meu pae — respondeu o moço abencerragem, de novo apertando o alfaquih contra o peito — sou Huzmin, mas bem differente do que era então. Não me notas no rosto a differença? não conheces que a desventura marcou n'elle uma sorte bem diversa da dos tempos que me recordas?

O velho fitou com anciedade o mancebo.

— Vejo-te macilento, Huzmin — replicou elle — nos teus olhos não brilha aquelle fulgor que a todos nos punha alegria: apenas reluzem com uma luz baça e sombria que não indica o filho guerreiro de Tuzani-El-Abbas! Os pezares contrahem-te a fronte!... Que aconteceu pois? — perguntou com anciedade o velho.

— Antes da tomada de Galera — respondeu elle — Huzmin, o chefe dos abencerragens, era o mesmo que d'antes o conheceste; mas Galera cahiu, e com ella, diz-m'o um presentimento invencivel, morreu tambem toda a minha ventura.

— Mas que tem comtigo Galera, filho? — disse com a mesma anciedade o velho.

Depois de curto silencio, Huzmin respondeu-lhe assim:

— Escuta-me, pae — disse elle — eu soffro de uma dôr immensa, de uma dôr que mata — forte, ardente como a chamma de um volcão incendiado. Se ainda não succumbi, é porque, se essa dôr tem remedio, tenho certa a esperança de o obter, porque esse remedio depende de ti.

— Falla, falla, meu filho; — interrompeu o velho, tomando com ancia as mãos do moço — Que ha ahi que eu não faça por Huzmin? que não faça pelo filho de El-Abbas? Diz-m'o, diz-m'o depressa; se de mim depende o findamento das tuas penas, porque não fallas?

— Ouve-me, meu velho amigo, meu pae; — respondeu o moço levando aos labios a mão do ancião. — Nunca viste em Galera uma donzella — formosa, como a flôr que nos jardins de Azzahrat abre entre os rocios da aurora o seio perfumado aos primeiros beijos da viração da manhã; — pura, como esses seres angelicos e divinos que junto do throno de allah foi observar, para nol-os revelar cá na terra, a mente sublime do nosso propheta? — Era Zahara, a filha de El-Aas, a formosa irmã de Maleh de Purchena. Eu amava-a, pae — amava-a mais do que amo a propria existencia, mais do que a patria, mais do que o nome de meus passados, e, perdôa-me, pae, mais do que a ti mesmo. Quando a guerra começou, fui alistar-me como simples soldado debaixo da bandeira do capitão de Purchena. Que me importava a bandeira dos abencerragens? que me importava o pendão da minha familia, se a minha familia era Zahara? — Os acasos da guerra fizeram-me recear por ella: propuz a Maleh que a resguardassemos em Galera; a fortaleza da praça assegurava-a de todo o perigo. Maleh approvava o nosso

amor — tu o conheces, meu pae; Maleh, o filho de El-Aas, o companheiro da minha infancia, aquelle que tantas vezes tiveste sentado a par comigo, e de quem dizias que no futuro viria a ser a honra de Granada.... Não o accuses, meu velho amigo — interrompeu o moço abencerragem, lendo na severa contracção do rosto do velho a accusação de Maleh — não o accuses; Maleh não é culpado. Sei que o criminas de não dar a Galera prompto soccorro; porém Maleh não é culpado, juro-te pela honra dos abencerragens.

O moço interrompeu-se como quem queria coordenar as ideias.

— Quando a morte de Aben-Humea — continuou elle — me fez chefe dos abencerragens, nem por isso desliguei a minha sorte da do capitão de Purchena: a minha tribu reuniu-se á d'elle. Foi por esta occasião que D. João de Austria veio commandar as tropas espanholas. O duque de Sesa marchou com exercito formidavel contra as Alpujarras; Aben-Abo oppôz-lhe á passagem a gente de Maleh e a minha. Fizemos sustar a marcha triumphante do filho de Carlos V; fizemos entrar o espanhol para dentro das suas fronteiras, e a victoria ia talvez ser nossa, quando entre as nossas gentes soou este grito: «Galera está cercada pelo proprio vencedor de Lepanto.» Ah! meu pae, que me importava a patria e a gloria, quando a segurança de Zahara chamava por mim? — Quiz logo partir; Maleh deu até ordem ás nossas tropas para se aprestarem a marchar para Galera; mas Redoan-el-Nasr, tio de Aben-Abo foi quem tudo impediu. — «Deixae estar — disse-nos elle — não partaes sem prevenir Aben-Abo. Vêde que a salvação de Granada depende de vós, e que Galera é sufficientemente forte para não carecer de prompto soccorro.» — Requeremos,

pois, a Aben-Abo que fossemos rendidos; dissemos-lhe mesmo que era em Galera onde o queriamos servir; mas debalde, que a tudo oppunha uma dilação tenaz, entretendo-nos sempre com a esperança de breve podermos partir, e com as novas de que Galera resistia invencivel. Mil vezes perdemos de todo a paciencia; mil vezes demos a ordem de marchar... El-Nasr, pêrro infiel! embaraçava-nos sempre.

Os olhos do moço abencerragem fulgiram rapidamente com um clarão de raiva concentrada.

— O que então soffri, meu pae — continuou elle em fim — não póde caber em palavras. Morreu-me de todo a alegria, morreu-me no coração toda á esperança das sonhadas venturas. Quando me lembravam os perigos que Zahara estava correndo; quando me lembrava que a uma palavra caprichosa — dever — eu sacrificava os mais ardentes desejos do meu coração, bramia de raiva, e amaldiçoava o eterno na desesperação da minha louca agonia. Afiz-me a viver assim, meu pae, e mudei como vês — tu mesmo o reconheceste; eu já não sou o que fui.

Huzmin interrompeu-se um pouco, mas logo continuou:

— Partimos em fim, meu pae. Guiava-nos o amor e a amizade; o nosso caminhar foi portanto quasi egual ao do vento. Um presentimento afflictivo e inquieto annunciava a todos a desventura que nos estava aguardando. Esta tarde do alto dos cabeços do Viso nós o vimos realisado — Galera era um vasto incendio. Ah! meu pae — continuou com a mais viva afflicção o mancebo — o que será feito de Zahara? o que será feito da irmã de Maleh, da amante adorada a cuja vida a minha anda prêsa? Oh! só vós me podeis valer!

No rosto do velho alfaquih reluzia a mais viva afflic-

ção: via ante si acurvar-se á desgraça uma alma tão forte e energica, que no meio dos maiores perigos e acasos de fortuna contraria jámais tinha visto nem sequer oscillar. Quando uma alma generosa e forte chega a baquear ao pêso da desventura, a quéda é mil vezes mais temerosa que a das almas vulgares que nem mesmo ao cahir podem rodear-se do sublime da desgraça.

— Falla, falla, Huzmin — disse pois o velho em voz, em que eccoava toda a afflictiva commoção do espirito — diz o que pretendes de mim?

— Meu pae, — respondeu o moço abencerragem — entre as donzellas de Galera que comtigo salvaste, debalde tentei reconhecer Zahara; ella não está aqui. Mas tu has-de saber da sua sorte — da sorte da amante de Huzmin. Se ha pouco o recusaste dizer a Zarhea — oh! não o recuses a mim, ao filho do teu amigo. — E o pobre moço apertava na mais viva afflicção entre as suas as mãos descarnadas do velho.

O ancião ergueu o rosto que sobre o peito deixára pender; lia-se n'elle a mais firme e solemne resolução.

— Filho de El-Abbas — disse por fim — lembra-te que és abencerragem. E' desprezivel o homem fraco que não sabe resistir á desgraça — e as novas que me pedes, se não te certificam a desventura, tambem te não podem tranquillisar.

Estas palavras operaram sobre o moço uma espantosa e rapida mudança. O rosto, em que até agora se reflectia a mais viva anciedade, cobriu-se da mais soberana impassibilidade — a mais pronunciada e varonil serenidade espalhou-se por todas as feiçoens. Erguendo-se direito e nobre diante do velho alfaquih e cruzando os braços sobre o peito, replicou:

— Falla, pae, a minha alma é como a vaga alterosa

no seio de um mar tormentoso; — offerece brandamente a curva a alga marinha que lhe apparece de frente; mas incha e encrespa mais o dorso, quando face a face se encontra com o cachopo altaneiro que lhe ousa embaraçar o passo. Falla sem receio, Ektem; se diante de um amigo e de um quasi pae me correram as lagrimas pelas faces, diante da desgraça Huzmin-Ibn-Tuzani ergue-se sobranceiro e altivo.

Era magestosa a posição do mancebo: a pallidez que lhe cobria a face serena e firme, a posição das fórmas musculares e esbeltas e os ricos e graciosos trajes da sua nação faziam-no assimilhar a uma d'essas estatuas soberanas, que nas eras passadas ergueram os povos de Espanha aos poetisados kalifas de Cordova.

O velho olhou-o com satisfação; depois um sorriso triste e melancolico perpassou-lhe nos labios.

— Na vespera do assalto que perdeu Galera — disse elle então — corri todas as casas da cidade, exhortando as familias a que puzessem em salvo as donzellas e infantes, que n'ellas haviam. Paes, irmãos e amantes confiaram á minha guarda tudo o que tinham de mais caro sobre a terra. Não me esqueci da irmã de Maleh: fui ao seu palacio, e encontrei-a entre um rancho de formosas donzellas, que todas deixavam vêr nos semblantes as angustias que lhe torturavam as almas — ella só se elevava entre todas serena e nobre como uma rainha entre escravas. Encostada ao peitoril de uma janella, com a face inclinada sobre a mão, tinha n'esse momento os olhos fitos no caminho de Purchena.

— Filha de El-Aas — disse-lhe eu — ámanhã o espanhol assalta Galera: os nossos soldados teem as forças quebradas, é mister que, assim como as mais donzellas

da cidade, sigas para fóra d'ella o caminho que para a salvação te indicar.

— A minha voz chamou-a a si: apontando com o dedo o caminho de Purchena, respondeu-me serenamente:

—« Ámanhã, santo alfaquih, é que dizes que é o assalto de Galera; pois bem, antes do sol se esconder no occaso, espero vêr luzir por esta estrada as armas do filho de El-Aas e as dos abencerragens.

— Huzmin — continuou o alfaquih, interrompendo-se — não entendi então o que ella me queria dizer: hoje comprehendo-o bem — esperava tambem o seu amante.

Depois de uma piquena pausa, o velho continuou:

— Vi que ainda alimentava uma esperança; era mister matar-lh'a de todo para não retardar a nossa salvação.

—« Donzella — disse-lhe pois — essa esperança é louca e vã. E' mais facil o sol tornar a volver ao espaço sem ter entrado no occaso, que poder Maleh soccorrer-nos agora. As tropas de Filippe tomam todos os passos, guardam todas as avenidas; é tarde para chegar até nós.

—« Embora — respondeu ella em voz firme — elles virão.

— Esta pertinacia aterrou-me.

—« Mas que tentas fazer? — bradei eu — o espanhol póde entrar em Galera, e então...

—« Morrerei aqui — replicou ella — a irmã de Maleh não foge.

— Debalde combati tão fatal resolução; debalde lhe expuz todos os perigos a que ficava sujeita; foi inabalavel, e parti sem ella. Hoje de tarde, quando o espanhol abandonou Galera, atrevi-me a penetrar dentro d'esse

immenso incendio a vêr se ainda ahi havia quem carecesse do asylo em que me tinha salvado: — ninguem encontrei. Debalde procurei a irmã de Maleh... que ainda me lembrava — interrompeu-se com voz triste o ancião — do tempo em que elle me chamava pae; debalde a procurei por toda a parte, debalde em altos brados chamei por Zahara — ninguem me respondeu.

O velho interrompeu-se um pouco para serenar a commoção que o agitava; depois, erguendo para o moço o rosto sereno e franco, terminou assim:

— Filho de El-Abbas, eis tudo o que te posso dizer de Zahara: se vive é em logar de mim desconhecido.

Com a face erguida e serena tinha o moço abencerragem escutado o ancião; apenas a pallidez do rosto se lhe pronunciára mais ao ouvir-lhe as ultimas palavras.

— E é tudo o que me pódes dizer, Éktem? — disse elle ao velho.

— Tudo — respondeu este.

Huzmin guardou por um pouco o silencio, como meditando a decisão que tinha a tomar.

— Adeus, meu pae — disse elle em fim — parto para Galera. Os olhos de um amante são mais perspicazes do que mesmo os de um pae. Se Zahara é viva, saberei dar com o logar onde jaz; se morreu, o seu cadaver não ficará exposto ás inclemencias do tempo.

O moço interrompeu-se por um pouco, mas logo continuou em voz ligeiramente commovida.

— Quero vêl-a mais uma vez; depois... que allah se amerceie de mim.

— Filho, filho — exclamou o alfaquih, retendo-o — que pretendes fazer? Aventurares-te em tal occasião no incendio de Galera, exposto ás ruinas que desabam, e á raiva do espanhol, que já a esta hora andará lá procu-

rando riquezas, que imaginou encontrar! Louco, que vaes fazer?

— Um abencerragem não sabe o que é mêdo, pae — respondeu o moço; e desembaraçando-se dos braços do velho, a quem esta resposta deixou perplexo, encaminhou-se para a bôca do corredor da caverna.

Immovel e calado havia Aben-Gazil escutado a conversa dos dois amigos; as vozes de dôr do moço abencerragem tinham-n'o chamado a si. Ao ouvir a viva expressão da afflicção de Huzmin, ao ouvir-lhe os suspiros que lhe sahiam do peito, o chefe dos zegris medira-o todo com um olhar de desprêso, e um sorriso de ironia lhe perpassou pelos labios. Mas quando, á voz do velho Éklem, o viu erguer-se sobranceiro e altivo em frente da desgraça, o desprêso transformou-se em curiosidade, e logo em admiração.

Ao ouvir as ultimas palavras de Huzmin, no rosto do moço zegri perpassou um sorriso de uma alegria feroz; ergueu-se, e, sustendo-o pelo braço, fallou-lhe assim:

— Chefe dos abencerragens — disse-lhe elle — é louca a empreza em que tentas aventurar-te. O velho fallou-te verdade; a estas horas Galera será a sepultura do temerario que se aventurar a entrar dentro d'ella. O teu rosto indica a grandeza da tua alma: se n'ella, como creio, ferve o desejo de vingar a tua amante, não vás ao lugar, onde ella encontrou a morte, buscar o acabamento das tuas nobres resoluçoens.

— Filho de Al-Nayer — respondeu Huzmin, soltando-lhe da mão o braço — és muito moço ainda para me dares conselhos. Lembra-te só que um abencerragem nunca teve mêdo.

O rosto do moço zegri carregou-se rapidamente; as sobrancelhas quasi se tocaram, formando sobre a testa

duas pregas profundas, cuja contracção bem demonstravam a impressão desagradavel que as palavras de Huzmin fizeram n'elle.

— Abencerragem — respondeu então — o chefe dos zegris póde bem dar conselhos em feitos de valor. Antes de teres a intenção de penetrar nas ruinas de Galera, já elle as havia percorrido. Repito-te pois, mancebo, se prezas a vingança, não te arrisques onde pódes com a vida perder a esperança d'ella. Sou moço — continuou, sorrindo-se ironicamente — mas o mundo já me ensinou a sciencia de dar alvitres; acredita-me, não vale a realisação de um pensamento de amante metade do prazer da realisação da vingança — metade do prazer que se sente no horror da lucta, que a alma trava com um instincto de sangue.

O moço abencerragem fitou em Aben-Gazil um olhar profundo, como querendo adivinhar o verdadeiro sentido d'aquellas palavras; depois de curto silencio respondeu-lhe com voz firme:

— Debalde tentas despersuadir-me; a minha tenção está feita.

Aben-Gazil sorriu-se de novo.

— Pois bem — disse elle então — parte, mas não só. Abencerragem, suppuzeste ha pouco, que nas minhas palavras se reflectia o mêdo da minha alma. Desaffronta-me, deixando-me acompanhar-te. Moço, tens em mim um companheiro fiel, e, pódes acreditar — um amigo. A primeira vez que te vi, senti por ti uma affeição de irmão; o teu genio nobre e leal, o teu valor e o teu esforço impressionaram-me — bem o vês, eu ainda sabia sentir. Esse tempo passou; mas a impressão tinha sido forte e os meus receios por ti n'esta empreza ainda me admoestam que o meu coração está ligado ao teu. Aben-

cerragem — continuou elle — deixa-me agora partilhar comtigo este perigo, e depois, se quizeres, partilharei tambem da vingança.

Huzmin estendeu-lhe affectuosamente a mão.

— Aben-Gazil — disse elle — as palavras que proferiste jámais me sahirão do coração; tens em mim um amigo. Mas não partirás; — tu, que dizes conhecer-me tão bem, já deves ter aventado que careço de partir só. A patria, valente chefe dos zegris, pede o teu braço para a salvares, e este pobre velho e essas donzellas pedem-te a protecção, que lhes não posso agora dar. Fica pois; peço-te pela nossa amizade.

Os labios do moço zegri encresparam-se com um ligeiro sorriso; apertou nas suas a mão que Huzmin lhe estendia, e, sentando-se, balbuciou em voz baixa e ironicamente:

— Patria! velho!...

Huzmin abraçou de novo o alfaquih, depois, tomando da fogueira a acha incendiada que ha pouco alumiára o zegri, desappareceu no escuro do extenso corredor da caverna.

IV.

DESESPERANÇA.

> O meu mal — respondeu elle — não soffre tão grande bem, como fôra para mim viver comtigo; quasi sempre o remedio dá maior dôr que o mal de que cura, e assim o não póde dar a meus males, o que eu acceitára com tanto gosto: tu entendes o que este apartamento me custa, mas é forçado.
>
> LOBO — *Past. peregr.*

Huzmin sahiu em fim para fóra da caverna. Tomando pela ladeira de Velez, atravessou pela floresta do mesmo nome, e entrou na estrada que de Huescar leva a Galera. Buscando então o cavallo, que em sitio apartado deixára prêso a uma arvore, cavalgou, e tomou o caminho da incendiada cidade.

A estrada e todos os logares de envolta davam ainda os mais evidentes signaes de cerco tão recente. Os palanques e bastioens dos sitiantes ainda estavam de pé, e em muitos d'elles ainda se via alguma artilheria arrebentada e muniçoens avariadas ou inuteis. Cadaveres de soldados espanhoes jaziam aqui e ali espalhados — uns em que ainda se viam todos os signaes de morte recente, outros em que ella já havia feito estragos horrorosos. A par

d'elles viam-se cadaveres de granadinos; quer dos auxiliares, quer dos proprios revoltados, que, ao ser tomada a cidade, procuraram achar a salvação na fugida. As campinas estavam completamente desoladas; as arvores, umas partidas pela furia das balas, outras cortadas pelas machadas e picaretas dos peoens do exercito. Os arredores de Galera, que tão mimosa e linda faziam a mais poderosa cidade das Alpujarras, eram agora vasto campo de ruinas, onde os olhos não podiam enxergar objecto que lhes désse alegria.

Assoberbado pela mais profunda dôr, caminhava o moço abencerragem por sobre essas campinas alastradas de mortos e por essas veigas taladas. Galera appareceu-lhe finalmente de frente — vasto oceano de chammas, immenso, gigantesco, que mais parecia resultado da ira do Eterno, do que da crueldade dos homens. Apeou-se então, e, deixando o cavallo prêso ao tronco de uma arvore meia queimada, arrojou-se por entre as ruinas em direcção ao palacio que ahi possuia Maleh.

Era em verdade horroroso espectaculo o d'esta cidade incendiada; cada casa era uma vasta fornalha, d'onde subiam em turbilhão ao espaço enormes linguas de fogo envoltas em negro e espessissimo fumo. Era tudo uma só chamma; as pedras pareciam carvoens incendiados; a côr d'ellas era rubra e scintillava de quando em quando, como sobre a bigorna espirra o ferro em braza — e logo um canto, uma umbreira ou uma parede vinham a terra com temeroso arruido. As ruas estavam alastradas de cadaveres de soldados, de sacerdotes, de velhos, de mulheres ou de crianças; o sangue derivava-se por entre os mortos, como ribeiro que nas campinas desliza entre a relva, dobrando-se aqui e ali ás tortuosidades do terreno. Era horrorosa a vista d'este incendiado campo de

mortos, onde a par do bramido do espadanar das chammas se ouvia o tempestuoso fragor de alguma casa que cahia, d'envolta com o grito do moribundo, que por um momento revivia entre cadaveres á vida, ou o d'aquelle que abafado entre as ruinas soltava o ultimo brado no estertor da agonia. De cada casa parecia sahir um brado, de cada montão de cadaveres um gemido, em que esvoaçava para o espaço ou uma saudade da vida ou uma blasfemia contra o Eterno.

O moço abencerragem estacou rapidamente ante este quadro horroroso; ante elle a esperança quasi lhe feneceu de todo.

— E é aqui onde hei-de encontrar Zahara?! — bradou elle na mais viva agonia. — Ó Zahara! Zahara! — exclamou em delirio o pobre moço depois de um curto espaço; e desatinado e como doido arrojou-se por entre as chammas, seguindo o caminho por onde o arrastava o acaso.

A desesperação produz ás vezes o effeito da loucura: quando a alma perde de todo a esperança de realisar-se aquillo de que lhe depende a ventura — quando n'um futuro vasto e immenso de todo se lhe some o ponto que lhe guiava como norte a existencia — ella, desamparada e perdida, cinge-se então delirante á lembrança d'aquillo que lhe é negado. Só ella é que lhe fórma a vida, e n'ella toda se concentra; n'ella vive e d'ella se alimenta, que o mundo todo desappareceu-lhe como se nunca existira.

Prendido com delirio á ideia da amante, o moço abencerragem arrojou-se allucinado por entre as chammas e perigos que de toda a parte o cercavam: sahiu em fim á praça principal de Galera. O ar mais fresco que ahi se respirava, fêl-o volver um pouco mais a si — ro-

deou em derredor os olhos, e por toda a parte viu-se cercado de montoens de cadaveres, que ahi é que a peleja andára mais bem travada e accêsa.

Huzmin procurou então socegar-se — por um incrivel esforço da sua vontade soberana conseguiu em fim dominar a exaltação dolorosa que lhe agitava o espirito. Era ahi onde vivia Zahara, era ahi que o palacio de Maleh existia. Como a mêdo os olhos dirigiram-se-lhe para o logar onde elle se levantava outr'ora.

As chammas esvoaçavam-lhe por todos os lados, e o tecto e o pavimento já estavam em parte abatidos. Junto da espaçosa entrada um vasto montão de cadaveres — espanhoes e granadinos — demonstravam cabalmente que ahi é que a lucta fôra mais disputada e renhida. Os bravos de Purchena só depois de mortos é que haviam franqueado a entrada do palacio do seu chefe querido.

Huzmin arrojou-se então por entre as chammas que pareciam querer defender-lhe, agora a elle, a entrada — ahi tudo estava alastrado de mortos. A vasta escadaria do palacio viera com o fogo a terra. O filho de El-Abbas dirigiu-se então sem hesitar a um vasto portão, que por um longo corredor dava entrada para o claustro que havia no meio do edificio. A' porta, que sobre elle dava, estava um montão de cadaveres de moços granadinos, que mostravam ter defendido a entrada até ao ultimo suspiro: — os vestidos que ainda lhes restavam e a alvura e a delicadeza das mãos, indicavam que pertenciam á primeira nobreza da cidade. Alguns passos mais andados, Huzmin reconheceu a causa d'essa extraordinaria dedicação. Cadaveres de donzellas estavam aqui e alli espalhados sobre as lageas do pateo — entre elles estava tambem o cadaver de Zahara.

O animo sanguinario e avaro do espanhol tinha-a

despojado de todos os vestidos; apenas lhe cobria as carnes uma camisa bordada ao uso mourisco de formosas ramagens de sêda verde. Apesar de morta ainda era bella; a alvura das faces, cobertas agora da pallidez da morte, a bôca breve e formosa ainda que descórada, os olhos rasgados e franjados de longas pestanas escuras, ainda que ennevoados pela morte, formavam com os longos cabellos pretos, que em desordem lhe cahiam pelas faces e pelo collo, um todo de extraordinaria belleza. Os pés e as mãos eram de uma piquenez arrebatadora; e o collo, mal coberto pelas largas rendas da camisa, era tão alvo e tão formoso, que bem podia competir com o da mais formosa estatua de jaspe. Tinha duas feridas sobre o peito, em uma das quaes ainda lhe ficára um punhal.

Ao reconhecer o cadaver da amante o moço abencerragem soltou um grito — agudo e vibrante como o do condemnado ao primeiro golpe da tortura — voz grandiosa e solemne que sáe do peito como o ecco do terrivel pungir do soffrimento da alma. Correu para ella, e com os olhos desvairados fitos no cadaver parecia buscar um desmentido da terrivel verdade, que o instincto da felicidade lhe não deixava acreditar. Debalde; era o cadaver de Zahara. O moço granadino balanceou um pouco sobre si, cobriu o rosto com as mãos, e cahiu de joelhos junto do corpo da amante.

Assim se conservou por um pouco: fitando então novamente o cadaver de Zahara, rompeu o silencio com estas palavras entrecortadas e roucas:

— E és tu, Zahara! E é assim que depois de tão longa ausencia te torno a encontrar, anjo formoso da minha vida! Flôr da existencia, murchaste para nunca mais reverdecer! — esperanças de felicidade, desfolhastes-vos uma a uma como as folhas mimosas da rosa, myrradas

pelo quente sôpro do leste! E vivo ainda!... Mas que é a minha existencia sem ti, Zahara! — de que me serve a gloria e o poder? Abencerragens, procurae outro chefe; Huzmin morreu no momento em que o punhal do espanhol entrou no peito de Zahara. E nunca mais tornar a vêr-te, Zahara! — continuou elle depois de um curto silencio — nunca mais ouvir as tuas palavras de amor, minha amante adorada! Aquellas esperanças de ventura, aquelle futuro risonho que ambos imaginavamos, foram um sonho unicamente! Quando pensava realisal-as, quando imaginava chegado o prazo da minha ventura, é então que do passado venho achar só uma lembrança pungente e de ti um cadaver! Ó Zahara! Zahara! — exclamou elle, cobrindo de novo a face com as mãos e curvando-se entre soluços sobre o cadaver da amante.

Alguns momentos se passaram assim: Huzmin ergueu então a face em delirio, e, com os olhos incendiados por um brilho sobrenatural, continuou d'esta maneira:

— Ergue-te, Zahara, ergue-te, formosa filha de El-Aas. Esse somno profundo e descuidado em tão perigoso logar é temeridade reprehensivel. Vem pois — porque te não ergues? Nas alturas do Viso aguarda-te teu irmão, ancioso de cingir-te nos braços; esperam-te os valentes soldados de teu pae, que almejam saudar-te, virgem formosa de Purchena. Ergue-te pois. Não me reconheces, anjo adorado? E' Huzmin que te falla, é o teu amante. Olha, lá fóra espera-nos o meu ligeiro murzello; n'elle cavalgaremos os dois. Não tenhas mêdo, o meu braço é forte e robusto, não dobrará com tão diminuto pêso — depois ambos fugiremos por entre essas ruinas, e longe, longe da guerra iremos realisar as venturas dos nossos sonhos de outr'ora — d'aquelles sonhos que juntos sonhavamos, lembras-te, Zahara? Vem, vem

pois, minha amante adorada — dizia o pobre moço, puxando pelo braço o corpo inanimado da virgem.

— Então porque não vens, querida? — dizia elle em voz supplicante e queixosa. — Não vês lá ao longe os nossos jardins de Purchena? — os bosques e as florinhas que tantas vezes te deram a sombra e os suaves perfumes? Olha, vê como florescem mais bellas! Parecem adivinhar a nossa ventura. Crescem para ti, minha amante adorada; são para a corôa do teu noivado, noiva do abencerragem. Vem pois, porque te não ergues? Receias o espanhol? Nada temas; o meu cavallo excede em ligeireza o vento, e o braço de Huzmin nunca fraqueou, combatendo pela patria, vê o que será quando combater por Zahara. Vem pois; entre estas ruinas incendiadas o arcabuz espanhol póde fitar-me, e depois Zahara ficará sem auxilio: — o espanhol é covarde e traiçoeiro...

O moço interrompeu-se então com um grito que lhe sahiu do fundo d'alma; ao puxar pelo braço do cadaver, este resvalou de cima d'outro sobre que estava atravessado, e, cahindo sobre as lages do pavimento, resaltou com um som ôco e surdo; Huzmin apertou com desespêro a cabeça entre as mãos.

— Desgraçado que avivo mais as minhas penas! — disse elle com voz rouca e surda — malfadado que revivi com a lembrança do passado toda a intensidade da minha dôr! Está morta! está morta! E de que me serve a mim este ar que Zahara já não gosa? Devo morrer tambem. Espanhol, não te enganaste — matando Zahara, matavas o chefe dos abencerragens. Oh! maldita a minha gloria!

Huzmin parou como accommettido por uma ideia subita.

— Se ao menos podesse vingal-a! — disse elle como fallando comsigo — Mas como conhecer o assassino? quem me póde dizer onde pára? Oh! só tu, só tu, Zahara — continuou cahindo de joelhos junto do cadaver da amante — só tu é que m'o pódes dizer. Falla, falla pelo nosso amor, por todas essas sonhadas venturas dos nossos primeiros annos! Mas está morta! — como dizêl-o? — Santo propheta — continuou, erguendo os braços para o ceu — restituí por um momento a existencia á minha Zahara; depois dae-me um dia só para a vingança, e em logar de um nome escrevei dois no rol dos que findaram. Vingal-a! — continuou elle — mas como vingal-a? Desgraçado Huzmin, fugiu-te a razão; homem fraco e impotente, vê que nem pódes vingar a amante!

— Pódes, e o propheta o quer — soou em tom solemne uma voz detraz d'elle.

Huzmin voltou-se rapidamente; em frente d'elle estava o moço chefe dos zegris, de braços encruzados e fitando-o com um sorriso de ironia triste.

Aben-Gazil avançou então para o cadaver de Zahara, e, apontando para o punhal que tinha cravado no seio, accrescentou:

— Toma-o, e vinga-te; o propheta o quer.

Huzmin saltou com a elasticidade do tigre para junto do cadaver da amante; arrancando-lhe o punhal do peito, voltou-se de novo para Aben-Gazil, com os olhos illuminados d'uma alegria feroz. Este porém tinha já desapparecido.

A imaginação exaltada do abencerragem viu n'este desapparecimento um caso sobrenatural.

— Voz do propheta — exclamou, erguendo para o ceu o punhal — serás obedecida! Santo Allah, graças,

graças, tu me illuminaste! Zahara, armaste-me para a vingança, o punhal não ficará sem sangue.

Assim dizendo, Huzmin com ás faces afogueadas e os olhos delirantes dirigiu-se para um dos lados da parede, e levantando algumas lageas, começou com o alfange a cavar uma cova. Os seus meneios eram desconcertados e rapidos; palavras sem tino e entrecortadas sahiam-lhe dos labios n'um balbuciar convulso. Acabada de abrir a cova, Huzmin tomou o cadaver da amante, cobriu-o de beijos, e depositou-o dentro d'ella. Ainda por alguns momentos não pôde desprender d'ella os olhos.

— Adeus, Zahara — exclamou por fim — em breve nos tornaremos a unir. Mas ambos vingados.

Encheu então a cova, e n'ella ficou por um pouco com os olhos fitos. Depois lançou-se sobre ella com um grito agudissimo e beijando a terra...

. . . .

. . . .

Começava a despontar a aurora — a lua e as estrellas iam perdendo o brilho; só o incendio de Galera parecia redobrar de furia.

Sobre o alto do Viso, Maleh ainda esperava Huzmin; com os braços cruzados e os olhos fitos na estrada de Galera, o moço filho de El-Aas parecia expiar até o mesmo bulir das folhas das arvores. De repente assomou na estrada um cavallo, correndo a toda a brida, montado por um guerreiro granadino. Sem turbante e sem albornoz, os cabellos soltos ao grado do vento, o guerreiro estendia-se todo sobre o pescoço do nobre animal, como incitando-o á carreira. Era Huzmin — n'um momento appareceu sobre o tezo da montanha; o cavallo parecia voar ao perpassar por Maleh. Ao atravessar por diante d'elle, o moço abencerragem ergueu-se todo sobre os

estribos, e, levantando para o ceu um punhal que trazia na mão, bradou em voz que parecia o rugido de um tigre assanhado:

— Maleh, tua irmã é morta; eu a vingarei.

O punhal cahiu por duas vezes sobre a anca do ligeiro andaluz, por duas vezes lhe roçou o pêllo luzidio; o generoso murzello redobrou de ligeireza, e Huzmin, rapido como o pensamento, desappareceu como um fantasma atravez do arvoredo, em direcção ao acampamento espanhol.

V.

ALLAH O QUER.

> Mas o alto Deus, que para longe guarda
> O castigo d'aquelle que o merece,
> Ou para que se emende ás vezes tarda,
> Ou por segredos que homem não conhece;
> ....
> ....
> Agora lhe não deixa ter defeza
> Da maldição....
>
> CAMOENS — *Lus.*, III, 69.

Dois mezes depois dos factos, que acabei de relatar, D. João de Austria cercava Tijola. Quinze dias já tinham decorrido desde que, em repetidos assaltos, os espanhoes tentavam, mas debalde, entrar a praça; — Maleh e os abencerragens haviam-se lançado dentro d'ella, e resistiam tenazmente ás melhores tropas de Filippe. Mas Tijola havia sido atacada de improviso, e a fome já começava a avexar os sitiados. Debalde, para a arredar por um pouco, haviam feito sahir da praça a maioria das mulheres e gente inutil para a defeza; os defensores viam approximar-se cada vez mais o momento, em que á mingoa de muniçoens e mantimentos tinham de abandonal-a; e ou entregar-se á generosidade, pouco abonada, do espanhol, ou por entre elle abrir com a espada o caminho da salvação.

Era uma noite de fevereiro; as nuvens empurradas por um violento vento do sul, atravessavam, voando, o espaço; algumas gottas de chuva, que principiavam a cahir, ameaçavam proxima tempestade. A cerração era tão densa que, mesmo ao perto, não deixava distinguir os objectos; os proprios muros de Tijola pareciam, vistos a distancia, nuvens gigantes, que lá no horisonte, ao longe, surgiam por traz das montanhas, puxadas por um tufão violento.

Tudo era silencio entre os dois campos; apenas do alto dos muros se ouvia de quando em quando o brado da sentinella que respondia á voz do official da ronda; e no arraial a dos esculcas e almocadens que percorriam por elle, rondando ou rendendo as sentinellas perdidas, que o general havia feito approximar mais da praça para assim estorvar a fuga aos inimigos.

Já passava pois das dez horas da noite; ao longo das muralhas de Tijola para a parte do poente, por onde eram mais baixas, caminhava com passo rapido, mas desassombrado, um soldado espanhol. Vestia um pelote de panno grosseiro, apertado na cinta por uma larga petrina abrochada por uma fivela de latão — por cima do pelote trazia um cossolete de prova, onde vinha poisar o gorjal de um bacinete que na cabeça trazia. Calçava umas grevas de malha, e da direita para a esquerda trazia lançado um tiracollo d'onde pendia um traçado — da direita trazia á cinta uma adaga e mais ao lado uma bolsa de pelle de cabra que o indicava ser um dos arcabuzeiros de Lorca.

Caminhou pois até ao sitio onde as muralhas eram mais baixas; depois, parando um pouco, lançou em derredor de si os olhos, e logo como se tivesse reconhecido o logar onde estava, dobrou sem hesitar para a direita, e

encaminhou-se para uma pedra alta e esguia, levantada na aresta do fosso, como um signal convencionado. Mal chegou a ella, ajoelhou; tenteou pela parte de dentro com a mão a beira do fosso, e logo, lançando-se todo dentro d'elle, desappareceu na direcção do marco que fallamos.

Entremos nós com elle.

Por uma corda, que na pedra haviam prendido, desceu o arcabuzeiro espanhol ao fundo do fosso. Mal chegou, tirou da escarcella um apito, e deu tres assobios eguaes. Ao mesmo tempo ouviu-se uma voz, que dizia:

— Accende luz, Huzem; aquelle é o signal.

No mesmo instante ouviu-se o roçar de duas pedras uma na outra; scintillaram, e logo dois soldados granadinos com os alfanges nús e guiados pela luz de uma piquena lanterna que um d'elles trazia na mão, avançaram com passo determinado para o arcabuzeiro de Lorca. Este de braços cruzados e immovel esperou ser reconhecido.

A luz da lanterna em breve os esclareceu a todos; — o arcabuzeiro de Lorca era Huzmin-Ibn-Tuzani, o chefe dos abencerragens; os dois granadinos eram Maleh, o capitão de Purchena, e Huzem, um dos capitaens dos turcos que o rei de Argel havia mandado de soccorro a Granada.

— Huzmin, meu irmão, meu amigo — exclamou o moço chefe de Purchena, lançando-se nos braços do abencerragem; e logo, como querendo conhecer as alteraçoens que a dôr teria feito n'elle, fitou-lhe com a mais viva anciedade o rosto. Nenhumas — o rosto de Huzmin era o mesmo, a mesma soberana placidez, o mesmo olhar fito e profundo; apenas a fronte se lhe contrahira com duas rugas continuas e mais pronunciadas, e a voz se lhe tornára mais sêcca e mais solemne.

— Huzmin, Huzmin, meu irmão, meu amigo — dizia Maleh, apertando-o contra o peito — torno em fim a vêr-te! Depois de dois mezes de separação torno em fim a cingir em meus braços o unico coração, que hoje bate ainda por mim sobre a terra!

E Maleh não se fartava de ter cingido contra si o amigo.

Huzmin correspondeu com amizade aos abraços do capitão de Purchena; depois, desviando-o docemente de si, disse-lhe com voz triste e um pouco rude:

— Não é este tempo para amizades, Maleh; são preciosos todos os momentos, não os desperdicemos em caricias escusadas. Ante a realisação de um pensamento grande e solemne todo o outro sentimento é nada. Esquece agora tudo o que d'antes fomos, e lembra-te tão sómente que se trata de salvar o teu exercito. Para isso e só para isso é que desci á cava do teu castello, alcaide de Tijola — accrescentou com mais severidade e aspereza.

A singularidade do modo, com que o recebia o homem que mais amava sobre a terra, surprendeu momentaneamente Maleh; espantado e como aturdido da rudeza d'aquellas palavras, recuou alguns passos com os olhos fitos em Huzmin. Mas a significação d'ellas em breve lhe acordou o espirito — um sorriso de inexprimivel tristeza encrespou-lhe rapidamente os labios; cruzou os braços, e em voz firme, mas serena, assim respondeu ao amigo:

— Chefe dos abencerragens — disse elle — o alcaide de Tijola não póde nem quer deslembrar-se da nossa passada existencia. Elle não deve só olhar o que somos agora, e esquecer que somos tambem Huzmin e Mâleh, mais que dois irmãos, dois amigos. Abencerragem, repara bem nos vestidos que trajas: attenta bem no que

estás fazendo, soldado espanhol. Para que o alcaide de Tijola desculpe a um abencerragem o ser traidor, é mister que se recorde que esse abencerragem é Huzmin, o amante de Zahara, e que não faz mais que vingar-se.

A's palavras do chefe de Purchena um tremor convulsivo sacudiu rapidamente o corpo do moço granadino. O acto infame que estava praticando, coadunava-se pouco com a sua alma tão nobre e com a honra do brazão dos seus avós. Apertando pois a mão do amigo, respondeu-lhe em voz, em que se sentia toda a impressão que aquellas palavras haviam feito n'elle:

— Dizes bem, Maleh — disse elle — dizes bem, não faço mais que vingar-me. Esta ideia levantou-se-me no pensamento soberana e superior a todos os sentimentos generosos, que no coração me imprimiu a natureza. Que me importa a honra? que me importa a gloria? — vingue-me eu, e perca-se tudo. Dizes bem, irmão; para ti, mas só para ti, devo ser Huzmin; para os outros sou um abencerragem que se vinga.

Maleh apertou contra o coração a mão que Huzmin lhe estendia; depois approximando-se mais d'elle, disse-lhe em voz mais baixa:

— E o assassino de Zahara?

Os olhos do moço abencerragem brilharam rapidamente com um brilho mais feroz e mais vivo.

— Ainda o não pude descobrir — respondeu em voz cava e sumida — apesar de todos os esforços, apesar de mil vezes ter fallado do capitão de Purchena e de sua irmã que estava em Galera, ninguem ainda se me accusou assassino de uma tão rica preza para qualquer soldado de leva.

Huzmin interrompeu-se um pouco, e logo continuou em voz ligeiramente commovida:

— Maleh, não sabes o que tenho soffrido. Ter sonhado um porvir todo venturas, e vêl-as todas sumidas n'uma sepultura que eu proprio cavei — estender a vista por um futuro vasto, immenso, e lá ao longe não vêr por cabo d'elle mais que o nada pungente da desesperança! Maleh — continuou em voz mais baixa e collando-se todo com o amigo — tenho sido muitas vezes covarde; tenho succumbido diante de tanto soffrimento, e muitas vezes me tem lembrado matar-me! Viver assim é o inferno; é soffrer de mais para um homem! Muitas vezes tenho já erguido sobre o peito o punhal; mas quando vou a descarregar o golpe, não sei o que me sustém, e me brada — vingança! E' de certo a voz de Zahara — ah! eu a vingarei — murmurou elle em voz comprimida — ainda não encontrei esse assassino covarde de mulheres; mas hei-de encontral-o, que a minha empreza é justa — Allah a quer.

Huzmin parou; fazendo então um violento esforço sobre si, continuou com voz firme:

— Ainda não vinguei Zahara, Maleh; mas confia no abencerragem, hei-de vingal-a.

Pelas faces do capitão de Purchena rolaram dôcemente duas lagrimas. Huzmin desligou-se-lhe então de entre os braços.

— Disse-te ha pouco, Maleh — continuou elle — que eram preciosos todos os momentos — repito-t'o agora. O quarto da prima está quasi rendido, vae-se approximando o momento de realisar a empreza, que tentamos. Sahirás de Tijola, chefe de Purchena; e sahirás com segurança — sou eu que te abro caminho por entre o campo espanhol: foi para t'o dizer que ergui sobre o fosso o signal convencionado. Bem o vês, a nossa vingança começa; ambos juramos odio e guerra a tudo que tem no-

me castelhano. A patria lucra tambem agora — a patria!... — repetiu elle com um sorriso forçado.

Huzmin interrompeu-se um momento, e logo continuou:

— Sahirás, pois, de Tijola, e sahirás com segurança; depois lança-te nas Alpujarras e faz-lhes a guerra das montanhas. Irmão de Zahara, lembra-te do exemplo que nos deixou Farax em Valor: o preto era cruel, mas sabia vingar-se. Vinga tambem d'essa fórma o sangue de tua irmã; — a mim deixa-me a empreza de vingal-a do seu assassino. Foi pois para te dizer os meios de sahires de Tijola que desci aqui a fallar comtigo.

— Falla, Huzmin — respondeu com placidez o chefe de Purchena.

— O terço de D. Lopo de Figueiroa — continuou o abencerragem — entrou hoje de guarda ao alojamento; eu com mais tres soldados sahimos como sentinellas perdidas em direcção a este baluarte. Offereci-me a velar o quarto de prima para te vir dizer, Maleh, que esta occasião é propicia para abandonares com segurança Tijola. O quarto da modorra vae começar; em logar de chamar os meus camaradas, continuarei a velar. Sahirás então pelo baluarte da Força, e d'ahi caminharás ao longo do campo, favorecido pela tempestade e pela nebrina que torna a cerração tão espessa. Dirige-te com os teus soldados para o lado das Alpujarras; passarás sem ser presentido, mas se o acaso fizer com que alguma sentinella vos descubra, dar-lhe-has o nome de Santa Maria, que é hoje o santo do dia. Se assim não puderes escapar....

— Percebo-te — interrompeu Maleh — é com as espadas que devemos abrir caminho.

— E com sangue espanhol purificar as armas, irmão de Zahara — continuou o moço abencerragem.

E logo voltando-se para o turco accrescentou:

— Huzem, ouviste o que acabei de dizer?

O moço argelino assistira á conversa dos dois amigos com a cabeça pendida sobre o peito e mergulhado em profunda abstracção. Ao ouvir a pergunta de Huzmin, levantou a cabeça.

— Não — respondeu elle — mas Maleh o sabe, e eu farei o que elle mandar. A nossa empreza será boa; mostraremos ao espanhol que a bandeira mussulmana tem, além do esforço dos homens, a omnipotencia de Deus em auxilio.

— Dizes bem, Huzem — replicou Huzmin — mas para que a nossa empreza seja feliz, é mister que tu e o chefe dos zegris ajudeis Maleh a leval-a a cabo. Entretanto que uns devem sustentar o combate, os outros devem guardar as muralhas de Tijola, para em caso de desastre terdes abrigo.

— O chefe dos zegris! — replicou Maleh com um sorriso ironico — Ha mez e meio que desappareceu. Os proprios maioraes da sua tribu não sabem o que é feito d'elle.

— Aben-Gazil desappareceu! — disse Huzmin estupefacto. — Não é de certo a covardia que fez desviar dos perigos o filho valente de Al-Nayer: algures jaz talvez em feito de empreza difficultosa.

— Aben-Gazil jaz com os mortos — replicou Huzem, continuando a phrase do abencerragem — Allah o quiz; não será elle que acaudilhará os zegris n'este feito perigoso.

No rosto dos dois moços appareceram os signaes da maior surpreza.

— Morreu! — exclamaram ambos á uma.

— Morreu — respondeu socegadamente o argelino;

e depois de lhes contar o caso da morte de Aben-Humea e o desenlace dos amores do zegri, continuou:

— Dois mezes haviam já que eu e Aben-Gazil nos não viamos; o cerco de Tijola reuniu-nos de novo. Foi ha mez e meio e na tua pousada, Maleh, que pela primeira vez nos topamos. Ao vêr-me, o chefe dos zegris carregou as sobrancelhas: eu tambem, apesar dos mais violentos esforços, mal pude conter a raiva que me abafava. Ao passar um pelo outro olhamo-nos de modo que bem démos a conhecer o quanto nos odiavamos. Assim o queria o propheta! Tudo o que olhava, me parecia sangue; já me não podia conter mais, quando elle se approximou de mim.

— «Argelino — disse-me com voz sumida pelo odio — tenho a fallar-te onde ninguem nos veja. Atreves-te a seguir-me?

— Apontei-lhe para a porta: eu abafava de raiva. A affronta, que me acabava de fazer, redobrou o meu odio. A lua, quasi cheia, esclarecia-nos; chegando junto do lanço da muralha, que deita para a serra, Aben-Gazil parou:

— «Não ha para que ir mais ávante — disse-me elle então — este logar é propicio ao nosso intento. Já me deves ter adivinhado, Huzem; um de nós não deve tornar a gozar da luz do sol; a vingança que nos resta a tirar é bem mesquinha para dois. Arranca pois do alfange, e que decida a sorte a qual de nós é que pertence a punição de Zaida.

— Brigamos. Aben-Gazil pelejava com o furor de um tigre assanhado. Andavamos no mais travado do combate, e eu descia-lhe então um golpe sobre a cabeça, quando elle sem o aparar, estendeu os braços, largou a espada e a rodella, e fitou em mim os olhos es-

pantados. Infelizmente não pude suster o golpe; a espada bateu-lhe em cheio na cabeça, e elle rolou aos meus pés. Ajoelhei ao lado d'elle, e ancioso por conhecer a causa de tão singular acaso, espreitei se ainda tinha vida. Em breve voltou a si:

— « Huzem — disse-me elle em voz já rouca pela approximação da morte — tu não foste que me venceste — escuta-me. — E depois de me contar o caso da morte de Aben-Humea, e a terrivel maldição que elle lhe havia lançado, continuou:

— « E a maldição cumpriu-se; o tyranno perseguiu-me ainda depois de morto! Ao combater comtigo, Huzem, vi-o erguer-se com um punhal na mão e com um sorriso de escarneo infernal apontar para o teu alfange, e depois para a ferida que eu lhe fizera no peito! Tu não me venceste, argelino; quem me venceu foi o inferno na figura de Aben-Humea. Huzem, se não queres ter sorte egual á minha, mata no coração o amor que ainda te sujeita a Zaida. Acredita as ultimas palavras de um moribundo — o amor é um laço infame e traiçoeiro com que a mulher, vibora rasteira e fraca, sujeita o homem que só com um mero sôpro a podia reduzir ao nada. Tu tambem foste por esta fórma illudido, Huzem; cabe-te a ti a vingança, argelino. Se tens alma que se mova por um sentimento de *homem*, vinga-te d'esta raça fementida e traidora, vinga-te da sociedade que a alimenta e protege... vinga-me — balbuciou elle já no ultimo estertor; e entre maldiçoens a Zaida e ao propheta rendeu o ultimo espirito.

— Fiquei espantado de um tal acontecimento; o maior horror apoderou-se de mim, e fugi espavorido. Foi a primeira vez que sube o que era mêdo; foi a primeira vez que na alma de Huzem entrou um sentimento

covarde: — fugia sem parar. Ao ouvido soava-me de continuo uma voz temerosa que bradava — Allah o quer!

O turco parou, e mergulhou-se subitamente na mais profunda abstracção.

Ao ouvir a traição que tinha urdido a morte a Aben-Humea, os dois moços soltaram um grito de espanto: ouvindo a morte de Aben-Gazil, o rosto de Maleh cobriu-se de pasmo. Nos labios do abencerragem assomou porém um sorriso, e assim fallou ao argelino:

— Não te espantes, Huzem; Aben-Humea era abencerragem, e os abencerragens vingam-se ainda depois de mortos. — Depois, voltando-se para Maleh, continuou: — E' tempo; quando ouvires por tres vezes o som do meu apito, começa a fazer sahir a gente pelo muro do baluarte. Que Huzem acaudilhe os zegris — continuou elle sorrindo-se — adeus.

Assim dizendo o moço abencerragem alou-se pela corda á altura do fosso, e desappareceu aos olhos dos dois chefes granadinos.

. . . .

. . . .

Eram dez horas e meia; o quarto de prima estava quasi a findar. No posto avançado, onde velava Huzmin, todos os soldados dormiam; elle só, a alguma distancia d'elles, passeava socegadamente de um lado para o outro. De repente um dos soldados ergueu-se, e chegou-se a elle.

— Está o tempo bem frio, amigo — disse-lhe o soldado — quiçá já é hora de findardes a vela.

— Dormi descançado, camarada — respondeu Huzmin sem se alterar — ainda não findou o quarto. Ide-vos deitar, que, pois não tenho somno, e para vos fazer mer-

cê, velarei por vós parte da modorra. Andae, ide dormir, e perdei de mim o cuidado; nenhum trabalho me parece por amigos pezado, e este muito menos que todos, pois avezado estou a estes frios, como natural que sou de Guadix. Muitos já em creança passei quando andava por esses andurriaes atraz do gado. Ide, ide pois; acolhei-vos —continuou—que o frio vae duro, e a vós vos fará mal, que a mim á fé que não.

Os soldados eram bisonhos: um tão extraordinario favor encantou-os, mas não os fez desconfiar em homem avezado áquellas terras e bom camarada que era.

— Graças — responderam todos — mas não vos afadigueis por nosso respeito; quando vos aprouver, fazei-nos erguer.

D'ahi a pouco ouvia-se o resonar pausado e tranquillo dos tres soldados. Huzmin chegou-se a elles, e observou-os por um pouco a vêr se estavam bem adormecidos: então puxou do punhal que á cinta trazia. Por um pouco cravou n'elles os olhos bem fitos, e logo, fazendo um signal de desprêso, metteu o punhal na bainha, e apartou-se a distancia. Alongando-se um pouco do campo, tirou da escarcella um apito, e fez sahir d'elle tres assobios agudos e prolongados: — depois voltou para junto dos outros. D'ahi a pouco tempo um sussurro como de muita gente a caminhar cautelosa, começou a ouvir-se do lado das muralhas, e d'ahi a poucos momentos prolongou-se por junto d'ellas, e passou para além. Era Maleh com os defensores de Tijola.

Tinha já findado o quarto de prima, e apenas meia hora se passára do da modorra, quando o soldado que ha pouco fallára com Huzmin tornou a erguer-se.

— E' tempo, camarada? — disse elle — Quereis dormir?

Este contratempo abalou um pouco o joven granadino.

— Por vida minha! — respondeu elle com o maior sangue frio — ainda me não venceu o somno; deve de certo ser do frio que rijo vae em verdade.

— Tambem me acordou agora — respondeu o soldado — vou passear um pouco que tenho os pés como morto.

— Pois andae, amigo; passeae, e aquecer-vos-heis — tornou o moço abencerragem.

O soldado ergueu-se, e, alongando-se um pouco para o largo, sentiu o rumor da gente de Maleh.

— Quem vae lá? — bradou elle de rijo.

— Amigos — foi a resposta.

— Que amigos? — replicou elle.

— Santa Maria — responderam de novo.

O soldado recolheu-se para onde estava Huzmin; o rumor, que sentia, era maior do que cumpria á hora em que estavam.

— Oiço grande tropel de gente — disse ao abencerragem — mas deram o santo.

— E' de certo a ronda que anda visitando as velas — respondeu o abencerragem — acolhei-vos a descançar se quereis, que, se chegarem, eu responderei.

O soldado não deu palavra; o somno podia mais com elle que o extraordinario do caso que observára — foi deitar-se, e os granadinos continuaram a passar em silencio.

O quarto da modorra findou, e novos soldados vieram render a vela. Huzmin foi tambem rendido por um soldado velho. Ao ouvir aquelle extraordinario rumor, o veterano, como experimentado que era, não deu pela explicação de Huzmin.

*

— Nada — resmungou elle — folhas das arvores sacudidas pelo vento! Nada; aquillo é gente. E' o inimigo que foge! — bradou elle para Huzmin.

Uma creança havia chorado nos braços da mãe que comsigo a levava.

O moço abencerragem arrancou rapidamente da adaga.

— Al'arma! al'arma! — gritou o soldado, correndo para o corpo da guarda e sem attender a elle.

N'um instante o exercito espanhol ergueu-se em armas: ao ouvir o grito de al'arma, Maleh e os abencerragens lançaram-se sobre o acampamento espanhol. Travou-se um combate accêso e terrivel; a chuva e a escuridade da cerração tornavam mais horrorosa a peleja. Os proprios amigos se feriam uns aos outros. Depois de um combate de duas horas os granadinos conseguiram, deixando atraz de si uma carreira alastrada de cadaveres, atravessar o acampamento espanhol. Fôra desastrosa a empreza; milhares d'elles haviam comprado á custa da vida a salvação de seus irmãos.

— Até que em fim salvaram-se — dizia o abencerragem, olhando com alegria o logar, onde a retaguarda granadina, já ao longe, sustentava, retirando sempre, o fogo com os arcabuzeiros espanhoes — Allah o quer.

Maleh e Huzem haviam comtudo ficado mortos no campo. Huzmin não o sabia.

VI.

O DESEJO REALISADO.

> *Amanc.* — Ora vamos eu e ti
> Ao longo d'esta ribeira.
> *Den.* — Bofá, vamos.
> *Amanc.* — Folgo bem
> De te vir aqui achar.
>
> Gil Vicente. — *Auto da Feira.*

D. João de Austria mandou proceder ás mais sevéras investigaçoens, para saber como os granadinos haviam podido sahir de Tijola sem serem presentidos — mas nada pôde descobrir. Dois dias depois levantou o campo, e foi alojar-se em Cantoria, que achou despovoada. O desastre passado ensinou os espanhoes a terem maiores precauçoens.

A estrella d'alva começava a raiar. N'um dos postos mais avançados do campo, debaixo de um immenso carvalho, estavam cinco ou seis soldados arcabuzeiros que guardavam o posto. Uma immensa fogueira ardia no meio d'elles — uns deitados no chão sobre os capotes, outros sentados em troncos ou pedras, que o acaso lhes deparara, aguardavam anciosos o final do quarto da modorra. A neve havia n'aquella noite cahido com força,

e as campinas ao longe pareciam todas cobertas de um immenso lençol, por sobre o qual roçando-se a aragem da madrugada vinha açoitar as faces dos vigias com um sopro gelado e penetrante.

— Pelo rosario da Santissima Virgem, amigo Vasco Martins — dizia um dos soldados — que como homem de prol vos houvestes em tão arriscado feito. A' fé de espanhol, a ser eu rei de Espanha mais melhorado andarieis vós de fortuna; que homens taes como vós não são para se trazerem por hi desfavorecidos e despreciados como pêrros de má raça e vadios. Mas que quereis? Lá vão leis onde vivem os reis — e assim vae o mundo!

O soldado, a quem esta lisongeira allocução era dirigida, parecia homem de mais de cincoenta annos. Era um verdadeiro typo nacional: — figura gigantesca e bem apessoada; cabellos e barbas pretas semeadas com algumas cans; bigode bem povoado, horisontal sobre o beiço e retorcido nas pontas pelas faces acima; no labio inferior uma comprida pêra basta e bem farta sobre o beiço, mas esguia e ponte-aguda na extremidade — ridicula fórmula, com que o fanatico Filippe II, para coadunar os rostos expressivos dos seus vassallos com o traje caricato e inquisitorial, com que os tinha vestido, lhes havia affeiçoado as barbas.

Ao ouvir o lisongeiro discurso do seu camarada, Vasco Martins empertigou-se todo.

— Ora deixae-vos de gabos, amigo — disse elle, estendendo negligentemente a perna esquerda e afagando com a mão direita a sua esguia pêra, com ar de modestia acanhada — deixae-vos de gabos; não fiz mais do que o que me cumpria como soldado espanhol; se lá fosseis, vós farieis o mesmo.

— A' fé, que o faria, Vasco; e que o inferno con-

funda quem al fizesse — respondeu o outro, a quem o brilho ardente dos olhos escuros abonava por legitimo descendente da pura raça dos arabes — Mas nem por isso vos desgabarei eu, nem sei ahi quem o possa fazer, só porque se sinta com animo de vos imitar. Mas deixemos-nos d'isto: contae-nos, se vos praz, a historia, que por bôca alheia me tem ella chegado bem descaminhada; e agora que somos de remanso, vós m'a podereis dizer, e assim passaremos, sem o sentir, esse tempo que falta da vela.

— Mas de que feito arrasoaes vós? — disse, erguendo-se sobre o peito, um dos soldados, que deitado de costas para o ar e a cabeça poisada nos braços, parecia querer conciliar o somno. — Por satanaz! o frio vae rijo, mas o vosso arrasoado é peior do que elle, homens; não me deixastes pregar olho. Ora andae; ao menos dizei de que fallaes.

— Da morte do cura de Felix — disse o primeiro interlocutor que havia nome Gines Peres, olhando de nesga e com ar d'enfado o seu indolente camarada. Logo voltando-se para Vasco Martins continuou — Ora andae, amigo; dizei-nos a vossa historia.

O soldado, que interrompêra a curiosidade de Gines, ergueu-se então — espreguiçou-se, abriu duas vezes a bôca, sobre que fez meia duzia de cruzes, e depois, voltando-se para elles, metteu-se na conversa.

— Santa Maria! — disse elle espreguiçando-se de novo — isto é quebranto. Cruzes! Jesus, Maria, José! — bocejou fazendo com o pollegar uma cruz sobre a bôca que de novo se lhe abria — Amen. Ora andae, Vasco; não vos demoreis mais; dizei-nos alguma coisa com que matarmos o tempo.

Vasco olhou de nesga e com enfado para o descortez,

que parecêra ao principio desconceituar o seu feito valoroso.

— Tambem já o queres saber, bargante? — disse elle, lançando-lhe um olhar fulminador. — Já que assim o queres, Gines — continuou, mostrando que nenhuma importancia dava áquelle amante infeliz do *far niente*, e que, se contava o caso, era em attenção a este bem considerado amigo — lá vae, não sou homem para me fazer rogar.

Depois de pensar um pouco, começou assim:

— Quando D. Fernando de Valor, que o diabo já apanhou, e que esses pêrros moiros chamaram por ahi Aben-Humea, se alçou com as Alpujarras, estava eu em Felix com a minha companhia como sargento. Maldita a adaga! — interrompeu-se aqui Vasco Martins em voz pausada e grave, e abanando solemnemente a cabeça — maldita a adaga, que me faz andar por aqui a apanhar neves e frios! Se ella não fôra...

— Que historia é essa da adaga? — perguntou o indolente, agasalhando-se quanto podia no seu amplo ferragoulo.

— E' a adaga de Fernando de Valor — replicou o outro.

— Qual adaga? — retrucou elle.

— Desconversavel homem estaes, Vasqueannes — acudiu Gines Peres, impacientado pela interrupção que soffrêra o conto do seu amigo — não vêdes que não deixaes fallar Vasco a sua historia por uma coisa que todos bem sabem?

— Mas não a sei eu, e quero sabêl-a — replicou fleugmaticamente Vasqueannes, conchegando cada vez mais o ferragoulo.

Vasco Martins cortou a pendencia: encolhendo os

hombros para Gines, e em voz que bem demonstrava, que, se accedia á exigencia do camarada, era para se livrar d'elle, disse-lhe assim:

— Antes do levantamento das Alpujarras, D. Fernando de Valor, que como sabeis ahi chamavam Aben-Humea, entrando um dia em Granada na sala do cabido para ir a um ajuntamento dos Vinte e quatro a que pertencia, commetteu entrar com a espada que devia deixar fóra, como era de uso e razão. D. Pedro Maza, alguazil-mór, o advertiu d'isso; e, como resistisse descortezmente, mandou-o prender, mas elle, como homem desenvolto e moço, pôz-se de um salto na rua, e tomando o cavallo que á porta estava, recolheu-se ás Alpujarras, e assim começou a guerra. Entendeis agora?

— Podeis continuar — respondeu Vasqueannes com toda a fleugma de uma superioridade verdadeiramente doutoral.

Gines Peres e Vasco Martins olharam-se, contrahindo um para o outro as faces em signal de quanta compaixão lhes mettia a importancia que arrogára o importuno commodista; e logo aquelle ultimo continuou assim:

— Estava eu pois em Felix de sargento de uma manga de arcabuzeiros. Um dia de manhã um moirisco, que me servia, veio ter comigo, e disse-me:

« — Guai, senhor Vasco Martins, que o povo anda revolto, e quer levantar rei Aben-Humea.

« — Ora historias — respondi eu.

— Mordeu-me porém a consciencia; mandei aprom-ptar os soldados, e dirigi-me para a poisada do cura que junto da capella estava. Como bem sabeis, o cura era Miguel Sanches, nosso patricio de Lorca, e amigo de alguns que aqui estão.

— « Miguel Sanches, amigo — disse-lhe eu então —

é mister que vos aspresteis a seguir-nos, no caso de sermos mal succedidos.

— O logar já andava revolto: — e de facto já se ouviam bem as algazarras dos moiros.

— Era um santo varão aquelle; era um verdadeiro homem de Deus.

— « Não largo a casa do Senhor — disse-me elle, apontando para a egreja.

— Fiz tudo para o despersuadir, mas debalde. Então apostei-me a defendêl-o até ás ultimas: os moiros chegaram em fim. Era uma multidão infinita, mas nós sustentamos até o anoitecer a peleja. Era impossivel resistir por mais tempo; fui-me então a Miguel Sanches, e requeri-o da parte de Deus e de el-rei, que nos acompanhasse, mas elle não quiz. Então deixamol-o, e com a espada na mão abrimos caminho por entre a moirisma.

— Mas que diabo aconteceu ao cura? — interrompeu o importuno Vasqueannes.

— Buz! Chiton! — disseram todos á uma. Elle calou-se, soltando um sorriso escarnicador.

— De noite — continuou Vasco Martins — aventurei-me dentro do povo, e dirigi-me á poisada do cura. Quando cheguei, a egreja estava ardendo, e pedaços de imagens escalavradas jaziam espalhadas pelo adro. Atado a uma arvore que ahi crescêra, vi então o pobre de Miguel Sanches com os habitos esfarrapados e cheio de lama e de sangue, entre muitas apupadas e baldoens que lhe davam. Então um pêrro de um moiro, mandando calar o povo, disse em voz alta — « que ali era aquelle infiel para d'elle se fazer justiça; mas como era pejo para homens pôrem-lhe as mãos, que o melhor era largarem-no ás mulheres. » — Dito e approvado.... Ah! pêrros de satanaz! — bradou o soldado n'um accesso de raiva

— tratarem assim o meu pobre amigo! E bradavam ainda contra os autos da santa inquisição!... Dizia-vos pois — continuou já mais socegado — que mal aquelle villão de belzebú deu tal alvitre, todos lh'a approvaram, e logo fizeram campo. Então vinte ou trinta velhas, antes demonios, dirigiram-se em fileira e com navalhas nas mãos para o desgraçado clerigo, que as viu approximar com um santo socego.

« — Diz, pêrro alfaquih — disse a mais dianteira d'ellas, talhando-lhe o rosto com um golpe de alto a baixo — pelo signal...

« — Da cruz — terminou a seguinte, e com outra navalha cruzou-lhe o rosto.

— E assim o retalharam; e elle tudo soffreu mansamente e com muita paciencia, sempre com o santo nome de Jesus na bôca e como bom cavalleiro que era de Jesus Christo. Mas quiz Deus que pela morte d'este bom clerigo viesse sobre o logar tal raio, que d'elle não ficasse coisa por onde se soubesse que existiu. O caso passou-se assim.

— Como visse tal crueldade e desaguisado, tomei-me de cólera tal que quasi arrebentava; estive a pontos de cahir sobre esses pêrros, e leval-os todos á espada. Porém contive-me, e vim ter-me com o marquez de Mondejar, o qual, relatando-lhe o caso, me deu duzentos homens, com os quaes entrei de noite em Felix; e como quem bem sabia as entradas e as sahidas do logar o assolei de sorte que d'elle não ficou pedra sobre pedra. Quando voltamos, os moiros quizeram ter-nos o passo; mas com tal impeto demos n'elles que, mal que lhes pez, fugiram descoroçoados. Ora ahi tens, Peres, a historia tal qual aconteceu; bem vêdes que todos fariam o que fiz.

— Pêrros de infieis! — bradou Gines Peres sem at-

tender a que esta era occasião de novo elogio ao amigo, o qual esperava por elle — parece que estes malditos não tem coração! Bem faço eu que onde os encontro não lhes faço mercê.

— Nem eu — bradou outro — moiro, que encontro, anda logo a espada.

— Infelizmente que se não encontrará tão de presto outro arruido como o de Galera; ahi é que foi matança. Por minhas mãos vos digo, que matei mais de cem moiros, isto afóra muitas crianças e mulheres ainda que muito formosas.

Quem dissera estas palavras era um soldado, que, com os braços encruzados e encostado ao carvalho, escutára a conversa sem dar uma só palavra. Este soldado era Huzmin-Ibn-Tuzani, o chefe dos abencerragens.

Embalado sempre na esperança de descobrir o assassino da amante, esperança de que trazia a vida pendente, Huzmin, apesar da quasi impossibilidade da empreza, não desesperava de um dia a realisar. O assassino de Zahara era um soldado espanhol, que andava no exercito de D. João de Austria; para mais facilmente o poder descobrir, foi tambem alistar-se n'elle, e como por muitas vezes tinha vivido no interior da Espanha, não o poderam reconhecer pelos usos. Sabendo bem o caracter naturalmente expansivo e vanglorioso do soldado, usava para lh'o incitar, referir, como certos, feitos que dizia haver praticado em occasioens similhantes áquella, em que Zahara fôra assassinada. Assim esperava poder um dia reconhecer entre os seus camaradas o assassino da amante. O leitor verá na continuação d'este capitulo que se o successo não tinha até aqui correspondido ao desejo, não ficou todavia sem realisação.

Ao ouvir pois as palavras de Huzmin, todos os solda-

dos começaram a gabar-se de acçoens similhantes, e cada um vociferava factos de maior crueldade.

— Os moiros que matei — dizia um — não tem numero.

— Eu cá só por minhas proprias mãos apunhalei uma familia inteira — dizia outro.

— Pois eu arrebentei contra a parede todas as crianças de peito que me vieram ás mãos; haviam de sahir aos paes — accrescentou outro com uma gargalhada grosseira.

Huzmin ouviu sem alterar-se estes gabos ferozes dos seus companheiros.

— Embora — replicou então com o maior sangue frio — não vos podeis egualar comigo. Olhae, na tomada de Galera embutei de tal arte o punhal, que não houve para que servir mais.

Ao ouvir estas palavras do abencerragem um soldado ainda moço que, fumando e silencioso escutára até aqui a conversa, fitou-o com um olhar que bem dizia quanto lhe repugnava uma tal e tão fria crueldade de espirito.

— Pois eu, amigo — disse elle, voltando-se para Huzmin — se vós na tomada de Galera matastes esses que dizeis sem ter compaixão das mulheres, digo-vos que sois de cruel e duro coração; porque em fim é coisa de compaixão matar uma mulher e mais sendo ella formosa. Que culpa tem as coitadas nos erros que os homens fizeram?

— Humano estaes hoje, Francisco Garcez — respondeu o abencerragem, sorrindo-se — mas por minha fé, que se dia de peleja fôra, al de certo farieis do que dizeis.

O soldado contrahiu ligeiramente as sobrancelhas.

— Crêde o que vos aprouver — replicou elle enfada-

do — mas olhae, tenho entrado em minha vida em muitos cercos e ataques de praças, e jámais matei mais que uma mulher, e d'isso não só pelo ser, mas por sua muita formosura, ainda hoje me pesa grandemente. Era tão formosa, que apesar de morta, de amores matava a todos que a chegavam a vêr; lançavam-me todos mil maldiçoens, dizendo — « Maldito seja o soldado villão que tal belleza tirou d'este mundo » — outros diziam que se viva fosse, por ella dariam quatrocentos ducados; outros que a mandariam a el-rei. Perdei o cuidado, que nunca maior formosura vereis; porque vêr-lhe aquelle rosto formoso voltado para o ceu e os negros cabellos espalhados pelo alvissimo collo, era vêr um verdadeiro anjo. E tal era elle que um pintor famoso, que ahi anda achegado á companhia do capitão Beltrão de la Penha, que os moiros mataram em Galera, esteve um dia inteiro a tirar-lhe o retrato, e como com ella muito se assimilhava, muitos cavalheiros lhe offereceram por elle até trezentos ducados, mas elle o estima em mais alto, e diz que o não ha-de dar por menos de quinhentos. Por minha fé, amigo, que esta é a unica mulher que em minha vida hei morto; e considerando na grande maldade que fiz, e nas muitas maldiçoens que todos por ella me lançavam, d'ahi me sahi corrido e envergonhado, fazendo juramento que outra me não havia de acontecer. Crêde-me, ainda trago a pobre moira atravessada no coração.

Huzmin fitou instinctivamente no moço arcabuzeiro um olhar profundo e ancioso; quando viu que se calava, disse-lhe em voz imperceptivelmente commovida:

— E onde encontrastes essa belleza, amigo?

— Em Galera — respondeu Francisco Garcez — e olhae que grande damno fiz então á minha fazenda por minha pessima cabeça. Vède vós por quanto a não ven-

deria, se ella era tão formosa, e demais tão principal que nada menos era que a irmã do Maleh de Purchena!

Ao ouvir as palavras do arcabuzeiro, o moço abencerragem endireitou-se maquinalmente ; uma lividez medonha misturou-se-lhe com o moreno das feiçoens; os olhos injectaram-se-lhe de sangue, e os dedos, nervosamente contrahidos, buscavam, como por instincto, o cabo da adaga. Com os olhos fitos no espanhol, Huzmin media-o todo com a mesma ferocidade, com que o tigre mede a preza no momento de se arremessar a ella. Os outros soldados notaram a pallidez do moço.

— Que é isso, amigo? parece que estaes agastado! — disseram elles espantados.

Huzmin fez um violento esforço sobre si, e conseguiu abafar a horrenda commoção que o agitava.

— Não estou hoje bem disposto — respondeu elle — desde hontem de manhã que bebi um pucaro d'agua com umas poucas de alfarrobas.

E logo voltando-se para Francisco Garcez, continuou:

— Mas dizei, camarada, essa moira que dizeis tão principal, devia ter joias sobre si, que bem vos pagassem o remorso que tivestes de a matar?

— A' fé que sim — respondeu elle — os vestidos eram riquissimos e as manilhas e arrecadas de purissimo oiro e pedrarias. Tudo isso lhe tirei, e só lhe deixei a camiza para que de todo não ficasse nua; e olhae que ainda assim não perdi pouco, que fina era ella e bordada de sêda verde em grau riquissimo — outros soldados lh'a quizeram tirar, mas eu lh'o defendi que o fizessem.

Com os olhos fitos no soldado, o moço abencerragem não perdeu uma só palavra.

— E de todas essas riquezas já nada vos resta? — perguntou elle.

— Apenas umas arrecadas e um annel — replicou o outro — tudo o mais vendi em Baza, por carecer então de dinheiro, e hoje se alguem me quizesse comprar o que resta, bom barato lhe faria d'elle pela necessidade em que estou.

— Eu vol-as compro — acudiu Huzmin. E logo para disfarçar, continuou — Conheço em Purchena uma irmã d'ella, escrava do marquez de Mondejar, a quem as levarei, pois que muito folgará de as vêr.

— De grado vol-as vendo, amigo — replicou o outro — dinheiro á vista, já se sabe. Logo que nos rendam o quarto, iremos por ellas ao rancho.

O quarto d'alva foi em fim rendido, e Huzmin e Francisco Garcez dirigiram-se ao rancho a consummar o contracto que haviam começado.

Ao vêr as joias de Zahara, o moço abencerragem sentiu accender-se-lhe o odio; dissimulou porém, e, pagando-as, como o coração lhe não soffria mais tempo de delongas, buscou logo na imaginação o meio que mais prestes lhe facilitasse a vingança.

— Amigo — disse então a Garcez — mal disposto me acho esta manhã; se quizesseis, iriamos, pois estamos de remanso, tomar um passeio até ao Almanzora, que perto ahi corre.

— Apraz-me, — respondeu o soldado — nada vos negarei hoje, pois me libertastes d'essas joias que em tempos tão revoltosos não sabia como vendêl-as.

Começaram pois a caminhar em direcção ao Almanzora. Ao descer porém o alto de Aulayle que se interpunha entre o campo e o rio, Huzmin parou, e disse para o companheiro:

— Se visseis o retrato da moira que matastes em Galera, reconhecêl-a-ieis?

— Sem dúvida — respondeu elle — tão fresca a tenho na memoria, que me parece que ainda a estou agora vendo.

Huzmin tirou então da escarcella um retrato, e mostrando-lh'o, perguntou:

— Era este? —

— Por Christo! — bradou o soldado — é a mesma, a mesma formosura, a mesma graça e gentileza. Mas como houvestes ás mãos esse retrato?

O moço abencerragem não respondeu; metteu na escarcella o pergaminho, em que o retrato estava pintado, depois mediu o arcabuzeiro com uma alegria feroz.

— Graças ao propheta — bradou então, erguendo os braços para o ceu — até que soou a hora da minha vingança. Encontrei-te em fim, covarde assassino de mulheres — continuou, voltando-se para o soldado — findaram finalmente as torturas a que estava condemnado com receio de te não encontrar. Villão covarde e sem alma, sou o amante de Zahara. Defende-te: se á honra dos abencerragens repugna um assassinato traiçoeiro, não repelle comtudo uma vingança leal. Defende-te.

Huzmin arrancou da espada; o arcabuzeiro pasmado recuou alguns passos. O rosto do abencerragem reluzia com a ferocidade da panthera, quando vê diante de si a prêsa desejada.

— Sostem — bradou-lhe o espanhol — escuta-me um só momento, e depois, se te aprouver, pelejemos.

— Defende-te e já — bradou Huzmin, perdido de raiva — Zahara não pede palavras, pede sangue. Defende-te, ou assassino-te.

Assim dizendo o moço abencerragem lançou-se furioso contra o seu inimigo; Francisco Garcez era valente, e como tal lhe recebeu o encontro. A briga travou-se

accêsa e rancorosa; eram duas vidas que se buscavam anciosas — eram duas almas que prescrutavam todos os meios de satisfazer o odio que as separava uma da outra. O combate durava ha bastante tempo indeciso, o sangue corria-lhes em jorros das feridas; Garcez desceu então um golpe que seria o ultimo, se podesse alcançar o abencerragem. Este furtou-lhe o corpo, arrojou de si a espada, e ligeiro como um tigre cingiu-se com elle de um salto. Braço a braço se renovou então o combate, arca a arca luctaram elles a vida. Finalmente Huzmin conseguiu dobrar sobre o braço esquerdo o adversario; tirou rapidamente do punhal que tinha na cinta, e por duas vezes lh'o desceu sobre o peito. Abrindo então os braços, sacudiu de si o espanhol já feito cadaver.

— Zahara, estás vingada — bradou o abencerragem, erguendo para o ceu o punhal!

Depois curvou-se todo sobre o cadaver, e tenteou-o a vêr se ainda tinha vida. Ergueu-se então, e com o pé empurrando-o de si com desprêso, cruzou os braços e com um sorriso de ferocidade satisfeita, contemplou-o algum tempo. Quem assim o visse, diria-o querer gosar no cadaver todas as sensaçoens que o seu odio exigia, e que a morte lhe não deixava gosar.

Um acontecimento imprevisto começou porém a ter logar durante a briga. Uma manga de arcabuzeiros assomára no alto de Aulayle, e d'ahi, despenhando-se para a planicie, corriam ligeiros como o vento em direcção ao logar do combate. Chegaram porém tarde; Francisco Garcez já não existia.

Os soldados cercaram immediatamente Huzmin; então o sargento travando-lhe do braço, disse-lhe em voz severa:

— Estaes prêso á ordem do general.

Era impossivel a resistencia; os soldados haviam cahido de improviso sobre elle, e tinham-no desarmado. Então o sargento, voltando-se para um moiro que o acompanhava, disse-lhe apontando Huzmin:

— E' este o homem que vos disse o santo no dia, em que fugistes de Tijola?

— E' este sem duvida alguma — respondeu o moiro — reconheço-o muito bem, ainda que uma só vez o vi fallar com Maleh. Dizem ser grande senhor em Granada; e é moiro como Mafoma.

O soldado olhou com olhos de raiva o moço abencerragem: este com os braços cruzados olhava com a mais soberana indifferença a multidão que o rodeava, como uma matilha de gozos covardes em torno de um leão generoso. Huzmin não deu uma só palavra.

Ao vêr o cadaver de Francisco Garcez, o sargento exclamou cheio de horror e de cólera:

— Atraiçoar-nos em Tijola, e matar-nos um dos melhores soldados do exercito! Traidor! tu as pagarás. Marcha.

VII.

O JULGAMENTO.

> *Inf.* — Quem não teme a fortuna e não procura
> De contra ella se armar, têl-a-ha imiga.
> Que aos que se lhe mais dão, sempre persegue.
> *Sec.* — Julgaste-te a ti mesmo,
> *Inf.* — Em que ou como?
>
> A. FERREIRA — *Castro*, I, 3.

N'um dos mais nobres palacios de Cantoria haviam-se reunido, por ordem de D. João de Austria, os principaes capitaens do exercito espanhol. Tratava-se de um caso extraordinario — o julgamento do abencerragem, que no campo só conheciam por soldado de fortuna, mas de quem se dizia ser um dos principaes chefes granadinos, e que, em quanto no exercito espanhol, o atraiçoára em Tijola, e matára Francisco Garcez, valente voluntario de Peal de Bezerra.

N'um amplo salão quadrado e de grande altura, cujas portas e tectos rendilhados e cobertos de ricas bordaduras bem o demonstravam filho da subtil architectura dos arabes, é onde o julgamento havia de ter logar. D. João de Austria queria fazer solemne o auto, não só pela fealdade do caso, mas para tambem pôr mêdo aos moi-

ros com a punição que imaginava dar a este, um dos seus principaes.

A sala estava forrada de alto a baixo de longos pannos escuros; duas fileiras de bancos cobertos de alambeis da mesma côr estavam collocados ao longo da parede; ao cabo d'elles e no meio da casa estava o escabello do accusado — no topo uma mesa guarnecida de damasco rôxo com savastros de setim preto, e na cabeceira d'ella uma cadeira espaldar.

Eram dez horas e meia, quando os juizes começaram a entrar, praticando no extraordinario do caso. D. João d'Austria não tardou a apparecer.

A sua presença era verdadeiramente nobre — estatura apessoada e bem talhada. O rosto tirava um pouco a comprido; a testa era alta e espaçosa; os olhos vivos e de um azul gracioso; o nariz aquilino e a bôca piquena e bem talhada. Em logar de trazer a barba *filipica* que distingue os homens do seu tempo, o filho de Carlos V usava tão sómente de um largo e espêsso bigode, cujos cabellos, bem como os da cabeça, eram arruivados, abonando assim a sua origem allemã. Tinha vestido um pelote de velludo azul, por sobre o qual trazia lançada uma capa curta de brocado; as calças eram de finissimo contray; nos pés trazia calçadas umas botas, cujos canos larguissimos e pouco mais altos que a barriga da perna eram todas franjadas de renda; — as esporas eram de oiro. A' cinta, do lado esquerdo, pendia-lhe de uma banda, que lhe descia do hombro direito, uma espada comprida, mas de folha estreita, com copos de prata — do direito uma riquissima adaga. Trazia na cabeça um chapeu de abas largas e copa esguia, e n'ella uma pluma branca prêsa por um broche de diamantes: do pescoço pendia-lhe o tosão d'oiro.

Entrando na sala, o mancebo cortejou a todos, e foi tomar a cadeira espaldar que estava na cabeceira da mesa: todos se sentaram.

Mandou-se então entrar o moiro que accusava Huzmin; e logo deu-se ordem para conduzir este.

No meio de uns poucos de soldados o moço abencerragem appareceu em fim no limiar da porta.

Entrando para dentro da sala, Huzmin, com os braços cruzados e o mais magestoso aspecto, rodeou os olhos pelos juizes com a mais soberana indifferença; depois dirigiu-se ao banco dos reus, e sentou-se socegadamente. No rosto não lhe transluzia o menor signal de mêdo — apenas o assombreava uma côr terrenha, que pela segurança das feiçoens lhe parecia natural, o que junto com a lividez dos beiços e uma ligeira contracção das faces, onde appareciam algumas nódoas esverdeadas, dava indicio bem manifesto de que dentro d'aquelle corpo soffria-se muito.

O interrogatorio principiou.

Um dos juizes que estava á direita do general, depois das perguntas preliminares, continuou assim a interrogar a testemunha moira:

— Porque dizeis que esse homem é moiro?

— Porque o ouvi conversar com Maleh como um verdadeiro crente.

— E como sabeis que foi elle quem deu aos moiros de Tijola o nome do santo, no dia em que conseguiram evadir-se?

— Estava de sentinella ás muralhas no baluarte da Força, e ouvi-lhe distinctamente dizer — « dae-lhes o nome de Santa Maria que é o santo do dia. »

— Sabeis como elle se chama? — continuou o interrogador.

O moiro ia a responder: — Huzmin ergueu-se então com nobre e magestosa altivez.

— Parae! — disse elle com soberana auctoridade — não é preciso interrogar um miseravel para saber o meu nome. Sou Huzmin-Ibn-Tuzani, chefe dos abencerragens: — é verdade o que esse homem diz de Tijola; é verdade a morte de Francisco Garcez. Nada mais podereis saber d'elle; nada mais tendes a saber de mim. Condemnae-me.

Huzmin sentou-se. Ao ouvir o nome do accusado, todos os rostos voltaram-se para elle.

— Tu, o chefe dos abencerragens?! — rompeu com pasmo D. João de Austria. Depois attentando no nobre aspecto do moço, continuou — Acredito-te, mancebo; mas peza-me acreditar-te: a tua confissão envolve uma deshonra para tão grande appellido. Vê o que fizeste: desde hoje poder-se-ha dizer — entre os abencerragens houve um traidor.

Pelo rosto de Huzmin passou uma ligeira commoção.

— Entre os abencerragens houve um que se soube vingar — respondeu elle com exaltação — Eis o que dirão; traidor nunca. Ouve-me, filho de Carlos V; não é para pedir a vida que vou explicar a causa de tão extraordinario facto: jámais me abaterei ante vós, cortezãos de Filippe. Escuta-me pois; — eu amava uma donzella formosa e pura como a primeira mulher ao sahir das mãos do Eterno; a minha ventura estava ligada a ella. Quando a independencia da patria chamou pelos abencerragens, corri aos campos da batalha a cobrir, por mim e por ella, de gloria um nome que o mundo já respeitava. Voltei. — Zahara já não vivia; tinha sido assassinada por vós em Galera, covardes assassinos de mu-

lheres. Jurei então vingar-me de vós, gente de Espanha — de vós, amigos traiçoeiros, que esquecendo, que eramos tambem « espanhoes » vossos irmãos, nos espesinhaveis como vencidos, como escravos; — de vós, assassinos covardes, que sem vos lembrardes que leal e generosamente vos fazemos como homens a guerra, assolaes as nossas campinas e as nossas cidades, assassinaes barbaramente nossas mães, nossas mulheres e nossos filhos. Jurei vingar-me, e Tijola disse como não foi baldio o meu juramento.

O moço abencerragem parou um pouco, mas logo continuou:

— Em quanto a Francisco Garcez.... Talvez me não comprehendaes, foi o assassino de Zahara.

Huzmin soltou então uma gargalhada nervosa e estridente.

— E' tudo o que tenho a dizer-te — continuou elle. — D. João d'Austria, vê o mêdo que tenho de ti. Manda aprestar os mais tormentosos generos de morte, manda preparar as torturas, algoz de Galera; mesmo sobre o potro escarnecerei de vós, gente de Espanha. Um abencerragem não tem mêdo da morte, não se abate a pedir a vida; mas quando eu o não fosse, não seria ante o nome espanhol que me rojaria supplicante. Manda pois matar-me; a vida de nada me serve. O unico laço que a ella me prendia, vós o quebrastes, verdugos de Espanha; e para me vingar, resta Maleh. Espanhol, annuncio-te uma guerra toda de sangue, e de crueldade: sobre as Alpujarras fluctua a estas horas a bandeira dos abencerragens e a de Maleh — o irmão de Zahara e o amigo de Huzmin. Condemna-me pois aos tormentos — continuou elle — o abencerragem zomba d'elles e de vós.

Huzmin calou-se; D. João d'Austria olhava com se-

renidade o mancebo. Ao ouvir o nome de Maleh o generoso vencedor do Lepanto quebrou então o silencio:

— Maleh já não existe — disse elle.

O rosto de Huzmin contrahiu-se dolorosamente; mas logo um sorriso de ironia e de incredulidade assomou-lhe de repente nos labios.

— Tentas aterrar-me? — disse elle — não te lembras que fui eu que lhe abri as portas de Tijola? Nem a ti te poupou a indole traiçoeira de Castella, filho de Carlos V! Mentes: Maleh é vivo, e a estas horas a sua bandeira fluctua sobre as Alpujarras, ameaçando o poder de Filippe.

D. João d'Austria fez-se pallido como um morto; mas por um esforço energico sobre si conseguiu abafar a cólera.

— Chefe dos abencerragens — disse elle em voz ainda ligeiramente commovida — D. João de Austria nunca mentiu. O cadaver de Maleh appareceu nos campos de Tijola.

Tão solemnes e tal expressão de verdade tinham as palavras do general espanhol, que levaram a convicção ao coração de Huzmin. Ao ouvil-as, soltou um gemido doloroso, mas, como envergonhado d'elle, replicou em voz dura:

— Embora, resta-me Aben-Abo, um abencerragem — e a justiça de Deus, que nem sempre a traição e a covardia supplantarão a virtude.

D. João fitou com nobre indignação o moço granadino.

— E's injusto para comnosco — disse elle — Chamas-nos traidores e covardes, quando sois vós que quebrastes os vossos tractados, e nos atacastes desapercebidos! Accusas-me dos resultados da guerra, e quem deu o primeiro brado? Accusas-nos falsamente, granadino; e fazes-nos

injustiça, abencerragem. Queres saber o que é um espanhol?—attende.

Voltando-se então para os juizes, continuou:

—Senhores, escusadas são mais provas: o accusado confessou. Alistado no exercito espanhol, atraiçoou-nos em Tijola; recebido como irmão entre nós, assassinou um dos mais bravos soldados do nosso exercito. As suas razoens ouvistel-as — dae agora a vossa sentença.

D. Lope de Figueirôa levantou-se. Era um moço de vinte oito a trinta annos; figura esbelta e apessoada — moreno, cabellos e barba negros, bem como os olhos, cujo brilho annunciavam um genio irritavel. Dirigiu-se a D. João d'Austria, e fallou-lhe assim:

— General, antes que se proceda ao recolhimento dos votos, cumpre que me oiçaes. Como nobre e leal cavalleiro se houve o abencerragem, digo-o e quem me desdisser — continuou, rodeando em volta de si os olhos —mente, por minha honra! Assassinaram-lhe a familia e a amante!... Pelo inferno!—exclamou n'um accesso violento do seu genio irritavel—que se metade d'isso me houvessem feito, a minha vingança seria mil vezes mais fera.

Depois dirigindo-se para Huzmin, continuou, estentendendo-lhe a mão:

— Cavalleiro, como leal e nobre que sois, vos houvestes vós n'este feito. Quereis honrar-me com a vossa amizade e acceitar a minha irmandade nas armas?

Huzmin tomou maquinalmente a mão que D. Lope lhe estendia. Este, voltando-se para o general, continuou:

—Principe, requeiro a immediata soltura do meu irmão d'armas.

Os signaes da mais viva alegria e satisfação cobriram

as faces de D. João d'Austria. O procedimento do nobre cavalleiro não podia vir mais a tempo.

— Chefe dos abencerragens, eis o que é um espanhol — disse elle, apontando D. Lope. — Mas aprende mais, sabe a quanto chega a generosidade castelhana. As tuas affrontas nada influiram sobre mim. Abencerragem, estás livre; vae reunir-te á tua tribu, vae pelejar contra nós lealmente.

Durante toda esta ultima parte da scena, a pallidez terrenha que cobria as faces de Huzmin, tinha-se avivado; as rugas que lhe contrahiam ao principio as faces, cavaram-se-lhe mais, e algumas gottas de suor frio começaram a deslisar-lhe da fronte. A contracção nervosa dos musculos, ainda que muito contrabalançada pela energia da sua vontade poderosa, deixava tambem notar que estava luctando com uma pungente dôr interna. Comtudo no rosto desfigurado assomou ao ouvir as ultimas palavras do vencedor de Lepanto bem claros signaes de uma admiração generosa.

— D. João, D. Lope — disse elle por fim — sois duas almas generosas e nobres. Mas fizestes-me mal: queria morrer, odiando o nome espanhol, e vós quasi m'o fazeis estimar. Fui injusto para comvosco. Quando aqui entrei envergonhava-me, desprezava-me a mim mesmo, ao vêr que ia estar á vossa mercê. Oh! pedir a vida à um espanhol! Compadecêl-o a meu favor!... Um abencerragem não quer compaixão...

Huzmin interrompeu-se; levou rapidamente ao peito as mãos contrahidas pela dôr, e accrescentou em voz quasi inintelligivel:

— Estou envenenado.

O moço abencerragem estendeu-se todo n'um espasmo de dôr — baloiçou-se um pouco sobre si, e cahiu de

joelhos. Com a mão esquerda apertada com horrenda contracção sobre o peito e a direita apoiada no pavimento, ainda tentou erguer-se, mas debalde.

— Zahara — balbuciou elle, e cahiu para nunca mais se erguer.

Ao vêr cahir o abencerragem, D. Lope correu para elle. D. João d'Austria ergueu-se; pelas faces do nobre mancebo deslisava uma lagrima furtiva.

— Era uma alma generosa e nobre — disse elle — que o enterrem honradamente.

E sahiu do conselho.

D. Lope de Figueiroa proveu no enterro de Huzmin. No formoso valle do Almanzora, defronte das ruinas de Galera, ergueu-se um mausuleu rico e grandioso — dentro d'elle foram depositados dois cadaveres, o de Zahara e o do chefe dos abencerragens.

Alguns annos depois n'um magnifico palacio de uma cidade dos Paizes-Baixos, soltava o ultimo alento um moço, general do exercito que a Espanha oppuzera á fortuna e ao genio de Guilherme de Orange.

Este moço era D. João d'Austria, o filho de Carlos V: — morria envenenado, victima da covarde e sanguinaria inveja de seu irmão, o rei inquisidor.

FIM DO PRIMEIRO VOLUME.

VERDADES E FICÇOENS.

COLLECÇÃO DE ROMANCES.

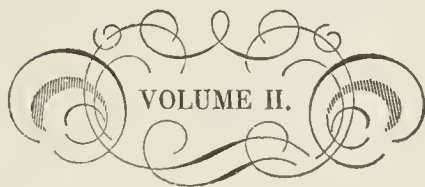
VERDADES

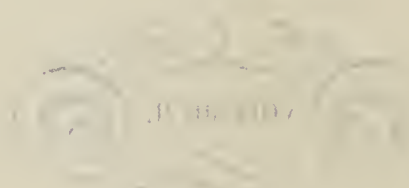
E

FICÇOENS.

COLLECÇÃO DE ROMANCES

POR

ARNALDO GAMA.

PORTO,
EM CASA DE J. A. PINTO DA SILVA — EDITOR,
Rua das Hortas, n.º 144.

1859.

PORTO — NA TYPOGRAPHIA DE SEBASTIÃO JOSÉ PEREIRA,
Praça de Santa Thereza, n.os 28 a 30.

PAULO.

III.

(1852).

PAULO.

CAPITULO I.

I.

Vou contar-vos uma historia de salteadores.

Mas olhae — não é ás montanhas da Calabria, onde vos quero levar; é dentro do nosso Portugal, é nas montanhas da Estrella, onde aconteceram as scenas, cuja historia ides ouvir.

Ao saber a localidade, onde a minha historia se passa — bem o vejo — quasi que a não quereis lêr de enfadados; ou se a lêdes, não a acreditaes, e dizeis que é creação deslocada de imaginação de poeta, que é o reflexo pretencioso da impressão causada pela leitura de typos estrangeiros.

Vós que tendes lido as producçoens de Dumas, que vos familiarisastes com o *Pascal Bruno* e com os *Apontamentos de Antony*, fizestes do montanhez da Calabria o typo do salteador. O *highlander* da Escocia ou o contrabandista espanhol somem-se-vos diante dos olhos, como se perdem nas sombras de um quadro as figuras que o pintor traçou a distancia, sómente para relevo do per-

sonagem principal. Fóra da Calabria, fóra da patria de Pascal e de Jacopo, nem mesmo admittis a possibilidade da existencia d'esses typos sublimes de audacia e de energia, de sangue frio e de excentrica generosidade, que tanto vos fascinaram, ao lêr os escriptos imaginosos do romancista francez.

Mas enganaes-vos: tal opinião não passa de homenagem prestada ao talento. Esses typos são communs a todos os paizes — mais ou menos alterados pelo clima, mais ou menos modificados pelo caracter individual d'elles.

Os typos dos salteadores de Dumas são o retrato fiel do salteador portuguez. Correi a Estrella e o Gerez, entranhae-vos por essas aldeias visinhas ás montanhas, e vereis — ahi vos contarão factos, até contemporaneos, até bem recentes, que, decorados com os enfeites de uma imaginação brilhante, rivalisarão sem favor com a historia de Pascal e com a dos salteadores d'Antony.

Vou contar-vos um d'esses factos. Escutae-me.

II.

Nada ha sobre a terra mais grandioso nem mais sublime do que o aspecto das montanhas; — só a grandeza magestosa do oceano é que póde rivalisar com elle. Elevae-vos sobre um dos pincaros do Gerez ou da Estrella; deixae correr a imaginação por sobre esses cabeços, cada qual mais alto, cada qual accusando mais a terra do desejo audacioso de querer penetrar nos mysterios do céu; e depois vereis — possuidos vós mesmo da grandeza d'essa immensidade, superiores á vossa propria natureza, sentir-vos-eis despegar da vida mesquinha do mundo, e subir, nos impetos de uma indole nova, a regioens, onde tudo é grande, onde tudo é sublime.

Os ultimos raios do sol, a mergulhar-se ao longe no horisonte, reflectiam-se, na hora em que a minha historia começa, sobre as extremidades dos pincaros da Estrella com uma luz radiosa e brilhante, que imperceptivelmente ia descendo até um roixo avermelhado, que mais a baixo se fundia em formoso azul-violeta. Era uma tarde de estio — o céu puro, a aragem perfumada e dôce, a luz do dia, que se acabava, voluptuosa e cheia de toda a suave poesia da natureza.

Nas fraldas da montanha, a meio quarto de legua distante de um logarejo, que ao longe se via já meio coberto pelo fumo das cosinhas dos aldeoens, estava n'este momento encostado a um carvalho, que se separava de uma piquena matta que ahi era proxima, um moço, cujo traje, apesar de camponez, tinha alguma coisa de curioso e de extraordinario.

Trajava umas calças de saragoça, apertadas por um cinto de coiro com fivela de latão; uma jaqueta e collête da mesma fazenda —este desabotoado deixava vêr uma camiza com bordado de linha, apertada no pescoço por dois piquenos botoens de prata. Os collarinhos, bordados como o peito da camiza, cahiam-lhe sobre a gola da jaqueta com uma elegancia desconhecida a nós homens da cidade. Sobre os sapatos, que eram de coiro grosso, desciam as calças larguissimas e com uma piquena orelha na orla. No cinto, com que as apertava, tinha mettida uma especie de foice curta á maneira de faca de matto, e na mão uma clavina, que, pelo cuidado com que estava tratada, mostrava ser estimada pelo dono.

Era alto e de figura apessoada e graciosa. Os cabellos de côr negra carregada, desciam-lhe annelados por debaixo do chapéu desabado que tinha na cabeça. As feiçoens retratavam um d'esses typos, que agradam; para

quem parece que a alma foge ao olhal-os. A barba preta e bem posta, contribuia muito para lhe dar um aspecto nobre e formoso.

No momento, em que o descrevo, o moço camponez, com os braços encruzados e a clavina atravessada n'elles, fitava abstracto a facha avermelhada que o sol, ao esconder-se, deixára no horisonte. Os olhos pretos e penetrantes carregavam-se-lhe então sombriamente; as sobrancelhas contrahidas quasi formavam uma só fita. Parecia que uma ideia sombria e triste lhe pesava então sobre a alma. Pelos labios, um pouco abertos, sahia uma respiração apressada — um abalo quasi imperceptivel dos membros demonstrava que tinha travada a lucta com a alma ardente e exaltada, para reprimir uma impressão dolorosa, para abafar uma ideia que então lhe pairava na mente.

III.

Este moço chamava-se Paulo: — na aldeia chamavam-lhe o *montanhez*, por habitar no centro das montanhas.

Paulo era filho de um trabalhador do logar. Desde creança orphão de pae e de mãe, quasi que devia a vida a um nobre fidalgo dos arredores, que o mandára recolher entre os creados. Desde a idade de nove annos, Paulo tinha sempre vivido nas montanhas, guardando o gado do seu patrão. Por morte d'este, abandonou a vida de guardador, sem comtudo abandonar as suas montanhas queridas. Vivendo n'uma choça, que edificára no meio da serra, passava os dias, correndo atraz dos porcos ou procurando as perdizes e os coelhos, que lhe ser-

viam de alimento, e de cuja venda tirava tambem os meios de prover ás outras necessidades da vida.

Caracter mais nobre e mais generoso nunca se conhecêra. O infeliz achava n'elle arrimo e o fraco defensor. A sua coragem e a sua energia, junto áquellas qualidades e á nobre affabilidade do seu caracter, faziam-no adorado por toda a aldeia. As raparigas principalmente votavam-lhe affeição instinctiva. Paulo era um typo de belleza varonil, de coragem e de generosidade que obrigava todos a estimal-o, mesmo quando de proposito pretendessem reagir contra a influencia que sobre todos exercia.

E comtudo apesar de tão amado e tão festejado, mui poucas vezes descia ao logar; só quando ía vender a caça a Vizeu, é que atravessava por elle, e aos domingos de manhã, quando vinha ouvir missa. Demorava-se então algumas horas com os seus conhecimentos, mas logo tornava a subir ás montanhas, a tratar dos seus cães e da sua clavina, a respirar o ar livre das serras e a contemplar tudo quanto a natureza tinha de bello e de nobre. A sua vida intima, só Deus é elle a sabiam. Paulo era um verdadeiro poeta.

Comtudo havia já anno e meio que se rosnava na aldeia que elle atravessava de noite o logar. O respeito, que todos lhe tinham, fazia com que lhe acatassem o mysterio que mostrava querer guardar. Alguns curiosos o tinham porém espreitado, e, á bôca piquena, haviam espalhado que a horas mortas da noite passava pela aldeia, embrulhado no seu gavão e com a clavina debaixo do braço, acompanhado sómente de um formoso cão da serra, que sempre o seguia a toda a parte.

A causa d'este mysterio e d'estes passeios nocturnos é que o leitor vae em breve saber.

IV.

Da agitação violenta em que ha pouco os leitores viram Paulo, foi elle em breve tirado por um rugir leve e apressado de passos, que se dirigiam a elle por sobre as folhas que haviam cahido das arvores.

Arrogante, o formoso cão da serra, que sentado junto d'elle e com a cabeça encostada á perna do amo, guardava, com a mais sublime paciencia, religioso silencio, ergueu-se rapidamente de um pulo, e soltou um d'esses rugidos indicativos de profundo descontentamento.

Paulo voltou rapidamente a cabeça. A sombria expressão que lhe alumiava as feiçoens, fundiu-se immediatamente na mais angelica expressão de felicidade e de amor. A esta succedeu-se com a mesma rapidez a mais serena e a mais glacial impassibilidade.

Para elle e ainda a distancia, caminhava ligeira e leve como o vento uma mulher verdadeiramente formosa.

V.

A mulher approximava-se cada vez mais.

O corpo tinha a fórma vaporosa e aérea dos anjos que os poetas vêem em seus sonhos. Os olhos pretos e vivos desenhavam-se primorosamente, cobertos de uma anciedade dolorosa. Pela bôca piquenina e rosada sahia-lhe apressada a respiração, que fazia quasi continuamente arfar todo aquelle corpo franzino e angelico. Todas as feiçoens eram o typo da perfeição ideal: as mãos e os pés eram de uma piquenez incrivel.

O traje não era similhante ao dos aldeoens. Vestia aos nossos usos da cidade — com simplicidade, mas com elegancia. O vestido que se lhe unia todo ao corpo, deixava

vêr o perfeito das fórmas, e nas oscillaçoens que fazia ao andar, quasi dissereis que dava a esse corpo piqueno e franzino a illusão aérea que lhe faltava, para se assimilhar verdadeiramente aos anjos.

Como Paulo, Maria era, diziam, filha de um aldeão; mas em logar de como elle ter nascido na planicie, e depois ter ido viver para as montanhas, havia nascido nas montanhas e depois ido viver para a planicie.

Um dia o homem, que lhe chamava filha, chegou de Vizeu, atravessou a aldeia, subiu á montanha, e no dia seguinte tornou a descer com uma menina nos braços, e foi pedir ao cura que lh'a baptisasse, dizendo que era sua filha. Até aos dezeseis annos o pae de Maria viveu no alto da serra; mas depois, vendendo-se uma fazenda na aldeia, comprou-a, admirando todos como reunira, e guardára até então aquelle dinheiro. Estabeleceu-se no casal que comprára, e entregou depois a um fidalgo de Vizeu, de quem era amigo extremoso, a sua querida Maria para, como dizia, a crear como *fidalga*.

O leitor já póde agora comprehender a causa dos passeios nocturnos e mysteriosos de Paulo.

Maria era a amante de Paulo, era o seu primeiro e unico amor — o amor da sua infancia.

VI.

Ao reconhecer Maria, Arrogante correu para ella, erguendo-se sobre os pés, dando mil saltos que manifestavam toda a sua alegria. Ao tempo que Maria lhe ia a passar a mão pela cabeça, Paulo gritou em voz sacudida e sêcca:

— Aqui, Arrogante!

Maria fitou-o com os olhos cheios de afflicção, e con-

tinuou a caminhar para elle — mais ligeira ainda, mais apressada como quem conhecia haver na distancia que a separava do amante um intervallo de dôr e de cólera.

Ao vêr a amante approximar-se a elle, Paulo nem se moveu: apenas fitou n'ella os olhos com essa impassibilidade sombria com que o descrevi ha pouco.

— Paulo! — disse a linda menina em voz melodiosa de dôr, pondo ao mesmo tempo a mão sobre o hombro do moço.

Paulo estremeceu como o cadaver ao sentir o contacto da pilha galvanica.

— Maria! — respondeu elle em voz cavernosa, mas impressionada pela influencia que ella exercia sobre elle.

Ninguem póde dizer o quanto disseram n'estas duas palavras — tudo quanto a alma n'ellas despeitorou. Elles porém comprehenderam-nas bem: Maria arrojou-se nos braços de Paulo, e este estreitou-a contra o coração que se agitava convulso.

Alguns momentos se passaram assim.

Ao desprender-se dos braços do amante, as lagrimas corriam em fio pelo rosto de Maria, e o d'aquelle estava medonhamente pallido.

— Maria — disse então o moço, em voz surda e entrecortada — jura-me por Deus, jura-me pela salvação da tua alma que as minhas suspeitas são infundadas. Jura-me que ainda me amas.

Maria cobriu o rosto com as mãos: depois, arredando-se dois passos para traz, ergueu a mão piquenina para o céu, e exclamou em voz ligeiramente commovida:

— Juro-te, Paulo, juro-te por Deus e pela salvação da minha alma, que te amo como nos primeiros dias do nosso amor.

Pelo rosto de Paulo passou então a mais celeste ex-

pressão de um prazer ineffavel. Tomando a mão que a amante estendia para elle, cahiu de joelhos, exclamando:

— Oh! perdão, perdão, Maria!

E como curvando-se ao pêso de um crime, que a seus olhos não tinha desculpa, a cabeça do moço pendeu sobre a mão com que tinha apertada a da amante.

Pelos labios d'esta perpassou um sorriso bem triste. Ao vêl-o, dirieis que o remorso pesava sobre aquella alma candida e innocente, que a mentira pungia bem fundo n'aquelle peito, que Deus formára com tão nobres e tão dôces aspiraçoens.

— E perdoar-te porque, meu Paulo? — disse ella, poisando com uma meiguice angelica sobre o hombro do amante a mão que ha pouco erguêra para o céu. Mas como se sentira um perjurio, a mão, que ha pouco jurára, parecia não poder agora aquietar-se sobre o hombro de Paulo.

Este ergueu-se, e, conduzindo a amante para uma pedra que havia ahi junto, fêl-a sentar. Contemplou-a um pouco n'um extasi do mais puro e do mais santo amor, logo sentando-se junto d'ella, rompeu d'esta fórma o silencio.

VIII.

— Ouve-me, Maria — disse elle — sabes como te amo; sobre a terra nada existe para mim além de Maria, e no ceu... nada tambem.

E commovido por esta blasphemia tão franca do coração, Paulo, como receioso de que o castigo que suppunha que merecia, envolvesse tambem a amante, largou-lhe a mão que tinha entre as suas, e fitou por um pouco a terra como absorvido em intima abstracção.

— Depois que teu pae abandonou as nossas monta-

nhas — continuou o moço, passado um curto espaço — a vida tem sido uma contínua tortura para mim. O ciume, Maria, é o testemunho mais solemne do amor; quem não ama, não exige da mulher que diz amar, mais do que as fórmas apparentes de uma ligação que lhe afaga a vaidade. Mas quem ama, Maria, esse tem até ciumes da terra que a amante piza, do ar que ella respira, da flôr que ella colhe, porque em tudo vê um rival, um participante d'aquella, que só a elle pertence. Não é vaidade, não; no amor verdadeiro não entra a vaidade, entra o egoismo — egoismo santo, egoismo do coração. Quem no mundo se isola de tudo, Maria, quem é só da mulher que ama, tem o direito de exigir d'ella que só d'elle seja, que só a elle pertença. O egoismo é um direito que tem, e de que o coração, o amor não consente abdicar.

— Depois que teu pae te mandou para Vizeu, Maria, cada lembrança que tinha de ti era quasi um espinho; via-te gabada de formosa, via-te olhada por olhos cheios de desejos. Oh! Maria, Maria, quantas vezes não rugi de desesperação ao pensar que os outros se aproximavam de ti! Quando de noite ia vêr-te... oh! perdão, minha Maria adorada, levava sempre comigo uma ideia sanguinaria. Desgraçado de quem encontrasse comtigo! Mas tu eras sempre para mim a mesma, e eu voltava mais socegado de lá para subir ás nossas montanhas e tornar a contemplar sósinho os logares, onde tantas vezes caminhamos ambos juntos, onde te ouvi tantas vezes dizer que me amavas. Cada pedra, onde te vira sentada, era objecto para a minha adoração; cada arvore, onde entalhei o teu nome, arrancava-me lagrimas e beijos.

O moço parou um pouco com os olhos fitos em Maria.

— Tu voltaste, e os meus receios abrandaram-se em

parte. Esta manhã, porém, andando á caça, tive um vaticinio fatal. Ao voltar o cabeço da Luz ouvi por detraz d'elle uma voz, que bradava: «Paulo, Maria atraiçôa-te: ella ama o fidalgo da Lage.» Corri rapidamente com a clavina engatilhada... Desgraçado de quem então encontrasse! Mas ninguem vi. Separei-me a toda a pressa d'aquelle logar amaldiçoado; mas um quarto de legua andado, ouvi a mesma voz gritando: «Olha para o caminho de Vizeu: olha no valle para a porta de Maria.» Olhei, e ao longe, bem ao longe, os meus olhos de amante reconheceram Henrique de Lencastre, correndo a galope pela estrada de Vizeu; e á tua porta viram-te distinctamente a ti, voltada para aquella estrada. Oh! maldita esta voz! — d'onde partiu ella?

IX.

Ao ouvir as palavras do moço, Maria empallidecêra um pouco. Paulo, todo absorto na ideia que o dominava, nem mesmo notou a alteração das feiçoens da amante.

— Maldito agouro! — continuou elle então — Mas que importa! Juraste que me amas; é quanto basta. Henrique de Lencastre!... E' nome de maldição para mim. Que Deus o arrede para longe, d'onde eu estiver: se o vir, não respondo pelo que fizer.

O moço tornou a interromper-se; as feiçoens tinham-se-lhe contrahido pela cólera, e tremia n'um accesso nervoso de raiva.

— Maria — continuou elle — ámanhã descerei á aldeia, e pedirei a teu pae que consinta na nossa união. Então...

Ao ouvir estas palavras de Paulo, Maria soltou um grito de terror, de dôr intima e profunda. O moço ergueu-se de um salto diante da amante.

— Jura-me outra vez — gritou elle com um gesto feroz e sombrio — jura-me outra vez que me amas.

— Paulo! — gritou n'um grito de dôr a linda menina, cahindo de joelhos diante do amante, e estendendo os braços para elle.

Os olhos de Paulo injectaram-se immediatamente de sangue; e o rosto tão nobre e formoso cobriu-se todo de uma ferocidade verdadeiramente selvagem. Quiz fallar, mas apenas um rugido temeroso lhe sahiu pelos labios.

— Paulo, devo fallar-te a verdade — disse então Maria, em voz cheia de receio, mas tocante de resignação — não devo enganar-te mais. Amo-te com amor de irmã, e Henrique com amor de amante.

Dos labios de Paulo sahiu um grito como o do condemnado ao sentir no potro o primeiro golpe da tortura. Recuou uns poucos de passos atraz; depois lançando mão do cutelo que trazia á cinta, correu para Maria com as feiçoens transtornadas e medonhas de raiva.

— Mata-me, mata-me — gritou a linda menina, cahindo de joelhos diante d'elle.

O moço ergueu-a por um braço a toda a altura do corpo.

— Barregã... barregã... — murmurou elle com voz abafada.

Depois lavantou sobre ella o cutelo. Mas quando o golpe ia a descer, soltou um grito espavorido, largou das mãos a amante, e, arremessando a arma, deitou a fugir em direcção ás montanhas com os punhos cerrados erguidos para o ceu.

— Oh! matae-me, meu Deus! — gritou Maria, erguendo os olhos para o ceu, logo que Paulo se sumiu de todo nas quebradas da serra. E cahiu desmaiada.

CAPITULO II.

I.

Leitor, subi agora comigo ás agruras da serra.

A noite está formosa e socegada ; a lua paira no espaço, desassombrada e meiga, em todo o esplendor da sua luz melancolica. Alumiados por ella, os pincaros da Estrella, envoltos ao longe na nebrina da noite, parécem estatuas elevadas sobre mausoleus de gigantes.

Vêdes esta cabana, construida de pedras soltas e desalinhadas e coberta de um tecto palhiço? E' a habitação de Paulo.

Entrae comigo ; — vinde examinar o que faz este homem, cujo caracter já conheceis, depois do facto que acabastes de presenciar.

Ao lado, a um dos cantos da casa, está a cama do *montanhez*. E' uma pouca de palha, coberta de pelles de cabra, sobre as quaes jazem a montão algumas mantas grosseiramente tecidas, — sobre a cabeceira pende, de um pau espetado na parede, uma imagem do Christo crucificado. Alguma loiça de barro grosseiro está rigorosamente arranjada n'um prateleiro tosco, pendurado do muro. Armas muito luzentes e bem tratadas e alguns cães, deitados sobre a palha a pouca distancia da cama

de Paulo, constituem toda a sua riqueza e toda a sua familia.

Sentado n'uma pedra que serve de poltrona sobre o lar, feito de pedra mal polida e sobre que arde uma fogueira, que alumia a casa, está o *montanhez* — com os cotovêllos poisados sobre os joelhos e a cabeça mettida entre as mãos, mergulhado em profunda e dolorosa meditação.

Diante d'elle, sentado em outra egual pedra, está um aldeão. O traje é pouco differente do de Paulo; as feiçoens porém eram inteiramente dessemelhantes.

Assim como no d'aquelle se reflectia um caracter nobre e leal, no d'este havia a natureza traçado com linhas bem salientes a vileza e a turpitude da alma. Era uma figura repugnante — baixo, mas entroncado, testa achatada e piquenissima, olhos piquenos, mas brilhantes de luz ferina e desagradavel, nariz grosso e bôca enorme. A barba que lhe apparecia no rosto côr de cobre, era avermelhada e muito rara.

II.

— Paulo — disse elle, fitando o moço com um olhar de alegria ferina e com os labios contrahidos por um sorriso sarcastico — sabia-o já ha muito tempo, mas nunca t'o disse com mêdo de irritar-te. Hoje porém que o primeiro passo está dado, dir-te-ei tudo — ella ainda te mentiu na confissão que te fez.

— Mentiu! — replicou Paulo, erguendo a cabeça e fitando o companheiro com um olhar de espanto extremo — mentiu! como mentiu?

— Henrique de Lencastre não é o amante d'ella. Maria ama outro homem, e esse considéra-l'o tu como amigo, como irmão; é.....

O camponez parou, e fitou os olhos com receio em Paulo.

— E' quem? — gritou este, pondo-se de um salto em pé — Manoel Alves, diz-me quem é.

O camponez, que na aldeia era conhecido pelo nome do *Alves*, não satisfez de prompto á pergunta de Paulo; pareceu luctar com certo receio, mas logo, como fazendo um esforço sobre si, respondeu:

— E' o teu amigo João Nogueira.

Paulo levou rapidamente a mão ao cutelo que trazia á cinta; os olhos fuzilaram-lhe com uma expressão medonha de raiva.

— Mentes — gritou elle — João é incapaz de me atraiçoar.

Era tão medonha a expressão do rosto do moço, que Manoel empallideceu. Tirando então de dentro do peito um rozario de contas brancas que trazia, levou aos labios a imagem de latão que d'elle pendia, e exclamou:

— Juro-t'o pela virgem do Rosario. Fallo-te verdade, Paulo; e depois para que te hei-de mentir? Sou teu amigo, e por isso te avisei. Bem sabes quanto te devo: foste tu quem me salvaste da justiça quando me quizeram prender pela accusação que me fizeram de ter ajudado a matar o juiz de direito; sustentaste-me a familia por muito tempo, e a cada passo recebo de ti novas provas de amizade. Era meu dever avisar-te. Acredita-me, Paulo, — João é o amante de Maria; se te disse que era o fidalgo da Lage, foi para o livrar a elle, pois suppoem que ao fidalgo não te atreverás tu.

Paulo não respondeu; cobriu rapidamente o rosto com as mãos, e cahiu como fulminado sobre a pedra, exclamando em voz desfallecida:

— João atraiçoar-me!

Aproveitando o desfallecimento do moço, o Alves continuou:

— Acredita-me, Paulo, posso-t'o jurar, pois que o sei, e o vi. Bem sabes que estou empregado na casa do Lage, que tenho a confiança do fidalgo, e por isso mais por alli, mais por aqui sei tudo. Olha que elle é excellente pessoa; muito teu amigo e muito teu admirador.

Paulo não attendia a coisa alguma.

— João! João! — exclamou elle por fim n'um grito pungente da alma e apertando com desespêro nas mãos as faces, por onde corriam as lagrimas.

— Não o duvides — continuou Manoel. — Se soubesses o que elle é! Sei coisas d'elle que fazem arripiar os cabellos.

Paulo levantou então o rosto. Estava inteiramente impassivel. Se uma pallidez mortal lhe não cobrisse as feiçoens, podêl-o-iam dizer indifferente ás novãs que acabava de ouvir.

— Conta-me tudo — disse elle socegadamente, porém n'um tom soberanamente imperativo, e que parecia ser o ecco de voz que lhe fallava dentro do peito.

— No roubo da igreja de Midoens — disse Manoel — João...

— E' falso — replicou serenamente Paulo — n'essa noite João dormiu comigo aqui.

— Ha oito dias viram-n'o misturado na quadrilha do Caco, e...

— Mentem; ha tres o livrei eu de ser roubado por quatro homens d'essa quadrilha na descida da serra.

A voz de Paulo tinha-se tornado sevéra como a de um juiz, ao desfazer as desculpas evasivas de um alto criminoso. Manoel pouco a pouco empallidecêra.

— João foi o assassino de sua mulher e de seu proprio irmão — accrescentou elle.

— Sei tudo — replicou Paulo no mesmo tom — João foi victima de um malvado, que o fez persuadir que a mulher o deshonrava com o irmão. Não sei quem foi esse homem, mas João disse-me que hoje era o protegido por um fidalgo muito poderoso.

III.

Manoel soltou uma gargalhada.

— Meu pobre Paulo! — disse rindo-se — como elle abusou sempre da tua alma leal!

Depois parou rapidamente, pôz-se em pé, e estendendo o braço para Paulo, disse-lhe em voz solemnemente religiosa:

— Paulo, tens razoens para duvidar de mim?

— Não — replicou este, vivamente impressionado pelas palavras do outro.

— Juro-te pois — continuou Manoel, tirando de novo do peito o relicario, que beijou — juro-te que vou dizer-te a verdade. João mentiu-te como um falsario; vou contar-te tudo como foi.

— João tinha casado por interesse; enfastiado da mulher, e ligado a outros amores — ligado a Maria, Paulo, ligado a Maria — quiz livrar-se da mulher que era estorvo aos seus nefandos intentos. Uma noite assassinou-a, e, para justificar o facto, assassinou seu proprio irmão, cujo cadaver arrastou para junto do d'ella. Depois chorou-a, e gritou que tinha sido enganado por um outro homem. Paulo, elle que é tão teu amigo, porque te não disse o nome d'esse homem?

— E como soubeste tu isso? — rugiu Paulo em voz surda e cavernosa.

— Opprimido pelos remorsos — continuou Manoel — João foi um dia ter com o nosso velho cura, e em confissão contou-lhe tudo. O cura recusou absolvêl-o, mas João tirou de um cutelo, e ameaçou-o que o matava se lhe não désse absolvição. O cura absolveu-o; mas, quando morreu, pezava-lhe aquella absolvição na consciencia. A' hora da morte eu estava junto d'elle; chamou-me e contou-me o segredo, pedindo que por elle fizesse uma jornada a Roma, a implorar o perdão do santo padre. Paulo, esta é a verdade. Juro-t'o pela Senhora do Rosario que tenho nas mãos, juro-t'o pela salvação da minha alma — João é um malvado, João atraiçoou-te com Maria.

O corpo de Paulo tremeu todo n'uma violenta convulsão de raiva: a pallidez da morte, que lhe cobria as faces, estava matisada de laivos esverdeados. Erguendo os punhos cerrados para o ceu, rosnou em voz cavernosa e mal distincta:

— Miseravel! infame!

IV.

Mal tinha pronunciado estas palavras, quando soaram na porta da cabana algumas pancadas, e uma voz de fóra chamou:

— Paulo! Paulo! abre; sou eu.

O montanhez deu um salto para junto da clavina que tinha encostado ao muro, tomou-a, e correu á porta. Mal a abriu, pôz a clavina á cara, e desfechou. Apenas o tiro se ouviu, soou o baque de um corpo sobre a terra, e a mesma voz, de ha pouco, exclamou n'um tom doloroso:

— Paulo, porque me mataste?

Ao ouvir o som meigo da reprehensão do assassinado, Paulo recuou espantado para dentro da cabana, arrojou a clavina, e soltou um grito solemne de terror e de mágoa. Correu depois á porta, exclamando:

— João, João, meu irmão!... E' impossivel! — Maldito de mim, que te matei!

E desappareceu para fóra da porta.

Manoel, de braços cruzados e encostado á parede, contemplava, com um olhar e um sorriso de alegria selvagem, esta scena dolorosa.

V.

Um minuto depois, Paulo com as feiçoens transtornadas e os cabellos hirtos sobre a cabeça, entrou para dentro da cabana, conduzindo nos braços o corpo meio morto do amigo. Era um moço, cujas feiçoens retratavam uma dôr contínua, uma resignação angelica e uma alma da mais celestial pureza. Os olhos já meio vendados pela morte ainda vinham fitos no amigo, como fazendo-lhe a mesma pergunta de ha pouco.

Paulo deitou o moribundo sobre a sua propria cama.

— Perdão! perdão, meu João, meu irmão querido! — gritava o pobre moço, sem poder tirar os olhos do rosto do amigo.

João fez um esforço sublime de amor, levou a mão á do *montanhez*, e apertou-lh'a; depois accrescentou em voz troncada pela morte:

— Paulo, eu vinha dizer-te... que Maria... foi agora arrastada para... o palacio da Lage, por...

E uma dôr vivissima fez-lhe torcer todo o corpo; ao estorcer-se cahiu dos braços do amigo sobre as pelles que a este serviam de cama, e ficou desmaiado.

Ao ouvir as palavras do moribundo, Paulo soltou um grito violento e agudo como o rugido de um tigre. Levantou-se de um pulo, e, lançando-se pela porta fóra, desappareceu n'um momento.

Manoel approximou-se então do moribundo. O sangue, que lhe sahia do peito, já alagava a cama, e corria pela terra. Ao tempo que Manoel se dobrou sobre elle a vêr se já estava morto, João sentou-se de um salto no ultimo relampejar da vida. Apoiando-se então sobre as mãos, exclamou:

— Paulo, não me lamentes; devia morrer assim.

Depois estendendo os braços para a frente, continuou no mesmo delirio:

— Thereza... Thereza... meu irmão... perdoae-me; amava-vos mais que a mim mesmo. Foi uma traição....

Depois, passando as mãos ensanguentadas pelo rosto, como quem queria avivar as ideias, rodeou os olhos pela casa, e deu com Manoel. Um grito de espanto sahiu-lhe então dos labios.

— Manoel! Tu aqui... tu aqui, malvado! E' a justiça de Deus... ella me vingará!

E cahiu morto.

Durante toda esta scena, Manoel conservára-se sempre impassivel; nem mesmo o medonho da pallidez ensanguentada do moribundo fizera n'elle o mais piqueno abalo. Vendo cahir João morto, curvou-se um pouco sobre elle, e depois rosnou em voz baixa:

— D'este estou eu livre. Mas Paulo?... — continuou mais alto — Não vá o diabo fazer-me necessario por lá. Toca a andar.

E, tomando de cima da pedra o chapéu, sahiu, assobiando certa modinha da terra.

CAPITULO III.

I.

A minha historia desvia-se agora dos quadros grandiosos da natureza virgem das serras, do seu ar livre e inspirador, para vir labutar por um pouco nos costumes devassos e estudados da sociedade, e amesquinhar-se abafada no luxo faustuoso da civilisação das cidades. Em logar do aspecto grandioso das montanhas, do seu ar desembaraçado e livre; em vez de contemplardes caracteres virgens, mas nobres e generosos, vou levar-vos por entre saloens brilhantes de luxo requintado, vou fazer-vos respirar o perfume vertiginoso do pat-chouly e da agua de Colonia, vou, n'uma palavra, fazer-vos tratar com os homens, que a sociedade acceita como muito queridos, mas em quem, á primeira face, reconhecereis o estrago precoce do corpo e o aniquilamento total dos instinctos mais nobres do coração.

A pouca distancia de Vizeu ha um palacio, cuja apparencia magestosa indica as riquezas colossaes de seu dono. Sobre a porta um brazão aberto n'uma pedra lavrada e bem polida annuncia-vos que, ao entrar n'essa casa, tendes de abdicar da vossa dignidade de homem; tendes, se não possuís um outro egual, de curvar a ca-

beça com respeitosa adoração ante um homem como vós, ante um *santo*, cuja canonisação é comprovada por um pergaminho denegrido pelo correr dos seculos. O proprietario d'esse palacio pertence a essa raça cahotica de grandes serviços e de grande ociosidade, em que tanto abundam todas as nossas provincias; — é, n'uma palavra, um d'esses mandrioens emproados, que, julgando-se não sei com que jus superiores aos seus concidadãos, gritam lá do alto da sua prosapia ociosa — «Respeitem-me que sou *fidalgo*.»

Se não tendes, porém, o senso commum de reconhecer com um sorriso de compaixão esta pretenção caricata; se sois d'aquelles que vos acanhaes ante estas *canonisaçoens* ridiculas, nada receeis aqui; podeis entrar desaffrontados. O proprietario d'este palacio pertence, é verdade, a essa raça inqualificavel; mas olhae para esse brazão denegrido e deitado ao desleixo, e vereis que elle é um d'esses que reconhece tanto como vós a ridicula opinião que seus avós faziam de si — que, filho da geração de hoje, tanto como vós professa que a verdadeira nobreza não se apoia n'um pergaminho gasto pelo tempo. mas nos feitos generosos praticados em prol da sociedade, Se esse brazão ainda existe, não é senão como a prova do direito que tem de escarnecer das insensatas pretençoens d'aquelles, que não teem remedio senão reconhecêl-o egual.

Aos dois lados da ampla fachada do palacio ha duas torres, das quaes parte em todo o comprimento d'ellas uma formosa varanda de pedra lavrada, á qual está sujeito um panorama formoso e vastissimo. Por dentro das vidraças pendem persianas verdes, algumas meias corridas, deixando vêr saloens primorosamente adornados. Os criados fervem por todas as partes, os cavallos sahem,

e entram conduzidos por lacaios de ricas librés — n'uma palavra, a agitação contínua que n'essa habitação ha sempre, os innumeraveis criados, que o dono d'ella sustenta, affiguram-n'a uma cidade em ponto piqueno.

Esta casa é chamada o palacio da Lage, e seu dono, já o sabeis, chama-se Henrique de Lencastre.

Antes de descrever a scena que ahi se está passando, á hora em que vos fallo, dir-vos-hei alguma coisa d'elle.

II.

Henrique de Lencastre é filho de um d'esses antigos proprietarios da provincia, perdulario por indole, mas economico por estudo, para quem consistia toda a felicidade na conservação do systema absoluto, em ter boa mesa e bons cavallos e em chamar a todos os fidalgos *primos*. A sua intelligencia foi sempre problematica para todos aquelles que não honrava com o sobredito titulo; mas por estes era reputado homem de genio e intelligencia superior. Não decido entre elles; o que é certo é que a livraria da casa, quando elle morreu, encerrava entre muitos canonistas e juristas latinos, cobertos de pó secular, um exemplar da *Nobliarchia do conde D. Pedro*, a *Origem da nobreza de Portugal de Vera*, o *Thesoiro dos prudentes*, e trinta manuscriptos in-folio, que nada mais ensinavam, que a ascendencia nominal de todos os fidalgos de Portugal.

Braz de Lencastre morreu de uma indigestão de orelheira com feijão — indigestão unica e excepcional em toda a sua vida litteralmente gastronomica, e produzida agora pela nova que depois de um succulento jantar lhe foi dada — que seu filho casára com a filha de um retrozeiro de Lisboa!

Morto Braz, o *gastronomo*, Henrique seu filho, succedeu-lhe no immenso morgado.

Henrique era um homem inteiramente dissimilhante ao pae. A sua intelligencia era vasta, a sua imaginação vivissima, e o seu caracter, bastante sarcastico, fazia-o misturar-se com o povo, e escarnecer mesmo na cara do pae de muitos primos idiotas e primas tôlas, que a fecunda imaginação heraldica d'aquelle fazia surgir diante d'elle. Tinha uma alma nobre e generosa; e o caracter era o de um perfeito cavalheiro. Mandado por seu pae para a universidade, reconheceu dentro em breve que as cartas de bacharel nada mais eram que um documento para ter direito a um modo de vida. Como era rico, entendeu, que, pois não colhia outro fructo, de nada aquelles papeis lhe serviam. Abandonou portanto Coimbra, e foi para Lisboa; o pae zangou-se, berrou, praguejou, mas finalmente, como Henrique declarou formalmente que não voltava a casa sem ir viajar dois annos, elle, em attenção á fradesca quietação do seu espirito e demais a ter só aquelle filho, estabeleceu-lhe uma mesada, e deixou-o ir. Mas Henrique tinha já mudado de opinião, quiz ficar em Lisboa — e ficou, contra a vontade do pae que reagiu ao principio, mas cedeu depois. Um anno tinha apenas passado, e já Henrique annunciava ao pae que embarcava para as suas viagens: — e partiu, deixando em Lisboa a recordação de um grande extravagante.

Henrique tinha dezoito annos quando embarcou; quando voltou tinha vinte e quatro. Havia corrido toda a Europa. O primeiro logar onde se dirigiu foi a Paris; nos primeiros seis mezes que ahi viveu, a sua vida foi quasi enigmatica. Algumas poesias, mandadas publicar por elle em Portugal, deixavam vêr sómente que a passava em dôces illusoens de amor e em todos os senti-

mentos mais puros do coração. Mas passados estes primeiros seis mezes, mudou inteiramente. Ainda viveu por mais um anno em Paris, depois continuou a sua viagem deixando após de si a fama de homem de extraordinaria coragem, mas de uma leviandade e de uma devassidão pouco vulgar.

Passados esses seis annos, Henrique voltou á casa paterna — mas dois mezes depois tornou a fugir d'ella, horrorisado de tanto primo tôlo, de tanto presunto e de tanta grosseria de que o illustre Braz vivia cercado. Foi para Lisboa, onde viveu vida inteiramente isolada e comsigo. Um anno depois Braz de Lencastre recebia a noticia do casamento do filho com a filha de um retrozeiro, e a morte conseguiu atravessar a espêssa capa de tecido adiposo que lhe cobria os ossos, e chegou-lhe ao coração. Braz, o *gastronomo*, morreu como já disse, de uma indigestão de nobre raiva e de succulenta orelheira.

Henrique sentiu a morte do pae em extremo; mas senhor do seu colossal morgado começou a viver em Lisboa vida de luxo e de grandezas. Os seus saloens estavam sempre abertos; os bailes e os jantares eram quasi contínuos. Henrique era verdadeiramente feliz; possuia uma mulher formosa que amava com extremos, e via-se querido de todos os parasitas dos ricos, que o rodeavam, e festejavam.

Mas apenas se tinham passado oito mezes, e a alegria feliz, que se desenhava no rosto de Henrique, mudou-se para um ar taciturno e sombrio. Pouco tempo depois vendeu toda a sua mobilia, e embarcou com a mulher para uma longa viagem.

Na hora em que vol-o apresento, leitores, apenas ha ainda anno e meio que veio de uma viagem de oito an-

nos pela India e pela America. Quando chegou, apenas se demorou seis dias em Lisboa; partiu logo para a sua casa de Vizeu. Chegou viuvo; a mulher morreu-lhe na India: — o caracter tornou-se-lhe sombrio e virulento, e o cynismo da vida revoltante e asqueroso.

III.

Tal é Henrique de Lencastre.

Atravessae pois comigo estes saloens ricamente tapetados e alumiados por mil lumes scintillantes, e dirigivos a esta sala, d'onde partem vozes confusas e gritos estrepitosos.

Abri a porta e olhae.

E' um jantar. Em roda da mesa coberta de crystaes, de porcellanas e de viandas apuradas, e alumiada pela luz de riquissimos candieiros, estão dez ou doze rapazes.

Nada mais bello do que estes jantares; nada mais feliz do que um jantar de rapazes. A liberdade que n'elle se gosa, os mil ditos chistosos que n'elle se soltam, dão-lhe um caracter verdadeiramente ideal, dão-lhe os fóros da verdadeira felicidade. Um jantar de rapazes é a expressão sublime e verdadeiramente feliz das aspiraçoens generosas que se sentem na quadra mais vigorosa da vida, de toda essa franqueza nobre e leal que distingue no meio da sociedade essas cabeças, que ainda se não entorpeceram com a realidade experiente dos annos. As risadas são verdadeiramente francas e do coração, os ditos são leaes e sem reserva, e o enthusiasmo verdadeiro e instinctivo.

E' pois um jantar de rapazes — um jantar dado por um rapaz millionario a rapazes folgazoens e alegres. E',

n'uma palavra, um jantar dado por Henrique de Lencastre a alguns amigos dos arredores.

Elle lá está na cabeceira da mesa — todos os convivas o elegeram unanimemente *presidente* d'ella.

Tem vestido um amplo chambre de velludo preto e na cabeça um piqueno boné grego da mesma fazenda. As feiçoens são o typo das intelligencias superiores. A fronte é alta e espaçosa, os olhos vivos e cheios de energia. O todo é a mais perfeita expressão da belleza varonil. Por debaixo do piqueno boné fogem-lhe, lançados um pouco para traz, os cabellos castanho-escuros, naturalmente annelados; sobre a bôca piquena e bem talhada desenha-se-lhe um bem povoado bigode da mesma côr. E' pallido — de pallidez que em outro tempo deveria ter feito realçar a nobre belleza do seu rosto; mas que ao presente indica tambem os resultados de uma vida estragada. Os olhos que d'antes fulgiam de um brilho todo expressivo de aspiraçoens generosas, reluzem agora com a luz de uma alegria sombria — a leve encrespação sarcastica que de contínuo lhe confrange os labios, as maneiras desleixadas e quasi estudadamente fleugmaticas attestam bem claramente a cynica indifferença, de que o accusam vulgarmente.

IV.

São perto das nove da noite. O jantar chegára áquelle ponto, em que é mais brilhante e animado — os brindes.

— Meus senhores, proponho um brinde; — exclamou, pondo-se de pé um moço, cujos olhos pretos cheios de fogo indicavam uma natureza enthusiastica. — Como sabem, sou avesso a tudo que são costumeiras, embirro

com tudo que é velho; mas n'esta occasião serei avesso a mim mesmo, vou fazer o contrario do que sinto, e do que uso. Proponho o primeiro brinde, e peço que seja ao nosso *presidente*. Estes brindes são velhos, e em toda a parte se faz isto. Embora, porém; perdôe-se ao brinde o çurrado do uso geral, porque recáe d'esta vez em favor de um amigo. Bebamos á felicidade de Henrique.

Um viva enthusiastico e unanime correu por muitas vezes e com estrondosos applausos toda a mesa.

Henrique pôz-se de pé; o rosto exprimiu-lhe por um momento o reflexo de uma ideia medonhamente sómbria, mas no estado em que os convivas estavam e momentanea como foi a expressão, nem por ella deram sequer.

— O teu brinde, meu caro Luiz — disse elle, já com o mesmo sorriso de sarcasmo nos labios, mas agora mais pronunciado — era na bôca de outro um insulto. A felicidade da vida consiste principalmente aqui — disse elle, batendo com a mão na mesa — nos prazeres do estomago. Um brinde feito agora á minha felicidade, é um brinde á minha mesa. Acceito-o assim mesmo; mas exprimindo-o como se deve — bebo aos prazeres da mesa.

E Henrique despejou o copo de um trago.

— Apoiado! apoiado! Aos prazeres da mesa — gritaram todos.

— A palavra, a palavra, senhores — gritava Luiz de Mello, o que ha pouco fizera o brinde, entre os gritos dos seus companheiros.

— Dê-se-lhe a palavra.

— Aos prazeres da mesa.

— A' gastronomia.

— A' unica felicidade possivel na vida.

— Tem a palavra Luiz de Mello.

E no meio de toda esta vozeria infernal os copos esvasiavam-se doidamente uns após outros. Por fim Luiz de Mello pôde conseguir que o ouvissem.

— Senhores — disse elle — acceito a emenda de Henrique; mas nem por isso deixo de instar que o brinde seja feito a elle. Aos prazeres da mesa — disse elle — aos prazeres materiaes; pois bem, a Henrique, ao esplendido representante de todos os prazeres materiaes.

Henrique sorriu-se com uma verdadeira expressão de alegria selvagem. Abaixou a cabeça, e bebeu. Esta saude porém não foi tão estrepitosa como a outra. Esses rapazes, estragados quasi physicamente pelos usos sociaes, ainda não estavam sufficientemente embotados de coração, para que n'elles o instincto não reagisse contra esse brinde tão rescendente de um cynismo, que era o contraste das nobres aspiraçoens da idade, que o geral d'elles tinha.

Quasi no fim da mesa estava sentado um moço, cuja idade parecia já ir além dos trinta annos. Era o unico que estava sem collête e sem gravata; commodamente estendido pela cadeira, não se movêra, nem se levantára a nenhum dos brindes feitos até aqui. Nenhum enthusiasmo havia n'aquella alma; mesmo as palavras com que fizera côro aos outros eram surdas e soltadas de espaço a espaço. No rosto bronzeado nem sequer lhe apparecia um vislumbre que correspondesse á enthusiastica alegria dos outros. Com o copo sempre cheio diante de si, um charuto na bôca e as palpebras meio cerradas, parecia um oriental, placidamente egoista nas sensaçoens, isolado nos prazeres no meio do tumultuar estrepitoso do mundo.

Ao ouvir o ultimo brinde, mexeu-se na cadeira, e endireitou-se; depois, pondo-se de pé, encheu o copo e

*

com um sorriso desleixado nos labios, voltou-se para Henrique, e disse-lhe:

— Henrique, ao mais cynico de nós dois.

Um sorriso de sarcasmo ironico passou nos labios de Henrique.

— Bebo — disse elle, e esvasiou o copo.

Uma gargalhada estrepitosa e geral foi a consequencia d'este brinde, que foi tambem acompanhado de muito vinho e de muitos applausos.

V.

Mais de trinta saudes, cada qual mais cynica, se haviam já feito. Todas as cabeças estavam desorientadas. O mesmo Henrique estava mais pallido que de costume, e o seu indolente brindador deitava com mais frequencia vinho no copo. Este em fim levantou-se de novo.

— Todos teem feito saudes — disse elle — e ainda ninguem tocou n'aquella que é mais essencial e justa. Eu estive na India ao serviço da companhia ingleza. Um dia que atravessavamos um extenso palmar, um tigre arremessou-se do centro d'elle sobre um preto que ia a alguma distancia de nós, e n'um momento desappareceu arrastando-o. Batemos o palmar, mas não o podémos achar. Meia hora depois, quando já continuavamos o nosso caminho, vimos atravessar o tigre n'um alto com as fauces ensanguentadas, rugindo e aos saltos: — « Que é aquillo? » — disse eu para um maharatta que ia a meu lado. — « O tigre festeja a causa da sua alegria — respondeu-me elle — a féra saúda o sangue que bebeu. » — Senhores, o tigre saúda o sangue, que lhe deu alegria, saudemos nós tambem a causa da nossa unica felicidade no mundo. Ao vinho.

Seguiu-se um brinde estrepitoso. Ao soltar as ultimas palavras, o moço tinha fitado os olhos em Henrique com a mesma expressão de ironia, com que ha pouco correspondêra ao seu brinde.

Depois de passar o enthusiasmo que elle causára, Henrique levantou-se.

— Vou propôr um novo brinde — disse elle — Eu tambem estive na India. Um dia n'uma das caçadas de tigres a que assisti, encontramos um que, acossado, se encaminhava em direcção a nós. Um moço europeu que ia comnosco, pôz a clavina á cara, e desfechou. A bala bateu no meio da cabeça da féra, que cambaleou, e cahiu. O europeu desmontou rapidamente, e, arremessando-se para junto do tigre que ainda se estorcia, arrancou o punhal, e cravou-lh'o junto do coração. O sangue começou a correr; então elle, abaixando-se, pôz-se a beber n'elle. — «Porque bebeis?» — perguntaram-lhe alguns. — «O tigre bebe o sangue do homem — respondeu elle — porque não ha-de o homem beber o sangue do tigre?» — Senhores, qual de nós é que deixou de ser victima das aspiraçoens generosas, que com elle surgiram do nada? — Qual de nós deixou de soffrer, por se entregar na virgindade do seu coração, á crença de vêr realisadas todas essas formosas aspiraçoens? A sociedade, abusando d'ellas, dá-nos direito a d'ellas tambem abusarmos, depois de as perdermos. Ao amor, senhores, a todos os sentimentos do coração, como o mobil dos nossos prazeres materiaes e da nossa vingança.

E Henrique fitou tambem ironicamente os olhos no bebedor indolente, que correspondeu ao brinde com um sorriso e despejando o copo.

VI.

Este brinde não teve comtudo o successo que se devia esperar; um dos convivas até deixou ficar o copo em cima da mesa, e não bebeu.

Era um moço ainda imberbe, de cabellos loiros e olhos azues. Tinha no rosto retratada a mais angelica e a mais poetica expressão do sentimento.

— Henrique — disse elle sêccamente — permitte-me que faça um brinde contrario ao teu. Somos differentes em opinioens; a tua blasfemia não deve passar por mim sem resposta. O amor não é mobil dos prazeres da materia; é um sacrilegio imperdoavel o fazer d'elle meio de nos vingarmos dos caprichos do destino. O amor é a mais pura expressão de Deus; o amor é o ideal sublime da felicidade do céu. Quem o sente, eleva-se superior aos outros, como a aguia, que paira no espaço, se eleva superior ao reptil que se arrasta pela terra. A mulher não é o objecto estupido dos nossos caprichos brutaes. Fazêl-a soffrer, é covardia. A mulher é o anjo enviado por Deus para nos divinisar a existencia — é o anjo que Deus pôz a nosso lado para nos suavisar o desterro, em que andamos na terra, até que de novo nos vamos reunir com ella no céu, a verdadeira patria do espirito. O meu brinde é um sacrilegio aqui — mas na face do teu é como um protesto a elle. Bebo ao amor; brindo á mulher, a mais sublime expressão de tudo o que ha de mais dôce e mais delicado no céu.

E com as faces imflammadas e os olhos brilhantes de enthusiasmo, o moço esvasiou o copo de um trago.

Este brinde era então intempestivo. Uma gargalhada estrondosa, apodos de toda a natureza, ditos grosseiros e obscenos foram o resultado de ser feito no meio de ho-

mens, cujas cabeças já estavam de todo perdidas. O bebedor indolente bocejou horrivelmente, e bebeu.

— Bebemos por tua causa, Fernando; bebemos a ti, meu pedacinho de amor — gritaram todos, e beberam.

Uma discussão renhidissima seguiu-se logo após de beberem. Fernando, apesar de um pouco transtornado, não perdia porém o campo.

VII.

— Fernando — disse Henrique, depois que o barulho se aquietou um pouco — vou contar-te uma historia, á qual são as da sociedade quasi todas eguaes. As tuas palavras são filhas de uma alma ainda virgem; a experiencia é quem te ha-de desvendar. Vou contar-te esta historia, não para te persuadir que é impossivel a tua crença, mas para que um dia, quando te recordares do meu brinde de ha pouco, te recordes tambem d'ella, e digas — Henrique tinha razão.

E depois de uma piquena pausa, em que as feiçoens se lhe carregaram um pouco, Henrique continuou:

—Conheci um moço, de quem fui muito amigo, que tinha todas as nobres aspiraçoens que tu tens. Para elle a sociedade era a santa realisação de todas essas aspiraçoens — era, porque elle aferia os homens que n'ella vivem pela alta esphera, em que a alma d'elle tocava. Lançado no meio d'ella, que encontrou? — devassidão. Ahi o amor é fogo momentaneo da imaginação, é expressão santificada de desejos torpes e materiaes; — a mulher é vibora que se arrasta para mais facilmente morder, é a serêa que se requebra para illaquear aquelles que, mais fortes do que ella, a podem facilmente esmagar. Seguiu pois o que a sociedade lhe ensinava; tor-

nou-se devasso. Mas Deus déra-lhe uma imaginação de poeta — não pôde por muito tempo conservar dormentes essas nobres aspiraçoens, que a cabeça lhe accendia no coração. Da alta classe, em que a sua posição o fazia viver, fugiu para aquella onde nunca vivêra — fugiu porque ainda suppunha bom o homem, mas a sociedade má. E que lhe aconteceu?

— Um dia viu uma mulher formosa como a sua idealidade — seguiu-a, e travou conhecimento com ella. Passados alguns mezes, em que suppunha têl-a verdadeiramente provada, em que ella lhe tinha dado as maiores provas de amor — disse-lhe assim:

— Julia, amo-te mais do que a minha propria felicidade. Sê franca para comigo. Tens-me até aqui dado provas de amor; mas se esse amor é filho tão sómente do desejo de prender a ti um homem que é senhor de grandes riquezas, aqui tens este papel — é a cedencia de toda a minha fortuna; mas desengana-me, sê franca. Amo-te muito; mas tenho sobre mim imperio bastante para destruir no coração esse instincto, quando tu não correspondas a elle. Toda a minha fortuna é tua — eil-a ahi tens n'esse papel; agora responde-me como a um homem pobre e desvalido — Amas-me, Julia?

— A resposta d'ella foi cahir desmaiada. Elle lançou-se aos pés d'ella, estorcendo-se de afflicção, odiando a sua vida passada — porque só a ella é que podia attribuir o ter duvidado mesmo um só momento d'essa mulher, cuja alma era tão elevada e tão nobre.

— Oito dias depois estavam casados.

— E casando com essa mulher, meu Fernando, esse homem fez sacrificios incalculaveis. Sujeitou-se ao remorso de vêr morrer seu pae de dôr de o vêr casado com uma mulher do povo; aos motejos dos seus eguaes, que

o escarneciam por ter casado com a filha de um.... com uma filha do povo.

— E queres vêr como essa mulher lhe pagou, Fernando? — continuou cada vez mais exaltado. — Escuta-me.

O indolente fitava Henrique de Lencastre com viva curiosidade.

VIII.

— Haviam passado seis mezes da mais pura felicidade. Ao anoitecer de um dia de março, o meu amigo sahia do quarto de sua mulher, depois de estar com ella nos mais ternos transportes de amor, depois de lhe ouvir soltar mil protestos ardentissimos da mais viva affeição. Ao descer para o pateo de sahida do palacio, onde vivia, uma velha confundiu-o na escuridade com outra pessoa, e disse-lhe:

— «Senhora D. Julia, aqui tem este bilhete; de manhã virei buscar a resposta.

— Aturdido com esta scena mysteriosa, e não sabendo como harmonisal-a com o comportamento de sua mulher, o meu amigo pensou um pouco, e sahiu. Entrou na primeira hospedaria que encontrou, pediu um quarto, e, fechando-se por dentro, abriu a carta, e leu-a. Essa carta era o testimunho mais claro da traição de sua mulher.

— A primeira intenção que teve foi correr a casa, e matal-a. Mas o caso divulgava-se, e o seu nome ficava inteiramente deshonrado. Dominando a raiva que o torturava, fechou a carta, e, entrando no quarto de sua mulher, elle proprio lh'a deixou, sem ella vêr, sobre o toucador. Ella fez-lhe as mesmas festas, fez-lhe os mesmos carinhos, a que elle teve a força de corresponder. No dia

seguinte de manhã, quando a velha ia a passar por um bêcco deserto que conduzia á rua, onde morava o amante de sua mulher, o meu amigo sahiu-lhe de repente, puxou de um punhal, e deitou-a morta aos pés. Depois atirou-a para dentro de umas casas arruinadas, onde não podia ser tão em breve descoberta, e levou comsigo a carta que lhe encontrou.

— A carta de Julia respondia ao amante que a esperasse n'um sitio fóra da cidade, onde isto se passava, desde as nove da noite até ás onze. Tornou a fechar esta carta, chamou um gallego, e mandou entregal-a a quem era dirigida. Depois dirigiu-se a casa.

— E nota, Fernando, que o amante era um homem a quem déra todas as provas da mais viva amizade, era um homem que recebia como irmão em sua casa.

IX.

— O meu amigo pôz todos os seus negocios em ordem, arranjou as suas malas, e á noite entrou no quarto de sua mulher.

—« Julia, chegou-me uma das minhas antigas manias. Prepára os teus vestidos, que esta noite partimos no paquete, que chegou agora.

— Julia ficou assombrada; ainda quiz reagir, mas elle foi inabalavel a tudo. Elle sahiu depois, dizendo que voltava ás nove horas.

— A essa hora estava, mas era no logar que a mulher tinha assignado para reunião ao amante. Encontrou-o já lá: ao vêl-o, o infame ficou aterrado. Elle nada lhe disse, lançou-se sobre elle, e assassinou-o.

— Depois voltou a casa, e quatro horas eram apenas passadas, e já estava com a mulher a bordo do paquete para Inglaterra.

X.

— Da Inglaterra seguiu immediatamente para a India. Passaram-se dois mezes sem que mostrasse a Julia a mais piquena differença no modo de a tratar. Esta nem já sequer se lembrava do amante.

— A vida que elle na India vivia, era a vida de caçador de féras. Um dia annunciaram-lhe que a pouca distancia da terra, onde estava, se havia descuberto o covil de uma tigre com filhos. Mandou preparar os seus criados, e no dia seguinte convidou a mulher para ir assistir a uma caçada.

— Chegados a um palmar proximo ao covil do animal, mandou parar a cavalgada, e, desmontando-se a titulo de querer ir mostrar o palmar á mulher, entranhou-se com ella por alli dentro.

— O meu amigo parou então. Tirando da algibeira as cartas que Julia escrevêra ao amante, apresentou-lh'as, e disse-lhe:

— « Conheces esta letra?

— Julia soltou um grito de terror; duas punhaladas que lhe foram direitas ao coração calaram n'ella todos os instinctos supplicantes da vida.

— Ao grito que ella soltou, a tigre arrojou-se do centro do arvoredo, e cahiu junto ao cadaver. Cheia de raiva, começou a dilaceral-o. O marido viu, cheio de prazer verdadeiramente selvagem, a féra romper as carnes da mulher que o havia atraiçoado. Mas essa mulher fôra o seu unico e verdadeiro amor — esse cadaver era tambem agora o unico meio de saciar o seu sentimento trahido. Como ousava a féra lacerar diante d'elle a mulher que elle amára? Como ousava a tigre vir com elle

partilhar de uma vingança, da qual a ninguem cedêra um só ponto?

— Uma raiva verdadeiramente ferina — continuou Henrique, erguendo-se e com as feiçoens animadas de uma ferocidade selvagem — um odio rancoroso e cego apoderou-se então d'esse homem. Soltou um grito tão pavoroso e medonho como o da propria tigre, e arremessou-se sobre ella. Travou-se entre o homem e a féra uma luta de ferocidade instinctiva: mas o homem estava affeito a lutar com os tigres, e em breve se levantou todo coberto do sangue d'ella e do seu proprio, mas deixando o animal apunhalado e morto.

Henrique calou-se um pouco.

— Fernando, eis o que é o sentimento no mundo; eis a paga das almas nobres e das aspiraçoens generosas.

E tornando a parar, fitou os olhos scintillantes n'um ponto da casa, e com as feiçoens medonhamente contrahidas e os labios ligeiramente encrespados, permaneceu assim um minuto inteiramente abstracto. Levantando-se então, sacudiu todo o corpo n'um verdadeiro espasmo nervoso, e, soltando uma gargalhada de sarcasmo inexprimivel, tornou a cahir sobre a cadeira, como homem cançado após de luta vigorosa.

— Fernando — continuou elle depois de curto espaço, e tomando o copo cheio quasi a trasbordar — esse homem era o mesmo que vi na India beber o sangue dos tigres que matava. Bebo á saude d'elle, amigo — e tambem á hora em que tu, alma virgem e nobre, has-de cahir d'esse ceu imaginario, em que vives, para vir labutar na vida material da vingança — a unica felicidade no mundo.

Paulo de Carvalho, o bebedor indolente, entre quem e Henrique parecia haver um desafio de cynismo de vida,

soltou então uma gargalhada viva e estridente de escarneo.

XI.

Um criado entrou n'este momento na sala, e dirigiu-se a Henrique. Fallou-lhe algumas palavras ao ouvido, e sahiu. Henrique levantou-se.

— Meus senhores — disse elle — tenho de retirar-me; mas dentro em poucas horas voltarei. Espero que a minha ausencia em coisa alguma perturbe a felicidade e a alegria, que n'este momento gozaes.

E assim dizendo, dirigiu-se á porta, por onde o criado tinha sahido.

— Henrique — disse o indolente Paulo, erguendo-se com o copo na mão — uma ultima saude antes de sahires. Meus senhores, bebamos á saude do homem que bebia o sangue dos tigres na India, bebamos á prosperidade de todos os desejos de Henrique de Lencastre.

Henrique abaixou a cabeça sorrindo, e sahiu.

— Forte parvo! — disse Paulo, sem dar attenção ao pasmo que em todas aquellas cabeças, já desvairadas pelo vinho, tinha causado o seu ultimo brinde. — E' boa a mania que se lhe metteu na cabeça! O que elle diz a respeito da vida é verdade; mas querer persuadir-me que o seu systema é melhor que o meu; — querer convencer-me que ha mais prazeres no trabalho de estudar e menear as paixoens dos outros a nosso capricho, do que n'esta dôce quietação em que vivo, entre vinho, mulheres e tabaco!... Boa loucura! Diz que em breve m'o ha-de provar!... Não é para as barbas d'elle. Bebamos.

E a orgia continuou como d'antes.

Sahindo da sala do jantar, Henrique atravessou alguns corredores até chegar a uma porta que abriu, e

para dentro da qual entrou. Era um quarto de dormir adornado com luxo. Um criado estava ahi com uma pequena bandeja de prata na mão, sobre a qual havia um frasco de ether. Henrique chegou-se a um lavatorio, encheu de agua a bacia, e metteu depois n'ella por differentes vezes a cabeça. Tomou então o frasco do ether, e cheirou-o a espaços. A pallidez, que lhe reinava no semblante, animou-se um pouco ; todos os effeitos do vinho estavam destruidos.

Limpou-se então, sacudiu a cabeça, e o seu comprido cabello castanho annelou-se de novo.

— Que horas são? — perguntou para o criado.

— Quasi meia noite — respondeu este.

Henrique dirigiu-se de novo á porta, e sahiu, levando comsigo o frasco do ether.

CAPITULO IV.

I.

O quarto de dormir de Henrique de Lencastre indica, pela simplicidade do luxo que o adorna, toda a elegancia do gosto do dono.

Nada ha ahi de pesado ou de desnecessario. A parede está forrada de papel branco raiado de azul; a um lado pende d'ella um rico espelho, do outro está um lavatorio. Dois sofás de velludo azul-claro estão encostados á parede quasi fronteiros um ao outro. Um painel, coberto de uma espêssa gaza preta, pende da parede sobre um d'elles. Sobre a mesa do espelho está um relogio, e junto d'elle um par de pistolas, postas ahi por acaso. Uma piquena mesa, sobre a qual estão n'uma bandeja de prata uma garrafa de aguardente e dois copos de fino crystal, está a pouca distancia do sofá, sobre que pende o painel.

Uma cama franceza, com um cortinado de sêda azul com franjas da mesma côr, está encostada com a cabeceira á parede e mais proxima da porta da entrada. A atmosphera que reina no quarto é a do mais voluptuoso aroma; a froixa luz que despede de cima de uma mesa a distancia da cama, um candieiro de crystal coberto por uma gaza branca, e o brando calor de um fogão quasi

apagado, dão ao logar toda a magia da mais deliciosa voluptuosidade.

Na hora, em que vol-o descrevo, leitores, reinava alli o mais profundo silencio. Se porém aquietasseis o som baço dos vossos proprios passos, ao caminhar sobre o tapete, sentirieis o som quasi imperceptivel de um respirar socegado, que vos pareceria o meigo ciciar da aragem ao atravessar por entre as folhas de um arbusto ao longe.

Se abrisseis, porém, o cortinado do leito, e olhasseis, para vos desenganar d'onde partia esse sonido, reconhecerieis que não estaveis só. Deitada por sobre a roupa da cama, está uma mulher mergulhada n'um somno profundo, e essa mulher, leitores, é Maria.

Oh! como estava formosa a mulher adorada de Paulo! Com a cabeça recostada na mão de uma piquenez infantil, as longas pestanas escuras unidas n'uma só franja, e a bôca piquenina entre-aberta, deixando por ella passar uma aragem imperceptivel, que lhe fazia arfar dôcemente o peito, Maria era n'esse momento o typo mais perfeito da belleza ideal, era o typo que volitára na mente de Praxiteles ao cinzelar sobre o marmore a formosa Venus de Cnidus.

Um chambre de setim verde, franjado de magnificas rendas de França, estreitava-se-lhe na cinta por um cordão de sêda da mesma côr. Aberto sobre o peito, deixava vêr uma formosa camiza, de rendas eguaes em riqueza ás que lhe franjavam o chambre, e que das mangas lhe cahiam sobre os braços. Ao lançar-se sobre a cama, o chambre encurtára-se um pouco com os movimentos, e uma porção da perna direita e o pé, de uma piquenez seductora, tinham ficado a descuberto.

Ao vêl-a tão formosa, adoral-a-íeis com todo esse

santo e enthusiastico amor que nos faz receiar tocar sequer a mulher, que amamos loucamente, com mêdo de polluir esse todo perfeito.

II.

A porta abriu-se, e Henrique de Lencastre parou no limiar.

— A que horas a trouxeram? — disse elle para fóra.

— Ás sete, senhor.

— Quem foi que lhe deu o remedio do vidro?

— Foi o José, quando a trouxe desmaiada nos braços. Desde então dorme como uma pedra. A mulher do guarda-portão vestiu-a como v ex.ª mandou.

— Retira-te.

E Henrique entrou para dentro do quarto, e fechou a porta.

Com as mãos mettidas nos bolsos do chambre, Henrique rodeou então os olhos em derredor de si. Depois encaminhou-se em direcção á cama, e abriu o cortinado.

Ao dar com os olhos na figura celestial de Maria, recuou impressionado. Por alguns minutos contemplou-a sem se mover; depois no rosto d'esse homem, em que a devassidão e o cynismo haviam traçado os mais profundos signaes, raiou o mais santo e o mais puro sentimento.

Cahindo de joelhos ao lado da cama, fitou os olhos em Maria, e contemplou-a mais de um quarto de hora sem se mover e com a mais dôce expressão de feiçoens. Levantou-se então.

— Pobre anjo! — disse elle em voz baixa — E' digna de melhor sorte.

Depois continuou a olhal-a um minuto com um sor-

riso egual ao do homem, que se despede da vida sem uma unica saudade. Moveu-se então, e dirigiu-se vagarosamente á porta. Uma ideia boa volitava-lhe de certo na mente, porque as feiçoens exprimiam-lhe a amargura d'alma, mas tambem transluziam a resignação.

Ao passar pelo candieiro, este espirrou com um piqueno estrondo. Henrique levantou a cabeça, n'este ensejo topou com a vista o painel da gaza preta. N'um momento as feiçoens retomaram a primitiva expressão de sarcasmo.

— Sempre sou bem louco! — disse elle retrocedendo — ainda estas ideias em mim!

III.

Tomou então de cima da mesa o castiçal que estava sobre ella, e accendeu-o. Depois chegou-se ao espelho, e compoz um pouco o bigode e o boné que trazia na cabeça. Pegando então de um copo de agua, que ahi estava, tirou de dentro de uma gaveta do toucador um frasco, e deitou no copo algumas gottas do liquido que havia n'elle. Depois approximou-se da cama, abriu o cortinado, e chegou o frasco do ether ao nariz de Maria.

Esta moveu-se — espreguiçou-se, depois abriu os olhos sorrindo, e logo moveu-os em derredor de si com a mais viva expressão de espanto. Henrique, com as mãos mettidas nas algibeiras, não desfitava d'ella a vista, brilhante da mais fria curiosidade.

— Henrique! — gritou ella ao dar com os olhos no moço, e lançando-se de um salto abaixo da cama.

Depois, passando as mãos pelo rosto, examinou de novo o quarto com a curiosidade de quem acorda sobre-

saltada de um sonho, até que em fim em voz baixa e como ao acaso, disse:

— Tenho sêde.

— Bebe — disse Henrique com a mais fria impassibilidade; e approximou-lhe o copo, em que ha pouco deitára o liquido do frasco, que tirára do toucador.

Maria bebeu; as feiçoens animaram-se-lhe rapidamente, os olhos brilharam-lhe cheios de fogo.

— Henrique! Henrique! Onde estou eu? — exclamou ella.

— Em minha casa — respondeu elle com a mais fria impassibilidade.

— E quem me trouxe para aqui? — gritou ella apavorada.

— A minha vontade — replicou elle.

Maria recuou espavorida. As feiçoens animaram-se-lhe cada vez mais; os labios nacararam-se-lhe como o lume. Pondo então as mãos, exclamou com a mais viva expressão da luta cruel, que dentro d'ella estava brigando a attracção magnetica que a arrastava para o amante, com o instincto do pudor e da honra:

— Henrique! Henrique!... E que queres de mim?

— Nada — respondeu elle com a mesma frieza.

Maria soltou um grito, e cahiu desmaiada sobre o pavimento da sala.

IV.

Henrique tomou Maria nos braços, e sentou-a junto de si no sofá. Depois tomou o frasco do ether, e fez-lh'o de novo cheirar. Maria voltou a si.

— Henrique, manda-me para casa de meu pae — gritou ella, pondo as mãos.

Elle levantou-se, e respondeu sempre com a mesma frieza:

— Vou chamar o criado para te levar.

Mas, quando ia a tocar a campainha, Maria lançou-lhe rapidamente a mão ao braço. Os olhos, os labios, as feiçoens, já tudo n'ella era fogo. A razão ia pouco e pouco sendo abafada pelos instinctos da carne.

— Henrique, tu não me amas? — exclamou ella, enlaçando os braços no pescoço do moço e quasi collando no d'elle o rosto incendiado e os olhos luzentes, como os de uma féra irritada.

— Não — respondeu elle fleugmaticamente e arredando-a com o braço de si.

Maria soltou um grito estridente e profundo, e enroscou o corpo franzino no corpo de Henrique.

— Escuta, Maria — continuou elle, separando-a de si. — Para te amar era preciso estar seguro do teu amor. A minha alma está embotada; para a mover já não basta a aragem ligeira com que se embala o arbusto, é mister o tufão violento que nas montanhas arranca os pinheiros. Para mim as provas do amor hão-de ser grandes, immensas — ou nenhumas. E que provas me déste do teu amor? Ao acordar junto do homem que dizes amar, logo o saúdas com o espanto, com o receio, e exigindo-lhe que se aparte de ti!

— Oh! perdão! perdão! — exclamou ella, cahindo-lhe aos pés.

Depois erguendo-se de um salto, enroscou-se toda com elle, cobrindo-lhe a face de beijos ardentissimos.

— Oh! e que bellas provas de amor! — continuou elle com a mesma fleugma de ha pouco.

— E que exiges de mim? — gritou ella. — Manda, tu és a minha vida, o meu amante, o meu senhor. Man-

da; que exiges de mim? Que provas queres do meu amor?

— Imagina-as — respondeu elle friamente.

Maria deu um salto para o meio da casa; depois com as feiçoens animadas de amor e de raiva, exclamou:

— Henrique, tu nunca foste assim para comigo. Tu não me amas; amas outra mulher.

— Amei — respondeu elle sempre no mesmo tom.

— E quem? — gritou Maria, avançando para elle com os punhos cerrados e a face incendiada.

Henrique estendeu o braço para o painel que estava sobre o sofá, arrancou a gaza, e respondeu:

— Esta.

O painel continha o retrato de uma mulher formosissima. Maria soltou um grito terrivel, e deu um salto para cima do sofá. Henrique, cujas feiçoens se haviam tornado mais repugnantes de sarcasmo, colheu-a nos braços.

— Oh! o ciume! — disse elle, soltando uma gargalhada — Maria — continuou elle — essa mulher já não vive ha nove annos; não tenhas ciumes de um morto — não sinto ao recordar-me d'ella senão desprêzo... e odio.

— Ai! tira d'ahi esse retrato — gritou ella, escondendo a face no peito d'elle.

Henrique soltou uma gargalhada de escarneo, e, erguendo-lhe com a mão a face, fitou-a com uma expressão vacillante entre o sarcasmo e o desejo brutal.

— Amo-te, Henrique — gritou ella, estorcendo-se toda collada com o corpo d'elle — amo-te, meu amante adorado, minha vida, meu senhor. Amo-te, exige de mim tudo — tudo — tudo.

— E eu tambem te amo — gritou elle, mergulhando a mão por entre a camiza e o seio da virgem.

Maria soltou um grito, e continuou a combater-se com o delirio febril que a dominava, entretanto que o cynico parecia saborear uma a uma todas as torturas d'aquella pobre creança.

V.

— Maria — gritou elle então com uma alegria selvagem — sou o teu senhor. Obedece.

E approximando com o pé a mesa que estava a alguma distancia, encheu com aguardente um dos calices.

— Bebe — disse elle.

Maria esvasiou o copo de um trago.

— Oh! agora sim — exclamou elle — bebe.

E aquelle corpo franzino estorcia-se entre a mais violenta agonia e os caprichos infames do cynico.

Maria perdêra de todo a razão.

— Oh! como te amo, Henrique — dizia ella, cobrindo de beijos o rosto e as mãos do amante — que mais provas queres do meu amor? Que me importa o mundo? — que me importa meu pae, que me importa a honra? Sou tua, sou tua e tua para sempre. E como tu és grande aos meus olhos, meu formoso senhor? Oh! malditas, malditas as horas que passei sem te conhecer! Maldito o mundo que me arredou tanto tempo de ti! Paulo! Paulo! Oh! esse é um covarde; esse não tem essa força de coração, com que me soubeste dominar! Maldito, maldito elle que tanto tempo me separou de ti.

Henrique soltou uma gargalhada medonha.

— Assim, assim, amaldiçôa-o — rugiu elle com uma alegria feroz.

E Maria n'esta scena devassa matava para sempre a felicidade da vida. Por fim succumbiu á bebida, que

Henrique lhe fizera tomar, e cahiu toda descomposta sobre o encosto do sofá, balbuciando:

— Tira d'ahi o retrato d'essa mulher.

Henrique levantou-se então.

— Eis o que é a mulher — bradou elle, soltando uma gargalhada e sacudindo ao mesmo tempo os braços, que tinha erguidos para o alto — eis o que é o amor!

VI.

Com os braços encruzados e um meio-sorriso de sarcasmo nos labios, Henrique contemplava todo attento a desgraçada victima da sua alma estragada. Um ruido estrepitoso de vozes e de gritos levantou-se então dentro da casa, approximou-se em breve ao quarto onde elle estava, e por fim sentiu-se, sempre crescendo, o alarido estrepitoso de muita gente a correr desvairada.

Henrique correu para junto da mesa onde tinha as pistolas. O ruido approximava-se cada vez mais. A porta abriu-se então de repente, e Paulo, o *montanhez*, appareceu no limiar d'ella com as feiçoens transtornadas, e o cutelo ensanguentado na mão.

Ao dar com os olhos n'aquella scena, dos labios de Paulo sahiu um grito que parecia o rugido de uma féra. Arremessou-se então a Henrique com o cutelo na mão — este tomou uma das pistolas, apontou sobre elle, e desfechou-a com a impassibilidade costumada.

A bala roçou apenas o braço esquerdo de Paulo. O *montanhez* atirou-se de um salto para junto do senhor da Lage; mas este ligeiro como o pensamento illudiu-lhe o golpe e passando por junto d'elle, empurrou-o para o lado de Maria, e desappareceu pela porta fóra.

Ao olhar o corpo entorpecido da amante, o corpo de

Paulo tremeu todo n'um violento mas rapido estertor nervoso. Contemplou-a um instante. Rapidamente o rosto illuminou-se-lhe de raiva satanica; ergueu o braço sobre ella, e por tres vezes lhe enterrou no peito o cutelo. Nem um só grito sahiu dos labios da desgraçada; mergulhada no torpôr em que as bebidas, que Henrique lhe déra, a tinham feito cahir, nem mesmo sentiu a morte.

VII.

O sangue de Maria tinha resaltado para o rosto de Paulo. Este soltou um grito horroroso e com os olhos espantados olhou em derredor de si. N'este momento uma pouca de gente armada e alguns dos convivas do jantar, em frente dos quaes vinha Paulo de Carvalho, entrou para dentro do quarto.

— Prendam-no; é aquelle — gritava Manoel Alves para os homens armados — não o deixem fugir. Olhem que além dos dois lacaios da casa matou tambem o João Nogueira.

E depois de olhar em bicos de pés por traz de um latagão que estupidamente e com algum terror olhava esta scena, continuou:

— Virgem do Rozario! — matou tambem Maria! Que malvado! Prendam-no, prendam-no.

Não ha palavras que possam retratar a expressão do rosto do *montanhez*. Com os labios semi-abertos e os dentes apertados uns contra os outros, as ventas um pouco contrahidas e os olhos medonhamente luzentes, Paulo, um pouco curvado, o cutelo apertado na mão direita e a esquerda nervosamente cerrada, parecia o tigre a medir no grupo dos caçadores aquelle sobre quem se havia de arremessar.

Depois atirou-se para elles. Paulo de Carvalho, o gigante indolente, apanhou-o nos braços nervosos. Mas o cutelo do *montanhez* ergueu-se algumas vezes sobre elle. Carvalho abriu um pouco os braços; Paulo sacudiu-se então violentamente, e o corpo do gigante foi cambaleando cahir a distancia. Arrojando-se então como uma féra sobre os demais, o *montanhez* desappareceu em breve no meio d'elles. Uma luta desigual e alguns gritos de dôr e de raiva foi o que se viu por um momento; depois todos sahiram, correndo, da sala entre os gritos de — agarrem-no, prendam-no.

Fernando e alguns outros convivas ficaram juntos do indolente Paulo. Este tentou levantar-se, mas cahiu outra vez nos braços de Fernando. O sangue corria-lhe pelos cantos da bôca, e das feridas que tinha no peito.

— Por satanaz! — disse elle, tentando pôr-se de pé — esta foi das boas. Não me torno a erguer.

Depois arrojou pela bôca uma lufada de sangue.

— E' sangue ou é vinho? — continuou elle — se é vinho, deixem-n'o correr. Morrer como um cão! — irra! — A's mãos de um saloio!... com todos os diabos! — Quero morrer bem... morrer feliz. Fernando, chega-me para junto d'aquella mulher; disseram que estava morta. Tanto melhor, eu tambem o estou. Vae-me buscar um copo de *champagne*, quero beber á saude d'aquelle cadaver. E' uma mulher... é vinho... accende-me um...

E estorcendo-se nos braços do amigo, pareceu dar o ultimo suspiro.

VIII.

N'este momento, Henrique de Lencastre entrou apressado na sala. As feiçoens luziam-lhe com um não sei que de alegria diabolica.

— Onde está Paulo! onde está Paulo? — gritava elle. E approximando-se do moribundo, ajoelhou, e gritou-lhe quasi ao ouvido:

— Paulo, tinha jurado demonstrar-te que o meu systema era melhor que o teu. Olha em redor de ti, e responde — qual é melhor, morrer estupidamente representando na farça da vida, entre vinho, mulheres e tabaco, ou ter um papel importante n'uma tragedia como esta? Qual tem mais sensaçoens? Responde, qual é o mais cynico de nós dois?

Paulo pareceu reviver a estas palavras; volveu um pouco a cabeça, e balbuciou:

— Tu.... mas com muito trabalho. Eu.... tinha.... razão.

Depois fez um esforço violento, e sentou-se; levou então a mão ao peito, e, lançando uma lufada immensa de sangue, cahiu de todo morto.

CAPITULO V.

I.

Na noite seguinte á em que tiveram logar as scenas que acabo de descrever, Paulo, de clavina a tiracolo, cutelo á cinta e o seu fiel *Arrogante* ao lado, caminhava um pouco apressado por um dos caminhos mais intrincados da serra, e já ao longe da cabana que habitava.

No momento em que este capitulo começa, descia elle do alto de um dos mais elevados cabeços por uma senda escabrosa e quasi a prumo, para um valle profundo e estreito por onde corria um ribeiro.

Ao chegar á fralda da encosta, junto ao ribeiro, *Arrogante* parou, e olhou para o montanhez: este acenou-lhe com a mão, e o animal entrou para dentro da agua, galgou para cima de uma lage que sobresahia á superficie d'ella, e de um salto appareceu na margem fronteira.

O montanhez seguiu o caminho que o cão lhe traçára. Metteu-se tambem á agua; como elle subiu tambem para cima da lage, e depois saltou d'ahi para a outra margem.

Paulo parou então um pouco, e, com os olhos fitos na corrente veloz do riacho, ficou por alguns momentos mergulhado na mais profunda abstracção. *Arrogante*, a passo lento, tinha-se cauteloso arredado um pouco do

amo; ao vêl-o, conhecia-se que o intelligente animal presentia algum perigo. A alguma distancia parou, afilou a orelha, e escutou por um pouco; depois abaixou-se, e, collando-se todo com a terra, pareceu escutar. Levantou-se, e deu mais alguns passos; depois escutou como ha pouco. Dirigindo-se então a passo cheio para o amo, roçou-se por elle, e finalmente puxou-lhe pela beira da polaina.

Paulo acordou da abstracção em que cahira, e seguido pelo seu fiel companheiro, pôz-se a caminhar por uma senda egualmente escabrosa que levava para o alto da montanha, que ficava fronteira áquella por onde descêra.

Durante um quarto de hora o silencio do logar foi apenas quebrado pelos passos de Paulo, e pelo quasi imperceptivel pisar do cão. Ao voltar porém o caminho, no topo do qual se via o espesso arvoredo, que encubria a montanha quasi do meio para cima, uma voz soou do meio da matta:

— Quem vem lá? — disse ella.

Paulo não respondeu, e continuou a caminhar.

— Quem vem lá? — tornou a perguntar.

Paulo deu a mesma resposta. Ouviu-se então um tiro. A bala passou por cima da copa do chapéu do *montanhez*. Este, sem fazer caso, continuou a andar, e em breve penetrou na matta.

A poucos passos andados, Paulo viu-se rodeado de cinco ou seis homens de má catadura, armados de cutelos, e que lhe apontaram as espingardas.

— Com um milhão de diabos! — disse o *montanhez* — são capazes de terem mêdo até das rapozas da serra. Qualquer palrear de pêga ou rastejar de coelho é bastante para lhes fazer gastar uma bala de mêdo. Levem-me ao capitão.

As palavras de Paulo tinham tal authoridade, que aquelles homens rudes abaixaram as clavinas com respeito instinctivo. O nenhum mêdo do *montanhez*, ao vêr voltadas para si seis clavinas engatilhadas, o tom de impassibilidade sevéra com que os reprehendêra, havia impressionado respeitosamente aquelles espiritos grosseiros, mas capazes de comprehenderem, mais que nenhuns outros, estes rasgos de coragem senhoril.

Voltando pois as costas, quatro d'elles puzeram-se a caminhar seguidos de Paulo.

II.

Depois de terem caminhado mais de meia hora, uma outra voz bradou:

— Quem vem lá?

— Passagem — respondeu um dos salteadores, e continuou a caminhar sem que lhe puzessem embaraço algum.

Alguns minutos depois de terem dobrado certas tortuosidades que fazia o caminho, os salteadores pararam. Diante d'elles estava aberta na montanha uma fenda de pouca largura, mas de uma tal profundidade que se lhe não avistava fundo. Então tres d'elles saltaram por cima d'ella para o outro lado; o que ficou arremessou tambem para lá a clavina, e, approximando-se á aresta do precipicio reteseu-se todo, e, hirto como tronco de pinheiro, deixou-se cahir por sobre elle para o outro lado. Agarrando-se com as mãos a uma raiz de carvalho que estava alli, cortada mesmo de proposito para isso, o *montanhez* deixou-se assim ficar com o corpo horisontal sobre o precipicio, as mãos firmadas na aresta fronteira e

os pés fincados á de cá, mas tão hirto e direito que parecia uma ponte de pedra.

— Passe sem mêdo — disse um dos montanhezes para Paulo, que mudo contemplava esta scena.

— Não é preciso — respondeu elle.

E de um salto pôz-se ao lado dos outros.

O montanhez, que se estendêra sobre o precipicio, deixou então cahir as pernas a prumo com a parede do boqueirão, trouxe os pés á altura do estomago, e de um pulo saltou para junto dos companheiros.

Os salteadores olharam Paulo com admiração. Quasi não podiam acreditar que um homem da planicie fizesse sem difficuldade alguma aquillo que muitos d'elles, costumados ás asperezas das serras, não faziam algumas vezes sem susto. Mal sabiam que esse homem estava tanto como elles affeito á vida das montanhas.

Continuaram então a andar.

— Ha algum entre vós na quadrilha — perguntou Paulo com um meio-sorriso ironico — que se sirva d'aquella passagem?

— Não — respondeu rispidamente um dos salteadores — nem mesmo para atravessarmos o Boqueirão do pego. Apenas nos servimos d'ella, quando temos alguns feridos a retirar.

III.

Por entre o arvoredo, a alguma distancia, já se via brilhar o clarão das fogueiras. Chegaram em fim á entrada da vasta clareira, onde ellas ardiam.

Trinta salteadores, uns deitados, outros a pé ou passeando ou encostados ás arvores, e outros junto do fôgo, estavam espalhados por ella. Um moço, ainda de pouca idade, estava sentado n'uma pedra junto a uma das fo-

gueiras, com a cabeça entre as mãos e os olhos fitos na chamma.

Ao entrarem os companheiros dentro da clareira, os salteadores voltaram-se todos para elles. Estes e Paulo approximaram-se do moço, que estava tão contemplativo.

Um d'elles tocou-lhe no hombro.

— Este homem encaminhou-se para nós — disse-lhe elle — e diz que te quer fallar.

O moço levantou o rosto.

— Paulo! — bradou, arremessando-se nos braços do *montanhez.*

— Francisco! — disse este, apertando contra si o mancebo.

Os dois moços ficaram por um pouco abraçados.

— Conhecem-se — diziam uns para os outros os salteadores que haviam conduzido Paulo.

— Quem é este homem? — perguntaram os que estavam na clareira.

— Que diabo sei eu d'isso? — respondeu um dos outros. — E' um homem que faz tanto caso de uma bala como qualquer cabeço da serra, que insulta vendo seis clavinas apontadas para elle, e que salta por sobre um boqueirão como qualquer cabra da montanha.

IV.

Os dois moços sahiram então dos braços um do outro.

— Onde está teu pae? — disse Paulo.

— Meu pae! — respondeu Francisco — mataram-no!

Paulo recuou alguns passos.

— Mataram-no! — repetiu elle com espanto.

Todos os salteadores attendiam com a maior curiosidade a conversa dos dois moços.

Francisco leu no rosto de Paulo a curiosidade misturada com o espanto.

— Mataram, sim — continuou elle — e mataram-no traiçoeiramente. Ante-hontem appareceu aqui um homem de mando do administrador de Cea, que mandava pedir a meu pae para lhe fallar. Queria, segundo dizia o homem, dar que trabalhar a esta gente e a meu pae um emprêgo, com que terminasse a quadrilha e com ella deixassemos de infestar a provincia. Bem sabes que meu pae veio para aqui, quando moço, por ter morto um fidalgo em Lisboa. Tinha-lhe dado uma bofetada; meu pae castigou-o com duas punhaladas. Depois viu-se obrigado a fugir; como lhe sequestraram quanto tinha, e não podia descer á planicie para buscar trabalho, juntou-se com outros perseguidos como elle, e começou a assaltar as povoaçoens para ter que comer. Mas desejava a quietação da provincia; assim, acreditando nas palavras do administrador, foi ter com elle, não consentindo que ninguem, nem eu mesmo, o acompanhasse. A' entrada de Cea, foi rodeado por doze soldados que o quizeram prender. Meu pae defendeu-se; e elles, vendo que não podiam conseguir o intento, mataram-no.

Os olhos de Paulo inflammaram-se.

— E quando é que o mataram? — disse elle serenamente.

— Ante-hontem — respondeu o moço.

— Ante-hontem?! — exclamou Paulo — E dois dias são passados sobre o cadaver de teu pae, e tu ainda o não vingaste, Francisco!

A quadrilha toda tinha-se apinhado derredor dos dois moços. Paulo com o braço estendido e as feiçoens animadas de coragem e de indignação, continuou:

— E que fazes sobre as montanhas, Francisco? Acaso

terás alma de mulher, e ficarás a olhar para a planicie só com as lagrimas nos olhos? Francisco — continuou elle — é acolá, ás portas dos assassinos de teu pae, que deves ir procurar o repoiso, que não póde gosar o homem nobre, quando lhe cuspiram no rosto, quando á vingança lhe incitaram os brios. Tens companheiros valentes e decididos; que esperas? Não ouves bradar a voz de teu pae a pedir-te que o vingues? Não sentes os estimulos do proprio brio a animar-te tambem? Francisco, não consintas que os homens da planicie tripudiem impunes sobre o cadaver de teu pae; não consintas que, olhando com escarneo os cabeços das montanhas, apontem para elles, dizendo — « Aquella é a morada de um covarde. Quando a aguia encanecida soltava a voz temerosa sobre os pincaros d'aquella serra, nós tapavamos os ouvidos, e fugiamos espavoridos. Mas um dia a aguia fiou-se da nossa palavra, e nós matamos traiçoeiramente quem face a face nem sequer ousavamos encarar. Agora!... agora descançae sem mêdo, homens da planicie; dormi sem receio de acordar perante o juizo temeroso de Deus. A aguia deixou um filho, mas esse filho... é um covarde. »

Depois voltando-se rapidamente para o rancho de salteadores, que o escutavam com os olhos inflammados e no mais religioso silencio, exclamou:

— Qual de vós receia acompanhar o vosso chefe a vingar aquelle que perdeste? Qual de vós se recusa a affrontar a morte, para que o nome de covarde não deshonre a gente da serra? — Que esse se afaste de nós, que se separe para a retaguarda. Não queremos os fracos comnosco. Os outros que se aprestem a partir; o vosso chefe assim o ordena.

E assim dizendo, Paulo tentava erguer por um braço

o moço, que o escutava com a cabeça pendida sobre o peito e no mais religioso silencio.

Ao ouvir as palavras de Paulo um rugido abafado sahiu do meio dos salteadores. Todos levantaram os cutelos no ar, e todos, a uma voz, bradaram:

— Marchemos.

V.

O moço salteador levantou-se então.

— Paulo — disse elle, encarando com firmeza o amigo — até hoje não foste nosso amigo, nem nosso inimigo. Que és hoje?

Os olhos de Paulo pareceram relampejar.

— Amigo — respondeu elle em voz solemne, mas serena.

— Tu és um homem leal — continuou Francisco — mas a morte de meu pae é um exemplo para mim. Jura-o.

Paulo approximou-se á aresta do precipicio, e, sobranceiro ao grupo immenso de serras que se lhe erguiam irregularmente aos pés, levantou os braços para o ceu, e exclamou:

— Juro-o pela alma de meu pae. De hoje ávante pertenço aos salteadores da Estrella.

Paulo tinha tirado o chapéu. Com tal solemnidade proferiu estas palavras que os outros salteadores tambem tiraram instinctivamente os seus.

Francisco arrojou-se nos braços de Paulo; por algum tempo o moço pareceu soluçar. Depois levantou a face severa e impassivel, como se nada se tivera passado.

— Amigos — disse elle, voltando-se para os salteadores — eu sou indigno de succeder ao chefe que perdeste. Sou muito moço para vos commandar; apenas posso

aspirar a ser vosso companheiro. Eis o homem digno de vos reger, é Paulo; aceitae-o por vosso capitão, e acreditae que Paulo, o *montanhez*, em nada desmerecerá o homem que perdeste. Paulo — continuou elle, voltando-se para o moço — aqui só tu governas; desde hoje sou simples soldado. Eis a insignia que me não pertence; toma-a, é tua.

Assim dizendo, o moço estendeu a mão a Paulo, e offereceu-lhe o cornetim, que trazia a tiracollo.

VI.

Paulo recuou alguns passos atraz.

— Francisco, que fazes?! — exclamou elle para o moço salteador.

— O que devo — respondeu este.

E tomando-o por um braço, levou-o a piquena distancia, e disse-lhe em voz baixa:

— Amo e sou amado — e o chefe dos salteadores da Estrella não deve amar mais que os seus soldados. Amo, ouves, Paulo? e não sei ainda quem amo. Sei que sou amado. Um dia estava em Vizeu, vi uma mulher formosa como um anjo. Era educanda de um convento; olhei-a bem fito, e os meus olhos toparam tambem da mesma fórma os d'ella. Era um amor predestinado pelo Eterno. Amamos-nos; ella provou-m'o como os anjos sabem provar o amor sincero que sentem. Mas quem é ella, Paulo? Nunca m'o quiz dizer; por capricho ou por motivo occulto faz mysterio do seu nome e da sua familia. E quem sabe se o acaso a fará ser filha do homem que assassinou meu pae? Paulo, não posso ser chefe dos salteadores da Estrella: se acontecesse o que acabo de dizer... oh! por ella sacrificaria os meus soldados, a

minha honra, e depois... matava-me. Amigo, ainda recusas aceitar o commando?

— Não — respondeu Paulo — aceito.

VII.

Francisco voltou-se de novo para os salteadores:

— Amigos — disse elle — recusaes o chefe que vos proponho?

Todos os salteadores tiraram os chapéus.

— Paulo — continuou o moço, tirando do seio um relicario, d'onde pendia uma cruz — jura-me sobre esta cruz que serás o defensor dos homens, que entrego á tua coragem.

Paulo, ajoelhando, exclamou:

— Juro-o por Deus, juro-o pela minha honra.

Francisco lançou-lhe então ao pescoço o cornetim de que se despojára. Os salteadores soltaram vivas estrepitosos.

— Viva Paulo! Viva o nosso capitão! — gritavam elles, olhando com orgulho o novo chefe que tinham.

— Paulo — disse então Francisco em meia-voz — não te esqueças de vingar o sangue de meu pae.

Paulo levantou-se então, direito e nobre como um genio soberano.

— Nada receies — disse elle — juro-t'o pela minha alma; com a minha vingança irá a tua de envolta.

Approximando-se então á borda do precipicio, d'onde aos primeiros arreboes do dia avistavam-se ao longe algumas campinas dos arredores de Vizeu, exclamou, estendendo o braço para ellas e com os olhos animados d'uma alegria feroz:

— Homens da planicie, tremei — sou o chefe dos salteadores da Estrella.

CAPITULO VI.

I.

Apraz-me fazer andar o leitor aos saltos. Obriguei-o primeiro a mandrionar pelas fraldas da Estrella, logo o fiz saltar para Vizeu, encarapitei-o depois nos pincaros da serra, e agora, quer queira, quer não, ha-de comigo dar um novo salto, e, que monstruoso salto! dos altos cabeços da montanha para a planicie, para Cea, villa situada nas abas da Estrella.

Poupo-lhe a descripção de Cea. Cea é uma d'essas povoaçoens que não merecem descripção; uma d'essas aldeolas estreitas e immundas, que com o pomposo nome de *villa* se encontram a cada passo encravadas em todas as nossas provincias, e especialmente com mais frequencia na provincia da Beira.

Nos arredores, pois, de Cea ha uma casa quadrilonga, achatada e de aspecto secular; é a ella que vou agora levar o leitor. Sobre a porta principal ha tambem um padrão d'armas; não é mister uma vista muito apurada, nem um muito vasto conhecimento heraldico, para reconhecer que essas armas são as mesmas, ou com piquena differença as mesmas, que, sujas e abandonadas, se vêem a cavalleiro da porta principal do sumptuoso palacio de Henrique de Lencastre. Ha porém uma piquena differen-

ça entre ellas; quanto as de Henrique estão maltratadas e immundas, tanto estas estão limpas e bem esfregadas.

Essa casa pertence tambem a Henrique; é uma das propriedades que constituem o seu immenso morgado — propriedade muito estimada e muito venerada pelo defunto Braz por ter sido o solar primitivo da sua familia. Contava elle, cheio de uma nobre e heroica vaidade, que um seu avô, do tempo das cruzadas, a tinha edificado com bom numero de *peças* e *cruzados novos*, que, á força da sua valente espada, havia extorquido ao proprio bolsinho dos sarracenos. E tão crente estava aquelle santo e illustre Braz n'esta crença, que lhe tinha sido legada por não sei se dois ou tres ultimos eruditos avós, que, tendo-lhe um dia um amigo seu feito a reflexão que a architectura da casa repugnava com a tradição, e que os sarracenos não usavam *peças* nem *cruzados novos*, Braz teimou com as razoens mais *sólidas*, que pôde arranjar, mas como não podésse destruir os argumentos que o outro lhe apresentava, e elle proprio ficasse um pouco abalado, tanta impressão lhe fez aquella semi-desillusão nos cascos, tanto puxou pelo bestunto a noite que áquella disputa se seguiu, que no dia seguinte aquella nobre cabeça foi victima de uma congestão cerebral. No seu delirio Braz não via senão casas, cavalleiros, armas, moiros e moiras a entregarem *peças* e *cruzados novos* a muitos dos seus nobres avós, que com immensa satisfação do doente o reconheciam, e lhe diziam adeus. Mas por cima de tudo isto e a cavallo no quadro, em que, por um d'esses caprichos de uma imaginação febricitante, se transformava a nobre caniçalha passada da sua provecta raça — a cavallo digo n'esse quadro via, cheio d'afflicção e de espanto, aquelle amigo cruel, escarranchado e com a bôca escancarada n'uma gargalhada de escarneo, pas-

sando de quando em quando por sobre aquelle illustre painel uma vassoira de palha, fétida e immunda. Braz sarou, e d'este horrivel naufragio surgiu á praia cada vez mais aferrado á sua crença. A tradição ficou salva. No dia seguinte áquelle em que deu o primeiro passeio, Braz escreveu ao seu amigo uma carta, em que lhe intimava que ou não voltasse a sua casa, ou não tornasse a fallar-lhe — sem respeito ou com elle — d'aquella secular e racional base da sua reconhecida nobreza. O amigo, que gostava de o desfructar, cedeu.

II.

Na casa, pois, cuja edificação tradicional esteve, como disse, para dar cabo da preciosa existencia do illustre Braz de Lencastre, viviam na época, em que eu e o leitor vamos entrar n'ella, duas tias de Henrique, irmãs de sua mãe.

Eram duas senhoras entre os quarenta e cinco e os cincoenta annos; economicas a tocar na miseria, beatas a metter mêdo, grandes eruditas em sciencia heraldica e sobre tudo aferradas como sanguesugas ao systema absoluto. Como tantos outros systematicos d'esta especie, não só fêmeas, mas varoens, se lhe perguntassem a razão de tão aferrada opinião, não a saberiam dar.

Viviam a cargo de Henrique de Lencastre, que herdára estas santas e beatissimas tias juntas com o morgado da mãe. D'elle faziam um dos mais *preciosos* encargos pela razão bem simples de serem filhas segundas. A mãe de Henrique era a irmã mais velha, e, por não haver irmãos, successora no vinculo. Pelo seu casamento com Braz de Lencastre, este vinculo encorporou-se no da Lage, e como estas duas senhoras se tinham resignado a entrar na respeitavel *lista civil* das tias — 1.º porque

eram pobres — 2.º porque eram feias — 3.º e esta era a razão mais forte — a unica para ellas — por não haverem mais Brazes illustres que as merecessem, o cunhado viu-se na necessidade de as tomar para junto de si, onde se conservaram até á morte d'elle.

Depois da morte de Braz, e logo que Henrique se veio estabelecer na Lage, tiveram de desalojar, e irem viver, a distancia, na casa de que fallamos, porque Henrique teve a barbaridade de reputar a presença d'aquellas duas *estimaveis* senhoras impropria e incompativel com a vida que desde logo tencionou levar.

III.

Mas não eram só as tias de Henrique que habitavam esta casa; n'ella vivia tambem um terceiro personagem, que me parece que terá grande parte na representação d'este drama que escrevo, e com quem por todas as razoens devo fazer relacionar as leitoras e muito mais os leitores. Já vêem que não póde deixar de ser uma mulher — e uma mulher nova, linda, um typo de perfeição ideal.

Sei, e muito bem conheço, e até o meu instincto de romancista m'o adverte, que devia fazer começar aqui o dialogo, a acção. Depois faria a descripção que não só seria muito mais agradavel, mas até muito mais artistica, pois metter as descripçoens no meio dos dialogos é sempre o melhor meio de conjurar os que embirram com a grave e massadora extensão, que o pobre romancista, sujeito como qualquer outro a desvarios de espirito e de não sei que mais, se vê obrigado a dar-lhes. Mas estou hoje com uma diabolica mania biographica, e não posso deixar de continuar a traçar a de todos os ramos d'esta nobre familia.

Georgina de Lencastre — chama-se Georgina, a menina de que vou fallar; nome formoso e ella a unica pessoa que na Beira talvez tenha um nome bonito — Georgina de Lencastre é irmã de Henrique. Por isto não arregalem os olhos, e não gritem que caio em contradicção, pois que ainda ha bem pouco disse que Henrique era filho unico. Póde-se muito bem ser filho unico, e ter-se irmãos. Quantos dos meus leitores supporão que o são, e apesar d'isso andem por ahi por essas ruas alguns galopins aos saltos que tenham o direito de reclamar d'elles todos os bons officios da fraternidade? — Se me não entenderam vou ser mais explicito. Georgina era filha bastarda de Braz de Lencastre. Ora este direito a ser chamada irmã de Henrique póde muito bem fazer acreditar alguma porção de leitores, que embico em nova contradicção. E' o caso; disse eu acima — Georgina é uma mulher nova — Mas dirão alguns leitores — Henrique tem pelo menos trinta e quatro annos; Georgina por conseguinte deve pelo menos passar muito dos vinte e seis — ora uma mulher que passa dos vinte e seis annos não é nova. — Se o permittem, discordo d'esta opinião — sei que é seguida por alguns economistas saloios que, attendendo ao grande numero de mulheres, querem fazer retirar do campo da discussão o maior numero que possam; e para isso estabeleceram este malaventurado principio. Sou de differente opinião e chamo malaventurado a este principio não sem razão: — 1.° porque dá causa a que nunca um homem saiba a idade da sua propria mulher, pelo grande empenho que ellas teem em a diminuir — 2.° porque é grave perigo e grave falta de juizo prudencial o chamar idosa a uma senhora senão depois dos sessenta annos.

Mas isto nada se entende com Georgina — Georgina

tem apenas dezenove annos, e esta desproporção entre ella e Henrique foi filha da leviandade de Braz. Georgina é fructo de uma veleidade amorosa da idade madura de Braz, o *gastronomo*.

IV.

Atravessai esta sala, cujas paredes forradas de velho panno de Arras e as grandes cadeiras de coiro acolxoado com sua cravação de latão amarello attestam a antiguidade da casa. Atravessai ainda mais esta, quasi da mesma fórma adornada e só mais com um alto e magnifico espelho de Veneza, cuja guarnição recortada lhe marca o nascimento pelos meados do seculo XVII; e depois por este corredor escuro — apenas alumiado por uma claraboia quadrada, cujos vidros sujos e cobertos de têas de aranha mal deixam penetrar a luz, — entrai para dentro d'esta sala, cuja elegancia e cuja riqueza vos farão imaginar que estaes em algum palacio de fadas.

E' a sala de trabalho de Georgina.

Georgina é a unica affeição que resistiu á vida cynica e tempestuosa de Henrique; mas por essa razão tanto mais forte, tanto mais profunda. Henrique concentrou na irmã todos os sentimentos, que a sua alma de poeta tinha em tão alto gráu para espalhar pelos tão differentes motores d'elle. Amava-a como uma filha, como uma irmã, como uma amante; concentrava até n'ella a amizade, com que nos ligamos a um amigo. Diante d'ella Henrique parecia outro. O seu continuo sorriso sarcastico desvanecia-se completamente, fundindo-se na mais poetica expressão de dôce felicidade. Se não fosse o pallido e o cavado das feiçoens, que as orgias e a vida sensual lhe estamparam na fronte, junto de Georgina, Henrique passaria, para quem o não conhecesse, por um homem

cujo coração era virgem e ainda cheio das mais dôces e das mais nobres aspiraçoens.

Ao menor capricho, ao menor desejo que exprimisse a irmã, Henrique correspondia logo com a maior magnificencia. Assim quando a tirou do convento, onde estivera a educar, e a entregou aos cuidados das tias, Henrique, completamente indifferente á casa onde estas habitavam, teve comtudo o mais extremo cuidado com os quartos, onde Georgina ia viver. Gastou no seu adorno tesoiros e genio. Mobilou-os para uma soberana, e na mobilação empregou todos os immensos recursos do seu genio delicado e elegante.

V.

Georgina era verdadeiramente formosa.

Vêde-a ahi sentada n'essa poltrona — desleixadamente recostada, deixando vêr por metade um dos pés piqueninos. Georgina é o typo da perfeição ideal — o corpo piqueno e franzino, talhado em todas as partes com a mais graciosa conformidade, assemelha-a a esses seres aereos, que os poetas vêem volitar nos sonhos, e que idiotas profanos não comprehendem, nem sabem avaliar. Se lhe quereis conhecer o espirito vivo e cheio de intelligencia, encarai-lhe os olhos castanhos, tão cheios de meiguice e de vida. Talvez vos digam mais alguma coisa — essa alma é uma das que soffrem caladas, é uma das que abafam em si a felicidade ou a dôr, e se a fraqueza de *mulher* lhe faz rebentar dos olhos as lagrimas, não lhe pergunteis o porquê, que não vol-o dirá. Alma cheia de candura e de amor, ha-de amar como amam os anjos, e, quando abandonada, ha-de chorar no coração, e mostrar nas faces a serenidade melancolica do ceu, quando alumiado por um luar puro e claro.

Encostado á volteriana, em que Georgina está sentada, Henrique de Lencastre, um pouco recostado e os braços encruzados, parece attender ao que a irmã lhe acabou de dizer. Com os olhos fitos em Georgina e a mais dôce felicidade reflectida n'um quasi sorriso de amor, que lhe encrespa dôcemente os labios, Henrique parece não ser o mesmo, que vimos ha pouco representar com tanto cynismo em scenas de turpitude e de horror.

VI.

— Não, querida irmã — dizia Henrique — não tornarei a sahir da nossa bella provincia. As viagens acabaram para mim; lá por fóra não ha o ceu puro da nossa terra, não ha as flôres aromaticas dos nossos jardins, nem os verdes e pittorescos meandros dos nossos ribeiros. Sim, é verdade; a Italia é um paiz similhante ao nosso; a nós meridionaes póde por um momento fazernos calar no peito a saudade da patria. Mas a mim, querida irmã!... Póde, é verdade, reproduzir-me todas as bellezas da minha terra natal, tudo é verdade lá ha, mas o que não ha, é a minha Georgina.

E Henrique inclinou a face para a fronte da irmã, e roçou-lhe por ella os labios com verdadeiro amor. Ella, por uma d'essas meiguices de que só as mulheres sabem o segredo, tomou-lhe rapidamente com as duas mãos a cabeça, e, puxando-o para si, deu-lhe um beijo na face. Henrique levantou a fronte radiante de felicidade; os olhos brilhavam-lhe com um reflexo verdadeiramente celestial, e os labios contrahiam-se-lhe com um d'esses sorrisos, que exprimem mais a ventura da alma, do que mil poemas de um homem de genio.

— Sim; não tens a tua Georgina — respondeu a lin-

da menina, fitando os olhos no irmão — sempre me dizes isso, mas nunca me queres fazer o que tanto te tenho pedido. Dizes que não sahes de Portugal por causa da tua Georgina, e não me queres levar para tua casa — continuou a linda menina, abaixando os olhos e em voz de queixume infantil. — Aqui não estou bem; antes queria estar no convento. As tias não fazem senão ralhar; dizem que sou uma preguiçosa, que não leio senão romances, que não quero rezar, e chamam-me...

Georgina parou então; as faces incendiaram-se-lhe ligeiramente. Henrique, por cujos labios tinha passado um sorriso repassado de verdadeira amargura, ao ouvir as ultimas palavras da irmã, tornou-se pallido de cólera.

— Que te chamam, Georgina? — disse elle, batendo levemente com o pé no chão.

Georgina fitou os olhos no irmão.

— Não me chamam nada — replicou ella, sorrindo-se para occultar a commoção, que sentira e circulando ao mesmo tempo o pescoço de Henrique com os braços — mas has-de levar-me em breve para tua casa, não é assim?

VII.

Henrique beijou de novo a face da irmã.

— Malditas velhas! — disse elle, dando alguns passos na casa.

Depois parou, e fitando os olhos nos d'ella, pareceu mergulhar-se pouco e pouco em intimo pensar, cujas torturas se lhe reflectiam levemente nas faces.

— Georgina — disse elle — eu não posso levar-te para viveres comigo; porque, querida irmã, na casa de um homem solteiro, não cabe um anjo como tu. Olha, Georgina, lá estarias completamente abandonada, e depois...

alguns amigos... o barulho... finalmente, meu anjo querido, pódes muito bem conhecer, que, se o não faço, é porque inteiramente o não posso.

— Não pódes? — replicou ella — não queres, diz antes assim. Mas olha, Henrique, eu faria tudo para te fazer feliz. Estaria sempre ao-pé de ti, sempre muito alegre para não te causar tristeza. Depois quando estivesses doente, estaria sempre junto ao teu leito: não sabes o que soffro, quando me dizem que estás doente, e vejo que estás sósinho. Avalio por mim; quando estou doente, não estou só, senão quando estás junto de mim. Quando te vaes embora fico tão só... tão triste... As tias...

— Malditas velhas! — repetiu Henrique — hei-de pôr freio a estas amaldiçoadas beatas.

Georgina sorriu-se com um sorriso de meiguice.

— Mas em fim — continuou ella — um dia has-de levar-me comtigo, não é assim?

Henrique já mal sabia como se havia de esquivar á influencia das caricias da irmã.

— Mas, querida Georgina — respondeu elle — bem vês, que sou homem só. Como has-de viver comigo?

— Ora! — replicou ella — e a prima Anninhas não vive com o primo Antonio que tambem é homem só? As tias dizem-me sempre, que eu podia muito bem viver comtigo, e deixal-as em paz aqui.

A esta coarctada irrespondivel, Henrique lançou-se, como unica taboa de salvação, em declamaçoens contra as velhas.

— Malditas velhas! malditas tias! Estas viboras foram vomitadas pelo inferno para me atormentarem! Bem o via eu. São ellas que...

N'este momento a porta da sala abriu-se estrepitosamente, e as tias, desgrenhadas e as toucas postas do

avêsso, entraram para dentro da sala a gritar como endemoninhadas, acompanhadas de um criado velho, e de não sei quantas criadas e garotos.

VIII.

— Que é isto? — gritou Henrique, correndo para a multidão dos espavoridos.

— Os ladroens! os ladroens! — gritaram todos á uma.

— Que ladroens? Onde estão os ladroens? — gritou elle enfurecido por tanto barulho.

— Os ladroens! — gritou uma das tias, com cara de terror, espantada de não ser comprehendida.

— Mas fallem... digam alguma coisa... Que ladroens são? — continuou elle, ameaçando a multidão com os punhos cerrados e cheio de raiva.

Mas nada mais pôde conseguir d'ellas. — «Os ladroens! os ladroens!» — e nada mais, foi o que disseram. As tias deitaram-se de joelhos, tiraram dois rozarios, e uma d'ellas não sei que cartapacio do bolso. Depois começaram a engulir antiphonas e *padre-nossos*, acompanhados de quando em quando por aquelle estribilho fatal «Os ladroens! Os ladroens!»

Um novo personagem assomou então no limiar da porta. Era Manoel Alves.

— Senhor Henrique — disse elle — é necessario fugir immediatamente. Paulo está a entrar na villa com trinta montanhezes. Hontem já tinha mandado intimar que lhe tivessem hoje prompta a ceia, pois queria vir cear aqui. Achavam tão impossivel a sua fanfarronada, que nem sequer deram parte para Vizeu. Paulo cumpriu a promessa; está entrando na villa. E' necessario fugir; bem sabe que...

— Basta! — disse Henrique imperativamente: depois voltando-se para a irmã, continuou — Querida Georgina, é necessario retirar-me immediatamente. Tu deixa-te estar com as janellas fechadas, e não tenhas mêdo: que fechem as portas da casa, e não façam bulha cá dentro.

Depois dando-lhe um beijo na testa, correu em direcção á porta.

— Oh! leva-me comtigo, Henrique; não me deixes aqui só — gritou Georgina.

— Não posso, não posso — replicou elle, já ao longe — não tenhas mêdo.

Georgina apagou rapidamente as luzes, e, correndo a uma das janellas, abriu-a, e pôz-se a escutar.

Alguns tiros dados como ao acaso e cada vez mais proximos da casa, era o que se ouvia. Logo após um cavallo, lançado á rédea solta, passou por baixo da janella. Henrique é que o montava. A piquena distancia, Georgina ouviu uma voz que bradava:

— Henrique! Henrique! — assassino! — sou eu, sou Paulo. Pára, pára.

— Paulo, meu amigo, adeus! — ouviu Georgina n'um tom de voz que não conheceu pela de Henrique, tão cheia de sarcasmo como era.

Depois uma gargalhada estrepitosa e de escarneo, e logo após a voz — «Fogo» — foi o que ouviu mais.

Alguns tiros brilharam por entre as trevas que reinavam na rua; a resposta foi uma outra gargalhada. Depois tudo se reduziu ao arruido surdo, occasionado pela occupação da villa pelos salteadores.

CAPITULO VII.

I.

Ao findar a scena, que esbocei no capitulo passado, Georgina succumbiu ás tantas e tão pungentes commoçoens por que passára durante ella. Ao retirar-se da janella, cahiu desmaiada.

As tias, que, immoveis de mêdo, não faziam senão atamancar *padre-nossos* e *magnificats*, e que nem mesmo haviam tido animo de a contrariar, como de contínuo e em tudo costumavam, quando ella apagou a luz, e abriu a janella, ao ouvirem o som da queda, soltaram um grito espavorido.

— Credo! Jesus! Anjo bento! — gritou uma d'ellas — alguma bala acertou na piquena. Georgina, menina, — «manifestou o poder do seu braço» (acudindo rapidamente ao logar da *magnificat* que a outra repetia) Mana Annicas — «destruiu os soberbos» — a piquena morreu de certo! Jesus, alguma bala perdida! E que fará aquelle estouvado de Henrique! — «cheios de altivos pensamentos em seu... « — José!... — « coração. » — Vá buscar uma luz; ande depressa. Anna, não ouves? sempre és teimosa! Olha que a piquena morreu.

— Deixa-a morrer — replicou a outra — « Depôz os poderosos, e elevou os humildes. Encheu de....

O creado entrava n'este momento na sala com um candieiro de latão na mão. Ao mesmo tempo um estampido temeroso soou da banda da porta, atravez do immenso barulho que dentro da villa andava.

— Jesus! — gritaram todos á uma. E, levantando-se deitaram a correr para fóra da sala. O creado, que de mêdo deixára cahir o candieiro, e ficára com cara d'asno a olhar as amas, vendo-as fugir, deu volta sobre os calcanhares, e partiu atraz d'ellas como um relampago.

II.

Uma algazarra infernal apoderou-se então de toda a casa: os salteadores tinham-na invadido.

Um homem assomou pouco depois á porta da sala. Olhou por um pouco para dentro, depois encaminhou-se ao candieiro, que, tombado, ardia ainda sobre o pavimento. Levantou-o. O homem era Paulo. Elevando o candieiro á altura do rosto, o *montanhez* rodeou os olhos pela sala. Viu a riqueza com que estava adornada, e em fim Georgina estendida no chão e immovel como um morto.

— Uma mulher! — exclamou elle, e, poisando o candieiro, correu para ella.

Tomou-a nos braços, e collocou-a na poltrona, onde ha pouco estivera sentada, conversando com Henrique.

Paulo fitou por um pouco aquelle rosto formoso; por um pouco ficou mergulhado em intima meditação.

— Como é formosa! — disse por fim.

E depois, como se uma recordação pungente lhe passasse pelo espirito, rolaram-lhe pelas faces duas lagrimas. De repente as feiçoens illumiram-se-lhe cheias de ferocidade.

— Mas quem será? — continuou em voz meio-aba-

fada — Uma mulher em casa de Henrique! Oh! mais alguma victima d'aquella alma infernal! Pobre infeliz!... Mas tanta riqueza para ella! tanto luxo e tantos gastos com esta mulher! Oh! se elle a amasse!... — exclamou com ferocidade.

N'este momento Georgina estremeceu, e, erguendo-se um pouco, exclamou ainda sem saber onde estava:

— Henrique, meu irmão, salva-me.

— Seu irmão! seu irmão! — gritou Paulo — Henrique tem uma irmã!

Depois tomando-lhe o braço, sacudiu-a violentamente, bradando fóra de si:

— Falla, mulher; Henrique é teu irmão?

— Oh! piedade! piedade! — exclamou a innocente menina, arrojando-se-lhe aos pés — sou irmã de Henrique de Lencastre.

— Graças ao inferno! — bradou Paulo com exaltação — a minha vingança começa. Henrique de Lencastre, principío a saldar as minhas contas: agora affronta por affronta, depois sangue por sangue. Mas acaso as saldarei eu bem? Diz-me, responde — teu irmão ama-te muito?

Georgina não respondeu; estava tranzida de mêdo.

— Ama, ama — continuou elle — para que tanto luxo, para que tantos cuidados se a não amasse? Oh! graças ao inferno, graças a ti, mulher, que me dás meios de me vingar do infame. Desgraçada de ti e vergonha sobre elle.

— Compaixão! compaixão! — gritava Georgina espavorida.

— Pedes-me compaixão, mulher — continuou Paulo, sorrindo — Se soubesses a quem a pedes! Se soubesses a divida que teu irmão me deve! Olha — continuou elle,

apontando para a janella — vês aquelle ceu tão puro e formoso, onde cada estrella parece fallar de ventura e de amor? Assim era a minha vida, assim corria a minha existencia, quando teu irmão se approximou de mim. Tudo se mudou então — tudo: hoje a ventura tornou-se desesperação pungente e eterna, o puro e claro do ceu tornou-se negrura tempestuosa. Oh! e ella era tambem mulher formosa, muito formosa: elle deshonrou-a, e eu... assassinei-a. Entendes? Diz, pois — crês que possa ter compaixão de ti? Henrique de Lencastre — continuou elle com um brado de intonação verdadeiramente feroz — a minha vingança começa.

Assim dizendo, Paulo lançou as mãos ao corpo franzino da pobre Georgina.

— Meu irmão, Francisco, salva-me — gritou a pobre menina, debatendo-se cheia de terror.

III.

Como se a voz de Georgina o evocasse da terra, o filho do antigo chefe dos salteadores da Estrella assomou á porta da sala. Ao ouvir pronunciar o seu nome, correu rapidamente para junto de Georgina. Lançou então as mãos a Paulo, e arremessou-o com força de junto da pobre menina.

— Francisco — gritou o *montanhez*, arrancando o cutelo e com os olhos a fuzilar de raiva — é a irmã de Henrique de Lencastre.

— E' a mulher que amo — respondeu da mesma fórma o moço salteador, apresentando engatilhadas ao peito de Paulo as duas pistolas que trazia no cinto.

Paulo recuou como fulminado.

— Inferno! — gritou elle, arremessando com furia o

cutelo — até tu te vens metter de permeio entre elle e a minha vingança! Maldição sobre mim, que nasci com o sestro fatal de uma infelicidade irresistivel! Maldição sobre o teu amor, Francisco, que veio entre mim e ti cavar um abysmo, que jámais poderemos ultrapassar! Só, só no mundo... só e a minha vingança! — bradou o *montanhez*, cobrindo a cara com as mãos.

Era tão pungente este ultimo grito, que as lagrimas saltaram dos olhos do moço salteador.

— Não, Paulo, só não — disse elle, apertando o *montanhez* contra o peito — não poderás dizer que estás só no mundo, senão depois de eu ter desapparecido de sobre elle. Irmão — continuou — torna a ti: esta vingança era indigna de um *homem*. Vingar-te n'uma mulher!... E que te fez a coitada?

— Uma mulher! — exclamou Paulo — e a outra tambem não era mulher e formosa? e que lhe havia ella feito a elle?

IV.

— Commandante — disse então da porta um salteador, que entrára — quatro companhias do 14, que estavam em Lourosa, avançam a passo accelerado para nós. Já estão a um quarto de legua de distancia.

Paulo recobrou todo o sangue frio.

— Que nos aprestem a cêa — respondeu elle — depois veremos o que ha a fazer. Vae, já te sigo.

O salteador sahiu.

— Adeus, Francisco — disse para o amigo — sê feliz. Depois voltando-se para Georgina continuou — Perdôe-me; n'outro tempo Paulo, o *montanhez*, não era assim.

Paulo dirigiu-se para a porta.

— Adeus, Georgina — disse Francisco, dando um

beijo na mão da amante — roga a Deus, que em breve nos torne a unir. Paulo, vamos.

O chefe dos salteadores parou: o rosto exprimia-lhe soberana authoridade.

— Não partirás — disse elle — eu t'o ordeno. E' este o ultimo momento, que pertences aos salteadores da Estrella. D'hoje ávante não pódes ser d'elles. Um salteador não tem amante; não ama senão a clavina que empunha, e o cutelo que lhe pende da cinta; não ama senão a neve dos pincaros, sobre que repoisa a cabeça, quando Deus lhe dá um momento de descanço, em que póde confiar a vida á vigia das aguias e dos lobos da montanha. Fica, e fal-a feliz: é divida que d'hoje ávante me deves — continuou elle em voz baixa — e cujo pagamento exijo de ti. Adeus, irmão; quando te quizeres lembrar do teu Paulo, fita os olhos nos cabeços d'aquella serra: eu de lá tambem os volverei sobre Cea todas as vezes que podér elevar até Deus uma oração pela tua felicidade. Adeus.

O *montanhez*, pállido como um defunto, apertou nos braços o moço; a este as lagrimas corriam pelas faces em fio. Paulo dirigiu-se então á porta.

— Paulo! — exclamou Francisco, em tom supplicante.

O *montanhez* parou; no rosto reflectia-se-lhe resolução inhabalavel.

— Não — replicou com firmeza; e dando mais alguns passos tornou a parar — Diz áquelle homem — continuou com aspecto severo — que a unica vez que não odiei o seu nome, foi quando o encontrei enlaçado com o teu.

Assim dizendo, o *montanhez* sahiu. Francisco escondeu as faces nas mãos.

— Oh! — exclamou elle por fim — quem comprehenderá aquella alma?!

— Deus — respondeu junto d'elle uma voz meiga e suave, que parecia como partida dos labios de um anjo.

Era Georgina.

V.

— Amigos, eis-me aqui — disse Paulo, apparecendo no meio dos salteadores, que alguma coisa inquietos aguardavam na piquena praça de Cea o seu commandante.

Uma ampla mesa estava posta no meio da praça, rodeada de bancos e cadeiras. Sobre ella ardiam candieiros de latão e pratos cheios de comida. Era a cêa que Paulo exigira aos habitantes da villa.

— Sentemos-nos — disse elle com todo o sangue frio. Depois como visse hesitar alguns dos seus companheiros, exclamou — Que é isto? quem é que tem mêdo aqui? Quem tem mêdo que fuja para a montanha; os valentes que fiquem comigo, para mostrar a esta gente da planicie que no mundo nada ha capaz de aterrar os senhores da serra da Estrella. Que venham, que venham os soldados; quando chegarem, dar-lhe-hemos dos restos da nossa cêa. Os cães tratam-se assim. Se se enfadarem, as nossas clavinas teem melhor mantimento para elles.

Nem um só se recusou a sentar-se; e esses homens, affeitos aos perigos de uma vida tão aventurosa e sobresaltada, começaram pouco e pouco a mergulhar-se na mais exaltada alegria. Paulo cahira, porém, para a taciturnidade costumada, e só de quando em quando correspondia aos vivas dos camaradas, ou os excitava a beber.

Ao vêl-os assim tão socegados, ninguem diria que a pouca distancia da villa marchava para elles uma força muitas vezes maior, e que essa força vinha principalmente dirigida por Henrique de Lencastre.

VI.

A entrada dos soldados por a extremidade opposta da villa foi annunciada pelo ruido do povo.

— A pé — gritou Paulo — Agora cada um faça o que deve. A nossa vida está na certeza das nossas clavinas e na energia das nossas almas.

N'um momento os soldados approximaram-se.

— Fogo — gritou Paulo; e as quarenta clavinas dos seus salteadores vomitaram sobre elles a morte.

Os soldados pararam como fulminados: trinta entre mortos e feridos, cahiram á pontaria certeira de homens affeitos a matar as perdizes á bala.

Paulo começou então a retirar. Os soldados ainda aterrados deram sobre elles alguns tiros; quando voltaram de todo a si já os salteadores estavam a distancia da villa.

— Vergonha! vergonha! — gritava Henrique — não os deixemos fugir.

Começaram então a perseguil-os a passo dobrado; e um tiroteio sustentado de um e outro lado, mas com desvantagem pela tropa, a quem a cada passo rareavam as fileiras, foi o que por muito tempo durou.

Ao entrar n'um descampado, que tinha ao longe por horisonte a montanha, os soldados viram por entre as differentes elevaçoens que fazia o terreno, os salteadores a retirarem seguros. Então pararam, e retrocederam para Cea.

— Homens da planicie — soou ao longe uma voz solemne pela distancia — as vossas balas parecem de cêra. Henrique de Lencastre, até muito breve.

Todos pararam, e voltaram-se; ao longe sobre uma elevação, Paulo, o *montanhez*, alumiado pelo clarão da lua, agitava no ar o seu chapéu desabado.

— Fogo — gritou o commandante.

Paulo desappareceu de um salto.

— Agora a minha Georgina — disse Henrique, e metteu o cavallo a toda a brida em direcção a Cea.

CAPITULO VIII.

I.

Ha dôres na vida, que adormecem a razão; dôres tão finas que a alma succumbe a ellas, sem reagir. Não espereis então, nem mesmo dos espiritos mais energicos, qualquer impulso instinctivo de orgulhoso estimulo, que os eleve ao menos ao nivel da grandeza da afflicção. Não espereis que, se não riem, ao menos se elevem impassiveis sobre o soffrimento; não lhes demandeis, que se não escarnecem, e zombam da dôr que os punge, ao menos a encarem sobranceiros com a indifferença estoica. Essas dôres fulminam com a rapidez e os resultados do raio — a alma sossobra sem dar por isso, e alheia-se antes de pensar em resistir. Quando os espiritos energicos e as vontades potentes reconhecem essa desairosa fraqueza, e d'ella se levantam por uma reacção de orgulho instinctivo, já é tarde para occultarem que estão sujeitos á lei geral da humanidade. O pinheiro altivo e gigante que no topo da serra se eleva por annos e annos com grandeza senhoril entre os ventos e as tempestades, quebra d'alguma vez á força d'algum tufão mais violento, e para se tornar a elevar á antiga grandeza, é necessario

que annos e annos tornem a reparar com a seiva, que a terra lhe presta, as forças que n'um momento perdeu.

II.

Ao vêr desapparecer Paulo, o amante de Georgina succumbiu de todo á dôr extrema que o pungia. Com a face entre as mãos, o moço salteador cahiu, sem o sentir, sobre uma cadeira, e assim ficou por um pouco calado e immovel.

Por um lado a honra e a amizade bradavam-lhe que não abandonasse Paulo no perigo que ia correr; por outro a honra e o amor prendiam-n'o junto da mulher, que tanto amava, e que era para elle a felicidade no futuro.

Georgina, de pé junto d'elle, esperava, com as faces animadas pela afflicção e pela anciedade, o resultado da dôr que pungia o amante.

— Georgina — disse Francisco por fim — envergonhas-te de me amar, não é assim? Tens pejo de amar o covarde, que desampara seus irmãos na hora solemne do perigo? Tens razão, anjo...

— Não — respondeu a linda menina com a mais encantadora serenidade — vanglorio-me de amar o homem, cuja alma generosa e nobre reconhece com mágoa a impotencia de praticar o seu dever; sinto-me vaidosa de amar o homem valente, que não recúa diante do perigo, senão porque a honra e o amor lh'o ordenam.

Depois, enlaçando o braço no collo do moço, Georgina balbuciou em voz timida:

— Francisco, de hoje ávante Henrique é teu irmão.

O moço salteador não respondeu. Deixou pender a

cabeça sobre e peito, e ficou por muito tempo mergulhado em doloroso silencio.

Georgina quebrou-o por fim.

— Francisco — disse ella — Paulo foi quem t'o ordenou. Oh! Paulo é uma grande alma; não quiz armar o irmão contra o irmão; não quiz fazer a nossa infelicidade, derramando entre nós o sangue de Henrique. E' uma nobre alma, Francisco; é uma alma por cuja felicidade hei-de rogar a Deus d'ora ávante.

— E se tu soubesses, Georgina — exclamou Francisco — quanto teu irmão...

— Silencio — interrompeu-ella, pondo-lhe a mão na bôca — sei tudo.

III.

— Georgina — disse Francisco, levantando-se de um salto ao ouvir a primeira descarga dos salteadores sobre a tropa — escuta, ouves aquelles tiros? Era, onde se dão, que eu devia estar. Era lá, sim; era no meio das balas que devia de ir procurar o remedio para esta dôr que me punge; era á bôca de uma espingarda que devia de ir implorar compaixão da agonia a que me arremessou esta revelação terrivel. Tu, irmã de Henrique de Lencastre! Oh! e que me resta agora no mundo — exclamou o moço em dolorosa exaltação — agora, que o destino arredou para sempre de mim, que me fez inimigo do homem que mais amava na terra? Que me resta agora que o perdi para sempre?

— A tua Georgina — respondeu com a doçura angelica a linda menina, enlaçando com os braços o pescoço do amante.

— Oh! sim, a minha Georgina; sim, restas-me tu

— disse o moço — Oh! perdão, perdão, Georgina — continuou elle, cahindo-lhe aos pés — perdão, que no meio da minha dôr esqueci por um pouco o anjo da minha felicidade no mundo. Perdão, perdão, Georgina; sim, restas-me tu, e comtigo todos os meus sonhos de ventura, toda a minha ambição de felicidade na terra. Mas, ai! Georgina, sinto não sei que dizer-me aqui no coração, que toda a minha vida será torturada por uma lembrança fatal. O remorso de ter sacrificado Paulo, aquella grande alma, ao meu pensar egoista de felicidade, empanará a ventura do nosso amor. E quem me tirará isto do peito? quem me consolará d'esta dôr tão acerba e pungente?

— O amor — replicou Georgina — Ouve-me, Francisco — continuou a linda menina, dando um beijo na face do amante — quando minha mãe era viva, lembra-me que muitas vezes lhe via correr pelas faces as lagrimas, sem que eu podésse adivinhar a razão d'ellas. Em quanto que eu era piquenina, nunca ás minhas perguntas, cheias de anciedade, deu outra resposta mais que um beijo. Um dia, porém, disse-me: « Filha, as minhas lagrimas não são dolorosas; olha bem para mim, e verás que ellas são tristes, mas dôces. Não te occultarei a causa d'ellas. Quando eras menina, e eu ainda muito nova, chorava ás vezes, porque n'uma festa qualquer as minhas companheiras arredavam-se de mim, e chamavam-me a « barregã ». Eu chorava; mas as minhas lagrimas eram dôces, porque eu amava muito teu pae, e porque d'elle era extremosamente amada. Elle era muito mais velho do que eu; mas a sua bondade e a sua alma generosa tinham feito nascer em mim um amor santo e cheio de respeito por elle. O amor, filha, consola todos os soffrimentos; o amor dá lenitivo ás penas, ainda as

mais dolorosas. Hoje, que o perdi, Georgina, choro tambem; mas as minhas lagrimas não escaldam, porque tenho para ellas um lenitivo poderoso. »

— E queres saber qual era esse lenitivo, Francisco? — continuou Georgina — escuta. Poucas horas antes de morrer, minha mãe disse-me: « Georgina, sinto que a morte chega, e por isso, filha.... » E ella deu-me então um conselho — disse Georgina, interrompendo-se; e continuou, tirando do seio uma medalha — « Toma esta medalha, Georgina; é o retrato de teu pae. Guarda-o, conserva-o sempre; representa um homem bom e cheio de nobreza d'alma. Teu pae deu-m'a n'uma occasião bem solemne. Eu andava gravida, trazia-te no ventre, quando um dia elle, entrando aqui, me encontrou a chorar.

« — Que tens, Anna? — disse-me elle.

« — Quem hei-de dizer a meu filho, que é seu pae? — respondi-lhe eu.

« — As lagrimas cahiram-lhe pelas faces abaixo.

« — Este — respondeu elle, dando-me essa medalha — diz-lhe, e a toda a gente, que é filha do morgado da Lage.

« — Essa medalha, filha — continuou minha mãe — guardei-a sempre comigo, e depois que elle morreu, foi o lenitivo que me abrandou a dôr de o ter perdido. Guarda-a, sempre, filha. »

— Vês, Francisco — continuou Georgina — vês; o amor consola e disfarça todas as penas. Minha mãe, desacreditada e escarnecida por todas as moças da aldeia, achava no amor que tinha a meu pae, a recompensa da sua honra e forças contra os insultos que soffria; e depois da morte d'elle, era a recordação, a saudade d'esse amor, quem tambem lhe dava consolação. E não será

poderoso o amor da tua Georgina para consolar as tuas mágoas, Francisco? Acaso a tão pouco chegará o amor que me tens, que n'elle não encontres valor para esqueceres os teus pezares?

E a linda menina curvou a cabeça para o amante, que, de joelhos e com as mãos d'ella apertadas nas suas, a contemplava no mais celestial arrebatamento de amor.

— Oh! sim, sim, Georgina — balbuciou elle, beijando-lhe freneticamente as mãos.

Georgina sorriu-se cheia de amor. Tirando as mãos d'entre as do amante, ergueu-se.

— Francisco, quero mostrar-te o retrato de minha mãe — disse ella então — quero que leias n'aquelle rosto formoso a candura e o porte irreprehensivel de uma vida, que não teve senão um erro — o ter amado um homem de mais. O retrato que te vou mostrar, Francisco — continuou ella — foi mandado pintar por meu pae nos primeiros tempos do seu amor. Depois chorou sobre elle algumas vezes, Francisco; as lagrimas do seu arrependimento deixaram sobre o retrato signaes indeleveis. Quando morreu, acharam-lh'o pendente por uma cadeia sobre o peito; e foi Henrique quem m'o deu. Vou-o buscar. E' o meu talisman — accrescentou ella, sorrindo e deslisando-se rapidamente d'entre os braços do amante.

E, assim dizendo, Georgina desappareceu por uma porta que dava para o interior da casa.

Francisco ergueu-se, e cobriu por um pouco o rosto com as mãos; lançando-se então rapidamente sobre uma cadeira, pelas faces d'aquelle moço, cuja alma reunia a maior coragem e energia do *homem* á dôce suavidade da mulher, começaram a deslisar as lagrimas em fio.

IV.

N'esse momento ouviram-se passos accelerados encaminhando-se em direcção á sala, e ao mesmo tempo soou a voz de Henrique, clamando:

— Georgina! Georgina!

Francisco ergueu-se de um salto, e deu alguns passos para a porta. Henrique assomou então no limiar d'ella.

— Henrique de Lencastre! — exclamou Francisco, recuando; e as faces reluziram-lhe rapidamente com o mais pronunciado brilho do rancor.

— Um salteador! — exclamou ao mesmo tempo Henrique.

Então avançou alguns passos para dentro do quarto; Francisco de braços cruzados e com uma impassibilidade soberana, não se arredou nem um passo.

Encararam-se por um momento um ao outro.

— Quem és, e que fazes aqui? — disse Henrique, quebrando o silencio e como indeciso no que havia de fazer.

— Sou um homem — respondeu Francisco — que te despresa e que te odeia, e que dentro da casa, onde dominas, é um accusador terrivel da tua vida depravada e infame.

Henrique recuou alguns passos.

— Fallas muito ousado — respondeu elle — conheço-te pela linguagem. E's um dos salteadores da quadrilha da Estrella. Como ousaste ficar aqui?

As faces do moço salteador estavam negras de cólera; os olhos brilhavam com um luzir cheio de ferocidade.

— Malvado! assassino! — exclamou, não podendo já conter-se — que fizeste de Paulo?

E ao mesmo tempo tomou de cima da mesa uma das pistolas, que tinha poisado sobre ella, e deu alguns passos para Henrique. Este cruzou os braços, e com o sangue frio espantoso de que tantas vezes deu provas, respondeu:

— Atira.

V.

Georgina entrou n'este momento para dentro da sala.

— Francisco.... Henrique — disse a linda menina, mettendo-se entre os dois — ôh! por Deus!...

— Quem é este homem, Georgina? — disse Henrique com a mais severa impassibilidade.

— E' o homem que amo — replicou ella.

E as faces animaram-se-lhe pouco e pouco cheias de fogo e de enthusiasmo.

— O homem que amas! — replicou Henrique espantado.

— Sim; é o meu amante — respondeu ella.

Henrique deu alguns passos para ella; o pasmo e a afflicção ennuveavam-lhe levemente as feiçoens.

— Teu amante! — balbuciou elle — amas um salteador, Georgina?

Os labios de Francisco contrahiram-se com um sorriso de ironia e desprêso. Ergueu orgulhoso a cabeça, e replicou:

— Um salteador! E és tu quem a accusas de amar um salteador! tu, que...

Georgina interrompeu-o.

— Silencio, Francisco — disse ella — escuta-me, Henrique. O homem que vês, meu irmão adorado, não é um salteador, é o homem que amo. Ouve-me, Henrique; devo dizer-te tudo: até hoje não viste em mim mais que

uma creança que amimavas, e eu era uma mulher que amava já; não viste em mim mais que uma creança que era levada pelo capricho e eu era uma mulher, Henrique, uma mulher que pensava — porque eu penso, desde que sube avaliar o meu infeliz nascimento. Escuta-me, meu irmão adorado — continuou a linda menina, enlaçando com os braços o corpo de Henrique, que a contemplava com o mais vivo pasmo pintado nas faces — devo dizer-te tudo, a ti que sempre me amaste tanto — a elle, Francisco, que foi para a tua Georgina um pae carinhoso, um irmão extremoso e um amigo querido e dedicado.

Francisco olhava ora Henrique, ora Georgina cheio de pasmo; e Henrique encarava o salteador com a mesma admiração, e sem saber o desfecho d'esta scena singular.

— Henrique — continuou ella — um dia, não sei se te lembras, foste a casa de minha mãe e disseste-lhe:

— « Anna, amo muito minha irmã; a si respeito-a, porque sei as suas virtudes e o amor que meu pae lhe tinha. Georgina já está uma menina muito crescida; é necessario que entre no mundo, para que os homens a vejam, para que a amem, e um dia se enlace em casamento digno do nome de seu pae e de seu irmão. Quero que ella vá hoje a um baile que dou em minha casa; depois torno-lh'a a trazer, porque não quero roubar-lhe sua filha.

— Minha mãe beijou-te com ternura de mãe, porque reconhecia quanto valia a tua alma cheia de bondade. Mas quando sahiste, disse-me:

— « Georgina, teu irmão é bom como teu pae; ama-te muito e ha-de querer casar-te com algum nobre, porque suppoem que fará assim a tua felicidade. Não queiras, filha: um tal casamento fará a tua desventura. O homem com quem casares, não esquecerá o teu nasci-

mento, e tornará cruel a alta posição a que te elevar, chamando-te sempre — «a filha da barregã, a bastarda» — Nós as mulheres carecemos de amar; escolhe para o teu amor um homem do povo, porque esse nunca insultará a irmã querida de Henrique de Lencastre, porque o povo não attende a filiaçoens como a tua, quando nivelam os nobres com elle.

— Estas palavras de minha mãe, Henrique, ficaram-me estampadas no coração. Um dia, quando eu vivia no convento, estava a rezar com as freiras no côro, quando vi na igreja um moço debruçado sobre uma campa e a rezar fervorosamente. Os seus vestidos mostravam que era um homem do povo. Quando se levantou, as lagrimas rolavam-lhe pelos olhos abaixo. Esse moço, Henrique, era Francisco; essa campa era a de sua mãe.

Francisco, pállido como um morto, escutava com a maior attenção a linda menina; Henrique fitou n'elle os olhos, onde tinham assomado momentaneamente as lagrimas.

— Por mais duas ou tres vezes o vi da mesma maneira — continuou ella — amei-o, e soube então que era filho do chefe dos salteadores da Estrella. E sabes quem era aquelle salteador, Henrique? Se o perguntasses áquella campa, responderia — «Esse salteador é um homem, cuja alma nobre e generosa o colloca a par das mais nobres da terra» — Sim, meu irmão adorado; aquelle salteador era um homem assim. Ouve-me, e tu o confessarás tambem. O pae de Francisco amava, e era amado; d'esse amor era já fructo o homem que amo agora. Mas um dia — continuou Georgina, animando-se cada vez mais e fitando os olhos em Henrique — um nobre, um poderoso senhor viu a mulher que elle amava; deshonrou-a á força. A desgraçada morreu de vergonha,

e o infame achou a morte no punhal do pae de Francisco. Que farias tu, Henrique de Lencastre, se fosses como aquelle homem tão vilmente ultrajado?

Henrique empallidecêra pouco e pouco. Na historia que Georgina contava, via o reflexo da de Paulo e Maria, em que tinha a parte d'aquelle homem, que Georgina chamava infame.

VI.

— Que farias? — exclamou Georgina, animada de uma exaltação superior.

— Matava-o — balbuciou Henrique, com os olhos fitos nos da irmã e como fascinado por ella.

— Sim, matavas — continuou ella — porque tens alma nobre e elevada; porque conheces que é vil e infame o poderoso, que abusa do seu poderío para roubar ao fraco a felicidade e a honra; porque conheces que é vil e infame o homem que sem piedade rouba ao pobre a felicidade do amor, a unica que lhe é dado realisar completamente. O pae de Francisco matou-o tambem; mas a justiça tomou a parte do poderoso, e o desgraçado foi perseguido e condemnado á morte, e os seus bens sequestrados. Pae, com um filho para alimentar; homem, com a honra para vingar, tomou a unica resolução que em tal caso lhe restava — fez-se salteador. E tu, que sabes como elle se portava quando tal; que sabes agora os motivos por que Francisco é filho de um salteador — diz-me, queres fazer a infelicidade da tua Georgina, impedindo o meu casamento com o homem que amo?

E a linda menina cahiu de joelhos diante do irmão, e fitou n'elle os olhos supplicantes.

A pallidez de Henrique tornára-se cada vez mais vi-

va. Ergueu Georgina nos braços, e beijou-a: depois dirigiu-se a Francisco, e estendeu-lhe a mão.

— Irmão... — balbuciou elle, e a voz prendeu-se-lhe na garganta — Georgina... — continuou, tomando-a pela mão e entregando-a a Francisco. Depois, em voz surda e abafada pela profunda impressão que n'elle fizera o conto da irmã, disse ao moço — Fal-a tão feliz, como eu sonhava fazêl-a....

VII.

Este ultimo passo de Henrique fizera viva impressão em Francisco. Reconheceu que alguma coisa havia muito poderosa, para que uma alma tão nobre, como aquella, fosse auctora de feitos de tanta malvadez e cynismo.

Por um impulso instinctivo arremessou-se aos braços d'elle. Henrique apertou contra o coração os dois amantes. Depois de um curto espaço levantou a face, ainda pállida, mas serena, e disse para Georgina:

— Em breve será teu esposo, minha Georgina; mas pelo entretanto não póde viver aqui. Francisco — continuou, voltando-se para o moço — a minha casa da Lage póde accommodar mais um homem, principalmente quando esse homem é irmão do seu proprietario.

Francisco apertou-lhe a mão.

— Adeus, Georgina — continuou elle, beijando a fronte da irmã — confia em mim. Vou tratar de que em breve os teus desejos sejam cumpridos. Adeus; vamos, amigo.

Ao vêr Francisco seguir o irmão, nas faces de Georgina assomaram uns leves signaes de receio, e encarou o pállido rosto de Henrique com anciedade. Hesitou um

momento, depois correndo para elle, que já ia a sahir a porta, disse-lhe, tomando-lhe a mão:

— Henrique, jura-me pela alma de nosso pae, que serás para Francisco um verdadeiro irmão.

Henrique parou, e olhou a irmã com um sorriso cheio de amargura e de dôr.

— Oh! elle sim — respondeu então — mas tu, Georgina?!... tu não tinhas direito a duvidar de mim.

VIII.

Apenas Henrique tinha entrado no seu quarto no palacio da Lage, Manoel Alves appareceu-lhe logo á porta.

— Senhor Henrique — disse elle — hoje a caçada foi magnifica. Temos engaiolada uma linda rapariga.

— Que a soltem immediatamente — replicou elle sêccamente — de hoje ávante prohibo aos meus creados factos similhantes.

Manoel Alves fechou a porta, e sahiu, rosnando:

— Ui! que diabo é isto! aposto que lhe dá a mania para ir viver no Bussaco! Em fim deu no vinte.

Henrique arremessou-se sobre o sofá.

— Vil e infame! — murmurou elle a meia voz — Sim, tambem sou vil e infame! E para que todas essas atrocidades! — continuou com exaltação — acaso me vingo de quem me fez mal, fazendo tambem mal aos outros? Que culpa teem esses infelizes na minha desgraça?! Manoel Alves! — bradou elle, correndo á porta.

— Arrependeu-se — rosnou o facinora, voltando-se e correndo a metter o nariz dentro do quarto. — Senhor, aqui estou; então sempre...

— Tira d'alli aquelle retrato, e queima-o immedia-

mente — interrompeu-o Henrique, apontando para o painel cuberto por uma gaza preta, do qual já fallei não sei em que capitulo, em que descrevi o quarto de Henrique.

— Huum! huum! — rosnou o Alves, e, tomando o painel, sahiu.

Henrique murmurou mais algumas palavras, depois calou-se.

— Paulo! Maria! — exclamou por fim — Pobres desgraçados! Oh! estou condemnado por Deus!

CAPITULO IX.

I.

Oito mezes tinham passado, depois da scena que descrevi no capitulo passado. O palacio da Lage, no dia em que este capitulo começa, estava mais que nunca animado.

Seges, caleças, liteiras e cavallos atulhavam o vasto páteo interior da habitação de Henrique de Lencastre; criados ricamente vestidos e lacaios de mui variadas e ricas librés formigavam por toda a parte, rindo e mostrando a alegria de uma grande e bem recebida festa.

A' hora em que este capitulo principia, tinha findado um esplendido jantar. Se egual em magnificencia ao que já em outro capitulo descrevi, dado pelo morgado da Lage, era-lhe comtudo mui dissimilhante, não só nas pessoas que a elle assistiam, mas — e muito mais — nas ideias n'elle enunciadas. Aquelle fôra um jantar de rapazes — de rapazes em todo o fogo da mocidade, doidos, libertinos, e, ainda de mais, animados pelo vinho e pelo desejo de sobresahir uns aos outros; fôra n'uma palavra um jantar franco e liberto de todas as etiquetas; uma palestra de ideias estragadas, onde se reflectia o cynismo asqueroso da sociedade mais corrompida. Ao contrario, a este assistiam não só rapazes, mas senhoras e homens

maduros; n'este, se o ceremonial não acanhava os modos francos dos convivas, regulava porém com certa elegancia as suas palavras e as suas maneiras; n'este finalmente todas as ideias respiravam sentimento e felicidade intima e do coração.

Para não ter o leitor por mais tempo suspenso ante uma tão completa transformação, dir-lhe-hei — que Henrique de Lencastre casára n'esse dia e de mais a mais casára por amor. Que os leitores não se admirem d'esta espantosa transformação do cynico, do homem sem alma, com quem estiveram até aqui relacionados; — estas transformaçoens acontecem sempre n'aquelles a cuja cabeça Deus fez descer uma centelha de genio e de poesia. Estes homens, quasi sempre dotados de orgulho e de uma energia superior, reagem com força contra o prosaismo e depravação social; — fazem-se máos, e, como tem o genio á sua disposição, são sempre mais perigosos do que um malvado vulgar. Mas não podem sempre ficar assim; esse cynismo parte-lhes sempre da cabeça e nunca do coração; e como este não póde prescindir n'elles da poesia do sentimento, mais cêdo ou mais tarde vem a ser superior á razão. Então o cynico esquece o que lhe ensinou a experiencia do mundo; torna a esvoaçar pelos mundos da imaginação; amaldiçôa a sua vida passada, e arrependido, contrito, torna a ser o que era na sua primeira mocidade. Ora, Henrique era um homem de genio, era poeta: essa circumstancia e a impressão que lhe fizeram os amores de Francisco e Georgina, produziram n'elle essa admiravel mudança.

Henrique casára pois n'esse dia. Aquelles dos meus leitores, cujos sentimentos delicados saibam comprehender o que é um dia de nupcias, hão-de repugnar ante esta ostentação asquerosa, e só querida em tal dia pelos

homens da velha sociedade — santos *bacôcos*, que tudo esqueciam ante a beatifica contemplação, que, de lagrima no olho e sorriso parvo nos labios, faziam da face nacarada da noiva e das maneiras acanhadas do noivo. Reviam-se n'isto, e chamavam felicidade ao que era no homem a zanga de vêr aquelles entremettidos, e na mulher o pejo natural ao seu sexo.

Ninguem mais que Henrique sentia a inconveniencia de uma tal ostentação; a ninguem mais do que a elle repugnava o expôr a mulher que amava aos olhares sarcasticos da multidão que o rodeava; mas os paes da noiva tinham dado um jantar e um baile, havia vinte annos, no dia do casamento, e muito sentiriam se Henrique se recusasse áquelle costume patriarchal. Quanto maior foi no espirito uma ideia má, tanto maior é a reacção quando d'ella fugimos; assim Henrique, que fôra um cynico e um cynico em grau superior, esforçava-se agora por desdizer, ainda nos mais piquenos pontos, a sua vida passada. Como sabia dar n'isso gosto aos paes da mulher que amava, deu no dia do seu casamento um jantar esplendido, e abriu os seus saloens a todos os parentes e amigos, de algumas leguas em derredor.

O crepusculo da tarde ia fugindo pouco a pouco, e as janellas do palacio começavam a illuminar-se com mil lumes brilhantes. A uma das janellas que dava para o vasto e formoso jardim, cultivado pelo proprio Henrique havia oito mezes, estava um grupo de moços, saboreando, uns sentados, outros a pé, o café do estylo e magnificos charutos da Havanna. Todos são nossos conhecidos — todos, com raras excepçoens, assistiram áquelle jantar de rapazes, que Henrique havia anteriormente dado. Entre elles acha-se tambem um que o leitor já conhece de nome — é Fernando de Menezes, aquelle en-

thusiastico e denodado defensor da mulher e do amor, no meio dos ditos e apupos d'aquelle turbulento jantar.

A conversa, com que elles se entreteem, é a seguinte:

II.

— E' singular! — dizia um moço, alto, esguio e magro; de rosto ossudo e comprido, e espantoso bigode escuro, um fac-simile de D. Quixote na mocidade — E' na verdade muito singular! Tanta virtude no meio do crime, tanta lealdade e cavalheirismo entre homens affeitos á rudeza da serra, e á dureza da vida de salteador!... E' na verdade de espantar.

— De certo — replicou outro que, em pé e encostado á portada da janella, sorvia placidamente o café, entre nuvens de fumo, que arrojava da bôca. — De certo; ha na verdade uma poesia tão sublime na vida d'esses homens rudes da serra, que, palavra de honra, quando da villa sáe a tropa a vêr se os póde prender, faço votos ardentes para que fiquem sempre vencedores.

— E eu tambem — disseram todos á uma — E tu, Fernando, que dizes a isto? estás hoje mudo. Que te parece dos nossos salteadores?

Fernando, recostado á janella, e com a cabeça meia de fóra, aspirava, atravez do fumo aromatico do seu charuto, a frescura da aragem perfumada da tarde. Ao ouvir o seu nome, voltou-se.

— Que digo? — respondeu — ninguem os admira mais do que eu. E se soubessem, meus amigos, o facto mais nobre da vida d'esses homens, então ainda mais os admirariam.

— Como? qual facto? — perguntaram todos.

— Lembram-se de quando elles entraram a ultima vez em Cea? — respondeu Fernando — Pois bem; quando Paulo fazia retirar, com talento verdadeiramente militar, os seus salteadores, diante das forças muitas vezes superiores dos soldados, um d'aquelles cahiu por terra com uma bala na barriga. A retirada era precipitada; o perigo era immenso — parar era a morte. Mas Paulo não é homem para vergar diante das difficuldades. «— Amigos — bradou elle para os seus — um nosso irmão cahiu; livremol-o d'aquelles homens ferozes» — e reunindo a si dez dos mais destemidos, atirou-se aos soldados que já arrastavam o pobre ferido. Fêl-os recuar, e, com o cutelo na mão e á coronhada de clavina, defendeu o passo, até que os outros o puzeram em salvo. Depois de subirem a montanha, andaram dez dias acossados pela tropa, que os não deixava descançar. Durante todo esse tempo, amigos, apesar de todas as difficuldades, nunca o abandonaram, e quando viram que já não podia supportar os balanços da especie de maca, em que o traziam; quando viram que morria de certo, recolheram-no á ermida da serra. Dois ficaram junto d'elle; os outros collocaram-se nas alturas e defenderam a subida aos soldados que os tinham cercado. Um dia depois o salteador morreu: os outros enterraram-no, e choraram sobre elle como sobre um irmão. Depois, animados por Paulo, tomaram as armas, e, abrindo caminho por entre os soldados, recolheram-se ás agruras intransitaveis da montanha. E que me dizem a este facto de Paulo?

— E' um homem extraordinario!

— E' uma grande alma.

— E depois — continuou Fernando — a altivez com que exige tributo ás aldeias e ás povoaçoens!... — «Não me deixaes ganhar o pão na planicie — diz-lhes elle —

pois bem, sustentareis a aguia nos pincaros da serra.» — Depois vem sem receio algum e as mais das vezes só, buscar as quantias que exige. Outro dia, á hora da missa, entrou em Favaios: esperou que a missa acabasse, depois dirigiu-se ao parocho, e exigiu-lhe o dinheiro que tinha imposto á povoação.

— « E com que direito nos impoens tu contribuiçoens? — perguntou o padre.

— « O meu direito é este — respondeu elle, batendo na clavina.

— E pagaram-lh'o, que não tiveram outro remedio; e ninguem ousou lançar a mão a esse homem, que sósinho e armado de uma clavina, atravessou por entre elles, levando o dinheiro. Isto é na verdade grande.

— E' em verdade — replicou outro, cuja physionomia expressiva, mas ao mesmo tempo serena, o mostrava ser homem de uma coragem indomavel. — Eu não conhecia Paulo; quando ha dois mezes cheguei de Paris, fallaram-me d'elle. Tinha immensos desejos de o conhecer, e a sorte favoreceu-me. Um dia vieram entregarme um bilhete, que tinham achado debaixo do portão, e que dizia estas palavras — « Se ámanhã ás tres horas da noite não estiverem n'este mesmo logar trinta moedas em oiro, a casa será saqueada — PAULO, o *montanhez*.» — Formei logo o meu plano: escrevi outro bilhete, que dizia — « Sou homem só e pela minha honra de cavalheiro juro que só estarei tambem em minha casa ámanhã durante toda a noite. Se Paulo tem a coragem de vir dentro d'ella buscar o dinheiro que pede, entre que o achará.» — Deitei-me, e mandei pôr o bilhete no sitio onde o outro fôra encontrado. Seriam tres horas e meia quando uma mão sacudiu-me o corpo, e acordoume. Olhei — um homem moreno e de esbelta corpora-

tura estava junto de mim: tinha a tiracollo uma clavina, e na cinta um par de pistolas e um cutelo.

—« Quem és? — perguntei-lhe eu.

—« Sou Paulo, o *montanhez* — respondeu-me elle — acceitei o teu desafio; agora cumpre a tua promessa.

— Levantei-me e abri uma gaveta, onde estava muito mais dinheiro do que o que me pedia, e disse-lhe:

« — Tira o que quizeres. »

— Paulo fitou em mim os seus expressivos olhos pretos. Depois, apertando-me a mão, cheio de gratidão pela minha confiança n'elle, disse-me em voz commovida mas nobre:

« — Obrigado; se não estivera em extrema necessidade de dinheiro, não o acceitava. Mas juro-lhe pela minha alma, que um dia lh'o hei-de pagar. Conte-me as trinta moedas. »

— Quiz que elle proprio as contasse, mas recusou. Tomei então dois punhados d'oiro, e deitei-lh'os na copa do chapeu. Paulo despejou-o sobre uma mesa; separou as trinta moedas, e retirou-se, dizendo: « Obrigado, não tenho necessidade de mais. »

— E pagou-t'as? — perguntaram todos anciosos de curiosidade.

— Ante-hontem — replicou o moço — ao entrar para o meu quarto, vi uma janella apenas cerrada. Fechei-a, e ao voltar-me encontrei sobre a mesa uma bolsa, e junto d'ella um bilhete, que dizia: « A sua acção foi nobre e generosa; Deus lh'a pagará no ceu, e na terra com a mais extremosa gratidão — PAULO, o *montanhez*. »

III.

Henrique entrou n'este momento na sala, e dirigiu-

se para elles. Parecia outro; a sua figura esbelta e nobre tinha despido a rude e sevéra expressão que sempre reflectia; ao seu meio-sorriso sarcastico tinha succedido a mais radiante auréola de intima felicidade.

— Em que conversavam? — disse elle, sorrindo aos amigos.

Todos olharam uns para os outros com um olhar rapido, mas significativo. Elles bem sabiam a impressão que o nome de Paulo produzia em Henrique.

— Fallavamos no teu casamento, amigo — respondeu Fernando, sorrindo — diziamos que era um verdadeiro milagre. Cada um teimava em querer coadunar o homem que ha um anno tratavamos, com aquelle que hoje nos banqueteia na Lage.

Pelo rosto de Henrique passou uma ligeira impressão de amargura.

— São dois homens bem differentes, Fernando — respondeu elle — o primeiro era um cynico, para quem não havia na terra outro Deus, mais que a sua vontade e os seus caprichos brutaes; o segundo é um homem que comprehende que as riquezas lhe não foram dispensadas pelo Eterno para d'ellas abusar contra os outros, mas para soccorrer os infelizes nos males da vida: o primeiro era um homem dominado por uma ideia feroz, era um louco; o segundo é um homem que ama, e que agradece, e adora o Eterno na sua felicidade.

Henrique parou por um pouco, e logo continuou:

— Olha, amigo, se eu podesse riscar da memoria toda a minha vida passada, era o homem mais feliz do mundo. Hoje, em frente da minha ventura, junto da mulher que adoro, junto do anjo que tanto tempo procurei sobre a terra, sinto no peito o repungir do remorso; e muitas vezes me paira nos labios o sorriso da feli-

cidade, ao mesmo tempo que lagrimas de amargura me cáem no coração.

Henrique interrompeu-se, depois como querendo esconder a impressão dolorosa que sentia, voltou as costas, e sahiu de junto dos amigos.

IV.

Eram duas horas da noite. Os convidados tinham retirado e o mais profundo socego reinava no palacio da Lage.

O quarto a que conduzo o leitor, é o quarto dos *casados*. E' uma profanação — confesso — o entrar a tal hora e sobretudo em tal dia n'este sanctuario do amor venturoso. Mas não ha remedio, entremos.

O quarto está adornado com todo o luxo da ostentação oriental; mas por sobre ella transparece o genio elegante de Henrique. Sobre uma mesa arde uma unica serpentina.

Sentada n'uma cadeira e com o rosto recostado nas mãos, está uma linda menina toda vestida de branco. E' linda como um anjo; as suas longas tranças castanho-escuras cáem-lhe em desleixo pelas faces, e ella parece mergulhada em profunda abstracção.

E' a noiva — é a esposa que espera o esposo no primeiro dia do noivado; é a mulher que vê anciosa approximar o momento em que vae cahir a primeira vez nos braços de um homem — apesar de esse homem ser o homem que ama. Momento o mais solemne da vida da mulher; momento cheio de sublime poesia, tão pouco comprehendida pelas almas vulgares.

A porta do quarto abriu-se, e Henrique assomou no limiar d'ella. As suas feiçoens sobresahiam com a mais

poetica expressão de felicidade e de amor. Trazia vestido um comprido chambre de setim verde, franjado na cinta por longos cordoens da mesma côr; nos pés uns sapatos de velludo azul, com piquenas borlas de sêda.

Henrique entrou para dentro do quarto, e approximou-se da sua noiva; esta levantou sobresaltada a cabeça, e, ao reconhecêl-o, as faces nacararam-se-lhe do mais angelico pejo e susto.

O moço contemplou-a, por um pouco, radiante do mais celestial amor. A linda menina, com os olhos fitos n'elle e um ligeiro receio retratado nas faces, parecia perscrutar-lhe todas as acçoens.

— Oh! nada receies — disse elle, cahindo de joelhos diante d'ella — nada receies de mim, anjo da minha vida. Nada tens a temer, Emilia: amo-te muito — muito; amo-te como anjo, que Deus enviou junto de mim para a minha adoração. Olhar-te, adorar-te — é tudo o que desejo.

Henrique calou-se então; depois, beijando-lhe uma das mãos, apertou-lh'a ternamente nas suas, e accrescentou em voz firme, mas quasi supplicante:

— Se o queres, anjo, torno a sahir aquella porta. Emilia, nenhuns direitos tenho sobre ti, mais que os que o teu coração me dér. Manda, ordena — queres que me retire?

E Henrique abaixou a voz cada vez mais supplicante, e fitou na linda menina os seus vivos olhos pretos, ardentes agora de amor. Emilia encarou o amante com uma indecisão angelica; depois por um d'estes impulsos que só as mulheres podem ter, lançou-lhe rapidamente os braços em derredor do pescoço, encostou a face ao hombro d'elle, e começou a chorar.

— Choras! — disse Henrique, forcejando dôcemente

para desprender-se dos braços da esposa — não chores, minha vida adorada. Eu sáio.

E Henrique quiz levantar-se e desprender-se d'ella.

— Oh! não — disse ella, apertando-o cada vez mais entre os braços.

O moço, cheio de amor e de felicidade, cingiu contra si o corpo da esposa.

V.

N'este momento uma das janellas do quarto abriu-se, impellida com a maior força.

Henrique mal teve tempo de se levantar de um salto. Paulo, seguido de dois reforçados salteadores, já tinha saltado para dentro do quarto.

— Prendei-o — disse Paulo, apontando-o aos salteadores.

Tudo foi instantaneo como o pensamento. Henrique não se pôde defender. Os dois robustos companheiros de Paulo, lançaram-lhe rapidamente as mãos, taparam-lhe com uma mordaça a bôca, e, arremessando-o sobre uma cadeira, ligaram-no a ella, apesar de todos os esforços que fazia.

Emilia cahira desmaiada. Paulo, de braços cruzados e um sorriso de escarneo nos lábios, encarou por um momento Henrique, que se estorcia em vão nas prisoens, e cujos olhos ardentes exprimiam ora a raiva, ora a supplica.

— Henrique de Lencastre — disse Paulo por fim — a minha vingança chegou tarde, mas chegou a tempo. Agora honra por honra — depois sangue por sangue.

Tomando então nos braços a linda menina, desceu,

ajudado pelos dois salteadores, a escada que tinha lançado á janella.

Ao vêr Paulo sahir com a esposa, Henrique fez entre as prisoens um esforço sobrenatural. As que lhe ligavam o braço direito e as do corpo arrebentaram. Lançando a mão á bôca, arrancou a mordaça, que lhe impedia a voz. Soltou então um rugido de tigre:

— Soccorro! soccorro! — Manoel Alves! — José! — o meu cavallo!... — Paulo! — gritava elle sem saber o que dizia e desembaraçando-se da cadeira. Depois correu á janella.

Paulo montava n'esse momento a cavallo.

— Paulo! Paulo! espera, assassino!

— Henrique, meu amigo, adeus—respondeu Paulo com o accento sarcastico, com que, poucos mezes havia, Henrique lhe tinha dito estas mesmas palavras.

Paulo e os salteadores arremessaram a toda a brida os cavallos. Henrique estendeu-se todo sobre a varanda; depois correu para dentro do quarto em direcção á porta. Mas ao chegar ao meio da casa, parou como ante uma visão sobrenatural. Ergueu os punhos cerrados para o ceu, e exclamou n'um grito medonho e sahido da alma:

— Oh! é a minha punição! — e cahiu sobre o pavimento, estorcendo-se em medonhas contracçoens nervosas e espumando de raiva.

CAPITULO X.

I.

Dois dias depois da scena, a que os leitores assistiram no capitulo passado, a praça principal da piquena villa de Cea estava toda cheia, a não podêr mais, de uma innumeravel multidão de rapazes, de mulheres e de homens — uns a cavallo, outros a pé, uns descobertos, outros de chapéus na cabeça, que de bôca aberta e em religioso silencio tinham todos os olhos fitos n'um homem, que em pé n'um poial de pedra, fallava, e gesticulava como endemoninhado. Dizia elle:

— Por ordem da illustrissima camara faço saber, e lanço o pregão seguinte: «Todo aquelle que entregar nas mãos da justiça vivo ou morto o salteador Paulo, denominado o *montanhez*, receberá dos cofres da mesma illustrissima camara a quantia de duzentos mil reis; mais — do excellentissimo senhor morgado da Lage um conto de reis. Todo aquelle que podér praticar esta acção, a pratique; porque além de ser obra muito do serviço de Deus, é bem da nossa provincia o livrar os povos d'um facinora que tanto a persegue com as suas vexaçoens.»

O pregoeiro repetiu este pregão exquisito por duas vezes mais, e depois calou-se. O populacho começou então a reflexionar.

— Duzentos mil reis e um conto de reis! — dizia um — quem m'os caçára!

— Ó *Trêpo* — rosnou um homem magro, alto e mal encarado para outro reforçado e vermelho até á raiz dos cabellos, o qual com cara de bonhomia attendêra de chapeu na mão e sem pestanejar o pregão — quanto é um conto de reis?

— São dez centos, homem — respondeu o outro, com certo enfado pela ignorancia do companheiro.

— Dez centos! — rosnou o outro — que pechincha!

O gordalhudo coçou na cabeça, e, vendo que o pregoeiro não fallava mais, respondeu:

— Deixál-a ser; eu cá não lhe ponho as mãos. Cada um se avenha lá com ella como podér. Além de ter muito amor á minha pelle, e Paulo não ser para graças; ademais, verdade verdade, compadre, nós nada perdemos com os assaltos do *montanhez*. Os fidalgos é quem os pagam; então que se avenham com elle. Ademais, Paulo é nosso amigo e muito estimado de todos.

— Pois sim, sim — rosnou o outro — mas dez centos com mais dois centos que a camara dá!....

N'isto o pregoeiro tornou a erguer a voz.

— Por ordem da illustrissima camara faço saber e lanço o pregão seguinte: «Todo aquelle que entregar nas mãos da justiça vivo ou morto o salteador Paulo, denominado o *montanhez*, receberá dos cofres da mesma illustrissima camara duzentos mil reis; mais — do excellentissimo morgado da Lage um conto de reis. Todo aquelle que podér praticar.....

O pergoeiro foi interrompido por um extraordinario murmurio do povo. Paulo, o *montanhez*, atravessando por entre a multidão, entrou, de clavina a tiracollo e cu-

telo no cinto, para o centro do piqueno circulo que em torno do homem fazia o populacho.

Paulo approximou-se do pobre diabo, que descórado, mão erguida em acção de gesticular e bôca semi-aberta, n'uma palavra paralysado de mêdo, encarava-o com um olhar de terror. Arrancando-lhe então das mãos o papel em que estava escripto o pregão, rasgou-o, e calcou-o aos pés. Depois disse-lhe em voz que todos ouviram:

— Diz ao morgado da Lage, que em muito pouco avalia a vida, pois que tão piquena quantia offerece pela minha, que, bem o sabe elle, está hoje ligada com a sua. Eu sou mais generoso.

E dizendo isto, deu um encontrão no pobre diabo que foi abaixo do poial. Subindo então acima d'elle, tirou o chapéu, e gritou:

— Povo de Cea, homens da planicie, attendei; — a todo aquelle que me levar vivo ás minhas montanhas o morgado da Lage, me virei entregar oito dias depois, para elle me levar ao podêr da justiça, e ademais offereço-lhe duzentas peças em oiro. Assim tendes a certeza de ganhar mais do que o premio que a camara vos offerece pela minha cabeça. O preço que ponho é o levardes-me Henrique de Lencastre ás montanhas. Bem vêdes que vos pago o meu serviço com muito mais generosidade do que elle; pago-vol-o com a minha vida. Deveis-me fazer e não a elle o que vos peço — porque sou vosso irmão, tenho sido sempre vosso protector, e nunca vos fiz mal algum; elle, ao contrario, tem sido o vosso verdugo, tem deshonrado vossas esposas e vossas filhas, e a vós tem-vos espancado e sequestrado os bens. Attendei bem nos dois pregoens, e vereis que o meu é o mais facil, e o de mais interesse para vós.

Assim dizendo, saltou para baixo do poial, e pôz o

chapéu. Depois atravessou vagarosamente por entre a multidão, que instinctivamente lhe abriu caminho, e em breve se sumiu ao longe em direcção a Vizeu.

II.

Legua e meia de caminho andada, Paulo parou junto de um muro de silvas enlaçadas em estacas de pinheiros. Encostou a clavina a elle, e d'um salto transpôz para o outro lado. Então atravessou por entre um campo de milho já quasi maduro, até que chegou a uma *eira*, que estava diante de uma casinhola, que a piquena distancia se via. Quando chegava á eira, um homem abria tambem a porta que dava sobre ella.

— Paulo! — disse o proprietario, recuando espantado.

— Thomé! — continuou o salteador, continuando a caminhar para elle — sou eu, é verdade, amigo.

Este senhor Thomé era nem mais nem menos do que aquelle mal encarado espectro, que na praça de Cea perguntára ao gordalhudo *Trêpo* quantos *centos* de mil reis faziam um conto de reis.

Paulo entrou para dentro da casa.

— Venho pedir-te um favor, amigo — disse elle ao homem — porque só tu é que me pareceste capaz de m'o fazer. Ha tres dias que não durmo, quasi mal posso comigo. Desejava pois descançar uma hora antes de subir á montanha. Tu sempre foste meu amigo, e d'antes chamavas-me teu irmão — assim foi a ti que resolvi confiar-me. Deixas-me durante uma hora descançar a cabeça, e depois d'ella acordas-me para continuar o meu caminho?

Os olhos de Thomé tomaram por um momento uma expressão sombria. Depois brilharam com a mesma rapidez cheios de uma alegria feroz.

— Dorme — respondeu depois de um minuto—dorme, que eu velarei.

A hesitação do amigo e as differentes transformaçoens, por que o rosto lhe tinha passado, não escaparam aos olhos prescrutadores de Paulo.

— Jura-me pela paixão de Nosso Senhor, que me guardarás lealdade — disse-lhe, fitando n'elle os seus olhos penetrantes.

Thomé tomou do seio um rosario e beijando-o, respondeu-lhe:

— Juro.

— Perdôa-me esta desconfiança — disse-lhe então Paulo já de todo desassombrado — mas bem vês que a perseguição, que me fazem, dá-me direito a ella.

E, arrojando-se sobre a cama do amigo, dispôz-se para dormir uma hora. Thomé sentou-se a distancia, com as costas meio voltadas para elle, com os cotovêllos firmes nos joelhos e a barba poisada nas mãos. Assim se conservou por um quarto de hora: a respiração pausada e mais alta de Paulo, tornaram-no a chamar a si.

— Doze centos! — rosnou elle, voltando a cabeça e olhando para Paulo, que dormia com toda a placidez — doze centos!

E tornou a poisar o rosto sobre as mãos e a cahir em profunda meditação; por um momento as feiçoens animaram-se-lhe com certa expressão de terror, mas em breve tomaram, mais pronunciada, a da ferocidade. Volveu de novo a cabeça para Paulo, e balbuciou:

— Doze centos! — Mas... com um milhão de diabos, que importa?

Ergueu-se então de mansinho, e, tomando uma enxada que estava encostada a um canto, approximou-se de Paulo. Levantou-a ao alto, e deixou-lhe cahir com

toda a força o olho sobre a cabeça. O sangue espirrou da ferida; Paulo estorceu-se todo, e ficou. Thomé curvou-se então sobre elle, e escutou um momento: o salteador nem sequer respirava.

— Bom — disse o malvado, poisando a enxada — está seguro; agora toca para Cea, a dar parte ao administrador. Já sinto tinnir os doze centos no bolso.

Pôz então o chapéu na cabeça, fechou a porta com a chave, metteu-a na algibeira, e partiu em direcção a Cea (1).

III.

Algumas horas depois o administrador de Cea, seguido de alguns soldados e officiaes de justiça, todos guiados por Thomé, approximaram-se da casinhola, onde Paulo ficára por morto.

— Vamos, amigo Thomé — dizia o administrador, desmontando de uma egua barriguda e de pêllo comprido e hirsuto, sobre que viera cavalleiro n'uma albarda de desmesurada largura, coberta com um chairel de pelle de cabra — vamos; se é verdade o que dizes, accrescento, do cofre da administração, mais duzentos mil aos que dá a camara; o que junto com o conto de reis do morgado da Lage te faz um bom cabedal.

— Muito obrigado, senhor administrador: beijo-lhe as mãos — respondeu o malvado, mettendo a chave na fechadura — o ladrão está prêso e bem seguro; pilhei-o a dormir, e dei-lhe cabo da pelle com o olho da minha enxada.

E assim dizendo, Thomé abriu a porta, e entrou se-

(1) Este facto é historico, e dizem ter succedido com o *Caco*, ha annos, celebre salteador na Serra da Estrella.

guido dos beleguins e do administrador, que impava de contente, vendo já, com os olhos da imaginação, uma commenda ou um baronato pela prisão importante que ia fazer.

Dirigiram-se pois em direcção á cama. Ninguem estava lá; apenas se via sobre a manta uma nodoa enorme de sangue fresco. Uma janella, que estava aberta, indicava que Paulo havia fugido.

Thomé correu para a janella; algumas pintas de sangue ainda se viam a distancia, seguindo sobre o terreno. Era indubitavel, Paulo tinha fugido.

— Com um milhão de diabos! — exclamou elle, mordendo os punhos de raiva — não lhe acertei bem em cheio, e o ladrão escapou-se.

E o malvado arrancava os cabellos, e mordia os punhos com raiva. O administrador, que se tinha approximado da cama, e que, depois de collocar as cangalhas sobre o nariz, estivera examinando o sangue, dirigiu-se então para defronte d'elle. Poisando uma das mãos sobre o quadril e empertigando o tremebundo abdomen, abanou pausadamente a cabeça, e disse-lhe em tom de mofa:

— Sim, senhor maroto? então com que elle fugiu? O que tu és, é um grandissimo bregeiro. Aquelle sangue não é de homem, aquelle sangue é de cabrito. Agora bem te percebo, andas feito com elle, maroto; mas eu te ensinarei a enganares a authoridade. Atem-lhe as mãos — continuou para os beleguins — e com elle para as enxovias de Cea.

Debalde o malvado jurava que o sangue era de Paulo, e que lhe batêra com a enxada na cabeça — o administrador, convencido de que o sangue era de cabrito, e que o homem andava conloiado com o *montanhez*, montou

a cavallo, e, com elle no meio da escolta, foi-o conduzindo, não sem alguns empurroens e coronhadas de espingarda, até á cadeia de Cea.

IV.

Durante o tempo que aconteciam estas scenas, outras, não menos curiosas, estavam tendo logar entre os salteadores, no centro da montanha.

No dia seguinte ao roubo de Emilia, Henrique de Lencastre tinha, pela sua influencia, feito sahir de Vizeu em direcção á serra o regimento 14, estacionado n'aquella cidade. O regimento, que tinha soffrido alguns insultos da parte dos salteadores, marchou agora na firme resolução de não abandonar a serra sem de todo exterminar a quadrilha. A isto o animavam tambem as promessas de Henrique e as commodidades, que elle lhe procurava em toda a parte, á custa das suas enormes riquezas.

O regimento subira, quasi sem opposição, a serra até o *boqueirão do pego*. O *boqueirão do pego* é uma cortadura profundissima e quasi da extensão d'um quarto de legua, aberto no meio da montanha. Da direita e da esquerda é flanqueado por altos rochedos, cuja defeza é facilima. Os salteadores tinham parado do outro lado d'elle, e, ao approximar-se o regimento, tinham-lhe dado uma descarga que lhe havia lançado alguns homens mortos a terra. Reconhecida a impossibilidade da passagem, parte do regimento estacionou-se a distancia do boqueirão, impedindo por ali a fugida dos salteadores; outra parte — e era a maior — tinha marchado em duas columnas, para o flanquear, e, depois de passarem para além d'elle, fazerem um cerco, do qual os salteadores não podéssem evadir-se.

Dois dias haviam já pois que Paulo tinha abandonado, por algumas horas havia elle dito, os seus companheiros, e ninguem sabia novas d'elle. Ao chegar com Emilia ao alto da serra, Paulo entregára-a aos cuidados do seu tenente, moço valentissimo, e de quem tudo confiava; e, recommendando-lhe ao mesmo tempo o commando da quadrilha, partiu a indagar novas da resolução que as authoridades tomavam, depois do facto por elle praticado.

Dois dias, pois, se tinham passado, sem que Paulo apparecesse; e os salteadores, que estavam de guarda aos rochedos que flanqueavam o boqueirão, tinham podido impedir a subida, mas não a passagem da tropa, na baixa d'elles, vendo assim ir pouco e pouco estendendo-se o cordão, que um dia os havia de apertar de fórma que não teriam remedio senão render-se.

A desesperação ia entrando no animo d'aquella gente, e, como a desesperação em animos como aquelles tem sempre resultados fataes, os primeiros indicios de revolta iam começando a apparecer.

V.

Era na madrugada do terceiro dia, e quinze ou vinte salteadores estavam em derredor de uma enorme fogueira, uns sentados, outros deitados, e todos conversando e bebendo aguardente.

— E' impossivel — dizia um d'elles — Paulo morreu de certo, senão já tinha chegado.

— E estamos bem aviados — disse fleugmaticamente outro, que, deitado de barriga para baixo e beijando de quando em quando a borracha, arrojava pela bôca nuvens de fumo de tabaco — os soldados já nos vão cer-

cando; finalmente não temos remedio senão entregarnos, e depois....

E o salteador, passando o dêdo pelo pescoço, imitou com a bôca o som que exprime o ser esganado.

— Isso nem pelo diabo! — exclamaram todos, sentando-se e com os olhos a luzir de cólera — entretanto que tivermos clavinas e cutelos....

— Pois sim — replicou o fleugmatico — contem-me lônas, que eu é que as acredito. Não ha remedio; toca a beber, entretanto que é tempo.

A maior irritação pronunciou-se em todos elles.

— E isto por causa d'aquella maldita rapariga que Paulo trouxe ante-hontem comsigo! — exclamou um d'elles todo furioso.

— São ideias do capitão — respondeu sem se mover o fleugmatico. — Vàmos; isto de mulheres....

— Leve o diabo as mulheres. O que deviamos fazer era deitarmos mão d'ella.

— E' verdade; vá, vá — tens razão, Manoel — gritaram todos — vinguemos-nos n'ella.

— O' rapazes, arriba. Ella é bem bonita.

— Vamos, vamos — gritaram todos á uma, levantando-se.

O fleugmatico levantou-se tambem.

— O peor — disse elle — é o diabo do tenente.

— Qual tenente, nem qual diabo — replicou um mais idoso e de cara mais temerosa — aqui já não ha tenente; aqui já se não respeita ninguem. Leva arriba.

E, soltando gritos espantosos, correram com os cutelos na mão, em direcção a uma especie de tenda que, para recolher Emilia, o tenente havia feito construir por ordem de Paulo.

VI.

Ao vêr approximar os salteadores, de cutelos na mão e amotinados, o tenente, moço esbelto e robusto, e cujas feiçoens exprimiam a coragem e um sangue frio indomavel, ergueu-se, e, engatilhando immediatamente as pistolas que tinha no cinto, puxou de uma espada curta que trazia ao lado, e, cruzando os braços, aguardou a approximação dos amotinados.

— Morra! morra! — gritavam elles enfurecidos e approximando-se cada vez mais. — Queremos cá fóra a mulher. Morra! Ella é nossa. Morra Paulo, que é causa da nossa morte! Morra! morra!

Ao vêl-os approximar, o tenente fez signal a dois salteadores que com elle estavam, já veteranos, mas cujas feiçoens retratavam a maior decisão, para engatilharem as clavinas e as pistolas.

Os amotinados approximaram-se; o tenente, de braços cruzados e com a mais soberana impassibilidade, fitou n'elles os olhos expressivos. Os salteadores pararam diante d'elle.

— Que querem? — disse-lhes o moço com voz firme e sem se mover.

Um curto silencio reinou entre os amotinados, sobre quem o aspecto impassivel do moço parecia ter feito a mais profunda impressão. Todos aguardavam que algum fallasse, e comtudo nenhum d'elles abria a bôca. Finalmente aquelle velho amotinador, que fizera arrebentar a revolta, sahiu do meio d'elles, e de chapéo na mão, mas em tom firme e decidido, respondeu:

— Paulo não apparece: a estas horas já está prova-

velmente enforcado. A tropa cerca-nos por todos os lados, e em breve nos terá de acontecer o mesmo — a causa de todos os nossos males é essa mulher que está ahi dentro. Senão fosse ella, teriamos subido aos cabeços mais elevados da serra, e ninguem seria capaz de lá nos ir apanhar. Por causa d'ella o nosso capitão morreu; por causa d'ella nós morreremos tambem. Deve-nos uma divida sagrada — a vida, a d'elle e a nossa. Queremos pois que ella nos seja entregue, e queremol-a já.

— E depois que pretendeis fazer? — replicou o tenente com a mais sublime impassibilidade.

— Depois — retrucou elle — depois....

E parou um pouco como não sabendo o que dizer. Logo animando-se n'um impulso do mais altivo enthusiasmo de homem affeito ao ar livre da serra, continuou:

— Depois.... como não temos as azas da aguia para nos transportarmos por sobre as bayonnetas aos cabeços das nossas montanhas, tomaremos as armas, e por entre essa multidão de soldados abriremos até elles caminho. Quem morrer, morreu; quem escapar que busque um novo chefe; porém mais avisado e mais decidido, para que nos não torne a metter em perigos como este, e se nos metter, não nos desampare n'elles. A mulher, pois, tenente; entregue-nos pois a mulher, e já.

Os olhos do moço tenente chammejaram como dois carvoens accêsos.

— Desgraçados! — exclamou em voz trémula de cólera e dando alguns passos para elles com a espada em punho — desgraçados, que para vossa deshonra vos tentou o demonio, e em vossa cegueira nem mesmo vos permittiu a ultima luz do brio generoso que anima ain-

da as almas mais rasteiras — o respeito instinctivo para com a fraqueza de uma mulher! Desgraçados, que ousaes insultar nas costas o homem valente que tantas vezes vos tem resguardado a vida á custa da sua; que ousaes cobrir de injurias o nome de Paulo, que tem sido para vós, não um capitão, mas o protector mais dedicado! Vis! infames! — continuou elle, cada vez mais inflammado pela cólera — se o ousaes, vinde....

— Morra! morra! — ullularam elles em gritos furiosos e arremessando-se para elle.

N'este momento um homem entrou rapidamente para dentro da clareira; correu para os amotinados, e de um salto pôz-se ao lado do tenente.

Era Paulo — com a cabeça atada com uma faxa e pállido como um defuncto. A sua altura agigantada e esbelta, que parecia ter crescido n'este momento, a pallidez do rosto manchada com algumas nódoas de sangue, e os olhos a luzirem como os de uma féra, davamlhe um aspecto sobrenatural. Ao reconhecêl-o, os salteadores pararam como fulminados; e o mais profundo silencio succedeu rapidamente aos gritos sediciosos do motim.

— Que é isto aqui? — gritou Paulo n'uma voz de trovão, e parando na frente dos amotinados.

Ninguem ousou responder — o silencio era tão sepulcral que se ouvia ciciar a aragem da noite por entre os pinheiros da montanha.

— Que é isto aqui? — repetiu, batendo furioso com o pé no chão.

— Capitão — balbuciou de chapéo na mão e cabeça baixa o velho amotinador — suppunhamos que havia morrido, e então....

Os olhos de Paulo fuzilaram como um relampago; e

a clavina, tomada pela extremidade nas suas robustas mãos, redemoinhou um momento no espaço, e desceu como uma massa de ferro sobre a cabeça do velho salteador, que cahiu sem dar um gemido.

— Quem manda aqui? — gritou Paulo para os salteadores, que pareciam estatuas de terror. — Infames! vis! que me pagaes o amor com a traição. Tu, José, vae immediatamente collocar-te sobre a montanha da direita, a descuberto dos pinheiros, a observar o inimigo. E' o teu castigo. Tu, Manoel, immediatamente para a ponta do boqueirão; se de lá sahires sem teres ordem, serás fuzilado. Tu....

E Paulo continuou a assignar a cada um dos amotinados os logares mais perigosos da defeza, collocando-os de maneira que ficavam a descoberto do fogo do inimigo. Todos partiram sem dar palavra. Os leoens tinham-se tornado cordeiros á voz imperiosa d'esse homem singular.

Paulo dirigiu-se então ao tenente.

— Obrigado, amigo — disse elle, apertando-lhe a mão. — Agora vae examinar se cumprem as minhas ordens, e fal-os pôr a coberto do fogo. São criminosos, mas são nossos companheiros.

O tenente partiu, e Paulo entrou para dentro da cabana ou tenda (como lhe quizerem chamar) onde Emilia, tranzida de mêdo, aguardava a sorte que lhe destinava o seu senhor.

VII.

Ao vêr entrar o salteador para dentro da tenda, a linda menina cahiu de joelhos, e juntou as mãos, cheia de mêdo. As lagrimas corriam-lhe uma a uma pelas faces

abaixo, e, com os lindos olhos fitos em Paulo, parecia implorar-lhe piedade.

Ao vêl-a, o salteador parou. Quem o olhasse, notaria a profunda impressão que lhe causára. O rosto de Paulo parecia o de um pae carinhoso ou de um irmão dedicado, a querer pacificar os receios de uma filha querida ou de uma irmã adorada.

— Oh! não tenha mêdo de mim — disse elle, estendendo para ella os braços — não tenha mêdo. Não lhe faço mal.

E Paulo, como impellido por uma força superior, deu para a frente um passo com os braços estendidos, como se a quizesse levantar; mas logo, receando apavoral-a mais, parou, e continuou:

— Olhe, não lhe farei mal algum. Respeital-a-hei como uma irmã — juro-lh'o pela minha salvação, juro-lh'o pela alma de minha mãe. Ande, levante-se. Se soubesse quanto me dôe a sua desgraça! Mas se soubesse tambem... eu não tenho culpa d'ella. Confie em mim; não sei o que me liga a si, mas sei que a hei-de respeitar, que hei-de ser para si um pae extremoso. Eu sáio; mas não tenha mêdo, estarei aqui sempre de guarda, serei o seu defensor. Adeus, socegue.

E Paulo sahiu para fóra da cabana, sem volver os olhos para traz, e como querendo occultar a profunda commoção que sentia. Alguns passos andados, o moço salteador parou.

— Quem será esta mulher? — exclamou elle, apertando a cabeça entre as mãos. — Quem é esta creatura fragil e abandonada que me fascinou d'esta sorte? Entrei na cabana com a resolução de me vingar de Henrique; e sáio de junto d'ella quasi a chorar tambem a desgraça que soffre! Quem será ella? Não o sei; sinto que

nunca a poderia amar, mas sinto tambem que para a defender exporia de bom grado a vida. Pobre anjo! e eu ser a causa da tua desventura! Henrique de Lencastre! Henrique de Lencastre! — exclamou elle n'um grito doloroso de cólera — para me maltratar tens até armas na tua mesma infelicidade!

*

CAPITULO XI.

I.

Era ao romper da alva do dia seguinte.

Os primeiros arreboes da manhã appareciam ao longe sobre o nascente, e, doirando um pouco o horisonte, começavam a espalhar um luzir tibio que empallidecia as estrellas, e que dava á lua, cujo resplendor não podia ainda embaciar, uma luz que lhe não era natural.

Para o outro lado do *boqueirão do pego*, erguia-se, logo de sobre a aresta d'elle, a primeira inclinação da montanha, que os salteadores occupavam, e que pouco e pouco, coberta quasi até o meio de urzes e arvoredo, se ia elevando a uma altura gigante.

Junto á aresta do boqueirão, do lado que a tropa occupava, estava a esta hora, de costas voltadas para nós, um aldeão, todo vestido de saragoça, chapeu derrubado na cabeça, e as calças apertadas na cinta por uma tira larga de coiro. Com as mãos atraz das costas, este homem examinou a largura do boqueirão, depois o lugar onde estava. Defronte ficáva-lhe, a distancia da extremidade da fenda, um enorme penedo que no topo se projectava para elle, a modo de abobada, e que, todo coberto de urzes gigantes, o encobriam ás espias da montanha. O homem mirou, e remirou por todos os lados a

serra; depois tornou a mover a cabeça ora n'esta direcção ora n'aquella, e logo parou, como a vêr se ouvia algum sussurro. Estava bem claro que esse homem queria passar para o outro lado, mas queria passar sem ser presentido. Depois de escutar por um pouco, arredou-se um passo atraz, e, formando como quem estava bem affeito um salto, galgou para além por sobre o precipicio.

Mal se achou do outro lado, deitou-se rapidamente ao chão, e, a arrastar, approximou-se da pedra que descrevi ha pouco. Levantou-se então, e, apartando algumas urzes, começou a espreitar por entre ellas. Ninguem estava lá. Bem certo d'isso, subiu para cima da pedra, e começou a caminhar apressado por uma estreita senda, que as urzes entre si abriam, e que davam para uma mais vasta e mais calcada, que mostrava ser feita pelos montanhezes, quando se dirigiam a passar o boqueirão.

N'uma das tortuosidades do caminho o aldeão voltou para nós a face. Era Manoel Alves — aquelle malvado, instrumento voluntario do passado cynismo de Henrique.

Poucos passos havia andado, quando, como um tigre sobre a prêza, um salteador saltou d'entre a mata, e cahiu ao lado d'elle. Este salteador era Paulo.

— Manoel Alves! — gritou elle ao reconhecêl-o. — Oh! foi o inferno que te trouxe aqui.

E como o cutelo lhe havia cahido ao saltar, Paulo, sem dar tempo ao facinora de arrancar o que na cinta trazia, arcou braço a braço com elle, e, soltando um bramido selvagem, ferrou-lhe os dentes no pescoço.

Medonha foi a lucta que entre elles se travou. Apesar das forças gigantescas de Paulo, Manoel podia luctar

sem desvantagem com elle. Cada um tratava de vencer o adversario; moviam-se para um e outro lado como dois pinheiros gigantes, sacudidos por tufão violento. N'essa lucta decidia-se a vida de um d'elles; d'uma parte o odio, e da outra o odio e a vingança, dava-lhes o instincto de arrancar a vida áquelle que succumbisse. A lucta durava pois sem o menor signal de fraqueza nos dois contendores. N'um momento, a um impulso violento que fizeram, os pés escaparam-se-lhe do terreno, e vieram pouco e pouco escorregando pelo declive ingreme do caminho que conduzia á extremidade do precipicio. A cada impulso gigante que faziam, a cada sacudimento violento que davam aos corpos, os pés robustos cravavam-se, pelo instincto da vida, algumas pollegadas no terreno. Mas a terra a cada movimento novo fugia-lhes debaixo dos pés, e elles vinham approximando-se pouco a pouco da terrivel voragem. Manoel Alves volveu então rapidamente os olhos, que pareciam reluzir para o medonho boqueirão — o instincto deu-lhe forças quasi sobrenaturaes; arcou então com Paulo com uma força sobrehumana. Mas se o terror do precipicio não animava as forças de Paulo, animava-as o odio e o rancor que se repercutia nos rugidos abafados que a cada instante soltava. O impulso que fizeram, fêl-os escorregar mais ligeiros, até virem parar á beira do abysmo. Por um supremo instincto de vida o Alves firmou um um dos pés a uma raiz de pinheiro que se levantava na beira do boqueirão; os olhos brilhavam-lhe com um medonho resplandecer de terror.

— Desgraçado, que te matas tambem! — murmurou elle em voz meio-abafada.

Um rugido de fera foi a resposta de Paulo. Arcando então um com o outro com mais violencia, fizeram um

novo impulso. O pé de Manoel Alves deslocou-se de junto da raiz, e os dois desappareceram na voragem, soltando um grito medonho e pavoroso.

II.

Ao grito que Manoel Alves soltára, alguns salteadores desceram da montanha, e ainda poderam vêr que dois homens, arcando um com o outro, se haviam despenhado no abysmo.

Approximaram-se ao boqueirão. O corpo de Manoel Alves redemoinhava ainda, esmigalhando-se contra as quebradas das paredes do precipicio; — redemoinhou, redemoinhou por um pouco, até que por fim desappareceu de todo nas trévas. Paulo, apegado com toda a força a uma raiz secular, que das arvores da montanha se vinha profundar no abysmo, olhava com uma attenção ferina o corpo do inimigo a esmigalhar-se contra as pedras. Mal desappareceu, encolheu-se todo, e de um salto ficou sobre o dorso da raiz. Olhou então para cima:

— Ide buscar-me uma corda — gritou elle aos que o contemplavam espantados.

A corda foi immediatamente trazida por um dos salteadores, que partira a buscal-a e a chamar mais alguns companheiros. Desceram-na então a Paulo; este prendeu-a bem segura em derredor do corpo, e deu a voz para o alarem. Os braços robustos dos salteadores puzeram o seu chefe n'um momento a salvo.

Paulo dobrou-se então sobre o precipico, e mergulhou attento os olhos nas trévas do boqueirão, e assim ficou por um pouco silencioso e como escutando.

— Agora falta-me Henrique de Lencastre — murmurou elle em voz sumida.

Volvendo-se então para os salteadores, disse-lhes em tom de amigo, mas com authoridade: Obrigado, amigos.

E depois todos juntos subiram a montanha, e em breve desappareceram entre o arvoredo.

III.

Na noite seguinte — já muito depois da uma hora — todos os salteadores, de cobrejoens ás costas, clavinas a tiracollo, pistolas e cutelos nas cintas, estavam reunidos na vasta clareira, em que ainda dominavam. No meio d'elles estava Paulo com Emilia meia-amortecida recostada contra o peito, e o seu fiel tenente ao lado.

— Amigos — disse-lhes elle — os ultimos restos dos mantimentos que tinhamos, eram os que hoje vos foram distribuidos. E' necessario partir, a menos que não queiraes entregar-vos ao inimigo. Augmentai o fògo das nossas fogueiras, e depois marchemos. Confiai em mim, que vos porei a salvo. Recommendo-vos comtudo o maior silencio durante a marcha — n'elle consiste a nossa salvação. Todo aquelle que fizer durante ella o menor ruido, será immediatamente apunhalado.

Os salteadores lançaram mais lenha nas fogueiras. N'um momento o alto da montanha pareceu illuminar-se com o clarão de um grande incendio; e entretanto que os postos avançados do regimento, com os olhos fitos no clarão, suppunham em descanso os montanhezes, estes em numero de sessenta e dois iam já no caminho da salvação, levando na frente Paulo, e conduzindo Emilia na maca, que muitas vezes lhes tinha servido para conduzir os feridos.

Paulo guiou a sua piquena tropa por caminhos nunca até alli trilhados, mas por elle conhecidos, como ho-

mem tão visto na serra. Umas vezes subia tanto para o alto da montanha, que parecia querer recolher-se aos mais altos pincaros d'ella ; outras vezes, dobrando sobre a direita e marchando quasi em linha recta, approximava-se tanto dos postos avançados do inimigo, que ao luzir das fogueiras quasi distinguiam as fórmas dos soldados. Depois de tres horas de caminho passaram tão proximos d'elles, que lhes ouviram as fallas. Ao passar, os salteadores guardaram um tal silencio, que nem os sons se lhes ouvia dos passos. Então, tomando sobre a esquerda, Paulo começou a subir a montanha por um caminho tão coberto de neves, que apesar do calor da estação, quasi se gelava de frio. Todos os cuidados de Paulo eram exclusivamente para Emilia. Sentindo-a tiritar de frio, desdobrou a manta que o cobria, e lançou-a sobre ella; todos os salteadores offereceram tambem as suas; e com a pobre menina bem resguardada, Paulo continuou a subir a montanha, e em breve chegou a uma clareira vasta e espaçosa, que parecia dominar todo o universo.

Os salteadores pararam. As fogueiras da ultima extremidade do cordão que a tropa formava já se viam a uma distancia consideravel. Os salteadores já d'ellas distavam legua e meia.

— Prometti-vos a salvação — disse-lhes então Paulo, apontando para ellas — cumpri a minha palavra ; estaes salvos.

Os salteadores saudaram com enthusiasmo e gratidão o seu chefe. Continuaram então o caminho, e pelas tres horas da tarde d'esse dia desceram para um espaçoso valle, cortado de formosos ribeiros. Pararam então para comer : mas faltavam os mantimentos. Do que por todos se achou, repartido depois egualmente, apenas to-

cou uma vez de pão a cada um d'elles. O vinho havia acabado, e esses homens, cansados de vigilias e de uma marcha violenta, tiveram de satisfazer-se com uma ração mingoada para uma criança de peito, e com apagarem a sêde com a agua dos ribeiros. Ahi descansaram essa noite; e no dia seguinte continuaram a subir a montanha. Quando chegou a noite, os salteadores mortos de fadiga e esfomeados, acamparam n'um alto d'ella, expostos ao frio e ás neves. Quando se levantaram, a penuria desenhava-se em todos os semblantes.

— Desçamos á planicie — disse então Paulo — vamos exigir dos homens dos valles o sustento que nos impedem ganhar.

Retrocedeu então para a planicie, e ás onze horas do dia entrou em Lagares, piquena villa a distancia de Vizeu, e assim chamada pelos muitos que tem, proprios para a fabricação do azeite.

IV.

Apoderou-se da villa o espanto e o terror: ha muito que cada habitante dava aos amigos o parabem de se ter por fim exterminado a quadrilha da Estrella, e eis que essa mesma quadrilha com o chefe na frente, lhes entra para dentro dos muros, e impoem-lhe logo pezadas contribuiçoens.

Paulo exigiu mantimentos primeiro que tudo; e, depois de refocilar a gente, fez sahir cincoenta salteadores em direcçoens diversas, uns a receber contribuiçoens por elles impostas aos fidalgos, outros a vigiar o inimigo.

Na primeira noite, os soldados viram com espanto, não accenderem os salteadores as fogueiras como costu-

mavam. Na segunda pasmaram de todo. Alguns aventureiros já haviam passado o *boqueirão do pego*, sem d'além acharem opposição, quando as cornetas começaram a dar signal de reunir. O coronel tinha recebido a noticia de os salteadores se terem evadido, e de estarem saqueando a essa hora Lagares.

O regimento marchou então a marchas forçadas, e pelas cinco horas da tarde achava-se nos arredores da villa.

V.

Vinte dos salteadores, expedidos por Paulo a colher contribuiçoens, tinham já sido apprehendidos e logo mortos. Dos outros apenas tres tinham podido penetrar atravez do cerco formado pelos soldados em torno da villa, e tinham vindo reunir-se ao chefe, para ou morrerem ou salvarem-se com elle.

Paulo tomou então a unica resolução que lhe restava. Escolheu um dos melhores e mais espaçosos lagares; armazenou n'elle a maior quantidade de mantimentos que pôde juntar; depois lançou-se dentro com os seus companheiros e com Emilia, que não quiz abandonar, já porque temia desamparal-a sósinha em terra desconhecida, já porque receava que Henrique de Lencastre podésse *tornar a ser feliz*. Fechando então sobre si as portas do lagar, que defendeu com um muro de pedras pela parte de dentro, aguardou o assalto do inimigo. Se então perguntassem a Paulo, em que punha a sua confiança, a unica resposta, que daria, de certo seria — em Deus.

O regimento cercou por toda a parte o lagar: alguns tiros porém que de dentro atiraram sobre elle, com tão certeira pontaria que alguns homens cahiram mortos ou

feridos, fizeram-n'o retirar para distancia, fóra do alcance das balas. O coronel não queria perder gente; assim, desistiu de atacal-os, e esperou obrigal-os a render á fome. Mas dois, tres dias se passaram, sem que os de dentro déssem outro signal de si, mais que um ou outro tiro que atiravam sobre algum imprudente que se approximava a tiro de espingarda; — e esse signal era sempre fatal áquelle que o recebia, a bala de salteador era sempre certeira. Mais tres ou quatro dias se passaram sem que os salteadores déssem mostras de se quererem render. Já todos tinham este silencio á conta de prodigio; já todos desesperavam dos meios de poderem render homens, que pareciam receber o sustento do centro da terra, e que nem mesmo admittiam fallar-se-lhes em entregarem-se. Um homem que, com um lenço branco na ponta de um páo, se tinha approximado ao lagar, tinha cahido morto por uma bala, despedida de dentro.

O coronel estava verdadeiramente suspenso; Henrique bramia de raiva ao vêr assim retardada a sua vingança. Finalmente um alvitre que ella lhe suggeriu, apressou o desejado momento.

VI.

— Coronel — disse elle ao commandante do regimento — achei o modo de acabarmos com os salteadores.

— Qual é? — perguntou o official, dando a conhecer a maior incredulidade.

— E' um meio prompto e infallivel — respondeu Henrique. — E' mister que se mande buscar um carro grande de matto: sobre elle irá um barril de polvora. O carro é facil de conduzir para junto do muro do lagar:

tres homens bastam para o arrastar. Perigo bem se vê que o não ha ; as balas embaçarão no matto, e não chegarão aos que por elle vão acubertados. Depois, subindo acima do matto, lançar-se-ha dentro o barril incendiado.

O coronel abanou a cabeça, sorrindo.

— O meio é na verdade engenhoso e infallivel — respondeu elle — mas na prática é impossivel. Quem deitar fogo ao barril, será victima da explosão. Qual será pois o homem que se incumbirá d'essa empreza?

— Eu — respondeu serenamente Henrique.

O coronel tentou, mas debalde, combater esta resolução, que lhe parecia um verdadeiro suicidio. Henrique aquietou-o, porém, explicando-lhe o modo por que se podia sem perigo realisar a ideia.

O carro de matto foi pois empuxado para junto do muro do lagar. Os salteadores fizeram fogo sobre elle: mas foi debalde, porque as balas apenas encontravam diante de si o matto, embaçavam n'elle, e cahiam em terra. Henrique subiu acima com um machado na mão: cravou no muro uma pegadeira de ferro á qual amarrou por meio de uma corda incendiaria um barril de polvora todo arqueado com fortes arcos de ferro, e cujos tampos eram tambem de metal. A' corda incendiaria, que passava por sobre o batoque, prendeu um fio tambem pulverisado, que de dentro do barril sahia. Depois abriu no telhado a golpes de machado um rombo, por onde o barril podia cahir sem difficuldade. Os salteadores tentaram debalde estorvar-lhe a obra: Henrique, trabalhando arredado de sobre o telhado, estava a coberto das balas. Lançou então fogo á extremidade do fio, e, saltando abaixo do carro, partiu ligeiro como o vento em direcção aos soldados, que ao longe e ainda com receio presenciavam esta scena.

O fio incendiario em breve communicou o fogo á corda; esta incendiou-se, e o barril desappareceu logo, cahindo para dentro do lagar. Um momento depois luziu um immenso relampago, ouviu-se um estrondo como o de cem canhoens, e logo uma espessa nuvem de fumo cobriu todo o lagar, e telhas e differentes objectos começaram a chover do espaço.

Logo que a nuvem se levantou, todos correram para o sitio do lagar: Henrique voava na frente d'elles.

O lagar era um montão de ruinas: as paredes tinham vindo na maior parte a terra: o telhado, na parte que não tinha sido arrojada ao espaço, tinha abatido, e sumira-se por entre as ruinas das paredes (1).

VII.

Quando se levantaram as ruinas, offereceu-se á vista um espectaculo horroroso. Todos os que estavam dentro haviam perecido. Apenas alguns salteadores deram ligeiros signaes de vida, mas tão fugitivos que em breve se sumiram de todo.

Henrique correu em busca do cadaver de Paulo. Na face denegrida do salteador divisavam-se todos os signaes da maior energia, mas ao mesmo tempo exprimia um certo cuidado afflicto. O cadaver de Paulo jazia estendido a pouca distancia de uma enorme pia de pedra, que a explosão deslocára, e fizera cahir para o outro lado. Paulo parecia ter morrido na occasião, em que para ella corria; com os braços estendidos mostrava que no momento extremo quizera amparar alguem.

(1) É historico. D'esta maneira é que poderam acabar, ha annos na serra da Estrella, a celebre quadrilha do *Caco*, juntamente com o seu chefe. Foi até Lagares o sitio onde o facto teve logar.

Henrique olhou n'aquella direcção. Algumas tranças compridas de cabello castanho estavam estendidas pelo chão, sahidas de traz da pia. Um presentimento medonho assombrou rapidamente as feiçoens do pobre moço; deu um salto por cima da pia, e n'um momento pôz-se do outro lado. Achou-se então junto do cadaver de uma mulher, que a pia, ao cahir, esmagára debaixo de si; essa mulher era — Emilia.

Ao reconhecer o cadaver da esposa, Henrique soltou um grito pavoroso, em que se reflectiam todas as torturas da alma. Recuou espavorido alguns passos, e com os olhos espantados, os labios semi-abertos e pállido ainda mais que o cadaver, fitou a vista n'elle como fascinado, como attrahido por aquella medonha scena.

Depois cahiu de joelhos, e tomou-lhe uma das mãos. Um retrato rolou-lhe de entre ellas para o chão. Esse retrato era o seu — Emilia morrêra com o retrato do esposo, que amava, apertado contra os labios. Henrique não dava uma só palavra — tambem d'aquelles que o rodeavam ninguem ousava quebrar o silencio; todos prestavam respeito áquella dôr muda, mas tão profunda e tão pungente, que a lingua não proferia nem um unico som para a exprimir.

O moço conservou-se por um pouco com os olhos fitos no cadaver da amante: depois levou-lhe uma das mãos aos labios, e pelas faces d'aquelle homem que nunca chorára, começaram a correr as lagrimas em fio. Levantou-se, e ainda um momento fitou no cadaver os olhos; logo atravessou direito e pállido como elle pelo meio das ruinas. Ao passar topou com o corpo de Paulo: parou então, e encarou-o. Nas faces não se lhe trahiu nem odio, nem compaixão: se alguma cousa reflectiam era a resignação da alma forte ante a punição que merece.

Ajoelhou e por alguns minutos viram-se-lhe mover os labios em intima oração. Henrique orava pela alma do homem, que de todo e para sempre lhe matára a felicidade da vida. Ergueu-se então. Diante d'elle estava Francisco; pelas faces d'aquelle moço, cuja alma varonil possuia tambem a sublime poesia da sensibilidade da mulher, corriam em fio as lagrimas. Henrique arrojou-se-lhe nos braços: quando levantou a cabeça, a face estava impassivel e serena — mas d'essa impassibilidade onde se lê mais torturas e mais dôr, do que podem exprimir os esgares e os lamentos de uma alma vulgar.

— Que levem esses dois cadaveres para a nossa capella — disse elle a Francisco em voz tão sêcca e cavernosa, que parecia sahida de um tumulo.

Depois arrojou-se de um salto sobre o cavallo, e, largando-lhe a rédea toda, partiu ligeiro como o vento em direcção ao palacio da Lage.

VIII.

Poucas horas depois de Henrique ter entrado na Lage, um criado bateu á porta do seu quarto, e, vendo que não tinha resposta, entrou.

Henrique estava lançado sobre um sofá, com a cabeça entre as mãos e immovel como uma estatua. Quem o olhasse, diria-o n'um ataque de somnambulismo. Tinha os olhos abertos, fixos e meio embaciados. O criado esperou que elle fallasse — mas não deu uma só palavra; chamou por elle, mas foi o mesmo; então approximou-se, e tocou-lhe no hombro. Henrique levantou-se — hirto e com os olhos espantados como um espectro.

— Que queres? — gritou em voz cavernosa.

O criado recuou aterrado.

— O senhor coronel mandou estes papeis para v. ex.ª — respondeu elle, entregando a Henrique uma carta volumosa.

E depois sahiu.

Henrique tomou maquinalmente a carta, depois tornou a cahir sobre o sofá, e largou-a insensivelmente da mão. Por mais de hora e meia esteve mergulhado n'este entorpecimento, não vivendo mais que pela respiração cansada que lhe sahia do peito opprimido, e pelo bater apressado do coração. Passado este espaço de tempo, estremeceu, e, como se acordasse, rodeou os olhos em volta de si. Depois deu com a carta; olhou-a primeiro como admirado, depois apanhou-a do chão, e abriu-a.

Dentro da carta vinha um embrulho encadernado em marroquim, já bastante desbotado, do qual pendiam duas fitas tambem vermelhas, que pareciam terem servido a trazêl-o pendente do pescoço. Henrique leu a carta do coronel, que apenas continha estas palavras:

« Ex.^{mo} Snr.

« Ao peito de Paulo foi encontrado esse embrulho:
« remetto-o a v. ex.ª, como tendo sido o mais interessa-
« do na perseguição do salteador.

« De v. ex.ª etc. »

Henrique rompeu a capa de marroquim, em que o embrulho estava envolvido: d'entre os dedos cahiu-lhe então uma piquena lamina de marfim. Apanhou-a com uma exaltação verdadeiramente febril; a lamina continha o retrato de Braz de Lencastre. Cada vez mais espantado, abriu o papel, que com ella vinha dentro do

embrulho, e leu estas palavras escriptas pela letra de seu pae:

« Meu filho:

« Quando abrires esta carta, já a idade te ha-de ter
« dado a prudencia necessaria para saber conservar reli-
« giosamente o segredo que te vou confiar. O teu nasci-
« mento deve ser um mysterio; mas eu, Paulo, nem por
« isso tenho direito de occultar a meu filho o nome de
« sua mãe. Tua mãe era a esposa do morgado de Perei-
« ra. Havia sido o meu primeiro amor, e uma vez que
« Affonso de Azevedo se demorou durante um anno em
« Lisboa, tu foste o fructo das recordaçoens dos nossos
« primeiros annos. Confiei-te aos cuidados do homem
« generoso, que te educa nas montanhas, e até hoje não
« tenho cessado de vigiar por ti. Repito-te, Paulo, o teu
« nascimento deve ser um mysterio para todos; o divul-
« gál-o seria deshonrar as cinzas de tua mãe. O homem
« que te educa, te dirá que nunca abras este papel antes
« de chegares aos trinta annos. N'essa época ja estarei
« morto: chega-te então a Henrique teu irmão, e mos-
« trà-lhe esse retrato. Elle o reconhecerá; esse ratrato é
« o de teu pae

BRAZ DE LENCASTRE.

Durante a leitura da carta, as faces de Henrique iamse contrahindo pouco e pouco com a mais fera expressão de agonia e de pavor. Paulo era seu irmão — e era irmão tambem de Emilia, pois que a mulher do morgado de Pereira era mãe d'elle.

— E' verdade — disse por fim, a meia voz — agora me lembro... na ultima vez que o vi, disse-me... « d'aqui a onze annos um homem... ha-de apresentar-te o meu

retrato:.... é teu irmão:.... dá-lhe os carinhos que por trinta annos não gosou:... jura-m'o... pela alma de tua mãe»... E jurei!.. Onze annos... é verdade... era agora...

Depois soltando um grito pavoroso cahiu de joelhos, cobrindo o rosto com as mãos.

— Paulo! Paulo! meu irmão! Emilia! — exclamou por fim n'um grito em que parecia despeitorar todas as agonias da alma, e estendendo ao mesmo tempo os braços para a frente. Deu então com os olhos no retrato de Braz de Lencastre, que pendia na parede fronteira: Henrique cravou n'elle os olhos cheios de terror.

— Perdão! perdão... meu pae! — bradou elle então, e cahiu immovel sobre o pavimento da sala.

IX.

No dia seguinte quando Francisco e Georgina entraram no quarto de Henrique, acharam parte das gavetas abertas e roupa espalhada e amontoada aqui e ali. Mas Henrique não estava lá: em cima da mesa viram então uma carta escripta da letra d'elle. Tomaram-na; dizia assim:

« Meus irmãos:

« Não vos inquieteis por mim; vou viajar, mas não sei
« para onde. Vou a fugir de mim mesmo. D'onde parar,
« tereis noticias minhas. Francisco, sobre a mesa está
« uma chave, que pertence á terceira gaveta da minha es-
« crivaninha. Se eu morrer, abre aquella gaveta, e cum-
« pre as disposiçoens que acharás n'um papel que fica
« dentro d'ella. És d'hoje avante o senhor do palacio da
« Lage. Rogo-te que mandes construir no piqueno adro
« fóra da capella dois tumulos. N'um d'elles faz metter

« os cadaveres de Maria e de Paulo; no outro faz metter
« o de Emilia, e junto d'ella reserva um logar para mim.
« Adeus, meus irmãos queridos; parto sem me despedir
« de vós, porque não quero testemunhar as vossas lagri-
« mas, nem ouvir as vossas supplicas.

« HENRIQUE DE LENCASTRE. »

Francisco chamou immediatamente um criado; as noticias que d'elle pôde colher, foi que ás duas horas depois da meia noite, Henrique tinha mandado sellar um cavallo, e, lançando-lhe á garupa uma piquena mala, montára, e partira á rédea solta pela estrada do Porto. Francisco partiu immediatamente, mas quando chegou ao Porto não pôde descubrir nem sequer signaes de que elle ali houvesse estado.

EPILOGO.

I.

Tinham-se passado oito annos.

O sol ia a mergulhar-se no horisonte, ao findar uma formosa tarde de um dia dos principios de outomno.

A pouca distancia do palacio da Lage e em direcção a elle, galopava, sobre um magnifico cavallo alazão, um moço, que mostrava pouco mais poder ter que trinta annos. A não ser o brilho meridional que animava os seus formosos olhos de côr azul celeste, o vestuario um pouco excentrico e sobretudo o loiro doirado do seu espesso bigode e comprido cabello o fariam passar por natural dos paizes do norte. A certeza, porém, com que se emmaranhava por alguns atalhos que mais proximo conduziam á Lage; e sobretudo a apparencia de bem sentida felicidade com que aspirava a aragem perfumada da tarde, e os olhares de extremo amor com que fitava tudo, deixavam perfeitamente conhecer que era em extremo conhecedor do terreno, e que todos esses logares lhe eram muito e muito queridos. Com o chapéu na mão, os cabellos a esvoaçar ao grado dos perfumes da aragem, e ao mesmo tempo um pouco inclinado sobre o pescoço do seu formoso cavallo, em tudo deixava transparecer o homem que, depois de uma longa ausencia, saúda pela pri-

meira vez, cheio d'amor e de felicidade, os sitios onde passou os primeiros folguedos da infancia, onde sentiu as primeiras palpitaçoens do amor.

II.

O viajante chegou em breve tempo ao palacio da Lage.

Um silencio quasi monastico tinha succedido ao ruido e á agitação que, oito annos atraz, rumorejava continuamente n'elle.

O moço viajante dirigiu-se á porta de uma das cavalhariças que viu meia-aberta; desmontou de um salto, e, dando uma palmada na anca do cavallo, fêl-o entrar. Como visse que ninguem estava dentro, fechou sobre si a porta, e depois, a pé e a passo rapido, dirigiu-se ao portão do palacio. Como não encontrasse tambem ahi pessoa alguma, tomou pela vasta escadaria, e subiu-a a correr. Ao entrar porém na ante-sala que havia no alto d'ella, abriu-se uma porta á direita, e sahiu outro moço, tambem de trinta annos pouco mais ou menos, vestido com simplicidade, mas com elegancia.

— Francisco! — exclamou o viajante, correndo para elle.

— Fernando! — respondeu o outro, e arrojou-se-lhe nos braços.

O viajante era de facto Fernando de Menezes, com quem o leitor tanto se relacionou, durante toda esta minha muito veridica historia: o outro já o deve ter adivinhado — era o marido de Georgina.

III.

Os dois moços estiveram por um pouco abraçados.

— Chegaste em fim — rompeu finalmente Francisco, desprendendo-se um pouco do amigo.

— E' verdade — replicou Fernando, desviando-se inteiramente dos braços d'elle, mas ficando-lhe com uma das mãos apertada entre as suas — ha hora e meia que cheguei de Lisboa, d'onde, mal desembarquei do paquete, parti, sem me demorar meia hora, em direcção para aqui. Não sabes, amigo, as saudades que já tinha de tudo isto; os meus amigos, a minha casa, os nossos ribeiros e os panoramas gigantes da nossa formosa serra, tudo se me antolhava com uma recordação de tão dolorosa e pungente saudade, que um instante longe de tudo isto era um seculo de agonia. Na verdade, Francisco, para um homem do meu caracter, uma ausencia de seis annos é quasi um prodigio de vontade e de predominio sobre si mesmo. Agora eis-me aqui; mal cheguei parti logo com os desejos de vos abraçar — a vós, meus amigos queridos, que para mim, pobre orphão! sois a unica familia que tenho no mundo.

E Fernando tornou a abraçar o amigo com as lagrimas da felicidade nos olhos.

— E agora não nos tornarás a deixar? — disse Francisco profundamente commovido.

— Deixar-vos! Nunca — replicou o moço, animando-se. — A minha vida pertence d'ora avante aos meus amigos, e aos sitios formosos onde passei a minha infancia. Para mim acabaram as viagens e os paizes estranhos. O mundo reduz-se hoje para mim a esta piquena nesga de terra, onde nasci; aqui passarei, e virei por fim a terminar os dias da vida que a Deus aprouver conceder-me.

O moço interrompeu-se. Nos labios de Francisco pairava um sorriso resplandecente da mais extremosa amizade; mas atravez d'elle Fernando reconhecia os signaes

mais pronunciados de incredulidade para as suas ultimas palavras.

— Não o duvides, Francisco — continuou elle, depois de um curto silencio, tomando uma das mãos do amigo — o meu espirito aventureiro fundiu-se todo á luz da experiencia de seis annos de voluntario desterro. Lá por fóra — continuou, animando-se cada vez mais — aprendi a conhecer que a gloria e a ambição do poderio e do mando não constituem a ventura, mas antes são muitas vezes o manto real da infelicidade; — aprendi a conhecer que o pisar terrenos alheios, o desprender-se o homem da terra que o viu nascer, para ir estudar costumes differentes e examinar os monumentos grandiosos da arte ou os respeitaveis e prestigiosos que a antiguidade nos legou, não passa de um desejo sem realidade, de um capricho illusorio da imaginação. Satisfiz esses desejos, satisfiz esse capricho — e qual o resultado que colhi? Estive em Londres e Paris; visitei as mais bellas paîsagens da Italia; subi ao alto do Vesuvio e depois mergulhei-me nas ruinas de Pompeia. Extasiei-me ante as maravilhas do luxo, da industria e da arte; ante os prodigios da natureza — depois, pizando o terreno dos antigos romanos, senti-me transportado pela imaginação para entre Cesar e Pompeu, para entre Virgilio e Cicero. Contemplei depois, nas margens inspiradoras do Rheno, os castellos feudaes, cujos aspectos severos attestam a rudeza da meia-idade; incarnou-se na minha imaginação o espirito d'essas eras, e senti dilatar-se-me o peito debaixo do arnez de aço polído; senti ranger as pontes levadiças, e nos ouvidos eccoou-me o grito enthusiastico d'essas batalhas de gigantes. Depois quando pizei as terras heroicas da patria de Homero, quando atravessei por sobre o terreno outr'ora molhado pelo sangue de Leoni-

das e dos tres mil gregos; quando passei nos campos de Marathon e de Plateia, e ao longe contemplei as costas de Salamis, alumiadas pelos raios do sol a mergulhar-se no oceano; quando entrei no logar onde, ha vinte seculos, troou a voz de Demosthenes contra o vencedor de Cheronea; quando, finalmente, entrei na patria de Alexandre, e, sobre o terreno onde foi Pella, senti-me a pizar o solo, d'onde o antigo conquistador, como a aguia de dentro do ninho, se arremessou a enfeixar entre os braços potentes todos os sceptros do mundo antigo, senti, amigo, senti-me inspirado por esse enthusiasmo sobre-humano que devia animar Homero ao escrever os cantos sublimes da Illiada. Senti tudo isso, Francisco; senti o que se não póde exprimir com palavras. Mas tudo isso o que vale para a felicidade da vida? para a ventura do espirito e do coração, para a qual o homem tende, e se volta, como a agulha se volta para o norte, e a rosa para o nascente ao despontar no horisonte o primeiro brilho do sol? Nada — mero nada. A sós comigo é que reconhecia a inanidade de todos esses desejos; é que sentia que não passava de capricho de uma imaginação exaltada o que eu reputava a realisação da felicidade. Acaso era feliz? Quando á noite, mettido no meu quarto e liberto d'essas impressoens grandiosas, o perguntava a mim mesmo, o coração respondia — não. Não, porque me faltava a felicidade da vida intima, essa poesia meiga e sublime do coração, que é o que constitue a verdadeira ventura. Debalde recorria a essas impressoens grandiosamente sublimes, que havia gosado; debalde me chamava feliz por as ter sentido, por ter evocado d'entre a nevoa prestigiosa dos seculos factos magestosos, aos quaes, fazendo-os ante mim reviver, havia pela imaginação assistido: debalde o fazia, que o coração me bradava sempre — só

estás, só entre as ruinas do que foi, entre a illusão e o nada. A razão ligava-se ao coração n'este brado; eu havia gosado, é verdade; — mas que valem esses gosos illusorios e momentaneos ante a felicidade real de uma vida inteira? Cançava-me n'essas peregrinaçoens atraz de um nada, e depois vinha mergulhar-me no entorpecimento de um cansaço esteril. Acaso é desejavel uma vida como esta? Acredita-me, Francisco, foi então que senti o quanto exprime o sublime — *Moriens dulces reminiscitur Argos;* e mais de uma vez repeti com religiosa compuncção aquelles versos do Delta ([1]) com que me ameaçaste ao partir. Patria, amante, amigos — então, Francisco, foi então que senti o que tudo isso valia.

Fernando interrompeu-se um instante, e logo continuou sem exaltação.

— Hoje, amigo, considero a vida debaixo de um outro aspecto. Hoje para mim só é felicidade, a que se gosa na vida intima, no seio da familia — com a esposa, com os amigos, na terra que nos viu nascer, e onde passamos a mais ditosa quadra da vida, a infancia. Hoje é só felicidade para mim esta vida plácida e celestial — com elles e sequestrado de tudo que comigo não tem relaçoens de coração. A minha vida passada fez-me egoista, Francisco — para mim e para poucos. Bailes, prazeres ruidosos da sociedade e peregrinaçoens por terras estranhas são illusoens que já me não enganam. Acredita-me; hoje a minha intima convicção de felicidade é esta; quem a alcançar estou convencido que entrará no momento extremo

([1]) The halo round the seraph's head
Too purified for thing of earth,
Is not more beautifully bright,
Than that celestial zone of light,
Which nature's magic hand hath shed
Around the land which gives us birth.
Delta's Our native land.

com o sorriso do justo; e que ao ceder á hora solemne e necessaria da morte ha-de volitar-lhe na ideia este pensar venturoso — «fui feliz, feliz como se podia ser.» E tu, amigo — continuou depois de uma breve pausa — ainda continúas a ser venturoso como d'antes?

— Oh! sim — respondeu Francisco, apertando com terno impulso a mão do amigo — Georgina é sempre o mesmo anjo. Hoje porém....

— Hoje?! — acudiu Fernando, vendo o amigo interromper-se com certa inflexão dolorosa de voz.

— Sim hoje ha uma coisa que empallidece a minha felicidade — replicou Francisco — Henrique chegou, e...

— Henrique está cá? — interrompeu-o com admiração Fernando — quero tambem abraçal-o.

— Vou levar-te a elle — respondeu Francisco — mas antes d'isso é necessario prevenir-te, Fernando. Henrique está bem differente do que o conheceste em outro tempo. Já não é o moço robusto e elegante, o homem esbelto e formoso de que te recordas: aos quarenta annos, Henrique é um velho fraco de corpo e de espirito, um louco e um visionario. O vêl-o definhar pouco a pouco, amigo, é o que me amargura a vida, que tão feliz seria sem isso.

IV.

Na face de Fernando retratou-se a viva expressão de um pasmo doloroso.

— Vou contar-te tudo — disse então Francisco — escuta-me. Depois d'aquelle dia fatal de Lagares, a que tu assististe, e que levou ao cumulo as infelicidades da nossa familia; Henrique, como sabes, partiu n'essa mesma noite e sem nos dizer para onde. Só cinco mezes depois é que

tivemos noticias d'elle; estava na Corêa. Por este tempo nasceu a minha filhinha: escrevi-lhe, rogando-lhe que quizesse ser seu padrinho. Escrevi-lhe para Londres, para onde Henrique então viera. No seguinte paquete chegou a resposta — Henrique agradecia-me e a Georgina; aceitava e pedia que á sua afilhada fosse posto o nome de Emilia. Este nome, Fernando — bem te recordas — era o da sua desgraçada esposa. N'essa carta vinha um macete de papeis que elle mandava fechar n'uma gaveta que não ha-de ser aberta senão depois da sua morte; ao mesmo tempo avisava-nos que partia para a India. Por cinco annos a fio tivemos noticias suas quasi regularmente; as cartas porém, Fernando, cada vez mostravam maior desarranjo de razão. Deixou cinco mezes de escrever; até que um dia nos entrou inesperadamente pela porta dentro. A' primeira vista não o conheci; depois abracei-o pungido de compaixão e da mais acerba dôr. Estou certo que o mesmo te ha-de acontecer, Fernando, logo que d'elle te approximes.

E Francisco interrompeu-se para limpar as lagrimas que lhe corriam pelas faces abaixo.

V.

— Henrique abraçou-me e a Georgina, sem despir o aspecto de intima abstracção, com que entrou em casa, e que desde então ainda nem um só momento perdeu. Depois perguntou por Emilia; e logo que lhe apresentei a minha filha, tomou-a nos braços, e contemplou-a algum tempo. Depois apertando-a contra o coração, cahiu n'uma cadeira, e pôz-se a chorar.

— « E' o retrato *d'ella*.... como é linda! — disse por fim, cobrindo-a de beijos e de lagrimas.

— Eu e Georgina lançamos-nos nos seus braços. Mas elle arredou-nos, e continuou a contemplar Emilia, que, movida por uma inspiração superior, o abraçava, e beijava, como se o quizesse consolar.

— E desde então, amigo — continuou Francisco, depois de um curto silencio — a sua vida tem sido sempre uma e invariavel. Indifferente a todas as coisas do mundo, concentrou toda a sublime poesia do seu sentimento d'outr'ora na sua querida afilhada. O mais piqueno desgosto que ella tenha, celébra-o como um facto que lhe toca no fundo do coração; se esse desgosto é causado por alguma coisa externa, enfurece-se, perde a razão e brame como uma féra. Se ella tropeça e cáe, Henrique lança-se de bruços, e no impulso da cólera morde as pedras e a superficie da terra. Outro dia, um pobre homem, saltando do muro para a estrada, calcou sem querer a minha filha; Emilia deu um grito, e cahiu. A face de Henrique tomou a côr do verdete; arremessou-se sobre o homem, e se Emilia não acudisse, estrangulava-o. Eu mesmo não a posso reprehender; se eu ou a mãe lhe ralhamos por qualquer coisa, Henrique enfurece-se, e, bramindo contra nós, toma a sua afilhada nos braços e foge... foge para junto dos tumulos que mandou construir no adro da capella, junto aos quaes gasta a maior parte dos dias, e para onde, depois de deitar minha filha, sáe a horas mortas da noite, ficando ahi muitas vezes até o dia. Eis a vida de Henrique, amigo — de dia para dia se vae definhando cada vez mais; de dia para dia apparecem-lhe no rosto novos signaes do desapparecimento da razão e de uma morte muito proxima. Vem, Fernando — vamos vêr se a tua presença dará algum allivio ao pobre visionario.

VI.

Os dois moços sahiram então para o jardim, e d'ahi, por entre uma longa fileira de platanos e arvores aromaticas, endireitaram para a capella, e em breve chegaram ao adro, onde estavam os tumulos de Paulo, de Maria e da desgraçada Emilia.

O adro formava um longo quadrado, todo cuberto de arvores frondosas, por entre as quaes erguia os campanarios a magestosa capella do palacio da Lage. A pouca distancia da porta estavam collocados, um á direita, outro á esquerda, os dois tumulos — de marmore lusidio, mas singelos e sem ornatos. N'estes dois tumulos estavam encerradas as tres desgraçadas victimas do antigo cynismo de Henrique — e em um d'elles havia um logar, onde elle devia repoisar, depois do momento extremo.

Os dois amigos contemplaram por um momento o pobre visionario. Andava passeando em frente dos tumulos, com as mãos atraz das costas e a cabeça pendida sobre o peito. De quando em quando parava diante de um ou outro tumulo; outras vezes fazia-o diante de Emilia, que andava colhendo rosas e lirios, que ou lhe ia offertar ou ia depôr em cima dos tumulos.

Henrique de Lencastre estava completamente mudado. Os cabellos tinham-lhe enbranquecido: a figura esbelta e apessoada tinha-se um pouco vergado, e o rosto, outr'ora tão expressivo, havia-se sulcado de profundas rugas, que reflectiam a intima abstracção n'uma contínua ideia. De quando em quando, e principalmente depois de ter parado em frente d'algum tumulo, sahiam-lhe dos lábios palavras imperceptives; outras vezes Henrique accionava, e fallava, como se estivera conversando com alguem. Quem o olhasse, julgal-o-ía um louco,

prêso à uma ideia, que fixa, contínua, lhe tinha em si absorvido a razão.

Os dois amigos entraram então para dentro das grades de ferro que circumdavam o adro. Henrique só d'elles deu fé, quando, buscando com os olhos a piquena Emilia e não dando com ella no logar, onde a deixára, os levantou ancioso para a procurar, e a viu junto d'elles.

— Henrique — disse Francisco, dirigindo-se a elle — olha, chegou o nosso amigo Fernando.

Henrique levantou o rosto, e fitou-o, como buscando recordar-se do nome.

— Fernando?! — disse elle por fim em voz baixa e fitando o seu antigo amigo.

Este com as faces alagadas de lagrimas e a voz abafada pelos soluços, atirou-se-lhe rapidamente aos braços.

Henrique separou-o mansamente de si, e olhou-o com certa curiosidade admirada.

— Não me conheces, Henrique? — disse o moço com voz entrecortada.

O pobre desasisado passou a mão pela fronte; depois fitou-o por um momento.

— Fernando! — exclamou elle em fim, e cahiu-lhe nos braços.

Depois de assim estar por um pouco, desprendeu-se rapidamente d'elle, e, como se nova ideia lhe tivesse accommettido a cabeça, encaminhou-se a passo apressado e balbuciando palavras inintelligiveis para onde estava Emilia. Tomando-a então pela mão, sahiu para fóra do adro, sempre com ar de preoccupado e dizendo não se ouvia o que, até que em fim desappareceu por entre as arvores em direcção ao palacio.

— Pobre Henrique! — disseram os dois ao vêl-o desapparecer. Ambos com os olhos humidos de lagrimas não

haviam tirado os olhos d'elle, entretanto que a sua figura e a de Emilia se distinguiam entre as arvores.

Depois ambos ajoelharam diante da capella, ambos oraram a Deus por aquelles que nos tumulos estavam encerrados; e por Henrique cuja sorte era muito mais de lastimar que a d'elles.

VII.

No dia seguinte, logo de manhã, Henrique mandou chamar Francisco ao seu quarto. O rosto do pobre visionario exprimia, quando o marido de Georgina entrou, uma certa auréola de felicidade triste, se assim se póde dizer, que muito contrastava com o habitual arrebatamento melancolico e sevéro, que sempre retratava no rosto, desde que voltára das suas ultimas viagens.

— Francisco — disse elle ao cunhado, mal este entrou para dentro do quarto — consegui finalmente aquillo, porque, ha seis mezes, tenho trabalhado tanto. O governo concedeu em fim que a successão do meu morgado passasse a Georgina, que reconheci por minha irmã, e que por documentos irrecusaveis mostrei ser filha de Braz de Lencastre. Eis o decreto — disse elle, entregando-lhe um papel: depois tomando de cima da mesa outro lacrado a vermelho, estendeu-lhe a mão com elle e accrescentou — este é o meu testamento; guarda esses dois documentos que em breve te hão-de ser necessarios.

As palavras de Henrique tinham um tom tão fatidico e seguro, que Francisco, fascinado por ellas e com os olhos cheios de lagrimas, tomou-os maquinalmente. Henrique voltou-lhe então as costas, e, como se o tivera esquecido, começou com o maior cuidado possivel a pôr em arranjo differentes objectos, como quem tinha de fazer os aprestos de uma longa viagem.

— Então queres deixar-nos outra vez, Henrique? — disse Francisco, encarando cheio de dôr o pobre louco.

Henrique voltou-se rapidamente.

— Sim, vou viver junto de Emilia no ceu — respondeu elle serenamente, e continuou os arranjos que tinha principiado.

As lagrimas deslisavam-se mansamente pelas faces de Francisco, que parecia não poder desfitar os olhos d'elle.

— Henrique! Henrique! — disse por fim cingindo o irmão entre os braços — e queres deixar-nos sósinhos aqui? Assim queres fugir do teu Francisco e da tua Georgina? Que mal te fizemos nós? Expelle essas ideias, meu pobre irmão querido, ainda és muito moço para abandonares a vida.

Henrique fitou por um pouco o cunhado, e quando viu que este ia a continuar, pôz-lhe rapidamente a mão sobre a bôca.

— Silencio! — disse-lhe elle em tom baixo e cheio de mysterio — não o digas a Georgina, pobre anjo querido! Mas tu és um *homem;* deves ser superior aos desgostos. Vou contar-te tudo, escuta-me. Hontem á noite, irmão, de cansado e falto de somno adormeci sobre o tumulo de Emilia. Poucos minutos passados, senti que os tumulos se moviam, e as arvores do adro sacudiam os ramos como influenciados pela presença de alguma coisa sobrenatural. Acordei. Uma luz, mais formosa e mais radiante que a do sol, empallidecia os raios da lua, e illuminava o espaço. No meio d'esta auréola celestial estava Paulo, trazendo Maria á mão direita e á esquerda a minha Emilia. Lancei-me de joelhos, e estendi os braços para elles; não podia fallar — elles olhavam-me com amor, e sorriam-se para mim. Então os la-

bios de Paulo moveram-se, como as franjas vaporosas de piquena nuvem branca que atravessa o puro azulado do ceu n'uma tarde de estio, estendeu para mim a mão, e a sua voz tocou os meus ouvidos.

—« Henrique — disse-me elle — perdoei-te diante do juizo de Deus. Tu estás perdoado, meu irmão.

Eu não podia nem fallar, nem mover-me. Então vi Emilia lançar-me em derredor do pescoço um braço que não pude sentir, e a sua voz, que parecia uma porção do canto dos anjos, feriu a atmosphera celeste que a rodeava.

—« Henrique, meu esposo adorado — ouvi-lhe eu dizer — em breve tornarás a ser meu. Juntos viveremos atravez dos seculos, juntos gozaremos da presença de Deus. Maria tambem te perdoou, tu serás salvo.

— Voltei-me então para a figura d'aquelle desgraçado anjo; um sorriso celestial pairava nos seus labios e a alegria da sua face exprimia o assentimento.

—« Oh! levae-me comvosco! — exclamei então, e quiz apegar-me á orla vaporosa dos seus compridos mantos brancos.

— Mas nada encontrei entre as mãos; e n'um momento aquella auréola desappareceu, e entre ella redemoinharam, como a nevoa, aquelles seres adorados, encaminhando-se para o ceu. Aos meus ouvidos chegaram então estas palavras, sahidas de dentro dos tumulos.

—« Dentro de quatro dias aqui repousarás comnosco.

Henrique interrompeu-se; o rosto de Francisco exprimia a dôr e a compaixão. Então elle, notando a incredulidade compassiva do cunhado, continuou:

— Julgas-me um louco, Francisco — disse elle — julgas-me um visionario, cuja razão se mergulhou nas nevoas vaporosas da contemplação abstracta? Enganaste, irmão; nunca a minha razão esteve tão clara e tão

perfeita; nunca da minha bôca sahiram palavras de que fosse mais fiadora a verdade. De hoje a quatro dias o verás por experiencia.

E dizendo assim, o visionario sahiu do quarto a passo rapido, e murmurando comsigo palavras inintelligiveis.

VIII.

N'essa noite, Henrique, contra o seu costume, recolheu-se ás nove horas, e deitou-se logo. Francisco e Georgina correram ao seu quarto, e acharam-no a arder n'uma febre violentissima. Comtudo o rosto, animado por ella, não exprimia melancolia, mas sim o mais celeste contentamento. Fallaram-lhe, mas não respondeu: a todas as perguntas correspondia sómente com um sorriso de uma doçura angelica.

A's duas horas deitou-se para baixo, cobriu a cabeça, e adormeceu. Francisco e Georgina velaram-no toda a noite: — elle dormiu sempre, com uma placidez e socego admiravel.

Durante os tres dias que se seguiram, a febre chegou a um ponto extraordinario; e comtudo Henrique não delirou, não proferiu uma só palavra. A's onzes horas da noite do terceiro dia mandou que, excepto Georgina e Francisco, todos lhe sahissem do quarto. Puxando então para si a irmã, contemplou-a por um pouco com o mais terno olhar.

— Georgina... adeus! — disse-lhe por fim, dando-lhe um beijo na testa e em voz de um accento inexprimivel.

Georgina cahiu desmaiada. Francisco fêl-a retirar do quarto, e ficou só com o cunhado. Este apertou-lhe então a mão, e fitou-o por um pouco com a expressão da mais terna solicitude.

— Francisco — disse elle por fim, apertando-lhe mais

a mão — vela pela felicidade d'ella. Irmão, a minha visão é uma realidade; traz-me aqui a tua filhinha.

Francisco sahiu, lavado em lagrimas, e em breve tornou a entrar com Emilia que pôz nos braços do visionario. Este fez um impulso superior ás suas forças, e sentou-se na cama. Tomou então a sobrinha nos braços, e contemplou-a n'um extasis de felicidade.

— E' o retrato da outra! —disse elle por fim — Pobre filha! Em breve vaes perder o teu amigo! Emilia, sê boa como aquella de quem tens o nome, e como aquella que te deu o ser. Eu vou orar a Deus pela tua felicidade; vou juntar os meus rogos aos d'aquelles anjos que me estão esperando, para que Deus te faça mais feliz do que nós fomos. Emilia, não esqueças o teu padrinho; toma tu cuidado dos meus tumulos, espalha sobre elles todos os dias as flôres que eu costumava espalhar. Promettes-m'o, sim, minha filha?

A pobre creança desfazia-se em lagrimas, abraçada ao pescoço do moribundo.

— Adeus... adeus!... — disse-lhe elle por fim, dando-lhe dois beijos na face.

Depois entregou-a ao pae, que a levou para fóra do quarto.

Quando Francisco tornou a entrar, o rosto de Henrique reluzia com a expressão de um cuidado pungentissimo.

— Francisco — disse ao cunhado depois de um curto silencio — bem sei que é desnecessario recommendar-te a nossa Emilia; mas é um descargo do amor que lhe tenho. Ao partir d'este mundo, não me punge o cuidado de a deixar abandonada ás necessidades da vida. Não, irmão; deixo-a rica e muito rica. No meu testamento previ o caso de poderes ter um filho varão, que

roube a Emilia a successão do meu morgado. Deixo-a herdeira de todos os meus bens livres e de todos os meus dinheiros. Afflige-me porém outra ideia: é que ella tem de viver no mundo, tem de vêr-se face a face com as paixoens e com a vida cynica da sociedade de hoje. Pobre anjo! ella cujo coração Deus dotou da mais sublime poesia! — ella que ha-de ser um dia a excepção angelica d'esta estragada e torpe multidão! E que males lhe não podem porvir d'aqui? Quantos pezares, quantas dôres, a par de todos esses desenganos, que um a um o mundo lhe atirará ao coração? Francisco, vela por ella, já que eu o não posso fazer: condúl-a pelo verdadeiro caminho, e quando ella amar, quando tiver de sujeitar-se a essa necessidade imperiosa em todos os coraçoens, e que fórma a essencia principal da alma da mulher, faz, amigo, faz que o homem que ame seja digno d'ella. Não a deixes approximar d'esses moços dissolutos, estragados pela sociedade ou mortos para o sentimento pelo excesso dos prazeres. As almas puras e ainda não affeitas ao mundo; os caracteres generosos e nobres, são, Francisco...

N'isto todos os relogios do palacio soaram meia noite.

— E' a hora — bradou Henrique interrompendo-se. Depois apertou com força a mão do cunhado — Adeus, meu irmão querido — disse elle — Emilia.... Paulo.... anjos... eu vos sigo.

E mergulhando-se rapidamente entre a roupa, cubriu a cabeça com ella. Por um impulso rapido e instinctivo, Francisco lançou a mão á roupa, e descubriu-lhe a cabeça.

Henrique exhalava n'esse momento o ultimo suspiro.

Francisco contemplou-o por um pouco, beijou-lhe então a fronte, cahiu de joelhos ao lado d'elle, e orou. Depois levantou-se, e foi ter com Georgina.

— Onde está Henrique? Onde está meu irmão? — exclamou a pobre menina, correndo para elle em delirio. Estacou porém diante da pallidez e do aspecto solemne do marido. Este levantando o braço, exclamou em tom verdadeiramente inspirado:

— N'este momento ha mais um anjo no ceu.

Georgina cahiu de joelhos, e no delirio da dôr começou a repetir em voz baixa, mas veloz, ferventes oraçoens por elle.

Desde que Henrique foi encerrado no tumulo, Francisco e Georgina conduziram todos os dias a piquena Emilia a rezar e a lançar flôres sobre o tumulo do seu padrinho e do seu amigo.

Emilia cresceu entre os carinhos e os cuidados de seus paes. A sua formosura, a sua intelligencia e a sublime poesia da sua alma, faziam-na ser adorada por todos; as suas riquezas colossaes tambem desafiavam os calculos de muitos especuladores. Porém parecia que não podia amar homem algum: todo o seu amor estava concentrado n'aquelles tumulos, onde todos os dias ia espargir flôres, e onde sósinha passava a rezar horas a fio.

Um dia Georgina foi encontral-a abraçada com o tumulo de Henrique.

— E tu lembras-te d'elle, minha filha? — perguntou-lhe, sentindo os olhos humedecidos pela saudade.

— Se me lembro! — respondeu a linda menina, lançando-se nos braços da mãe — foi o meu primeiro amor.

Ha homens a quem Deus dotou do sestro fatal de produzirem impressoens, que nem a morte nem o volver do tempo são capazes de apagarem de todo.

CAROLINA.

IV.

(1854).

CAROLINA.

I.

Inspirai-vos do genio de Canova e de Miguel Angelo; cinzelai no mais polido e pállido marmore de Carrara uma estatua de virgem; modulai-lhe o corpo e o semblante pelas fórmas angelicas das concepçoens de um poeta; pedi então a Deus um sôpro de vida com que a possaes animar, e depois, como o Pygmalião da fabula, prostrai-vos diante da vossa obra, e não vos envergonheis de adoral-a.

A juventude da mulher é o prototypo sublime das idealisaçoens mais poeticas. No meio das turbas exerce, sem o saber, a influencia magnetica da omnipotencia do bello. Que appareça, e se encaminhe para o seio das multidoens cerradas — os homens abrirão caminho, e patentearão vasta clareira, para que passe desaffrontada diante da sua admiração a maravilha da omnipotencia divina. Perante a fragilidade maviosa, com que a mente de Deus ideou esses corpos franzinos, encadeia-se a cólera do homem robusto, sem que mesmo se lembre de romper as cadeias; e o genio curva fascinado a fronte, e recebe d'ella o verbo da inspiração. Que ella se não

lembre de, com o riso nos labios, lançar no meio de nós a discordia — a historia do mundo recorda mais de um facto, com que a belleza da mulher tem levantado as naçoens, e dado assumpto a sublimes Illiadas.

Embora a vida dos prazeres materiaes, e a dos saloens e das festas nos tornem precoces no cynismo indifferente da maturidade; embora a experiencia do mundo nos tenha apagado a imaginação, e com ella destruido as crenças; — ao apparecer uma d'essas fórmas angelicas, o cynico sente-se tambem commovido, e ao despedaçar na sua torpeza a obra mais bella da mente de Deus, sente por um momento reviver a consciencia, a accusal-o de um crime, para o qual não encontra escusa, nem perante a justiça do coração, nem perante a justiça do Eterno.

A mulher é um ente excepcional no meio do mundo; a alma d'ella tem uma essencia alheia á da terra. Assim devia ser para Deus lhe poder confiar o encargo sublime de mãe e de esposa. Seres de uma essencia egual á dos anjos, grandiosa é a missão que Deus lhes confia, quando as faz incarnar e descer sobre o mundo. A vida sem ellas seria tormento contínuo; só, e sem o amor com que ella nos doira a existencia, o homem passaria na terra, trazendo sempre nos labios a expressão de um odio satanico. A mulher appareceu, e a vida abrilhantou-se com a esperança e com o amor.

Não a accuseis, se muitas vezes a torpeza lhe contamina o espirito, e enloda-a no charco dos desvarios humanos; — estudae-vos, e vereis que sois vós quem rebaixaes o anjo até os vossos tôrpes instinctos.

As vossas palavras e as vossas acçoens onde é que balisam?

A mulher pede-vos amor — mas vós, que as consideraes apenas brinco dos vossos caprichos; que nada re-

ceiaes d'ella, porque não possue a força, o unico Deus que respeitaes, abusaes covarde e vilmente do seu divino sentir, e depois escarneceis d'ella no tripudio das vossas paixoens asquerosas.

Avisai-vos porém que do anjo não façaes um demonio. Consultai o proprio instincto, e vêde o que será depois a vida para vós.

Vou contar-vos a historia de uma mulher — de uma mulher, cujas fórmas e cuja alma poderia servir a um poeta de typo para a descripção verdadeira de um anjo.

Entrai comigo n'este quarto do segundo andar de uma casa, situada n'uma das ruas do bairro baixo do Porto.

São apenas sete horas da manhã, e este quarto, mobilado com a simplicidade de uma pobreza limpa, está já completamente arrumado. Os moveis são poucos e pobres, mas tão aceados e bem dispostos, que por esta simples habitação se podiam trocar muitos palacios sumptuosos. Uma piquena cama de ferro já arranjada, uma commoda e algumas cadeiras, um piqueno toucador e uma mesa de costura, eis toda a mobilia do quarto.

Eu não sei se os outros sentem o que vou dizer; sempre porém hei-de achar por ahi quem me entenda.

Nunca entro no quarto de uma mulher virgem, — principalmente d'essas que parecem só creadas para amar, e que, vivendo no mundo, em nada pertencem ao mundo — que me não sinta commovido por uma profunda impressão de respeito, que a meu vêr, nada mais é que sincera homenagem prestada pela religião do meu coração. Fui sempre assim; e mesmo n'outros tempos parecia-me que dentro d'aquellas paredes havia um não sei que de sagrado que matava todos os instinctos do mundo; parecia-me até que o entrar d'ellas para dentro, eu homem do mundo, era crime, era sacrilegio imperdoavel.

Esse arranjo, essa harmonia que reina lá dentro; esses nadas quasi infantís, com que a mulher adorna o seu quarto contrastam singularmente com o desarranjo meio cynico, e meio varonil de um quarto de rapaz. Aquelle arranjo e aquelles piquenos nadas dizem não sei que ao coração e á alma. Dentro d'aquellas paredes não se dizem palavras que não sejam innocentes e puras — ali não se póde rogar uma praga. Quem o ousasse fazer, succumbiria ao pêso da accusação pungente do proprio instincto, impressionado por um respeito indefinivel.

Rodeia-se com os olhos o quarto; até que em fim param sobre o leito da virgem. Se tendes sentimentos delicados, sentir-vos-eis enlevado por uma poesia celestial. E' ali onde repoisam os membros franzinos, que imaginamos por entre as pregas da roupa, quando ella passa por nós; é ali que dorme o somno infantil de uma alma toda de amor: é ali finalmente, onde, embalada pelas crenças mais formosas, sonha a ventura da vida, sem que um só pensar mundano venha torvar o seu sonho formoso. Ao respirar essa atmosphera que vos é tão estranha; ao achar-vos, para assim dizer, transportado a um mundo que vos é tão alheio, sentir-vos-eis inspirado por um amor casto e puro, sentir-vos-eis animado pelo desejo de ser o protector d'esse ente tão fraco e tão formoso, para quem vos sentís arrastado pela mais pura affeição.

Mas entremos no quarto a que te conduzo, leitor. As minhas divagaçoens devem-te ser fastidiosas; mas são reparaçoens, satisfaçoens que dou pelo passado. Assim não ha remedio, ou não as lêr, ou atural-as. Quanto a mim não tenho remedio senão escrevêl-as; é puro negocio de consciencia.

Vêdes essa menina, cujas feiçoens retratam uma dôr

profundissima, mas resignada; uma saudade tão sentida, tão suave, que commove a quem olha aquelle rosto formoso? E' d'ella de quem vou contar-vos a historia.

Carolina é filha de um caixeiro de um negociante riquissimo. Seu pae está prêso pelo crime de roubo e de abuso de confiança, praticado contra o seu patrão.

Vestida com um modesto vestido de chita, talhado com gosto elegante, Carolina, sentada n'uma cadeira, com a cabeça cahida sobre o peito, fita na mais profunda abstracção um retrato que segura nas mãos poisadas no regaço.

Tem dezoito annos apenas. O corpo é esbelto e talhado com uma correcção aristocratica. A cinta é tão delicada, que ao olhal-a pasmareis como por ella se possa communicar a vida; as mãos e os pés são de uma piquenez admiravel. O rosto, adornado por compridas madeixas de cabellos escuros, que lhe descem em anneis pelas faces abaixo, é o typo da inspiração grandiosa que animou Guido e Raphael ao traçarem sobre a tela as fórmas angelicas das suas sublimes *madonas*. A fronte espaçosa e os formosos olhos castanhos-escuros reflectem uma intelligencia apurada, e a poesia melancolica da alma.

A bôca piquenina e suave acaba de completar aquelle rosto, que parecia creado pela imaginação de um poeta, para quem a vida é uma dôr continuada.

Immovel e com os olhos fitos no piqueno quadro que tinha nas mãos, Carolina estava na mais profunda abstracção. Fundira-se-lhe a vida n'aquella contemplação; estava isolada no meio do mundo, sem mesmo conhecer a isolação em que estava. Aquelle retrato encerrava a felicidade para ella; e entre ella e a felicidade havia alguma coisa que lhe dava ás feiçoens aquella expressão

de dôr e de melancolia indefinivel. Era profunda aquella dôr, aquella melancolia — mas não a exprimia por um só gesto, por uma só lagrima. A dôr, sentida por uma alma cheia de poesia, não se despeitora em gritos e esgares, não quer o consôlo da publicidade.

Ella assim estava — pállida e immovel como uma estatua, a quem o artista déra aquella posição para uma existencia de seculos.

A porta do quarto abriu-se finalmente, e para dentro entrou uma senhora já mais idosa e vestida com a mesma pobreza e arranjo. O rosto, cortado de rugas profundissimas, retratava a mais tocante expressão da desgraça resignada, e mostrava ao mesmo tempo que os cabellos brancos que appareciam por debaixo da touca, não eram os signaes de uma idade avançada, mas sim os de uma velhice prematura, causada pelas contínuas amarguras, que lhe atormentavam o espirito.

Ao sentil-a entrar para dentro do quarto, Carolina estremeceu, e escondeu rapidamente no seio o retrato que tinha na mão. Depois dirigiu-se para ella.

— Bons dias, minha mãe — disse a linda menina, curvando a face sobre uma das mãos d'ella, para vêr se durante esta homenagem prestada pelo respeito de filha, podia occultar o sobresalto e a dôr que a pungia.

D. Maria abandonou a mão á filha, depois fitou n'ella os olhos que exprimiam uma compaixão afflicta e um pensamento doloroso.

— Carolina, eu sei tudo — disse ella em voz que denotava uma afflicção concentrada e cheia de dôr, uma afflicção como sente uma mãe, ao ser obrigada a vir na hora da amargura lançar o crime ao rosto da filha.

Estas palavras, soltadas assim e tão deslocadas, fizeram estremecer Carolina; pareciam que importavam

comsigo a descuberta de um segredo criminoso, a accusação temerosa de um facto de eterna vergonha.

— Oh! minha mãe! — exclamou a pobre menina, arrojando-se nos braços d'ella com um grito cheio da mais pungente angustia.

D. Maria fez sentar a filha junto de si; depois olhou-a por um pouco verdadeiramente afflicta.

— Minha filha — disse ella por fim — estou só no mundo, só comtigo. Hoje que me falta teu pae, hoje que luto sósinha com os horrores da miseria e da fome, careço mais do que nunca de desabafar a mágoa das minhas infelicidades. E com quem senão comtigo posso eu desabafar, minha filha?

Carolina animou-se um pouco; estas palavras nada tinham com o segredo da sua alma; diziam sómente a necessidade que sente quem está afflicto, de communicar as penas, com outro que tambem as saiba chorar. Levantou o rosto, portanto, e tentou fazer reapparecer n'elle a serenidade de espirito necessaria para reanimar a mãe.

— Eu sei tudo, Carolina — continuou esta — tu amas Eduardo e o teu amor... é a causa da desgraça que pésa sobre teu pae — accrescentou ella em voz sumida pelo receio da impressão que estas palavras causariam na alma delicada da filha.

— Oh! minha mãe — exclamou a pobre menina n'um grito de dôr e de espanto, arrojando-se arrebatadamente aos joelhos de D. Maria. A afflicção que de subito lhe subiu ás feiçoens foi tão sublime, que D. Maria aterrada, accrescentou logo como fóra de si:

— Eu não te accuso, Carolina; nem eu nem teu pae temos direito a isso, minha filha adorada. Tu és como nós victima do teu desgraçado amor; tu não sabes quem é o homem que amas.

— Quem é o homem que amo! Quem é Eduardo! — disse maquinalmente a pobre menina, como assombrada por estas palavras da mãe.

— Não, minha filha, tu não sabes quem é Eduardo — replicou D. Maria — agora mesmo é que tudo me foi revelado. Se eu o tivera sabido antes, Carolina, teria prevenido todos os males que teem succedido; teria-te advertido, e tu... Mas eu não sabia do teu desgraçado amor. Eduardo é filho de Manoel Ferreira, é filho do patrão do teu pae. Soube-o ha pouco, e juntamente que era por este malfadado amor que Manoel Ferreira fez sahir o filho para fóra de Portugal, e que por causa d'elle tambem é que lança sobre teu pae a nodoa de ladrão... para se vingar de que a filha do pobre caixeiro ousasse levantar os olhos para o filho de um milionario.

Carolina sentia perder-se-lhe a razão diante d'esta revelação dolorosa.

— Eduardo... filho de Manoel Ferreira! — disse ella forcejando para coordenar as ideias — desterrado por eu o amar! meu pae accusado.... Oh! minha mãe! — e a pobre menina, succumbindo diante de tão dolorosa ideia, soltou este nome n'um grito, e mergulhou a face no regaço da mãe.

— Minha filha, minha Carolina — replicou D. Maria, magoada por esta intima desesperação, e com as lagrimas a correrem-lhe pelas faces abaixo — olha, escuta-me, tu não és culpada. Não o sabias, porque se o soubesses, não o amavas. Tu não és culpada, Carolina; nem eu, nem teu pae nos podemos queixar. Não o sabias, nem a tua alma innocente podia aventar, que esse homem fosse tão vil que escolhesse para victima da sua torpeza uma desgraçada menina, filha do homem que servia seu pae. Carolina, torna a ti; se o filho de Manoel

Ferreira escarneceu da nossa pobreza, illudindo o teu coração; ou se arrastado por um verdadeiro amor, não teve a força para o suffocar, quando a honra lhe ordenava que não fizesse desgraçada a mulher, com quem o mundo lhe não consentia casar—porque diante do mundo a honra e a formosura da mulher nada valem, e ainda menos quando postas na balança com as riquezas de um millionario — tu para Deus e para teus paes não és culpada. O crime é d'elle, filha; e só a elle é que devemos pedir contas da nossa desgraça.

Entretanto que D. Maria fallava, Carolina tinha os olhos fitos nos d'ella, como perdida em ideia dolorosa que lhe pesava no pensamento. Ao ouvir, porém, as ultimas palavras, levantou-se pállida e sublime de dôr.

— Não, minha mãe — disse ella — a culpada sou eu só. Não accuse Eduardo; ainda que dissesse quem era, eu não deixaria de amal-o. Era muito grande a força que me impellia para elle. Se o conhecesse, se soubesse quanto aquella alma é nobre e grande, veria que o occultar-me o seu nome não é um crime nem uma vileza. Oh! elle ama-me, minha mãe; eu sou a esposa do seu coração. Aquella alma não mente, não póde mentir. Se me não disse quem era, agora conheço a razão. Oh! como é nobre e como é generoso! Não quiz impôr á filha do caixeiro de seu pae o amor pelo receio; não me quiz rebaixar até á minha miseria pondo-me de frente com os milhoens que ha-de possuir no futuro. Oh! minha mãe, minha mãe, aquelle homem não é vil. — A culpada sou eu; e meu só é o crime — é meu, porque pobre e miseravel ousei acreditar na ventura do amor, porque me atrevi a sonhar com a felicidade de esposa, não podendo offerecer ao homem que amava mais do que o meu co-

ração. Oh! minha mãe, eu sou a causa da sua desgraça, sou a causa da infamia de meu pae.

E a pobre menina arrojou-se na mais viva desesperação aos joelhos da mãe, soltando gritos pungentissimos.

— Minha filha! minha filha! — exclamou D. Maria, cada vez mais afflicta — não, não; não te accuses assim. Não és criminosa; se o fosses, não ousára abençoar-te, e em meu nome e no de teu pae eu te lanço a minha benção, minha filha adorada.

Ouvindo estas palavras, Carolina estendeu rapidamente os braços para a frente, como repellindo a benção que a mãe lhe lançava.

— Oh! minha mãe, minha mãe — exclamou ella com o mais vivo terror — ai! que é a maldição que me lança. Ha tres mezes que estou deshonrada, ha tres mezes que sou mãe.

E a pobre menina de joelhos diante da mãe, deixou cahir para traz a cabeça, e cobriu o rosto com as mãos.

D. Maria ergueu-se de repente, e deu dois passos para a porta. Com os olhos fitos na filha parecia querer fugir d'ella, cheia de pasmo e de mêdo.

— Deshonrada!.... deshonrada!.... — exclamou em voz suffocada e correndo instinctivamente para a porta.

Mas a cabeça de Carolina bateu desanimada sobre a cadeira, defronte da qual estava ajoelhada, e o instincto sagrado de mãe fez correr D. Maria para ella. Contemplou-a um momento ainda impressionada pela revelação que lhe fizera, depois tomou-a em pêzo nos braços, e sentou-a sobre os joelhos. Fitou-a por fim com a serenidade de uma alma grande diante de uma grande desgraça.

— Pobre filha! — disse ella então, e assim dizendo, roçou-lhe com os labios na face.

Um beijo de mãe é a mais poderosa consolação na desgraça. Carolina estremeceu, voltou a si, e abraçou com força o pescoço de D. Maria.

— Minha filha — disse esta por fim com voz meiga e serena — o teu crime é muito grande. Não te disfarçarei o que sinto, Carolina: abusaste da confiança que teus paes depunham em ti, e sem te lembrares de quanto já eram desgraçados, levaste a sua miseria até onde podia chegar. Embora, filha; nem por isso te repellirei, nem por isso te negarei os meus consolos e as minhas lagrimas. És mais digna de lastima, do que de reprehensoens; cedeste ao amor com que infamemente te souberam illudir. Esquece o passado, filha; esquece o infame que abusou tão covardemente de ti, que te arrastou á deshonra, e depois te abandonou como um vil...

— Perdão, perdão para elle! — interrompeu Carolina, arrojando-se de novo aos joelhos da mãe — não é vil.... não é infame....

D. Maria ergueu-se então diante da filha com a dignidade magestosa de um juiz inspirado por Deus.

— Não é vil, nem infame! — disse ella — não é vil nem infame o homem que abusou tão covardemente da mulher que o adorava, e depois a abandonou como um villão, só porque ella não era filha de homem poderoso, que lhe podesse pedir contas d'aquella acção vergonhosa! Pobre filha! a tua alma innocente não póde blasphemar, ainda depois de tão offendida!

— Mas elle ama-me, mas elle não me abandonou! — exclamou Carolina, cingindo-se contra os joelhos da mãe como a implorar piedade para o homem que tanto adorava.

*

— Não te abandonou! replicou D. Maria. — Então onde está o teu amante, Carolina? Onde está o pae de teu filho?

— Minha mãe! minha mãe! — disse a pobre menina, abraçando-se cada vez mais com os joelhos de D. Maria.

— Esquece-o, minha filha — continuou esta — esse homem não deve existir mais para ti. A mulher cujo amor foi ludibriado, é só com a dignidade do orgulho que se salva diante do escarneo do mundo. Esquece esse homem, Carolina; amal-o ainda, era tornar-te despresivel aos olhos de todos. Esquece pois o passado; o teu amor foi um pesadêlo de que, ao acordar, deves afugentar a ideia. Morreste para o amor de esposa, Carolina; mas tens o de filha. E teus paes carecem d'elle, carecem, e muito para terem forças de supportar a desgraça que os persegue. Volta-o todo para elles; e se não temos agora o direito de te punir, porque amaste; então nem mesmo poderemos queixar-nos perante a opinião do mundo — que não reconhece a necessidade imperiosa de amar, que traça para a vida um caminho, por onde a mulher tem de ir ávante como uma maquina movida á vontade de um egoismo estupido.

D. Maria calou-se por um pouco, depois limpou uma lagrima que lhe fugira pelas faces abaixo, e dando um beijo na fronte da filha, accrescentou em voz suffocada:

— Adeus, Carolina, eu vou vêr teu pae; coragem na tua desgraça, coragem e resignação. Olha que de ti depende agora tambem a salvação... de teus paes.

Assim dizendo, sahiu para fóra do quarto. Então a pobre senhora não pôde conter as lagrimas que lhe rebentavam dos olhos; encostou a cabeça ao corrimão do patamar, e começou a deixar correr o pranto que a afo-

gava. Algum tempo depois tomou animo, limpou as lagrimas, e desceu a escada em direcção á rua.

Carolina ficou só — sentada na mesma cadeira, onde a mãe a tinha deixado, com a cabeça pendida sobre o peito e o rosto macerado e pallido como o de um cadaver. Assim se conservou algum tempo. De repente a pallidez que lhe assombrava o rosto tornou-se-lhe livida, as faces contrahiram-se-lhe medonhamente, ergueu-se n'um espasmo nervoso, e, cingindo a cinta com as mãos, torceu-se um pouco sobre si, e cahiu redonda no chão.

— Meu pae! — gritou ella ao cahir.

N'um momento os vestidos e o pavimento inundaram-se de sangue. A fragil organisação da pobre menina não pôde resistir a tantas commoçoens dolorosas. O resultado foi o transtorno da gravidez em que estava.

II.

O ACCUSADO.

Com a frente voltada para a praça da Cordoaria, desaffrontada agora dos casebres que, ainda ha bem pouco, a abafavam, ergue-se o edificio triangular da Relação, a obra querida de Francisco de Almada — tenebrosa como o genio d'aquelle homem despotico, solida e gigante como todas as obras que elle acabou.

De todas aquellas, com que a tenacidade e a energia d'este homem celebre deu impulso á grandeza monumental do Porto — impulso que com elle morreu — é esta de certo a que mais ao vivo o retrata. A tradição popular, que trouxe até nós o mêdo que impunha o genio severo e despotico do terrivel corregedor, não o pinta, a meu vêr, com tintas tão perfeitas, como aquelle edificio, que ali se levanta — de architectura rude e pezada, de paredes massiças e grossas, e encoiràçadas por uma rêde duplicada de rijos varoens de ferro, dentro dos quaes não entra um só raio do sol, e a atmosphera é a humidade contínua. Foi ali que elle deixou á posteridade a sua historia; aquella cadeia é a sua biographia.

Francisco de Almada era homem que não conhecia mais que um respeito — a lei. Para lhe esmorecer a humanidade, bastava tocar ao de leve nas folhas das Ordena-

çoens. O homem, que offendia a lei, o criminoso, deixava de ser homem, e a humanidade com que o tratassem, era crime aos olhos d'elle. De condição sêcca e despotica, cuidava obrigação a severidade para com o culpado, e para o cumprir não olhava a meios nem a embaraços.

A lei era o Deus para elle — Deus a quem não era a razão que devia grangear veneração e respeito, mas ante quem o mêdo e o terror deviam fazer curvar a cabeça. Discutil-a, veneral-a depois de a comprehender, era crime abominavel; a lei devia ser acceite e acatada só porque era lei. Para a impôr d'esta fórma á intelligencia do povo, era mister revestil-a de apparencia severa e terrivel. Foi para realisar tal ideia, que Almada fez erguer a cadeia da Relação.

Aquella cadeia era a perfeição da justiça aos olhos d'aquelle terrivel ministro. Ali o criminoso tinha castigo condigno. Embora o innocente soffra de envolta com o culpado; a lei não os extrema senão com as provas á vista. O indiciado de crime é criminoso entretanto que não prova o contrario; reconhecido innocente tem por desaffronta — a liberdade. Os males que soffreu dentro d'aquelle calabouço enorme, nada importam; a lei, que é a salvaguarda da sociedade, não responde por estes acasos. O destino, só o destino, é que é o culpado. Se algum innocente ao sahir as portas da Relação, pedisse a Francisco de Almada, que o vingasse, a resposta seria: Estás vingado, porque estás livre.

E aquella cadeia ficou ali, e ainda hoje existe com as suas enxovias humidas e frias, com os seus segredos e oratorio, com a sua sala de julgamento — magestosa e solemne, mas funebre e severa como a ideia de justiça no pensar do seu fundador. O tempo completou depois a ideia que a fez erguer, deu-lhe o que Francisco de Al-

mada lhe não pôde dar. Denegriu-lhe as paredes, embaciou-lhe as claraboias, deu-lhe um aspecto luctuoso e triste, fez d'ella logar de desesperança e de dôr.

A intelligencia já olha para aquellas muralhas como para um grande crime; o povo já as amaldiçôa, deplorando as torturas que seus irmãos soffrem lá dentro. A hora da destruição ha-de chegar; não será porém a mão do povo, mas a intelligencia que a ha-de fazer em pedaços. O povo já reconhece que os furores revolucionarios não são os camartellos que derrubam aquellas Bastilhas do desvalido e do pobre. Diante da intelligencia esclarecida é que ellas baqueiam. Quando o povo irritado passa com o poder da revolução por cima das Bastilhas, as Bastilhas, passada a tormenta, tornam a reviver mais ferozes; mas quando a sociedade inteira exclama — «aquillo é um crime» — desapparecem para sempre. Assim findou a justiça tenebrosa de Veneza, assim morreu a associação wehemica, assim terminaram as inquisiçoens espanholas, e assim ha-de morrer finalmente este systema de detenção deshumano e estupido, com que a sociedade guarda, para castigar, os réos de crimes, a que ella em geral dá causa pela sua organisação egoista.

Foi pois a esta cadeia, onde a mãe de Carolina se dirigiu para vêr o marido.

D. Maria procurou quem fosse dizer ao carcereiro que lhe pretendia fallar. O carcereiro perguntou ao emissario quem era a pessoa que o procurava; ouvindo a descripção do traje pobre com que vinha trajada, o cérbero omnipotente achou-se alto demais para descer a incommodar-se a vir saber o que pretendia uma mulher embrulhada n'uma mantilha de lapim já roçada.

— O senhor carcereiro não lhe póde fallar — disse com mau modo o homem que levára o recado.

— E' o mesmo; espero — respondeu com dignidade a mãe de Carolina — entretanto pedia-lhe que lhe levasse esta carta, que me incumbiram de lhe entregar. Disseram-me que era de grande interesse para elle.

Dizendo isto, D. Maria entregou ao homem uma carta. Este depois de a virar e revirar como um macaco, subiu a rosnar as escadas, e desappareceu. Poucos minutos passados o carcereiro descia apressado as escadas; mal avistou D. Maria, tirou o chapéu, e dirigiu-se a ella com a maior solicitude e civilidade.

— Peço perdão, minha senhora — disse elle — se soubera quem v. ex.ª era... Mas os criados são causa de tudo isto. Peço a v. ex.ª que tenha a bondade de me acompanhar.

D. Maria seguiu o carcereiro, e subiu após elle uma centena de escadas, alumiadas por a meia claridade de uma luz, empannada pelos vidros denegridos e baços da claraboia. O carcereiro chegou por fim a uma porta, abriu-a; depois, apontando para dentro, disse attenciosamente:

— Vou chamar o senhor seu marido. Entretanto — accrescentou com um sorriso — como as escadas são muitas... se v. ex.ª quer tomar alguma coisa... sem ceremonia...

— Muito obrigado — respondeu D. Maria com ar senhoril — só quero vêr meu marido.

O carcereiro sahiu então, e pouco depois ouviram-se de novo passos na escada. A porta abriu-se, e Fernando da Silva, o marido de D. Maria, entrou para dentro do quarto, onde ella estava — quarto reservado para os advogados fallarem com os réos, de quem a lei lhes impoem a defeza.

— Com licença — disse o carcereiro, e fechou a porta sobre elles.

Era uma prevenção contra a qual toda a sua delicadeza não lhe podéra dar forças.

Fernando da Silva, homem de cincoenta e tantos annos, magro e alto, cabellos brancos, e de uma physionomia que pintava contínua amargura, mas nobre e expressiva de grande intelligencia, deu lentamente alguns passos para sua mulher, com os olhos fitos nos d'ella. Era a primeira vez que fallavam depois da sua prisão; assim aquella alma nobre e altiva, orgulhosa na sua innocencia, parecia querer prescrutar, antes de se arrojar nos braços da mulher que amava, se ella o supporia capaz do crime com que o calumniavam.

Opprimido por esta ideia, Fernando da Silva deu pois lentamente alguns passos para sua mulher. Esta levantou-se da cadeira onde estava sentada — pállida e com os olhos arrasados de lagrimas. Fitaram-se por alguns minutos, como indecisos sobre o modo de romper a conversação; por fim D. Maria, impellida por um impulso mais forte do coração, correu para o marido, e arrojou-se-lhe nos braços, abafada em lagrimas e soluços.

— Maria, estou innocente — disse Fernando, desviando-a ao mesmo tempo mansamente de si.

D. Maria comprehendeu o que aquellas palavras queriam dizer.

— Tão innocente — respondeu ella, ainda abafada pelas lagrimas — como Deus é grande e tu bom pae e bom esposo.

Ao ouvir estas palavras, Fernando atirou-se aos braços de sua mulher, e alguns gemidos abafados mostraram quanto ellas lhe tinham alliviado o coração. Por fim suffocou as lagrimas, e como envergonhado de ter

cedido á sua desgraça, obrigou nos labios um sorriso, e rompeu serenamente a conversa.

— Pensei que me tinhas esquecido, Maria — disse elle — ha oito dias que estou prêso, e ainda me não vieste vêr!...

— Tenho, tenho — respondeu ella — todos os dias; e duas e tres vezes por dia. Mas como estavas no segredo....

— No segredo! eu no segredo, Maria! Quem te disse isso? — disse, sorrindo Fernando da Silva — eu no segredo! eu só e incommunicavel! Como te enganaram, minha pobre Maria! — continuou com um sorriso de ironia triste — estou muito á luz do dia, tenho ar á vontade e companheiros com quem conversar. E que companheiros aquelles, Maria!... Se soubesses....

— Mas todas as vezes que tenho aqui vindo, Fernando — replicou ella — sempre me diziam que havia ordem de não deixar fallar ninguem comtigo, que estavas incommunicavel. Meu pobre marido! Só, na tua idade e doente... n'esta casa tão fria...

— Só, dizes tu? — replicou elle com a mesma ironia triste — estás enganada, minha boa Maria. Estou muito acompanhado, e muito bem accommodado. Olha, para cima de vinte companheiros, uma manta para nos cobrir, uma tarimba onde todos dormimos bem chegados uns aos outros por causa do frio e das humidades, um caldo que nos dá a Santa Casa, que, abençoada ella seja, não deixa morrer de fome ninguem, e depois uma conversa sempre animada. E chamas a isto estar só e mal acompanhado?

— Fernando, meu pobre Fernando! — exclamou D. Maria, com os olhos cheios de lagrimas, e apertando dolorosamente a mão do marido.

— Eu bem sei — continuou elle, sorrindo da mesma maneira — que n'esta casa ha melhores accommodaçoens do que a minha. Os quartos de Malta, por exemplo... Mas isso é para os ricos, para quem póde pagar um cruzado novo por dia. Mas para mim!... talvez a minha familia esteja morrendo de fome...

O pobre homem interrompeu-se para suffocar a dôr que lhe ia no coração. Depois continuou:

— Quando cheguei, perguntaram-me se queria um d'aquelles quartos; respondi — sou pobre. Calaram-se, e conduziram-me para junto dos pobres, para a enxovia. Mas queres que te diga, Maria, estou lá bem melhor, do que n'outra qualquer parte a sós com as minhas ideias. Na enxovia não ha lugar para pensar, ha sempre uma conversa animadissima. Todos contam a sua vida passada, e o que chega de novo é obrigado a fazêl-o tambem. Se visses a compaixão que tiveram de mim, quando lhes disse que estava prêso por ser falsamente accusado de ladrão! « Pobre diabo! » — disseram elles; e depois cada um se pôz a contar a sua historia, a fidalguia da sua prisão, como elles lá dizem. Um tem dois ou tres assassinatos, outro é incendiario, aquelle salteador, e todos com circumstancias tão singulares, que me teem verdadeiramente entretido.

As lagrimas corriam em fio pelas faces de D. Maria, e o rosto retratava a mais dolorosa amargura.

— Mas deixemos-nos d'isto — continuou Fernando da Silva, depois de uma curta interrupção — diz-me como alcançaste entrar aqui hoje.

— Hontem — replicou D. Maria, fazendo por abafar os soluços — quando entrava para casa, a Joanna, mulher do alfaiate nosso visinho, perguntou-me como estavas. Contei-lhe tudo. A' tarde foi a nossa casa, deu-me

uma carta, e disse-me — senhora D. Maria, vá á Relação, e entregue esta carta ao carcereiro. E' da senhora condessa de Oliveira; verá como lhe hão-de deixar vêr seu marido. — Vim, mas com pouca fé. O carcereiro mandou-me dizer que não estava em casa; mas depois de receber a carta, veio fallar-me, pedindo-me mil perdoens e tratando-me com toda a civilidade.

Fernando encolheu os hombros, e deixou vêr um sorriso sarcastico.

— Assim devia de ser — disse elle. — E's pobre, e mulher de um prêso pobre, de quem nada ha a esperar. Se fosses mulher de um grande concussionario, que podésse dispôr de muitas moedas, então seria outra coisa; mas és pobre, mulher de um ladrão pobre!...

— De um ladrão!... — exclamou D. Maria, apertando com força a mão do marido.

— De um ladrão, sim — replicou elle — Pois que sou eu n'esta casa? Não sabes que entretanto que não provar a minha innocencia, sou ladrão, embora não commettesse roubo algum? Olha, Maria, a minha innocencia nada vale para os meus guardadores — agora, nem depois. A questão é ser pobre. Quando sahir, levar-me-hão á porta com a mesma indifferença com que fui mettido aqui. A minha innocencia! Porque estou eu aqui!... Demais, olha, a minha innocencia não era motivo para te darem attenção. A tua mantilha já está muito roçada, e eu estou n'uma enxovia. Mas, diz-me, a nossa Carolina porque não veio comtigo?

— Porque eu não acreditava que ainda hoje te podésse fallar, meu pobre Fernando — respondeu D. Maria.

— Que venha ámanhã — disse elle — quero que me diga que tambem acredita na minha innocencia.

— Que acredita na tua innocencia! — replicou D. Maria — Nem um só momento duvidamos de ti. E mais ella... que sabe tudo...

Fernando apertou com verdadeiro reconhecimento a mão de sua mulher.

— Assim mesmo — disse elle — quero que m'o diga; tambem quero vêl-a. E' uma consolação para mim. Olha, Maria, quando me prenderam, não me affligia senão a ideia de que minha mulher e minha filha podiam acreditar um momento na calumnia que me levantavam. Que o mundo me suppozesse ladrão, pouco importa; um dia lhe provarei o contrario, e o seu desprêso temporario nada me fere, pois que nada valho para o mundo. Mas a minha familia, os unicos laços que me prendem á vida... Ha quinze annos que sirvo Manoel Ferreira, sem que elle tenha tido o menor motivo de se queixar de mim; esta calumnia por elle assacada a um homem provado por serviço de tanto tempo e sempre leal, é infame, feriu-me muito, mas não succumbi a ella; porém se minha mulher e minha filha...

— Tua mulher e tua filha, Fernando — replicou com dignidade D. Maria — nunca te deram motivo para as suspeitares capazes de uma infamia, como essa. E Manoel Ferreira — accrescentou em voz mais baixa — conhece tão bem como nós a tua innocencia.

— Conhece a minha innocencia! — disse Fernando, estremecendo; depois como tendo desvanecido a ideia que lhe passou no pensamento, accrescentou serenamente — Ha-de conhecêl-a um dia; quando lhe provar que a minha accusação foi tão falsa como injusta. Hoje, pondo de parte a fidelidade com que sempre o servi, tem na verdade razão para suspeitar de mim. O dinheiro foi guardado na gaveta da escrivaninha onde eu escrevia,

n'um gabinete, onde eu só entrava; desappareceu, as suspeitas recahiram em mim.

— E viste guardar o dinheiro? — perguntou D. Maria, com signaes de incredulidade.

— Vi; eu mesmo o contei — respondeu elle — Que o dinheiro desappareceu, é facto decidido; mas quem o roubou, é que não sei.

D. Maria fez um gesto de impaciencia.

— E acreditas em tal roubo, Fernando! — replicou ella, fitando significativamente o marido — Pois bem, assevero-te que tal roubo nunca existiu; tenho a certeza que Manoel Ferreira sabe onde existe o dinheiro. Eu sei tudo.

Fernando da Silva deu um estremeção na cadeira, e depois, carregando as sobrancelhas, fitou sua mulher com os mais vivos signaes de descontentamento.

— Sabes tudo! — disse elle por fim — e que pódes tu saber, minha pobre Maria? Sabes que estou innocente, porque o teu coração e a tua razão t'o ensina. Além d'isso que pódes saber de um facto que te é tão alheio? Tudo o que imaginas, acredita-me, é só resultado do teu amor e da tua affeição. Que o dinheiro foi roubado, é tão certo como Deus ser Deus, e nós estarmos agora fallando um com o outro.

D. Maria abanou tristemente a cabeça, e respondeu, apertando nas suas as mãos do marido.

— Não te agonies, meu esposo querido; mas olha, estás a esse respeito illudido. Manoel Ferreira sabe onde pára o dinheiro. Repito-te, eu sei tudo.

— Sabes tudo! — replicou elle vivamente contrariado — mas que sabes? que sabes? diz.

D. Maria fitou n'elle os olhos, receosa da impressão que lhe faria o que lhe queria revelar.

— Sei — respondeu ella por fim — sei que ao teu patrão nunca faltou dinheiro algum, sei que estás aqui prêso e calumniado por uma vingança infame, que elle pretende exercer contra ti.

Fernando tirou as mãos de entre as de sua mulher, e exclamou, já mal podendo vencer a irritação em que estas palavras enigmaticas lhe tinham lançado o espirito:

— Uma vingança! Estás louca, Maria? Manoel Ferreira vingar-se de mim! Que lhe fiz? que motivos lhe dei para querer tirar vingança de mim? Ha quinze annos que o sirvo, e até este roubo fatal, sempre mostrou por mim muita deferencia e até amizade. Apesar de seu genio grosseiro e soberbo, tratava-me sempre...

— Fernando, meu esposo adorado — interrompeu-o D. Maria, juntando as mãos, e pondo n'elle os olhos com a mais viva afflicção e anciedade — vou revelar-te tudo; mas a minha revelação é dolorosa, ha-de magoar-te. Promette-me que serás homem, que terás coragem para me ouvir, que não succumbirás. Oh! Fernando — continuou ella, lançando-se-lhe nos braços — carecemos agora de muito valor e de muita resignação; nas nossas circumstancias, na miseria em que estamos, deves ter muita coragem para não morrer, e a revelação que te devo fazer, póde...

— Maria, fazes-me mêdo! — exclamou o pobre homem, arredando de si a esposa.

— Não, mêdo não, Fernando — respondeu ella, animando-se — o que te vou contar não te deve pôr mêdo: — não, porque Deus ha-de valer aos perseguidos, porque ha uma justiça no ceu, e essa está pela nossa parte. Ha-de causar-te uma dôr bem profunda, esposo, uma dôr como a que me fez a mim; mas tu has-de ser forte

como eu fui, porque és homem, e estás affeito a luctar com a desgraça.

— Falla, Maria, falla — exclamou Fernando na maior anciedade.

D. Maria limpou as lagrimas, que, mau grado seu, lhe corriam pelas faces abaixo.

— Seis dias depois da tua prisão, Fernando — disse ella por fim — como visse que me não deixavam fallar comtigo, dirigi-me a casa do teu patrão, a pedir-lhe que se compadecesse de nós. Oh! perdão, meu esposo adorado — interrompeu-se ella, lendo na face do marido uma reprehensão sevéra — foi covarde este passo que dei, bem o conheço; mas queria vêr-te, e não pude ser superior á minha dôr. Fui pois a casa d'aquelle homem soberbo, e pedi-lhe que me escutasse um momento; mas elle mal soube quem eu era, mandou-me despedir da sua porta, dizendo que nada tinha que fallar comigo. Sahi na mais viva afflicção, mas á sahida da porta, José, o boleeiro, por quem tantas vezes intercedeste para com Manoel Ferreira, veio ao meu encontro, e disse-me rapidamente: «Senhora D. Maria, d'aqui a duas horas vou a sua casa, careço de fallar comsigo.» D'ahi por duas horas estava em nossa casa.

« — Senhora D. Maria — disse elle — devo muitos favores ao senhor Fernando, por isso venho fazer-lhe uma revelação que o póde salvar. Um dia antes da prisão de seu marido, eram cinco horas da tarde, ao findar o jantar, o senhor Manoel Ferreira disse com ar carrancudo ao filho, que o acompanhasse ao escriptorio.

« — O senhor Eduardo levantou-se para seguir o pae; mas antes disse-me que fosse ao quarto d'elle buscar uns ferros de arreios, que queria fazer experimentar

n'aquelle mesmo dia. O senhor Eduardo seguiu o pae, e eu cinco minutos mais tarde fui cumprir as ordens que elle me déra. Ao passar pelo quarto do patrão, ouvi um grande arruido de vozes; a curiosidade incitou-me, puz-me a escutar. Ouvi então o senhor Manoel Ferreira gritando :

« — « E' uma indignidade. Has-de partir hoje mesmo para Inglaterra. O paquete está fóra da barra, has-de partir n'elle.

« — Então o senhor Eduardo respondeu em voz abafada :

« — « Partirei, meu pae ; mas olhe o que faz.

« — Depois dirigiu-se á porta, e eu deitei a correr para não ser apanhado.

« — O senhor Eduardo entrou furioso no quarto, e mandou chamar o seu criado. N'este momento ouvi tocar com muita força a campainha no escriptorio do patrão. O criado do quarto acudiu ao mesmo tempo que eu ia passando.

« — « Boleeiro — disse-me o patrão com muito máo modo — poem a minha sege, e logo que esteja prompta, vem-m'o tu mesmo dizer.

« — Vesti-me, e aprumptei n'um momento a sege; depois dirigi-me ao escriptorio. O senhor Manoel Ferreira já estava vestido, e passeava com as mãos atraz das costas. Apesar do rumor que fiz, não me ouviu — fingiu não me ouvir, que bem o conheci — e continuou a passear e a fallar baixo comsigo. Ouvi-lhe proferir distinctamente :

« — « Roubou-me, ha-de custar-lhe caro.

« — Estas palavras e a questão que tivera com o filho atrapalharam-me. Fiz mais barulho, e então voltou-se para mim, e disse-me :

« — « Então sabes que estou roubado?

« — Eu dei um salto de mêdo.

« — « Nada receies — disse-me elle — é facil conhecer quem foi o ladrão. Foi aquelle velhaco do Silva. O hypocrita, o santarrão de má morte, soube enganar-me por muito tempo, mas hei-de ensinal-o.

« — Depois sahiu, e metteu-se na sege, que me mandou dirigir para casa do juiz da policia. Estivemos lá até ás nove horas, por isso é que não vim avisar o senhor Fernando. Ora, senhora D. Maria, estou convencido, por tudo que ouvi, que o senhor Eduardo foi quem roubou o dinheiro, e que o senhor Manoel Ferreira para o não perder, e não deitar as culpas ao filho, accusa o senhor Fernando de ter feito o roubo. Veja se lhe póde dizer isto ; e se fôr necessario estou prompto para o ir jurar, porque depois do que se tem passado, não se me dá um ceitil d'aquella casa. Tenho mêdo d'ella ; podem accusar-me tambem de algum roubo. »

— Se é só isso o que me tens a dizer, Maria — interrompeu Fernando da Silva — não passa tambem de ser uma loucura, mas uma loucura criminosa. Eduardo era incapaz de roubar seu pae, e Manoel Ferreira, se o filho lhe tivesse gasto o dinheiro, por coisa alguma do mundo lançaria sobre mim accusação tão infame. Eduardo sahiu para Londres, mas foi a negocios.

— Eduardo — replicou D. Maria — foi desterrado pelo mesmo motivo, por que tu estás aqui.

— Pelo mesmo motivo! — exclamou Fernando da Silva.

— Pelo mesmo motivo — disse D. Maria — escuta-me, sem me interromper, e então me comprehenderás. Esta manhã quando a nossa visinha do alfaiate me foi levar a carta da condessa de Oliveira, disse-me ao mes-

mo tempo: « Senhora D. Maria, vou dizer-lhe uma coisa que a ha-de affligir, mas tenha paciencia; entendo que da revelação d'este segredo depende a salvação de seu marido. Hontem uma minha prima, que é criada da baroneza de Vallongo, que dizem estar para casar com Manoel Ferreira, veio a minha casa, e fallando-lhe eu na ama, disse-me que ella estava muito agoniada em razão do filho de Manoel Ferreira ter sido desterrado pelo pae. Perguntei-lhe a razão do desterro, e disse-me que tinha ouvido ao proprio Manoel Ferreira, que era por elle namorar e estar apaixonado pela filha de um seu caixeiro.» Como eu estava na ante-sala — continuou minha prima — ouvi-lhe dizer que se havia de vingar do caixeiro, e que para isso o tinha já feito prender por ladrão, accusando-o de lhe ter roubado um dinheiro que tinha n'uma escrivaninha, onde elle costumava escrever. Que o dinheiro o tinha elle mesmo tirado de lá, mas que as provas eram taes, que o caixeiro não podia deixar de ser condemnado.

Fernando estava espantado; á medida que D. Maria ia fallando, crescia n'elle o pasmo e o terror.

— E' impossivel, é impossivel — disse por fim.

— E' a verdade — replicou D. Maria — Carolina confessou-me...

— Carolina amava Eduardo? — interrompeu Fernando com um gesto de pasmo.

— Amava-o, sem saber quem era — replicou D. Maria — Eduardo nunca lhe tinha dito de quem era filho. Esta manhã quando lhe revelei o segredo, a pobre menina esteve a morrer de afflicção, esteve a succumbir á ideia de ser causa da desgraça de seus paes. Depois contou-me...

— Eduardo! uma alma tão nobre e tão generosa!

— balbuciou Fernando da Silva, na mais dolorosa abstracção.

Ao ouvir estas palavras, os olhos de D. Maria brilharam cheios de um sarcasmo feroz. Tinha chegado o momento de despeitorar toda a amargura que lhe abafava o coração.

— Alma nobre e generosa! — disse ella — alma nobre e generosa a d'aquelle homem! Antes alma negra e vil como a de um infame que é. Que pretendia de nossa filha? que pretendia, quando occultou o nome do millionario á filha do pobre caixeiro de seu pae? Entretanto que te apertava a mão, entretanto que te chamava amigo, tratava de seduzir tua filha...

— Seduzir minha filha! — gritou Fernando da Silva, levantando-se de um salto.

— E deshonral-a — continuou D. Maria na maior agitação — e deshonral-a. Carolina tudo me contou; ha tres mezes que é mãe, e o pae do filho, que traz nas entranhas, é esse homem a quem chamas alma generosa e nobre.

Fernando soltou um grito agudo e meio abafado pela cólera. Correu depois á porta, como louco e com os punhos cerrados; ao sentil-a fechada pela parte de fóra, impelliu-se contra ella com toda a força que tinha.

— Infame! infame! — balbuciou elle com as feiçoens lividas de cólera.

D. Maria correu ao marido, e enlaçou-o nos braços.

— Fernando, meu Fernando, meu esposo adorado — exclamou ella — por Deus, pelo nosso amor, acalma-te. A desgraçada não é culpada; cedeu ao amor que lhe tinha. Perdôa-lhe como eu lhe perdoei.

Fernando estremeceu, como homem acordado de pesadêlo medonho.

— Perdoar-lhe! — disse por fim — que a maldição de Deus cáia sobre ella, e que a morte me livre de tantos tormentos. Perdoar-lhe! — a ella, que sem attenção á desgraça de seus paes, á miseria com que luctavamos, lançou sobre nós a deshonra! Que me importa agora a gloria do meu nome? que me importa agora que o mundo me chame ladrão? A minha honra findou quando aquella infame cedeu. Se ha um Deus que nos veja, se ha uma justiça no ceu, que a minha maldição cáia sobre ella, que ella seja condemnada para sempre!

Foi tão horrendo o modo por que proferiu estas palavras, que D. Maria empallideceu de terror. Levantou-se por fim diante d'elle, demovida por uma potencia superior.

— Fernando da Silva — disse ella solemnemente — Deus não te ouvirá. Se te ouvisse, começaria por punir um crime mais antigo do que este. Ha dezenove annos, havia uma mulher que te amava, e que, antes de com ella casares, concebeu uma filha de ti. Essa filha...

— Oh! é a minha punição! — gritou elle, deixando-se cahir sobre a cadeira, e cobrindo o rosto com as mãos.

Uma hora depois da scena que acabei de descrever, D. Maria entrou em casa, e dirigiu-se ao quarto da filha. Ao entrar, deparou com ella estendida no chão, no meio de um lago de sangue já coalhado. Cheia de terror, correu ás escadas, e chamou por soccorro. A mulher do alfaiate, que occupava o andar terreo da casa, subiu a saber o que era.

Tomaram então a desgraçada Carolina nos braços; estava hirta e fria como um cadaver. Despiram-na, e

metteram-na na cama. Conheceram então o que era; Carolina tinha abortado.

Algum tempo depois um medico, que tinha sido chamado pelo alfaiate, sahia de casa de D. Maria acompanhado por elle.

— Então, senhor doutor, ha perigo? — perguntava o bom do homem com o mais vivo interesse.

— Se escapar, será por milagre — respondeu o Hippocrates, continuando a descer de chapeu na cabeça, e sem se dignar de virar a cara para o artista.

III.

OS DOIS MILLIONARIOS.

Ao mesmo tempo que na cadêa da Relação, Fernando da Silva e D. Maria se estorciam na desesperação da verdadeira desgraça, no palacio da baroneza de Vallongo — um dos mais sumptuosos do Porto — passava-se a scena que vou descrever.

Antes porém de começar a contal-a, devo dizer alguma coisa a respeito d'esta baroneza.

Tem-se dito tanto, e tantos tem sido os estudos, até physiologicos, que se tem feito sobre o *barão*, que accrescentar qualquer coisa no mesmo sentido, era recomeçar uma repetição mil vezes repetida.

Mas eu não sigo a opinião geralmente estabelecida a respeito d'estes polypos das monarchias constitucionaes. Bem longe de considerar o barão como objecto de mofa, como cyreneu que ajuda a levar a cruz tão pesada do folhetim portuense, encaro-o como objecto de muito respeito, e descubro-me diante d'elle com a veneração de um laponio diante de umas alminhas d'aldeia.

O barão de hoje, leitor, não é o *fidalgo* — quero di-

zer, o fidalgo que, orgulhoso de uma papeleta que ha tres seculos um laponio arremessou ao fundo da arca, se approxima de ti com arrogancia insolente, com pretenção a uma superioridade de que não sabe explicar a razão. Ao entrares para dentro da casa de um barão, pódes ir desassombrado do mêdo de encontrares pela escada algum *primo*, que, desacatado por ti com descuido, póde ser motivo de offensa para o illustre parente. Ao subires a escada do barão pódes ir de cabeça baixa, abstracto e a pensar nos teus negocios, porque lá não encontrarás senão algum lacaio, algum boleeiro, e esse não é primo — porque os primos são prohibidos em casa do *barão*. Dentro da sala a tua paciencia não será entalada nas difficuldades de uma genealogia equivoca e emmaranhada em todas as mentiras, a que uma data, enterrada pelos seculos dentro, dá caridosamente lugar. O barão não te dirá como um seu antepassado, no tempo dos reis das Asturias, aprisionou, por um nariz á Thomé Cecial, um successor de Tarik; como outro de um só gilvaz partiu a cabeça a dez mouros na batalha das Navas, ou como outro perdeu as orelhas em Alcacer para salvar as do rei Sebastião — facto digno de honrosa commemoração, e para memoria do qual conservam-se as venerandas orelhas dentro de uma ambola de agoas marinhas no tombo da illustre familia.

O barão não te dirá nada d'isto — porque o barão não t'o póde dizer. A sua genealogia é recente, e a sua parentella é conhecida por ti. Muitas vezes acabas de encommendar ao primo d'elle uns botins, e entras-lhe em casa palitando dos dentes os restos de um biscoito puro Vallongo, que um outro veio vender pela manhã á tua porta.

O barão é assim; o barão é respeitavel, porque o barão é povo — o povo elevado pelos seus proprios esfor-

ços: o barão é respeitavel, porque o seu brazão, a sua nobreza é o dinheiro, é o resultado do seu trabalho — depois de muito murro, muito cachação, e muitos males que passou para um dia chegar a nobilitar o povo.

O barão de hoje não é o *fidalgo* — disse eu. E não; é necessario arranjar-lhe uma outra denominação para a nobreza. Entretanto o barão é o barão. O barão não é um objecto de mofa para mim, é uma coisa muito respeitavel, porque representa o dinheiro. E o fidalgo que representa? — um pergaminho denegrido e safado, que hoje ninguem desconta nem a noventa e nove por cento.

Quando vejo chover baronatos, commendas, e distincçoens, não me zango, não anathematiso o governo; ao contrario, bato as palmas e digo — muito bem. O constitucionalismo, obrando assim, obra logicamente. Não admitte superioridades, e para as terminar, era mister elevar o povo até onde ellas não sei pelo que se tinham subido.

Como annullar a antiga nobreza? como expulsar estes Jupiteres do Olympo, de que estavam de posse? A sciencia economica ensina que a muita affluencia de um genero ao mercado, desprecia-o e annulla-o: — sejam portanto todos baroens, todos fidalgos. O respeito que o povo tem inoculado no sangue morrerá, quando se vir nivelado com os santos da sua veneração.

E trovejaram titulos e pergaminhos, houve um diluvio de commendas e condecoraçoens — e a vulgaridade matou com o ridiculo o antigo respeito. Hoje que resta á pobre nobreza? Nada, mesmo nada; o ridiculo, a caricatura.

N'outra nação talvez se chegasse ao mesmo fim por meios differentes. Talvez os homens politicos d'esses paizes guardassem essas condecoraçoens para distinguir

o merito individual: e para destruir a nobreza herdada talvez illustrassem com uma instrucção solida a intelligencia do povo. Mas que annos não levava isso? Pobres patetas! Venham aprender comnosco. Os nossos governos fizeram com um rasgo de penna o que elles fariam com a paciencia de muitos annos. Em lugar de uma nação de homens instruidos, fizeram uma nação de baroens.

— Queira Deus — disse-me uma vez um dos taes nobres de geração, velho de setenta annos de idade — queira Deus que não vades á lã, e venhaes tosquiados. O meio de que vos servís, póde, é verdade, empanar o brilho da nossa nobreza; mas o abuso que d'elle fazeis hade caricatural-o. O ridiculo cahirá um dia sobre os pergaminhos que daes, e então a par d'elles os nossos sobresahirão mais brilhantes.

Deus super omnia.

Mas não ha duvida, com a idade vou arranjando o sestro da massada. Tudo o que ahi fica escripto, leitor, podia-t'o dizer em duas palavras, porque se reduz a dizer que a baroneza de Vallongo não pertence á raça dos que tem antepassados conhecidos, e que brilharam no tempo do minuete da côrte, e os mais antigos, no tempo da zambra e das trombetas de el-rei D. Pedro.

A baroneza de Vallongo é povo — mas povo rico. A historia de um barão d'este geito é vulgar; a de uma baroneza tem sempre alguma coisa de extraordinario, não é sempre a mesma. A d'esta eil-a ahi vai.

Havia, ha muitos annos, no Rio de Janeiro um millionario portuguez, baixo e grosso, e o rosto côr de lagosta pôdre. A cara rôxa e de uma gordura choruda, sulcada ao mesmo tempo de grossas rugas naturaes, indicavam-no homem de estupidez desfaçada e velhaca, de irasci-

bilidade pueril, e de grosseria pateta — mas ao mesmo tempo era cara de homem que traz a fortuna atada á cintura. Chamava-se o senhor José Lopes.

Ora o senhor José Lopes morava na praça, onde n'esse tempo se costumavam vender as hortaliças e as fructas. E' bem de vêr que o senhor Lopes, com a cara que lhe pintei, não podia deixar de ser um grosseiro libidinoso, ao mesmo tempo que um grande pateta. D'aqui resultava o ir todos os dias de manhã para a janella espreitar de luneta no olho e sorriso de saguim, as raparigas que vendiam na praça. Este namoro de « crespos sorrisos » já estava tão encarnado nos seus succulentos tecidos, que dia em que não tivesse logar, o senhor Lopes achava-se mal, e almoçava sómente dois arrateis de bifes de grelha, uma travessa de tapioca, uma gallinha com recheio, e duas garrafas de vinho do Porto — a quarta parte de um seu almoço regular.

Um dia, em que estava no seu posto costumado, ora apparecendo todo á janella, ora espreitando por traz das portadas, fitando com a luneta de arcos de prata e sorrindo com todas as suas gordissimas rugas para as raparigas que estavam na praça, viu chegar á feira com um cêsto de bananas á cabeça uma mulher, que desde logo lhe attrahiu a attenção. Mostrava ter trinta annos de idade; faces vermelhas, olhos pretos, e cabellos da mesma côr, nascidos tão de perto de umas sobrancelhas espêssas, que a deixavam quasi sem testa; era alta e de anca reforçada, corpo gordo e roliço, capaz, n'uma palavra, de fazer dar uma volta ao miolo ao proprio José do Egypto — que, seja dito com respeito de todos os ouvidos devotos, foi o pateta mais semsaborão que appareceu entre os antigos hebreus.

A rapariga dos trinta annos dirigiu-se a uma mula-

ta, que tambem vendia bananas; chegou-se a ella, e disse-lhe não sei que palavras, a que a mulata respondeu com mau modo. Travou-se então renhido combate de berros, e o senhor Lopes, que a tinha seguido com a lunêta, com o sorriso e com a vontade, percebeu que a disputa versava sobre a quem pertencia o logar que a mulata occupava na praça. Dos berros vieram aos factos; trovejou o sôcco e o arrepelão. O senhor Lopes estava de corpo e alma no meio d'aquella temerosa contenda — tal era a attenção com que a observava. A briga terminou com a derrota da mulata, que fugiu, abandonando a bagagem — quero dizer, o cêsto das bananas — que a vencedora arredou desdenhosamente de si. O senhor Lopes estava n'um verdadeiro extasis de adoração; aquella mulher fascinára-o. Resmungou não sei que palavras, enfiou á pressa a casaca, tomou o chapeu e a bengala, e desceu á praça a fallar com aquella Circe descabellada, que com o attractivo invencivel do murro e do palavrão o tinha encantado de todo.

A conversa correu entre os dois, da parte d'elle com todo o seu amoroso ar repolhudo, da parte d'ella com uma sobranceria insolente e de praça. O objecto foi a discussão do convite que elle fazia de a revestir, se ella quizesse, com a dignidade de governadeira da sua casa. Depois de muitos dares e tomares, Rita, que assim era o seu nome, acceitou com modificaçoens a proposta, e veio estabelecer-se em casa do millionario. Então soube elle que ella era filha de um pedreiro portuguez, que tinha abandonado a esposa, a filha e a patria, fugindo para o Brazil. A mulher seguiu após d'elle, trazendo comsigo Rita, então de dois annos, e cujo nascimento tinha sido a causa do voluntario desterro d'aquelle desgraçado pae de familias. O desnaturado negava a paternidade a pés

juntos, e, para não ficar sujeito aos effeitos legaes d'ella, tomára as de Villa-Diogo.

O senhor José Lopes pensou encontrar em Rita uma mulher submissa a todas as suas vontades — mas ao contrario encontrou n'ella uma mulher imperiosa, de uma vontade de ferro, e sobretudo capaz de lhe dar uma sova no caso de tentar algum assalto importante. Estas qualidades augmentaram o amor do desgraçado, fizeram-lhe ferver o sangue em cachão, pelo que determinou conseguir o seu fim, custasse o que custasse. Offereceu sommas enormes, deu suspiros de peito, chorou lagrimas capazes de inundar o Brazil, se as faces esponjosas as não absorvessem primeiro — mas nada conseguiu. O mais que alcançou d'ella foi responder-lhe com ar de favor, que por sentir alguma affeição por elle, consentiria em o tomar por marido. José Lopes recuou ao principio diante d'esta ideia; mas a sereia de anca roliça estava sempre á vista, e o desgraçado, para não morrer da molestia que matou Jacques Ferrand, fechou os olhos para não vêr os milhoens de que era senhor, correu á igreja, e condecorou a sua criada com o titulo de sua mulher. E Rita, a regateira que não tinha appellido, ficou então sendo a senhora D. Rita, com o sobrenome de Lopes.

Póde fazer-se ideia do que o pobre millionario soffreria com mulher d'esta laia. Dentro em dois mezes a sua gordura monumental perdeu setenta e oito por cento, e a côr rôxa da cara denegriu-se-lhe consideravelmente. Alguns annos depois D. Rita obrigou o marido a voltar para Portugal e a fazer-se barão. Satisfeitos estes desejos, e alcançada uma completa doação *mortis causa*, Lopes já de nada servia debaixo do sol. Elle mesmo pareceu reconhecer esta verdade: um dia partiu sem mais nem mais para o outro mundo a cavallo n'uma apople-

xia. A causa para o publico foi uma indigestão de sarrabulhada; mas, a verdade seja dita em honra d'aquelle estomago magnanimo, a legitima razão foi o ter sido interrompido de sopapo e tempestuosamente nas suas funcçoens de giboia. Eis o caso tal qual se passou.

Um dia, depois de jantar, D. Rita reparou que o marido, no desempenho estrondoso de uma gargalhada bovina, lhe tinha borrifado o vestido favorito com uma bochechada de sarrabulho, que estava mascando. Ao vêr o damno irreparavel, D. Rita parte furiosa em busca do desgraçado millionario. Chega e encontra-o estendido n'uma poltrona, de bôca aberta, olhos semi-fechados, e braços pendidos — era o chylo habitual do honrado barão. D. Rita troveja com um milhão de pragas desde a porta até junto d'elle — mas a nada elle se dava por achado, a nada o entorpecimento acordava. Chega-se então a elle, trava-lhe de um braço, e solta dois berros capazes de acordar um defuncto — o infeliz estremece, dá um grito selvagem, torce a cara, faz-se negro, e cáe apopletico. Esta é que foi a verdade.

D. Rita chorou e chorou muito — morrêra-lhe a victima. Depois de chorar, continuou a viver á regalada como no tempo do marido.

Esta é a sua historia.

Postos estes preliminares biographicos, entremos finalmente em casa da baroneza de Vallongo.

Nada de descrever o palacio; as descripçoens já enfastiam. Vamos direitos á sala onde ella está.

A sala está ricamente adereçada. Magnificas cortinas de setim vermelho cobrem as janellas, deixando apenas entrar uma luz froixa e voluptuosa. Ao fundo da sala sobre um sofá, collocado de esguelha para a luz das janellas, está a baroneza — mulher gorda, com a cara

a mais vulgar possivel, e toda manchada de nodoas de um vermelho rouxo. Está vestida com espantoso luxo; tem brilhantes até ao pescoço, e a par d'isto os cabellos desgrenhados, e os pés grosseiros inteiramente nús.

Reina na sala silencio sepulcral, e a baroneza, com os olhos meio fechados, parece dormitar n'uma somnolencia de grosseira volupia. De pé, á cabeceira do sofá, está uma criada, vestida com simplicidade, coçando-lhe mansamente a cabeça; defronte d'ella, de joelhos sobre o tapete, uma negra ainda criança abana-a lentamente com um rico leque da India; outra mais idosa bate-lhe ligeiras palmadinhas no corpo, e faz-lhe de quando em quando ao de leve formigaçoens nas plantas dos pés.

A baroneza abriu em fim os olhos, e fitou-os cheios de raiva selvagem na preta que lhe fazia as formigaçoens.

— Mais de manso, Molé — rosnou ella, assentando com a pata grosseira um coice tremendo no peito da preta. Esta cahiu a distancia; depois levantou-se com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos para fóra. Chegou-se de novo á ama, e a scena da somnolencia e das formigaçoens recomeçou.

Passou meia hora de profundo silencio; no fim d'ella ouviram-se umas pancadas vagarosas na porta. A baroneza ergueu rapidamente a cabeça, e abriu os olhos, cheios de uma raiva hydrophobica.

— Quem está ahi? — gritou ella — Com um raio de diabos! quem é o maroto que me incommóda?

— Sou eu, querida baroneza — respondeu da parte de fóra uma voz de homem, fallando de meigo em falsete.

— Eu, quem? — gritou ella cada vez mais enfureci-

da, e juntando á interrogação um nome que a decencia me não deixa escrever.

— Eu, Manoel Ferreira — responderam de fóra — peço licença de entrar.

— Os diabos o carreguem! — gritou ella, porém menos zangada — sempre a incommodar-me! Retirem-se — continuou, voltando-se para as criadas. — Dá cá o leque. Póde entrar — accrescentou, fallando para fóra, logo que as criadas sahiram.

A porta abriu-se, e um homem baixo e grosso, testa calva e abaulada, côr apopletica, olhos luzentes de uma velhacaria de malvado, bôca grande e beiço um pouco cahido, entrou para dentro da sala. Trajava rigoroso vestuario de baile.

— Querida baroneza — disse elle, comprimentando com um sorriso cheio de amabilidade.

— Ora que o senhor ha-de procurar-me sempre a horas de incommodar-me! E' insoffrivel, com todos os diabos!

Tal foi a resposta que ella deu ao comprimento, voltando ao mesmo tempo a cara para a parede. Manoel Ferreira não deu o mais pequeno signal de resentimento; parecia estar costumado a esta civilidade de praça.

— Perdão, excellentissima senhora — disse elle, fazendo uma profunda cortezia — não pensava incommodal-a agora. E demais — continuou, chegando a cadeira para o sofá e dando á voz um tom de sermão de lagrimas — o meu amor não me consente estar muito tempo longe de si. Bem sabe, querida Ritinha, que, quando a não vejo, estou n'um contínuo tormento. Estou n'um verdadeiro inferno...

— Ha! ha! ha! Ora o senhor! — respondeu ella,

soltando uma gargalhada estrepitosa, e sem se voltar para o volumoso amante.

— Ris-te, amada inimiga — exclamou elle, fazendo já menção de querer ajoelhar — ris do meu amor! ris d'esta paixão que me consome! Ai! cruel...

A baroneza voltou-se rapidamente.

— Já tem noticias do Eduardo? — perguntou ella com uma insolencia aterradora.

— Ai! perfida!... — exclamou Manoel Ferreira, estendendo os braços com ar de desespêro, e já com o joelho a meio pau.

— Deixe-se de asneiras — replicou ella — responda ao que lhe digo. Que me diz a este respeito?

Manoel Ferreira olhou de nesga o rosto nojento da baroneza, e conheceu que a occasião não era propria para amor, mas sim para negocios. Aprumou o joelho, e ergueu para ella a cara, já sem amor transcendente.

— Já que assim o quer... ai! Ritinha!... — replicou elle, soltando estas palavras como transição obrigada. — De Eduardo não tenho noticias ha um mez. Mas não importa, elle escreverá. O que não quero é que volte, antes de eu ensinar aquelle desavergonhado Silva. Oh! em quanto a esse — accrescentou, respondendo á pergunta que viu assomar no rosto de D. Rita e dando ao mesmo tempo ao seu a expressão da cara do carniceiro ao encarar a rez que vae immolar — em quanto a esse esteja descansada; não sáe da Relação senão para Angola. Hei-de ensinar aquelle patife. Mas diga-me, a respeito da penhora?...

— A respeito da penhora nada mais posso accrescentar ao que lhe disse hontem — interrompeu ella — Ah! é verdade, a mulher veio cá depois do senhor sahir. Vinha provavelmente para me enternecer com la-

murias. Mas está na tinta; sou mulher de caracter. Mandei-a pôr na rua sem lhe fallar.

— Oh! excellentissima, por quem é nada de esfriar no caso — disse Manoel Ferreira com animação — Ajude-me a castigar aquelle patife; o marido tem agora casa de graça; que a mulher vá para o meio da rua, já que não paga aquella em que habita.

— Está claro — replicou ella — eu não cômo lamurias. Estes pobretoens suppoem que temos obrigação de lhes aturar a miseria. E' boa teima! Se não tem com que pague, rua; e os trastes, se não chegam para a divida, chegam ao menos para alguma coisa; não se perde tudo.

— Apoiado, apoiado, baroneza — gritou Manoel Ferreira enthusiasmado — isso sim, isso é que é fallar. Demais, é necessario ensinar a canalha, senão poem-nos em breve o pé no pescoço, e comem-nos os olhos da cara. E' um ensino magnifico que damos. Elle na cadêa, querelado por ladrão; a mulher no meio da rua, sem ter que comer, nem ter casa. Demais o tempo está quente; não custa a ficar ao relento — accrescentou, saudando com uma gargalhada de som de sanfona velha esta tirada de espirito bestial.

N'este momento bateram duas pancadas na porta.

— Quem é? — perguntou a baroneza.

Um criado abriu a porta, e respondeu:

— Está ali o procurador de v. ex.ª, que diz precisar fallar-lhe immediatamente.

— Vem em boa occasião — disse ella, voltando-se para Manoel Ferreira — Diz-lhe que entre.

D'ahi a poucos momentos o procurador entrou. Era homem de trinta annos, alto e sêcco de carnes, de aspecto carregado e expressivo de uma alma rude, mas boa.

*

— Então, senhor Pinto — disse a baroneza mal o viu entrar — que noticias me dá da execução contra o Silva?

— E' precisamente sobre esse objecto, que venho fallar com v. ex.ª — respondeu o procurador — a penhora estava destinada para hoje ás duas horas; comtudo acabo de ser informado de que a filha do Silva teve hoje um parto, de que ficou a morrer...

— Um parto! — gritou Manoel Ferreira, dando um pulo na cadeira — um parto! Sabe-me dizer se a criança vive... se morreu?...

— Não posso informar a v. s.ª — respondeu o procurador sêccamente. — N'estas circumstancias — continuou, voltando-se para a baroneza — vinha saber se v. ex.ª determina que se adie a penhora para outro dia.

— Adiar a penhora para outro dia! Essa é boa! — exclamou Manoel Ferreira — Em lugar de ser ás duas horas, que seja feita já, baroneza. Que tem v. ex.ª com a filha do Silva? Acaso v. ex.ª é o pae da criança? Penhora, baroneza, penhora; nada de trégoas com aquelles patifes. Que bella situação! — exclamou, dando uma gargalhada estrepitosa.

O procurador mediu com desprêso a figura immunda do millionario; depois voltando-se para D. Rita accrescentou:

— Parece-me, minha senhora, que além de ser uma deshumanidade fazer-se a penhora em taes circumstancias, até não será util para v. ex.ª O escrivão e os officiaes irão de má vontade, e os visinhos, á vista de tal crueldade, não deixarão fazêl-a com o socego que o interesse de v. ex.ª requer. Assim se se adiasse por dois ou tres dias...

— Nada, nada de demoras, baroneza — gritou Ma-

noel Ferreira, deixando na força do enthusiasmo cahir o chapeu, e esfregando as mãos com toda a força.

— Nada, nada de demoras, senhor Pinto — repetiu D. Rita. — Demorar a penhora! Essa é boa! Punham tudo fóra de casa, e depois só achariamos para penhorar as minhas paredes. Hoje a penhora, e já, se é possivel.

— Mas, minha senhora... — replicou o procurador.

— Qual mas, nem meio mas — interrompeu ella, erguendo cada vez mais a voz — tenho dito. Quero que se faça já a penhora. Se o senhor não quer tratar do negocio, ha-de haver outro que o faça. Não lhe dou um ordenado annual para o senhor ser advogado dos pobres. Quero a penhora, quero-a, quero-a, e já.

— Bravo! bravo, baroneza! — exclamou Manoel Ferreira, batendo as mãos de contente.

O procurador, pallido de cólera, abaixou a cabeça, e retirou-se, medindo aquellas duas immundas creaturas com o mais pronunciado desprêso.

— Ah! baroneza, v. ex.ª é uma mulher admiravel, uma mulher portento! — exclamou Manoel Ferreira, depois que a porta se fechou sobre o procurador. — Isto sim, isto é que é ter vontade! isto é que é conhecer a posição de uma fidalga. Oh! permitta-me que lhe beije...

E assim dizendo, Manoel Ferreira tomou de assalto a mão grosseira da antiga regateira de bananas, e tocou-a estrepitosamente com os seus grossos labios hymorrhoidarios.

— Senhor Ferreira! — disse a baroneza, fingindo-se offendida d'esta familiaridade.

— Ah! querida Ritinha — exclamou elle, lançando-se de joelhos. — Se a offendi, castigue-me; aqui estou a seus pés. Castigue-me, puna-me; mas não me ordene que a não ame, que a não adore...

— Pois sim; palavras de homem, e mais nada. Pensa que o acredito? — replicou ella, forcejando por tomar certos ares pudibundos que ficavam n'ella como rosa em peito de jumento.

— Ai! não me mates, não me mates com essas palavras crueis! — exclamou o millionario, estendendo os braços para a frente, e dando ás palavras um tom doloroso — ai! não me mates; peço-te por esses teus olhos formosos. Não te amo, Ritinha! Ah! ingrata! Amo-te, adoro-te, morro se me não vales!...

E assim dizendo, o senhor Manoel Ferreira ficou de joelhos e braços estendidos, com cara de asno fulminado.

— De véras! — disse ella com tom de amor insolente. E ao mesmo tempo fechando o leque, fez com elle um arremesso de loireira de praça para o apaixonado Ferreira.

O arremesso, com quanto sem intenção offensiva, foi fatal ao desgraçado millionario. O leque, atirado ao desdem, tomou-lhe o caminho da cara, e deu-lhe um terrivel tapa-olho. O infeliz soltou um grunhido porcuno, e levou rapidamente a mão ao olho. N'este momento um piqueno cão de regaço, que dormia no sofá, occulto por detraz de D. Rita, acordou estremunhado, e, dando um salto por cima d'ella, filou, ladrando de raiva, um braço do desgraçado Ferreira.

O millionario soltou um berro, e, erguendo-se, deu um salto para traz; o cão, animado por esta retirada medrosa, saltou abaixo do sofá, e atacou-lhe as canellas. Manoel Ferreira tomou então a bengala, mas D. Rita gritou-lhe que não fizesse mal ao cãosinho, e elle viu-se reduzido a desvial-o sómente. Começou então uma graciosa corrida de toiros. O cão afoitou-se cada vez mais; as gargalhadas de D. Rita animavam-no tambem. Ma-

noel Ferreira, de bengala n'uma das mãos, e a outra no olho offendido, saltava em derredor da sala, sempre perseguido pelo piqueno animal, cada vez mais enraivecido. D. Rita ria como doida; por fim cansou-se de desfructar o desgraçado amante. Chamou o cão para junto de si, e a farça terminou.

— Ah! ingrata, assim pagas tanto amor! — exclamou Manoel Ferreira, em tom de galan de tragedia; e, tomando o chapeu e a bengala, arremessou-se pela porta fóra, mal podendo conter a raiva que o abafava.

A baroneza despediu-o com uma gargalhada, que, ainda ao fundo da escada, o desgraçado ouvia soar. Depois chamou as criadas, e as formigaçoens na cabeça e nos pés começaram outra vez.

IV.

A ALMA DO NOBRE E A ALMA DO POBRE.

Eram perto das duas horas da tarde.

As janellas do quarto de Carolina, quasi fechadas de todo, deixam apenas entrar uma meia luz abafada. Na cama está deitada a pobre menina, com os olhos cerrados e as faces lividas, desmentindo a apparencia de cadaver, que tinha, apenas com o respirar convulso e arquejante que lhe sahia do peito. A' cabeceira do leito está D. Maria, curvada sobre os joelhos, e as faces escondidas nas mãos, mergulhada em toda a amargura da dôr que a ralava. Aos pés da cama está a mulher do alfaiate, ora olhando com a mais viva compaixão a desgraçada mãe, ora fitando com a maior anciedade o rosto macerado de Carolina.

D. Maria descobriu então a face macilenta e ainda humida de lagrimas. Fitou um momento os olhos na mulher do alfaiate, depois em voz receosa de quebrantar o silencio, desabafou n'estas palavras a impressão da ideia que lhe pungia o pensamento:

— Muito infeliz tenho sido, senhora Joanna! — disse ella — Parece que a desgraça se compraz em me ator-

mentar continuamente. Tenho perto de cincoenta annos de idade, e d'estes apenas posso dizer verdadeiramente felizes os da minha primeira infancia — e esses quem é que os não tem venturosos?

D. Maria interrompeu-se, e fitou Joanna, como arrastada por esta ideia para uma contemplação abstracta.

— Tenha esperança, senhora D. Maria — respondeu a mulher do alfaiate, com as lagrimas a saltarem-lhe dos olhos — resigne-se com a vontade de Deus. Muitas vezes experimenta os bons com a desgraça, para depois os encher de felicidades.

D. Maria abanou tristemente a cabeça.

— Esperança! — replicou ella — sim, tive muita esperança no futuro, porque tive muita esperança em Deus; mas hoje... hoje só tenho esperança na morte. Só n'ella, porque só então me parece que ha-de acabar a infelicidade que sempre me tem perseguido.

— Vamos, senhora D. Maria — replicou Joanna — tenha mais animo. Isso é não ter fé em Deus.

D. Maria sorriu-se com amargura.

— Joanna — disse ella — póde ter-se animo para supportar a desgraça presente, quando se não tem fé no futuro? E póde ter-se fé no futuro, quando a experiencia de toda a vida demonstra que a infelicidade é o destino com que se desceu a este mundo? Olhe, se recorro ao meu passado, não vejo senão amarguras e infelicidades; se encaro o presente, é este — disse, apontando para a filha — e meu marido prêso por uma calumnia que o infama, e eu sem meios para as primeiras necessidades da vida.

E depois de um momento de interrupção, continuou, seguindo o fio da ideia que a conduzira até ali.

— O meu passado! — disse ella — Nem mesmo n'esse

encontro recordação, que me console na desgraça presente. Perdi minha mãe antes de poder avaliar o santo amor de mãe; depois fui torturada por uma madrasta, que me invejava o amor que meu pae tinha por mim. Amei então um homem digno do meu amor, e ao meu casamento puzeram-se mil obstaculos, que me amarguraram a vida. Casei por fim, e suppuz terminada a minha desventura. Mas a desgraça ia atraz de mim, e de mim passava para aquelles que me tinham affeição. Fernando da Silva, que antes do nosso casamento tinha sempre tido por si a fortuna, que era rico e poderoso negociante, mal casou, começou a soffrer os revezes d'ella. Ficou por fim reduzido á miseria. Pobre Fernando! Elle que pensava poder offerecer á mulher, que adorava, um futuro brilhante, viu-se obrigado a trabalhar de dia e de noite para poder sustentar uma familia, que ia sempre crescendo. Os nossos filhos começaram então a morrer um a um; restava só Carolina... Essa... — e D. Maria interrompeu-se rapidamente, fitando na filha os olhos cheios de afflicção e de desespêro.

Joanna não se atreveu a consolar esta dôr tão profunda e tão legitimada: com os olhos fitos na desgraçada mãe, e as lagrimas a correrem-lhe pelas faces abaixo, soffria tanto como ella pela compaixão que sentia.

N'este momento Carolina estremeceu, as faces animaram-se-lhe de um rosado ethico, depois abriu rapidamente os olhos, fitou-os no tecto da casa, e pareceu ficar a escutar. De repente empallideceu outra vez, e ergueu-se de um salto na cama.

— Minha mãe, minha mãe — disse ella baixinho e agarrando-se ao braço da mãe — eu bem lh'o dizia, Eduardo não me abandonou. Olhe, não tarda a chegar...

E a pobre menina, toda agarrada ao braço da mãe,

e com os seus grandes olhos castanhos a luzirem de verdadeira esperança, apurou o ouvido para a porta, como buscando destinguir alguma coisa.

— Carolina, minha filha! — exclamou D. Maria, cingindo a filha entre os braços.

— Silencio! — disse esta, pondo a mão piquenina sobre a bôca da mãe — deixe ouvir. Ainda não é elle, mas não póde tardar. Mandou-me dizer por um anjo que vinha. Não é sonho, é a verdade. Eu escutava o que dizia a Joanna, quando o anjo chegou, e disse-me: — «Eduardo não tarda, elle ahi vem.» — Deixe-me escutar, minha mãe. Ainda não, mas não póde tardar. Olhe, ahi vem — diga-lhe que entre. E' o meu Eduardo, é o meu esposo, é a minha ventura. Não ouve os seus passos? Oh! é elle, é elle. Diga-lhe que entre. Depois hei-de ter o perdão de meu pae. Eil-o que chega. Eduardo! Eduardo! — e soltando um grito, a pobre delirada cahiu de novo sem forças sobre os travesseiros.

Mal a pobre menina tinha soltado estas palavras, quando soaram ao de leve duas pancadas na porta.

D. Maria e Joanna ergueram-se pállidas pela impressão que sentiram. Então a mulher do alfaiate, hirta como um cadaver, dirigiu-se maquinalmente á porta, e abriu.

Um homem baixo e de aspecto bondoso deu dois passos para dentro da porta. No patamar estavam mais quatro, entre os quaes se distinguia o procurador da baroneza de Vallongo.

— Minha senhora — disse com embaraço o que tinha entrado — sinto muito, mas....

— Eduardo! Eduardo! vem, meu esposo querido! — exclamou então Carolina, tornando a erguer-se rapidamente no leito.

D. Maria, abraçada com a filha, olhou espantada para o homem que tinha entrado.

— O senhor quem é? — balbuciou ella por fim.

— Sou o escrivão do juizo, minha senhora — disse elle, cada vez mais embaraçado — venho proceder á penhora.... pelos alugueis.... a requerimento da senhora baroneza....

— Uma penhora! — exclamaram á uma D. Maria e Joanna.

— Eduardo, meu esposo, onde estás? porque não entras? — exclamou ao mesmo tempo a pobre menina no maior excesso do delirio.

O escrivão succumbira de todo.

— Sim, minha senhora — disse elle por fim animando-se — uma penhora a que venho proceder em sua casa a requerimento da baroneza de Vallongo. Demorei-a o mais tempo que pude, mas a lei não me dá mais que cinco dias, e esses findaram. Peço licença para começar a cumprir as obrigaçoens do meu cargo...

— Minha mãe, minha mãe! — exclamou então Carolina — porque não vem elle? porque não entra? Oh! estes homens querem roubar-m'o.

E assim dizendo, cahiu novamente sem forças.

— Mas, senhor escrivão — disse D. Maria — com a minha filha a morrer... com meu marido prêso... Oh! tenha compaixão de mim!...

— Eu nada posso... — balbuciou elle, com as lagrimas a saltarem-lhe pelos olhos fóra.

Depois acenou para os officiaes de diligencias, que entraram para dentro do quarto.

— Mas, senhor — exclamou D. Maria, correndo para elle — pelo amor de Deus, por tudo quanto lhe é caro, hoje não. Minha filha está a morrer... veja a miseria em

que estou. A senhora baroneza sabendo-o, ha-de esperar.

— Tenho ordens restrictas da parte d'ella, minha senhora — balbuciou o escrivão.

D. Maria succumbiu então, e cahiu prostrada n'uma cadeira. Começou-se então o auto da penhora, descrevendo-se os moveis do quarto de Carolina, entretanto que ella de todo desvairada, chamava ora em altos gritos pelo amante, ora balbuciàva simplesmente o seu nome e palavras meio sumidas e imperceptiveis.

— Senhor depositario — disse por fim o escrivão para um homem gordo e de cara de carrasco que o acompanhava — se quizer (e accentuou estas palavras) póde ir tomando conta d'estes trastes. Agora....

— Faça favor — interrompeu o depositario, fallàndo para um dos officiaes de diligencias — de me chamar os gallegos que estão ao fundo da escada. Senhor escrivão, olhe que a descripção vá exacta, não me responsabiliso senão pelo que aqui está.

— Depois lerá o auto — respondeu sêccamente o escrivão.

Os gallegos appareceram á porta.

— Andem cá — disse o depositario com ares de pachá — levem isso para minha casa. Vão ligeiros, e voltem.

D. Maria sahiu então da prostração, em que estava.

— Para sua casa?! — exclamou ella, correndo para uma commoda, a que os gallegos começavam a deitar mão.

— Para minha casa, sim; então que tem que dizer? — replicou com grosseria o depositario. — Para onde haviam de ir? Eu sou o depositario judicial.

— Depositario! — repetiu maquinalmente D. Maria

— ah! senhor, pelo amor de Deus! Levarem os trastes da minha Carolina!...

— A Novissima Reforma Judiciaria, artigo 590, §. 3.º n.º 3 — replicou o depositario, impando com tanta sciencia — não deixa ao executado mais do que o indispensavel para cama e vestuario, e isso quando fôr preciso. Que mais quer?

D. Maria juntou as mãos na mais viva desesperação.

— Minha mãe! minha mãe! gritou então Carolina — porque não deixa entrar Eduardo? porque não deixa entrar o meu esposo?

Ao ouvir o grito da filha, D. Maria voltou-se maquinalmente para ella. Ao voltar-se viu encostado ao corrimão e de braços cruzados o procurador da baroneza. A lei não permitte a presença do exequente no acto da penhora.

D. Maria correu para elle.

— Senhor Pinto, senhor Pinto — exclamou ella, deitando-se de joelhos diante d'elle — a minha Carolina está a morrer... Valha-me, faça sustar esta penhora.

— Nada posso fazer, minha senhora — balbuciou o procurador, forcejando por levantal-a.

— Oh! a senhora baroneza se o soubesse havia de ter compaixão de mim — exclamou D. Maria.

— Fiz tudo o que podia, senhora D. Maria — replicou elle — intercedi por v. exc.ª para com ella; respondeu-me que se a penhora não fosse hoje feita, era despedido de casa. E eu tenho mulher e filhos...

— Oh! meu Deus, valei-me — exclamou D. Maria, escondendo a face entre as mãos.

N'este momento uma mulher já de idade, baixa e gorda, e de aspecto sympathico e expressivo de uma verdadeira nobreza de alma — um d'esses rostos, que im-

põem instinctivamente respeito e sympathia áquelles para quem só é realeza respeitada os caracteres generosos e nobres, as almas magestosas de sentimento sublime — subiu apressada pela escada acima, deitando a mantilha para traz.

— Que é isto, senhora D. Maria? disse ella anciosa e afflicta, correndo para a pobre senhora.

D. Maria olhou espantada para ella.

— Anna, Anna — gritou então, atirando-se-lhe nos braços — a baroneza manda-me penhorar pelas quatro moedas do aluguel. Levam tudo o que tenho, e Carolina está a morrer....

O rosto de Anna illuminou-se rapidamente com a mais viva expressão de cólera.

— Mas isto é uma crueldade! — exclamou, voltando-se para o procurador — Que uma mulher tão rica não possa esperar alguns dias mais pela ridicularia de quatro moedas! E depois n'uma occasião d'estas! Isto brada ao ceu!

O procurador não respondeu palavra. Anna dirigiu-se ao escrivão que lhe explicou o rigor da lei. Vendo então os gallegos levantarem, para a levar, a commoda de Carolina, correu furiosa para elles, e obrigou-os a poisal-a outra vez.

— Larguem — gritou ella, abafada pela raiva.

— E quem é você, que se faz tão esperta? — disse furioso o depositario, agarrando-a por um dos braços.

Anna desandou-lhe uma tremenda bofetada na cara.

— Maroto! ter o atrevimento de me agarrar! Toma — e desandou-lhe outra bofetada.

O depositario, reconhecendo a força do inimigo com que tinha a luctar, achou mais prudente não comprometter n'uma briga a sua gorda pessoa. Deu dois passos

atraz, e resignou-se a acudir com a mão á inflammação que lhe ficou na cara, sem pretender tomar a desforra.

— Senhor procurador — disse então Anna — a senhora D. Maria paga tudo. Aqui está este cordão, que vale tres moedas e meia, e volto já com o resto.

Assim dizendo, entregou ao procurador um cordão de ouro que tirou do pescoço, e desceu a correr as escadas.

O procurador com o rosto a brilhar de verdadeira alegria, olhou com admiração aquella boa mulher, e correu para dentro do quarto.

— Páre com a penhora; está tudo pago — disse elle para o escrivão, que irritado como estava, não esperou que lh'o dissessem outra vez.

— Quem é esta boa mulher, senhora D. Maria? — perguntou então o procurador com o mais vivo interesse.

— E' Anna, que foi criada de minha mãe, e minha ama sêcca — disse a pobre senhora, ainda maquinalmente, porque este episodio tinha-se passado tão rapidamente, que o seu espirito, abalado por tantas commoçoens, quasi o não podia explicar.

N'este momento, Anna, com as faces coloridas pela agitação e pela cólera, subia pelas escadas acima, trazendo atraz de si uma rapariga com duas têas de panno de linho á cabeça.

— Senhor procurador — disse ella — aqui estão duas moedas e meia em dinheiro, e mais estas duas têas que valem pelo menos outras duas e meia. Queira fazer o favor de me passar o recibo não só do anno que se deve, mas do que vai correndo.

O procurador fez o que Anna exigia; então esta exclamou furiosa:

— Estão pagos? Agora, rua. Vão dizer a essa baro-

neza infame, a essa mulher sem alma, que foi uma pobre criada que pagou a divida pela qual não podia esperar a senhora millionaria. Digam-lhe que bem mostra aquillo que foi, e que na verdade não se póde esperar outra coisa de uma mulher, cujos principios foi andar ás do chão. Digam-lhe que por toda a parte por onde passar hei de dizer o que ella é, e pôr-lhe a vida em pratos limpos. O aluguel d'este anno já fica pago; mas podem tambem dizer-lhe que, logo que a Carolininha sarar, a senhora D. Maria sáe d'esta casa, porque é impossivel que um dia não cáia raio aqui. E olhem que não fica sem casa; para ter onde habitar não carece de viver debaixo de um tecto que pertence a uma mulher tão vil. Digam-lhe tudo o que, se eu podésse fallar-lhe, havia de dizer, e que não digo aos senhores, porque não posso fallar de raiva.

E assim dizendo, a boa mulher, abafada de raiva, fechou de arremesso a porta, e deixou-os da parte de fóra. Elles desceram, fazendo mentalmente a comparação da alma d'aquella criada com a d'aquella baroneza *pé-fresco*.

— Minha pobre menina! — exclamou Anna, abraçando e beijando D. Maria, em quem não via n'esse momento senão a filha da sua antiga ama, a menina que ella ajudára a crear.

— Oh! minha boa Anna! — disse D. Maria, abraçando-a com a mais viva gratidão — Mas como te hei-de pagar?

— Como? Essa é boa! Pois não o ganhei em sua casa? — replicou a nobre mulher, franzindo um pouco as sobrancelhas. — Mas a minha Carolina... — continuou, voltando-se para a pobre menina, que succumbíra a tantas commoçoens, e cahíra de novo n'um lethargo mortal.

D. Maria tornou a sentar-se á cabeceira da filha. An-

na, de joelhos diante d'ella e com os olhos fitos na pobre senhora, chorava sem dar uma palavra.

Tinham-se passado tres horas; Carolina ainda não voltára a si. O rosto, ao passo que se lhe ía cobrindo com os mais evidentes signaes da morte, tambem ía cada vez mais resplandecendo com uma auréola de verdadeira felicidade.

O sol já tinha desapparecido.

— Anna — disse D. Maria em voz baixa — minha filha morre, e eu não posso sobreviver-lhe. Vela sobre o meu desgraçado Fernando.

— Minha filha! — balbuciou a pobre criada, abafada em soluços.

N'este momento Carolina abriu rapidamente os olhos, que refulgiam luz sobrenatural. Pareceu escutar um momento, depois ergueu-se de novo na cama.

— Minha mãe — disse ella — ahi vem Eduardo. Deixe-o entrar; é o meu esposo. Eduardo! Eduardo!

— Carolina! — soou uma voz de fóra da porta.

E ao mesmo tempo, a porta abriu-se, e um moço de estatura elevada entrou rapidamente para dentro. Desembaraçou-se n'um momento da capa, em que vinha embrulhado, depois atirou-se de joelhos ao lado da pobre doente.

Carolina por essa previsão cataleptica, que precede a hora da morte, presentira a approximação do amante. A sua voz evocára-o como um phantasma para fóra do tumulo.

Aquelle homem era de facto Eduardo.

V.

O AMANTE.

Era Eduardo.

Alta e elegante era a sua estatura, magnanima e intelligente a expressão do seu rosto. Ao lêr-lhe porém na face expressiva toda a energia, toda a intelligencia, e todo o sentimento sublime que o animava, ninguem deixaria tambem de descobrir ao primeiro relance um certo reflexo triste que de contínuo o cobria, e que revelava bem claramente uma predestinação para a desgraça.

O homem nasce com o destino escripto na face. E' essa a razão das impressoens instantaneas que nos abalam ao olhar um rosto qualquer — impressoens que decidem em geral do mais ou menos interesse, com que nos ligamos a um individuo. Foi o instincto que se sentiu abalado; mas que uma reflexão mais aturada, que a razão desça sobre essa impressão, e a examine, e depois pódé dizer-se que o resultado d'esse exame será o destino do homem que nos impressionou.

E esse reflexo, esse não sei que extraordinario que trazemos na face, é tambem o resultado da propria previsão instinctiva. Antes da razão o homem possue o instincto — e este, que Deus, ao inflar no homem um reflexo de seus attributos, quiz que representasse a sua presciencia poderosa, enche a alma de um vago e incerto

futurar, que se reflecte nas faces que d'ella são espelho fiel. Embora a razão, prevenida pela omnipotencia pretenciosa da sciencia, zombe e escureça depois esse prever indefinivel do espirito — por mais que se engrandeça no homem, nunca é bastante poderosa para de todo lhe riscar de cima da face essa impressão vaga e sublime. O instincto nasce com o homem, não carece, como a razão, de esperar pelos annos para se desenvolver; assim, quando ella se apodera d'elle, já a presciencia teve logar de lhe gravar no rosto a ideia que mais ou menos vagamente o conduz a presentir o futuro.

O rosto de Eduardo era um d'esses que presentem a infelicidade, que revelam o homem que tem a desventura em partilha. No momento em que entrou no quarto de Carolina, não era até necessario ser observador muito esperto para o reconhecer. O desalinho em que trazia os cabellos, e a pallidez cadaverica das faces faziam sobresahir ainda mais a sua predestinação desgraçada.

Ao entrar para dentro do quarto, Eduardo arremessou-se de joelhos junto á cabeceira do leito, onde a amante estava deitada.

— Carolina! minha Carolina! — exclamou elle, apertando nas suas as mãos já frias da amante.

As faces da pobre menina animaram-se da mais celeste expressão de felicidade: apertou freneticamente as mãos de Eduardo, curvou para elle o rosto formoso, depois quiz fallar, mas não pôde.

Por um pouco estiveram assim, com os olhos fitos um no outro; os d'ella brilhando só felicidade e amor, e os d'elle reluzindo ao mesmo tempo com a mais dolorosa anciedade, e como querendo lêr-lhe nas feiçoens a verdade de tudo o que ella soffria.

— Carolina — disse por fim — ainda cheguei a tem-

po, meu anjo adorado. Agora não mais embaraços a eu cumprir a minha palavra; agora só amor, só felicidade...

Carolina roçou com os labios a fronte do amante, depois sorriu-se tristemente.

— Ali está minha mãe — disse ella, designando D. Maria com os olhos.

Eduardo volveu-se rapidamente, passou uma das mãos pela fronte, como querendo desaffrontar as ideias, depois fitou n'ella os seus expressivos olhos castanhos-escuros.

— Perdão — disse-lhe elle por fim, e sempre de joelhos — perdão por tudo quanto a tenho feito soffrer. Sonhei para sua filha a ventura, e fui sem o querer a causa da sua infelicidade — fui-o por uma ideia santificada pelo meu coração, e até pelo meu orgulho. Eu sei tudo — mas Fernando ha-de perdoar-me tambem, porque me conhece; o meu procedimento ha-de ser desculpado por elle. Oh! minha mãe — continuou elle em voz que dizia o mais santo e puro sentir do coração — juro por Deus que nunca tive outra intenção que não fosse o ser Carolina minha mulher. Perante elle, perante a minha honra, e perante o meu coração já ha muito que somos esposos, e em breve o seremos perante o mundo. Abençôe-nos pois, minha mãe; abençôe o esposo de sua filha, assegure-lhe assim o perdão de tudo o que elle lhe tem feito soffrer.

Assim dizendo, o moço puxou mansamente D. Maria para junto do leito da filha. D. Maria, ainda impressionada pela subita apparição de Eduardo, e cada vez mais confundida por tudo que se estava passando, deixou-se ao principio arrastar, mas de repente estacou.

— Mas, senhor... — disse ella maquinalmente.

Eduardo pensou vêr uma recusa n'este acto puramente maquinal: o caracter altivo do moço offendeu-se de não ser comprehendido. Estava ajoelhado junto ao leito de Carolina, e o rosto reluzia-lhe com um sentimento dôce e meigo, um verdadeiro sentimento de virgem. Ao ouvir as palavras de D. Maria, ao sentil-a fazer resistencia, ergueu-se de repente; cruzou os braços, e o rosto cobriu-se-lhe rapidamente da magnanimidade de uma grande alma que pede.

— Comprehendo-a, minha senhora — disse elle então — devo fazer uma expiação mais solemne. Pensei que o esposo de sua filha seria attendido tambem como filho; mas enganei-me, aqui não sou mais que um estranho. Exige-se-me uma reparação mais perfeita; pois bem, estou prompto a tudo. Carolina — disse elle, voltando-se para ella — sou Eduardo Ferreira, sou o filho do patrão de Fernando. Nunca te disse quem era, porque não queria impôr-te o receio por teu pae, nem o brilho dos milhoens do meu. Queria que me amasses pelo instincto do teu coração, e não obrigada pelo mêdo ou pelo esplendor das minhas riquezas. Tambem sentia que não era senhor de acabar comigo a resignar-me a perder, por ser rico, a mulher em quem via a felicidade da minha vida futura — e conhecia, Carolina, que a tua alma era nobre e altiva de mais para consentir, em que viesses, pobre e sem recursos, partilhar as riquezas de um homem poderoso e millionario. Mas hoje como então tu és a mesma para mim — és a minha esposa. Se não tens milhoens para emparelhar com os milhoens de meu pae, tens uma alma que vale mais que todas as riquezas do mundo: e se essas riquezas fossem obstaculo á nossa união, nem um momento duvidava em sacrificar a posse d'ellas ao teu amor e á tua mão...

— Mas seu pae... — interrompeu D. Maria, approximando-se mais do mancebo.

— Permitta-me que continue, minha senhora — respondeu sevéramente o moço — exigiu-se-me uma reparação completa, quero dal-a. Em quanto ao passado, esqueçámol-o. Eu sei tudo: meu pae ha-de reparar solemnemente o que fez, ha-de que o afiánço eu. Carolina, eis os motivos porque occultei o meu nome: senhora D. Maria, no procedimento de meu pae tem a explicação de eu me não unir logo a Carolina. E agora que sabe a razão do que tem acontecido, recusar-se-ha a deixar-me completar a minha reparação, abençoando a minha união com sua filha?

As lagrimas desciam em fio pelas faces de D. Maria; no meio da sua afflicção a nobre senhora não podia deixar de avaliar estas palavras na bôca de um homem que era millionario.

— Senhor Eduardo — disse ella por fim, apertando nas suas uma das mãos do moço — o seu comportamento é generoso e é nobre. Oh! graças por elle, graças á sua alma tão bem formada, que sabe respeitar a desgraça. Fernando não se enganava quando o avaliava assim. Mas este casamento não póde ter logar; as minhas infelicidades e as de meu marido já são de sobejo; e o poder e a vontade de seu pae...

— A vontade de meu pae! — interrompeu o moço, empallidecendo rapidamente e com os olhos a chammejarem-lhe — a vontade de meu pae!... Sobre o mundo não reconheço mais que uma vontade que decida da minha felicidade e do meu futuro — é a minha. Meu pae! Meu pae ha-de attender ao meu amor, ha-de attender á minha honra e á sua, — senão que guarde os seus milhoens e o seu nome, que não careço d'elles para mos-

trar a Carolina, que o homem que ama, é digno do amor de uma alma como a d'ella. Meu pae!... Oh! minha mãe — accrescentou elle rapidamente, e cahindo de joelhos junto ao leito de Carolina — se soubesse tudo o que tenho soffrido, e a impressão que tem feito em mim o ter sido a causa indirecta de tudo o que tem succedido, não me negaria por mais tempo o seu perdão, e abençoaria a minha união com Carolina.

— Minha mãe! minha mãe — balbuciou Carolina, fitando n'ella os olhos expressivos da mais viva angustia, e apertando nas suas as mãos de Eduardo.

D. Maria estremeceu; esteve mergulhada um momento em profunda meditação, depois deu dois passos atraz, e estendendo sobre elles as mãos, exclamou em uma voz cheia de uma uncção religiosa e solemne:

— Que Deus vos abençôe, meus filhos.

Eduardo tomou-lhe então uma das mãos.

— Oh! obrigado, obrigado — disse elle, dando sobre ella beijos repetidos, e que mostravam quanto aquella benção lhe alliviára o pêso que tinha sobre o coração. — Carolina — continuou elle — agora és minha, e minha para sempre. Tens soffrido muito, anjo; mas hei-de reparar tudo o que tens soffrido. Esposa, a tua felicidade será o cuidado de toda a minha existencia; hei-de pagar-te com uma vida toda de amor o muito que te tenho feito soffrer. Carolina, oh, minha Carolina, perdôa-me tambem tu...

As faces da pobre menina tornavam-se cada vez mais cadavericas.

— Perdoar-te — disse ella então — e de que perdoar-te? Perdoar-te a minha ventura? perdoar-te o teu amor?...

O moço approximou-se então mais d'ella.

— Careço, sim, careço do teu perdão — balbuciou elle — oh! perdão, sim Carolina, perdão... a sorte de nosso filho...

Ao ouvir estas palavras, Carolina soltou um grito agudissimo, e sentou-se de um salto na cama.

— Nosso filho!... — disse ella espantada, e correndo a mão pela testa — nosso filho! Ai! sim, agora me lembro, matei-o com a suspeita criminosa de que me tinhas abandonado. Matei-o, matei-o, fui eu que matei meu filho. Eduardo! Eduardo! — exclamou ella em delirio — foge, foge de mim, fui eu que matei teu filho; foge da mulher desnaturada que te matou o filho que trazia nas entranhas. Mas ai! perdão, meu esposo adorado — continuou, abraçando-se com elle — não pude soffrer esta ideia e o que ella trazia comsigo — a maldição de meu pae. Oh! perdão, perdão, Eduardo.

E a pobre menina no maior accesso do delirio escondeu o rosto no seio do amante.

— Carolina — balbuciou Eduardo, aterrado com a pallidez cadaverica da amante, e com a agitação em que estava — volta á tua razão, minha esposa querida. Não és culpada; se eu te não tivesse abandonado, se resistisse ás ordens de meu pae....

— Não, não — gritou a pobre menina, juntando as mãos, na mais viva desesperação — fui eu, fui; fui eu que matei nosso filho. Eu não tinha direito a desconfiar de ti, Eduardo; não tinha direito a duvidar do teu amor, nem da tua honra. Oh! matei meu filho — continuou ella, soltando um grito agudissimo. — Oh! meu Deus puni-me, castigai o meu crime, mas perdoai á minha alma. Eduardo, eu morro; a mãe que mata seu filho paga com a vida tal crime. Oh! perdôa-me...

E assim dizendo, a pobre menina cahiu sem forças nos braços do amante.

— Carolina! Carolina! — gritou Eduardo, quasi desorientado — morreres!... Olha, responde-me: sou eu que te fallo.

— Minha filha! minha filha! — exclamou D. Maria, apertando-lhe a mão que deixára cahir desmaiada — Carolina, o crime não é teu. Olha é tua mãe que t'o diz... é o teu Eduardo... Filha, filha, Carolina.

E a mãe e o amante, com as faces pallidas de afflicção, curvaram-se ao mesmo tempo sobre a pobre menina, que com os olhos cerrados e com um respirar arrastado parecia proxima a dar o ultimo suspiro. Por fim abriu os olhos já vendados pela morte.

— Eduardo, minha mãe — disse ella em voz enfraquecida — eu morro. Eduardo, morro feliz, porque morro tua esposa. Minha mãe, diga-o a meu pae, diga-lh'o para que elle não amaldiçôe a minha memoria. Diga-lhe que ao morrer não levo mais que uma dôr, a de o não ter junto de mim, para lhe ouvir o seu perdão. Adeus... Eduardo, se amares outra mulher... se casarés outra vez... ama-a, fal-a feliz... Eu não serei zelosa... a minha alma contemplará com prazer a tua... felicidade. Mas no meio da tua ventura... lembra-te... algumas vezes de mim... da desgraçada Carolina que te amou... tanto. Adeus...

Assim dizendo fechou os olhos por um momento: deu então um estremeção violento, e tornou-os a abrir já de todo envidraçados.

— Minha mãe... Eduardo... Oh! a maldição de meu pae — disse ella, volvendo os olhos pelo tecto da casa — adeus... o meu filho...

Então a ultima lagrima — a lagrima que assoma aos

olhos do moribundo ao separar-se do mundo, como uma prova de que a alma ainda junto do throno de Deus se lembrará com saudade d'aquelles que deixa na terra — rolou-lhe pelas faces abaixo, deu um profundo suspiro, e fechou os olhos para sempre.

— Carolina! — exclamaram á uma e machinalmente a mãe e o esposo.

Mas o corpo de Carolina já os não ouvia; a sua alma parou um momento o vôo que levava em direitura ao ceu, para escutar este grito extremo de amor e de afflicção.

— Minha filha! minha filha! — exclamou D. Maria, lançando-se como doida sobre o cadaver da filha; depois cahiu desmaiada. Anna e a mulher do alfaiate conduziram-na em braços para o quarto.

Eduardo não deu uma palavra. Ao vêr a amante cerrar os olhos para sempre, o moço curvou a cabeça sobre ella, e beijou-a nos labios, como se quizesse recolher a alma que lhe fugia. Contemplou-a então por um pouco, depois cahiu de joelhos, e pôz-se a rezar. Ao vêr aquelle rosto ainda mais pállido do que o da morta, impassivel, sem trahir uma só commoção, e ao vêr mover n'elle os labios descórados e roixos, dirieis um cadaver a orar por outro cadaver.

Foram baldados todos os esforços para o arredar de junto d'aquelle corpo. A' persuasão oppunha o silencio, e quando quizeram empregar a força, os olhos brilharam-lhe de modo que mostraram quanto era mister respeitar a dôr d'aquelle moço valente. Toda aquella noite e o dia seguinte velou junto d'ella. Quando viu chegar a amortalhadeira, levantou-se, e encostado ao desvão da janella, assistiu como estatua áquella ceremonia. O rosto não trahiu em todo aquelle espaço de tempo um só sentimento; sómente, quando a viu lançar no caixão, é que

os olhos se lhe incendiaram com uma ferocidade de féra, e os labios se lhe encresparam com um sorriso medonho.

O cadaver foi por fim levado á egreja: Eduardo seguiu-o até lá. Durante toda a ceremonia dos officios, conservou-se encostado a um canto, perdido na escuridão. A egreja esvasiou-se por fim d'esses poucos visinhos que tinham assistido ao enterro. O coveiro veio então buscar o cadaver, e conduziu-o ao cemiterio. Eduardo seguiu-o.

O coveiro, espantado de se vêr seguido por toda a parte por aquelle homem impassivel e de uma pallidez mortal, que se desenhava mais pronunciada sobre o seu vestuario preto, poisou o caixão, e olhou-o cheio de terror. Então foi a primeira vez que lhe ouviu a voz.

— Deixa-m'a vêr pela ultima vez — disse elle, offerecendo-lhe uma bolsa com dinheiro.

O coveiro acceitou maquinalmente o dinheiro, e Eduardo abriu o caixão. Contemplou por alguns momentos o cadaver, depois cahiu de joelhos, e pôz-se a rezar. Levantou-se por fim, e cortando uma madeixa de cabellos da morta, metteu-a no seio.

— Pódes continuar — disse elle para o coveiro.

O caixão desceu ao fundo da cova; Eduardo assistiu a tudo. A terra cobriu por fim o cadaver de Carolina. D'ella o mundo já só possuia a lembrança. O moço cahiu então de joelhos sobre a sepultura da amante, curvou-se sobre ella, e beijou-a. Levantou-se depois, e uma ferocidade egual á que lhe assomára no rosto, ao vêr metter no caixão o cadaver, cobriu-lh'o de novo agora.

— Oh! Carolina, salva-me — disse elle n'um grito abafado.

Depois desappareceu rapidamente por entre as arvores do cemiterio.

VI.

O HOMEM POEM E DEUS DISPOEM.

Na mesma noite em que foi sepultado o cadaver de Carolina, passou-se no escriptorio de Manoel Ferreira a scena que vou descrever.

A luz brilhante de um candieiro de bronze doirado, poisado sobre uma escrivaninha de mahogno, illumina toda a sala, mobilada com um luxo oriental.

O millionario, vestido de casaca e de chinelos brancos nos pés — seu traje de quarto — passeia em todo o comprimento da sala. Parece muito preoccupado; de quando em quando solta palavras entrecortadas e imperceptiveis, e logo fórça nos labios um sorriso de satisfação alvar, e esfrega as mãos de contentamento. Apesar porém de todos estes signaes de alegria, os seus meneios são agitados e sacudidos, os passos ora apressados, ora mais vagarosos — tudo signaes comprovativos de uma violenta commoção interior.

Depois de meia hora d'este passeio agitado, parou um momento como a pensar; chegou-se então a um cordão de campainha, e puxou por elle violentamente. Um momento depois, a porta abriu-se, e appareceu um criado.

— Então é certo ter morrido a filha do Silva? — perguntou Manoel Ferreira, esfregando as mãos e com um sorriso convulso nos beiços.

— Sim, meu senhor — respondeu o criado, inclinando-se.

— Bem — replicou elle.

Depois rodeou os olhos em volta da sala, como buscando motivo para prolongar a conversa; por fim fitou-os no candieiro.

— Já te disse — continuou então para o criado — que não quero accêso este candieiro. Porque motivo não accendeste a serpentina, como te ordenei antehontem?

— Peço perdão — replicou o criado — foi v. s.ª que deu ordem ao José de o accender, e de o trazer para aqui.

Manoel Ferreira, sempre esfregando as mãos e sempre com um sorriso convulso na bôca, rodeou de novo a sala com os olhos, e continuou immediatamente:

— Aposto que não disseste ao boleeiro que me aprompta sse a sege para as dez horas?

— Já lh'o disse — replicou o criado — e tudo está prompto para quando v. s.ª quizer sahir.

— Sim, sempre respostas... são muito promptos — rosnou elle, continuando no seu passeio agitado e sem mandar retirar o criado. — Sim, fazem tudo, mas não fazem nada. Esta é boa! — continuou sem attender á presença do criado — que diabo de ataque nervoso!... Ora esta!... Então sempre é certo ter morrido a filha do Silva?— accrescentou, parando rapidamente em frente do criado.

— Sim, meu senhor, disseram-me que morreu hontem á noite.

— Está bom. Retira-te — continuou depois de dar mais duas voltas na sala.

O criado retirou-se, e Manoel Ferreira ficou só. Deu então mais alguns passeios, em todo o comprimento da sala, sempre movido pela mesma agitação; depois começou a fallar comsigo.

— Ora esta! — disse elle — Nunca tal me aconteceu! Uma agitação assim! Que diabo será isto! Estou contente como um rei; antes queria a noticia que me deram do que uns poucos de milhoens a maior. Agora sim; agora é que me vingo d'aquelle patife que me quiz pilhar o filho. Pobretão de má morte! Mas que será isto? Uma agitação como esta! Pois a alegria fará nervoso!... Nada, isto é do calor que hoje está.

E assim dizendo, Manoel Ferreira abriu uma janella para tomar o fresco. Mas a violenta commoção em que estava, não o deixou parar muito tempo. Entrou em breve para dentro, e fechou outra vez a janella.

— Isto é extraordinario! — disse por fim.

Tirou então o relogio, e viu as horas que eram.

— Nove e um quarto — continuou — e ainda tenho de vêr o processo e escolher os jurados! A's dez tenho de ir para casa da baroneza, e ando aqui a desperdiçar tempo. Maldito nervoso!

Approximou-se então á poltrona que estava diante da escrivaninha.

— A baroneza! — rosnou elle, soltando uma gargalhada forçada — Pobre tola! Pensa que tenho uma grande paixão por ella. Aquella regateira com cara de mulher velha de rua! Ha! ha! ha! Está maluca. Eu apaixonado! A minha paixão é pelos seus milhoens. Se consigo... Fico um Rotschild. Depois... em todo o caso sempre sou o marido... o senhor.

Assim dizendo, sentou-se á escrivaninha, e abriu uns autos que tinha em cima d'ella.

— Corpo de delicto — rosnou elle então — bem; — « pelo roubo perpetrado em casa do Ill.^{mo} Manoel Ferreira »... por ladrão! Excellente! — depois continuou a folhear o processo. — Queréla publica... Assentada... vamos a vêr o que disseram as testemunhas... O que lhes mandei. — Leu então algumas paginas, e continuou: — Muito bem, muito bem, meus senhores! Estás arranjado, meu patife. Pronúncia (e leu) « Obrigam as testemunhas a prisão e livramento a Fernando da Silva, d'esta cidade, como indiciado no crime de roubo e abuso de confiança »... Bravo! por ladrão!... « não é admissivel fiança. » Podéra! Anda, maroto, que ficas arranjado. Mas que diabo de agitação nervosa!... Vejamos o libello. — E começou de novo a lêr em voz baixa. — Estás servido, estás servido. Que diabo de ataque de nervos! — e assim dizendo, levantou-se e começou a passear na sala.

Alguns momentos depois consultou de novo o relogio.

— Nove e tres quartos — disse elle, dirigindo-se de novo á cadeira. — Tenho ainda de nomear os jurados. E ás dez!... Mil diabos sobre esta molestia de mulher! Vamos ao rol dos jurados, que quero que saiam. Hão-de sahir os que eu quizer;... custa-me dinheiro, mas na urna não entram senão os nomes escolhidos por mim. Olá! Vamos a isto.

Sentou-se, e pegou n'um papel, onde se liam os nomes dos jurados do trimestre.

— São necessarios doze jurados — disse elle então — e temos aqui quarenta e oito. Ha onde escolher. Vejamos... A lei diz que se lançarão todos os bilhetes den-

tro da urna, depois de contados publicamente. A lei!... Ha! ha! ha! A lei é o meu dinheiro. — E começou a lêr o papel — « Estevão Fernandes de Aguiar » — risque-se; não conheço. « José Pereira Maiorca. » Olá por aqui. Este é seguro; deve-me um conto de reis. « Manoel Nicasio Soares. » O' illustrissimo fidalgo! Tenho cá os brilhantes da mulher; segurissimo...

Assim continuou a lêr, riscando todos os que lhe não convinham, e marcando como seus aquelles que d'elle eram dependentes, ou de outros individuos sobre que podia exercer influencia. Contou-os por fim.

— Dez — disse elle — mas são necessarios doze! Não importa — accrescentou depois de pensar um momento — para a decisão bastam dois terços... Mas se fosse por unanimidade!... Ladrão por unanimidade! Era magnifico. Ha-de arranjar-se — continuou, estendendo estas palavras e como pensando no meio. — Ladrão por unanimidade, e a filha em casa do diabo!... Excellente, desforra esplendida! Ficas ensinado, meu grande patife, meu empalmador de rapazes millionarios...

E assim dizendo, Manoel Ferreira batia as mãos, movido por uma alegria diabolica, que se tornava mais saliente pela agitação nervosa que o abalava.

N'este momento a porta abriu-se de repente, e um criado, vivamente commovido, e quasi sem poder fallar, entrou para dentro do quarto.

— Meu senhor — balbuciou elle — parabens... o senhor Eduardo...

Mal o criado tinha tido tempo de pronunciar estas palavras, quando Eduardo assomou á porta do quarto.

— Retira-te — disse imperiosamente ao criado.

Este sahiu, e a porta fechou-se sobre o pae e o filho.

Eduardo, de pé e com a mão direita mettida no peito da casaca, fitou os olhos no pae, e esperou que rompesse o silencio. O millionario sobresaltado pela subita apparição do filho, e sobre tudo commovido pelo seu aspecto macerado e pállido, e pela sua impassibilidade solemne, cravou n'elle os olhos espantados.

— Eduardo... tu aqui? — balbuciou.

— Sou eu mesmo, senhor.— respondeu serenamente o mancebo. — Quando me obrigou a partir, disse-lhe que voltaria quando me fosse necessario. Chegou a occasião, eis-me aqui.

O millionario suppôz vêr uma desculpa humilde na resposta do filho. Serenou pois um pouco, carregou as sobrancelhas, e levantou-se.

— E d'onde vens, sem que eu?... — disse elle.

— Venho de junto de uma sepultura, onde acaba de descer o cadaver de Carolina — disse com a mesma serenidade o mancebo, mas tornando-se cada vez mais pállido.

Manoel Ferreira estremeceu perante a serenidade medonha do filho; mas, reforçando-se com a sua qualidade de pae, entendeu que podia fallar com segurança.

— Mas que resposta é essa? — exclamou, forcejando por se mostrar furioso — que tenho eu com isso? E' essa a razão de desobedeceres ás minhas ordens?

— E' esta, senhor — replicou Eduardo — e tão poderosa, que já teria commovido outra alma que não possuisse o cynismo da sua.

— Meu filho!... — exclamou Manoel Ferreira, batendo o pé com força.

— Aqui não ha pae, nem filho — respondeu com a mesma serenidade o moço, mas com a voz já um pouco cavada e os olhos alumiados por um fulgor sombrio. —

Aqui não ha pae nem filho, senhor Manoel Ferreira; aqui ha dois homens sómente — um dos quaes vem, em nome d'aquelle cadaver, exigir do outro a reparação de uma calumnia vil e infame.

Eduardo calou-se um momento: Manoel Ferreira, fascinado pela serenidade terrivel d'estas palavras, tinha os olhos fitos nos d'elle com os mais visiveis signaes de terror.

— O filho ha-de apparecer depois — continuou Eduardo, com as feiçoens cada vez mais transtornadas — ha-de apparecer a pedir contas da vida da mulher que adorava, e da sua felicidade futura. Ha-de apparecer, senhor Manoel Ferreira, e, quando apparecer, será solemne e tremenda para os dois essa hora. Pelo entretanto aqui não está senão um homem, que sobre a sepultura da mulher que amava, pactuou com a eternidade a reparação solemne do crime, que fez da amante um cadaver, e do seu nome uma torpeza e uma infamia.

Manoel Ferreira succumbiu diante da serenidade solemne e feroz do mancebo.

— E que exiges de mim? — balbuciou elle, deixando-se cahir sobre a poltrona.

— Uma declaração formal e explicita — replicou o moço — de que a accusação de roubo, que fez contra Fernando da Silva, é uma calumnia, filha sómente de uma vingança injusta.

Manoel Ferreira deu um salto na cadeira, e o vermelhão natural das faces denegriu-se-lhe um pouco.

— E a sua assignatura n'esta letra — continuou serenamente Eduardo, apresentando-lhe um papel — pela qual se lhe constitue devedor de dez contos de reis. Para quem possue tantos milhoens é em verdade bem mesquinho o preço por que paga uma tamanha injuria.

*

Manoel Ferreira lançou mão rapidamente ao papel que Eduardo lhe apresentára; passou-o em um relance pelos olhos, depois arrojou-o com furia para cima da escrivaninha.

— Estás louco! — gritou por fim — queres obrigar-me a roubar-te? queres cobrir o teu nome de infamia e de vergonha?

— O meu nome! — replicou o moço, sorrindo-se ironicamente — o meu nome já está deshonrado perante a minha consciencia, e perante a de toda a gente honesta. Ficou-o desde o momento em que o homem, de quem o tomei, se tornou um falsario; ficou-o desde que meu proprio pae deu ao mundo o direito de me chamar um seductor infame e sem alma. Assim bem vê, senhor, por mais que façamos, já o nome que temos não póde ficar mais deshonrado.

Manoel Ferreira estremeceu diante d'aquellas palavras. O homem que as dizia era seu filho; mas esta circumstancia tornava a accusação mais terrivel. O millionario começou então a recear da serenidade medonha, com que elle a fazia.

— Fiz mal — disse então, cedendo ao receio que o começára a tomar — fiz mal, e arrependo-me de o ter feito. Foi uma acção infame, filha de uma irritação de momento, e que reconheço que nos deshonra. E' mister reparal-a. Vai ter com Fernando da Silva, e diz-lhe que se com dinheiro se póde pagar a minha injustiça, estou prompto a tudo. Farei tambem sustar o processo; tenho-o até em meu poder; entrega-lh'o, elle que faça o que quizer d'elle. Mas a retractação, não; era gravar com traços indeleveis a tua e a minha vergonha. Vai ter com elle; dispoem do dinheiro que quizeres...

— O dinheiro não lava o nome de ladrão, senhor —

replicou Eduardo — e Fernando tem alma muito nobre para consentir, a troco de todas as riquezas possiveis, que lhe seja dado tal nome. Assim bem o vê, a retractação é indispensavel; e não sahirei sem ella d'aqui — accrescentou, ferindo expressivamente estas ultimas palavras.

— Mas a retractação é a nossa deshonra, Eduardo! — replicou Manoel Ferreira, fazendo-se cada vez mais roixo.

— Mas Fernando da Silva tem direito a exigil-a — respondeu o moço — e, ainda mesmo quando o nosso nome não estivesse já infamado, nem por isso deixava de o ter.

— A retractação! — disse Manoel Ferreira em voz trémula de desesperação, que já mal podia conter — pois hei-de dar ao mundo o direito de me chamar infame e calumniador?

— Fernando da Silva tambem não póde consentir em dar ao mundo o direito de lhe chamar infame e ladrão — replicou serenamente Eduardo, mas em voz cada vez mais surda.

— E que me importa a mim Fernando da Silva? Que me importa que o mundo lhe chame ladrão? — gritou Manoel Ferreira, cedendo á desesperação que o abalava, e levantando-se desorientado de todo. — A retractação!... Nunca. Não quero, não a darei.

As feiçoens de Eduardo descompuzeram-se rapidamente; deu dois passos para o millionario com os olhos chammejantes de uma ferocidade medonha. Depois parou.

— Escute-me, senhor — disse elle então em voz trémula — escute-me, e, por Deus, não se opponha ao que exijo de si. Esta retractação quero-a, e hei-de têl-a.

Lembre-se que venho de junto da sepultura de Carolina, e que sobre ella jurei que nenhuns respeitos do mundo seriam capazes de me impedir de reparar a injuria feita a Fernando... só porque ella me adorava. Eu perdi tudo na terra, senhor; nada tenho que me ligue á vida, nenhuma consideração por mim ou pelo meu nome me prende ás conveniencias da sociedade... perdi a honra e a felicidade... A retractação; quero-a, exijo-a.

— Não, não — gritou o millionario desorientado de todo.

Os olhos de Eduardo relampejaram como os de um tigre, e o rosto tornou-se-lhe livido e asqueroso á vista. Puxou de um punhal, e, tomando o millionario por um braço, arrastou-o para junto da escrivaninha.

— A retractação, e já — disse elle em voz sumida de todo — a retractação, ou ámanhã ha-de dizer-se que fui um parricida, para punir o assassino da mulher que adorava, e por me envergonhar de ser filho de um falsario e de um infame.

Manoel Ferreira cahiu desanimado sobre a cadeira, para junto da qual o filho o tinha arrastado. As faces tornaram-se-lhe roixas, e os beiços completamente lividos.

— Eduardo — balbuciou elle — eu sou teu pae.

— Meu pae! — gritou o moço, completamente allucinado — meu pae! Não appelle para esse nome que é um crime na sua bôca. Meu pae o homem que me deshonrou aos olhos do mundo, e que me fez para sempre infeliz! E é com esse nome que tenta desarmar a minha intenção, e conquistar-me a piedade? Silencio, senhor; não o pronuncie. Esse nome é uma blasphemia nos seus labios; não tente com elle a justiça de Deus, não me faça recordar de que o homem, que a natureza fez meu pae,

foi o algoz da mulher que eu amava, foi o causador da minha deshonra e da minha infelicidade.

O moço interrompeu-se um momento com os olhos torvos e chammejantes fitados no millionario.

— Meu pae! — continuou elle por fim — Meu pae este homem! Eu tinha sonhado a felicidade e tinha direito a ella — tinha, porque Deus formára a minha alma com sentimentos nobres e bons. Tinha-a sonhado pura e santa, e não via um só estorvo a ella: não sabia que em logar de um pae tinha um algoz. Fui feliz n'este sonho, entre o qual e a realidade não podia vêr o impossivel. E que me resta hoje d'elle? — uma campa, e a deshonra para sempre. Se procuro quem me toldou o meu ceu tão puro e formoso, em tudo encontro esta palavra terrivel — «foi teu pae, foi teu proprio pae!» Tinha uma amante — mataram-m'a; era respeitado por todos — desde hoje serei o alvo do desprêso geral; levantava a cabeça altivo e orgulhoso, respirava a vida sem uma só dôr — e hoje segue-me por toda a parte o remorso de ser a causa da desgraça de uma familia inteira. E a causa... a causa foi meu pae — foi elle quem fez tudo isto, foi elle que sacrificou a minha honra e a minha ventura a um egoismo estupido, a uma paixão desnaturada. A retractação, senhor — gritou elle em um grito abafado, sacudindo violentamente o braço do millionario.

O vermelhão sanguineo, que cobria as faces de Manoel Ferreira, tinha-se pouco e pouco tornado roixo livido, e os beiços estavam brancos como os de um cadaver. Tomou então maquinalmente uma penna, e escreveu a retractação; depois cahiu sobre o espaldar da cadeira.

Eduardo tomou o papel, dobrou-o, e metteu-o no seio.

— Agora escute-me pela ultima vez — disse elle, forcejando serenar-se. — Nada mais de commum entre nós: de hoje por diante deixei de ter pae, de hoje por diante não pensarei d'onde vim, nem d'onde nasci. O seu nome, ahi lh'o deixo, nunca mais usarei d'elle: os seus milhoens não os quero, guarde tudo para quem seja mais digno de si e da sua alma. A natureza approximou-nos; mas os nossos instinctos puzeram entre nós uma separação immensa. Não tente encurtal-a, não tente approximar-se de mim. Todas as vezes que me appellidar por seu filho, ha-de sempre ouvir-me bradar — maldita a hora em que Deus te fez meu pae! maldito tu, que fizeste a infelicidade de teu filho! Maldito, maldito sejas! e que na hora extrema te sôe esta minha maldição com todas as torturas dos condemnados, pae desnaturado, algoz de teu proprio filho!

Assim dizendo, o moço arrojou-se allucinado pela porta fóra.

— Oh! que me mataste! — exclamou Manoel Ferreira, soltando um grito medonho.

E cahiu morto, victima da sua organisação apoplectica, e das commoçoens que sentira.

O algoz de Carolina pagava com a propria vida a vida d'aquelle anjo; o pae desnaturado morria victima da maldição de seu filho.

A declaração, extorquida por Eduardo a Manoel Ferreira, salvou Fernando da Silva da deshonra, e deu-lhe a liberdade.

Quinze dias depois do livramento d'elle, Eduardo, que tinha tomado conta da casa do pae, e que tinha tra-

zido Fernando para a sua companhia, chamou-o, e disse-lhe:

— Parto, e não sei para onde. Vou vêr se no reboliço do mundo me posso esquecer de mim mesmo. Vou viajar; aqui lhe fica procuração para administrar a minha casa. Se eu morrer, lembre-se algumas vezes do homem que tudo sacrificou ao amor de Carolina, e que sempre o respeitou como pae.

Eduardo partiu. Tres annos depois um joven espanhol, que se tinha ligado intimamente com elle, escrevia das margens do Danubio, onde se começava a disputar a questão do Oriente, o seguinte á sua familia:

« O nosso Eduardo acaba de morrer: findou finalmente aquella vida que era uma dôr eterna, uma contínua tortura. Uma bala russa livrou-o d'aquella existencia. Morreu nos campos de Oltenitza. Combatia ao meu lado, obrando prodigios de valor, quando cahiu atravessado pelo peito. Morreu poucas horas depois, abençoando a morte, mandando-lhes uma eterna saudade, e pedindo-me um ultimo favor — o de remetter immediatamente para Portugal essa carta que de muito já trazia escripta. A ultima palavra que disse, mas já tão indistincta que não fico pela veracidade do meu ouvido, foi — Carolina. »

A carta foi mandada para Portugal a Fernando da Silva, nome a que vinha dirigida. Fernando abriu-a; era a despedida do pobre moço, que lhe pedia uma ultima lagrima e de novo perdão. N'ella tambem vinha declarado o logar onde estava o seu testamento. Aberto este, viu-se que Eduardo, não tendo herdeiros forçados, deixava toda a sua fortuna aos paes de Carolina.

No testamento havia tambem outra verba. Eduardo ordenava que o seu cadaver fosse sepultado no mausoleo

que mandára erigir para o de Carolina, e onde tinha reservado ao lado d'ella um logar para si. Esta clausula foi religiosamente cumprida.

O *homem poem e Deus dispoem* — é na verdade adagio bem certo. Os milhoens que a avareza de Manoel Ferreira accumulou, e por causa dos quaes fez a desgraça do filho, e de uma familia honrada, vieram por fim a cahir na posse do homem que mais odiava, e que tinha perseguido com tanto odio e com tanto rancor.

A TOMADA DE ORMUZ.

V.

(1852).

A TOMADA DE ORMUZ.

I.

Era pelas onze horas da manhã do dia 5 de janeiro do anno de 1508.

Uma cobertura espêssa e egual de nuvens côr de chumbo recamava o espaço, e um calor surdo e abafadiço tornava difficultosa e pezada á respiração a atmosphera, cuja quietação só era quebrantada por uma aragem ardente e abrazadora, que soprava do lado de terra.

A piquena distancia da bahia de Ormuz estavam n'esse dia fundeadas seis embarcaçoens, em que tremulava a bandeira portugueza. Era a esquadra, com que Affonso de Albuquerque, o genio mais conquistador que produziu Portugal, e um dos maiores que tem produzido a Europa, estava a ponto de reduzir o rei de Ormuz á obediencia de el-rei D. Manoel, — tornando este por tal conquista senhor da cidade, que era a chave do golfo persico, e por conseguinte senhor de todo o commercio da Arabia.

Um concurso immenso de gente movia-se ao longo da praia, e muito principalmente junto dos muros meio acabados da fortaleza, que Albuquerque, mau grado o

rei da terra, fizera começar ali. Abicados á praia e com as pranchas fóra, estavam esquifes, almadias e outras embarcaçoens de piqueno lote, cujos remeiros, já a postos, pareciam aguardar o prompto embarque da gente.

Na armada, porém, composta do *Cirne*, nau capitania, commandada pelo proprio Albuquerque, do *Rei-grande*, commandada por Francisco de Tavora, do *Rei-piqueno*, de que era capitão Manoel Telles, da *Taforea*, que estava ás ordens de Affonso Lopes da Costa, de um navio piqueno, commandado por Antonio do Campo, e da nau *Flôr de la mar*, que na ausencia do commendador Ruy Soares, era commandada pelo capitão João da Nova, reinava um silencio, que contrastava com o arruido que em terra se ouvia. Apenas aqui e ali se via um ou outro soldado, que, debruçado sobre as arrombadas, vigiava curioso o que os companheiros faziam em terra; ou um e outro gageiro, que sentado no cesto da gavia, assobiava, baloiçando-se com a mais sublime indifferença, qualquer toadilha malaia.

A scena, que vou descrever, é passada na nau capitania.

Dois soldados, encostados á amurada do navio que botava para o lado de terra, um voltada a cara para o companheiro, e o outro debruçado sobre a amurada e os olhos fitos na praia, conversavam com ares de descontentes sobre os casos do tempo.

Sobre a coberta do convez, e com as mãos atraz das costas, passeava defronte d'elles um homem, cujo traje indicava ser pessoa superior a qualquer soldado de leva. Vestia um pelote de abertos, por entre os quaes se lhe via luzir um arnez; do hombro direito corria-lhe para o lado esquerdo um tiracollo de coiro branco, d'onde pendia uma espada de copos, em fórma de concha; as cal-

ças e os borzeguins eram de anta, e na cabeça tinha uma gorra de panno azul.

As feiçoens d'este personagem eram o typo completo do intriguista e do velhaco. Aò passar pelos soldados, que fallavam em voz alta, e cuja conversa parecia não attender, mas de que lhe não escapava uma só palavra, lançava de quando em quando sobre elles um olhar de nesga, e um sorriso quasi imperceptivel de satisfação assomava-lhe nos labios.

— Por minha fé, Rui Preto — dizia o que estava de cara voltada para o companheiro — que já estou mais que melancolisado com esta terra de Ormuz. Por S. Pero, meu advogado, que esta aragem de terra já me tem feito mudar mais de cem vezes a pelle, como se fôra cobra, e de arte me tem sêcco os gorgomilos, que estou em dizer que nem quanto vinho tem Setubal é capaz de m'os tornar a humedecer. E afóra isto uma agua pêrra e má como é pêrro e mau o sultão d'esta terra e a sua excommungada gente! Voto a tal — continuou n'um accesso de raiva, e dando tal punhada sobre a amurada, que fez voltar o companheiro — que se o capitão-mór de presto não decide este feito, hei-de fugir-lhe, e ir-me para Antonio do Campo, ou outro qualquer que me leve de prompto para onde ganhe mais que zargunchadas e virotes pela cara e pelo corpo, como me aconteceu na tomada da Meri, que por fim o unico pago que tive foi ficar-me escalavrado; demais não lucrei ceitil. Quem tem mulher e filhos como eu, não é para se esperdiçar por hi em teimas e porfias de capitaens brigosos e repetenados como este nosso. Irra!

— E o mais é — replicou fleugmaticamente Rui Preto, sem se mover da commoda posição em que estava — que se me antolha que teremos novo arruido. Olha —

lá vem as almadias com a gente para as naus; não fica viva alma na fortaleza... Pela virgem do Carmo! lá tiraram duas arcabuzadas para terra. Olha.

Rui Preto voltou-se, e estendeu a cabeça para fóra da amurada do navio.

— Pelas barbas de Satanaz! — gritou cada vez mais furioso — estamos bem aviados! Um ou dois mezes mais de demora, e inda bem se escapar aos virotes dos moiros. A Deus praza que seja verdade o que dizem por hi de quererem os capitaens fugir ao capitão-mór, que se assim fôr, a minha tenção está feita.

— Pois elles querem fugir? — perguntou com toda a placidez Rui Preto.

— Rosna-se que sim — tornou o outro — e Deus ou o diabo lhes meta isso nos cascos, que, se assim não fôr, venho de certo a rabiar como damnado. E qual é a tua tenção n'este caso, amigo?

— Quanto a mim — respondeu Rui, voltando-se com o maior socego para o companheiro — dois saltos acima da amurada, um para o mar, e em duas braçadas sou com qualquer d'esses homens de bom sizo. Porque olha, Perno Mendes, aqui para nós, o caso não é para menos. Conta lá; de 24 de setembro do anno passado, que chegamos, a 5 de janeiro em que estamos, quantos dias vão?

— Tres mezes e doze dias — respondeu Perno Mendes, depois de ter verificado pelos dedos a somma.

— Tres mezes e doze dias — repetiu Rui Preto — em que me não tem tinido na fraldiqueira mais que algumas moedas, que al não pude haver da venda d'aquelle famoso cris que huve na pesca dos moiros mortos na armada, que ahi destruimos quando chegamos.[1] Junta a isto mau passadio, e sobretudo cama damnada, serviço contínuo, e sempre amartellado com mêdo do ce-

nho tão fero do capitão; e se feridas não hei, é porque de minhas habilidades me tenho valido — sem desar comtudo — accrescentou com ar de importancia — de minha honra e prol. Ora tudo isto junto, afóra a certeza de o capitão querer continuar na porfia de aqui se manter por mais tempo, com grave damno de minha fazenda, resolvo-me a seguir o teu presupposto; fujo tambem.

— Pardiez! e farás bem — replicou Pero Mendes — que mais de proveito nos é irmos lá com os fugidos ao cabo de Guardafú, onde de pardaus encherémos as faltriqueiras, que estarmos aqui de quedo e pasmados diante de quatro paredes, e com nosso suor e trabalho erguermos uma fortaleza para outros. Quem as come que as colha, que firme estou eu...

— Sus — exclamou então Rui, voltando-se rapidamente para o companheiro. — Está a atracar o esquife do capitão; presto será elle em riba. Cala, que nos não oiça.

O personagem, que passeava na frente dos dois soldados, e que nada menos era que Antonio Fernandes, escrivão da nau de Francisco de Tavora, compôz logo a cara com mais grave urbanidade, e dirigiu-se caminho do portaló, onde em breve assomou o capitão-mór Affonso de Albuquerque.

Affonso de Albuquerque era homem de estatura ordinaria, mas reforçada, rosto córado e comprido, e o nariz um pouco grande. O todo das feiçoens indicavam logo um homem de genio. Os olhos pretos, que pareciam scintillar, tinham um tal poder, que pouca gente ousava fital-os; o aspecto severo do rosto e duas rugas bem pronunciadas, que lhe encorrilhavam a fronte, demonstravam a energia extraordinaria e a vontade tenaz e soberana do homem, creado para mandar.

Affonso de Albuquerque, mal deu com os olhos em Antonio Fernandes, deixou logo revelar nas feiçoens o mais profundo desgosto. O rosto assombrou-se-lhe ligeiramente, e as duas rugas, que tinha na fronte, contrahiram-se-lhe mais fundas.

— Que pretendeis, Antonio Fernandes? — disse elle, fitando no escrivão da nau *Rei-grande* os olhos ardentes.

Antonio Fernandes occultou n'uma profunda cortezia a fascinação e em certo modo a impressão de medo, que lhe pozeram ao primeiro encontro os olhos e os ademanes do capitão-mór. Quando ergueu a cabeça, já estava outra vez socegado e revestido da mais grave e perfeita urbanidade.

— Senhor — respondeu, estendendo para Albuquerque a mão com um papel dobrado — os capitaens das naus me ordenaram de trazer ante vossa mercê este requerimento.

Affonso de Albuquerque arrancou com modo rispido das mãos de Antonio Fernandes o papel, que este lhe apresentava.

— Sempre requerimentos! sempre requerimentos! — resmungou em tom aspero.

Depois abriu o papel, e lêu. Dizia assim [1]:

« Senhor, fazemos isto por escripto, porque por pa-
« lavras o não ousamos, por quão apaixonadamente nos
« sempre respondeis; e em caso que vós, senhor, nos te-
« nhaes dito por vezes que el-rei vos não manda que to-
« meis conselho comnosco, este caso é de tamanha subs-
« tancia, que nos parece somos obrigados a darvol-o, e,
« se o não fizessemos, seriamos dignos de grande casti-
« go. E porque esta guerra, que agora quereis fazer, é

(1) Commentarios de A. de Alb., P. I. cap. 46.

« muito contra o serviço de el-rei, nosso senhor, nos pa-
« rece que vossa mercê deve de olhar muito bem, antes
« de a começar, quanta culpa tem Codja-Athar, para sem
« razão pôrem-se ao taboleiro quinze mil cruzados de
« renda cada anno, afóra a honra de tão grande cidade
« e reino. E se de todo vossa mercê determina de lh'a
« fazer e quebrar a paz e assento, que com elle tem, a
« nós nos parece que o não deveis de fazer, porque mais
« serviço de el-rei, nosso senhor, será deixar agora esta
« cidade e dissimular com Codja-Athar e para o anno
« vir possante para a senhorear e segurar, que destruil-a
« para sempre. E se todavia vossa mercê determina de
« fazer a guerra, olhe bem que seja com todo o resguar-
« do e segurança d'esta armada, em que vai mais ao ser-
« viço do dito senhor que ganhar nem perder esta cidade
« agora, pois a todo o tempo se póde fazer; porque, sa-
« hindo vossa mercê em terra de Ormuz ou na cidade,
« nos determinamos não ir comvosco, nem ser em tal
« guerra, nem conselho. E porque d'isto seja certo e
« depois o não possamos negar, o assinamos aqui todos.
« Hoje cinco dias do mez de janeiro de 1508 annos. =
« *João da Nova = Antonio do Campo = Affonso Lopes*
« *da Costa = Francisco de Tavora = Manoel Telles.* »

Ao acabar de lêr este papel, pelo rosto de Affonso de Albuquerque passou o reflexo bem pronunciado de vivissima cólera. Sem dar resposta a Antonio Fernandes, nem attender aos soldados e marinheiros, que das almadias e terradas tinham após elle saltado para bordo, e agora o rodeavam, o capitão-mór, abrindo caminho por meio d'elles, encaminhou-se para a escotilha grande.

— João Estão! — bradou em voz alta.

E logo, voltando-se para o piloto da capitania, disse-lhe em voz aspera e sacudida pela cólera:

— Tornai a desamarrar o esquife.

Dois minutos depois d'esta ordem a cabeça de João Estão, escrivão da armada — especie de rato, agiota de piqueno tracto, que no seculo XVI roía no nosso commercio da India, assomou á bôca da escotilha grande.

Primeiro o alto da cabeça — de cabello curto e preto combinado com algumas brancas; logo o rosto — nedio, rechonchudo e córado; após dois hombros herculeos, um peito largo e carnudo, e em fim um abdomen espantosamente proeminente, assentado sobre duas pernas grossas e curtas, cujos dois pontos de apoio eram tão compridos e largos, que só por habito se lhes podia dar o nome de pés.

A unica differença que havia entre aquelle miseravel mette-unha da fazenda do reino n'aquelle tempo, e os devoristas gigantes que hoje commerceiam com as rendas publicas, era — que em vez da casaca afilada e de rabo de pêga, da calça de fundilhos, da meia suja de algodão e do sapato grosso apertado com atilho de coiro; elle, como soldado que era, vestia um caçote de canhamaço, umas calças de anta, e trazia nos pés uns borzeguins da mesma. A' cinta, em vez de adaga, trazia um cris malaio, que a sua qualidade de portuguez d'essas epocas, faz acreditar que não ficaria na bainha em occasioens de arruido.

João Estão, mal surgiu de todo para fóra da escotilha, approximou-se dois passos do capitão-mór, e fez uma profunda cortezia, que, traduzida litteralmente, queria dizer — Aqui estou, meu senhor.

Affonso de Albuquerque lançou rapidamente os olhos sobre elle. Depois em voz incisiva e forte, disse-lhe sómente:

— Acompanhai-me — E tomou em direcção ao portaló da nau.

O agiota-escrivão fez uma segunda cortezia, que parecia mesmo fallar e dizer — A's vossas ordens — e seguiu após elle.

Ao mesmo tempo que a ultima extremidade do corpo de João Estão sahia para fóra da escotilha, ouvia-se sobre o mar, a rez da nau, o som baço e pesado do esquife, cahindo sobre as aguas.

Alguns minutos depois, empuxado por quatro valentes remeiros, o esquife, conduzindo o capitão-mór e os dois escrivães João Estão e Antonio Fernandes, deslisava-se rapidamente sobre as ondas em direcção á nau de Francisco de Tavora.

II.

O esquife da nau capitania atracou o *Rei-grande* em breve espaço de tempo.

Poucos minutos depois de Affonso de Albuquerque ter saltado para dentro, já d'elle se faziam signaes aos outros navios a chamar os capitaens a bordo, á ordem do capitão-mór.

De cada um dos navios sahiu então um esquife conduzindo o capitão, e em breve todos atracaram o *Rei-grande*.

Os capitaens Antonio do Campo, Manoel Telles, João da Nova e Affonso Lopes da Costa saltaram para bordo da nau.

No convez do navio estava collocada uma cadeira espaldar, de junto dos braços da qual corriam parallelos dois bancos, cobertos de alambeis de panno grosseiro.

Encostado com o braço direito ao espaldar da cadeira estava o capitão Affonso de Albuquerque. Tinha vestidas umas armas de aço polido, por sobre as quaes trazia uma sobreveste de panno azul, apertada ao corpo por um cinto de coiro, d'onde da direita pendia uma espada de armas e da esquerda uma adaga. No peito tinha bordada a cruz de S. Thiago, e na cabeça trazia um piqueno

chapeu por cima de uma touca de algodão branco. O rosto do conquistador da India, ainda que mais que de ordinario assombrado, não denotava violencia alguma de cólera.

Um pouco arredado e por detraz d'elle estava o capitão da nau Francisco de Tavora; de braços encruzados e cabeça pendida sobre o peito — sombrio e meditabundo como homem achacado de grave cuidado. Tinha vestida uma cota estofada de coiros torcidos e braceletes e grevas de malha de aço. A' cinta tinha um punhal e na cabeça uma touca.

Os capitaens recem-chegados, vestidos todos pouco mais ou menos pelo mesmo gosto dos dois que descrevemos, approximaram-se a passos lentos para o logar onde estava Affonso de Albuquerque. Apesar da firme resolução, em que vinham, de tornar válido o seu primeiro presupposto, tal era comtudo o respeito que o capitão-mór lhes inspirava, que, mal grado seu, buscava cada qual dissimuladamente anteparar-se de traz do companheiro, fazendo-o caminhar primeiro. Na frente, porém, e o unico que caminhava desassombrado, era Antonio do Campo, homem de genio brigoso, e auctor de todas aquellas embrulhadas.

Affonso de Albuquerque dirigiu-se alguns passos para elles com o chapeu na mão; os capitaens tambem descobertos acolheram-no com os primeiros cumprimentos. A um signal de Albuquerque todos se cobriram, e sentaram-se em frente uns dos outros nos bancos: o capitão-mór tomou a cadeira de espaldar. Ao sentar-se deram com os olhos em João Estão, que sentado n'um escabello a pouca distancia, tinha sobre uma pasta, que sustentava em cima dos joelhos, suspensa a mão com a penna em acto de quem espera que lhe dictem. De pé e por

detraz d'elle estava Antonio Fernandes, com os braços cahidos sobre a barriga e as mãos apertadas uma á outra. Os capitaens viram-no tambem: Antonio Fernandes indicou-lhes com a cabeça o escrivão, e ao mesmo tempo fez-lhes com a bôca, com os olhos, com toda a cara, n'uma palavra, um signal bem expressivo de que nada receassem — signal que por certo foi apercebido por João Estão, que tossiu, como quem queria que o não comessem por asno, e por Affonso de Albuquerque que dissimulou.

O capitão-mór rompeu então o silencio.

— Senhores — disse elle — ha um mez e dois dias que aqui cheguei, acompanhado por vós, que el-rei D. Manoel, pela confiança que em vós tem, mandou em minha companhia para conquistarmos este reino de Ormuz. Bem sabeis o que temos feito, e como com a ajuda de Deus e de vosso esforço reduzimos este rei a nos dar logar para levantarmos uma fortaleza, com que asseguremos o poder de el-rei nosso senhor. Com tão piquenas forças, como as que temos, nós lhe destruimos a sua armada, bombardeamos-lhe a cidade e lhe tomamos de arte a terra que já quasi não a tem por sua; e se mais não temos feito, e lhe não temos levado a cidade das mãos, é porque para isso aguardava eu o soccorro que á India mandei pedir ao senhor viso-rei, e que o dito senhor por ora me não mandou. Ora, estando as coisas n'este estado, vem o caso que Codja-Athar, ministro principal d'este reino, nos acolheu á traição, mal e como não devia, certos homens portuguezes que da armada nos fugiram para elle; e como eu lh'os mandasse pedir, sob pena de quebrar a paz que com elle fiz em nome de el-rei D. Manoel, ha perto de um mez que nos traz enredados em enganos e mentiras, que eu logo ao principio, e, em que me pez, dissimulei. Mas eu, senhores, não sou

homem para acabar um feito tão grande, como este, com dissimulaçoens e moralidades; mas como cavalleiro e grande capitão executar as obrigaçoens de meu regimento, como por el-rei, nosso senhor, me é mandado. Assim determinei romper de todo com estes moiros; e, acoste-se a que parte quizer a fortuna, resolvi-me com a ajuda da paixão de Jesus Christo, em que tenho toda a minha confiança, a quebrar a cabeça a estes moiros e a fazer o seu rei de todo tributario de el-rei nosso senhor, ou me hão-de levar a cabeça nas mãos. Mas apesar de estar já bem resolvido e por meu regimento não ter a tomar conselho algum, quiz todavia praticar comvosco o negocio, e para isso vos fiz reunir. Vós me dissestes, que, se Codja-Athar me não entregasse os homens, eu lhe devia fazer guerra, e tomar Ormuz se podésse; e que lhe não devia entregar o seu criado nem os outros moiros que o rei mandou pedir, porque tudo eram enganos e mentiras: e vós, senhor Affonso Lopes, fostes de opinião que se lhe mandasse o moiro, e que se lhe désse falha ás suas mentiras e dissimulaçoens, pois a guerra estava em minha mão fazer-lh'a cada vez que quizesse. Este parecer tomei eu então, senhores, e assim o cumpri; mas como vejo nada valer contra as dissimulaçoens e deslealdades de Codja-Athar, resolvi-me agora a fazer-lhe guerra, confiado em que este seria, como me dissestes, vosso parecer. Para isto sahi hoje a fazer recolher a gente e a abandonar os muros começados da fortaleza; mas, — continuou, carregando mais o semblante — quando voltei a bordo da minha nau, achei Antonio Fernandes que me deu um requerimento vosso, em que vos vejo tão mudados do primeiro presupposto, que me parece que ou é paixão ou alguma coisa que eu não entendo, porque de cavalleiros, como sois, não é refusar os

trabalhos da guerra. Este requerimento guardo-o eu muito bem para o mandar a el-rei, nosso senhor; ademais que vós me dizeis haver de desobedecer-me, e não serdes comigo n'esta guerra. Pelo que, senhores, aqui sou vindo para que diante de João Estão, escrivão da armada, que presente vêdes, vós me digaes isto mesmo, e eu tenha meus documentos e papeis legaes de tudo isto; que já por mim lhe foi ordenado que fielmente tomasse auto de tudo que vós disserdes. Mas primeiro vos aconselho que olheis o que fazeis, porque desobedecer-me é ir contra o poder de el-rei, que m'o deu sobre vós.

Este longo discurso, que Albuquerque, homem de poucas palavras, e essas incisivas e imperatorias, pronunciou em voz cheia, mas socegada, impressionou tão vivamente os capitaens da armada, que olharam uns para os outros, sem saberem qual havia de responder, nem o que responder.

Então Antonio do Campo, o mais resoluto e o mais empenhado no bom exito da empreza, levantou-se, e respondeu-lhe assim:

— Senhor capitão, verdade é tudo o que dizeis, e assim vos aconselhamos; mas depois cuidamos melhor, e assentamos que era muito contra o serviço de el-rei, nosso senhor, fazer-se tal guerra; e que ella não se devia fazer, antes escusar quanto se podésse, e dissimular o mais possivel com Codja-Athar. E ademais — continuou, carregando o rosto — muitas e muitas queixas temos contra vós, pois que tendo-vos el-rei mandado em vosso regimento, que vos aconselhasseis comnosco, vós nunca o fazeis, e por vosso parecer só vos guiaes, tendo-nos aqui ha dois mezes com grave damno de nosso corpo e fazenda, que eu só á minha parte tenho perdido mais de dois mil pardaus, e...

— Pardiez! voto a satanaz! — interrompeu o fogoso João da Nova — e eu mais de dez mil que tenho perdidos em não carregar as quintaladas, de que el-rei, nosso senhor, me fez mercê. Além d'isso não vi ceitil dos vinte mil xerafins das páreas do rei de Ormuz, que el-rei mandou dividir entre nós; o que vós negastes, e dissestes todo haver de ir para o thesouro de el-rei.

— E eu — accrescentou Manoel Telles — além de grave perda da fazenda, tendes-me tambem affrontado mil vezes de palavra, assim como a todos os outros capitaens, e nos tendes feito quebrar as cabeças mil vezes pelos virotoens e zarguncbos dos moiros, e nos tendes trazido como escravos a acarretar pedra para a vossa fortaleza.

— Não fallando — accrescentou tambem Affonso Lopes — em que é ir contra o serviço de el-rei o fazer esta guerra, onde se gastam, sem proveito, soldados e navios, quando se está a perder a monção de ir para o Estreito esperar as naus de Mekka, o que vem em vosso regimento.

— E se vossa mercê me dá licença — disse tambem lá do canto onde estava o embrulhador Antonio Fernandes — direi tambem que os soldados...

— Calae-vos, Antonio Fernandes — interrompeu-o Affonso de Albuquerque — mettei-vos em vossos negocios, que não sois aqui chamado. Os soldados são portuguezes e leaes, hão-de acompanhar o seu capitão-mór.

Depois voltando-se para os capitaens, continuou com a maior moderação:

— Agora, senhores, não é tempo de fallar em aggravos, nem dos trabalhos da guerra, mas sim de, acabada aquella fortaleza, a defendermos como cavalleiros

e leaes, em que pez aos moiros. Se os aggravos que dizeis são do meu officio, na India tendes um viso-rei que vos fará justiça, e em Portugal el-rei D. Manoel, que me dará o castigo que merecer. Mas agora não se trata d'isso; o que agora mais cumpre ao serviço de el-rei é saber, se n'esta guerra haveis ou não de ser comigo. Respondei-me — sim, ou não?

E ao mesmo tempo o capitão-mór fez um signal ao bojudo João Estão, que compondo as faces com mais importante gravidade, e abrindo mais os olhos e apurando o ouvido, deixou cahir a mão sobre o papel, como aguardando, para a escrever, a resposta.

Por alguns minutos todos guardaram o mais completo silencio com grave detrimento na commodidade do escrivão da armada, que se viu obrigado a ter-se na incómmoda posição do pescoço estendido e *auribus arrectis*, durante todo esse espaço de tempo.

Francisco de Tavora, que assistira a esta scena sempre com os braços encruzados e a cabeça pendida sobre o peito, perdido em completa abstracção, levantou-se então.

— Senhor — disse elle para o capitão-mór — hei vergonha do que hei assignado; prestes estou a seguir-vos, e a cumprir vossos mandados.

Antonio do Campo lançou sobre os tres companheiros um olhar profundamente prescrutador. N'um momento comprehendeu nas faces d'elles quaes as suas intençoens.

— Pois nós — disse elle tambem, pondo-se de pé — firmes estamos em a nossa primeira tenção — não vos seguimos.

— Escrevei, João Estão — disse Albuquerque para o escrivão da armada.

João da Nova levantou-se então.

— Acreditai-me, senhor capitão-mór — disse elle para Affonso de Albuquerque — vós sois a causa de tudo isto. Se tivesses, com o conselho dos capitaens, mandado vir a gente da cidade, nós seriamos comvosco. Mas despresaes-nos, rejeitaes nossos conselhos, e quereis nossos serviços... Não iremos. Demais, como Codja-Athar diz que todos são vassallos de el-rei de Portugal, escusada é esta guerra.

Affonso de Albuquerque mediu João da Nova com ar de soberano enfado.

— Isso me houvereis vós de dizer — respondeu elle — quando vos mandei recolher a gente, e não agora, pois o fiz com vosso conselho e do feitor.

Depois levantou-se, e, voltando-se para João Estão, perguntou-lhe em voz rispida e imperativa:

— Escrevestes?

— Senhor, sim — respondeu o escrivão da armada, erguendo-se e entregando ao capitão-mór o papel.

Este deu dois passos por entre os capitaens, que se haviam levantado, mas que ainda se conservavam de pé junto aos bancos — então parou, e exclamou para elles:

— Vós desobedeceis-me, mas eu sei o que devo fazer.

Dirigindo-se então ao portaló, saltou, acompanhado de João Estão, para dentro do seu esquife. Ao abicar á nau capitania, Affonso de Albuquerque ergueu-se:

— João Estão — disse elle ao escrivão da armada, que se preparava tambem para subir — ficai, e ide ao navio de Antonio do Campo, e dizei-lhe que, por algumas culpas que d'elle tenho, deixe a sua capitania, e se venha prêso á minha nau. Ide tambem aos outros capitaens, e dizei-lhes, que pois sua determinação é não servirem el-rei n'esta guerra, que deixem as sua naus, as quaes

proverei de outros capitaens, que melhor saibam servir el-rei e obedecer-me. Tomai autos de tudo o que com elles passardes.

Assim dizendo, Affonso de Albuquerque subiu para dentro da nau, e o esquife partiu, conduzindo João Estão não muito satisfeito com a mensagem de que o capitão-mór o encarregára.

III.

Durante os cinco dias que se passaram entre este cinco de janeiro, e o em que entramos, dez do mesmo mez, as coisas tinham tomado aspecto differente d'aquelle que o leitor lhes viu nos dois capitulos passados.

Ao receberem a mensagem, que João Estão lhes levava, os capitaens quizeram vêr se podiam resistir, e para isso tentearam mais a fundo o espirito dos soldados. Mas quando se fallou em rebellião, e em deixarem Albuquerque, todos os soldados disseram a uma voz que haviam de morrer, onde o seu capitão-mór morresse.

Assim tiveram de ceder. Antonio do Campo veio prêso para a nau de Affonso de Albuquerque, e os outros mandaram a elle Fernão Soares para lhe protestar o quanto estavam arrependidos do feito, e como estavam prestes a seguil-o.

Affonso de Albuquerque, apesar de severo na disciplina, cedeu agora ás circumstancias do tempo. Tornou a dar a cada um dos capitaens a sua nau, e soltou o proprio Antonio do Campo, de quem mais aggravos tinha.

A rebellião tinha pois sido abafada em poucas horas

pela energia e força de vontade do grande conquistador, e as suas ordens tinham sido cumpridas.

Ao romper da alva do dia seis de janeiro, os navios portuguezes appareceram em linha de batalha a tiro de bombarda da cidade de Ormuz. A cidade esteve por mais de dez horas sujeita a uma bateria contínua de toda a artilheria das naus, e se por mais tempo não durou, foi porque os reparos da artilheria grossa, por serem pôdres, arrebentaram todos, e Albuquerque mandou por isso afastar as naus para o mar.

Desde o dia seis até ao dia dez, Albuquerque, ajudado pelos seus capitaens, fez com todo o rigor a guerra a Ormuz. Entupiu-lhe os poços d'onde a agua corria para a cidade, prohibiu-lhe por mar os mantimentos e mais de uma vez, saltando em terra, destruiu grandes corpos de tropas, que o rei ou antes Codja-Athar, mandava para o repellirem.

N'este dia porém a sedição rompeu de novo.

Affonso de Albuquerque, tendo novas de que era chegada ao porto de Nabandé uma cafila, que vinha da Persia para Ormuz com mantimentos e outras mercadorias, mandou dizer a João da Nova e a Francisco de Tavora, que se fizessem prestes com a sua gente para irem lá, e que viessem a bordo da sua nau para lhes dizer o que haviam de fazer.

A' hora indicada Francisco de Tavora fundeou com os seus bateis a socairo da nau capitania. João da Nova porém não chegou, e muitas horas se passaram sem que da sua nau se visse sahir um só esquife. Affonso de Albuquerque mandou-lhe então segundo recado a dizer, porque tardava? que Francisco de Tavora havia muitas horas que lá estava esperando por elle. João da Nova respondeu então ao mensageiro que dissesse ao capitão-mór que

se tardava, era porque a gente da nau não o queria acompanhar, e que só não havia de ir.

Albuquerque reconheceu logo os primeiros signaes da revolta. Mandou lançar o esquife ao mar, e, mettendo-se n'elle com João Estão e alguns soldados, dirigiu-se á *Flor de la mar*.

Ao saltar para dentro da nau, o capitão-mór achou de facto a soldadesca revoltada. Albuquerque ia quasi que completamente desarmado; apenas por debaixo do justilho levava uma cota de aço, e á cinta uma adaga.

— Não iremos, não iremos — gritavam os soldados — Má reira de moiros venha por aquelle que saltar em terra a pelejar. Basta o serviço do mar. Por satanaz! que não somos aqui moiros escravos ou negros da Guiné. Que vá elle. Má peste por tal capitão-mór e por todos que assim o aconselham. Não iremos.

Foi no meio d'este desvairado arruido de pragas e de vozes que Affonso de Albuquerque appareceu no tombadilho da *Flor de la mar*. O grande homem, conquistador da India, dominou rapidamente toda a multidão com um olhar profundo e cheio de magestade. O tumulto apasiguou-se um momento; mas em breve recomeçou, e, pela natureza das reacçoens, estalou mais furioso. As pragas, os apupos e os ditos contra o capitão-mór redobraram de furia.

Sem soltar uma só palavra, mas com o rosto coberto da mais soberana auctoridade, Affonso de Albuquerque atravessou por entre os soldados insubordinados em direcção a João da Nova, que com os braços encruzados e encostado á amurada do navio, contemplava a insurreição com a mais pronunciada indifferença.

— Senhor João da Nova — disse elle — fazei embar-

car os vossos soldados, e ide-vos á minha nau, como já vos ordenei.

— Vossa mercê bem o vê, senhor Affonso de Albuquerque — respondeu elle — a gente não quer ir pelejar á terra firme; e a bofé que a isso não é obrigada. Se quereis que lá vá, mandai-lhe dar a parte dos vinte mil xerafins das páreas do rei de Ormuz.

E João da Nova deixou-se ficar de braços encruzados e encostado á amurada do navio, olhando para Albuquerque com a mais completa insolencia.

Este não deu o minimo signal de irritado.

— Senhor João da Nova — repetiu elle — fazei embarcar a vossa gente; de al fallaremos depois.

— Senhor capitão — replicou João da Nova, sem se mover — não tenho poder para isso. Como vêdes, a gente está amotinada, e eu só não posso obrigal-a a fazer o que não quer.

Albuquerque repetiu por duas vezes mais a ordem que acabava de dar, mas sempre recebeu as mesmas respostas. O rosto cobriu-se-lhe então de uma ligeira pallidez.

— Muitos dias ha — disse a João da Nova, approximando-se mais d'elle e com os labios contrahidos por um quasi imperceptivel sorriso de cólera — que eu sei os conselhos, em que vós e os outros capitaens andaes. Tudo dissimulei, fazendo que o não sabia, porque desejava de acabar esta fortaleza em paz; e todos o fizestes de maneira que se veio tudo a perder. Mas ainda sei mais; não contentes d'isto, sendo eu na ilha de Queixome, deixando-vos a vós com todo o meu poder em guarda d'esta armada, fostes a terra fallar com os inimigos cercados e com os homens, que me fugiram, não tendo licença minha para o poderdes fazer. Desobedecer-me a

gente da vossa nau, sendo eu vosso capitão geral, nasce de a terdes amotinada contra mim, affirmando-lhe que lhe tenho tomado a parte, que lhe cabia, dos vinte mil xerafins que o rei de Ormuz pagou de páreas, e que el-rei D. Manoel, nosso senhor, m'o mandava em meu regimento, não sendo assim. Tudo isto é a fim de eu deixar esta empreza; porque todos desejaes de vos irdes para a India e carregar vossos quintaladas, enfadados da guerra: e não vos lembra que esta obrigação tanto é minha, como de todos e que nos convém dar boa conta a el-rei, nosso senhor, d'este reino que temos ganhado. E soffrer Codja-Athar tantos trabalhos e necessidades sem me querer entregar quatro christãos, visto está que sabe que me aconselhaes todos que deixe a guerra, e me vá. Mas olhai que quem tem esta culpa, el-rei nosso senhor o saberá.

Tal foi a inflexão de voz que Albuquerque deu a estas ultimas palavras, que João da Nova ficou vivamente impressionado.

— Estaes enganado, senhor capitão-mór — disse elle desencostando-se — eu nunca amotinei contra vós a gente, e senão perguntai-lhes quantas vezes os tenho reprehendido e forçado a que se embarquem, mas elles não querem obedecer. D'isso que dizeis dos quintaladas, bofé que fallaes verdade, por quanto, quando em Calayate vos pedi licença para me ir para a India, foi para carregar a minha nau e ir-me para Portugal, como Tristão da Cunha m'o tinha mandado em Çocotará que o fizesse, para lhe levar recado antes da sua partida do que vós por esta costa tendes feito. E olhai que não vos desobedeci; pois quando vós me mandastes que vos seguisse, cumpri vosso mandado, podendo fugir muito bem que mil vezes tenho tido azo para isso.

— Pois então — replicou com severidade Albuquerque — obedecei tambem agora. Fazei embarcar a gente.

— Isso nunca, voto a tal! — bradou o arrebatado João da Nova — que não quero que se diga que me deixei burlar por vós como parvo. Pelas barbas de meu pae! que não sois vós homem que me haveis de pôr o pé por d'avante em brios. O que disse, disse — não vou.

E a estas palavras, que soltava voz em grita, outras taes foi accrescentando com um arruido tal, que os moiros que estavam nos muros da cidade vigiando, começaram a dar grandes gritos, fallando muitas palavras contra Affonso de Albuquerque, como homens que sabiam d'aquelle alvoroço e divisão. Os soldados da nau ajudavam as vozes do capitão com apupos e brados, que a sedição lhes ensinava.

Ao vêr desacatada a auctoridade do capitão-mór de uma armada portugueza, as faces de Albuquerque cobriram-se da pallidez da morte — os olhos scintillaram-lhe de cólera. Levou rapidamente a mão ao logar da espada, mas, achando-a menos, rodeou em volta de si os olhos, como buscando uma. Junto do mastro grande estava encostada a uma pouca de cordoalha a espada de um grumete. Albuquerque viu-a; lançando então mão d'ella, saltou no convez com os que eram auctores d'este alvoroço, e fêl-os embarcar.

Chegando-se então a João da Nova, levou-o pelos peitos, bradando-lhe que embarcasse tambem. O capitão da *Flor de la mar* levou instinctivamente a mão ao cabo da adaga, mas um reflexo rapido da razão fêl-o reconhecer o crime que ia commetter. Com as faces fulas de raiva e os olhos esgaseados, parecendo que fuzilavam, levou no maior accesso de raiva as mãos ás barbas, que

trazia compridissimas, e arrancando d'ellas alguns cabellos, que embrulhou n'um lenço, exclamou:

— Eu me irei a el-rei, e diante de seu conselho lhe pedirei justiça d'estas barbas que me arrancastes em pago dos serviços que lhe tenho feito n'estas partes da India.

A sanha de Albuquerque tinha-se já um pouco apasiguado.

— Eu não vos puz as mãos na barba — replicou elle severamente — e ainda que vol-a arrancára toda, pelo que tendes feito e por me desobedecer, nem por isso me houvera el-rei de mandar cortar a cabeça. Se usára comvosco e com os outros capitaens do rigor do meu regimento, quando todos começastes a damnar as coisas de Ormuz, não estiveram ellas no estado em que estão agora; mas soffri-vos com muita paciencia, cuidando que assim se faria o serviço de el-rei melhor, que era o que eu pretendia.

João da Nova quiz replicar, mas Albuquerque, sem lhe querer attender mais palavra, saltou para dentro de outro esquife, e fez remar todo o comboi em direcção á nau capitania. Quando lá chegou, mandou prender o capitão da nau *Flor de la mar* e todos os mais chefes do motim.

No outro dia, porém, já João da Nova navegava na *Flor de la mar* de conserva com elle em direcção á ilha de Queixome, onde os portuguezes iam disputar aos moiros a agua necessaria para o provimento da armada. As circumstancias do tempo obrigavam Albuquerque a estas contemporisaçoens com a indisciplina — contemporisaçoens tão contrarias á sua indole militar.

Renhido foi o combate na ilha de Queixome, mas os portuguezes levaram como sempre a melhoria. Poucas horas depois, Albuquerque, deixando de guarda aos po-

ços que ganhára o navio commandado por Antonio do Campo, deu outra vez á vela em direcção á bahia de Ormuz.

A revolta de João da Nova e da gente do seu navio fôra o primeiro scintillar do incendio que em breve havia de apparecer temeroso. Albuquerque tinha sómente conseguido demorar-lhe o apparecimento por horas.

No caminho de Queixome a Ormuz soube Affonso de Albuquerque que á ilha de Lara tinha chegado uma armada de moiros que ahi ancorára. Immediatamente despediu Affonso Lopes da Costa e Manoel Telles com ordem de se irem juntar com Antonio do Campo, e todos juntos partirem a combater a armada. A armada indiana contava sessenta velas; os navios que Albuquerque mandava para a accommetterem, eram apenas tres — mas n'esse tempo os portuguezes não olhavam o numero, e apesar de tal desproporção, Albuquerque contava como certa a victoria.

Os tres capitaens portuguezes partiram, pois, segundo as ordens do capitão-mór, de Queixome para Lara, onde de facto encontraram a armada inimiga. Esta porém, mal os avistou, alou as ancoras para bordo, e fugiu. Mau grado uma caça de duas horas, que os tres navios portuguezes lhe deram, não lhes foi todavia possivel alcançar nem um só dos inimigos. Assim voltaram, pois, para a ilha de Lara, e d'ahi mandaram dizer ao capitão-mór o que haviam feito, e que queria que fizessem.

Ao receber esta nova, Albuquerque mandou-lhes immediatamente em uma terrada Mem Rodrigues, condestavel dos bombardeiros, ordenando-lhes que se recolhessem, e que principalmente Manoel Telles viesse o mais prestes possivel para partir com os mantimentos, que já tinha a bordo, a reforçar a fortaleza de Çocotorá.

Encostado á alta arrombada do *Cirne* e com os olhos alongados por sobre as aguas, onde lá no ultimo horisonte se via ir afundando o sol entre um immenso iris de fogo, estava elle pois aguardando o mensageiro que aos seus capitaens havia mandado.

D'ahi a pouco a terrada de Mem Rodrigues atracou á nau capitania, e o condestavel dos bombardeiros, acompanhado de um moiro já velho, entrou em breve o portaló do navio.

— Que novas, Mem Rodrigues? — perguntou Affonso de Albuquerque.

— Senhor, cumpri vosso mandado — respondeu elle. — Chegado á ilha de Lara dei vosso recado aos capitaens, que me responderam que se estavam fornecendo de agua, e como a tomassem, se tornariam, como vós lhe ordenaveis. Mas depois...

E aqui o rosto do velho soldado da India tomou uma expressão de vivo desgosto, e elle calou-se.

— Mas depois que? — replicou Albuquerque, franzindo-se-lhe instinctivamente mais as rugas que se lhe desenhavam na fronte.

— Quando voltava — continuou o chefe dos bombardeiros — encontrei a nau de Francisco de Tavora, que acolá vêdes fundeando, o qual me deu este moiro... Elle que vos conte o resto — interrompeu-se rispidamente o soldado.

— Que ha pois de novo? — disse severamente Albuquerque, olhando ao mesmo tempo para o soldado e para o moiro.

— Senhor — replicou este — os vossos tres capitaens, depois da partida d'este homem honrado, fizeram-me embarcar n'uma terrada, e ordenaram-me que viesse a vós, e que vos dissesse que não contasseis mais com el-

les; e o senhor Affonso Lopes da Costa disse tambem — Dizei vós ao nosso capitão geral, que digo eu que homens são estes para lhes elle mandar as suas partes dos quinze mil xerafins perfumados a bordo? — Encontrei depois o senhor Francisco de Tavora que me tomou na sua nau, e mandou a vós por este soldado.

No rosto de Albuquerque desenhou-se rapidamente certa expressão de profundo cuidado. As sobrancelhas arquearam-se-lhe mais violentamente contrahidas — voltando-se rapidamente para o lado, onde fundeára a nau de Francisco de Tavora, cravou n'ella um olhar ancioso; depois, alongando mais o pescoço, parecia querer atravessar com a vista o espaço, para vêr se distinguia o que se passava na ilha de Lara, que se encobria ao longe no horisonte.

Passados poucos minutos, Albuquerque voltou-se de novo.

— Fernão Soares, e vós, Pero Gonçalves, vinde cá — disse serenamente para dois homens que passeavam, conversando junto do mastro da prôa.

Elles approximaram-se.

— Fernão Soares — disse elle — embarcai no batel que ahi nos deixou a *Flor de la mar*; e vós, piloto-mór, tomai o nosso esquife e ide-vos á ilha de Lara, e dizei aos meus capitaens, que muito me espanto de não virem com os seus navios, como lhes tenho ordenado.

Poucos minutos depois as ordens do capitão-mór foram cumpridas: os dois bateis, conduzindo Fernão Soares e o piloto-mór, largaram da nau *Cirne* em direcção á ilha de Lara.

IV.

Poucos minutos se tinham passado, depois que estes dois bateis haviam despedido da nau capitania, quando outro largára tambem da nau *Rei-grande*, e remava em direcção ao *Cirne*, que em breve atracou.

Francisco de Tavora assomou logo no portaló da nau. O rosto do capitão do *Rei-grande* tinha um aspecto grave e solemne. Dirigindo-se então a Affonso de Albuquerque, cujas feiçoens, mal o avistára, se haviam sevéramente carregado, e que de braços cruzados e encostado á amurada da nau o aguardava sem se mover, tirou o chapeu, e disse-lhe assim no tom convencedor e solemne, que tem a verdade na bôca de um nobre:

— Capitão-mór, eu nunca fui traidor. Nada sabia, e em nada fui com esses homens que vos fugiram. De mim crêde que nunca vos desampararei, e que morrerei onde vós morrerdes.

Em voz tão solemnemente nobre foram ditas estas palavras, que Affonso de Albuquerque estendeu instinctivamente a mão a Francisco de Tavora. Este tomou-lh'a, e estas duas almas nobres e leaes, que por tantas

vezes o capricho tinha feito contrarias, comprehenderam-se talvez pela primeira vez. Este aperto de mão, disse mais do que poderam dizer muitas e expressivas palavras.

Depois cahiram em profundo silencio, e assim se conservaram mergulhados em grave abstracção até que os dois bateis de Fernão Soares e Pero Gonçalves atracaram de novo á nau, e estes saltaram dentro.

Os dois homens ficaram por um pedaço calados.

— Dizei vosso recado — disse-lhes asperamente Affonso de Albuquerque.

— Senhor — respondeu Fernão Soares — quando chegamos á ilha de Lara, e não vimos os navios, portamos em terra, e ahi tomamos um moiro que nos disse, que aquelles tres capitaens que alli estavam, tomaram agua, e se forneceram de muita carne e tassalhos e salmoura, mettida em jarras, e fizeram-se á véla, e foram na volta do cabo de Maçandi.

O rosto de Albuquerque ficou completamente impassivel.

— E a armada dos moiros? — perguntou elle.

— Fica surta entre a ilha de Lara e a de Queixome — respondeu Fernão Soares.

N'este momento os moiros da cidade, como quem sabia da fugida dos capitaens, começaram a dar grandes gritos e apupadas.

Albuquerque lançou sobre a cidade um olhar de desprêso; depois, voltando-se para Francisco de Tavora, disse-lhe em tom sarcastico e ironico:

— Vêde, senhor Francisco de Tavora — disse elle — vêde que honrados homens aquelles capitaens portuguezes! Por minha fé, que el-rei, nosso senhor, tem n'elles valentes e leaes servidores! Mandaram-me dizer

que a armada dos moiros fugira por d'avante d'elles — oh! por Santiago! agora é que eu os entendo; levaram-n'os atoados á reçaga como nebris generosos á caça de garças covardes. Oh! por Santa Maria, homens de prol por certo!

— Capitão-mór — replicou rapidamente Francisco de Tavora — eu serei sempre comvosco.

— Covardes! covardes! — continuou o conquistador da India, soltando uma gargalhada de escarneo — fugiram da armada dos moiros; pensaram que eu largaria esta empreza, que de mim se vingariam, pois teria, por elles abandonado, d'ella mêdo tambem! Ha! ha! ha! senhores capitaens — continuou com nova gargalhada nervosa — que homens de prol! que nobres fidalgos! que leaes cavalleiros! El-rei que vol-o agradeça: — com a cidade quasi rendida á fome, e com os trabalhos do cerco, abandonaes-me no melhor azo de nos assenhorearmos d'ella! A fortaleza de Çocotorá está falta de mantimentos, e vós, mui honrado senhor Manoel Telles, fugis-nos com elles, sem vos importar com a necessidade da fortaleza de el-rei! O calculo é em verdade famoso: — de tudo vos lembrastes. Por minha fé! que ante tão poderosa cidade qualquer armada piquena me póde dar bem de trabalho e bem de allivio aos vossos amigos de Ormuz. Ha! ha! ha! senhores cavalleiros!

N'este momento João da Nova assomou ao portaló da capitania. Os olhos de Albuquerque luziram com a ferocidade do tigre.

— Senhor João da Nova — disse elle para o capitão da *Flôr de la mar*, com bem pronunciada ironia — os vossos desejos são cumpridos. Os muito nobres Antonio do Campo, Manoel Telles, e Affonso Lopes da Costa já são fugidos para a India. Esses covardes e traidores

pensaram que eu teria mêdo de ficar só ante a armada dos moiros de que elles fugiram. Ide vós tambem, senhor João da Nova, dou-vos licença para isso. Ide-vos, ide-vos todos, que quero mostrar a esses covardes o quanto vale um capitão portuguez, rodeado de meia duzia de portuguezes honrados. Aqui, por minha fé! aguardarei a armada dos moiros, e lavarei o desdoiro que esses traidores lançaram sobre a bandeira de Portugal.

O rosto de João da Nova tornou-se da lividez de um cadaver. Conheceu bem que em todos aquelles sarcasmos insultuosos, o capitão-mór talhava-lhe a elle uma parte.

— Senhor Affonso de Albuquerque — respondeu em voz trémula de cólera — eu nunca fui traidor, nem em mim cabe a nota de covarde. Se os vossos capitaens vos fugiram, nunca fui com elles em tal conselho, nem d'isso folgo coisa alguma. Voto a tal! — interrompeu-se elle n'um violento accesso de raiva — que outro que não fosseis vós, senhor Affonso de Albuquerque, caro lhe custaria o dito. Por satanaz! quem a João da Nova chamar covarde, mente pela gorja! A vossa licença não a quero, senhor capitão-mór; aqui ficarei tambem, e aqui resistirei só, não sómente a toda a armada d'esses moiros, mas, se o cumprir, a toda a armada do mundo!

O rosto de João da Nova estava roixo de raiva, e os olhos pareciam scintillar fogo. Com o braço direito levantado para o espaço, e a mão esquerda posta no punho da espada, parecia ameaçar o proprio ceu com toda a ousadia de um cavalleiro e de um portuguez d'essas eras.

— Se tal é a vossa tenção fazei o que me virdes fazer — replicou-lhe sevéramente Affonso de Albuquerque.

João da Nova e Francisco de Tavora saltaram então cada um para dentro do seu respectivo batel.

D'ahi a meia hora os tres navios, collocados em linha de batalha, respondiam aos insultos dos moiros de Ormuz com uma bateria temerosa e provocadora de bombardas.

Era na verdade sublime estes tres navios, sós defronte de uma potente cidade da India, a tantos milhares de leguas da patria, dando n'esta provocação uma prova de que elles sós eram bastantes, para se assenhorearem d'esta parte, a mais poderosa da Asia.

Durante seis dias, Ormuz esteve sujeita a ùm bombardeamento contínuo. No fim d'elles, Albuquerque attendendo á necessidade em que estava a fortaleza de Çocotorá, mandou levar as ancoras e partir.

Quando os navios começavam a desfraldar as vélas, e tudo era prestes para a partida, appareceram junto da começada fortaleza dois moiros a capear com uma bandeira branca. O capitão-mór mandou a terra um batel, que em breve os trouxe a bordo.

— Senhor capitão-mór — disse-lhe um d'elles — o nosso rei deseja muito ter amizade comvosco. Elle vos manda dizer que fará quanto quizerdes, excepto dar-vos os homens que da vossa armada fugiram para terra, porque esses já são nossos irmãos.

Albuquerque conheceu n'estas palavras a astucia de Codja-Athar. Reconhecendo o grande genio do conquistador da India, o ministro do rei de Ormuz, receoso que voltasse áquella cidade com maior poder, com que levasse a effeito a projectada conquista, queria d'esta maneira abrandal-o e ganhar-lhe o favor.

— Dizei ao vosso rei — respondeu Albuquerque — que por muitas vezes lhe mandei dizer que nenhum concerto havia de fazer com elle, sem primeiro me mandar entregar os meus homens: agora muito menos o farei,

pois os fez arrenegar da fé de Jesus Christo nas mesquitas de Mafamede. Se tal soffresse, el-rei, meu senhor — e com justiça — me mandaria cortar a cabeça logo que a Portugal chegasse. Dizei-lhe mais que, se Deus me dér dias de vida, eu lhe prometto de muito cêdo voltar aqui, a tirar-lhe a governança d'este reino de Ormuz, e a acabar aquella fortaleza que acolá vêdes começada. Então me pagará em dobro todas as perdas e damnos que a minha armada soffreu. João Estão — continuou, voltando-se para o escrivão da armada — tirai um publico instrumento de tudo o que acabei de dizer, e entregai-o a esses moiros, que o levem ao seu rei, para em toda e qualquer occasião me affrontar por minha palavra, se, como digo, o não cumprir.

João Estão fez o que o capitão-mór lhe ordenára, acabado o que, mandou este pôr os moiros em terra e desferir as vélas em direcção a Çocotará.

Isto foi no dia 14 de janeiro de 1508.

V.

Sete annos depois — a 24 de fevereiro de 1515 — uma armada de vinte navios, em cujos mastros tremulava a bandeira portugueza, entrou na bahia de Ormuz, e fundeou em linha de batalha, a tiro de bombarda da cidade.

A atmosphera estava igualmente pezada e abafadiça, como a que descrevi no primeiro capitulo d'esta narração; e as aguas do mar baloiçavam-se apenas brandamente, animadas por uma aragem ardente e sêcca que de quando em quando soprava de terra.

Essa armada era commandada pelo mesmo homem que, sete annos havia, tinha com muito menores forças reduzido Ormuz quasi a render-se. Havia porém n'elle agora uma mudança importante — o antigo capitão-mór da armada portugueza em Ormuz trocára esse titulo simples pelo muito mais pomposo e mais formidavel de governador geral da India portugueza.

As mudanças, que durante esse longo espaço de tempo se tinham operado em Ormuz, não eram tambem menos importantes.

O antigo rei Effedin e seu ministro Codja-Athar haviam morrido. Áquelle succedeu um irmão; a este Raiz

Noreddin, poderoso senhor da Persia. Estes porém não eram na occasião actual os verdadeiros dominadores de Ormuz. Raiz Hammed, sobrinho de Raiz Noreddin, havendo creado poderosa parcialidade, atrevêra-se a prender o rei e o ministro; e, usando do nome de ambos a seu bel-prazer, reinava despoticamente em Ormuz, deixando-lhes aos dois de dominadores só o nome e a responsabilidade.

E quantas mudanças tambem e quão espantosas se não tinham operado no senhorio portuguez na India! O genio de um só homem havia elevado uma piquena porção de terreno ás monstruosas proporçoens de um imperio gigantesco. O primeiro viso-rei D. Francisco d'Almeida tinha sempre tido a opinião de que o principal apoio do nosso imperio asiatico deviam ser as nossas forças navaes. Segundo elle — de terra só a que occupassem as nossas feitorias; a amplidão do oceano era o imperio que competia á bandeira portugueza.

A intelligencia superior de Albuquerque tinha porém n'um só volver d'olhos abarcado, além do presente, todas as contingencias do futuro. Almeida não tinha encarado Portugal senão á luz do esplendor da época em que vivia: Albuquerque, porém, prevendo que esse esplendor se podia apagar, calculou, que se um dia morresse a nossa marinha, era indubitavel o sermos expulsos completamente da India, ao passo que com os pés na terra firme, era muito mais difficultoso o desarreigarnos d'ella.

Assim o seu genio conquistador, influenciado pelo interesse da patria, olhou lá do mar a terra da India, e Portugal possuiu em breve ali, debaixo do seu dominio, um terreno muitas vezes mais extenso do que elle proprio media.

Gôa, escolhida pelo grande homem para séde do nosso imperio indiano, tornou-se pela sua posição no golfo de Osman o mais poderoso mercado de toda a India. A conquista de Malaca tornou-nos senhores do commercio do Japão e da China; a de Ormuz sujeitou-nos o golfo persico, e pela sua visinhança com o estreito de Babel-mandelt tornou nosso tributario o commercio de Mekka. O Malabar era todo nosso vassallo: quasi que a India inteira nos reconhecia por senhores.

Tudo isto foi feito por Albuquerque. E' do homem que era um vassallo, e vassallo em tempo despotico, que foi filho o nosso vasto imperio asiatico. Que faria este grande conquistador se fôra rei, e se ás suas ordens tivesse uma nação vasta e poderosa? Certo que fôra estreito campo o mundo para o genio que concebêra os dois vastos planos de acabar com a religião de Mahommed, destruindo a casa de Mekka, e de reduzir á nullidade o Egypto, d'onde vinha todo o mal ás nossas conquistas da India, mudando a corrente ao Nilo — projecto, que para honrar as cinzas de Albuquerque bastava ter sido tambem concebido pela vasta intelligencia do homem, que tres seculos depois se chamou Napoleão Bonaparte.

Mas voltemos á nossa historia.

A armada portugueza tinha fundeado em frente de Ormuz. Raiz-Hammed, receoso de tamanho poder, principalmente commandado pelo homem que tinha subjugado a India, mandou logo embaixador a bordo a visitar Affonso de Albuquerque da parte do rei.

— Dizei ao vosso rei — disse-lhe Albuquerque — que n'esta armada vem o governador da India cumprir a promessa que, ha sete annos, lhe fez o capitão Affonso de Albuquerque.

— Effedin é morto, senhor — respondeu o embaixador Haken-Ale — e Codja-Athar, vosso inimigo, tambem. Hoje governa outro rei, e Raiz-Hammed é ministro: ambos vos mandam rogar amizade.

Albuquerque, que bem sabia o estado de Ormuz, e muito melhor calculava o quanto as suas dissensoens intestinas eram favoraveis á empreza que meditava, quiz logo dar o primeiro passo para ella.

— Dizei ao vosso rei — respondeu elle a Hakem-Ale — que me mande embaixadores a tratar da paz, e que muito me aprazeria que entre elles viesse o honrado Raiz-Noreddin.

Hakem-Ale retirou-se pouco satisfeito do resultado da embaixada. Raiz-Hammed, comtudo, receoso do poder do governador da India não recusou o pedido. Desde essa occasião o rei teve a maior liberdade, e Raiz-Noreddin veio a bordo da nau capitania tratar com Affonso de Albuquerque.

O governador da India esposou logo o partido do rei de Ormuz e de Raiz-Noreddin contra Raiz-Hammed. O resultado foi que dentro em mez e meio depois da sua chegada, Albuquerque tomou posse da fortaleza que deixou começada, e que immediatamente guarneceu de soldados, e cujos armazens abasteceu de muniçoens e mantimentos para muitos dias de cerco.

O rei de Ormuz não tinha todavia podido libertar-se da tutela de Raiz-Hammed, e este aguardava apenas a partida da armada para atacar os defensores da fortaleza. Ao bem pronunciado desprêso com que Albuquerque o tratava sempre, oppunha não menor orgulho e soberba. Era pois mister, para a segurança da nossa fortaleza e para cumprir com os pedidos do rei e de Raiz-Noreddin, desembaraçar Ormuz d'este poderoso tyranno.

A scena que vamos descrever passa-se dentro da principal sala d'armas da fortaleza.

Albuquerque, armado completamente e trazendo por cima das armas uma beca de velludo carmezim, passeava distrahido no meio dos seus capitaens, que, como absorvidos na intima meditação do grande homem, o contemplavam em silencio.

Por fim parou no meio da sala.

— Sobrinho — disse elle a Pero de Albuquerque — sois vós homem capaz de acabar um feito que tenho de encommendar-vos?

O rosto venerando de Albuquerque, a quem as longas barbas encanecidas davam uma magestade e soberania indescrivivel, tomára, ao dizer estas palavras, um aspecto verdadeiramente solemne.

— Senhor tio — replicou ousadamente Pero de Albuquerque — se o feito, de que fallaes, cabe em forças de homem, seguro estou que o sobrinho de Affonso de Albuquerque não fará, no desempenho d'elle, subir o pejo ás faces do governador da India.

Albuquerque lançou sobre o sobrinho o olhar orgulhoso do homem que se revê no filho da sua creação.

— Senhores — disse elle — o rei vem hoje visitar a nossa fortaleza; Raiz-Hammed consentiu-lh'o por fim. Vós todos sabeis o estado d'estas coisas de Ormuz; é mister que este homem morra hoje. Para isto, e porque tenho por noticia que elle nos quer hoje matar á traição, é que eu vos ordenei que trouxesseis vossas armas occultas, visto que, segundo o ajuste, todos devem estar sem ellas, e vossos punhaes a ponto para quando d'elles houverdes mister. Cumpre, repito-o, que Raiz Hammed morra hoje. Vós, sobrinho, quando eu vos disser — matae-o — cravae-lhe logo o punhal: — vós, D. Garcia,

recolhei para vós cincoenta homens, em que vos conficis, e tende cuidado nas portas. Logo que o rei, Raiz-Hammed e Raiz-Noreddin forem dentro, fechai, e não deixeis entrar mais ninguem. Vós outros, senhores, ajudareis n'esta empreza.

D. Garcia de Noronha sahiu immediatamente a cumprir as ordens do governador. Este continuou a passear em silencio.

Duas horas depois, Pero de Alpoim e Alexandre de Atahide, que Albuquerque mandára para acompanhar o rei, entraram na sala annunciando a sua chegada.

O rei de Ormuz vinha a cavallo, rodeado de archeiros e de todos os nobres da cidade. Raiz-Hammed acompanhava-o tambem, mas como vinha com o proposito de assassinar Albuquerque e os capitaens, trazia todos os seus, armados de saias de malha e traçados debaixo das cabaias; e elle trazia um traçado, adaga e um escudo, e na mão uma massa de ferro comprida.

Ao chegar á porta da fortaleza, fez parar o rei.

— Aguardai aqui — disse elle — quero entrar adiante a vêr as coisas como estão.

Assim dizendo, dirigiu-se para onde estava Albuquerque, que já vinha sahindo ao encontro do rei.

Albuquerque recebeu-o com muitos gazalhados.

— Mas, senhor Alexandre de Atahide — disse elle para este fidalgo que fallava a lingua persa — dizei a Raiz-Hammed como vem elle com armas, se o concerto foi que ninguem as tivesse?

Atahide repetiu a Raiz-Hammed o que Albuquerque dissera.

— Isso não se entende comigo — replicou o soberbo persa: e reconhecendo a impossibilidade de n'aquelle momento pôr em execução a traição que premeditava,

voltou-se rapidamente, e dirigiu-se em busca do rei que já começava a entrar pela porta dentro.

— Não entreis — disse-lhe elle em lingua persa — que Affonso de Albuquerque tem muita gente armada comsigo.

Ao ouvir-lhe estas palavras, Atahide lançou-se logo após elle.

— Vem por aqui — disse-lhe elle, tomando-o pela mão — que eu te irei mostrar todas as coisas como estão.

E foi-o conduzindo de novo para onde Albuquerque e os outros capitaens estavam.

— Desarmai-vos — disse-lhe sevéramente o governador da India — vós assim não estaes bem.

Raiz-Hammed não comprehendia uma palavra de portuguez, mas a expressão do rosto e a inflexão de voz de Albuquerque, deram-lhe bem a entender o verdadeiro sentido das suas palavras. O orgulhoso persa perdeu immediatamente a côr, e levou a mão ao traçado.

Albuquerque cruzou então os braços; um sorriso de desprêso perpassou-lhe nos labios.

— Tomai-o lá — disse elle para Pero d'Albuquerque.

Este acudiu logo a metter-se entre Raiz-Hammed e o tio; mas não chegou já tão prestes que aquelle não houvesse lançado a mão á beca que este trazia vestida, e não tivesse arrancado meio traçado fóra da bainha.

— Matai-o — bradou Albuquerque, empurrando Raiz Hammed de si.

Mal elle soltou esta palavra, foram tantos os punhaes que desceram sobre o peito do persa, que cahiu morto sem ter tempo para dar um só grito.

Albuquerque mal déra a ordem de matar Raiz-Ham-

med, voltou rapidamente as costas, sem mais attentar a elle. Dirigiu-se ao encontro do rei. No rosto dos capitaens portuguezes, que acompanhavam este, divisava-se toda a anciedade da incerteza, em que estavam, em relação ao feito, que sabiam haver então de ter logar.

— Não é nada; tudo é feito — disse-lhes, sorrindo Albuquerque.

D. Garcia de Noronha correu então á porta de entrada, e com a espada na mão, e já a muito custo, fez sahir toda a gente que tinha entrado.

Affonso d'Albuquerque recebeu o rei com o barrete na mão, e com todas as solemnidades devidas a um monarca. Ao entrar na sala, onde jazia o cadaver de Raiz-Hammed, o rei de Ormuz recuou espantado. As convençoens feitas com o governador da India haviam sido ajudal-o a lançar o persa do reino, mas não a matal-o; vendo-o assassinado, o rei temeu egual sorte. Albuquerque reconheceu-lhe logo no rosto o receio de que estava tomado.

— Não vos agasteis, senhor — disse-lhe, sorrindo-se — vós é que haveis de ser sempre rei de Ormuz, em nome d'el-rei D. Manoel, meu senhor.

E, tomando-o pela mão, conduziu-o a uma cadeira, debaixo de um docel, que na sala estava preparado, e fêl-o assentar.

— Agora, senhor rei — disse-lhe com toda a ceremonia — agora que estaes restituido em vosso estado, peço-vos muito por mercê que me perdoeis ousar fazer uma tal coisa como esta diante da vossa pessoa real. Mas se matei Raiz-Hammed foi por elle ser um homem muito soberbo, que entrando n'esta casa apunhou do traçado que trazia, e, chegando-se a mim, lançou-me mão da beca para me matar. E ademais não havia ahi razão so-

beja para eu lh'o fazer, quando vos tinha a vós, que ereis seu rei natural, em tal sujeição e tyrannia? El-rei D. Manoel recommendou-me muito que vos tratasse como seu filho: assim, senhor, crêde-me que por todas as vossas coisas vigiarei como se minhas fossem.

— Agradeço-vos muito vossa intenção — replicou o rei — e tudo o que fizestes foi muito bem feito, e vós o fizestes como meu verdadeiro pae que sois. Agora reconheço que este reino eu o recebo da vossa mão em nome de el-rei D. Manoel de Portugal, meu senhor.

Depois de ter visto toda a fortaleza e praticado grande espaço de tempo com o governador, o rei de Ormuz retirou-se.

— Está firme o nosso poder em Ormuz, senhores — disse o governador aos capitaens, quando se despediu d'elles — este reino é d'el-rei D. Manoel, e tão seu como o é esta fortaleza. Muitas graças a Deus que nol-o deu sem se derramar sangue portuguez. Podeis recolher-vos aos vossos navios; ámanhã darei audiencia ao embaixador do sophi da Persia.

VI.

A sala grande da fortaleza estava armada com toda a magnificencia possivel.

As paredes estavam cobertas de pannos finissimos, nos quaes se viam representados diversos passos da historia portugueza e da historia sagrada. No fundo da sala levantava-se um docel de brocado, debaixo do qual estava uma cadeira de velludo carmezim; em derredor e encostados á parede estavam collocados bancos cobertos de alcatifas e alambeis de telas mui finas.

Albuquerque trajava tambem com uma magnificencia verdadeiramente real. Tinha vestido um pelote de brocado, forrado de ricas martas com muitos golpes, e n'elles ricos firmaes de pedrarias e de perolas. Ao pescoço tinha lançada uma rica commenda de Santiago: cingia-o pelo meio do corpo um cinto riquissimo, d'onde da direita pendia um criz de oiro e da esquerda uma espada com punho do mesmo, cujo remate era um immenso diamante. As calças eram de fino brocado, os borzeguins que calçava eram de marroquim vermelho com uma formosa laçaria de perolas. Dos hombros pendia-lhe uma opa roçagante de tela de oiro, forrada de arminhos: na cabeça tinha um chapeu branco com uma

pluma tambem branca. Este traje, que chamavam á *franceza*, era o mais rico que n'aquellas épocas se conhecia.

Os fidalgos e capitaens, que o cercavam, trajavam tambem ricos vestidos.

O governador da India estava sentado debaixo do docel; os capitaens e fidalgos uns sentados pelos bancos, outros de pé ou recostados, fallavam familiarmente com elle.

— O sophi da Persia, senhores — dizia Affonso de Albuquerque — é homem que sinceramente estimo; é em verdade um grande homem. As suas virtudes guerreiras teem feito o nome de Ismael respeitado em todas as naçoens que amam a gloria, e o seu amor pela sciencia tem-no tornado favorito dos sabios. E mal sabeis vós o bem que este grande capitão nos tem feito, sem saber. Olhai, se não fôra o entreter em contínuas guerras o turco, muito mal nos teria ido a nós aqui na India e a todos os reis na Europa com elle. Acreditai-me, Ismael foi um raio lançado por Deus sobre a casa de Mekka: todos os reis da Europa lhe deviam dar auxilio, para continuar em sua empreza, e em breve se veriam livres d'aquelle temeroso inimigo.

— Mas, senhor Affonso de Albuquerque — replicou Ayres da Silva — disseram-me que elle tem muitas vezes sido desbaratado pelos turcos.

— E al não podia succeder, senhor Ayres da Silva — replicou o governador da India — vós bem conheceis os soldados aguerridos do turco: ora como querieis vós que homem, que commanda tropas sem disciplina, sem artilheria e sem nenhuns outros aprestos de guerra, fizesse mais do que Ismael? E' verdade que foi vencido por Selin na batalha de Tchalderum; mas olhai vós o resul-

tado. A grande batalha em que venceu o khan de Samarcanda tal mêdo pôz nos janizaros, que recusam pelejar contra elle, e Selin vê-se obrigado a fugir ante o vencido de Tchalderum como se este fôra vencedor. Olhai, senhor Ayres da Silva, dêmos muitas graças a Deus por tão longe de nós pôr o sophi Ismael, que se de outra fórma fosse, por minha fé! que mais nos tivera custado esta conquista da India.

N'este momento um pagem de D. Garcia de Noronha entrou na sala, annunciando que a comitiva do embaixador se approximava. Pouco depois o brado de «al'arma» repetido por muitas vozes, soou estrepitoso do lado de fóra da fortaleza.

Era o exercito portuguez que Albuquerque tinha mandado collocar em duas alas desde a porta da fortaleza ao longo da praia, para por entre ellas passar o embaixador do sophi.

A comitiva veio approximando-se da porta da fortaleza. Vinham logo diante de todos, dois moiros de cavallo, que eram caçadores de onças, cada um com a sua nas ancas. Após elles vinham seis cavallos, um diante do outro, sellados com suas cobertas mui ricas e testeiros de aceiro com saias de malha nos arçoens. Após elles iam doze moiros mui bem vestidos, que levavam os presentes que consistiam em joias de oiro, peças de sêda e brocado em bacias de prata de agua ás mãos. Logo após estes, iam as trombetas de Affonso de Albuquerque e atabales tangendo; e muitos capitaens e fidalgos portuguezes, em ordem de uma parte e da outra, e detraz de todos o embaixador com D. Garcia de Noronha, sobrinho do governador, que o havia mandado para o acompanhar.

Ao chegar o embaixador á porta da fortaleza, um arcabuzeiro disparou a espingarda; e logo a armada por-

tugueza que se via ao largo, disposta em batalha e coberta de flammulas e galhardetes, salvou com toda artilheria. O embaixador de Ismael pasmava de tanta grandeza. Que poderoso não devia de ser o monarca, cujo representante, a tantas leguas distante e em terra de inimigos, recebia com tal magnificencia o embaixador de um rei que lhe era desconhecido?

Ao entrar o embaixador na sala, todos os fidalgos se ergueram dos bancos, onde estavam sentados. Albuquerque levantou-se tambem, e, com o chapeu na mão e com um sorriso de satisfação, deu dois ou tres passos no estrado em direcção a elle.

Este mal o viu, cruzou os braços sobre o peito, curvou o corpo até ao chão, e, passando a mão pela terra, levou-a depois ao alto da cabeça, para demonstrar a sua submissão ao grande genio conquistador da India.

Depois levantando-se, mas sempre em posição respeitosa, fallou d'esta maneira:

— Chefe dos portuguezes — disse elle — o teu nome é immenso como os raios do emblema de Ormurd, que abarcam toda a extensão da terra; o teu poder é tão formidavel e potente como o braço do Eterno, a quem nada resiste; o teu espirito tão conciliador e bemfazejo como o espirito do Mihr, ante quem as discordias cessam, e a dôce paz desce sobre a terra. Ismael, o grande Ismael, sophi da Persia e meu senhor, conheceu um dia o teu nome e a tua gloria. Porque não ha-de o leão do deserto ligar-se com o leão da planicie em abraço de sympathia e de amor? Porque não ha-de o oceano, que a terra divide, tornar a ligar-se em laço fraternal de duas entidades, unidas pelo saber e pelo poder? Chefe dos portuguezes, Ismael quer ser teu irmão; eis-ahi — continuou elle apontando para os ricos presentes que os moiros tinham

nas bacias — eis-ahi o que te manda como regalo de irmão para irmão — dom mesquinho e pobre para passar entre dois tão grandes homens, mas que a tua grande alma receberá com agrado. Esta carta é para o rei do teu paiz: esta é para ti, e por ella verás o quanto Ismael te admira.

E o embaixador estendeu para elle as duas cartas que tinha na mão.

Albuquerque levantou-se em pé, com o chapeu na mão. O rosto do conquistador da India brilhava com a mais sublime magestade: os olhos scintillavam-lhe com um fulgor mais que sobrenatural.

— Embaixador de Ismael — respondeu elle — este é por certo o dia mais brilhante da minha vida. Que me déssem o throno mais poderoso do universo, não o tomára de certo pela offerta que me fazes da parte de teu senhor. A amizade de um homem como Ismael não tem com que se pague na terra. Eu enviarei ao meu rei a carta que elle lhe manda; e a Ismael fazei certo que tudo que estiver no poder dos portuguezes, de tudo póde dispôr como de amigos fieis. Nós lhe enviaremos as armas e engenheiros de que precisa, e então a terra será campo estreito para a espada do sophi Ismael e para as armas do rei de Portugal. Mas diz-me, onde é que está Ismael, e tu como chegaste da tua jornada?

— Ismael — respondeu o embaixador — é a estas horas vencedor dos cligis e dos usbecks, e está levantando na fronteira da Turquia fortalezas, com que ampare o seu reino, e assegure as suas futuras conquistas. Quanto a mim, o prazer de te vêr, grande portuguez, faz-me esquecer o desgosto de tão longa jornada, e que mil vezes dobrado fosse o comprimento d'ella, certo estou e te asseguro que o mesmo me aconteceria.

— Graças, Eidarh — respondeu Albuquerque — Que o grande Deus proteja as armas de Ismael, e me permitta ainda o podêr abraçal-o sobre algum dos seus dominios da costa da Persia. Agora diz-me a parte da tua embaixada, que me mandaste dizer não vir toda n'esta carta, mas que trazias em teu regimento para m'o dizer de viva voz.

O embaixador da Persia fitou em Albuquerque os olhos vivos e pretos.

— Governador da India — respondeu elle depois de curto silencio — sabes melhor que ninguem que este reino de Ormuz era tributario de Ismael. Tu o conquistaste; Ismael manda-te pedir que lhe não denegues esse reconhecimento de homenagem de uma coisa que é sua, e que tu mesmo assignes o tributo que por este reino lhe tem de pagar annualmente o rei de Portugal.

O rosto de Albuquerque ennuveou-se ligeiramente.

— Eidarh — disse elle — a outro qualquer que me fizesse tal pedido, respondêra simplesmente — não. Mas tu és embaixador de Ismael, devo dar-te outra resposta, e uma te darei por certo que como soldado de tão grande homem has-de comprehender bem. Segue-me.

Assim dizendo, Albuquerque levantou-se, e seguido de Eidarh e de alguns fidalgos, sahiu para fóra da sala em direcção aos armazens da fortaleza. Ao chegar á escada estreita e escura que para ella levava das salas, um pagem apresentou-se com uma tocha na mão.

O governador empurrou a porta que dava entrada para o armazem. Bombardas, espadas, espingardas, adagas, balas e outros instrumentos de guerra ahi estavam espalhados e em montão. A luz brilhante do sol alumiava esta scena.

Albuquerque parou a poucos passos dentro do grande

salão. Voltou-se então para o embaixador de Ismael, e, apontando para as bombardas e para as balas que ahi jaziam espalhadas, exclamou:

— Eidarh, eis a moeda em que o rei de Portugal costuma pagar tributos.

A minha narrativa termina aqui. Muito bem podem os leitores imaginar o effeito que tal resposta causou sobre o embaixador de Ismael.

Aos pedidos que o sophi lhe fazia na carta, a todos deu Albuquerque respostas affirmativas, mas com restricçoens taes que todas vinham a favorecer o nosso poder e o nosso commercio da India. Um só lhe não concedeu — foi aquelle pelo qual lhe pedia que isentasse as embarcaçoens persas de pagar direitos em Ormuz, e que todos esses direitos lhe fossem pagos a elle Ismael.

Assim se effeituou a tomada de Ormuz. Pouco e pouco Albuquerque, tão grande politico como famoso capitão, soube assenhorear-se da cidade, de maneira que os portuguezes foram n'ella os verdadeiros governadores, e ainda por cima o rei lhes era agradecido.